

CIÊNCIA
DA
SOBREVIVÊNCIA

Previsão do Comportamento Humano

por L. Ron Hubbard

Dedicado a
DIANA HUBBARD

Nota importante

Ao estudar Cientologia, certifique-se muito bem de nunca ultrapassar uma palavra que não compreenda inteiramente.

Se o material se tornar confuso ou parecer não o apreender, haverá imediatamente antes uma palavra que não compreendeu. Não avance, mas volte atrás ANTES de entrar em dificuldades, encontre a palavra mal-entendida e obtenha a definição.

Reconhecimento é feito a homens, em cinquenta mil anos de pensamento, sem cujas especulações e observações a criação e construção da Dianética não teriam sido possíveis. Crédito em particular é devido a:

<i>Anaxágoras</i>	<i>Roger Bacon</i>
<i>Thomas Paine</i>	<i>William James</i>
<i>Aristóteles</i>	<i>Isaac Newton</i>
<i>Thomas Jefferson</i>	<i>Francis Bacon</i>
<i>Sócrates</i>	<i>Von Leeuwenhoek</i>
<i>Rene Descartes</i>	<i>Sigmund Freud</i>
<i>Platão</i>	<i>Voltaire</i>
<i>James Clerk Maxwell</i>	<i>William A. White</i>
<i>Euclides</i>	<i>Cmdt Thompson</i>
<i>Charcot</i>	<i>(MC) USN</i>
<i>Lucretius</i>	<i>Will Durant</i>
<i>Herbert Spencer</i>	<i>Conte Alfred Korzybski</i>

e aos meus instrutores dos fenómenos atómicos e moleculares, matemáticas e ciências humanas da Universidade George Washington e em Princeton.

CIENTOLOGIA: é uma filosofia aplicada que lida com o estudo do conhecimento, o qual, pela aplicação da sua tecnologia, pode ocasionar desejáveis mudanças nas condições de vida.

DIANÉTICA: é uma parte da Cientologia que lida com a anatomia mental. É o estudo mais avançado da mente. A Cientologia foi descoberta, desenvolvida e organizada por L. Ron Hubbard

por L. Ron Hubbard

Índice

O Objetivo da Dianética

Introdução

LIVRO UM: A Dinâmica de Comportamento

Capítulo	Coluna	Página
Um	A A Escala de Tom	1
Dois	B Avaliação Dianética	12
Três	C Fisiologia e Comportamento	18
Quatro	D Gama Psiquiátrica	20
Cinco	E Gama Médica	25
Seis	As leis fundamentais de Teta Afinidade-Realidade-Comunicação	28
Sete	F Emoção	37
Oito	G Afinidade	42
Nove	Comunicação e Realidade	45
Dez	H Sônico	50
Onze	I Vísio	56
Doze	J Somáticos	61
Treze	K, Discurso, Fala, Discurso, Ouve	66
Catorze	L, Manejo Da Comunicação Escrita Ou Falada Quando Age Como Retransmissor	71
Quinze	M Realidade (Acordo)	74
Dezasseis	N Condição da Banda e Valências	79
Dezassete	O Manifestação de Engramas e Elos	85
Dezoito	P Comportamento Sexual, Atitude, para com as Crianças	88
Dezanove	Q Comando Sobre o Ambiente	94
Vinte	R Valor Verdadeiro para a Sociedade Comparado com o Valor Aparente	98
Vinte e um	S Nível Ético	100
Vinte e dois	T Manejo da Verdade	104
Vinte e três	U Nível de Coragem	109

Vinte e quatro	V Capacidade para Manejar Responsabilidade	112
Vinte e cinco	W Persistência num Dado Curso	116
Vinte e seis	X Literalidade com que são Recebidas Declarações ou Observações	120
Vinte e sete	Y Métodos Usados para Manejar Outros	122
Vinte e oito	Z Valor de Comando de Frases de Acção	142

LIVRO DOIS: Processamento de Dianética

capítulo	Coluna	Página
Um	Os Princípios Básicos do Processamento	1
Dois	O Código do Auditor	10
Três	A Mecânica da Aberraçāo	15
Quatro	A Dinâmica da Existência	23
Cinco	Descrição Geral do Processamento	28
Seis	AB Tempo Presente	37
Sete	AC Memória Directa	49
Oito	AD Momentos de Prazer	65
Nove	AE Incidentes Imaginários, O Preclaro e O Auditor como um Grupo	78
Dez	AF Elos	90
Onze	AG Sondar Elos	95
Doze	AH Engramas Secundários	105
Treze	AI Engramas	120
Catorze	AJ Cadeias de Engramas	150
Quinze	AK Circuitos	154
Dezasseis	AL Condição do Arquivista	164
Dezassete	AM Nível Hipnótico	171
Dezoito	AN Nível de Alerta Mental	179
Dezanove	AO Enteta Relativo no Caso	192
Vinte	AQ Nível de Tom do Auditor Necessário para Manejar o Caso	206
Vinte e um	AR Como Auditar o caso	211
Apêndice	Axiomas de e Definições	227
Índice Remissivo Em branco		
SEPARATA	QUADRO HUBBARD DE AVALIAÇÃO HUMANA E PROCESSAMENTO DE DIANÉTICA	

O Objectivo da Dianética

Um mundo sem insanidade, sem criminosos e sem guerras, eis o objectivo da Dianética.

O homem lutou durante milhares de anos pela conquista do universo material, mas não sabia quase nada sobre a sua mais importante arma, a sua mais valiosa posse, a mente humana. Apesar deste obstáculo da ignorância, ele fez progressos, mas por causa deste obstáculo, ele acumulou não só as penalidades da loucura e da doença, mas, mais importante, a ameaça de destruição de todos os seus trabalhos, a guerra moderna.

A Dianética é a ciência do pensamento. A palavra vem do grego “dianoua” (através da mente). O âmbito da Dianética inclui todos os dados válidos inerentes ao pensamento. De longe mais simples do que o Homem supunha, o funcionamento da mente humana e o próprio conhecimento, tornou-se, em Dianética, um corpo de conhecimento com o qual, qualquer indivíduo razoavelmente inteligente pode trabalhar*.

Nenhuma civilização pode progredir para uma contínua estabilidade de sobrevivência, sem uma certeza e comando seguro do conhecimento contido em Dianética. É que a Dianética, habilmente utilizada, pode fazer exatamente o que reivindica. Pode, no âmbito do Indivíduo, prevenir ou aliviar a insanidade, a neurose, compulsões e obsessões e pode trazer bem-estar físico, remover a causa básica de uns setenta por cento das doenças do Homem. Pode, no âmbito da família, trazer melhor concórdia e harmonia. Pode, no âmbito das nações ou grupos menores como os da indústria, melhorar a administração, ao ponto destas ideologias lamentavelmente inadequadas pelas quais os homens lutam e morrem com tão assustador fervor, poderem ser postas de lado a favor de uma tecnologia funcional.

Talvez a presente geração esteja fechada a uma ciência nova. Seria muito triste se isto fosse verdade, pois as bombas atómicas são bastante destrutivas para pessoas e cidades e podem muito bem obliterar culturas inteiras. Talvez os vendedores de ideologias malucas e terapias destrutivas sejam demasiado ricos e poderosos e egoístas para permitir um raio de esperança nesta fase da nossa geração. Talvez amanhã, se esse amanhã for permitido chegar antes da Dianética ser usada e extensamente aplicada.

Em 1950 foi exigido à Dianética que se afirmasse. E foi o que fez, como se verá na introdução do editor. Isto foi muito tolerante com a Dianética, pois nenhuma “ologia” existente pertencente à mente humana, *foi alguma vez validada ou chamada a validar-se*. As terapias terminantemente entrincheiradas, não funcionam. Os seus resultados são muito iguais aos que teriam sido alcançados sem nenhum trabalho. Que tipo de sociedade é esta em que vivemos, onde o falso é aceite como válido contra todos os factos adversos?

* Dianética, esse ramo da Cientologia que cobre a Anatomia Mental

A Dianética funciona. Nenhum dos que passaram algum tempo na Fundação pode duvidar disso. Até funciona em mãos relativamente inexperientes. Diariamente, ela faz os seus milagres. E isso não é muito estranho, pois a Dianética é o conhecimento da raiz da atividade humana.

Mas a Dianética não é uma psicoterapia e não é um medicamento psicossomático. Aqueles que precisam e querem estas coisas, acham a Dianética rapidamente eficaz nestes campos, logo pensam nela como uma psicoterapia. Aqueles cujo “campo” ela invade, adorariamvê-la banida antes das suas belas caixas de “banha da cobra” serem desacreditadas.

A Dianética preventiva significa, a longo prazo, mais para humanidade do que o processamento de Dianética. A Dianética de grupo significa mais para estas sociedades dilaceradas pela guerra, do que qualquer número de curas de artrites.

A Dianética é a ciência básica do pensamento humano. Abraça a atividade humana e organiza um corpo de conhecimento até aqui sem coordenação.

A Dianética tem uma meta básica, uma meta boa, uma meta, que não deve ser menosprezada ou posta de parte porque algum curandeiro perderá o seu rendimento ou porque algum revolucionário perderá a sua causa louca. A meta da Dianética é um mundo são, um mundo sem insanidade, sem criminosos e sem guerra. Se as nossas gerações viverem para escrever a história, deixá-los tristemente dedicar uma página a esses que, neste tempo caótico e obscuro, procuraram por lucro pessoal e ódio derrubar uma ciência verdadeiramente humanitária.

A meta da Dianética é a sanidade. Só pode ser parada pelos loucos.

INTRODUÇÃO DO EDITOR

Do Novo Dicionário Standard Funk e Wagnall, Suplemento N° 5:

*di.a.net'ica substantivo: UM sistema para a análise, controlo e desenvolvimento do pensamento humano, evoluindo de um jogo de axiomas coordenados que também dispõe de técnicas para tratamento de uma larga série de desordens mentais e doenças orgânicas: termo e doutrinas introduzidas por L. Ron Hubbard, engenheiro Americano. (Gr. dianoetikos - *dia*, através de, e *noos*, mente).

A Dianética é a ciência da sobrevivência. Embora muito mais simples do que as ciências físicas da física e da química, compara-se com elas na precisão dos seus resultados. A fonte da doença psicossomática e da aberração humana foi descoberta, e na perícia da Dianética existe pela primeira vez algo com que as curar.

Uma compreensão do comportamento humano é tornada possível através da Dianética. A precisão da ciência é trazida ao vasto campo das ciências humanas pela Dianética. É de facto uma família de ciências e alarga as ciências humanas para além da compreensão anterior. O presente volume lida com avaliação humana e processamento de Dianética. Com ele, o comportamento de seres humanos pode ser calculado e previsto com exatidão. Embora a Dianética seja um assunto vasto e nunca deva ser limitada ao campo da cura mental, qualquer verdadeira ciência que abraçasse as atividades do homem, não poderia senão aflorar e solucionar neuroses, criminalidade, insanidade e doenças psicossomáticas.

A aplicação do quadro de avaliação humana contido neste volume, permite ao estudante calcular com alguma exatidão o comportamento e reações a esperar dos seres humanos à sua volta e o que lhe pode acontecer a ele como resultado dumha associação com várias pessoas. Adicionalmente, o uso da avaliação humana permite ao indivíduo manejá e melhorar a vida com outros seres humanos.

O Homem, nos últimos milhares de anos, já sabia muitas partes da Dianética, mas esses dados não foram até agora organizados num corpo de conhecimento preciso. A Dianética, como ciência mestra, envolve a psicologia, psicométria, psiquiatria, psicanálise, e qualquer outro campo de cura ou avaliação mental, mas continua, com maior importância, a prever com precisão o comportamento humano e a delinear as causas desse comportamento, a alargar o campo da política e todas as outras atividades do homem. Apesar deste âmbito, a Dianética é bastante simples para ser facilmente compreendida pelo leigo inteligente e, depois de um estudo deste volume, muitas das suas técnicas menores podem ser empregadas pelo leigo para melhorar e aumentar o potencial de vida dos indivíduos com quem se associa.

A primeira lei da Dianética é o princípio Dinâmico da existência:

O PRINCÍPIO DINÂMICO DE EXISTÊNCIA É SOBREVIVER! OU SUCUMBIR! Não foi encontrada qualquer atividade de organismos vivos sem este princípio. Isto não significa que a sobrevivência deva ser em

termos de mera necessidade, pois uma das melhores garantias de sobrevivência é a abundância.

Em Dianética, a sobrevivência é compreendida como o único impulso básico da vida através do tempo e espaço, energia e matéria. A sobrevivência é subdividida em oito Dinâmicas. O Homem não sobrevive só para si próprio, nem para o sexo apenas, nem para grupos apenas, nem apenas para a espécie humana. O Homem aparentemente sobrevive, como outros organismos viventes, em oito canais separados. Estes canais são chamados as dinâmicas, e estas oito representam os oito desejos fundamentais ou impulsos que motivam a conduta.

Dinâmica um é o impulso do indivíduo para ele próprio sobreviver.

Dinâmica dois é o impulso do indivíduo para sobreviver através do seu progénie. A segunda dinâmica tem duas subdivisões principais, o ato sexual e a criação das crianças e a sua criação.

Dinâmica três é o impulso do indivíduo para sobreviver como membro de um grupo, civil, político, racial ou apenas vários indivíduos componentes de um grupo.

Dinâmica quatro é o impulso do indivíduo para alcançar a mais alta sobrevivência em termos de género humano e é o impulso do género humano para sobreviver como tal.

Dinâmica cinco é o impulso para sobreviver como organismo de vida e abarca todos os organismos vivos.

Dinâmica seis é o impulso para sobreviver como parte do universo físico e inclui a sobrevivência do universo físico.

Dinâmica sete é o impulso para sobreviver num sentido espiritual.

Dinâmica oito é o impulso para sobreviver como parte de ou defensor de um Ser Supremo. O número oito deitado dá-nos o símbolo ∞ de infinito.

Com estes vários impulsos, todo o comportamento e atividades de indivíduos ou grupos podem ser integrados, avaliados e compreendidos. Com todas estas dinâmicas em jogo, é alcançável um alto nível de sanidade e conduta ótima no indivíduo.

O processamento de Dianética tenta dar ao indivíduo o mais alto potencial possível de sobrevivência e uma vida o mais possível feliz. Severamente testado e avaliado, o processamento de Dianética tem dado, nas mãos de um Dianeticista competente, uma produtividade consideravelmente elevada e felicidade para o indivíduo, como será mostrado abaixo.

Sem usar hipnotismo, drogas, cirurgia, choques ou outros meios artificiais, a Dianética desbloqueia o fluxo destas dinâmicas e aumenta consideravelmente a capacidade do indivíduo para agir e desfrutar da vida.

A fonte de perturbação mental e doenças psicossomáticas e conduta irracional, é um das descobertas básicas da Dianética. Esta fonte permaneceu desconhecida e insuspeitada durante milhares de anos, embora implacavelmente procurada pelos pensadores e filósofos de todos

os tempos. Que esta fonte é a fonte válida, foi rigorosamente testado e provado sem dúvida pelas melhores autoridades.

A fonte de aberração assenta numa submente até aqui desconhecida a qual, com as suas gravações, está por baixo do que o homem entende ser a sua mente “consciente”. O conceito de “inconsciente” é reavaliado em Dianética pela descoberta de que a mente “inconsciente” é a única mente que está sempre consciente. Esta submente é chamada mente reativa. Um resto de uma etapa anterior da evolução, a mente reativa é capaz de comandar a mente consciente sem o indivíduo suspeitar que está a ser comandado. Impulsos misteriosos e escondidos, obsessões, ilusões e outras ideias não desejadas, podem manifestar-se contra a mente consciente do indivíduo sem que ele suspeite do que está a acontecer. Estas compulsões, obsessões e irracionalidade, reduzem grandemente o potencial de sobrevivência de um indivíduo assim como a sua energia e saúde físicas.

A mente reativa toma todo e qualquer dado dos momentos de dor física ou emoção dolorosa nela contido, experimentado pelo indivíduo no decurso da vida.

Quando um indivíduo está inconsciente, quer dizer, drogado ou atingido por choque, lesão ou doença, a mente reativa está toda aberta para receber gravações. Dantes não se sabia que um indivíduo inconsciente podia e registava as coisas ditas e feitas à sua volta. Por exemplo, durante uma operação enquanto o paciente está sob o efeito do éter, a sua mente reativa regista tudo o que é dito e feito à sua volta e alem disso regista a dor física e a sensação de droga da anestesia. Todas estas percepções se combinam para criar o que é conhecido em Dianética como *engrama*. O indivíduo tem então um engrama de cada momento de toda a sua vida em que ele é atingido ou severamente ferido. Tudo o que ocorre nestes momentos fica dormente na mente reativa. Além disso, todos os momentos de grande choque emocional, em que as ocasiões de perda se aproximam da inconsciência, são completamente registados na mente reativa. Estes choques de perda são conhecidos como Secundários. Por exemplo, a morte de um ser amado leva a um estado próximo da inconsciência, e tudo que é dito ou feito à volta de uma pessoa nesse estado é registado e fica compulsivamente a fazer parte da mente reativa. A mente reativa é composta somente destas experiências. Mais tarde, quando um indivíduo está cansado ou apenas ligeiramente doente, circunstâncias semelhantes ou vozes na sua vizinhança podem *restimular* um dos engramas ou secundários e assim fazê-lo reagir de acordo com os comandos nele contido. Isto é Dianeticamente chamado um *elo* e é uma reação irracional de nível consciente.

Na mente reativa existe, por isso, um mundo interior de força que atua sobre o indivíduo. Isto é aberração, e é provocada pelo que foi feito ao indivíduo, não pelo que foi feito pelo indivíduo, em momentos em que ele estava inconsciente.

A erradicação do conteúdo da mente reativa é possibilitada pelo processamento de Dianética. Teremos que concordar que se toda a dor

física e emoção dolorosa de toda uma vida fosse erradicada dessa vida, ela ficaria mais sã e feliz. O processamento de Dianética faz exatamente isto.

O processamento de Dianética é muito simples em seus elementos. Várias coisas novas foram aprendidas em Dianética sobre a mente humana. Uma delas é a *banda do tempo*. Cada momento de consciência, desde o primeiro momento de vida de um indivíduo até ao tempo presente, constitui o que pode ser chamado de banda do tempo. Durante estes momentos sucessivos no tempo, tudo o que o indivíduo ouviu, viu, sentiu ou cheirou é fielmente registado. Estas gravações podem não estar imediatamente disponíveis em todos os seres humanos, mas em Processamento de Dianética elas ficam disponíveis. Esta banda do tempo, então, não só é um registo do espaço da vida do indivíduo, mas também de tudo o que aconteceu dentro daquele espaço. Quando algo é esquecido, não desaparece desta banda do tempo, mas apenas negado ao indivíduo por uma oclusão ocasionada por alguma dor física ou emocional. Esta dor dificulta ao indivíduo alcançar os dados sem reexperimentar a dor, e assim os dados ficam perdidos até ele ser processado.

O processamento é feito recuperando os dados da banda do tempo. Completamente desperto, sem hipnotismo, drogas ou outros meios artificiais, qualquer indivíduo pode ser enviado pela banda do tempo abaixo, para momentos mais antigos. A precisão com que ele irá para estes momentos é surpreendente. Muitas pessoas estão presas nestes momentos por alguma dor física passada a tal ponto, que não estão de facto em tempo presente. Quando um indivíduo está algures na banda do tempo em vez de estar em tempo presente, pode dizer-se estar fora de tempo presente. Ele estará a experimentar alguma da dor e estará a reagir aos comandos do momento. Se perguntasse a um dos seus amigos a sua idade e lhe pedisse que lhe desse o primeiro número que lhe viesse à mente, você seria surpreendido com a frequência com que aquele número não seria a sua idade, mas uma idade anterior. Se prosseguisse com a busca, você veria que, aumentando a sua memória, ele tinha sido ferido ou experimentado algo doloroso, na idade que ele deu, em vez da sua própria idade. Este indivíduo estaria fora de tempo presente. É um propósito primário do Processamento de Dianética trazer completamente o indivíduo para o tempo presente.

O processamento é feito com simplicidade. O auditor (como o processador é chamado) dirige a atenção do “Eu” para trás ao longo da banda do tempo. O preclaro (a pessoa que está a sofrer processamento) está totalmente desperto, sabe tudo que está a acontecer, está em controlo completo dele próprio e pode vir para o presente sempre que desejar. Num estado completamente retornado, em que o auditor dirigiu o “eu” de volta para um certo momento da vida do preclaro, o preclaro pode ser visto aproximar-se involuntariamente do estado que em que ele estava nalgum período anterior da sua vida.

Existem contudo muitos casos severamente oclusos que não podem facilmente alcançar momentos na banda do tempo, e há pessoas que estão tão completamente presas na banda do tempo e que não podem facilmente alcançar momentos mais antigos ou mais recentes. Foram inventados métodos mais leves de processamento de Dianética para libertar esses

indivíduos, de maneira a que a sua capacidade de recordar fique muito mais adequada.

A doença psicossomática, como é chamada no campo da medicina, em Dianética é chamada somático crónico, uma vez que não é uma doença e não pode ser diagnosticada como tal, mas apenas uma dor anterior em restimulação. Por exemplo, o indivíduo que tem o que um médico pode ter diagnosticado como artrite do cotovelo, está realmente a sofrer da restimulação de uma verdadeira dor ou série de dores que ele teve naquele mesmo cotovelo nalgum momento muito anterior. Por outras palavras, uma criança que quebra o cotovelo aos três anos de idade, pode, aos trinta, ter uma dor reumática naquele cotovelo.

O teste de todo o processamento de Dianética é se funciona ou não. No caso do somático crónico, que responde por uns setenta por cento das doenças do homem, a dor e desconforto da “doença psicossomática” desaparece quando o processamento de Dianética alcança e erradica a gravação da lesão original ou doença. Nenhum tratamento médico farmacêutico, mental, cirúrgico ou outro, pode solucionar ou mesmo vagamente igualar o controlo da doença psicossomática, coisa que o Processamento de Dianética faz facilmente como rotina. Que a Dianética deve ter imenso êxito a erradicar estes somáticos crónicos, é atestado pela violência histérica expressa contra ela por alguns membros das artes curativas passadas. A Dianética relega a cirurgia psicossomática para quase a mesma categoria da flebotomia. Ocasionalmente, os somáticos crónicos cedem em coisa de uma ou duas horas. Contudo, na maior parte, é necessária audição altamente competente e muitas horas de trabalho para solucionar coisas que foram classificadas como artrite, sinusite, reumatismo, conjuntivite, ou quaisquer dos milhares de nomes atribuídos a estes somáticos crónicos. O auditor em nenhum caso diagnostica o somático crónico como uma doença e não precisa fazer tal diagnóstico para solucionar o somático crónico.

Além da resolução da doença psicossomática e aberração humana, a Dianética envolve o comportamento humano ainda com maior importância. Vários estados específicos de ser são ocasionados pela quantidade de dor ou emoção dolorosa armazenada na mente reativa, uma vez que são instaladas no comportamento dos indivíduos certas reações mecânicas. Os grupos também podem ser vistos reagir deste modo. Estas reações mecânicas à vida e ao ambiente, são representadas pela escala de tom, uma cópia completa da qual é incluída neste volume. Encontrando uma ou duas manifestações de um indivíduo, podemos prever o resto das suas reações características, dos seus parceiros e do seu ambiente. Podemos descobrir o que o interessará, o que o deprimirá, a sua ética e o que fará em várias situações.

O leitor não deve confundir Dianética com artes de cura mental ou com escolas de pensamento. A Dianética é verdadeiramente uma ciência. É nova e jovem, mas preenche as verdadeiras exigências de uma ciência, na medida em que é “um corpo organizado de conhecimento acumulado sobre um assunto”. De acordo com alguns dos melhores críticos conhecidos da América, a Dianética é considerada o maior avanço do homem e certamente deste século. As suas conclusões derivam da descoberta de leis

naturais relativas ao pensamento, aos organismos e ao universo físico, e é um rasgo corajoso para um conhecimento adicional e encarecimento do homem. As suas limitações neste momento não são nem sequer vagamente conhecidas. O que ela pode fazer pelo indivíduo e pelo mundo, não pode ser calculado.

De acordo com Walter Winchell, a criação de Dianética é um marco para o homem comparável à descoberta do fogo e superior às invenções da roda e do arco.

Qualquer projeto ou conjunto de descobertas tão vasto como a Dianética, não pode senão desafiar as fortalezas do conservantismo, mas estas são facilmente desafiadas. No livro, *Albert Einstein* (página 120), L. Infeld declara, “Em 1921, quando fui estudar para Berlim, vi com assombro o espetáculo infame a que a fama de Einstein enfrentava”. Editoriais atacaram Einstein, e professores de matemática de um dos maiores centros de Berlim disseram a uma grande audiência que a teoria de Einstein era “a maior brincadeira da história da ciência”. De Albert Einstein nós temos a herança direta da fissão atómica. Da Dianética e da mente brilhante do seu descobridor e originador, L. Ron Hubbard, nós podemos ter a sanidade e a salvação da nossa futura raça.

O advento da Dianética numa sociedade letárgica em Maio de 1950, criou um movimento que se espalhou pelo mundo. Havia os que acreditavam implicitamente na Dianética e para cujas mentes curiosas parecia a resposta decisiva, tanto para os problemas pessoais como para os problemas do mundo inteiro. Para os que não compartilharam esta aceitação cordial da sua doutrina revolucionária, era uma moda passageira, um culto, ou mesmo uma blasfémia. Ruidosamente, esta fação clamou por “validação”, exigindo que a Dianética provasse as suas surpreendentes reivindicações. Não lhes importou que antes da Dianética, jamais qualquer pretensão a respeito de “curas” ou alívio de doenças mentais tivesse sido validada, ou que qualquer tentativa formal de qualquer psicoterapia jamais tenha sido feita para este fim. Eles procuraram, por qualquer razão, fazer a Dianética provar as suas pretensões, o que para eles eram curas fantásticas de psicoses, ou retirar de uma vez por todas para a obscuridade de uma derrota admitida.

A Dianética aceitou o desafio. Os entusiastas ardentes e praticantes da nova ciência supriram um campo fértil para obter a “validação” exigida. Aos novos estudantes que afluíram à Fundação e seus ramos, vindos de todas as profissões e de todos os níveis de saúde mental e física, foi-lhes exigida psicometria antes de assistir às aulas. Aos que apareceram na Fundação para processamento clínico, foi-lhes igualmente dada psicometria antes do início e depois de completado o processamento. A psicometria foi o teste standard das escolas estabelecidas de psicologia, sob a instrução de psicólogos completamente qualificados. A Dianética ainda não tinha desenvolvido a sua própria bateria de testes, mas mesmo que isso tivesse sido realizado naquele momento, não teria sido aceitável para os que procuravam desacreditar a ciência nascente. Eles teriam gritado que qualquer um poderia passar num teste da sua própria lavra. Por isso, uma vez mais, a Dianética enfrentou os seus críticos no seu próprio campo.

O Teste Multifásico de Minnesota é bem conhecido entre os psicométristas, faculdade e pessoal industrial. Ele tem vantagens e desvantagens específicas, como todas as formas de testes mentais, mas é popular por causa da sua simplicidade e facilidade de avaliação e por causa da facilidade relativa de configurar o estado mental do testado. Por isso, ao escolher um teste “científico” psicométrico standard, as Fundações escolheram como um dos seus testes o Inventário de Personalidade Minnesota Multifásico.

Entre os profissionais, a Escala de inteligência Wechsler-Bellevue tem uma alta cotação, uma vez que revela mais o padrão de funcionamento mental de um indivíduo, do que os testes similares. Foi originalmente concebido, porque o seu autor sentia que os outros testes existentes na ocasião eram mais ajustados para crianças. No princípio da guerra, o Departamento de Guerra pediu que este teste fosse usado para canalizar recrutas para os serviços, e o Wechsler-Bellevue ficou conhecido como o *Form B*. As suas características especiais incluem a Escala de Pontos, em contraste com outros que usam a escala de Q. I.; cada item é creditado com um certo número de pontos e os pontos totais determinam a classificação. O Wechsler-Bellevue é dividido em onze sub-testes, e dispõe de uma contagem separada de onze tipos de comportamentos. Os sub-testes são agrupados em duas séries, uma que produz um “Q.I. Verbal” e a outra um “Q.I. de Desempenho”. Esta característica dá, por si só, ao Wechsler (pronunciado “wex-ler”) um valor fora de série, para medir as subidas de desempenho e atividade mentais.

No campo dos próprios testes, um método favorito de “validar” uma prova de capacidade mental, é simplesmente através duma correlação com outros testes. A Dianética quis dar uma larga imagem da melhoria conseguida no comportamento humano, usando mais de um teste. Por isso é impossível levantar o dedo contra um teste específico, para depreciar as melhorias sem precedentes provocadas num indivíduo através do processamento de Dianética. É contudo preciso lembrar que os testes levam muito tempo valioso. Se não fosse por isto, centenas de testes poderiam ter sido feitos a estes 88 testados para satisfazer todos e cada um dos críticos da Dianética. Os que não estão satisfeitos com os resultados obtidos com os testes escolhidos, são cordialmente convidados a preparar um programa com os seus próprios testes; enviar a um Auditor Dianética Hubbard para auditar os preclaros escolhidos, e tirar as suas próprias conclusões dos resultados decorrentes.

Os resultados de “antes” estavam totalmente dentro do cálculo geral da média dos resultados que qualquer psicométrista esperaria de uma secção transversal da população. Mas os resultados de “depois” foram completamente perturbadores para os duvidosos inflexíveis que hesitaram em acreditar nas provas à frente dos seus próprios olhos. As assinaturas dos psicométristas examinadores Gordon Southon, Peggy Southon e Dalmyra Ibanez, Ph. D., Ed D., são anexadas a cada banco de testes e testemunhadas. Estes psicométristas são pessoal profissional registado, cuja honestidade e prestígio no campo da psicologia, estão acima de qualquer questão.

Em testes comparativos anteriores, foi totalmente da alçada dos que conduziram a pesquisa mental, escolher cerca de cinco pessoas para exame, mantendo um número igual como grupo de “controlo”. A Dianética realizou este programa particular de validação com 88 pessoas. Nunca dantes um número tão espantoso tinha participado em testes para mostrar a melhoria de saúde mental, especificamente em testes de aumento de capacidade mental e redução de psicoses e doenças psicossomáticas.

Uma vasta reserva de psicometria foi desde então acumulada, ultrapassando muitas vezes estes 88 originais. A Dianética está agora em posição de desafio, e os quadros seguintes são apresentados como prova dos resultados eficazes do processamento.

A Dianética foi desafiada a provar a sua pretensão no aumento de Q.I., e que o Processamento de Dianética tem como dois dos seus subprodutos o alívio de psicoses e de doenças psicossomáticas. Se os desafiadores tivessem alguma ideia de que esta prova poderia ser apresentada, não teriam sido tão descarados nas suas exigências, e se tivessem qualquer suspeita de que os resultados seriam tão completamente a favor da Dianética, ter-se-iam abstido por completo. Contudo, a Dianética aceitou o repto.

A seguir estão os resultados em forma de gráfico:

(gráfico)

A medida arbitrária da inteligência humana popularmente conhecida como o “Q.I.” do indivíduo, não é uma medida de como uma pessoa se lembra. Nem uma medida do quanto ela aprendeu no período de uma vida. As taxas de Q.I. são uma medida da capacidade de um indivíduo para aprender algo novo; são escalas baseadas na idade de uma pessoa comparada com a sua idade mental. A pessoa poderia ter 30 anos de idade e ainda assim ter uma capacidade mental equivalente a um aluno médio de 15 anos. Por outro lado, um aluno particularmente perito, talvez de 8 anos de idade, poderia ter uma capacidade mental equivalente à de alguém dez anos mais velho.

Tornou-se um cliché que a taxa do Q.I. de um indivíduo não muda ao longo da sua vida. De facto, até à Dianética, um ganho em Q.I. de um teste para o outro, era saudado com surpresa e uma afirmação imediata de que tinha sido cometido um erro pelo psicometrista que classificava os testes.

Quando a Dianética fez a declaração de que o Quociente de Inteligência de uma pessoa (Q.I.) aumentava notavelmente depois de algumas horas de processamento de Dianética, o brado por “provas” começou. A Fundação tem estas provas em abundância. Conforme o gráfico de barras, foram dados testes standard de Q.I. a um grupo de 88 pessoas e as pontuações colocadas ao longo da barra horizontal, quer estas pontuações particulares fossem Q.I. 50 ou Q.I. 150. Passou um mês, um mês em que os preclaros receberam aproximadamente 60 horas de processamento de Dianética. Foi-lhes então dado um segundo Teste de Q.I.. A pontuação no segundo teste foi então colocada na barra vertical onde se representam os pontos de ganhos ou perdas.

Chamemos a barra vertical na extrema direita do gráfico pelo nome de *John Smith*. *John* apareceu na Fundação para treinar Audição de Dianética e antes de lhe ser permitido assistir às aulas, foi-lhe dado um grupo de testes entre os quais um “Q.I.”. Viu-se que ele tinha, de acordo com os padrões adiantados pelos originadores do teste, um Q.I. de 125. Ele foi para a aula, aprendeu a teoria da Dianética, aprendeu a auditar efetivamente, e durante o curso recebeu dos colegas 65 horas de Processamento de Dianética. No Dia da Certificação, foi-lhe dada uma segunda bateria de testes contendo uma repetição do Teste standard de Q.I. que tinha feito um mês antes. A avaliação dele no segundo teste foi de 151. Por isso, *John Smith* ganhou 26 pontos em Q.I. no período de um mês, e estes 26 pontos são localizados no gráfico como uma barra vertical.

Entre os testes da bateria feitos por *John Smith* estava o Teste Califórnia de Personalidade. Vários aspectos da personalidade social e individual dele foram determinados por este teste. Uma das melhorias mais marcadas foi nas suas relações profissionais (ele tinha perdido emprego após emprego porque não podia dar-se bem com os chefes e trabalhadores da mesma categoria). A segunda maior mudança de personalidade foi no sentimento do valor pessoal; antes do processamento ele considerava-se como incapaz de exercer a posição de um capataz, ou de conduzir um grupo. O teste pós-processamento mostrou que ele tinha adquirido um muito mais profundo sentimento de apreço pessoal, e que seria altamente cotado entre os trabalhadores da mesma categoria.

O Resumo das Pontuações Percentuais Médias, conforme o Gráfico de Barras de Personalidade, expõe os resultados que mostram aumentos nas doze categorias mencionadas. Foram dados a Setenta-seis indivíduos, antes e depois da psicometria, incluir o Teste Califórnia de Personalidade, e a *média* é exibida em forma gráfico. Para obter a pontuação “média” de todas as 76 pessoas, é necessário somar as suas pontuações e dividir o resultado por 76. As pontuações médias dos 76 indivíduos no primeiro teste são mostradas pela altura das barras sombreadas. As pontuações médias das 76 pessoas depois de terem recebido Processamento de Dianética, cerca de 60 horas cada, são mostradas pela altura das barras negras. Em cada caso, há um aumento evidente.

Dois gráficos exibem os resultados obtidos com uso do Teste Minnesota Multiphasic de Inventário de personalidade. Como no gráfico precedente, estes mostram as pontuações *médias* de um número de indivíduos, divididos em duas mostras: 21 casos de homens e 7 casos de mulheres.

Os gráficos estão escalonados de forma de arbitrária, começando com 40 e terminando com 100 e os resultados médios dos primeiros testes feitos pelo indivíduo, são localizados onde a linha tracejada cruza cada linha de subtítulos. Os resultados médios dos segundos testes, depois das pessoas terem recebido 60 horas de Processamento de Dianética, são localizadas onde a linha sólida preta cruza cada linha de subtítulo.

O primeiro subtítulo, “Tendências Maníacas”, significa que uma pessoa está, num grau mensurável, influenciada por compulsões que a fazem sentir, por exemplo, que tem que conquistar o mundo, como Napoleão ou Alexandre. As médias de ambos os testes antes e depois do processamento, saíram praticamente no mesmo ponto da escala, à volta de 59. Embora isto indique que como grupo não houve diminuição do desajuste, alguns indivíduos dentro o grupo podem ter-se ajustado notavelmente nesta categoria.

O segundo subtítulo, “Tendências Esquizoides” significa grosso modo que uma pessoa poderia estar a sofrer do que a Dianética define como uma mudança de valências ou a assunção de uma segunda ou terceira personalidade, que não é inerente ao próprio indivíduo. A média do grupo no pré-teste era à volta de 76 para desajuste. O teste depois do processamento, mostra que o grupo como média, baixou em desajuste ou, por outras palavras, ajustou-se para ganhar e reconhecer a sua própria personalidade.

Sob o subtítulo “Tendências Obsessivo-compulsivas” poderiam ser colocados os que “têm que lavar as mãos” depois de toda e qualquer minúscula tarefa, ou os que, antes de virar uma página que acabaram de completar, são compelidos a pôr os pontos em todos os “i” ou serão completamente incapazes de continuar a escrever. As pessoas desta categoria, são compelidas a levar a cabo alguma rotina, idiota ou não, independentemente do que poderia ser mais importante no momento.

O resto dos subtítulos refere-se a várias condições evidentes nos indivíduos, tais como o sentimento de “toda a gente contra mim” e a tendência de um homem para se sentir algo feminino, assim como o extremo antissocial de ermitões e piromaníacos. Os sintomas psicossomáticos são provas de desconforto ou doença corporal que não tem origem física, enquanto que a categoria da Preocupação Corporal Indevida, representa o grau de obsessão relativo à doença que a profissão médica chama de “hipocondria”.

Embora haja centenas de casos individuais para escolher, os resultados do teste do indivíduo mostrados no gráfico intitulado *Resultados Típicos do Teste de Um Indivíduo* são médios, daí típicos. O caso N° 445 dos arquivos Califórnia mostra que, de acordo com os resultados obtidos no Teste Califórnia de Personalidade, esta pessoa se tornou muito melhor ajustada do que antes do processamento. O ajuste social dela, ou a maneira como se dá com grupos, ficou mais aceitável. A terceira barra da primeira secção do gráfico, mostra meramente a média dos dois fatores prévios e é intitulada *Ajuste Total*.

Segundo o teste de Análise de Saúde Mental, ela ajustou as suas deficiências à utilidade, e aumentou os seus recursos. O seu ajuste total é mostrado na terceira coluna da barra.

No terceiro teste, Análise do Perfil do Temperamento Johnson, há nove categorias de resultados no teste, graduados numa escala de Excelente, Satisfatório, Razoável e Pobre. A maior melhoria mostrada neste teste, foi a energia evidenciada ao enfrentar um problema e a sua harmonia entre as pessoas. As categorias de relaxamento e vivacidade já satisfatórias quando fez o primeiro teste, aumentaram para Excelente.

Quando este homem chegou à Fundação, os seus colegas e outros que entraram em contacto com ele, não gostaram particularmente dele. Era muitas vezes sombrio, mal-humorado, pouco comunicativo e, segundo um colega, “completamente antipático”. Uma mudança notável na sua consciência social ocorreu dentro da primeira semana de processamento, e quando terminou o treino, tinha em contrapartida alcançado um ajuste global ao ponto de ser natural e estimado por toda a gente.

No decurso do Processamento de Dianética, os médicos interessados em Dianética desejam geralmente vários meses de observação a seguir à libertação de uma “doença psicossomática”, antes de os resultados serem pronunciados permanentes. De acordo com isto, a Fundação não divulgou qualquer informação, exceto de recuperações notáveis (que parecem fazer-se reconhecer automaticamente) até depois de decorrer este período de espera. Os casos mencionados no segundo parágrafo a seguir estão todos, exceto o último, concluídos há mais de seis meses.

O Processamento de Dianética não tem a intenção de curar qualquer doença física, mas acontece que na subida de um preclaro na escala de tom, todos os somáticos crónicos de engramas de que o preclaro tem sofrido, desaparecerão frequentemente com uma subitaneidade surpreendente. Uma vez que estes somáticos crónicos respondem por pelo menos setenta por cento das “doenças” do homem, muitas, muitas pessoas que se consideraram doentes durante anos, têm “melhorado” durante o Processamento de Dianética.

Entre as condições somáticas crónicas das quais os nossos presentes registos disponíveis mostram *recuperação completa*, estão algumas diagnosticados por médicos como segue: bursite, osteoartrite, enxaqueca, complicações tiroides, enxaqueca crónica, dores lombares crónicas, indigestão crónica, fadiga constante, colite crónica, e miopia. Quase todas as condições crónicas comumente conhecidas foram aliviadas no decurso do processamento de Dianética. Estes são só alguns dos casos dos quais temos registos cuidadosos. Um cavalheiro tinha sofrido de um somático crónico diagnosticado por nada menos que 10 médicos como “psoríase” ou “artrite psoriática”. Nenhum deles lhe tinha oferecido qualquer esperança de cura. Durante três anos foi periodicamente desfigurado por lesões que cobriram nove décimos da área da pele. Durante o Processamento de Dianética, as lesões curaram tão rapidamente que os colegas inquiriram sobre a razão da súbita mudança de aspeto. O tempo dirá se esta recuperação é permanente, mas parece não haver qualquer razão válida para pensar que não.

O alcoolismo é considerado por alguns uma condição física e por outros uma condição mental. A Dianética não está preparada para arbitrar a relação mente-corpo do alcoolismo, mas a Fundação pode informar que o alcoolismo responde tão favoravelmente ao Processamento de Dianética como qualquer outra aberração.

As aberrações aparentemente físicas são mais fáceis de medir, e a sua melhoria é mais fácil de julgar do que aberrações mentais. Contudo, a meta principal do Processamento de Dianética não é o alívio de somáticos crónicos, mas o apagamento de componentes irracionais dos pensamentos do preclaro. Os resultados físicos aparentes são um subproduto disto.

A Fundação apresenta este relatório como uma breve pesquisa de algum do trabalho feito pela Fundação durante os primeiros anos de operação. Obviamente, a pesquisa num campo tão vasto como a Dianética, requer tempo e planeamento cuidadosos e completos. Os estudos que medem a melhoria clínica nos indivíduos e grupos não são normalmente feitos em meses, mas em anos. Embora um preclaro possa dar um relatório subjetivo brilhante, e embora a mudança das suas capacidades e comportamento seja facilmente visto pelos amigos e família, é difícil medir adequadamente a melhoria. Os testes que medem todas as várias melhorias num preclaro, ainda não existem, e os que temos usado para responder aos desafios feitos à Dianética, são realmente admitidos como inadequados, mesmo dentro do seu próprio campo.

Nós na Fundação instamos os cientistas de todos os campos, particularmente os que trabalham em biologia e ciências sociais, a testar a teoria e a técnica da Dianética nos seus próprios laboratórios e sob as suas próprias condições controladas. Os Dianeticistas estão ansiosos por cooperar com qualquer trabalhador que queira testar ou explorar a Dianética. A teoria e técnica da Dianética podem ser aplicadas a muitos áreas. Nós desejamos agradecer a esses cientistas e instituições que já participaram na pesquisa da Dianética e a aplicaram ao seus próprios campos. Eles foram de grande ajuda para a Fundação e para a ciência da Dianética.

Nós os que estamos a trabalhar com Dianética, vimos tanto do que ela pode fazer e ficámos tão entusiasmados com os seus efeitos e possibilidades, que é difícil moderar as nossas declarações sobre ela ou as nossas expressões de ansiedade para a ver desenvolver mais. Esperamos que cada vez mais pessoas de todos os campos se juntem à nossa exploração e trabalho.

--Pessoal editorial

Fundação Hubbard de Pesquisa de Dianética, 1951

Introdução

Este livro é construído à volta de um quadro.

Nas muitas colunas deste quadro achamos a maioria dos componentes da mente humana e todos os necessários para processar um indivíduo.

Neste livro nós pegaremos nestas colunas uma por uma, da esquerda para a direita, explicando cada uma delas. Feito isto e lido o livro e o quadro completamente examinado, você terá os rudimentos que precisa para processar pessoas.

Se deseja processar os indivíduos numa base limitada, você pode especializar-se em memória direta, reduzir elos, e sondar elos. Isto pode ser feito a quase toda a gente sem qualquer dano e com uma grande melhoria no seu tom geral. Se você se sente um pouco mais aventureiro, pode aprender a auditar engramas secundários e assim ficar proficiente em descarregar de um caso desgosto e medo. Caso deseje percorrer todo o caminho e sentir-se competente, você pode tentar correr engramas num caso, tendo em consideração o tipo de caso em que você os procura correr.

Para uma total educação em Processamento de Dianética, os elementos estão aqui. Mas da mesma maneira que aprendeu álgebra ou física, deve tirar um curso na Fundação a fim de se tornar um auditor verdadeiramente proficiente. Uma qualificação na Fundação, junto com qualquer outro treino, permitir-lhe-á tornar-se um profissional. A maioria das pessoas, tira contudo um curso na Fundação porque querem ser melhor educadas e funcionar melhor nas suas próprias profissões, pois a Dianética não é só processamento. Isso não é nem um milésimo. A Dianética trata do pensamento e do comportamento de homens e grupos; e os que sabem completamente do assunto, sobrevivem melhor.

Ler então simplesmente este livro, embora contenha toda a informação básica, não qualifica um indivíduo para exercer profissionalmente. Mas uma vez este livro completamente estudado, ele deve poder manejar casos rotineiros sem dificuldades. Ele não deve tentar a Dianética numa pessoa louca ou severamente neurótica, a menos que se sinta especialmente talentoso na compreensão ou que tire um curso de qualificação na Fundação. Isto aplica-se particularmente a analistas e psiquiatras e médicos que, estando em contacto com loucos e doentes crónicos, poderiam alcançar resultados notavelmente melhores e mais rápidos com o conhecimento da Dianética. A ciência foi-lhes disponibilizada no passado, e são outra vez instados a tirar vantagem das suas técnicas no melhor interesse do género humano e do avanço das suas profissões. Muitos médicos e psicólogos já foram treinados pela Fundação e eles, mostra a experiência, fizeram-se bons auditores.

Da mesma forma, deve o leigo ter muito cuidado com quem pratica Dianética nele. Antes de se submeter a Processamento de Dianética, deve, ou procurar o certificado do auditor na parede e ver se está em ordem, ou

exigir o direito de fazer um teste ao auditor sobre as várias definições contidas neste volume. O indivíduo que deseja processamento não deve submeter-se a um psiquiatra ou psicanalista ou médico para tratamento de Dianética, na convicção que eles, como médicos, sabem Dianética. Só os psicanalistas, médicos e psiquiatras treinados pela Fundação são completamente qualificados para manejá-la a toda uma parada de perícias necessárias a um auditor.

Se o seu auditor não é qualificado pela Fundação, então deixe-o correr memória direta, elos e cadeias de elos, até você estar inteiramente satisfeito de que ele sabe o que ele está a fazer.

O Auditor, por um estudo diligente deste volume e entrada lenta no uso dos seus utensílios, certificando-se que comprehende cada um deles progressivamente antes de usar o próximo, pode alcançar grande perícia em processamento. Estas observações preventivas são endereçadas a esses que, lendo o volume por acaso, possam tentar mergulhar em toda a ordem de perícias duma vez. Seria como tentar tirar num avião do chão antes de saber onde está o regulador de pressão e como aterrás. A Dianética não é tão difícil como pilotar um avião, mas é um assunto técnico.

Você não pode enlouquecer ninguém com o processamento de Dianética. Casos enlouquecidos pelo Processamento de Dianética não existem. Casos há em que foram criminosamente usadas técnicas inversas. Dor-droga-hipnose pode meter qualquer pessoa num colete de forças com maior limpeza e despacho do que qualquer coisa até aqui conhecida. Contudo, o Processamento de Dianética não tem nada a ver com restimular ou implantar engramas.

Por isso, leia o que está escrito e conheça o seu quadro. Você saberá mais de homens e mulheres e do seu comportamento quando terminar. Se sente que poderia tolerar algum processamento, venha à Fundação ou associe-se a alguém em quem possa confiar, começando com memória direta e elos e estudando à medida que trabalha. Se possível, obtenha supervisão de um auditor treinado na Fundação ou tire um curso básico ou profissional. Nunca se pode saber demais sobre este assunto.

Neste volume não é feita qualquer tentativa para ser literário ou académico. Eu tiraria alegremente um par de anos e escreveria algo altamente polido, mas nós estamos a tentar chegar ao destino antes da bomba atómica e navegar o percurso, leva algum tempo. Logo, eu escrevi aqui o que sei sobre este quadro de um modo que eu penso você comprehenderá. O livro é organizado à volta do quadro, não à volta das maiores palavras do dicionário: isto é possível por causa de uma certa diferença entre a Dianética e alguns outros assuntos; nesses, o autor tem que fazer em complicação o que lhe falta em compreensão do assunto, para impressionar os críticos. Os críticos que se lixem, passemos ao parágrafo um e ataquemos de flanco. Há um mundo só a ser conquistado.

L. Ron Hubbard

17 de Janeiro de 1951

LIVRO UM
As Dinâmicas do comportamento

CAPÍTULO UM

COLUNA A

A Escala De Tom

Do Novo Dicionário Padrão de Fank e Wagnall, Suplemento Nº 5:

Dia-nética, substantivo: Um sistema de análise, controlo e desenvolvimento do pensamento humano, evoluindo de um conjunto de axiomas coordenados, que também dispõe de técnicas de tratamento uma larga gama de desordens mentais e doenças orgânicas: termo e doutrinas introduzidas por L. Ron Hubbard, engenheiro americano. (Gr. dianoetikos - dia, através, mais *noos*, mente)

Assumindo a ideia básica de que o fundamento exclusivo da existência é sobrevivência, aparentemente os problemas do comportamento do homem resolvem-se rapidamente. As suas relações interpessoais, a operação e propósitos das suas organizações e grupos, tornam-se compreensíveis.

A ciência é para muita gente, uma vaca sagrada. De facto, ciência é por definição, apenas a organização de factos aparentemente sem relação, num todo útil. Alinhada com certos axiomas básicos (que podem ser encontrados no apêndice), a Dianética é um corpo útil de conhecimento pelo qual pode ser solucionado o quebra-cabeças do homem e do seu comportamento.

Uma busca de uma energia de vida iniciada em 1930, foi parcialmente resolvida pela descoberta do mais baixo denominador comum de existência: SOBREVIVER.

Foi cometido um erro grosseiro por cientistas do passado que procuraram materialisticamente explicar a vida com base no barro, substâncias químicas e eletricidade. Estes indivíduos sustentavam que a matéria e energia elétrica, operando no espaço e tempo, se combinavam nalgum momento inacreditavelmente afortunado para formar uma unidade auto-perpetuadora e que este item cresceu e cresceu fortuitamente e um dia o homem apareceu em cena. Esta lógica infantil despedaça-se talvez apenas com base nas questões contra ela existentes. Também se despedaça quando a evolução, conforme postulada, é considerada apenas com utilidade limitada e está de facto tão cheia de buracos como uma ocarina. O teste principal de qualquer miscelânea “científica” é a sua utilidade para o homem. A teoria do-barro-ao-homem é apenas um teoria crua e não solucionou o comportamento humano. Estas escolas de pensamento deram ao homem armas ilimitadas como a bomba atómica e mesmo assim não lhe deram sanidade bastante para regular os seus próprios negócios ou usar o tipo de energia libertada por aquela bomba para propósitos diferentes do de destruir cidades. Logo, podemos concluir e deitar num calmo sepulcro toda e qualquer das teorias científicas que não têm conduzido à paz na terra ou não nos deram uma predominância de homens de boa vontade. É claro que há muitos indivíduos que gostariam que o homem continuasse a

acreditar que ele é basicamente barro, mas a esses nós legamos a máquina de choques elétricos e a lobotomia pré-frontal, o nível mais alto de operação a que a teoria do-barro-ao-homem conduziu.

Um exame da existência e das esperanças mais vãs às quais o homem se agarrou, descobre para nós a possibilidade de a energia da vida ser uma coisa diferente da corrente elétrica que flui numa linha, ou da energia irradiada pela fissão atómica. Não é necessário ter um vasto conhecimento de física para concluir que a vida é algo mais do que uma ideia mecânica equipada de átomos e substâncias químicas. Em primeiro lugar, segue só algumas das leis electro-magnético-gravíticas e no máximo, só vagamente se compara a estas. A vida tem as suas próprias regras de execução.

Um exame adicional da vida demonstra que ela é indubitavelmente feita em parte de matéria e que existe no espaço e no tempo. Isto é bastante certo, porque um organismo morto se desintegra em pó. Contudo, algo deixou obviamente de fazer parte deste organismo, no momento em que ele morreu por completo. Este “algo” tem diversamente sido chamado alma humana, o espírito, a força da vida. Bergson chamou-lhe o “élan vital”.

O cientista que constantemente lida com máquinas e reações químicas, tem olhado durante algumas décadas para um organismo de vida como um motor de carbo-oxigénio, uma máquina de energia térmica cuja operação não é diferente de uma locomotiva a vapor. Ele descartou as variáveis incontroláveis que isto introduziu em qualquer solução tentada para vida e vivência, através da declaração expansiva de que a vida era simplesmente mais complicada do que as máquinas que os homens construíram, mas que era realmente só outra máquina. Uma escola de pensamento “muito-complicada” mascarada de ciência, pegou neste argumento e vendo que ele ofuscava qualquer real explicação ou razão para uma explicação, começou a dizer que a mente humana, sendo parte de uma máquina que era muito complicada para a biologia e bioquímica, era, claro está, muito difícil de compreender. Considera-se que este afastamento dos problemas da operação mental, esta ação do princípio derrotista de que o problema não pôde ser resolvido, introduziu “terapias” “muito complicadas”. Foram precisos de quatro a doze anos para obter uma vaga ideia destas terapias e todas as provas à mão, cuidadosamente compiladas, mostram que elas não funcionam, que os problemas de criminalidade, insanidade e guerra permaneceram muito fora de controlo com estes sistemas de “terapia”. A escola muito-complicada da vida e operação mental dá-nos uma imagem de um grupo de exorcistas a precipitar-se para Londres por causa da peste, há dois séculos atrás, dizendo a toda a gente que tinham a solução para a peste, enquanto algumas centenas de milhar de Ingleses sucumbiam à peste negra.

Vamos procurar uma solução mais simples, uma que não requeira doze anos de escola e prática para a aprender, uma que nos entregue uma terapia e, mais importante, uma compreensão da vida, do homem e operação mental, que possa solucionar os 19,000,000 de loucos, os nossos milhões de criminosos e a loucura internacional.

Nós encontrámos a primeira parte desta solução, considerando a força da vida, élan vital, ou seja, o que for, como uma energia dissimilar de eletrões e moléculas e barro. As leis desta “energia”, uma vez isoladas e declaradas, são achadas paralelas, mas dissimilares das leis do universo físico.

Atribuiremos a esta energia de vida um símbolo para a identificar. Atribuir-lhe-emos a letra grega *Teta* para a distinguir como uma energia existente, separada e distinta do universo físico como nós o conhecemos.

O universo físico seria um universo de matéria, energia, espaço e tempo. Seria o universo dos planetas, as suas pedras, rios e oceanos, o universo das estrelas e galáxias, o universo dos sóis ardentes e tempo. Neste universo não incluiríamos *teta* como parte integrante, embora *teta* colida obviamente contra ele como vida. Das iniciais das palavras **matéria**, **energia**, **espaço** (Ing. space), e **tempo**, nós podemos compor uma palavra nova: *MEST*.

Em Dianética estamos então a lidar com TETA e MEST. *Teta* é pensamento, força de vida, élan vital, o espírito, a alma, ou qualquer outra das numerosas definições de alguns milhares de anos.

Assim que nós sepáramos as duas entidades, uma hoste de problemas antes bastante complexos, elas solucionam-se com simplicidade. *Teta*, poderíamos dizer, vem do universo *teta* que é diferente do universo MEST. *Teta* tem a sua própria matéria, ideias, tem a sua própria energia e características dessa energia, tem o seu próprio espaço de operação, distinto do espaço MEST e tem o seu próprio tempo.

Há uma enorme quantidade de provas a apoiar *teta* como postulado. O pensamento é instantâneo no universo MEST, tanto quanto se pode saber. O fluxo de energia ao longo dos nervos num organismo não anda à velocidade da luz. O tempo e passado do universo MEST, não existem para *teta*.

Considerando *teta*, vemos que, só através das energias observáveis, motiva e ativa MEST, matéria e energia no espaço e tempo. Além disso, computa, raciocina, aprende e retém o que aprende. Os homens, ao construir um computador com eletrónica que faria apenas uma pequena parte do que a mente humana pode fazer, teriam de usar potência elétrica bastante para iluminar Nova Iorque, e um sistema de arrefecimento bastante para absorver as cataratas Niágara, e tantos tubos de vácuo que, à razão um centavo cada um, a conta se elevaria a um milhão de dólares. E o aparato assim montado, de acordo com as condições de duração dos tubos, teria de parar uma fração de segundo depois para substituir os ditos tubos. A mente humana faz mais do que essa máquina desajeitada, faz melhor, dura toda uma vida e, para acabar, é portátil.

Agora, tudo o que um estudante de Dianética precisa para saber e compreender tudo isto, é que *teta* mais MEST igual a vida; que *teta* e MEST têm uma afinidade natural um pelo outro e que se combinam, ligando, por assim dizer, os dois universos; que *teta* e MEST juntando-se muito duramente, entram em tumulto, ao que nós chamamos dor; e que a

turbulência de teta e MEST sob a dureza dum grande impacto, dá-nos uma escala de tom.

Teta chocando muito duramente contra MEST, torna-se enteta. MEST chocando muito duramente contra teta, torna-se *enMEST*. Enteta é simplesmente uma palavra composta que significa “teta perturbado”. E *enMEST* é outra palavra que significa “MEST perturbado”.

Considera-se que teta no seu estado nativo é pura razão, ou pelo menos pura razão potencial. Considera-se que MEST, no seu estado nativo, é simplesmente o universo físico caótico, as suas substâncias químicas e energias ativas no espaço e tempo.

O ciclo da existência para teta consiste numa colisão desorganizada e dolorosa com MEST e então uma retirada com conhecimento de algumas das leis de MEST, voltando e colidindo outra vez com MEST.

Poderia considerar-se que MEST está sob investida de teta. Teta poderia ser considerado ter como uma e única das suas missões no que respeita a MEST, a conquista do universo físico. MEST está sob ataque. Teta está ao ataque.

Teta sobrevive conquistando MEST e retendo a conquista. Teta pode ter numerosos métodos de sobrevivência, mas eles não se aplicam a este universo físico particular onde estamos situados.

A sobrevivência de teta depende, quanto a este universo, de mudar e organizar MEST.

A vida é uma manifestação de MEST conquistado por teta. Teta conquistou e organizou em formas de vida com alta complexidade, certas substâncias químicas e energias de MEST. Estas formas são muito diversas. Elas progridem das mais baixas ordens, como os líquenes e musgos, para todo o reino vegetal e para o reino animal até ao homem. Cada forma evoluiu do impacto inicial de teta contra MEST, e cada forma de um nível mais alto é apoiada por formas de níveis mais baixos.

Sem o líquen e o musgo para formar o solo arável, nenhuma vida vegetal poderia crescer. Sem a vida vegetal que converte a luz solar e substâncias químicas em alimento celular, nenhum animal poderia viver. Sem toda uma ordem de formas de vida abaixo dele, o homem não poderia manter-se como um organismo inteligente. A inteligência seria mais ou menos desperdiçada em formas mais baixas. A evolução de formas menores para formas maiores existe em tempo presente e totalmente em tempo presente. A evolução localizada ao longo do tempo é a evolução localizada através de MEST, que permanece depois do teta ter passado por ele.

No reino animal e vegetal só o homem possui o poder potencial de transformar grandes quantidades de MEST em algo que teta possa usar. O homem pode, a golpes de vapor e dinamite, mover montanhas e talvez, quem sabe, conquistar a galáxia. Teta evolui, por isso, para uma racionalidade cada vez mais alta e uma capacidade cada vez mais alta de conquistar e mudar o universo físico -- MEST.

Se admitirmos o ciclo de recriação, crescimento e decadência e o postulado de que teta conquista MEST, primeiro colidindo solidamente

com ele, aprendendo com ele e retirando então para voltar com o que aprendeu, podemos ver que teta aprende perturbando-se e recompondo-se então, como um processo sem fim. As pessoas já sabem isto há muito tempo; aprendemos no duro, dizem elas. Isso seria uma maneira simples de dizer que teta se envolveu dolorosamente com MEST e retirou-se para voltar, para uma conquista ordenada.

Se este é o ciclo e esta assunção resolve problemas nunca dantes resolvidos, então podemos ver que teta teria que ter um mecanismo de retirada, e assim é. A morte é esse mecanismo. Teta e MEST estão presos a um ao outro, mas quando estão dolorosamente emaranhados, tornam-se enteta e enMEST. Enteta rejeita MEST. EnMEST rejeita teta. Teta combina-se com teta ou MEST. MEST combina-se com teta ou MEST.

Aqui temos nós algo não distinto de uma reação química. Duas substâncias químicas residem placidamente uma com a outra até serem agitadas. Agitando-as, elas separam-se. Ou poderíamos comparar isto com uma característica de algumas energias que, quando os seus comprimentos de onda são mudados, se rejeitam umas às outras. Isto é morte. Teta e MEST ficam muito perturbados e o organismo morre, o teta restante rejeitando o corpo MEST, o corpo MEST rejeitando o teta.

Não há nada de muito complicado neste postulado, embora resolva um grande número de problemas. Poderia dizer-se que quando a vida fica muito dolorosa, o corpo adoece e definha e a alma parte.

O Homem esteve durante muito tempo inclinado a acreditar em teta livre. A ciência tornou-se muito impopular quando procurou demolir e abolir, através de decreto logarítmico, a alma humana. Contudo, nós não precisamos de uma alma humana para explicar a separação de teta-MEST chamada morte, embora a prova esteja a crescer – uma boa prova de natureza altamente científica num nível muito mais prático do que parapsicologia – de que a alma humana existe de facto*. Recentemente, numa importante universidade, um conjunto de boas experiências demonstrou que os organismos vivos tinham sobre eles um campo de energia a qual tinha uma fonte. Se a energia irradiasse das células apenas, de acordo com a antiga teoria, a imagem apresentada teria sido bastante diferente. Poderia então ser postulada a existência de teta livre. A linha genética habitual de gerações que procriam gerações de organismos semelhantes explica, em termos biológicos aceites, o facto de teta atravessar gerações.

Parece inevitável que, à medida que teta conquista MEST e o transforma em organismos cada vez mais altos e complexos, o problema de separar teta e MEST perturbados para a próxima geração, será por fim solucionado num nível intelectual e dentro de uma geração, dominando teta o problema de se suavizar dentro do próprio organismo. De facto, num rápido relance, isto é a Dianética.

A derrota pela morte não é de maneira nenhuma desejável. A evolução é preparada para proporcionar organismos cada vez melhores, capazes de

* Um homem altamente colocado na Igreja Católica disse uma vez “jovem, se não tiveres muito cuidado, acabarás por contactar a alma humana como tal, e medi-la em Ergs e Dines”.

sobreviver melhor. Sem morte, em breve todo o espaço planetário existente seria saturado com vida, o que não podia ser suportado. A morte não pode ter férias. Mas a vida pode ser muito mais eficaz, pelo menos para a espécie denominada Homem.

O ciclo da conceção, crescimento, decadência e morte, de acordo com o nosso postulado de teta e MEST, seria o ciclo de aprendizagem prazer-edor, pelo qual o organismo é refinado de forma a que a nova geração que procria possa melhor lutar com o ambiente e conquistar mais MEST do que a geração anterior. Numa vida, há muita dor acumulada. As células são sujeitas a dor através de um contacto forçado ininterrupto com MEST, como nos acidentes, ou por colisão com outras formas de vida. O organismo como um todo é sujeito a dor em todas as derrotas nos seus esforços para cumprir os seus propósitos de sobrevivência, através da conquista de MEST. Através da dor, as células aprendem métodos novos de construção para uma sobrevivência melhor. Através da dor, o organismo aprende novas perícias e métodos de sobreviver.

O problema foi que, uma vez um organismo sujeito à dor, acumulava algum conhecimento mas também acumulava algum enteta e enMEST. Quando acumulava bastante para ser altamente ineficaz, morria, deixando a tarefa para a próxima geração. Para um homem isto não é eficiente. Não há nada de errado com a aprendizagem pela dor e prazer do que é mau e bom na existência, mas é um grande erro ter que levar com ele um excesso de enteta e enMEST, que escondem o seu conhecimento e reduzem a sua capacidade para desempenhar a sua devida função.

Inevitavelmente poderá esperar-se que uma alta forma de vida solucione este problema enteta-enMEST, sem a intervenção do ciclo da morte.

A turbulência de enMEST-enteta é chamada em Dianética um engrama. Um engrama é uma área no tempo em que teta e MEST chocaram vigorosamente e se misturaram “permanentemente”.

Um garoto cai e bate com a cabeça. Ele fica inconsciente por um instante. Assim que se levanta pode pensar que tem memória completa do que lhe aconteceu. Mas há um instante ocluso na sua consciência. Aquele instante contém uma área turbulenta de enteta e enMEST. Um pedaço minúsculo do seu teta e uma pequena porção de MEST passaram a fazer parte da sua mente irracional. Este momento é um engrama.

Existem, para os nossos propósitos duas mentes. Uma é a mente analítica, a outra é a mente reativa. A mente analítica é teta a coordenar e raciocinar para o organismo. A mente reativa é teta e MEST perturbados. A mente analítica opera através da razão. A mente reativa opera através de reação.

A mente reativa, tendo uma polaridade diferente da mente analítica, tem a capacidade de compelir ou inibir o organismo em certas das suas ações. As mais baixas formas de animais têm isto como método principal de pensamento.

A mente reativa foi uma vez chamada de mente “inconsciente”. É uma mente dura, áspera, que está alerta em qualquer momento da vida apesar da presença de dor, e que regista tudo com uma fidelidade idiota.

Armazena o enteta e o enMEST de um acidente com todos os percéticos (mensagens dos sentidos) presentes durante a “inconsciência” resultante do acidente. Por isso, o garoto que deu com a cabeça na pedra, talvez saiba analiticamente que caiu e bateu com a cabeça, mas “sabe” isso, mais com a sua mente reativa. Suponha que o cheiro a pó estava presente no acidente. A mente reativa armazenou o percético do cheiro do pó. Acontece que o garoto um dia está cansado e tem um cheiro idêntico. Ele fica um pouco nervoso. É a mente reativa que lhe diz que reaja e saia daqui, porque quando este cheiro está presente ele fica com um galo na cabeça. Isso não é lógico, mas é como a mente reativa opera. Se o garoto não abandona a área e o cheiro do pó, a mente reativa liga a dor, num esforço para o obrigar a sair. Finalmente o garoto aprende a evitar o cheiro do pó, porque quando está cansado este cheiro lhe faz dores de cabeça. Ele não gosta do cheiro do pó, porque para a mente reativa, o cheiro do pó é igual a um galo na cabeça.

Com uma mente analítica, o organismo pode ter pensamentos complexos e estar consciente de estar vivo. Com a mente reativa, o organismo reage de acordo com dados recebidos durante a mais alta ameaça à sobrevivência – a inconsciência.

A mente reativa era um mecanismo muito funcional, na medida em que funcionava em organismos que não tinham desenvolvido qualquer linguagem. Quando um animal é ferido, a sua mente reativa apanha todos os percéticos relativos a esta lesão, sons, cheiros, tato, visão, e sempre que estes aparecem no ambiente do animal, a sua mente fá-lo fugir ou lutar. Assim ele é protegido dos momentos de dor do passado. É uma espécie de método de arma de defesa, e tem uma completa funcionalidade que, embora por vezes negue o prazer animal, pelo menos mantém-no vivo um num ambiente de unhas e dentes. Quando o homem desenvolveu a sua mente analítica a um nível de ação bastante alto para precisar da linguagem, começou a dificuldade, pois a mente reativa também poderia conter palavras. As palavras ouvidas durante momentos de inconsciência, como as que são ditas durante operações ou perto de uma pessoa muito doente ou severamente ferida, são fielmente registadas juntamente com a dor. Como sugestões hipnóticas, estas gravações podem ser postas em jogo através de frases ou ambiente similar, e levam o indivíduo a agir como se estivesse na presença de perigo. Restimulados pelo ambiente, estes momentos passados de dor física e inconsciência, forçam o indivíduo à obediência.

Os engramas, esses momentos de dor e inconsciência guardados na mente reativa, agem como postos de comando escondidos na mente, forçando o indivíduo a padrões de pensamento e comportamento que não são pedidos por uma avaliação razoável da situação. É que o engrama não é razoável. É simplesmente uma gravação que tem o propósito exclusivo de dirigir o indivíduo por supostos perigos, mas normalmente não existentes.

Até à Dianética, o engrama nunca foi pressentido porque estava bem escondido como entidade. A palavra *engrama* é antiga, emprestada pela biologia. Significa simplesmente, “uma memória duradoura localizada

numa célula". Pode ser gravada em mais do que uma célula. Mas, contra o Processamento de Dianética, não dura muito.

Aqui está, então, um pedaço de enteta-enMEST - o engrama. MEST e teta, chocando vigorosamente como num impacto ou lesão ou perturbados por doença, são armazenados na mente reativa e a partir daí, perturbam mecanicamente o teta da mente analítica, provocando uma ação compulsiva ou obsessiva, ou perturbam o MEST do corpo provocando dor, deformação ou doença psicossomática (somáticos crónicos, como são chamados em Dianética).

Acumulando bastante enteta na mente reativa, a mente analítica fica aberrada o bastante para cometer suicídio ou empreender atividades de não-sobrevivência, a fim de remover o organismo do mundo dos organismos e deixar outra geração pegar no trabalho. Deixando acumular bastante enMEST na mente reativa, o MEST do corpo se perturbará em dores e doenças que matarão o organismo e servirão o mesmo propósito.

Esta é então a suposição básica na qual nós estamos a operar em Dianética. A suposição é um postulado exequível na medida em que a sua aplicação produz resultados muito vantajosos. A pessoa relativamente sã fica mais sã. O doente psicossomático fica bem. O infeliz fica capaz obter prazer e levar uma vida feliz e nós temos a possibilidade de originar bastante sanidade entre os homens para parar o assassinato em massa da guerra. Nós podemos solucionar os problemas habituais de comportamento e montar uma melhor organização.

A pessoa que empreende o processamento doutro indivíduo em Dianética, só está à procura de elevar o "tom" desse indivíduo, por outras palavras, aumentar o seu potencial de sobrevivência. Para fazer isto, o processador simplesmente recupera para o outro o teta envolvido na mente reativa como enteta. Teta é restabelecido para a mente analítica e a mente reativa fica sem o seu conteúdo de turbulência destrutiva, e o indivíduo processado fica um liberto de Dianética ou claro.

A Coluna A do quadro é graduada como uma escala de tom. De facto esta escala tem muitos mais pontos e níveis que os que nós agora podemos medir e usar. A que altura pode ir, não temos na verdade maneira de saber neste momento. Para os nossos propósitos, é integrada para ser aqui usada, entre os níveis de -3 e 4.0.

Em -3 temos simplesmente MEST, um corpo morto qualquer que seja e estado de decadência em que se encontre. Só é diferente de outro MEST na medida em que foi organizado por teta em novas substâncias e compostos químicos, pois MEST evoluiu para novas complexidades através de teta, da mesma maneira que os organismos são desenvolvidos por teta. Em -1, pouco tempo depois da morte, temos células vivas do corpo. De acordo com alguns investigadores, algumas destas células vivem tanto como um ano depois da morte do organismo. Isto é, de qualquer modo, a banda celular de vida, diferentemente da vida do organismo.

Em 0.0 nós temos a morte no momento em que teta se retira do organismo. De 0.0 a 2.0 temos a banda de operação da mente reativa. Entre estes pontos da escala de tom, a mente reativa está aos comandos do

organismo. Nesta banda, a mente reativa, dirige o organismo de acordo com os engramas armazenados e o equivalente analítico do engrama, o elo.

De 2.0 a 4.0 temos a banda de operação da mente analítica.

Acima de 4.0 poderíamos postular outros níveis mentais, tais como a mente estética e outras mentes até à mente de teta livre, se é que tais coisas existem.

Esta escala de tom mostra o nível atual de sobrevivência do organismo. Também mostra o potencial de sobrevivência em termos de longevidade do organismo (a menos que, é claro, o processamento intervenha).

Quanto mais alto o indivíduo está na escala de tom, mais possibilidades ele tem de obter meios de sobrevivência, mais feliz ele é, mais saudável será o corpo dele.

De facto um indivíduo flutua nesta escala de hora para hora e de dia para dia. Ele recebe boas notícias e vai momentaneamente para 3.0. Ele recebe más notícias e pode descer por momentos a 1.0. Ela apaixona-se e por um mês está a no nível 3.5. A namorada deixa-o e durante uma semana está no tom 0.5. Quando é muito jovem anda à volta do tom 3.5. À medida que fica mais velho, o tom dele desliza até 2.5. Como homem velho, ele pode, lenta ou rapidamente, deslizar até 0.0 e morte.

Nós estamos interessados no nível médio do indivíduo do período de vida que estamos a abordar. A média é bastante constante. O lugar médio de um indivíduo no quadro pode ser aferido inspecionando as outras colunas. Assim, a sua média pode ser 2.7 na escala de tom e ainda assim alcançar 3.5 numa ocasião, e ainda descer a 0.5 noutras ocasiões, mas apenas por pouco tempo.

A posição constante na escala de tom é determinada por três fatores. O primeiro é o enteta acumulado na pessoa - quantidade de teta perturbado em engramas e elos analíticos que se voltam contra ele e o forçam a atividades de não-sobrevivência ou o compelem ou o inibem em ambientes que contêm perigos imaginados.

O segundo fator é a quantidade de teta que a pessoa possui como força vital. Seria este o seu volume de teta. É outra dimensão no quadro. Terror é alto volume de medo. Uma pessoa que tem mais volume de teta do que outra, pode por isso aguentar mais turbulência, mais engramas. A pessoa pode ter tão pouco teta nativo, que meia dúzia de engramas converterão tudo em enteta, deixando a pessoa louca. Outra pessoa pode ter tanto teta, que milhares de engramas ainda o deixam com verdadeiro teta, o bastante para continuar a viver uma vida produtiva na zona superior a 2.0.

O terceiro fator é uma relação entre a mente analítica e a mente reativa. Um indivíduo pode ter um nível reativo de 1.0 e um nível analítico de 3.5. O resultado é que quando está num ambiente restimulativo, ele pode ser encobertamente hostil, mas num ambiente mais favorável, ele pode ser analiticamente muito produtivo. Estas duas mentes tendem para uma média constante. Todo aquele que faz processamento - auditor, como é chamado em Dianética - precisa saber esta escala de tom, que dá a percentagem de teta do caso, o qual através de engramas e elos se tornou cronicamente enteta.

Para elevar uma pessoa nesta escala de tom é apenas necessário recuperar ou converter enteta para teta. Por outras palavras, remover da vida de uma pessoa as bolsas de turbulência ou desrestimulá-las.

Um auditor não está a tentar curar coisa alguma. Ele está simplesmente a elevar o tom. Num tom elevado, é comum desaparecerem as doenças psicossomáticas e as aberrações. Mas isto é acessório. A tarefa é fazer um ser humano mais feliz, mais eficaz, mais capaz de aceitar responsabilidade e ajudar o homem seu semelhante. Que a pessoa processada fique “bem” nesse período e permaneça “bem”, é um bónus.

Qualquer coisa que eleve o tom de uma pessoa pode ser considerada processamento legítimo. Isto inclui, está claro, nutrição, ambiente e educação, assim como processamento. Levar simplesmente a pessoa a ver o filme que ela quer ver pode elevar o seu tom. O processamento alcança subidas permanentes de tom. Se algum lado é ilegal processar pessoas, então deve, por conseguinte, ser ilegal, fazer as pessoas felizes.

CAPÍTULO DOIS

COLUNA B

Avaliação Dianética

As metas de Processamento de Dianética formam uma escala graduada. De facto, esta escala também é a escala de sanidade, pois há um paralelo entre a quantidade de força vital (teta) disponível no indivíduo para a sua sobrevivência e a quantidade de sanidade que ele exibe. A turbulência desta força vital diminui, não só a sua sanidade, mas também o seu nível de sobrevivência. A expectativa de vida do indivíduo é também proporcional ao seu bem-estar físico (ausência de fatores que predispongão a doença) e mental.

Por outras palavras, o Processamento de Dianética está diretamente preocupado com o aumento da capacidade do indivíduo para sobreviver, com o aumento da sua sanidade ou capacidade de raciocínio, da sua capacidade física, e do prazer geral da vida.

Ao olhar esta escala, também estamos a olhar para os tons emocionais do indivíduo à medida que ele reduz um engrama. Há uma relação muito direta entre esta escala e um desempenho natural. Ao reduzir um engrama sob processamento, o indivíduo pode começar num tom de apatia; a segunda ou terceira vez que o relata, ele ficará hostil para com as pessoas do engrama, mas não expressará essa hostilidade. Então ele começa a ficar furioso com as pessoas que lhe fizeram isto. A fúria enfraquece para antagonismo. Então ele fica aborrecido com a coisa toda. Relatando mais, trá-lo para um alegre estado de espírito e finalmente ele simplesmente se ri disso. Foi esta sequência de comportamento, de um engrama a reduzir com processamento, que deu a pista para a existência destes pontos da escala de tom.

No topo do quadro temos níveis de possível bem-estar que ainda não explorámos e que, embora tenhamos esperança, não podem ser alcançados neste momento. A nossa tecnologia não chega onde a dedução e observação diz que o indivíduo pode ir. Nesta gama de 4.0 a 40.0 da escala de tom, ficam muitos estados de ser possíveis. O que é o ser teta? Onde é que o homem pode chegar na direção da espiritualidade? Como é que os percéticos completos de teta podem ser melhor descobertos, se é que na verdade existem? Estas são algumas das perguntas. A tecnologia pode possivelmente ser desenvolvida, o que permitirá ao homem chegar a um estado mais alto do que agora, com as nossas técnicas atuais de processamento de Dianética.

O ponto mais alto que podemos alcançar neste momento com Processamento de Dianética é o que aqui é chamado Claro de MEST. Há provavelmente vários tipos de claros e várias condições de ser claro. Um Claro de MEST seria um indivíduo que já não retém engramas ou elos, tendo estes sido apagados pelo processamento de Dianética. O apagamento de todos os engramas e elos num indivíduo repõe em jogo toda a sua

dotação de teta. A sua bolsa de teta pode ou não ter sido aumentada por outros meios. Isso seria uma questão para resolver acima deste nível da escala de tom.

Um claro em Dianética é então simplesmente aquele cujos engramas e elos são apagados e que não está confundido, obcecado ou impelido por momentos passados de dor física. Esta meta fica muito, muito para além de qualquer coisa pressentida por investigadores tais como Freud. Pode haver metas muito para além do estado de Claro de MEST.

Na verdade um claro fará isso. A psicometria e todos os testes à aberração demonstram que o claro é desaberrado. As recordações dele são excelentes. A estabilidade mental dele é muito boa, uma vez que as circunstâncias ambientais não o podem fazer agir irracionalmente por causa das aberrações. As suas emoções e capacidade para desfrutar a vida são livres. Ficando claro, o indivíduo atinge uma inteligência de longe maior do que desfrutou antes do processamento.

Um claro não ganha imediatamente asas ou brota uma aura de dez quilowatts. Ele não é o super-homem. Mas tem as suas vantagens. Ele tem menos acidentes, e nenhum causado por ele próprio. É saudável. A educação e experiência está disponível para quando precisa. Age dentro da razão e raciocina rapidamente. O seu tempo de reação é aproximadamente metade do normal. Da sua longevidade não temos maneira de saber neste momento, mas só podemos supor que é mais alta do que se tivesse permanecido aberrado.

Existe uma tendência geral para olhar um claro como um ser espetáculo. Certo, ele é melhor do que o homem alguma vez foi antes. Mas foi posta muita ênfase nos truques mentais que um claro pode ser capaz de fazer, na capacidade dele para recordar com precisão, na capacidade dele para ver outra vez qualquer coisa que ele tenha contemplado. Na questão de viver, estas coisas não são importantes.

A felicidade é importante. A capacidade de organizar a vida e o ambiente de forma a que a vida possa ser melhor desfrutada, a capacidade de tolerar as fraquezas do seu semelhante, a capacidade de ver os verdadeiros fatores numa situação e resolver problemas da vida com precisão, a capacidade de aceitar e executar responsabilidades, são coisas importantes. A vida não vale muito a pena se não puder ser desfrutada. O claro gosta de viver num grau muito elevado. Ele pode fazer face a situações que, antes de ser clarificado, o teriam reduzido à destruição. A capacidade de viver bem e completamente e desfrutar dessa vida, é a dádiva do claro. Os que procuram truques podem mais facilmente encontrá-los no circo.

O claro tem a vantagem de não conter, esconder dele próprio, dor e situações dolorosas do seu passado que, sendo restimuladas pelo ambiente, perturbam a sua razão e adoece o seu corpo. O claro é produzido apagando simplesmente todos os engramas e elos - dor e momentos dolorosos do passado. Ele é a meta técnica atual do processamento de Dianética.

Ele é chamado um “claro” porque a sua personalidade básica, a sua autodeterminação, a sua educação e experiência, foram clarificadas de sombras aberrativas.

Verdadeira experiência demonstra que o homem, uma vez liberto de controlo e dominação social imposta por outros, é basicamente bom. Ele só é malévolos quando está aberrado. A redução das suas aberrações descobre que o homem é bem intencionado para com os seus companheiros. A razão mais alta, neste mundo de interdependências complexas, depende de mais altos níveis de cooperação do indivíduo com os companheiros e ambiente e duma atitude construtiva para com a vida. Quanto mais aberração (engramas e elos) é eliminada de um indivíduo, mais independente e mais cooperativo ele é.

Há quatro terapias válidas, se desejamos usar o termo livremente. A primeira é o processamento de Dianética. Isto liberta o indivíduo da dor e emoção dolorosa que lhe aberra a razão. A segunda é a educação. Isto doutrina o indivíduo na cultura em que vive e dá-lhe a perícia de sobrevivência que o habilita a sobreviver melhor. A terceira é mudar de ambiente para um menos restimulativo, mais feliz para ele, e no qual ele possa sobreviver melhor. Isto incluiria nutrição, cuidados médicos, e recreio. A quarta é regular a quantidade de MEST que o indivíduo deve controlar. Pode ser-lhe dado menos, se ele tem demais, e pode ser-lhe dado mais se ele não tem bastante em relação a teta, ou o MEST que ele está a tentar controlar pode ser mudado para outro tipo de MEST (sublimação).

Todas estas quatro terapias fazem a mesma coisa: elas aumentam a sobrevivência do indivíduo dando-lhe melhores utensílios de sobrevivência, melhores condições para sobreviver, melhores razões para sobreviver. Qualquer destas faz uma coisa básica: ela eleva o indivíduo na escala de tom. Sendo o prazer a recompensa da sobrevivência, dar, por exemplo, prazer ao indivíduo, eleva o seu nível de sobrevivência. Contudo, as últimas três destas terapias serão relativamente ineficazes, se o indivíduo tiver aberrações contra o prazer ou mudar de ambiente ou aprender a vida, e assim nós chegamos à conclusão que o primeiro passo para um nível de sobrevivência mais alto seria libertar o indivíduo das suas aberrações. O resto deve seguir dentro de limites razoáveis.

O auditor que regularmente faz processamento e foi treinado para isso usará qualquer método para elevar o tom do seu preclaro*, pois quando o tom é elevado, o processamento é mais fácil. O que se pode fazer com um indivíduo completamente apático, é quase só aumentar o seu tom, usando um dos últimos três métodos; feito isto, ele pode ser processado.

Assim nós temos a atual meta final do processamento: o claro. Este é a meta de longo alcance. Não é rapidamente alcançada. É alcançada, evidentemente, só com muito boa audição e nas mãos de um auditor um pouco mais alto na escala de tom do que o preclaro.

Uma meta consideravelmente mais próxima é o libertado de Dianética. O libertado alcançou um ponto onde já não tem doenças psicossomáticas, onde tem boa estabilidade e onde pode desfrutar da vida. Se simplesmente tirássemos todos os engramas e secundários de um caso, a pessoa teria uma libertação de Dianética. O libertado de Dianética está muito acima do normal e, isso nunca foi atingido antes por qualquer método conhecido de terapia.

* Preclaro: qualquer pessoa que sofre o processamento de Dianética.

O teste psicométrico do liberto de Dianética usual mostra que está numa condição mental muito superior.

Uma meta ainda mais próxima no início do processamento é o normal muito alto. Isto significa que uma pessoa está bem acima do nível atual em termos de intelecto e comportamento médios. Uma pessoa atinge, em processamento, os níveis que é capaz de atingir, por causa da dotação genética, educação e potenciais físicos atuais. Ela fica o melhor que se pode fazer daquilo que ela é nativamente. Por isso, um idiota por dotação genética alcançaria o nível de idiota quando processado, mas ele teria que estar, por causa da aberração, perto do nível de idiota quando começou. Um intelecto médio, através de processamento, alcançará um nível de estabilidade e capacidade muito acima da média. Daí, para alcançar um normal muito alto, a pessoa teria que no início ter estado, não muito abaixo da média. O uso do termo “média” ou “normal” é suscetível de considerável confusão. Ele simplesmente significa a média de inteligência e capacidade da população. Ela é notavelmente baixa nos Estados Unidos comparada com o que poderia ser. Mas a média dos Estados Unidos é consideravelmente mais alta do que, por exemplo, a do Panamá.

O próximo nível é aborrecimento. Esta é a fronteira entre o que é chamado neurótico e o que é chamado normal. Ambição moderada mas de inusitada, um estado de espírito para com a vida que não é nem descontente nem contente, um sem propósito na vida, marcam este estrato. É de facto um estrato bastante lamentável, mas é tão superior ao que fica por baixo dele que o auditor que pode trazer um caso de ira até aborrecimento considera que fez muito bem, e de facto fez.

Abaixo disto temos o nível de hostilidade aberta. Aqui está o resmungão ocasional, o indivíduo queixoso que ainda assim não erra quando encontra algo errado. O tipo “honesto cego” que com falta de tato esfacela os sentimentos mais ternos dos companheiros acha-se nesta banda.

Em 2.0 cruzamos a fronteira entre a mente reativa e o controlo da mente analítica. E só abaixo disto nós obtemos a banda de raiva. Aqui está a pessoa de ódios bastante contínuos. Aqui temos ação impulsiva e destrutiva.

Abaixo de ira entramos num nível ligeiramente mais queixoso, hostilidade encoberta. Aqui está o tipo que odeia mas tem medo de dizer que odeia, que lida com deslealdade e ainda assim espera ser perdoado. No ponto mais baixo de hostilidade encoberta ou escondida, temos uma pessoa continuamente assustada, o indivíduo dominado por medos, a pessoa que tem medo de ser ou possuir qualquer coisa.

Um nível muito mais sério é o nível de apatia. Aqui está o suicida. Aqui está a pessoa que perdeu tanto na vida que não pode fazer face a nenhuma situação, mas simplesmente se rende a tudo. Se o auditor puder trazer a apatia para hostilidade encoberta, ele realizou uma subida no tom. Mas os delitos da parte do auditor levam provavelmente o caso de apatia para baixo, para paralisia completa ou morte. Trata-se de um estado de espírito muito perigoso e vizinho da morte.

Finalmente temos a mais baixa banda da vida orgânica, a morte fingida. Alguns animais desenvolveram o mecanismo de morte fingida como sobrevivência. A morte fingida diz, “eu não sou perigoso. Eu estou morto. Vai-te embora e deixa-me em paz”. O soldado no campo de batalha que de repente fica paralisado, está a usar este mecanismo. Algumas raças, a chinesa em particular, descem para este estrato e de facto morrem por suicídio. O auditor que pode levar um caso de morte fingida a abrir e fechar os olhos, está a alcançar resultados notáveis.

Finalmente temos a banda abaixo de morte e do corpo MEST e a estes não podemos fazer nada, está claro.

O mais certo que um homem pode estar, é sobreviver infinitamente. O nível 0.0 é morte. Até que ponto pode uma pessoa estar errada? Até à morte!

Quanto mais alto uma pessoa pode subir nesta escala, mais certa ela está em termos de razão, em termos de sobrevivência e em termos de bem-estar geral. Quanto mais alto, mais feliz. Quanto mais baixo, mais triste.

O único intento do processamento é elevar o indivíduo de estratos mais baixos para estratos mais altos desta escala.

CAPÍTULO TRÊS

COLUNA C

Fisiologia e Comportamento

Debaixo desta coluna nós temos dados consideravelmente mais complexos do que qualquer outra secção deste livro, mas que são de interesse considerável para biólogos e outros cientistas.

O auditor não tem que a saber de cor, nem mesmo compreender os seus termos.

O que é preciso compreender nesta coluna, é que ela dá uma pista para o comportamento e fisiologia dum indivíduo ou, ao invés, permite o auditor localizar melhor o preclaro no quadro, de facto o propósito de muitas destas colunas.

Há três ações principais pelas quais a vida se maneja a si própria e MEST. São elas 1. Ataque, 2. Retirada, 3. Negligência. Estas são divididas pelas suas posições relativas na escala de tom.

Comportamento	Fisiologia
Tom 4 Movimento em frente, Aproximação rápida.	Controlo total do sistema nervoso autónomo pelo córtex, ambos os sistemas de funcionamento autónomo Crânio-sacral e Torácico-lombar em ótimo funcionamento, sob a direção do córtex.; vigor muscular excelente, reações excelentes.; alto nível de energia.
Tom 3,5 Movimento em frente, Aproximação.	Controlo moderado do sistema nervoso autónomo pelo córtex; crânio-sacral a funcionar bem., torácico-lombar ligeiramente deprimido; vigor muscular bom; reações boas; nível moderado de energia.
Movimento em frente, Aproximação lenta.	Sistema nervoso autónomo a funcionar independente do córtex; crânio-sacral a funcionar bem, ligeira atividade no torácico-lombar, vigor muscular aceitável; reações aceitáveis; nível de energia aceitável.
Tom 3,0 Nenhum movimento. Fica.	Sistema nervoso autónomo independente do córtex; Crânio-sacral a funcionar bem, mas nenhuma atividade torácico-lombar; vigor muscular, tempo de reação e nível de energia, pobres.
Tom 2,5 Movimento de afastamento. Retira lentamente.	Sistema nervoso autónomo começa a tomar o controlo; crânio-sacral inibido, torácico-lombar em cima; ligeira inquietação; atividade aumentada, atenção vacilante.
Movimento de afastamento Retira rapidamente	Atividade torácico-lombar aumentada, crânio-sacral mais suprimida; aumento da inquietação, atenção vacilante, incapaz de se concentrar.
Tom 2,0 Movimento para a frente Ataque lento.	Atividade torácico-lombar aumentada, crânio-sacral inibido; irritabilidade; Ação do coração aumentada, contrações espasmódicas do trato gastrointestinal, respiração aumentada.
Tom 1,5 Movimento para a frente Ataque violento	Mobilização total do sistema nervoso autónomo para ataque violento; inibição completa crânio-sacral, torácico-lombar totalmente em ação; respiração e pulso rápidos e profundos; estase do trato gastrointestinal; sangue no sistema vascular periférico.

Tom 1,1 Movimento de afastamento Retirada lenta.	Sistema nervoso autónomo cai para reação raivosa crónica, inibição crânio-sacral; ação gastrointestinal imperfeita; circulação periférica vascular aumentada; pulso e respiração aumentados.
Tom 0,9 Movimento de afastamento Debandada violenta.	Mobilização do sistema nervoso autónomo para total reação de fuga; diarreia; todo o sangue no sistema vascular periférico, especialmente músculos prontos para fuga rápida; respiração e pulso rápidos e superficiais.
Tom 0,5 Movimento leve Agitação num lugar. Sofre.	Sistema nervoso autónomo mobilizado para gritar por socorro, desgosto; Crânio-sacral a fundo; torácico-lombar inibido; respiração profunda, aos soluços; pulso duro e irregular; descarga de lágrimas e outra secreções corporais.
Tom 0,1 Nenhum movimento Morte aparente	Reação de choque. torácico-lombar inibido. Crânio-sacral a fundo, decrescer gradualmente como organismo à medida que se aproxima da morte. Respiração superficial e irregular. Pulso filiforme. Sangue depositado em órgãos internos. Músculos flácidos, sem vigor. Palidez.
Tom 0,0 Morte	Cessação da função orgânica.

CAPÍTULO QUATRO

COLUNA D

Gama psiquiátrica

O auditor deve saber três termos psiquiátricas, os únicos que encontrará em Dianética conforme usados em psiquiatria.

Estas condições são: 1. Psicótico, 2. Neurótico, e 3. Psicossomático.

Psicótico realmente não é um substantivo, mas um adjetivo. Contudo, a psiquiatria usa-o como substantivo para significar um indivíduo afigido com psicose. Uma psicose é qualquer forma principal de aflição ou doença mental. Por outras palavras, um psicótico, do nosso ponto de vista, é um indivíduo que não pode manejá-lo a si próprio ou ao seu ambiente o bastante para sobreviver, e que tem que se preocupar para proteger os outros dele ou para proteger-se de si mesmo.

O estado psicótico que recebe o maior interesse, é aquele que ameaça a sobrevivência do indivíduo ou dos que o rodeiam. Tal psicótico é posto numa instituição, quando há lugar para ele. Caso contrário, ele vagueia pela cidade ou país. Contudo, muitas outras pessoas são psicóticas, mas isso não é suficientemente alarmante como ameaça para eles próprios ou para os outros, para serem internados numa instituição.

A próxima classificação é simplesmente uma questão de graduação. O neurótico é o indivíduo mentalmente afigido, mas que pode executar uma ou outra função razoável.

O termo, psicossomático, significava uma doença provocada ou notavelmente influenciada por “o estado emocional do paciente”. De facto, mais praticamente, poderia dizer-se que é uma doença provocada pela mente. Cerca de setenta por cento das doenças do homem são psicossomáticas.

Em Dianética, nós usamos estes termos como segue:

Psicótico: Uma pessoa fisicamente ou mentalmente prejudicial aos que o rodeiam, em desproporção com a sua utilidade para com eles.

Neurótico: Uma pessoa principalmente prejudicial para ele próprio por causa das suas próprias aberrações, mas não ao ponto do suicídio.

Somático crónico: Uma doença psicossomática, uma vez que se descobriu que a doença psicossomática é apenas um somático restimulado de algum engrama, desaparecendo quando o engrama é contactado e reduzido ou apagado.

Este quadro dá uma escala na qual a psicose e a neurose podem pela primeira vez e com precisão ser classificadas e descritas. A Dianética não precisa de uma terminologia mais complexa do que a que tem. A definição de nível de tom individual através de números e a menção de engramas obviamente manifestados dão a pista adequada para o que há a fazer com o preclaro.

As personalidades psicóticas e neuróticas são ocasionadas pelos engramas de um psicótico ou neurótico em particular. Estas peculiaridades de comportamento têm como raiz certos comandos engramáticos, palavras contidas em momentos passados de dor e inconsciência. Um engrama pode provocar um estado maníaco, em que o indivíduo declara histérica e continuamente que está contente ou forte e ainda assim está muito em baixo na escala. Essa condição é trazida à luz pelo auditor, inspecionando o quadro em relação às outras manifestações do preclaro. Qualquer coluna ou característica do quadro pode ser alterada por um padrão de engramas ou educação severa, mas as outras partes do quadro permanecerão constantes para aquele nível. Por exemplo, como no caso de um engrama maníaco, o indivíduo parece estar à primeira vista contente, dizendo-o mesmo repetidamente. Mas uma inspeção adicional demonstra que esta pessoa é muito tímida, que dá presentes para comprar as pessoas, que é dada a suspeita e mentiras nocivas sobre pessoas. O engrama maníaco exige a manifestação do tom 3.5, mas isto não altera a posição do preclaro no quadro.

Isto não é muito complicado e é muito importante. Para estabelecer o nível de sanidade no quadro, o auditor tem apenas que localizar o nível que contém a maioria das manifestações do preclaro. Quase todos os casos terão no quadro um lugar que não corresponde à maioria das características referidas no quadro. Por outras palavras, procure a maioria das características, o nível onde o preclaro se encontra na maioria das colunas. Não se preocupe se o preclaro não se ajustar a uma ou duas colunas. Uma cadeia de engramas pode comandar um aspecto maníaco ou depressivo do preclaro, para um assunto ou coluna particular. Os engramas que ordenam, para um assunto do quadro ou característica da vida, um tom mais baixo do que o verdadeiro tom do preclaro podem ser duros para o preclaro, mas contêm um certo fator de segurança para o auditor. O maníaco, que ordena através de engramas, um tom mais alto do que o verdadeiro tom numa ou duas colunas, é que é perigoso; é que o auditor pode então tentar usar um nível de processamento muito alto para o caso dele. Em dúvida, trabalhe o preclaro num tom ou dois abaixo do que calculou no quadro. O psicótico maníaco-depressivo potencial pode ser empurrado para uma quebra psicótica, ao ser trabalhado à força muito alto no quadro.

A salvação em diagnóstico, é que um maníaco-depressivo nem sempre está maníaco ou num tom alto, mas está muitas vezes depressivo e num tom bem baixo.

Nenhum auditor, a não ser que qualificado, tem nada que trabalhar com um psicótico. O perigo de manejar psicóticos é muito grande. Este perigo não surgiu com a Dianética. Desde o princípio dos esforços do homem para resolver o enigma da insanidade, o psicótico constituiu um grande risco para o terapeuta. A percentagem de psicóticos que cometem suicídio durante o tratamento ordinário é imensamente maior do que a percentagem de suicídios de psicóticos durante o Processamento de Dianética. A conclusão a que chegamos é que os psicóticos cometem suicídio facilmente. Eles cometem suicídio mais frequentemente quando nas mãos de outros terapeutas do que nas mãos dos que sabem Dianética.

Quando uma pessoa cai abaixo do nível 2.0, ela tem tanto enteta comparado com teta, que um choque súbito pode perturbar simplesmente o teta restante e enviá-lo para uma quebra psicótica. Quando todo o teta está perturbado, a sua reação é desmanchar teta e MEST, por outras palavras, causar morte e remover o organismo do caminho de outros organismos. Os suicídios são normalmente ajudados por engramas que especificamente exigem o suicídio. Mas o suicídio é uma manifestação aparentemente natural, um meio rápido de separar teta e MEST e ganhar a morte depressa. O suicídio é sempre psicótico.

As pessoas abaixo do nível 2.0, não importa a sua intenção declarada, trarão a morte ou dano às pessoas, coisas e organizações à sua volta, se estão na chaveta de raiva, ou morte a eles próprios, se estão na chaveta de apatia. Toda a gente abaixo do nível 2.0 é um suicida potencial. Por exemplo, o fascista, face a qualquer severo revés é quase sempre um suicida seguro, estando o fascismo abaixo da linha 2.0.

Um psicótico é uma ameaça de morte para uma pessoa ou algo, quando não é para ele próprio. Um maníaco-depressivo, às vezes alegre e aparentemente só neurótico, está na verdade muito em baixo na escala e pode cometer suicídio de repente, sem qualquer aviso real.

O psicótico é definitivamente um risco para o auditor, não tanto por causa do processamento ou de quão inexperto ele possa ser, mas é que pode entrar de repente algum fator no ambiente do psicótico que o faz cometer assassinio ou suicídio. Isto pode ser então atribuído ao processamento. Todas essas ações da parte de pacientes psiquiátricos são perdoadas à psiquiatria como uma consequência natural do manejo de psicóticos. Maneje-se com suavidade, mantenha-se fora de um ambiente de não-sobrevivência, e o psicótico pode ser tratado em Dianética com muito êxito. Mas não fique espantado se o seu preclaro hoje parecer alegre, à noite entrar numa quebra psicótica e amanhã cometer suicídio, depois de assassinar a família. Abaixo 2.0 na escala de tom, temos teta e MEST a tentar separar-se e a tentar provocar a morte.*

* Um dos nossos mais brilhantes instrutores, David Cary, da Fundação de Los Angeles, tinha casado, muito tempo antes da Dianética, com uma rapariga psicótica. Ele entrou na Dianética primeiro para a tentar ajudar. Persuadiu-a a fazer um curso com ele na Fundação. Tentou tudo o que pôde para lhe dar processamento, mas como ela lá estava de facto sob protesto, não lho aceitaria. Cary tornou-se instrutor e tem excelentes antecedentes no ensino e perícia, enquanto que ela se separou dele. Ela não era claramente psicótica, embora o departamento de treino de Los Angeles a tivesse recusado como estudante de longe abaixo da capacidade, pela sua psicometria e uma tentativa de suicídio anterior, e só foi persuadido a aceitá-la como um favor a Cary. Algum tempo depois, num esforço de lhe trazer um pouco de alívio, Cary tirou uma licença foi para casa. Lá ele foi morto pela esposa que depois cometeu suicídio. A sua devoção e o esforço para a ajudar tinham sido confundidos. Ela tinha sido intensamente inacessível. Ele tinha sido avisado muitas vezes pelos amigos da Dianética que ela era perigosa. Mas aquele perigo estava escondido. A devoção de Cary custou-lhe a vida e custou à Dianética um instrutor brilhante e um homem bem-amado por todos os que tiveram a oportunidade de o conhecer. Esta nota de rodapé não é incluída aqui simplesmente como homenagem a David Cary, mas como informação aos maridos ou esposas que procuram ajudar um cônjuge psicopata. A audição entre marido e mulher é no mínimo difícil, uma vez que os cônjuges são usualmente muito restimulativos um para o outro. Como o marido e esposa melhor seria fazer arranjar outro casal com quem fazer audição. Se um deles é psicopata, devem procurar o melhor auditor profissional Dianética.

Ao tratar psicóticos, lembre-se sempre que está a trabalhar na presença de um mínimo de teta e de um máximo de enteta. Por isso, um choque súbito pode restimular um engrama de tal maneira, que o teta restante perturba e desaparece, deixando um elo composto de enteta. Lá se vai a sanidade. Aborde o elo com suavidade e transforme-o de novo para teta com grande cuidado e precaução.

Nenhuma mistura da Dianética com antigos tratamentos ou práticas de qualquer tipo é recomendada ao auditor. O resultado dos choques elétricos é um engrama severo numa mente reativa já de si sobrecarregada, sem qualquer forma de êxito além de tornarem alguns pacientes tão apáticos que são pouco aceitáveis na sociedade. A psicocirurgia, removendo pedaços do cérebro, foi desde há muito reconhecida como um fracasso total, pois nada tem a ver com uma verdadeira “cura”. A associação livre é um procedimento há muito descartado, sendo, quando muito, de valor muito questionável. Restrições e compressas frias só conseguem levar o paciente para um mais profundo estado de letargia*. Não devem tolerar-se tais métodos nem permitir o seu uso nos preclaros, pela simples razão que eles não funcionam.

Maneje o psicótico com suavidade. Respeite o seu direito a um cérebro inteiro e a um futuro. Não o considere o seu brinquedo ou animal experimental. Acima de tudo, quando está a auditar, seja um ser humano civilizado. Não tente castigar o seu paciente porque ele se “recusa a melhorar”. Os seus engramas e turbulência geral tornam o seu preclaro de muito difícil acesso. A sua personalidade básica está lá a tentar ajudar. Suavize o enteta e faça dele teta, e faça-o tão suavemente quanto puder. Não perca a paciência ou recorra a métodos drásticos. Seja civilizado. O Homem pode ser manejado apenas com razão, não pela força Hitleriana. À pancada não se pode levar um homem à sanidade. Se você se sente tão exasperado por um preclaro que gostaria de ralhar com ele ou de lhe bater, pare a sessão e acalme-se. Não o encha de sedativos nem o ponha o restrinja. Sendo cortês e sereno como possivelmente pode ser, o auditor aumentará grandemente o seu sucesso no tratamento do seu semelhante. E para obter os melhores resultados com psicóticos, você tem que ser primo de um santo.

Qualquer esforço para sanar um paciente à pancada ou a ralhar, encontrará o fracasso. A prova disso é os 19.000.000 de loucos, internados ou em liberdade, só nos Estados Unidos. Não se convença que tem direito de propriedade ou poder de vida-e-morte sobre seu semelhante. Deixe isso para os autoritários consumados, que infelizmente são muitos.

Seja um ser humano e obterá bons resultados.

* A ação de ficar sonolento, parecendo dormir. Do original inglês: boil-off.

CAPÍTULO CINCO

COLUNA E

Gama médica

O médico, até há pouco tempo atrás, raramente pensou nos pacientes em termos de desordem mental. Recentemente ele reparou que uns setenta por cento das doenças do homem são de origem mental, quer dizer, as doenças psicossomáticas respondem por uma grande maioria das doenças.

Além das comumente listadas como doenças psicossomáticas, muitas outras devem ser suspeitadas, por causa de outro fator. A própria Infecção bacteriana é ajudada pela presença de engramas. Por isso a percentagem é possivelmente mais alta.

O engrama ajuda bactérias e vírus deste modo. A lesão física (o enMEST do engrama) reside numa certa parte do corpo, naquela parte que foi ferida. Digamos que um engrama é recebido por causa de uma lesão severa no tórax. Este engrama pode não ficar ativo por muitos anos. Mas depois de conectado, provoca uma fraqueza no tórax, na medida em que o sangue e fluidos endócrinos tendem a evitar a área como se tivesse sido ferida agora mesmo. Para dentro desta área debilitada, podem vir bactérias de um ou outro tipo, como os da pneumonia ou da tuberculose. É uma infecção temporária. Mas agora a área é restimulada pela dor da infecção e logo o engrama é mais conectado e reforçado e a área do tórax não pode ficar bastante resistente para eliminar a infecção. Por isso nós temos as infecções crónicas, as doenças prolongadas.

Tecnicamente pode dizer-se que há três fases numa doença: 1. predisposição, 2. precipitação, e 3. perpetuação. O engrama responde por estas na medida em que enfraquece uma área do corpo ou um órgão como o coração, provocando então pela conexão ao engrama a doença e finalmente, porque a dor conectada se mantém em restimulação, faz a doença permanecer.

No que toca a lesões, os engramas causam aparentemente propensão para o acidente. O engrama pode comandar a pessoa para se ferir a si própria ou a outros. Um engrama desses restimulado num preclaro provocou-lhe “sem querer” um ferimento severo na mão três vezes numa semana. O engrama foi encontrado e reduzido e o preclaro nunca mais se feriu nessa mão. Por isso os acidentes de maior ou menor importância podem ser atribuídos a engramas. Um comando num engrama como “tenho sempre que me ferir” levará o indivíduo a fazer isso mesmo.

O sistema endócrino é muito sensível ao pensamento e está sob controlo do pensamento. Um médico que assistiu a uma série de conferências de Dianética adiantou-se e, bastante transtornado, disse, “Durante quarenta anos de estudo e prática, tenho usado o conceito padrão de que a estrutura controla a função. Finalmente vejo que o que você está a dizer é ao contrário. A função controla a estrutura. Agora talvez nós possamos resolver mais alguns problemas”.

Desequilíbrios endócrinos como tiroide reduzida, excesso de peso, capacidade sexual reduzida, esterilidade, e muitos outros, são monitorados por engramas. A prova disto é simplesmente que quando engramas são reduzidos, os desequilíbrios glandulares tendem a corrigir. Também, os engramas reduzem a aceitação de hormonas artificiais pelo corpo, pois quando os engramas são reduzidos, as hormonas artificiais podem ser administrados com benefício.

Há um índice direto entre a quantidade de enteta num indivíduo e a sua saúde física. Isto é manifesto quando examinamos o estado de saúde do psicótico. Um caso de morte fingida é quase impossível manter vivo. Casos de apatia sofrem de fome e desenvolvem doenças e não podem resistir às menores infecções, assim como choques de desgosto são tão frequentemente seguidos de doenças. O indivíduo encobertamente hostil é usualmente um hipocondríaco, está continuamente a desenvolver doenças que até ele sabe serem falsas. O caso de ira sofre de toda a espécie de doenças, particularmente artrite e outras doenças que se instalaram como somáticos crónicos e desenvolvem depósitos que aumentam as glândulas que alteram a condição do coração e assim sucessivamente. Daí para cima na escala, quanto menos enteta e mais teta, maior a saúde física do indivíduo.

Como exemplo, uma jovem estava num hospital a recuperar de apendicite. Ela estava com febre, uma coisa muito séria nesse caso. Foi chamado um auditor, e depois de algumas perguntas descobriu que estava presa na banda do tempo num engrama de papeira. Ele trouxe-a para o tempo presente e a temperatura caiu para normal em dez minutos e a recuperação decorreu então calmamente.

Uma pessoa normalmente bem, mas temporariamente doente, desliza para baixo na escala de tom por causa de engramas temporariamente restimulados. Trazê-lo para o tempo presente, encurtará muitas vezes materialmente qualquer curso de doença.

Outra parte da Dianética Médica é a assistência de Dianética. Qualquer engrama muito recente pode ser corrido sem perigo. Apanhar engramas de lesões que aconteceram agora, encura demonstravelmente o tempo de recuperação e aumenta o potencial de vida ameaçado pelo acidente. Os choques ocasionados por operações e acidentes são, de acordo com observação, tornados menos perigosos pelas assistências de Dianética.

Em Dianética preventiva, a primeira regra é manter silêncio à volta de um ferido ou doente. Isto impede o engrama de conter palavras e reduz visivelmente a sua perigosidade. Vários hospitais praticam agora isto. Os médicos de outros hospitais achariam o seu trabalho muito mais fácil e com mais êxito, se simplesmente tornassem padrão a prática do silêncio completo à volta das mesas de operações.

Não deve ser negligenciado pelo auditor, independentemente da sua capacidade de quase fazer milagres face à doença física, que ainda existem vírus, bactérias e pernas partidas. O auditor faria bem reconhecer a função do médico como uma necessidade primária da sociedade. Quando uma artéria está a bombar a vida do paciente para o chão, o engrama recebido é a parte menos importante da circunstância. O importante é fechar a

artéria. Apanhar um engrama não curará, mas só ajudará a cura de ossos partidos. Enquanto que a maioria da cirurgia, admitido pelos próprios cirurgiões, é desnecessária, só a cirurgia, pode efetuar reparações de emergência. O campo médico é evidentemente o campo do doente agudo, e é um auditor sábio aquele que trabalha suave e harmoniosamente com médicos, no total reconhecimento de que a medicina é frequentemente o único meio de preservar ou prolongar a vida. O trabalho do auditor é encurtar o curso de qualquer doença, ajudar a cura de qualquer lesão e especialmente, trazer as pessoas para cima na escala de tom para um nível onde eles raramente serão vítimas de acidentes ou doenças.

CAPÍTULO SEIS

As leis fundamentais de Teta

Afinidade - Realidade – Comunicação

Há em Dianética um triângulo de grande importância. Teta, a energia de pensamento e vida, tem como manifestações primárias, afinidade, realidade, e comunicação.

Esta é a peculiaridade de teta: em vez das leis da coesão, matéria, e força do universo físico (MEST), o pensamento (teta) tem que ter afinidade, realidade e comunicação para sobreviver. MEST exige certas leis para sobreviver, ou obedece a essas leis na atividade de sobreviver. A energia e a matéria no espaço e tempo estão juntas de uma certa forma, governada por certas leis. A descoberta e uso dessas leis de MEST, constituem as ciências físicas. Teta também está duma certa forma junto, e a descoberta e uso dessas leis constituem a ciência da Dianética.

Nós quase não sabemos de tanto teta como sabemos de átomos e eletrões, a entidade paralela provável do universo físico. Eletrões, protões, neutrões e várias outras partes do fluxo de energia do universo físico a certas velocidades e, em várias combinações, existem e funcionam no universo físico. Por exemplo, há a velocidade de luz; há a composição de átomos e moléculas. Teta tem provavelmente várias leis semelhantes, e neste momento não sabemos muito acerca delas; mas sabemos o suficiente para reconhecer que há uma diferença entre as leis de teta da função e as da energia do universo físico.

Primordial entre as leis de teta é que teta tem uma Meta fundamental, a mudança de MEST. Ele muda MEST construindo unidades móveis que nós conhecemos como organismos vivos e, através deles, transformando MEST em várias formas e objetos ou destruindo essas formas e objetos.

Teta usa uma escala evolutiva em tempo presente. Formas de vida mais baixas apoiam formas de vida mais altas. Nós pensamos na evolução do passado como algo vindo lá detrás ao longo do tempo, numa escala graduada de várias espécies que mudaram à medida que o tempo passou, até às presentes formas de vida. Este conceito de evolução tem muitas limitações e buracos e não é muito funcional. Em Dianética, usando a teoria de teta, vemos que todo o teta está de facto em tempo presente e que nenhuma ação é possível exceto em tempo presente e aquele tempo presente é uma série contínua de momentos nos quais, momento a momento, teta muda MEST. Não é muito complicado ver que, ali mesmo, em tempo presente, temos a evolução a operar. O líquen e o musgo convertem cinza crua de MEST e rocha, em terra. Nesta terra podem crescer mais altas formas de vida vegetal.

Contudo, a vida vegetal não é muito móvel. Teta anima organismos compostos de teta e MEST. Mas as árvores mudam muito pouco MEST. Por isso, subindo a escala, encontramos teta envolvido na produção de animais e insetos. E os animais maiores, incapazes de viver da terra e da

luz solar, vivem das formas vegetais que convertem, elas próprias, a terra e a luz solar em comestíveis para formas mais altas.

Assim que nós subimos para muito complexas formas de vida como o mamífero, uma quantidade muito grande de MEST é visto ser convertido. Quando chegamos ao nível do homem, começamos a ver que teta pode criar ou destruir vastas formas de MEST.

Um homem que faz uma represa num rio e instala uma estação hidroelétrica, está, para a sua própria sobrevivência, a modificar MEST. Outro homem que vira um interruptor e ilumina uma lâmpada elétrica, está a mudar e a alterar MEST.

Teta, nesta cadeia de evolução e ali mesmo em tempo presente, existe num estado que pode mudar uma porção muito grande de MEST. Quanto mais aprendemos sobre MEST, mais MEST podemos mudar. E quanto mais aprendemos sobre teta, mais MEST podemos controlar e mudar. A bomba atómica é um caso de mudança de muito MEST numa direção que derrota muito teta, por isso consideramos a bomba um erro. Ela não aumenta a sobrevivência.

O homem pode razoavelmente mudar grandes quantidades de MEST. Por isso ele pode ser considerado um tipo de objetivo intermédio. Através de formas de vida mais baixas não podem mudar MEST em grande escala. O homem pode potencialmente construir ou explodir planetas. O homem evoluirá provavelmente para mais do que homem. Do ponto de vista educacional, ele vai longe quando começa a compreender algo sobre o seu próprio propósito de ser.

O ciclo pelo qual teta comprehende MEST é um muito simples. Teta colide fortemente contra MEST. Isto causa uma turbulência. Mas dessa confusão, teta extraí alguma minúscula lei de MEST e retira esta lei ora aprendida para aplicar a MEST, a fim de conquistar MEST. Não existe conhecimento sem uma turbulência primária. Teta conquista MEST retirando leis sucessivas de MEST e virando MEST contra MEST para o mudar. Teta, com este mecanismo de turbulência, pode aprender muito sobre MEST. Mas se teta ficar desordenadamente embrulhado com MEST então teta têm que ter alguns meios de se de perturbar a fim de aproveitar o que aprendeu na confusão. Teta tem que poder retirar a fim de voltar para uma conquista ordenada de MEST, a fim de usar as leis do universo físico para conquistar o dito universo físico.

O mecanismo básico de teta do passado era a morte. O ciclo criação, crescimento, decadência e morte, aplicava-se e aplica-se a uma espécie, como espécie, a um organismo, como organismo, ou a um grupo de organismos. A única maneira de teta poder libertar-se era evidentemente pela morte.

Com o advento de uma ciência do pensamento por meio da qual algumas das leis naturais de teta são compreendidas, o homem pode, numa vida, de perturbar o seu teta e MEST e beneficiar da experiência ganha com a turbulência. O que a Dianética faz à longevidade nem sequer foi inspecionado, mas altera certamente o propósito evidente do ciclo da morte.

Em Dianética nós temos muito a ver com afinidade, realidade, e comunicação. Seja qual for a precisão dos postulados básicos, torna-se evidente ao auditor, à medida que usa estes três pontos do triângulo, que ele dispõe de um utensílio altamente útil.

O triângulo afinidade, realidade e comunicação pode ser chamado um triângulo interativo na medida em que nenhum dos seus pontos pode ser elevado sem afetar os outros dois elevando-os, e nenhum dos seus pontos pode ser reduzido sem afetar os outros dois. A razão postulada para isto é que afinidade, realidade, e comunicação são componentes de teta, e por isso afinidade, realidade, e comunicação são três manifestações da mesma coisa.

Isto tem uma utilidade muito grande para o auditor. Por exemplo, quando o preclaro tem um bloqueio sônico completo, o auditor sabe que pode recuperar algum sônico, ou aumentando a afinidade de tempo presente do preclaro ou elevando o nível de realidade do preclaro. Igualmente, se a afinidade do preclaro é notavelmente baixa, o auditor pode elevar essa afinidade melhorando a comunicação e os conceitos de realidade do preclaro. E finalmente, quando a realidade do preclaro é baixa, pode ser elevada aumentando a afinidade e a comunicação.

Isto é altamente útil porque é frequente o auditor não poder diretamente descobrir o supressor num ponto do triângulo. Estoirando eles nos outros dois pontos, pode tornar este supressor acessível.

Quer uma pessoa compreenda ou concorde ou não com a teoria teta-MEST da Dianética, o postulado de afinidade, realidade e comunicação que deriva diretamente dela, são de infinita utilidade.

É muito difícil suprimir a afinidade de um indivíduo, a sua capacidade de receber ou dar amor, sem também suprimir a sua comunicação e fatores de realidade. Da mesma maneira, não se pode suprimir o fator de comunicação sem também suprimir a afinidade e fator de realidade. E finalmente, não se pode suprimir a realidade sem suprimir a afinidade e a comunicação. Por exemplo, uma mãe que diz a uma criança que não a ama, está também a proibir a criança de falar e embota a realidade dela, uma vez que a criança espera normalmente ser amada. Dizer à criança para estar quieta é também rejeitar a criança e é ofender o conceito dessa criança do que o mundo real deve conter. Contradizer uma das declarações ou convicções da criança, quer dizer, a sua realidade, também é quebrar a afinidade com ela e suprimir a sua comunicação. Não se pode tocar este triângulo em qualquer ponto sem afetar os outros dois pontos; e ainda assim, cada ponto é altamente específico e tem as suas próprias características.

Ao discutir teta, temos também que considerar que teta é medido numa escala gradiente de tom de 0.0 a 40.0. Num gama mais alta, teta poderá ser considerado num estado puro. Seria um rio de águas claras e calmas. Seria razão no seu máximo. Seria racionalidade completa. Seria realidade completa. Poderia realizar comunicação completa ao seu nível. E seria pura afinidade.

Descendo na escala de tom, cada vez mais dissonância poderia ser considerada introduzida em teta. A corrente fica, por assim dizer, cada vez mais tumultuosa, cada vez mais apertada dentro de bancos estreitos, correndo sobre pedras mais pesadas e depois baixios. Como analogia musical, poderia dizer-se que a nota se tornava cada vez menos uma vibração pura e harmoniosa e cada vez mais desafinada.

Descendo na escala de tom, afinidade, realidade e comunicação, formam em si mesmo uma dissonância entre si. Também, teta está numa confusão cada vez mais tumultuosa com MEST. Em vez de uma conquista ordenada e harmoniosa de MEST através de teta, à medida que a escala de tom desce para morte, vemos cada vez mais turbulência.

O impacto súbito de teta e MEST poderia ser considerado uma turbulência que cria dissonância em teta. Isto é registado e gravado como dor. De acordo com teoria e observação, teta e MEST assim compactados mudam as características de teta, e teta abaixo de 2.0 na escala de tom, pode ser considerado teta perturbado - teta que foi confundido e caoticamente misturado com o universo material e que permanecerá nesta confusão até a morte ou algum outro processo o de perturbar. A teta abaixo de 2.0, nós chamamos enteta.

O mecanismo aqui é simples. MEST, numa forma de vida, é um conjunto ordenado acima de 2.0 na escala de tom; considera-se que MEST está confuso e perturbado abaixo de 2.0 e é chamado enMEST.

Poderíamos fazer um diagrama que mostrasse teta e MEST acima de 2.0 e enteta e enMEST abaixo de 2.0. Acima de 2.0, teta e MEST estão cada vez mais ordenadamente misturados até MEST ficar inteiramente para trás e teta existir na sua fase de pureza. Abaixo de 2.0, enteta e enMEST estão cada vez mais perturbados na forma de vida até o ponto da morte e abaixo ser alcançado.

Poderíamos considerar que teta inverte gradualmente a polaridade à medida que desce na escala de tom para 0.0. Poderíamos considerar que MEST inverte a sua polaridade quando sobe na escala de tom a partir de -3. Enteta tem um efeito muito repelente sobre teta e MEST. EnMEST tem um efeito repelente sobre teta e MEST. Abaixo de 2.0, MEST e teta estão, quando muito, unidos com turbulência. Acima, estão unidos cada vez mais suavemente à medida que sobem na escala, MEST cada vez mais sob influência de teta, teta cada vez mais capaz de fazer coisas com MEST. Abaixo de 2.0, teta pode cada vez menos fazer algo com MEST. Enteta fica tão caótico como MEST no seu estado puro.*

Eis então o mecanismo da morte: enteta e enMEST afastando do organismo teta e MEST remanescentes.

Este é um postulado importante da Dianética, uma vez que disto pode derivar toda a escala de tom e todas as manifestações do comportamento e

* Pode ocorrer a alguém perguntar “qual a diferença entre MEST e enMEST, se ambos estão sem ordem ou plano?” A resposta é simples e importante. Puro MEST pode ser dito ser um caos virgem, inteiramente inocente de planos. Um organismo em tom 4.0 pode ser dito conter harmoniosamente MEST, planeado e organizado por teta. Mas enMEST não é nenhum destes: nem é organizado nem virgem, está confuso e enredado com enteta num plano torcido desorganizado.

aberrações humanas. Estes postulados são o que o engenheiro chama uma verdade altamente funcional, pois para um engenheiro, a verdade não é o absoluto do metafísico; é simplesmente algo que tem uma funcionalidade relativamente alta.

Da teoria teta-MEST também pode derivar uma explicação para a cura pela fé - que é mais do que uma explicação e um princípio muito exequível para o auditor. Foi muitas vezes notado no decurso das aventuras do homem no reino de cura mental e física, que um ou outro indivíduo, meramente pela sua presença, ou uma área, pela sua santidade ou crença das pessoas, poderia realizar quase toda a de-aberração de seres humanos, mental ou fisicamente doentes. Na América do Sul há uma igreja fora da qual se eleva um pequeno monte de muletas jogadas fora por aleijados que se curaram aproximando-se meramente do altar; e em Bethany, há alguns anos atrás um homem chamado Lázaro saiu da sua tumba.

É um axioma em Dianética que, uma quantidade suficiente de teta, trazido à proximidade de enteta, irá de perturbar o enteta e convertê-lo para teta. Isto é bastante importante para formar o axioma básico do processamento. Ele explica a razão porque não se pode pegar num psicótico a quem não resta praticamente nenhum teta, e mandar esse psicótico para o enteta de um engrama. O teta restante do psicótico, não sendo suficiente, só iria ficar perturbado, e, teoricamente, o psicótico poderia ficar pior.

Daí o segundo axioma: Enteta em quantidade suficiente trazida à proximidade de teta, irá perturbar esse teta.

É uma questão de quantidade. Quando há uma grande quantidade de teta presente, uma menor quantidade de enteta irá de perturbar e tornar-se teta. Mas quando temos mais enteta do que teta, é provável que esse teta se torne enteta. Este é o fator do contágio da aberração. Teta em si mesmo poderia ser chamado razão; enteta poderia ser chamado absurdo. Razão em quantidade suficiente trazido à presença de uma menor quantidade de absurdo, fará a razão prevalecer. Absurdo em quantidade suficiente trazida à presença de uma menor quantidade de razão, fará aquela razão tornar-se absurdo. Daí o carácter restimulativo do processamento para o auditor. Daí também os vários tipos de processamento que devem ser usados nos vários casos.

Quanto mais puro teta, mais MEST será atraído para ele. Teta, tentando a conquista de enMEST, ficará em si mesmo perturbado. Enteta aplicado a MEST fará enMEST.

Enteta tenderá e agirá na direção da morte. EnMEST tende e age na direção da morte. Teta tende e age na direção da sobrevivência; e MEST tende e age na direção da sobrevivência quando foi conquistado ordenadamente, num organismo ou por um organismo de teta.

Como exemplo de enteta, considere um ladrão. Um ladrão é principalmente enteta e prefere enMEST a MEST. Um ladrão fará enMEST do MEST que rouba, ou seja, obscurece o seu valor e possivelmente lesa a sua forma ou substância. EnMEST, possuído por teta,

tem tendência a perturbar teta. Por isso, um homem honesto que tenta possuir uma propriedade confusa e desonesta, ficará perturbado.

Destes princípios podem ser tiradas uma série inteira de axiomas e códigos de conduta ótima.

Também é observável que um indivíduo de alto volume de teta pode conquistar e manejar mais MEST do que outro de baixo volume de teta ou do que um indivíduo enteta. Por exemplo, o psicótico arruinará qualquer MEST que contacta; enquanto que o homem altamente razoável melhorará o MEST que contacta.

Também aqui nós temos aparentemente alguma pequena pista sobre o que é a “sorte”. MEST é automaticamente atraído por bom teta e distancia-se de enteta.

Quando falamos de afinidade, realidade, e comunicação, estamos a falar dos três componente separados de teta. Estas três quantidades combinadas jogando com MEST, dão-nos a manifestação a que poderíamos chamar de computação, ou compreensão. Há que ter um pouco de afinidade para com um objeto, um pouco de comunicação com ele, e algum conceito da sua realidade, antes de o poder compreender. A capacidade de compreender qualquer pensamento ou objeto, depende da afinidade, comunicação e realidade. Todas as matemáticas podem ser derivadas de afinidade, comunicação e realidade jogando com MEST.

Porque afinidade, realidade, e comunicação são três componentes da mesma coisa, isto é, teta, seria difícil aumentar um componente sem aumentar os outros dois.

O universo físico e o que nós chamámos universo teta, são cada um deles baseados no princípio sobreviver e sucumbir. No que respeita à vida, tudo acima do nível 2.0 está a sobreviver, e tudo abaixo do nível 2.0 está a sucumbir. Acima do nível 2.0, o organismo tende para a vida; abaixo do nível 2.0, o organismo só tende para a morte. As dinâmicas poderiam na verdade ser consideradas como teta aplicado a vários assuntos e com diferentes manifestações.

Qualquer indivíduo, mesmo aberrado, tem momentos em que funciona como um claro. Quando ele não está restimulado, quando os engramas, elos e secundários não são fortemente restimulados pelo ambiente dele, teta de-perturba gradualmente, e ele é possuído de um nível mais alto de razão. A maioria das pessoas alcança 3.0 parte do tempo, como um curso normal dos acontecimentos. Algumas, raras, pessoas, comportam-se e raciocinam como claros de MEST. Quase toda a gente tem tido momentos em que se aproximou da condição de claro. Claro é um estado de posse de todo o teta disponível, teta esse que num aberrado estaria parcialmente apanhado em engramas e elos. A pessoa vulgar, com os seus engramas e elos, raramente está no estado feliz e razoável de um liberto ou claro. O liberto ou claro está naquele estado desejável com bastante constância; mas isto não significa que o liberto ou claro, na presença de uma quantidade opressiva de enteta no ambiente, não seja suscetível a turbulência, porque é. Contudo, ele não retém grandemente a turbulência, e assim que se livra desse ambiente enteta, restabelece imediatamente o

estado de claro. Além disso, ele não se afunda muito na escala de tom. Este caso é muito diferente do caso de um indivíduo a quem resta relativamente pouco teta para perturbar e que, mesmo num ambiente moderado de enteta, se afunda rapidamente na escala de tom. É uma questão de poder e capacidade de recuperação, assim como capacidade de raciocinar constante e claramente na maioria das situações.

O quadro deve ser lido na compreensão de que quase toda a gente, desde que não tenha que ser internada num sanatório completamente privada dos seus sentidos, tem algum teta disponível. Há muitas pessoas que possuem um alto volume de teta cujas aberrações as trazem cronicamente para baixo do nível 2.0 e que ainda podem funcionar, tendo algum teta disponível. Estas pessoas perturbam rapidamente. Há muitas pessoas que não são ordinariamente classificadas como psicóticas, que demonstram quantidades consideráveis de teta, e que ainda assim, nalgum ligeiro revés perturbam rapidamente até 1.1 ou 0.5 na escala de tom e permanecem lá durante algum tempo depois da turbulência. Estas pessoas, repousadas, e fora do contacto imediato com a situação restimulativa, recuperam algum teta da área turbulenta.

Poderia considerar-se que a força das dinâmicas de um indivíduo é determinada, primeiro, pelo volume nativo de teta possuído pelo indivíduo e, segundo, o pelo efeito impeditivo dos engramas, conforme restimulados no ambiente. A pessoa poderia então ter uma dinâmica individual muito alta que, ainda assim, foi tão completamente aberrada, que ao menor revés ele cai na escala de tom rapidamente abaixo de 2.0. Pessoas assim, com dinâmicas altas, tentam naturalmente conquistar uma grande quantidade de MEST, mas no processo de o conquistar, são perturbados pelo MEST, pela sociedade e pelo ambiente, de forma que acumulam enormes quantidades de elos. E se tais pessoas têm dentro delas muitos engramas, estes irão rapidamente ficar carregados, e a pessoa ficará altamente oclusa e intensamente aberrada, mas ainda poderá às vezes funcionar num nível criativo e construtivo.

O sistema das dinâmicas é um método de subdividir o teta de um indivíduo para mostrar quanto teta ele tem disponível em qualquer esfera de atividade. Estas divisões poderiam ser feitas como segue:

Primeira: a Dinâmica do eu, o impulso para a sobrevivência individual, racionalidade para a sobrevivência individual para si mesmo;

Segunda: a Dinâmica da sobrevivência pelo sexo e crianças;

Terceira: o impulso para sobreviver pelos grupos, como membro do grupo, ou para a sobrevivência do próprio grupo;

Quarta: o impulso do indivíduo para sobreviver pelo género humano, ou o impulso de todo o género humano para sobreviver;

Quinta: o impulso do indivíduo para sobreviver pela vida, ou da vida para sobreviver ela mesma;

Sexta: o impulso do indivíduo para promover a sobrevivência de MEST, ou para o seu próprio benefício ou para o benefício do próprio MEST (manifestado na preservação da propriedade como tal, não importa a quem pertence);

Sétima: o impulso de teta para sobreviver, o impulso do indivíduo para promover a sobrevivência de teta e sobreviver pela sobrevivência de teta.

Quaisquer destas dinâmicas podem ser divididas nas três componentes de afinidade, comunicação e realidade.

Na primeira Dinâmica, a pessoa tem a afinidade pelo eu, o conceito da realidade do eu e a capacidade para comunicar com a memória do eu.

A segunda Dinâmica teria a ver com a afinidade por um parceiro ou crianças para o futuro de uma raça, a comunicação com um parceiro ou crianças e um conceito da realidade destes.

Na terceira dinâmica fica a afinidade do indivíduo para com o grupo, ou a afinidade do grupo para consigo mesmo; a capacidade do indivíduo e do grupo para comunicarem; a realidade geral ou acordo existente no grupo e entre o indivíduo e o grupo.

A quarta Dinâmica como ARC significaria a afinidade do indivíduo por todos os homens, e do género humano para com o indivíduo; incluiria a comunicação do homem com o homem e os conceitos de realidade ou acordo dos homens com o género humano.

A quinta Dinâmica incluiria a afinidade do indivíduo pela vida, ou a afinidade da vida por outra vida; a capacidade da vida para comunicar com a vida, ou com o indivíduo; e o conceito de acordo e realidade da vida.

A sexta Dinâmica incluiria a afinidade, comunicação, e realidade de MEST em si, dentro das suas próprias leis, conforme as ciências físicas; mas mais importante para os nossos propósitos, o sentimento do indivíduo por MEST, para o conhecer, o usar, e o preservar.

A sétima Dinâmica seria a do próprio teta que é composto dos seus componentes separados, de acordo com os nossos postulados, afinidade, realidade, e comunicação.

CAPÍTULO SETE

COLUNA F

Emoção

Emoção poderia ser chamada a manifestação energética de afinidade. Está listada em duas colunas porque a emoção pode ser tratada como uma subdivisão do assunto mais geral da afinidade. Emoção não é sinónima de energia de vida, mas é evidentemente apenas parte de um dos pontos do triângulo de afinidade, comunicação, e realidade. Contudo, a emoção fornece um índice óbvio do estado psíquico, e é a quantidade mais facilmente observada pelo auditor. Conforme o seu uso em Dianética, emoção poderia ser chamada o índice do estado de ser.

O desenvolvimento de uma ciência nova significa naturalmente o desenvolvimento de muitos termos novos; e à medida que são descobertos dados novos, velhas definições são frequentemente achadas inadequadas. Assim é com emoção. “Emocional” é frequentemente considerado sinónimo de “irracional”. A pessoa ouve frequentemente a declaração, “não seja tão emocional, seja razoável”. Isto faria parecer assumir que se uma pessoa emocional não pode ser razoável. Possivelmente não poderia ser feita nenhuma suposição mais irracional.

Os engramas têm, cada um deles, o seu próprio tom emocional, da mesma maneira que cada engrama tem um somático. Este é tom emocional falso que é impingido ao aberrado em vez de emoção natural e razoável. Porque a emoção tem uma forte manifestação e porque os tipos menos desejáveis de emoção são exibidos pelas pessoas em estados altamente tensos é que o desejo de emoção foi reduzido.

Um humano completamente razoável exibe a emoção racional correspondente às circunstâncias com que é confrontado no tempo presente. Por isso, se a circunstância do tempo presente requerer desgosto, uma pessoa racional e razoável exibirá desgosto. Se a situação de tempo presente exigir raiva, o ser humano racional exibirá raiva.

A emoção irracional poderia manifestar-se irracionalmente para qualquer situação dada. Se as circunstâncias do tempo presente exigissem desgosto e o indivíduo não exibisse nenhum desgosto, isto seria irracional. Se a situação de tempo presente, devido a circunstâncias felizes, parecesse indicar felicidade e ainda assim o indivíduo permanecesse apático, isso seria irracional.

A emoção, então, nem é racional nem irracional exceto na forma como é exibida. Um aberrado raramente exibe com racionalidade o tipo de emoção pedida por qualquer circunstância dada. Para descrever isto, de facto precisaríamos de uma palavra nova, talvez “comoção”. Essa palavra indicaria que uma pessoa não exibiu a emoção pedida pelas verdadeiras circunstâncias da situação. Isto indicaria que a sua condição aberrada a levou a exibir uma reação emocional imprópria à situação de tempo presente. Comoção seria então sinónimo de irracional. Uma emoção

indicaria, contudo, se a emoção concordasse com as circunstâncias atuais, um estado de ser racional.

Pode razoavelmente julgar-se a racionalidade de qualquer indivíduo pela justeza da emoção exibida num determinado jogo de circunstâncias. Ser jovial e feliz quando as circunstâncias apelam à alegria e felicidade, seria racional. Exibir desgosto sem causa suficiente de tempo presente, seria irracional.

Os engramas e o estado geralmente aberrado de um ser, negam em geral a emoção. Sendo a felicidade e a alegria as grandes marcas da sobrevivência, poderia esperar-se com considerável justificação que, à medida que um indivíduo ficasse mais aberrado, seria menos capaz estar contente. É o caso. De felicidade no topo, pela espiral descendente abaixo passando por raiva, desgosto e apatia até nenhuma reação, não só se perderá emoção, mas o potencial de vida do indivíduo. E assim temos um índice direto para medir o estado de aberração da pessoa.

Há que lembrar que, mesmo uma pessoa muito aberrada, em momentos de tempo presente relativamente de-perturbados, possui considerável teta livre. O facto de uma pessoa se perturbar logo, por exemplo, para o nível 1.1, e por isso reagir a esse nível, não significa que em todos os momentos reaja a esse nível. Até estar inteiramente psicótico face à turbulência de tempo presente, ele demonstra, bastante vulgarmente, uma grande quantidade de teta livre. O perigo da sua condição não vem no facto dele ser sempre psicótico; vem é no facto de que quando ele fica perturbado, o seu teta livre, que é capaz de felicidade e raciocínio, perturbará para baixo na escala de tom para 1.1. À medida que este indivíduo vive mais e fica mais aberrado, quando uma situação penosa o confronta, uma situação que perturbe o seu teta livre, ele não só cairá para o nível 1.1, mas abaixo disso, para o nível 0.5. Uma vez que a espiral descendente começou, e permanecendo o ambiente do aberrado de ano para ano mais ou menos inalterado, pode esperar-se que, quando perturbado, caia para cada vez mais baixo na escala de tom. A Dianética pode interromper esta espiral descendente; pode restabelecer teta livre para a mente; pode apagar as armadilhas que o esperam quando o teta livre é perturbado. Por isso, um liberto de Dianética ou um claro de MEST recupera rapidamente. As circunstâncias difíceis de tempo presente não formam elos pesados. Ele não tem razões irrationais para experimentar desgosto ou medo, mas quando as circunstâncias de tempo presente pedem fortemente estas emoções, ele as exibirá, e mesmo assim, logo a seguir fica completamente recuperado. A única coisa que pode perturbar o teta dele e o derrubar momentaneamente na escala de tom, é alguma circunstância no seu ambiente imediato bastante forte para o influenciar e o afetar. Uma pessoa de que foi libertada de engramas, secundários e elos, não deve esperar-se permanecer num estado de alegria idiota face a toda e qualquer circunstância. Isto em si mesmo seria um tipo de conduta muito aberrada. Há certos indivíduos maníacos que fazem isto e, infelizmente, são bastante loucos.

Um das coisas primárias que o Processamento de Dianética faz é libertar as emoções do indivíduo de forma que ele possa experimentar emoções

que vão de felicidade, anseio e exultação, até raiva, medo e desgosto, quando estas emoções são pedidas pelas circunstâncias de tempo presente.

A emoção é um índice primário da escala de tom. Isto não significa que a emoção é tudo para teta. A emoção é usada como pista primária para o auditor da posição do preclaro na escala de tom, por ser tão facilmente reconhecida. Contudo, os dois sistemas gradientes da margem do quadro, um de zero a 1000 e o outro de -3 a 40.0, são ambos sistemas arbitrários de números. A escala zero-a-1000 existe de forma a poder computar percentagens psicométricas no quadro. A escala de -3 a 40.0 é a escala de tom original da Dianética. Esta escala original é preservada porque dá jeito ao auditor e é uma parte básica da terminologia de Dianética. É bastante frequente ouvir os auditores falar de um “caso 1.5”, significando um caso de ira crônica ou um que se perturba facilmente em raiva. Ou a pessoa pode ouvir um auditor falar de um “caso 2.5”, o que quer dizer que este caso está bastante aborrecido com a coisa toda, mas razoavelmente bem avançado e ascende facilmente ao que é conhecido por “quatro falso”.

A escala de tom não é uma escala derivada, mas construída depois da observação de muitos preclaros. Um auditor pode observar isto muito facilmente. Suponhamos que ele descobre o seu preclaro num tom de raiva, enquanto corre um incidente. O auditor pode geralmente esperar que a ira enfraqueça numa recontagem; e na segunda recontagem, que o preclaro comece a expressar ressentimento; na terceira recontagem, ou quarta, ou quinta, o preclaro pode vir para aborrecimento; então para indiferença; e em recontagens subsequentes, eleva-se para uma alegria perfeita sobre o incidente. Se o auditor descobrisse um incidente onde o preclaro estivesse em apatia profunda, o tom do preclaro seria visto subir durante a audição, por toda a escala de tom, passo a passo. Primeiro o preclaro estaria em apatia muito profunda, não sabendo nem se importando se o incidente solucionaria ou não. Ele subiria então na escala para apatia, depois para desgosto. Expressaria um pouco de medo e apreensão. Ficaria mal-humorado. Finalmente ficaria zangado. Então expressaria ressentimento e, através de aborrecimento, subiria gradualmente para “quatro falso”*.

Nem em todos os incidentes, é claro, o preclaro sobe a escala passo a passo. Ele segue exatamente a mesma escala, mas pode saltar ou omitir várias fases da emoção. Começando um incidente em desgosto, o preclaro pode vir para aborrecimento, e por isso descuidar por completo o incidente.

Assim, a escala de tom é baseada em observação. É um índice precioso do estado de um engrama. Se o preclaro entra no engrama em raiva, ou seja, é enraivecido por ele, o auditor sabe que o incidente será relativamente fácil de correr pela linha acima. Mas se o preclaro se encontra em apatia muito profunda, o auditor sabe que tem um longo caminho a percorrer com este incidente antes de poder tirar o preclaro inteiramente dele e para cima na escala de tom.

Encontrando-se o preclaro em apatia profunda num incidente, deve alertar-se o auditor para o facto de ter que manejá-lo esta situação com o

* O riso e alegria que o preclaro exibe quando esgotou completamente a carga de um incidente. Não há realmente nada “falso” no quatro falso, a não ser que é frequentemente de muito curta duração

maior cuidado, de ter que pedir recontagens subsequentes com muita suavidade, de forma a subir gradualmente da apatia, com recontagens repetidas do incidente, até desgosto, para que o desgosto se possa libertar e assim poder trazer o preclaro até ao topo da escala, relativamente a este incidente.

A escala de tom emocional introduz uma outra coisa como utensílio de um auditor. Quando o auditor descobre que não pode eliminar desgosto de um caso, ele deve examinar o banco do preclaro; descobrir um pouco mais cuidadosamente que tom emocional pode ligar no preclaro, uma vez que ele pode ligar pelo menos um tom emocional. Se não pode ligar desgosto, pode ligar raiva; e uma vez que tirou alguma da ira do caso, talvez ele possa correr alguns dos níveis mais baixos, como medo. Tendo corrido vários incidentes contendo medo, o auditor pode descobrir que pode eliminar desgosto do caso. Às vezes um caso entrará tão facilmente em apatia, que o auditor tem que estar muito alerta a fim de aliviar algumas das emoções de nível mais alto, antes de tentar correr os incidentes de apatia mais profunda que encontra no caso.

Como regra de funcionamento, um auditor pode sempre encontrar *algum* tom emocional para correr num caso. Ele deve tratar de descobrir que tom emocional seria mais fácil de correr no caso e correr alguns incidentes daquele tom. Instâncias houve em que correr meramente incidentes de prazer num caso, recuperou teta dos estratos mais baixos da escala de tom, o que disponibilizou unidades de atenção suficientes para ligar sônico e víscio. Este truque de correr momentos de prazer é facilmente a melhor maneira de trazer um preclaro para o tempo presente. Os momentos de prazer correm-se da mesma maneira que um engrama, e a atenção do preclaro pode ser chamada para este incidente tão fortemente, que as unidades de atenção são recuperadas de outros incidentes do passado.

A emoção faz parte integrante de todo o engrama; mas vale por si só no que é chamado “engrama secundário”. Há de facto três tipos de engramas secundários: quebra de afinidade ou engramas de imposição; quebra de realidade ou engramas de imposição; e quebra de comunicação ou engramas de imposição. Estes são chamados engramas secundários porque não contêm dor física, mas a sua permanência depende de um engrama de dor física anterior no banco. Por isso as palavras, “engrama secundário”, significam um momento altamente carregado na mente analítica do preclaro cuja força depende de um engrama de dor física, mais abaixo no banco.

Ao correr engramas secundários ou emoção dolorosa, o auditor tem que desenvolver uma perícia considerável. Não se pode, por exemplo, exigir logo desgosto; nem se pode pedir logo medo. São precisos perícia e tato para alcançar o incidente necessário para solucionar o caso.

É uma regra funcional do auditor que um caso deve sempre ser aliviado de alguma emoção. Só casos num grau muito alto da escala de tom podem correr engramas de dor física, sem correr alguns engramas secundários.

Se pudéssemos livrar um caso de toda a emoção dolorosa, todo o ressentimento expresso, raiva, medo, desgosto e apatia, teríamos um libertado de Dianética, quer tenha tocado engramas de dor física ou não. Isto

é teoricamente verdade, mas praticamente quase impossível, uma vez que quando ele começa a correr vários engramas secundários, o auditor encontrará frequentemente o caso a escorregar para o engrama de dor física de suporte, o qual deve então ser corrido.

Eliminando a emoção dolorosa, um caso produz as mais notáveis melhorias obtidas em processamento de Dianética.

CAPÍTULO OITO

COLUNA G

Afinidade

Devido ao facto de que a palavra “amor” tem pelo menos dois significados de relevo, poderia resultar em mal-entendido se empregada para representar este fator em teta.

“Afinidade” é simplesmente um termo amplo e significa uma simpatia de sentimentos, um afeto, o sentimento de uma pessoa para outra, como nós a usamos em Dianética. Afinidade, no sentido de teta, Dianeticamente poderia ser comparada à coesão e adesão do universo físico aplicadas à energia. Existem graus de afinidade, de acordo com nossa definição e conforme representação na escala de tom. Estes vão de um sentimento de bem-estar em todas as dinâmicas, para baixo nas várias fases de emoção, até uma separação dos sentimentos de toda e qualquer dinâmica. Afinidade, no sentido amplo, inclui emoção.

A escala de tom de afinidade, conforme representada no quadro, refere-se à reação do indivíduo em qualquer momento particular, apenas a uma ou a um pequeno número de pessoas. Mas à medida que afinidade é repetidamente suprimida, o indivíduo começará a assumir um nível habitual na escala de afinidade, uma reação habitual a quase toda a gente. Isto também é verdade para a escala de afinidade de grupos, e, nesta escala, pode encontrar-se o nível de tom de qualquer nação ou, na verdade, do género humano, para qualquer período dado, que seria a média da reação geral do género humano para com o género humano.

No topo da escala à volta do tom quatro, o indivíduo experimenta amor, forte e extrovertido; ele experimenta a amizade, que é uma extroversão da afinidade. É comum encontrar isto em crianças que, quando crescem e recebem rejeição e repulsa, primeiro de uma ou duas pessoas e depois de muitas, experimentarão gradualmente o embotamento da sua afinidade.

À volta do tom três, temos a experiência da tolerância, sem muita, extroversão. O indivíduo neste nível aceitará os avanços oferecidos, mas não os fará prontamente ele próprio.

À volta de 2.5, o indivíduo começa a negligenciar a sua própria pessoa, ou as pessoas em geral. Ele pode até, como regra geral, enfadar-se e tentar afastar-se delas.

No nível de tom 2.0, a afinidade é expressa como antagonismo, um sentimento de aborrecimento e irritação provocado pelos avanços de outras pessoas em relação ao indivíduo. O amor é recebido com suspeita; é seriamente questionado, e pode receber dissabor como resposta.

À volta de 1.5, a afinidade quase inverteu. A sua dissonância tornou-se ódio, que pode ser violento e assim se expressar. O amor oferecido a tal pessoa pode incitá-la a actos violentos de repulsa. De facto, temos aqui

um fator enteta a repelir teta, uma vez que teta em si contém amor como um de seus componentes.

À volta de 1.1, alcançamos o nível de hostilidade encoberta. Aqui o ódio do indivíduo tem sido social e individualmente censurado ao ponto de ser suprimido, e o indivíduo já não se atreve a demonstrar ódio como tal. Ele ainda possui energia suficiente para expressar algum sentimento no assunto, e assim, o ódio que ele sente apresenta-se encobertamente. Ele pode recorrer a todas as formas de subterfúgios. Pode clamar que ama os outros e que tem o bem dos outros como interesse primário; ainda assim, nesse mesmo momento, ele trabalha, inconscientemente ou não, para lesar ou destruir as vidas e reputações das pessoas, e também para destruir a propriedade.

Abaixo de 1.0 alcançamos medo que é expresso no seu nível mais alto como timidez aguda, medo de palco, modéstia extrema, emudecimento ante as outras pessoas, assustando-se facilmente com ofertas de afeto. Aqui também encontramos a manifestação estranha do indivíduo que tenta comprar o perigo imaginado através de propiciação. Temos um exemplo interessante disto em processamento. Casos que estão muito em baixo na escala de tom, quando alcançam 1.0, é bastante comum oferecerem presentes ao auditor e procurar fazer coisas para ele. A ideia de transferência continha uma descrição crua disto. Neste nível temos afastamento.

Em 0.5, estamos no nível de desgosto no qual temos as súplicas do indivíduo, os seus pedidos de piedade, os seus esforços desesperados para ganhar apoio através das lágrimas. Podemos até ter neste nível perversões extremamente estranhas da verdade, pretendendo alcançar a piedade e apoio dos outros. Por exemplo, a amante rejeitada, neste nível de desgosto, pode inventar toda a espécie de incidentes de crueldade estranhos e peculiares da parte do último amante, para ganhar a simpatia dos que a rodeiam.

Para baixo de desgosto, a pessoa chega a apatia em que a afinidade é expressa por uma completa retirada em relação à pessoa ou pessoas. Em apatia não há nenhuma real tentativa para se contactar a si próprio nem a outros. Aqui temos um ponto nulo de dissonância que fica nas portas da morte.

O auditor tem um instrumento de medida à mão, a escala de afinidade, uma vez que ele pode, observando o preclaro, estabelecer a sua posição no quadro. Além disso, observando a atitude do preclaro para com as pessoas ou grupos e vendo que as relações do preclaro melhoram, pode mostrar a subida gradual do caso em termos de tom.

CAPÍTULO NOVE

Comunicação e Realidade

O assunto global da comunicação cobre muito mais do que a simples troca de inteligência. Basicamente, a comunicação poderia ser chamada a ciência das percepções. Assim como a semântica geral está organizada em palavras e ideias, também na Dianética pode ser e foi organizado todo o tema da percepção.

Tudo que nós conhecemos do universo físico e possivelmente qualquer coisa que possamos conhecer do universo teta permitindo que exista, poderia ser dito envolver percepção, computação e imaginação.

Por percepção queremos dizer a percepção de entidades ou existências. Nós alcançamos o que conhecemos da realidade, apercebendo-nos de entidades e existências no universo físico e possivelmente no universo teta, combinando estas percepções e computando ou imaginando resultados não em discordância com os resultados obtidos por outros.

Os nossos canais de percepção do universo físico são em número de vinte e seis. Os mais importantes destes são sônico, vísio, tato, olfato, cinético, térmico, posição das articulações, posição do corpo, humidade, orgânico, e, mais um descoberto em Dianética, o movimento da banda do tempo. É com estes que o auditor mais vitalmente se preocupa, pois é com estes que nós aprendemos a maior parte do universo físico.

Com o sônico nós percebemos, através do mecanismo mental, as ondas sonoras do universo físico e, por comparação e experiência tanto genética como ambiental, os interpretamos. Com o vísio nós percebemos as ondas de luz que, como visão, são comparadas com a experiência e avaliadas. Pelo tato nós percebemos a forma e textura das superfícies e compostos. Com a percepção do olfato, nós percebemos as partículas ínfimas de matéria que registam como cheiro.

Pelo cinético nós percebemos movimento através do espaço e tempo.

Com o térmico nós percebemos a temperatura, calor e frio, e assim podemos avaliar melhor o nosso ambiente atual comparando com ambientes passados.

Percebendo a posição das articulações, podemos medir o espaço e o tamanho de objetos e podemos saber mais sobre a nossa localização física.

Percebendo a posição do corpo, sentimos a nossa relação com o ambiente imediato.

A percepção de humidade permite sentir a humidade ou secura da atmosfera e logo julgar melhor o nosso ambiente.

Pelas percepções orgânicas percebemos interiormente o estado dos nossos próprios corpos.

Estas e outras mensagens dos sentidos combinam-se para compor todo um corpo de experiência. Quanta desta experiência é genética e quanta é

transportada no corpo teta, se é que existe, não podemos neste momento medir com precisão. No nosso ambiente, contudo, através dos vários canais dos sentidos, ganhamos experiência e podemos agir no ambiente de tempo presente ou planejar o futuro.

Poderia dizer-se que temos um mecanismo sensorial de receção potencial para todos os tipos de mensagem dos sentidos irradiados ou a nós entregue pelo universo físico, e pelo universo teta. Assim, temos ouvido porque há ondas de som que podem ser registadas e interpretadas; temos visão porque existem ondas de luz a ser registadas; e assim sucessivamente.

Poderia ser preparado um escrito muito interessante sobre a provável evolução dos nossos sentidos. Teta, combinando com MEST para fazer vida, consegue, na sua conquista de MEST via as percepções dos sentidos, existir dentro e controlar o ambiente e até certo ponto regular o futuro e, particularmente no homem, ajustar o ambiente ao organismo, à espécie ou à raça.

O que exatamente são os percéticos do universo teta é neste momento um assunto tão difuso que nem sequer podemos ter a certeza que existe um universo teta. Manifestações tais como percepções extrassensoriais, intuição, clarividência, finura de ouvido e outras, compõem um corpo de quase-conhecimento que é normalmente relegado para o campo dos fenómenos psíquicos. A existência de Deus e manifestações espirituais poderiam ser classificadas como universo teta; o contacto com elas seria considerado usar percéticos teta. Por estranho que pareça, a Dianética está, quer queiramos quer não, a acumular provas consideráveis, não só a favor de um universo teta e de um corpo teta, mas também de percéticos teta. Isto foi longe bastante para conter alguma prova de que existem certas técnicas de aplicação já parcialmente formadas, pelas quais os percéticos teta podem ser clarificados, elevando, entre outras coisas, a potencialidade de previsão do indivíduo. Julgando somente com provas na mão se pode dizer que existem mais provas a favor do universo teta, do corpo teta e dos percéticos teta, do que para os negar. Esta prova acumulou o suficiente para lançar a extrema dúvida no postulado “científico” de que tudo o que homem poderia saber, era do universo físico. Na verdade, a ciência foi incapaz de solucionar problemas mentais, de prever o comportamento e de inventar melhores tecnologias humanas, na medida em que assumiu que a vida e o homem surgiu de compostos e do barro do universo físico, sem qualquer outro ingrediente. Esta linha de raciocínio conduziu a não avanços da tecnologia e, na verdade, permitiu às ciências físicas deixar para trás todo o conhecimento do comportamento humano. Isto parece contudo mais ou menos inevitável, se considerarmos que a missão primária de teta é conquistar o universo físico, pelo menos no que toca ao ramo de teta que agora nos preocupa. Com tal missão, a física iria, claro está, tornar-se a esfera de realidade mais conhecida. Talvez teta esteja agora numa posição em que se pode compreender mais a si mesmo. Com isto não persuadimos o leitor de que a Dianética tem neste momento vitalmente a ver com fenómenos psíquicos, mas diga-se de passagem que no curso da investigação, continuam a acumular-se dados contra a ideia de que o homem é uma criatura apenas do universo físico. O auditor, trabalhando

caso após caso, não pode senão achar provas fortemente a favor de um corpo teta relativamente intemporal, que existe como identidade pessoal, correndo paralelamente à linha genética da espécie; e se ignorar isto, pode atolar alguns dos seus casos. Refiro-me especificamente ao contínuo e crescente volume de relatórios de auditores sobre o assunto de mortes e vidas passadas. Este assunto precisa ser prudente e completamente examinado; mas permanece que o auditor que colide com uma morte passada e não a reduz devidamente através do procedimento padrão, verá o seu caso completamente atolado; e de facto, alguns casos não podem ser corridos e não se movem na banda do tempo até estes fatores serem levados em conta. Alguns destes dados já são conhecidos há dois anos, mas um acanhamento para os comentar até as provas serem esmagadoras, supriu e continuou a suprimir o conhecimento. À medida que se desenvolve, a Dianética parece cada vez mais potencialmente capaz de finalmente contactar a muito postulada, mas nunca completamente sentida, medida, e experimentada alma humana*.

Para aliviar um caso ao ponto de o indivíduo ser Claro de MEST, basta trabalhar com as avenidas de percepção do universo físico.

O que nós concebemos como realidade é realmente a percepção concordada do universo físico. Existe uma disputa filosófica interminável sobre se sim ou não as nossas percepções percebem alguma coisa, ou se sim ou não as nossas percepções são elas próprias meramente uma ilusão. Bastante verdade é que o universo físico pode ser matematicamente reduzido a zero. Matéria, energia, espaço e tempo poderia dizer-se serem o resultado de certos movimentos. No momento em que nos desviamos do

* O assunto de mortes e vidas passadas está tão cheio de tensão que já em julho de 1950 o quadro de fiduciários da Fundação procurou passar uma resolução que proibisse o assunto. E eu fui muitas vezes instado a omitir qualquer referência a isto no presente trabalho ou em público, por temer que ficasse a impressão geral de que a Dianética tem algo a ver com espiritismo. Além disso, foi muitas vezes expressada a visão de que devido ao facto de os pré-natais serem tão “controversos”, a introdução de vidas e mortes passadas em Dianética, mesmo como investigação experimental, permitiria a velhas escolas de terapia persistir na sua ilusão de que tudo é ilusão. Esta dificilmente seria uma maneira científica de manejá-la uma ciência. Um verdadeiro cientista relata ousadamente e sem medo o que encontra. Um escritor famoso contou-me há pouco tempo uma história sobre Thomas Carlyle que ao ouvir dizer que uma escritora americana chamada Margaret Fuller tinha dito, “eu aceito o universo,” disse apenas, “Por Deus! É bom que o faça” O auditor que corre o preclaro pela banda abaixo e de repente o encontra possuído de somáticos fortes e uma cena de 1210, melhor será reduzir o incidente como engrama. Não obter uma redução apropriada, melhor será pedir o incidente necessário para solucionar esta manifestação esquisita. Se o auditor é de facto estúpido, ele invalidará o incidente do preclaro e deixa de o correr momento em que o preclaro se atolará. Há evidentemente três tipos de experiências destas: (1) os dub-in, que ocorrem só em casos que fazem dub-in na vida presente; (2) fantasias construídas por leitura e imaginação, mas sem somáticos; e (3) o que parecem ser experiências válidas e reais. Se estes dados de vidas e mortes passadas do corpo teta continuam a levantar-se e se tornam suscetíveis de prova exata, certamente ameaça alterar radicalmente a nossa cultura. No momento presente, tudo o que nós podemos fazer é juntar provas. A Fundação gostaria de ter toda e qualquer prova que os auditores possam descobrir e cuidem de submeter. *Nunca invalide uma vida passada ou uma morte passada*, e nunca deixe de correr tais somáticos como experiências verdadeiras: um fracasso em observar esta imposição pode danificar seriamente o caso. Dei-lhes esta informação porque não acredito que, ajuda o auditor a auditar e ajuda casos a correr, possa danificar seriamente a Dianética.

caminho pensando se o universo físico é real ou não, caímos rapidamente em muitos imponderáveis filosóficos. O que nós conhecemos como realidade é, contudo, uma conceção concordada do universo físico em que vivemos. Você e eu concordamos que existe uma mesa no centro da sala; nós podemos vê-la, senti-la, e quando lhe batemos com os nós dos dedos, podemos ouvir ali alguma coisa. Você e eu concordamos com a realidade da mesa, principalmente porque cada um de nós concorda que percebe isso via os sentidos. Se alguém aparecesse e dissesse que estava ali, não uma mesa mas um gato preto, você e eu consideraríamos o homem maluco. De facto, através de um tipo de seleção natural, nós removemos essa “maluqueira” da nossa sociedade. Quando alguém está em discordância com a maioria sobre as percepções dos sentidos do universo físico, a primeira reação da maioria é pronunciar essa pessoa maluca e trancá-la. Trancando-a não procria, quebrando assim a linha genética. Isto acontece bastante frequentemente para selecionar, na raça humana, os que não concordam com a natureza do universo físico via as percepções dos sentidos. Muitos postulados divertidos podem ser formados no assunto da realidade.

Certo é que através da comunicação, através do grupo das percepções dos sentidos, as quais compõem a comunicação, nós sabemos a realidade. A nossa afinidade com essa realidade, a nossa admissão de que fazemos parte dessa realidade, e a aceitação da nossa participação nela, é necessária para a comunicação com ela e por isso nós temos o triângulo de Dianética: afinidade, realidade, e comunicação. Uma não pode existir sem as outras duas. Por exemplo, não pode haver só comunicação e afinidade; estas duas coisas teriam que resultar num acordo de algum tipo, acordo esse que seria a realidade. Se existe comunicação, algum acordo pode ser alcançado, e assim que um acordo é alcançado entre duas pessoas ou por um homem com ele próprio, alguma afinidade há. Se existem afinidade e realidade, tem então que resultar uma comunicação ou tem já que ter existido para agir como canal de expressão e reconhecimento do acordo.

Um auditor, sabendo o trio afinidade, realidade, e comunicação, pode usar qualquer dos pontos do triângulo como ponto de ataque para aumentar os outros dois cantos do triângulo.

O assunto global da comunicação, como vimos, contém todas as vias de percepção dos sentidos: sônico, visão, tato, olfato e o resto. Inclui também a percepção de um muito forte contacto com o Universo MEST: dor, que é em si mesmo, menos diretamente, uma forma de comunicação. A receção das percepções do universo real e o propósito de teta surgem como computação. A computação cria ideias relativas a realidade, e esta criação de ideias leva ao tipo de comunicação que é comum e ordinariamente classificado como comunicação, conversação, mensagens e outros métodos de troca de ideias.

O auditor tem que apreciar o valor da comunicação; uma vez que o preclaro não pode comunicar com o seu próprio passado, ele não pode fazer um julgamento preciso do seu próprio presente e não pode certamente computar o seu próprio futuro. Quando um homem é incapaz de contactar a realidade do presente ou de apreciá-la, e quando ele não pode computar o seu próprio futuro e agir sobre essa computação, esse

homem é considerado, em vários graus, neurótico ou psicótico. O auditor fará por isso bem saber este assunto cabalmente.

CAPÍTULO DEZ

COLUNA H

Sónico

A palavra *sónico* significa normalmente em Dianética recordação sónica, em lugar de ouvir sons fora do corpo. Sónico significa ouvir os sons recordados. Esses sons que o indivíduo ouviu no passado estão todos registados, ou no banco padrão de memória analítico, ou no banco reativo. Os que foram gravados no banco padrão de memória analítico estão todos disponíveis nos mecanismos de recordação do indivíduo, para o seu “Eu”. Os que foram gravados no banco reativo foram recebidos pelo indivíduo enquanto este estava inconsciente, num estado hipnótico, drogado, delirante, inconsciente, por causa de lesão severa, ou até enquanto momentaneamente inconsciente por causa de lesão leve. Antes da Dianética não se pensava que percéticos como o sónico fossem registados durante um período de inconsciência. Uma das descobertas básicas da Dianética foi que estes percéticos foram registados durante os períodos de inconsciência de um indivíduo, e que este material estava disponível para recuperação, e que este material, assim registado, tinha um efeito aberrativo no indivíduo.

Se o som foi ouvido enquanto a pessoa estava acordada ou adormecida ou inconsciente, esse som está disponível no mecanismo de recordação do “eu”. A fantástica capacidade de armazenamento da mente não tem nenhuma explicação estrutural neste momento. Mas cada som, quer seja uma voz, uma buzina, pratos, passos, vento, cada som que o indivíduo ouviu na sua vida, é registrado. Uma vez registrado está disponível para o “eu” do indivíduo. A técnica de Dianética manda o indivíduo de volta pela vida dentro, pelos percéticos de sónico, vísio e assim sucessivamente, permitindo recuperar informação oclusa.

Há muitas gradações de qualidades de sónico. Um caso em que há muito desgosto e outros tipos de carga pode ou não ter recordação sónica. Um caso geralmente ocluso de um extremo ao outro da banda, podendo estar tão ocluso por carga, problemas de valência, comandos de fecho sónico ou preso fora de tempo presente, que não tem sónico algum. Esta condição pode ser tão má que torna o indivíduo incapaz de se lembrar de coisa alguma do que foi dito, tanto logo após ter sido dito como ao longo da banda do tempo. A carga de problemas de valência, e comando de fecho sónico, pode ser relativamente leve, circunstâncias sob as quais o indivíduo receberá o que é conhecido por impressões sónicas; ele pode obter impressões dos tons de voz nos quais as palavras são articuladas à medida que ele viaja pela banda, mas não ouve os sons claramente. O caso pode contudo ter tão pouco fecho sónico, problemas de valências e carga que, à medida que a pessoa viaja na banda do tempo, um sónico claro estará disponível tal como foi ouvido originalmente da mesma maneira que próximo do tempo presente.

O fecho sónico pode ser bastante seletivo: o indivíduo pode ser capaz de ouvir sons, mas não vozes; ele pode ser capaz de ouvir toda uma orquestra sinfónica e ainda assim ser incapaz de ouvir outra vez o que a esposa lhe pediu que trouxesse para o jantar. Os fechos seletivos são causados por carga no caso e por comandos de fecho sónico seletivos, como “Não podes ouvir a tua esposa”, ou “Não me prestas nenhuma atenção”.

Uma preocupação primária do auditor é ligar o sónico; por isso ele tem que saber o que o desliga. De acordo com a presente teoria que funciona relativamente bem na prática, a fonte mais severa de fecho sónico é a prisão na banda: na medida em que o indivíduo não pode mover-se na banda, ele não pode, é claro, mover-se através de incidentes e ouvi-los. A seguinte mais severa interferência com sónico vem de mudadores de valência; a identidade duma pessoa é confundida com a de outra pessoa; ela não está na sua própria valência, e está fora da sua própria banda do tempo. A seguinte fonte mais severa de fecho sónico é a frase de comando que diz especificamente “Não podes ouvir nada”, “Never ouves uma palavra do que eu digo”, “Tens que ficar calado”, “Eu sou surdo como um poste”, etc., etc. O sónico é além disso algo afetado por desgosto e carga no caso, mas não tanto como se poderia esperar, uma vez que casos que contêm um enorme desgosto e carga em geral, ainda retêm recordação sónica na ausência de mudadores de valência.

O mais severo fecho sónico seria provocado por uma combinação de fatores que incluiria, não só estar preso num engrama na banda, mas também ter a banda colapsada por agrupadores.

Há casos que têm sónico falso, dub-in^{*} sónico. Conforme a teoria, este dub-in é provocado por circuitos demónio, ou seja, porções da mente analítica pesadamente carregadas capturadas pela mente reativa que dão as suas ordens, emparedadas por carga em entidades separadas. Estes são porém muito fáceis de localizar, uma vez que o dub-in sónico está usualmente vazio. Além disso, quando o indivíduo com dub-in atravessou um incidente uma vez, não pode voltar a atravessá-lo com as mesmas palavras. Um caso de recordação dub-in não deve ser considerado difícil de detetar; é muito simples até para um principiante, uma vez que não se repetirá nem aguentará uma repetição, mas altera-se notavelmente e não é particularmente sentido e não corre nada como um engrama. O caso de dub-in sónico, depois de ter sido trabalhado por pouco tempo, pode esperar-se desaparecer uma vez contactado o circuito que o causa, ou quando o tom do caso sobe. Daí resulta um caso não-sónico. Isto não deve ser confundido com um caso com sónico, mas um caso que experimentou severas quebras do código do auditor, que teve engramas parcialmente corridos, mas não reduzidos e que ativou agrupadores de tal forma que a banda do tempo colapsou. A forma de os diferenciar, é que o caso que teve dub-in e que desligou ainda correrá tão fácil e capazmente a banda do tempo como dantes; numa condição não-sónica, à medida que mudadores de valência e comandos de fecho sónico são eliminados do caso, ficarão disponíveis impressões sónicas e é então que o próprio sónico deve voltar.

* Uma recordação imaginária

O assunto da recordação sónica requer uma quantidade enorme de estudo antes do julgamento final poder ser feito quanto às suas ramificações totais. A experiência na Dianética demonstrou que as recordações em general são completamente recuperadas pelo claro, e isto é verdade para o sónico.

Como se pode ver no quadro, a escala gradiente de sónico não mostra ser um fenómeno capaz de estabelecer a posição do preclaro no quadro, salvo apenas no sentido mais lato. O claro, no topo da escala, tem normalmente recordação sónica total. Mas a sua condição aberrada em grandes áreas da banda pode ter sido tal, que o banco analítico de memória não recebeu gravações adequadas ou definidas. A partir do momento em que um indivíduo é claro ou quase, ela terá recordação sónica; durante o período de aberração pode contudo não ter registado sons, aqui e ali na banda.

Há muitos mal-entendidos a respeito de recordações sónicas e visuais no estado de claro. Estas recordações não são imagens vivas em todos os casos, pois a recordação fotográfica ou fonográfica é uma questão de treino, e uma pessoa não treinada, necessariamente não registará visão e som com suficiente concentração para ter todo o material disponível para recordação imediata. Deve ser feito um grande número de testes no campo das recordações e deve ser observado um grande número de casos em geral, antes de podermos clara e científicamente avaliar os potenciais de recordação em cada indivíduo quando clarificado. Contudo, a recordação é boa nos casos até agora observados, mas não necessariamente viva.

Pode ter-se recordação sónica precisa em qualquer lugar da escala de tom, desde que possamos mover-nos livremente na banda e em valência. A capacidade de recordar sons, não é um índice de neurose ou psicose. A recordação sónica é afetada por fatores que não são, em si mesmo, um índice. A quantidade de teta livre disponível para percepção analítica e computação é de facto o único índice.

Contudo, na parte mais baixa da escala de tom, espera-se usualmente que uma pessoa razoável não tenha recordação sónica ou qualquer outra recordação, e espera-se que o verdadeiro psicótico ou neurótico sim, tenha recordação sónica. Isto enganou praticantes e autoridades no passado, acreditando que a recordação sónica só seria achada em idiotas e atrasados mentais, uma inteira falsidade baseada em observação limitada.

O mecanismo que influencia a recordação sónica o poder da mente (provavelmente estrutural) para cortar e empregar carga e os resultados gerais de engramas e ainda reservar uma porção do analisador para pensamento livre com o resto de teta livre. O indivíduo psicótico ou neurótico não tem o poder de reservar uma porção do analisador para pensamento claro, e assim, quando perturbado por engramas mas ainda em valência, fica analiticamente perturbado de todo, sem reserva de qualquer porção do analisador livre daquela turbulência. Quando uma pessoa tem uma doença psicossomática e recordação sónica, devemos esperar encontrar um indivíduo quase-psicótico, as doenças psicossomáticas revelando muitos engramas e a recordação sónica declarando que o analisador não tem poder para empregar recordações infelizes e

dolorosas. Onde encontramos doenças psicossomáticas e um fecho sónico, pode encontrar-se uma pessoa potencialmente em baixo na escala de tom, mas que ainda assim tem teta livre bastante para responder num alto nível analítico, e que ainda assim pode resolver a vida nem que seja duma forma aberrada, devido a tudo isso.

O pensamento em relação a este assunto no passado era totalmente escasso. No passado foi mantida a estranha convicção de que muita aberração significa grande dinamismo e estímulo, podendo por isso esperar-se que um indivíduo neurótico tivesse um melhor desempenho nas artes e outras direções, do que uma pessoa sã. Tendo em conta a evolução, observação e muita experiência, é uma falácia completa. O indivíduo com uma grande quantidade de teta livre é capaz de ser mais vigoroso do que os seus semelhantes. Ele pode ou não ter mais engramas; mas tenta, desde os seus primeiros dias, apanhar mais área do que os seus semelhantes e ajustar a si o seu ambiente, em lugar de seguir o trilho dos carneiros tentando ele ajustar-se ao ambiente. Por isso, ele é continuamente repelido e os seus engramas gradualmente carregados pelo processo de quebras de afinidade, realidade e comunicação, até responder bastante neuroticamente ao seu ambiente. Tal pessoa tem normalmente um fecho bastante completo de sónico e víscio. O seu teta, o que resta dele num estado livre, operando numa pequena porção ainda disponível do analisador, é ainda maior do que o teta disponível no ser humano comum. Quando pegamos neste indivíduo e o processamos com Dianética, e ele transforma enteta para teta, fica cada vez mais poderoso e capaz de vencer e alinhar o ambiente. Ele não terá sónico e víscio até alcançar um estado liberto ou clarificado. Tais indivíduos são difíceis de processar, só porque a mente se escudou da carga do caso com tanta perícia. Contudo, vale a pena processar tal indivíduo, uma vez que quando o auditor terminar ou mesmo se o auditor nunca terminar, torna-se um forte recurso criativo para a sociedade. O auditor que, porque eles parecem fáceis, trabalha casos quase-psicóticos ou psicóticos com sónico, pode ter, quando terminar, alguém que mesmo que estruturalmente inteligente, possui ainda assim tão pouco teta que o seu valor para a sociedade é pequeno. Estas conclusões são altamente generalizadas, mas nasceram de um grande número de casos.

Casos há em que o indivíduo é tão desaberrado que, sendo dotado de bastante teta livre para fazer dele um tremendo recurso para a sociedade, tem ainda sónico e víscio, já na área de 3.5 da escala de tom. Está longe da verdade que uma pessoa para ter valor para a sociedade deva ser altamente aberrada e ter as recordações cortadas; pois num tal estado aberrado, é provável estar tão baixo na escala de tom que o seu valor positivo para a sociedade que seria realizado a 3.0 ou acima na escala de tom, se torna um risco, e as suas aberrações afetam violentamente o ambiente e provocam a sua destruição. Tais pessoas são os ditadores que conduzem os países à ruína pela guerra; os artistas que, pela grosseria e vulgaridade, destroem a moral de uma raça, e assim destroem a raça.

O que o auditor deve principalmente saber sobre recordação sónica é que ela torna um caso mais fácil de correr, e que um caso sem ela, devidamente processado, recuperá-la-á finalmente. O auditor nunca deve desesperar em casos fecho de recordação sónica; as impressões ficarão mais fortes e a

recordação sónica ligará finalmente. Mas o indivíduo tem que estar muito alto na escala de tom antes de recuperar o sónico, se ele começou com fecho total. Além disso, há uma técnica que às vezes liga o sónico, conhecida como correr momentos de prazer.

Podem ser corridos momentos de prazer num caso, da mesma maneira que o auditor corre engramas, atravessando o momento inúmeras vezes. As unidades de atenção são atraídas para o momento de prazer, pois é uma das missões da mente atingir felicidade e prazer nas várias dinâmicas. Retornando o preclaro a um momento de prazer e correndo aquele momento, o auditor será capaz de recuperar algumas unidades de atenção de áreas de turbulência; isto tornará um pouco mais fácil o preclaro andar na banda, e ao mover-se, ele pode apanhar a recordação sónica. Em qualquer dos casos, correr momentos de prazer é altamente benéfico para um caso.

Correr momentos de prazer futuros, às vezes afina os percéticos. Estes são na verdade incidentes imaginários, tanto quanto pode agora dizer-se. O tom do indivíduo sobe quando corre momentos de prazer, logo, quando são imaginados momentos de prazer no futuro, pode esperar-se que o tom de qualquer indivíduo suba.

Quebras de afinidade deprimem frequentemente o sónico; de forma que um preclaro que tem sónico na Segunda-feira e uma discussão com a sua amada na Terça-feira terá muito menos recordação sónica na Quarta-feira. Além disso, quando a recordação sónica de um indivíduo é invalidada, a realidade dele é deprimida, logo a recordação diminui. Elos de ARC e secundários influenciam marcadamente o sónico ou qualquer outro tipo de recordação. A afinidade, realidade, e comunicação exaltadas, podem por si só ligar o sónico.

CAPÍTULO ONZE

COLUNA I

Vídeo

Recordar uma cena vendo-a outra vez é chamado em Dianética, *vídeo*, pelo que queremos dizer recordação visual.

Há dois tipos de vídeo que o indivíduo pode encontrar. Um é o vídeo imaginário, pelo que queremos dizer cenas que a imaginação constrói. O outro é verdadeiro vídeo, pelo que queremos dizer recordação de cenas verdadeiras e autênticas. Em terminologia de Dianética, vídeo significa normalmente recordação válida de cenas passadas; a palavra *dub-in* é usada para caracterizar vídeo imaginário.

O vídeo de cenas passadas pode ocorrer em tempo presente, o que seria o processo de recordar visualmente. Ou pode ocorrer conforme o preclaro é retornado na banda e vê outra vez em recordação, cenas que registou no seu passado. O vídeo *dub-in* pode funcionar muito da mesma maneira.

Possivelmente a mais exata fronteira entre a sanidade e a insanidade estaria entre saber e não saber que se estava a imaginar o que tinha acontecido. Todas as recordações podem sofrer curto-circuito pela imaginação, de forma que o “eu” é conduzido a acreditar que está a recordar uma realidade, quando são realmente os bancos de memória que lhe fornecem uma sequência imaginária. Quando o ARC é muito baixo num caso, normalmente abaixo de 2.0, a condição do caso implica muitas recordações imaginárias, não importa quão autênticas o “eu” as considera. Como exemplo disto, considere a pessoa num estado de ira a contar uma conversa ou uma disputa. As pessoas que estão furiosas quase nunca dizem a verdade. As que desceram para o nível de hostilidade encoberta, ficam tão confusas entre a realidade e a imaginação, que nem mesmo uma pequena conversa é totalmente digna de confiança, e ainda assim estas pessoas podem acreditar que estão dizer a verdade. Este é um caso de recordação que sofre um curto-circuito pela imaginação, sendo fornecidos ao “eu” dados imaginários que são rotulados como dados autênticos. Possivelmente, a mais flagrante quebra da verdade ocorre em apatia ou ligeiramente acima, onde o medo, misturado com desgosto, pode causar a mais selvagem perversão da recordação.

O melhor exemplo de vídeo *dub-in* seria o cenário que o preclaro obtém quando é retornado na banda para a área pré-natal. Ele pode ficar muito claro e ativo, mas exteriorizado, vê as imagens do cenário à volta da sua mãe, visões e cenas que são inteiramente falsas e não serão consideradas pelo auditor percepções extrassensoriais. Elas denotam uma posição de 1.3 a 1.0 na escala de tom. Os circuitos de que depois muito será dito, são a causa deste vídeo. Uma vez o caso aliviado de muitos engramas secundários, este vídeo cessará, e o verdadeiro vídeo do pré-natal tomará o seu lugar. O verdadeiro vídeo pré-natal é, está claro, negro, exceto quando

pôde ser introduzida uma luz na área para fins cirúrgicos, caso em que às vezes a luz é registada.

Duma pessoa que se encontra na escala de tom entre 1.5 e 0.5, não deve ser esperado vísio preciso, ou qualquer vísio, como no caso ocluso.

O vísio e todas as outras recordações seguem o mesmo padrão do sónico, e ao considerar qualquer recordação, os dados pelo sónico podem ser usados interactivamente.

No nível 4.0 o indivíduo, quando em tempo presente, vê o que recorda, e quando retornado na banda, obtém imagens precisas e claras da cena, da mesma maneira que a viu quando estava olhar para ela. Ele está dentro de si próprio, quer dizer, em valência, e não obtém uma visão de si próprio como parte da cena. A condição normalmente persiste até 3.0. Aqui começamos a obter oclusões e exteriorizações em áreas com engramas altamente carregados, que contêm frases de comando que mudam a pessoa para fora da sua própria valência, como “eu não posso ser eu próprio, ao pé de ti”, etc. À volta 3.0 a pessoa está, na maioria dos casos, na banda; ela pode obter vísio em momentos de prazer, e ele pode estar dentro de si própria, exceto em engramas secundários.

À volta 2.5 a oclusão é marcada. Podem faltar grandes áreas da banda, por causa de carga e engramas mudadores de valência.

De 4.0 a 2.0 é relativamente fácil correr áreas oclusas e descarregar secundários para que o vísio volte facilmente. Abaixo de 2.0 o auditor começa a entrar em dificuldades e tem que ter muita paciência com o preclaro, porque o vísio pode, ou estar ausente, ou exteriorizado. Quando o auditor trabalha tal caso, deve ter muito cuidado para nunca chamar quaisquer destas coisas estranhas à atenção do preclaro, pois isto seria uma invalidação do preclaro que lhe causaria muito dano. A dificuldade com um preclaro de 2.5 para baixo é que a vida o invalidou muito frequentemente. Quando o auditor que está a tentar manter o ARC alto com o preclaro parece alinhar-se com os fatores da vida que já suprimiram e lesaram o preclaro, algum vísio sobrevivente pode muito facilmente desaparecer, de forma que o auditor terá muito trabalho para reabilitar o ARC e recuperar o vísio ou outras recordações.

À volta de ira nós começamos a entrar na área potencialmente psicótica. Isto não quer dizer que uma pessoa em 2.0 seja psicótica. Significa que quando o teta livre do indivíduo se perturba momentaneamente, ele cai facilmente para 2.0, e que nas suas reações à vida, se comporta geralmente nesta banda.

É possível um caso estar em valência pela banda toda abaixo e obter um bom vísio móvel e ainda estar em 2.0, 1.5, 1.1 e ser completamente psicótico. Aqui temos outra vez um indivíduo cujos mecanismos estruturais são insuficientes para trancar a carga existente no caso; por isso teta está contínua e inteiramente perturbado, não tendo livre qualquer porção do analisador com que operar. O teta dele está sempre sob a influência da carga do caso, porque ele não fez nenhuma divisão para o proteger.

Por divisão, compartimentação e oclusão, não queremos dizer paredes de valências; trata-se de outra coisa. A parede de valência pode de facto existir no indivíduo ao ponto dele poder ser uma de duas pessoas, ele próprio e outra pessoa. No caso altamente carregado, no caso do psicótico óbvio, estas paredes de valência estão tão bem definidas que o auditor pode quase ver a pessoa saltar de uma valência para a outra. O esquizofrénico da psiquiatria, a pessoa que muda de uma identidade para a outra, é chamado em Dianética um caso de valência. E quando estas paredes de valência estão tão bem definidas que toda uma nova personalidade emerge com a mudança, temos está claro, uma pessoa abaixo de 2.0. Tais pessoas ordinariamente “correm” (sob processando) em Dianética bastante ruidosamente e são chamados berradores. O víscio dessas pessoas está normalmente presente para a valência na qual o preclaro está no momento. Se está na valência do pai, ele obterá a mesma visão da cena que o pai obteria. Ou pode estar na valência da mãe caso em que ele teria uma visão da cena da mesma maneira que a mãe a teria. Ou pode estar numa valência sintética, a valência de nenhuma pessoa verdadeira, que lhe poderia dar uma visão da cena a partir do teto para baixo. Tais casos quase nunca têm o seu próprio ponto de vista.

Até as paredes de valência são um tipo de mecanismo protetor pelo qual a carga do caso é compartimentada, a fim de permitir ao indivíduo trabalhar, pelo menos parte do tempo. O indivíduo com poder verdadeiramente baixo, continua meramente a acumular carga até ser suprimido para próximo do fundo da escala, sem nunca desenvolver um mecanismo para superar a carga. No que respeita às suas recordações, ele está continuamente na sua própria valência.

Tal como no sónico, o víscio manifesta-se por aí abaixo até ao fundo do caso, quando a estrutura mental é insuficiente para compartimentar qualquer porção do analisador para o uso do “eu”.

O víscio dub-in tem de facto duas subdivisões: (1) quando a verdadeira cena é aproximada, e (2) quanto a cena inteiramente nova é substituída. O primeiro é provocado por mudanças de valência; o víscio que a pessoa obtém da cena quando está a ser atuada por um mudador de valência altamente carregado como em qualquer engrama secundário, é exterior, quer dizer, a pessoa vê-se a si própria como parte da cena; ela pode estar na valência de outra pessoa ou meramente à distância a olhar a cena. Quando a carga é eliminada desta cena particular repetindo-a várias vezes (desde que aconteça alguma libertação nos primeiros quatro ou cinco relatos), o engrama do qual este secundário depende e que, se cria essa ilusão por necessidade tem que conter um comando mudador de valência, perde alguma da sua carga e o indivíduo é então capaz de entrar em si e obter uma visão da cena como a viu ao tempo. Qualquer engrama em que o preclaro está exteriorizado, não pode ser completamente descarregado até o víscio ser restabelecido na cena, conforme foi vista pelo preclaro. Por outras palavras, se o preclaro continua exteriorizado, a carga não é toda eliminada do engrama. Contudo, se puder ser tirada alguma carga de um secundário, o auditor deve correr-lo para esvaziar toda a carga possível.

Se o víscio permanece exteriorizado apesar dos muitos percursos do incidente, há normalmente carga mais recente no caso, um secundário mais

recente que tem primeiro que ser despejado e descarregado; pois a dor física corre da mais antiga para a mais recente e os secundários têm que ser descarregados de o mais recente para o mais antigo.

As exteriorizações imaginárias são mais crónicos à volta de 1.1. Em tais casos pode o auditor às vezes usar o mecanismo de correr o preclaro na banda de outrem, ou seja, na banda do pai ou da mãe ou do avô, para contactar cenas. Em casos desses é como se a banda da pessoa tivesse sido tragada, deixando disponíveis só as bandas de outras valências à volta do indivíduo. Este mecanismo é de uso muito limitado.

Nalgum secundário de apatia, o preclaro pode comumente encontrar-se fora de si até a carga ser tirada do incidente, momento em que ele fica interiorizado. Há sempre um mudador de valência algures num engrama de dor física que cria esta ilusão. A carga em si não manterá uma pessoa exteriorizada, como evidenciado por pessoas com bandas altamente carregadas e que ainda permanecem em valência até ao fundo da escala.

No caso muito ocluso, o vílio é a coisa mais notavelmente ausente. O preclaro pode pensar que o vílio é necessário para sondar elos; mas não é verdade. Ele pode sondar elos “no escuro”, sem qualquer vílio, e ainda trazer à consciência frases ou incidentes que podem ser corridos. O auditor não deve cometer o erro de acreditar que o vílio é necessário ao indivíduo para se mover na sua banda.

Muito pouco se conhece das razões do vílio, e não existe um grande corpo de observação que determine o estado do vílio em todas as pessoas que foram clarificadas dos engramas. Foi contudo observado que o vílio volta num claro; e qualquer esforço para fazer passar por claro um indivíduo que não tem vílio interiorizado na sua banda, é desonesto.

A maioria das crianças têm vílio pela simples razão que os seus engramas ainda não estão carregados ao ponto de poderem ser formados secundários, e assim ocluir o vílio ou empurrar a criança para fora de valência. Num caso com muitos mudadores de valência, secundários de afinidade, realidade e comunicação, provocarão um vílio exteriorizado crónico. Num caso com um analisador suficientemente capaz de bloquear carga, o vílio começa a desaparecer na presença de secundários repetidos. Depois de uma quebra de ARC maior, como a perda de um amor, o vílio pode ser, inteiramente cortado. Também no caso de um indivíduo preso num engrama pré-natal, o vílio é bloqueado pelo simples facto de que o vílio negro do pré-natal está presente em todas as suas memórias. Ele não está, é claro, a circular na banda, logo não pode apanhar a cena de nenhuns incidentes, exceto aqueles em que está preso.

O vílio não é um bom teste do nível de tom de um caso, exceto que na generalidade quando vílio está presente e exato, e outras colunas na escala de tom concordam, a pessoa pode dizer-se estar acima de 2.0. Mas devido ao facto do vílio poder existir pela banda abaixo, esse teste deve ser considerado apenas superficial.

Nota: A discussão dos fenómenos reativos de exteriorização aqui encontrados, não deve ser confundida com a exteriorização como atividade

de teta, coberta em Cientologia 8-8008 (1953) por L. Ron Hubbard, e trabalhos mais recentes.

CAPÍTULO DOZE

COLUNA J

Somáticos

A palavra *somático* significa de facto *corporal* ou *físico*. Porque a palavra *dor* é restimulativa, e porque a palavra dor conduziu no passado a uma confusão entre dor física e dor mental, a palavra somático é usado em Dianética para denotar dor física ou desconforto de qualquer tipo. Ela pode significar dor verdadeira, tal como provocada por um corte ou uma pancada; ou pode significar desconforto, como calor ou frio; pode significar comichão e em resumo, qualquer coisa fisicamente desconfortável. Não inclui desconforto mental, como desgosto. Respiração difícil não seria um somático; seria sim um sintoma de supressão de mal-emoção. Somático significa um estado de ser de não-sobrevivência física. Por um lado, é distinto de um estado de ser mental de não-sobrevivência e, por outro lado, de uma ação física ou percético a favor da sobrevivência, como cinestesia ou tato, ou vísio.

Um engrama tem várias componentes: as duas componentes principais são, é claro, enteta e enMEST. Teta livre entrou em colisão com MEST com a resultante turbulência. Num organismo vivo, a componente de enMEST seria a manifestação do somático.

A diferença principal entre as mentes analítica e reativa aparte as suas funções, é que a mente reativa regista dor e a mente analítica regista meramente o facto de que a dor existe. Isto dá à mente reativa um percético adicional; este percético é chamado somático.

Na presença de *qualquer* dor física o analisador salta fora. Mesmo que a dor seja muito ligeira e breve, há ainda assim um momento de fecho analítico. Em Dianética isto é chamado *anatem*, uma abreviatura tipo engenharia para “analítico atenuado”. O anatem enterra o somático, e com ele enterra, infelizmente, todos os percéticos presentes quando o somático é recebido. Pode ser difícil reparar que o anatem está presente em todos os somáticos, até ferindo ligeiramente, por exemplo o dedo, e voltando ao incidente algumas vezes. A pessoa descobrirá que durante a lesão houve um incidente que foi ocluso devido ao anatem, e que correndo o incidente duas ou três vezes encontrará alguns percéticos adicionais que pode não ter notado antes. Por isso o somático é enterrado por este mecanismo de anatem. Trata-se de um mecanismo funcional de um organismo vivo, que não é analiticamente capaz de recuperar e eliminar a dor; mas não é funcional num organismo racional possuído de considerável poder analítico, uma vez que os percéticos do momento doloroso podem então reagir contra o poder analítico, e o organismo é então vitimado pelos seus somáticos em lugar de aprender a evitar o perigo evitando a dor, a evidente função primária dos somáticos.

Uma dor física severa causa atenuação analítica considerável e fecha completamente o analisador por um certo período de tempo. Isto é

teoricamente um engrama, embora qualquer incidente, doloroso ou não, contido na mente reativa e ocluso por anatem, possa ser considerado um engrama.

Uma vez existindo um engrama, experiências analíticas podem restimulá-lo aproximando os seus percéticos ou quebrando a dramatização exigida pelo engrama. Estes momentos analíticos são chamados elos, e eles carregam o engrama. Existem, tecnicamente falando, dois tipos desses elos: os que meramente restimulam o engrama que é então dramatizado pelo indivíduo; e os que quebram a dramatização. O primeiro tipo não é tão severo como o segundo; uma vez que o segundo tipo, tornando impossível ao indivíduo obedecer aos “ditames” dos engramas, provoca a dor física e o indivíduo apanha o que é conhecido como doença psicossomática.

Uma doença psicossomática, de acordo com descobertas da Dianética, é o lado somático do engrama, ligado por supressão contínua da dramatização. Por isso, em Dianética, não são consideradas doenças psicossomáticas como tal, mas são chamadas *somáticos crónicos*, uma vez que desaparecem quando o engrama e os seus elos são descarregados do caso.

Outra manifestação de anatem ocorre em relação à dor física. O somático perturba teta, e se o incidente analítico que forma um elo neste engrama contiver considerável mal-emoção, como a provocada por medo ou perda, a presença da dor física anterior no banco possibilita a formação de um engrama secundário. A mal-emoção é de facto uma conversão da dor física, de acordo com as descobertas da Dianética. Muito mais podia ser descoberto sobre este mecanismo ou conversão de dor física para, por exemplo, terror ou desgosto ou apatia; e essa descoberta fica, provavelmente, no campo do exame e maior compreensão do teta livre; mas é certo que os engramas secundários, com a sua mal-emoção, ocultam os somáticos. Quando a mal-emoção é descarregada, o próprio engrama fica então disponível.

De facto, tão íntima é a relação entre mal-emoção e dor física, que o caso é corrido por “camadas”. Podem descobrir-se cedo no caso muitos engramas de dor física que descarregam facilmente quando recontados. Isto traz mais tarde à luz uma longa série de engramas secundários. Não é possível encontrar mais engramas de dor física antes de descarregar estes secundários do seu medo, desgosto e apatia. Feito isto, o auditor encontrará uma nova série de engramas de dor física disponíveis.

Pode dizer-se então que um somático está enterrado por baixo de anatem e por baixo de mal-emoção ou engramas secundários. Por isso, os somáticos de um caso parecem “esconder-se”.

Os somáticos podem ser ligados por audição de Dianética, só quando anatem e mal-emoção não são muito pesados para o somático particular que o auditor está a tentar alcançar.

Um caso fortemente carregado (pelo que queremos dizer um caso com um pesado fardo de secundários) pode ver-se que não tem qualquer somático disponível para auditar. Um caso muito ocluso no qual a mente

compartimentou carga, também terá bloqueado a maioria dos somáticos. O caso completamente preso na banda do tempo pode ter em constante restimulação o somático que estava presente no momento em que recebeu o engrama no qual está preso.

A característica do psicótico é que o lado enteta do engrama está em constante atividade e que o lado somático não está particularmente ativo.

O caso anteriormente chamado doente psicossomático, dir-se-ia aquele em que o lado enteta do engrama é suprimido e o lado somático está em restimulação. Estes casos de somáticos crónicos são usualmente vistos como casos sujeitos a quebras de toda e qualquer dramatização ao longo da vida, por outras palavras, casos a que foi negado o controlo de MEST irracionalmente dirigido pelos engramas, assim como o controlo de MEST racionalmente dirigido por teta.

A escala de tom dos somáticos poderia começar no topo com o Claro de MEST em 4.0, o qual não teria mais qualquer somático para correr. Isto é a definição técnica de Claro de MEST segundo a qual todo e qualquer incidente contendo dor física, em toda a sua vida desde a conceção ao tempo presente, foi apagado, libertando assim o teta que estava como enteta no banco, livrando o corpo da dor ou dor potencial. A propósito, isto não significa que o claro não possa ter novas dores e novos engramas. Significa é que esses novos incidentes de dor terão muito menos efeito sobre ele do que se não fosse claro; e ele próprio pode normalmente correr esses incidentes, a menos que desde o início tivesse um muito baixo poder de teta.

Em 3.5, 3.0, e 2.5, os somáticos são nítidos e prontamente disponíveis para o auditor. Quase qualquer engrama no caso pode ser corrido, desde que o básico da cadeia e outros engramas precedentes tenham antes sido apagados. Ligeiramente acima de 2.0, os engramas começam a ser suprimidos pela carga e anatem do caso. Num caso pesadamente ocluso que ainda assim está em 2.0, os somáticos podem todos estar ausentes. Num caso menos ocluso em 2.0, os somáticos podem ser muito leves. Num caso que está em valência e ainda assim em 2.0 e que se pode mover na banda, os somáticos estão disponíveis e podem ser corridos.

À volta 1.1, o caso pesadamente ocluso não terá nenhum somático disponível. O auditor deve aqui trabalhar somente para descarregar elos e secundários, antes de poder encontrar somáticos. No caso menos ocluso serão contudo encontrados alguns somáticos disponíveis extremamente leves. E no caso não ocluso que ainda assim está em 1.1, ver-se-á que os somáticos são leves, e, uma vez mais, não descarregarão adequadamente até os elos e secundários serem corridos.

Em 0.5, os somáticos do caso ocluso, o caso parcialmente ocluso, ou o caso todo aberto serão achados tão leves como se fossem praticamente não existentes, de acordo com a experiência habitual.

Abaixo deste nível, não existe quaisquer somáticos.

O auditor deve reconhecer completamente os somáticos pelo que eles são: dor física de lesões passadas. Ele deve além disso reconhecer, que é em primeiro lugar o somático que possibilita elos e secundários. E tem que

reparar, além disso, que os somáticos estão enterrados debaixo de anatem e mal-emoção, quando eles estão presentes. Ele não deve contudo acreditar que, só porque os somáticos possibilitam elos e secundários, a sua missão primária é correr somáticos do caso, mas onde os somáticos não estão facilmente disponíveis, ele deve ser muito prudente ao tentar encontrá-los, e deve dedicar-se a elos e secundários em lugar de somáticos. Ele descobrirá que descarregando elos e secundários, pode muito frequentemente aliviar o que tem sido chamado de doenças psicossomáticas.

Correr somáticos é pôr o caso em permanente boa forma. Correr elos e secundários é uma maneira muito mais rápida de elevar o tom do caso; contudo, esse tom pode cair de novo, uma vez que os engramas permaneçam. É teoricamente possível trazer um caso para 3.0 ou 3.5 sem nunca correr um somático; mas isto não é possível na experiência comum, e temos que correr engramas de dor física quando eles se oferecem, salvo nos casos em que há tão pouco teta livre disponível que, correndo um somático, o teta livre restante fica perturbado e envolvido com o engrama, formando um novo elo em audição. Tal ato pode atirar um psicótico, da fronteira para a área psicótica. Isto é evitado abordando elos e secundários na fronteira psicótica, em lugar de somáticos.

O auditor não deve tentar somáticos específicos no caso, na esperança de aliviar doenças crónicas. Ele pode melhor abordar um somático crónico específico correndo os elos e secundários envolvidos naquele somático.

Meramente correndo o preclaro por várias partes da vida dele, para cima e para baixo na banda, o auditor pode aliviar bastante anatem e mal-emoção do caso, permitindo a ocorrência de somáticos. Isto era conhecido como “olear a banda”. Contudo não se deve correr um preclaro num somático a menos que se pretenda reduzi-lo ou descobrir o básico na cadeia e reduzi-lo. Uma vez contactados, os somáticos devem ser reduzidos; se eles não reduzem facilmente algumas contagens, deve ser encontrado um engrama anterior ou a cadeia de elos ou o secundário que inibe o somático de reduzir.

É o somático que predispõe um caso para a doença. Uma velha dor física numa área do corpo debilita aquela área na medida em que contém uma lembrança de lesão; os fluidos do corpo aproximam-se da área com precaução. Quando essa velha lesão é restimulada, a aproximação dos fluidos do corpo é ainda mais inibida, logo, cada vez mais é negada a nutrição, apoio, reparação, e proteção na área, fins para os quais o fluxo geral de fluidos do corpo foi concebido. As bactérias podem então entrar na área e manter-se, podendo daí resultar uma doença, de acordo com esta teoria e de acordo com o que foi observado ao trabalhar muitas pessoas com Dianética. Se o somático da área é pesado, a presença de bactérias pode restimulá-la mais, logo a doença é perpetuada, tornando-se uma infecção crónica. No caso de dores simples, conhecidas pelos médicos como “dores estranhas”, ou reumatismo articular crónico, só pode ser o próprio somático restimulado, e a redução do dito somático é frequentemente acompanhada pela perda súbita da doença psicossomática. Isto não é pretender que a remoção de um somático cura uma doença psicossomática: tal pretensão é especificamente proibida por lei, conforme

se aplica a artes curativas antigas. Contudo, a experiência clínica, com ou sem lei, demonstra na prática que isto é uma teoria exequível. Qualquer lei que procurasse forçar as pessoas a permanecer doentes quando poderiam ficar bem, seria uma lei malévola. Além disso, as leis do homem nunca puderam fazer muito para suprimir as leis de Deus.

CAPÍTULO TREZE

COLUNA K

Discurso, Fala, Discurso, Ouve

O índice mais preciso da posição do preclaro na escala de tom é provavelmente o discurso. É uma manifestação generalizada de comunicação de percéticos.

Os engramas podem ser induzidos através de comandos específicos, falando demais, falando de menos, ouvindo demais ou ouvindo de menos as outras pessoas. Ao longo do quadro existe o risco do indivíduo estar a operar com base em comandos compulsivos ou obsessivos, em relação a uma ou mais das colunas. A posição média nas colunas é o mais importante. Um engrama maníaco, dizendo a uma pessoa para falar continuamente, ou um engrama supressivo, exigindo que a pessoa não faça nada mais do que ouvir, produzirá esse comportamento; mas a menos que uma pessoa fale e escute abertamente, ela não pode ser considerada muito em cima na escala de tom.

Há casas duplas na coluna da fala: uma refere-se a falar, a outra a ouvir. Pode não ter ocorrido a algumas pessoas, que comunicação é enviar e receber. Uma observação da forma como uma pessoa ouve e fala, tornará possível formar uma opinião sobre se a pessoa está ou não a operar na base de comandos engrânicos, tanto sobre ouvir como falar: porque usualmente, um ou o outro, falando ou ouvindo, dará uma indicação precisa da sua posição na escala de tom. Uma pessoa que não está a operar na base de comandos engrânicos que negariam ou forçariam falar ou ouvir, falará e ouvirá mais ou menos igualmente.

Sendo a operação mental o que é, à medida que a pessoa cai na escala de tom, o seu potencial de afinidade, o seu potencial de realidade e o seu potencial de comunicação também cairão. Assim, por meios inteiramente mecânicos, obtemos redução de víscio, de sônico, de recordação somática, de todos os outros percéticos e de falar e ouvir. O nível mais alto da escala contém a faculdade de comunicar completamente e não conter nada; também contém a capacidade de comunicar, com uma seletividade racional completa; também contém a capacidade de, conversando, ser criativo e construtivo.

Neste nível alto da escala, o indivíduo é capaz de ouvir tudo o que é dito e avalia-o racionalmente. Ele pode ouvir as comunicações de enteta sem ficar severamente perturbado. Ele pode receber ideias sem fazer comentários críticos ou depreciativos. E ao receber as ideias de outra pessoa, pode grandemente ajudar o pensamento e conversação dessa pessoa.

No nível 3.5, o indivíduo é capaz de comunicar com outros convicções profundamente sentidas e ideias, e pode comunicar com outros seletivamente, ou seja, pode cortar linhas de enteta e sustar ou fomentar a

conversação, de acordo com as circunstâncias racionais ou agradáveis do momento. Neste nível, o indivíduo pode ouvir sem ficar crítico e ajudar os outros na conversação, mas é capaz de ficar ligeiramente perturbado com conversação enteta.

Entre 3.5 e 3.0, a capacidade de um indivíduo para falar com outros diminui para uma tentativa de expressar um número limitado de convicções e ideais, e confina com o conservador. Ele pode ter uma reação muito conservadora às pessoas com ideias altamente criativas e construtivas. É crítico da irracionalidade flagrante. Por outras palavras, de 3.5 a 3.0 estamos numa área onde os males da vida criaram defesas da parte do indivíduo.

Em 3.0, o discurso do indivíduo fica mais casual e reservado. Aqui está o nível superficial de conversa sobre o tempo e boas estradas. Neste nível o indivíduo mostra resistência a ideias muito sólidas. É aqui expresso um medo analítico de não estar totalmente à vontade.

Em 2.5, temos o nível de indiferença à conversação com outros, uma atitude “não discutamos isso”, uma demissão da comunicação, um negligéncia sobre se a conversação é recebida ou até comprehensível.

Entre 2.5 e 2.0, temos um nível onde a comunicação de outras pessoas é recusada, e onde a pessoa não gosta de falar.

Em 2.0, alcançamos um nível antagónico de conversação. O indivíduo é capaz de discutir ou fazer comentários depreciativos para invalidar outras pessoas. Neste nível o indivíduo só pode ser movido por admoestaçāo, observações sujas, invalidações e outras comunicações antagónicas.

No nível de tom 1.5, temos um bloqueio da conversação das outras pessoas, uma completa recusa a ouvir e esforços para destruir a conversação recebida. A conversação emitida por um indivíduo deste nível, é francamente destrutiva e sem qualquer pensamento duma possível retaliação como resultado desta destruição. A conversação neste nível dificilmente poderia ser chamada *conversação*, uma vez que se trata de um movimento para a destruição e um recusa a aceitar qualquer coisa que pudesse evitar essa destruição.

Abaixo deste nível, antes de alcançar 1.1, o indivíduo afunda-se num silêncio teimoso, num amuo, numa recusa em falar. Ele não ouvirá nenhuma comunicação de qualquer tipo vinda de outras pessoas, exceto a que encorajar a sua atitude.

Em 1.1 temos a mentira a fim de evitar uma comunicação real. Toma a forma de acordo, simulação, adulação ou apaziguamento verbal, ou simplesmente duma falsa imagem dos sentimentos e ideias da pessoa, duma falsa fachada, duma personalidade artificial. É o nível de hostilidade encoberta, o nível mais perigoso e perverso da escala de tom. É a pessoa que lhe sorri enquanto lhe espeta uma faca nas costas. É a pessoa que lhe diz que o defendeu, quando de facto destruiu praticamente a sua reputação. É o adulador insincero que só espera um momento de distração para destruir. A conversação neste nível é preenchida com pequenas farpas que são imediatamente depois justificadas como elogios intencionais. Falar com essa gente é a ação enlouquecedora de jogar ao boxe com uma

sombra: a pessoa repara que algo está errado, mas as cautelas de um 1.1 não admitirão nada de errado, nem mesmo que, o tempo todo, ele faça o seu melhor para transtornar e provocar o caos. Este é o nível do pervertido, o hipócrita, os vira-casacas. Este é o nível do subversivo. De tal pessoa nunca se pode esperar um sincero ataque frontal; o ataque virá na nossa ausência, nas nossas costas ou quando dormimos. Um desgraçado que case com um 1.1 está literalmente falando, em perigo de vida e sanidade; é que essa pessoa é incapaz de qualquer afeto real; essa pessoa está tão introvertida, que qualquer demonstração de afeto é de uma hipocrisia doentia. Essa pessoa aproveitará de um modo oportunista qualquer possibilidade que conduza à sua própria segurança e abandonará todos os que ele pretensamente chamava de amigos. Um 1.1 é a pessoa mais perigosamente demente da sociedade, e é provável que cause o maior dos danos. Por causa da natureza encoberta desta insanidade, é completamente posta de lado a hipótese de tal pessoa ser pronunciada louca por qualquer agente. Neste nível não há qualquer conceito de honra, decência ou ética; só há pensamentos desesperados afetos à morte de si próprio e danosos para os outros. A sociedade pode manejar um homem zangado; ela sabe o que esperar dele. A sociedade pode manejar o caso de apatia; a sua insanidade é óbvia. Mas o 1.1 é um covarde escondido que ainda contém energia péruida bastante para ripostar, mas jamais bastante coragem para admoestar. Tais pessoas devem ser retiradas da sociedade o mais rapidamente possível e uniformemente internadas; é que este é o nível do contágio da imoralidade e da destruição da ética; aqui está a forragem que as organizações da polícia secreta usam para as suas operações corruptas. Uma das mais eficazes medidas de segurança que uma nação ameaçada pela guerra poderia tomar, seria reunir e acantonar longe da sociedade qualquer indivíduo 1.1 que pudesse estar conectado com o governo, o exército ou indústria essencial; uma vez que aqui se encontram pessoas que, independentemente da lealdade da sua família, são traidores potenciais, sendo traição o firme modo de operação da sua insanidade. Neste nível está o lodo da sociedade, os criminosos sexuais, os subversivos políticos, as pessoas cujas atividades aparentemente racionais não são mais que distorções tortuosas dum ódio secreto.

Um 1.1 pode ser com precisão localizado pela sua conversação; uma vez que ele só procura perturbar os que estão à sua volta, transtorná-los, com a sua conversação, destruí-los sem jamais estarem conscientes do seu propósito. Ele só ouve os dados que servem a sua turbulência. Aqui está o aldrabão, a esposa infiel, o batoteiro; é o estrato mais indesejável de qualquer ordem social.

Nenhuma ordem social que deseje sobreviver se atreve a negligenciar o seu estrato de 1.1s. Nenhuma ordem social sobreviverá se não remover estas pessoas de seu meio.

O 1.1 está tão baixo na escala de tom e ainda assim mentalmente tão ativo, por via de regra, que é muito difícil de processar. O mais longo e mais árduo curso da terapia, pode ainda deixar o auditor confundido por uma mente tão cheia de circuitos, que, da parte do preclaro, não pode ser sentido nenhum impulso real para melhorar. O auditor pode sentir que só a oferta de uma vantagem óbvia em tempo presente, como deixá-lo sair da

prisão, tentaria este preclaro a dar uma cooperação genuína. O auditor pode sentir que este caso simplesmente não tem salvação. Mas se o auditor conseguir remover alguns dos circuitos ou os desrestimular do caso, ele pode poder fazer progressos. É preciso um Dianeticista muito inteligente para fazer qualquer coisa com um 1.1 computacional crónico.

O 0.5 fala dolorosa e desesperadamente em termos das coisas más que estão a acontecer e que estão para acontecer e para as quais não há remédio. Ele só ouve esse tipo de discurso. Ele não pode ser encorajado ou animado, mas mergulhará imediatamente na sua apatia. Aqui está a desesperança.

Em 0.1, temos uma incapacidade para falar e um indivíduo completamente indiferente à conversação.

É interessante notar que o auditor pode usar esta coluna da conduta no preclaro, o que nós chamamos de “psicometria de dois minutos”. O truque é simplesmente começar a falar com o preclaro no mais alto nível de tom possível, criativa e construtivamente, e então baixar gradualmente o tom da conversação até ao ponto de conseguir uma resposta do preclaro. Um indivíduo responde melhor na sua própria banda de tom; e, através de conversação, só pode ser elevado cerca de meio ponto na escala de tom. Ao fazer este tipo de “psicometria” não se deve estender muito uma banda particular de conversação a mais que uma ou duas frases, porque isso terá tendência a elevar ligeiramente o tom do preclaro e assim adulterar a precisão do teste.

A psicometria de dois minutos é então feita comunicando primeiro algo criativo e construtivo, ver se o preclaro responde, depois mais conversação casual talvez sobre desportos e ver se o preclaro responde. Não obtendo resposta, o auditor começa falar antagonicamente sobre coisas que o preclaro sabe, mas não, é claro, sobre o preclaro, para ver se ele dá uma resposta neste ponto. O auditor pode então avançar com uma ou duas frases de ira contra alguma condição. Então o auditor pode entregar-se a um pouco de má-língua e ver se há alguma resposta. Se isto não funcionar, então o auditor sonda algumas declarações de desespero e miséria. Algures nesta área o preclaro concordará com o tipo de conversação que lhe está a ser oferecido, quer dizer, responderá na mesma moeda. Pode então ser mantida uma conversação nesta banda onde o preclaro foi descoberto, e o auditor ganhará rapidamente bastante informação para fazer uma boa primeira estimativa da posição do preclaro no quadro.

Esta psicometria de conversação de dois minutos também pode ser aplicada a grupos. Aquele locutor que deseja dominar a sua audiência, não deve falar acima ou abaixo do tom da audiência, mais do que meio ponto. Se ele deseja elevar o tom da audiência, deve falar cerca de meio ponto acima do nível do tom geral. Um locutor especialista, usando esta psicometria de dois minutos e notando cuidadosamente as respostas da sua audiência, pode, em dois minutos, descobrir o tom da dita audiência, momento em que, tudo o que tem que fazer, é adotar um tom ligeiramente acima. Na Itália e na Alemanha, onde toda a gente estava no nível 1.0 ou ligeiramente abaixo, dois oradores da morte, Mussolini e Hitler, foram recebidos por grandes multidões com um entusiasmo brutal. Um santo poderoso poderia ter surgido e falado a esta gente nos termos mais criativas

e construtivas, e não teria tido qualquer resposta. Este fenómeno levou os historiadores a acreditar erradamente, que o indivíduo era criado pelo momento e que o momento não era criado pelo indivíduo. Um pouco de instinto incitou estes extintos líderes da Europa a procurar e encontrar o ponto da escala de tom em que eles pudessem rapidamente prender a atenção das audiências. Acontece pois, que quem quer que esteja na banda 1.5 provocará o desastre, independentemente das intenções declaradas. Um orador da morte pode trazer todo um povo até ira e mantê-lo lá o bastante para o destruir, como fizeram Mussolini e Hitler durante a segunda fase da Primeira Guerra Mundial.

CAPÍTULO CATORZE

COLUNA L

Manejo da Comunicação Escrita ou Falada *Quando Age Como Retransmissor*

Como na fala, é um facto mecânico que uma pessoa numa certa posição na escala de tom, a menos que afetada por engramas especificamente exigindo uma ação diferente, tende a seguir um padrão definido de manejar mensagens quando age como ponto de retransmissão.

Isto é aqui mencionado, em parte porque é importante para as organizações, mas principalmente porque é um bom ponto de diagnóstico para o auditor. O que é que o sujeito faz com as cartas que lhe são dadas? Responde-lhes, ou põe-nas de lado? Quando você lhe dá uma mensagem para a dar a outrem, aquela outra pessoa recebe a mensagem que você queria, ou ela é distorcida ou alterada de alguma maneira, ou nem sequer é entregue?

O manejo de mensagens é próximo da capacidade do indivíduo para contactar o seu próprio banco padrão de memória, quer dizer, ele manejará no mundo exterior várias comunicações de uma pessoa para a outra, da mesma maneira que os seus próprios circuitos manejam informação entre o seu banco padrão de memória e ele próprio. No nível mais alto da escala de tom temos comunicação completa, e no mais baixo nível não temos comunicação alguma.

Em 4.0, o indivíduo passa comunicações livremente, contribui normalmente para elas e tende a cortar comunicações de enteta, quer dizer, linhas que ele sabe serem malignas ou difamadoras não são passíveis da sua ajuda.

Em 3.5, o indivíduo passa comunicações, mas ressente-se e ataca as linhas de enteta; por “linha”, está claro, queremos dizer linha de comunicação, que é qualquer sequência através da qual uma mensagem de qualquer tipo pode seguir.

Em 3.0, começa a ter lugar uma quebra da linha de comunicação na qual o nosso indivíduo está a agir como ponto de retransmissão, porque um indivíduo neste nível é provável suspeitar ligeiramente da criatividade do 4.0, e é provável que reduza consideravelmente a mensagem. Aqui temos o conservantismo; e, neste nível, as comunicações conservadoras são retransmitidas muito rapidamente. Aqui o indivíduo não se entrega prontamente, nem a uma linha de enteta nem a uma intensa linha de teta.

Em 2.5, o indivíduo desvaloriza as emergências. Não é provável acreditar numa mensagem altamente construtiva ou numa mensagem destrutiva. Ele maneja pobramente comunicações acima ou abaixo do seu nível, mas passa comunicações da banda de aborrecimento.

Um indivíduo em 2.0 lida principalmente com comunicações hostis ou ameaçadoras. Ele só deixa seguir um pequeno número de comunicações construtivas, tende a excluir comunicações teta e tende a passar

comunicações enteta, quer dizer, fará uma festa com caluniar, mas não fará uma festa com um alto empenho, a menos que se ajuste aos seus próprios propósitos antagónicos. Aqui temos um ponto de retransmissão muito pobre, mas que, quando pressionado, funcionará.

Em 1.5 encontramos um nível perigoso de ponto de retransmissão em qualquer organização, ou nação, ou família, uma vez que aqui todas as boas e construtivas comunicações teta são paradas ou de alguma maneira pervertidas. Suspeição e outros elementos enteta são adicionados à comunicação antes de ser enviada. Este nível favorece e passa prontamente comunicações de fúria que provocarão destruição. Dar uma comunicação a essa pessoa para a passar a outra, provocará certamente, uma vez retransmitida, resultados diferentes dos tencionados.

À volta de 1.3, todas as comunicações teta são cortadas e as maliciosas são prontamente retransmitidas. As comunicações passadas são distorcidas e pervertidas.

À volta de 0.9, temos um indivíduo que tende a cortar as linhas de comunicação e que, a um ou outro pretexto, não retransmitirá comunicações. Neste nível temos o indivíduo dedicado a comunicações secretas e é capaz de dar a classificação de secreto ou confidencial às matérias mais banais.

Em 0.5, o indivíduo presta muito pouca atenção às comunicações. Ele não consegue ver a necessidade de transmitir nada a ninguém; é, de qualquer maneira, “inútil” e assim “não há nada a fazer”.

Em 0.1, claro, o indivíduo não tem consciência de qualquer tipo de comunicação, logo não as retransmite.

Este assunto é muito mais exaustivamente coberto no campo da Dianética de Grupo, uma vez que se aplica com enorme importância à condução de negócios, governos, exércitos e outras organizações. Poderia dizer-se seguramente que noventa e cinco por cento das dificuldades de um executivo é com linhas de comunicação. Este índice da escala de tom dar-lhe-á alguma ideia do que ele pode esperar de certos subordinados. Se um executivo está cercado de indivíduos que não passam ou que pervertem comunicações, pode estar muito certo da existência de dificuldades na organização provocada apenas por este ponto.

O auditor pode estabelecer a posição do seu preclaro na escala de tom através da observação e investigação de como o preclaro maneja comunicações escritas e faladas, quando age como ponto de retransmissão. Ele pode melhor fazer isto, dando ao preclaro uma mensagem para retransmitir a outra pessoa a fim de ver o que acontece àquela mensagem, sem, é claro, o preclaro pensar que é um teste, mas um esforço sincero para retransmitir uma comunicação.

CAPÍTULO QUINZE

COLUNA M

Realidade (Acordo)

Como foi dito em capítulos anteriores deste livro, a qualidade conhecida como realidade existe, tanto quanto sabemos, principalmente porque nós *concordamos* que existe.

Todo o universo físico, de acordo com os princípios da física nuclear, é redutível a quase-zero se pensamos em termos de uma realidade que pode ser sentida, medida ou experimentada. Matéria e energia existem no espaço e tempo; mas a matéria é composta de energia; e a energia parece, na melhor das hipóteses, ser um movimento em vez de uma substância. Para um movimento acontecer, vê-se que são necessários espaço e tempo, mas esse espaço e tempo são eles próprios entidades tão estranhas, de acordo com Einstein e outros, que também são redutíveis e expansíveis e não são entidades claramente definidas. Muito poderia dizer-se sobre este assunto, tudo mais ou menos de natureza confusa e indecisa. Durante séculos, os filósofos têm debatido a realidade da realidade, e cada um deles chegou à admissão final que o homem concorda que percebe qualquer coisa com os seus vários sentidos, e que o homem concordou em chamar a isto realidade.

Para os nossos propósitos, o mais baixo denominador comum de realidade poderia então ser chamado acordo. Se você e eu concordarmos que estamos a olhar para um automóvel, então aquele automóvel é uma realidade para nós. Se outra pessoa avança e diz que não é um automóvel mas um barril de azeitonas, então você e eu podemos supô-lo louco. No que diz respeito a realidade, reina a opinião da maioria. Os que não concordam com a maioria são comumente pronunciados loucos, ou são exilados, e assim temos um tipo de seleção natural contínua que nos dá uma ordem social que concordou com certas realidades definidas. Qualquer pessoa que de qualquer forma procure alterar essas realidades, é atacada, a menos que a força da sua razão seja tal, que meta nas mentes dos homens uma nova realidade com a qual esses homens possam concordar.

Existem de facto dois tipos de realidade. A realidade que pode ser sentida, medida e experimentada no universo físico. Esta realidade MEST está tão cabalmente construída na génesis de um ser humano e é tão inexoravelmente consistente no seu comportamento, como nas ciências físicas, que o homem a acha pesadamente consistente e assim funciona, como nas ciências físicas, para descobrir certas regularidades naturais do comportamento do universo físico. Quando são descobertos novos dados sobre o universo físico para os comparar favoravelmente com o que a geração atual está acostumada a sentir, medir ou experimentar, é atingida uma alta ordem de acordo.

Um segundo tipo de realidade é a *realidade postulada*, que é trazida à existência por imaginação criativa ou destrutiva. Esta realidade aflora o campo ainda inexplorado da estética. Há homens, usualmente nos campos das artes e filosofia, que postulam novas realidades para a ordem social. A ordem social progride ou retrocede proporcionalmente ao número de novas realidades postuladas. Estes postulados são normalmente feitos por homens imaginativos isolados. As ordens sociais são normalmente muito conservadoras, e procuram agarrar-se duramente às velhas realidades. A razão é simples. Na ausência de largas cadeias de comunicação através das quais as novas realidades possam em geral ser oferecidas, é preciso algum tempo para que essas novas realidades sejam conhecidas. De facto, uma nova realidade postulada por algum indivíduo torna-se conhecida na razão direta da velocidade e magnitude da ideia. Existe sem dúvida uma fórmula para a velocidade e avanço de ideias. Por exemplo, um homem chamado Ibsen, escrevendo algumas peças teatrais, sozinho, alterou brutalmente em poucos anos todo o aspeto cultural da Escandinávia. Ideias e não batalhas, marcam o progresso do género humano. Indivíduos e não massas formam a cultura da raça. Em menor escala, atores e outros artistas trabalham continuamente para dar ao amanhã uma nova forma. Hollywood faz um filme que atinge a imaginação do público, e amanhã lá temos nós raparigas caracterizadas como a estrela, passeando pelas ruas de pequenas cidades de América. Um decorador de interiores de Hollywood prepara um cenário que dá nas vistas da audiência americana, e amanhã aquele cenário é visto nos apartamentos de Miami e outros lugares de veraneio. Uma cultura é tão rica e tão capaz de sobreviver quanto tiver artistas imaginativos, homens de ciência peritos, alto nível moral, governo funcional, terra e recursos naturais, quase naquela ordem de importância.

Poderiam ser postuladas mais duas realidades. A primeira é aquela do Ser Supremo. Nenhuma cultura da história do mundo, exceto as completamente depravadas e a exípirar, deixou de afirmar a existência de um Ser Supremo. É observação empírica que os homens sem uma fé num Ser Supremo forte e duradoura, são menos capazes, menos éticos, e menos valiosos, para eles próprios e para a sociedade. Um governo que queira depravar o seu povo ao ponto de aceitar os actos mais pérfidos e miseráveis, abolirá em primeiro lugar o conceito de Deus, atrás disso destrói a família com o amor livre, a intelectualidade com idiotices impostas pela polícia, e assim reduz toda uma população a um estado algo abaixo de cão. Um homem sem uma fé duradoura é, por observação direta, mais uma coisa do que um homem. A ciência moderna, produzindo armas para aniquilar homens, mulheres e crianças por atacado, encalhou solidamente no recife do ateísmo. A ciência moderna foi ao ponto de advogar a criação dum homem de barro e só barro; ela negou-lhe até a sua semelhança com uma alma; logo, não só não resolveu nenhum dos problemas das ciências humanas, mas também ajudou e foi cúmplice de governos totalitários ateus, que não procuram nada menos que a submissão e escravização de todos os homens, e a extinção de cada centelha de decência do peito de todo o ser humano. Estes dois caminhos que se afastaram da afirmação da existência de um Ser supremo, ciência moderna e totalitarismo, levam o homem a um estado maquinal de ser, onde o ideal se tornou um monte de músculos gordurosos do suor, ou um mecânico sujo

servindo um monstro uivante de aço. As artes, as ciências humanas e a decência, estão em declínio a ponto de serem estrelas minúsculas brilhando através de um grande vazio negro. O abandono da admissão de um Ser Supremo como realidade, íntima à vida do homem, faz da prostituição a conduta ideal de uma mulher; da perfídia e traição, o mais alto nível moral de um homem; e a destruição pela traição, bombas e armas, a mais alta meta de uma cultura. Por isso, não há grandes argumentos sobre a realidade de um Ser Supremo, uma vez que vemos, ao desaprovar essa realidade, um rastro lodoso e repugnante descendo às mais viciosas profundezas.

O universo teta é uma realidade postulada para a qual existem muitas provas. Se fizermos um diagrama disto, será um triângulo com o Ser Supremo num canto, o universo MEST noutro e o universo teta no terceiro. Demasiadas provas estão a surgir com a pesquisa para nos permitirmos negligenciar esta realidade. De facto, a assunção desta realidade está a resolver alguns dos problemas principais das ciências humanas, e preenche muitas lacunas anteriormente existentes na teoria dos engramas.

O facto de uma pessoa poder enfrentar a realidade, foi por muito tempo considerado benéfico em psicoterapia. Contudo ninguém definiu realidade, e o indivíduo achou isto bastante difícil.

Haveria duas realidades intimamente respeitantes ao indivíduo. A realidade interna da sua própria existência e passado, e a realidade externa do seu ambiente de tempo presente. A isto poderia ser adicionada, claro está, a sua realidade futura.

A escala de tom de realidade em extroversão/introversão seria, à primeira vista, que à volta do tom 4.0, o mundo interior seria suficientemente confortável para que o pensamento e percepção do indivíduo fossem principalmente dirigidos para o mundo exterior, e a sua computação tivesse a ver com o tempo presente e futuro. E à medida que descêssemos na escala de tom poderíamos ver o envolvimento gradual de teta livre com enMEST, tendo cada vez menos a ver com o mundo exterior e o futuro, e cada vez mais com o envolvimento no mundo interior e passado, até a maior parte da teta ser perturbado, seguindo-se a morte. Haveria então, uma escala de extroversão/introversão que marcaria muito nitidamente a posição da pessoa na escala de tom. A posição da pessoa seria, claro está, determinada pela quantidade de teta livre com que ela foi dotada, e a percentagem daquele teta que se tinha tornado enteta.

Poderia ainda ser postulada outra escala de realidade com base nos percéticos de teta, mas isso está para além do âmbito deste trabalho.

A atitude geral do indivíduo com respeito a realidade, como é mostrado na escala de tom, seria como segue:

Em 4.0, o indivíduo estaria criativa e construtivamente inclinado para a realidade. Seria mais provável ajustar realidade a ele e postular novas realidades futuras, do que ser ele a ajustar-se às realidades existentes. Ele procuraria pontos de vista diferentes e mudanças de realidade, a fim de alargar a sua própria realidade. Ele teria uma flexibilidade e compreensão completas, ao relacionar e avaliar diferentes realidades.

Em 3.5, o indivíduo teria a capacidade de compreender, relacionar e avaliar realidades, independentemente da diferença de pontos de vista; uma flexibilidade moderada sobre as realidades em consideração, sem uma busca ansiosa por novas realidades. Um pouco abaixo na escala de tom, o indivíduo seria envolvido em tentativas para conciliar a sua própria realidade com realidades contraditórias, e ele teria uma flexibilidade limitada.

Em 3.0, o indivíduo tem consciência da possível validade de uma realidade diferente, sem a relacionar com a sua própria realidade.

Em 2.5 seguir-se-ia uma indiferença para com realidades contraditórias, uma atitude “talvez, quem se importa?”. Abaixo disto estaria uma recusa em equiparar duas realidades e rejeitaria realidades contraditórias.

Em 2.0 acharíamos a dúvida verbal, defesa da realidade própria e tentativas de minar a realidade de outros. É o nível crítico, e o criticismo intensifica-se daqui para baixo até 1.0 e então desvanece-se.

Em 1.5, o indivíduo está principalmente preocupado com a destruição de realidades opostas, demolindo-as ou mudando-as, desbaratando as realidades das outras pessoas. A realidade ambiental seria atacada, com destruição visível. A única mudança que teria lugar seria uma mudança destrutiva.

Abaixo disto estaria a dúvida da realidade oposta, uma descrença não verbal, uma recusa em aceitar a descrença de outros, uma recusa em aceitar realidades opostas sem tentar lutar.

Em 1.1 na escala de tom seguir-se-ia dúvida da própria realidade, insegurança e tentativas para ganhar certezas. Na esfera das realidades do MEST, haveria pazamento dos deuses ou dos elementos.

Em 0.5 teríamos vergonha, ansiedade, forte dúvida da própria realidade com uma inabilidade consequente para agir dentro dela. Para a pessoa agir tem que lhe ser dito o que fazer. Ela tem medo de agir por si própria uma vez que não tem maneira de avaliar as consequências.

Abaixo disto é uma retirada completa das realidades contraditórias e uma recusa em reconhecer a existência de qualquer realidade exceto a sua própria, na qual está rigidamente preso.

No tom 0.0, a única realidade é a morte.

CAPÍTULO DEZASSEIS

COLUNA N

Condição da Banda e Valências

Toda a gente tem uma banda do tempo. Para alguns preclaros isto pode não ser imediatamente aparente.

A banda do tempo consiste de cada momento consecutivo de “agora”, desde o primeiro instante de vida do organismo até ao tempo presente. Na verdade, a banda é um feixe de múltiplos percéticos; e poderia dizer-se que há uma banda do tempo para cada percético, todas as bandas funcionando simultaneamente. A banda poderia também ser considerada como um sistema de arquivo das gravações do ambiente e do organismo, de acordo com o tempo de receção. Todas as percepções do ambiente e do organismo durante a vida inteira até agora, ou seja, até ao tempo presente, são registadas superficial ou profundamente na banda do tempo.

Antes da Dianética, a existência da banda do tempo não era geralmente conhecida dumha pessoa desperta e consciente, nem o facto do indivíduo se poder mover sobre ela. No campo do hipnotismo algo do fenómeno era conhecido, mas tinha sido estudado de forma indiferente, pensando-se só estar disponível para uma pessoa hipnotizada. Experiências conduzidas por peritos em hipnotismo demonstraram que a pessoa desperta se move mais prontamente na banda do tempo do que uma pessoa hipnotizada.

Se o indivíduo se está a mover, há verdadeira percepção de movimento na banda do tempo. O tempo presente é um momento extensível; e uma pessoa livre na sua banda do tempo está geralmente em tempo presente, avançando através dos sucessivos momentos do tempo.

Uma das primeiras preocupações do auditor é manter o caso do seu preclaro numa condição tal, que o preclaro possa continuar a mover-se na banda do tempo contactando elos, secundários e engramas, a fim de os recontar no lugar onde ocorreram um número de vezes suficiente para que se reduzam ou se apaguem. É possível que o auditor, deixando de conduzir devidamente o seu preclaro através de elos, secundários e engramas, provoque uma detenção do preclaro nalgum momento passado da banda do tempo. Quando isto acontece, o preclaro não se pode mover na banda do tempo, e o auditor deve ter como primeira preocupação devolver a mobilidade ao preclaro.

Várias coisas podem acontecer ao preclaro em relação à banda do tempo. A mais perturbadora é quando um agrupador, uma frase como “concentrate”, “tudo acontece ao mesmo tempo”, “está tudo contra mim”, “tudo se resume a isto” e outras frases de ação que tenderiam a agrupar todos os incidentes num ponto, cria a ilusão de que a banda do tempo é colapsada e que todos os incidentes estão no mesmo momento no tempo. Para que isto aconteça o caso tem que estar pesadamente carregado e as frases de ação têm que ter considerável eficácia neste preclaro. O auditor pode detetar

isto bastante facilmente, e à primeira dificuldade com a banda do tempo o auditor deve suspeitar de um agrupador.

A questão do início da banda do tempo não foi completamente respondida. O auditor, na ausência de tal resposta, deve ter em conta o facto de que existe considerável prova experimental da continuação da banda do tempo para um passado anterior à vida do presente organismo. Existe a possibilidade de a banda do tempo ser uma porção do que nós chamamos corpo teta, mais do que o próprio organismo. Poderia haver uma banda do tempo genética, a qual recuaria pelas gerações que antecedem o organismo, mas a prova experimental não sustentou uniformemente esta possibilidade, como o fez com a existência do corpo teta. Por isso, o auditor deve estar preparado para descobrir alguns incidentes espantosamente antigos; e quando ele os descobre, deve ter muito cuidado em os correr e apagar ou reduzir, ou se não reduzirem, encontrar um incidente anterior que possa ser apagado ou reduzido para os aliviar. Não é da conta do auditor questionar os dados do preclaro de forma alguma; mas é da conta do auditor reduzir todo e qualquer engrama que recupere no caso.

Além do agrupador, pode haver outras dificuldades com a banda do tempo. A mais comum é o preclaro ficar preso num incidente do passado. Um segurador (uma frase como “fica aqui”) num engrama, deteve o indivíduo nalguma época anterior, e ele não está em tempo presente, mas preso num período anterior da sua vida que também contém dor e inconsciência ou uma pesada carga de desgosto temeroso.

Sondar elos ou correr engramas anteriores em geral, remedeia esta condição. Esta condição é averiguada usando muito simplesmente a resposta de relâmpago. Como será coberto noutro lugar, o auditor usa o arquivista do preclaro. O arquivista usa mecanismos de resposta automática, não “pensativos”, mas de resposta instantânea, a primeira coisa que lampeja na mente do preclaro, a um estalar de dedos do auditor. O auditor pergunta uma data ao preclaro e estala os dedos; o preclaro pode não dar a data de tempo presente; se não o faz, ele está dar a data do momento em que está preso na banda. Perguntando simplesmente a idade a várias pessoas, fornecerá dados consideráveis sobre este mecanismo. Diga a estas pessoas para lhe darem o primeiro número que lhes vier à cabeça quando estalar os dedos, e então pergunte-lhes: “Que idade tens?” (estalo!). Em muitos casos obterá idades muito anteriores ao tempo presente. Pedir-lhes que recordem o que aconteceu naquele período trá-lhos-á muito frequentemente para tempo presente onde podem não ter estado durante anos. Um auditor poderia andar por um qualquer manicómio dizendo simplesmente a paciente após paciente “volta para o tempo presente”, e veria que uma muito pequena percentagem de “loucos” viriam para o tempo presente e começariam a ficar sãos: isto foi feito várias vezes com alguns resultados surpreendentes. Isto é aqui mencionado para dar ao auditor uma ideia da importância de ter o preclaro em tempo presente, e de estar em tempo presente. Também pode ser usada a resposta relâmpago pelo seguinte mecanismo: pede-se ao preclaro para dar a primeira resposta que lhe vier à cabeça, sim ou não, para cada uma das perguntas seguintes; o auditor então diz “Hospital?” ao que o preclaro

responde sim ou não; então o auditor diz “Enfermeira?” e o preclaro dá um sim ou não. Quando o preclaro é incapaz de recordar algo que aconteceu na idade que ele deu em vez da idade de tempo presente através da resposta relâmpago, este teste sim-ou-não servirá para dizer ao auditor a natureza e carácter do incidente em que o preclaro está preso. A memória do preclaro pode então ser mais habilmente dirigida para descobrir se era com um acidente, uma lesão ou uma doença que estava envolvido e que lhe deu o segurador que o mantinha no incidente. Às vezes, lembrando meramente o incidente libertará o preclaro para que ele possa vir para o tempo presente. Às vezes, num caso que antes era não-sónico, há sónico no momento exato em que o preclaro está preso, e a frase do sónico é o segurador que detém o preclaro.

Dirigindo simplesmente a atenção do preclaro para um momento de prazer, repassando-o muitas vezes, particularmente um em que o preclaro foi ele próprio vitorioso, atira-o frequentemente para fora do engrama em que está preso, e permite-lhe vir para o tempo presente. É procedimento comum terminar todas as sessões correndo no preclaro alguns momentos de prazer, para o trazer fácil e completamente para o tempo presente.

Outro mecanismo que cria ao auditor dificuldades em trazer o preclaro para o tempo presente ou o mover na banda é o chamador de volta. Frases como “vem cá”, “volta aqui” e outras frases de ação que em tempo presente iriam mover o preclaro para outra posição no *espaço* quando contidas em engramas, puxam o preclaro do *tempo* presente para os engramas. Acontece frequentemente que o auditor tenta trazer o preclaro para tempo presente, e cada vez que o preclaro se aproxima de tempo presente é puxado de volta para baixo na banda para uma idade anterior. Isto é provocado por uma chamador de volta.

Outro mecanismo que mantém o preclaro lá atrás na banda é o ressaltador descendente. Este é o tipo de frase que diz à pessoa para “descer” ou “ir lá para trás” e mantém o preclaro abaixo do verdadeiro incidente no qual está preso.

Outra dificuldade na banda é o ressaltador. O preclaro pode estar num engrama e ainda assim ser atirado para tempo presente. Isto cria uma situação em que o preclaro parece estar em tempo presente, mas está de facto debaixo da tensão considerável de um engrama.*

Outra dificuldade com a banda do tempo é o desorientador. Seria uma frase que, quando o auditor enviasse o preclaro numa direção, levaria o preclaro para outra direção. Uma frase como “tu fazes tudo às avessas” provoca esta situação. Quando o auditor diz ao preclaro para vir para tempo presente, se essa frase estiver ativa, o preclaro pode voltar ao básico-básico (o primeiro engrama no caso). Qualquer caso cujas frases estão

* No manual emitido em 1950 (DIANÉTICA: A Ciência Moderna de Saúde Mental, por L. Ron Hubbard), havia um erro (pg. 283) na omissão de aspas à volta a frase “preso em tempo presente”. Não é possível um indivíduo estar preso em tempo presente. Ele está sempre preso num engrama. Algumas pessoas que achamos muito difícil de mover na banda, *parecem* estar presas em tempo presente, mas não estão. Sondar elas ou o percurso de um secundário ou a localização do verdadeiro engrama no qual o preclaro está preso, servirá para pôr o preclaro em movimento na banda.

assim ativas, é um caso altamente carregado, e será necessário que o auditor se veja livre de muitos elos e secundários antes de poder correr engramas.

Outra dificuldade que afeta a banda do tempo, mas que não é exatamente uma dificuldade da banda do tempo, é a questão da valência.

Uma valência é uma identidade falsa ou verdadeira. O preclaro tem a sua própria valência; depois, as valências de todas as pessoas que aparecem nos seus engramas estão disponíveis para ele. Um mudador de valência é uma frase que faz o indivíduo mudar para outra identidade. A frase “tu deves ser como ele” e a frase “tu és tal e qual a tua mãe” são mudadores de valência, os quais mudam o preclaro da sua própria identidade para toda uma identidade de outra pessoa. Há então muitas valências abertas ao preclaro. A valência é toda uma identidade. Se o preclaro está na valência do avô, ele pode esperar ter todas as dificuldades do avô e a maioria das peculiaridades e características. Essas características não têm que estar contidas em engramas; elas fazem simplesmente parte do pacote da valência. O preclaro pode estar simultaneamente em várias valências, numa valência sintética ou em nenhuma valência. Ou ele pode estar na sua própria valência. Se o preclaro não está na sua própria valência, deve ser feito todo o esforço no decurso do processamento para o levar a encontrá-la. Correr momentos de prazer traz muito frequentemente o preclaro para a sua própria valência.

Estar fora de valência é evidentemente uma causa primária de fecho sônico, vísio e somático. O auditor pode estar a correr um engrama no qual o preclaro tem sônico, vísio e somáticos, que de repente desaparecem. A primeira coisa de que ele deve suspeitar é de um mudador de valência. Ele usa a resposta relâmpago a se sim-ou-não um mudador de valência está presente, e se a resposta é sim, pede-lhe as palavras do mudador de valência, e quando as obtém, manda o preclaro repeti-las e ele voltará para a sua própria valência, e vísio e sônico voltarão. Muitos dos casos oclusos estão fora de valência.

A valência é um mecanismo de sobrevivência, um dos meios usados pela mente para escapar a uma existência demasiado dolorosa; por isso, para meter o preclaro na sua própria valência, muito carga da banda tem que ser aliviada. Podem ser sondados elos com o indivíduo fora de valência. Na maioria dos secundários em que terror e apatia estão presentes, o preclaro será achado fora de valência. É necessário correr esses incidentes várias vezes antes do preclaro poder entrar na sua própria valência e assim obter uma descarga apropriada de desgosto, medo, ou apatia.

Na escala de tom vemos que estamos outra vez envolvidos com dois tipos diferentes de casos. O primeiro é o caso todo aberto, em valência, com sônico e vísio, embora altamente carregado; sendo estruturalmente muito fraco para encobrir a carga, este caso fica na sua própria valência, embora aquela valência seja muito dolorosa de suportar. O outro tipo é aquele em que a mente tem a capacidade de sair de valência e assim ocluir momentos dolorosos do passado. A mente escolhe vulgarmente valências vencedoras. Contudo, o mudador de valências pode forçar o indivíduo para a valência que ele detesta. Uma repetição continuada por um pai, que o

preclaro é “tal e qual o avô”, mas que ele, “não deve ser como avô” porque “o avô é detestável”, provocará um situação contraditória na qual o preclaro é forçado pelos de mudadores de valência a ocupar um carácter que sente detestável. Este é o mecanismo primário que faz um indivíduo “detestar-se a si próprio”; ele na verdade não se detesta coisa nenhuma; ele detesta é a valência na qual foi forçado a viver.

O quadro é autoexplicativo do caso ocluso. Mostra sem dizer que, num caso todo aberto, a pessoa está em valência do cima abaixo, onde quer que esteja na escala de tom. Daqui não deve ser julgado desejável ou indesejável um caso ser todo aberto; tais casos são relativamente fáceis de trabalhar. O caso ocluso, quando finalmente na sua própria valência com sónico e víscio e sem a maioria dos seus engramas, está numa condição excelente, com um potencial mental muito alto.

A condição da banda é normalmente regulada pelos fatores carga, mudadores de valência e frases de ação. Devido ao facto de as frases de ação não estarem ativas, a menos que haja carga pesada no caso, chegamos na verdade à conclusão que a condição da banda e a valência do preclaro são reguladas por carga. Por carga, está claro, queremos dizer raiva, medo, desgosto ou apatia contidos no caso como mal-emoção. Esta forma de enteta (há outro enteta na forma de secundários de comunicação e realidade, assim como secundários de mal-emoção) carrega a banda tanto, que a frases de ação atuam. A carga tem que ser muito pesada num caso antes das frases de ação do engrama, frases de ação contidas nos próprios engramas, poderem estar ativas. A carga tem que ser muito mais pesada para as frases de ação estarem ativas em engramas secundários, os que contêm mal-emoção e quebras de comunicação e realidade, e comunicação e realidade forçadas. A carga no caso deve ser de facto extrema para que as frases de ação estejam ativas nos elos.

Por isso se pode ver que a condição da banda e valências são principalmente uma questão de carga. No caso todo aberto, uma banda tremendamente carregada traz o indivíduo para um nível psicótico. A inabilidade da mente para ocluir e enquistar carga, dá-nos a estranha imagem de um indivíduo que se pode mover na banda e que pode atravessar engramas e que tem sónico e víscio, mas que é psicótico. Estas pessoas são relativamente fáceis de trabalhar; mas o objetivo primário deve ser a remoção da carga, independentemente da tentação para correr engramas, porque essas pessoas prenderão na banda se o auditor cometer o erro de trabalhar engramas porque eles são fáceis alcançar.*

* A Dianética é aquele ramo da Cientologia que cobre a Anatomia Mental.

CAPÍTULO DEZASSETE

COLUNA O

Manifestação de Engramas e Elos

A conduta humana, na ausência de engramas, pode ser considerada boa, do ponto de vista do indivíduo e o do seu grupo, modificada pela educação e ambiente desse indivíduo. Sem engramas, o indivíduo procura a sobrevivência em todas as dinâmicas, de acordo com a sua largueza de compreensão.

Isto não significa que um Zulo clarificado de todos os seus engramas, não continue a comer missionários, uma vez que já era um canibal por educação; mas significa que ele seria tão racional quanto possível a comer missionários; além disso seria mais fácil reeducá-lo quanto a comer missionários, se ele fosse claro. Ser um claro não significa ser um indivíduo reeducado ou re-ambientado ou regenerado; mas significa que todo o teta livre possível do caso pode ser trazido a afetar os problemas do ambiente, e o futuro, e que todos os dados do banco analítico de memória estão disponíveis para solucionar esses problemas. Os engramas e respetivos secundários e elos, injetam conclusões inalteráveis na mente, de forma que a computação se torna muito da ordem de tentar somar dois e dois, quando uma mão invisível está sempre a somar outros dois à coluna, sem o computador saber. Um engrama impossibilita uma pessoa de somar dois e dois para obter quatro; além disso, leva o indivíduo a fazer coisas estranhas e irracionais, ou seja, fá-lo agir em linhas de não-sobrevivência, e leva-o a fazer coisas, apesar de que ele “deveria sabê-lo melhor”.

O engrama, com seus secundários e elos altera o comportamento, inibindo a ação ou pensamento ou imaginação ou levando o indivíduo a dramatizar. Contudo, desde que um indivíduo possa ativamente dramatizar um engrama, ele não fica particularmente carregado. Quando o engrama comanda uma atividade de não-sobrevivência tal que o ambiente censura, ou traz mais dor ao indivíduo, esse engrama começa a carregar. Se um engrama manda um indivíduo dar três voltas ao bloco todas as manhãs para bem da sua saúde, o engrama pode ser eficaz, mas não problemático, na medida em que esse passeio é permitido ao indivíduo. Deixe-o, contudo, passar para um ambiente como o da tropa onde não lhe é permitido fazer esta caminhada todas as manhãs, mas em vez disso tem que estar na forma; a dramatização é quebrada e, como consequência, a mente analítica observa uma redução da ação potencial do indivíduo, e o indivíduo sente-se reduzido em tamanho. Quando num ladrão um engrama o manda roubar, ele pode estar alegre e feliz desde que possa continuar a roubar; então a lei aparece e prende-o porque roubou; isto quebra a dramatização e reduz o indivíduo em tamanho e bem-estar.

Há dois lados num engrama: enteta e enMEST. Na medida em que o pensamento pode ser dramatizado, o enMEST fica quieto; mas quando a dramatização é quebrada, o enMEST ou dor física, volta num esforço para forçar o indivíduo a fazer o que o engrama manda.

Os engramas controlam os indivíduos desta maneira invisível. Em organismos inferiores ao homem há um valor de sobrevivência para este tipo de ação reativa. No ambiente de um organismo inferior, a receção de dor ocorre normalmente porque o organismo não está a seguir um curso de sobrevivência; por isso, se o organismo tenta fazer a mesma coisa outra vez, a dor ameaça voltar e o organismo é forçado a outro curso de ação que é, presumivelmente, melhor sobrevivência.

Muito mais poderia ser escrito sobre o comportamento humano e sobre o engrama como causa do comportamento aberrado, mas o que o auditor deseja saber é como auditar o seu preclaro e como encontrá-lo neste quadro, para que saiba que tipo de enteta abordar no caso, ao correr engramas, secundários ou elos, e como o abordar.

Um engrama é um momento de dor física e inconsciência. Um secundário é um momento de mal-emoção onde há ameaça de perda ou perda efetiva. Um elo é um momento analítico no qual os percéticos do engrama são aproximados, restimulando por isso o engrama, ou pondo em ação os percéticos de tempo presente que são erroneamente interpretados pela mente reativa, como se a mesma condição que antes produziu a dor física estivesse de novo presente. Os secundários só contêm mal-emoção e comunicação e realidade forçadas e quebradas. Os elos contêm principalmente percéticos; nenhuma dor física e muito pouca mal-emoção. São estes todos os tipos de enteta. Secundários e elos carregam engramas; não é normalmente possível correr engramas num caso que está fortemente carregado de secundários e elos.

Observando o preclaro, o auditor deve poder estabelecer bastante rapidamente o que o preclaro faz com os elos. Ao inspecionar o caso, ele pode achar que o preclaro age duma forma muito aberrada no assunto religião, e ainda assim tudo que pode achar como causa é uma repreensão de um padre quando o preclaro era criança. A mente humana é um mecanismo muito duro, e isto é insuficiente para aberrar uma pessoa sã. Se a conduta é remediada meramente correndo este elo, o auditor pode ver que este preclaro dramatizará elos, ou seja, que agirá como se os elos fossem engramas. Isto denota um caso altamente carregado.

O auditor pode descobrir que o preclaro dramatiza secundários, ou seja, que o preclaro pode ser um “caso caixão”, ficando na posição de um homem morto, com os braços dobrados. Isto é um engrama de desgosto que tem a ver com a morte de alguns entes queridos, com o preclaro na sua valência. O auditor verá muitos exemplos do “caso de caixão”. Isto significa que o preclaro dramatizará secundários e que a banda está fortemente carregada, mas menos do que a do preclaro que dramatiza elos.

Finalmente temos o preclaro que só dramatiza engramas. Ele está bastante alto na escala; é um caso mais ou menos normal.

A coluna do quadro sobre manifestações de engramas e elos, é auto-explicativa se compreendermos estes princípios básicos.

Há três tipos de elos: dramatizações quebradas, restimulações, e elos de ARC.

É um princípio de teta desejar levar a cabo qualquer ciclo de ação, uma vez iniciado. Quando esse ciclo é interrompido, como ao quebrar uma dramatização, entra turbulência em teta, e é produzido enteta.

O elo da restimulação traz meramente à pessoa percepções que são próximas das de um engrama. Se o indivíduo está cansado, estas percepções, visões, sons, cheiros, ou seja, o que for, restimularão o engrama com percéticos semelhantes; e o incidente torna-se um elo no engrama e carrega-o, por pouco que seja.

O terceiro tipo de elo resulta quando a afinidade, comunicação ou realidade é forçada no indivíduo pelo ambiente, quando ele não quer, quando não é racionalmente necessário ou quando uma ou mais delas é inibida ou é negada ao indivíduo por outros no ambiente.

Alguns destes elos de ARC que ocorrem na vida de uma pessoa, são tão intensos e introduzem tanta carga no engrama, que são considerados engramas secundários.

CAPÍTULO DEZOITO

COLUNA P

Comportamento sexual

Atitude Para Com As Crianças

Esta é a coluna dedicada à segunda Dinâmica. Esta Dinâmica seria normalmente chamada sexo. Em Dianética, a pessoa considera o sexo por partes: o ato sexual e o produto do sexo, as crianças.

Qualquer Dinâmica pode ser considerada uma linha fluente de teta. O poder de teta em qualquer Dinâmica varia de indivíduo para indivíduo. Pode considerar-se que os engramas se atravessam nas Dinâmicas de maneira a causar dispersão. Quando os engramas são removidos, a dispersão, que seria teta transformado para enteta, e a inibição do fluxo de teta livre, desaparece, e o fluxo natural de teta livre pode começar outra vez.

Esta dispersão e o efeito de enteta nota-se mais marcadamente na segunda Dinâmica. É tão claro que algumas psicoterapias do passado colocaram toda a ênfase da aberração na segunda Dinâmica. Naturalmente estas psicoterapias não eram muito funcionais, uma vez que elas deixavam de fora as outras sete dinâmicas, e foram de facto severamente criticadas pelos seus contemporâneos, por não serem suficientemente abrangentes. O sexo contudo é um índice excelente da posição do preclaro na escala de tom. É a excelência deste índice que provavelmente trouxe tanta atenção à segunda Dinâmica.

Nesta presente cultura, a aberração sexual é muito alta. Qualquer coisa escondida e altamente regulada numa cultura ficará aberrada. Há nas culturas Americanas e Europeias, uma confusão considerável sobre sexo; uma vez que havia tanta perversão e promiscuidade e maus-tratos a crianças, foi alcançada a conclusão errónea de que o remédio para isto era regulamentação adicional, quando na realidade foi a regulamentação que causou a desordem da Dinâmica.

Observando o comportamento de seres humanos e neste quadro da escala de tom, será notado que a promiscuidade, perversão, sadismo e práticas irregulares, caem muito lá para baixo da escala. O amor livre cai também nesta banda muito baixa, uma vez que o homem é relativamente monógamo, e uma vez que é não-sobrevivência não ter um sistema bem ordenado para a criação e educação de crianças em família. Pode esperar-se que uma sociedade que entra nesta banda 1.1 da escala de tom, abuse do sexo, seja promíscua, abuse e maltrate as crianças, e aja, em suma, muito da forma que as culturas atuais estão a agir. É de importância vital, se queremos parar a imoralidade e o abuso de crianças, desaberrar esta Dinâmica em todo o grupo da sociedade, para não falar dos indivíduos.

No ponto MEST mais alto da escala de tom, 4.0, encontra-se a monogamia, constância, um alto nível de prazer e reações muito morais para com o sexo; mas também se encontra o impulso sexual agindo para

criar, mais do que crianças, e assim surge uma sublimação do sexo em pensamento criativo.

Em 3.5 da escala de tom, temos um alto interesse e constância para com o sexo oposto, mas não temos uma tão grande sublimação.

Em 3.0 da escala de tom, temos alguma queda de interesse sexual, mas temos interesse na procriação e crianças.

Em 2.5, temos algum desinteresse na procriação, por nenhuma razão a não ser uma geral falta de interesse por qualquer coisa. O ato sexual pode ser devidamente executado, havendo capacidade física.

Na banda de 2.0, começamos a obter um desgosto por sexo, uma reação contra o sexo, principalmente quando irregularmente praticado.

Em 1.5 da escala de tom encontramos o sexo como estupro; achamos o ato sexual praticado como castigo.

EM 1.1 na escala de tom entramos na área da mais perversa inversão da segunda Dinâmica. Aqui temos promiscuidade, perversão, sadismo e práticas irregulares. Nós temos, não o prazer do ato sexual, mas uma ansiosa agitação com ele. O ato sexual não pode ser verdadeiramente desfrutado, quer seja praticado regular ou irregularmente. Aqui fica o Amor Livre, o casamento fácil e divórcio rápido, e um desastre sexual geral. As pessoas neste nível da segunda Dinâmica são intensamente perigosas numa sociedade, uma vez que a aberração é contagiosa. Uma sociedade que alcança este nível está a caminho de sair da história, como foi o caso dos gregos, como foi o caso dos romanos, como é o caso cultura moderna Europeia e Americana. Eis um sinal de perigo que deve ser atendido, se é que uma raça quer seguir em frente.

Em 0.5, temos impotência e ansiedade sexual com esforços apenas ocasionais para procriar. Na segunda Dinâmica, de 0.5 para cima na escala, obtemos ressurgimentos ocasionais que depressa recaem.

É interessante aqui notar a aplicação à segunda Dinâmica do princípio da espiral descendente. Em qualquer dinâmica e em qualquer coluna deste quadro, quando o indivíduo cai abaixo do nível 2.0, a espiral descendente leva-o rapidamente para baixo através de 1.5, 1.1, 0.5, até à morte. Isto é particularmente evidente na segunda Dinâmica. O indivíduo 1.1, empenhado hoje numa atividade pseudo-sexual frenética, irá num amanhã muito próximo, muito mais próximo do que ele suspeita, encontrar-se no nível 0.5 de impotência e ansiedade.

No nível 0.5 os órgãos sexuais ficam relativamente inúteis; de facto, esta escala de tom da segunda dinâmica é intimamente aplicável à atividade endócrina do indivíduo, e à forma e condição do corpo físico. A mulher que na adolescência estava no nível 1.1 da escala não terá desenvolvido bastante bem a estrutura pélvica ou sistema endócrino que lhe permita ter crianças com facilidade. Nascimentos difíceis são o resultado normal de uma muito longa residência numa zona baixa da escala de tom, durante o período formativo do corpo. Nascimentos fáceis só podem ser esperados de mulheres relativamente altas na escala de tom.

É de notar que a área da escala de tom entre 1.1 e 0.5, encontra sem tônus os músculos, particularmente os músculos sexuais. A ninfomaníaca e o libidinoso são extremamente flácidos de músculos, e o tônus à volta 0.5 é quase não existente.

Na banda da morte fingida não há, é claro, qualquer esforço para procriar.

Ao longo da banda -1 onde o organismo como organismo está morto, mas as células ainda sobrevivem, é interessante que a ejaculação e a atividade sexual aconteçam ocasionalmente imediatamente depois da morte do indivíduo, o que dá algum índice do poder e força desta Dinâmica.

Vida é definida, em citologia, como um fluxo interminável de protoplasma desde o princípio da vida em si, até agora. Através dos tempos e como um fluxo genético contínuo, este protoplasma é modificado por seleção natural e condições ambientais, assim como o que parece ser um completo planeamento, de geração para geração. Porque vida é tão dependente desta linha vital, é muito fácil dar grande ênfase ao ato sexual, a coisa que mantém esta linha vital num fluxo contínuo.

A segunda parte destas preocupações tem a ver com crianças, o produto do sexo. Existe um gradiente de reação para com as crianças, do topo para o fundo da escala de tom, que o auditor pode usar para situar devidamente o seu preclaro no quadro.

Em 4.0 há um intenso interesse por crianças que se estende tanto ao bem-estar mental como físico das crianças e da sociedade nas quais estas crianças viverão. Aqui há esforços a adicionar à cultura, para que as crianças tenham uma melhor possibilidade de sobrevivência.

Em 3.5, temos amor, cuidado e compreensão para com as crianças.

Em 3.0, temos interesse nas crianças.

Em 2.5, temos tolerância com crianças, mas não grande interesse nas suas atividades.

Em 2.0, temos resmungos e nervosismo com crianças.

Em 1.5, entramos na banda do tratamento brutal das crianças, castigos corporais pesados, forçar a criança a um modelo de comportamento com dor quebrando as suas dramatizações, e perturbação com os seus ruídos ou desordem.

Em 1.1 na escala de tom, pode haver duas reações às crianças. Pode haver um verdadeiro e imediato desejo por crianças, como manifestação sexual. Mas também podemos ter o uso de crianças para propósitos sádicos. E podemos encontrar ambas as reações no mesmo indivíduo. Nós temos uma prolongada negligência geral para com as crianças, com interesse esporádico; muito pouco pensamento no futuro da criança, ou na cultura em que a criança crescerá.

Em 0.5, temos principalmente ansiedade com crianças, medo que elas se magoem, medo disto e medo daquilo no que se refere a crianças, e uma desesperança sobre o futuro delas.

Em 1.1, uma mãe tentará o aborto; e qualquer mulher que aborta, salvo só se a criança ameaça a sua vida física (mais do que a sua reputação), fica na zona 1.1 ou abaixo. Podemos esperar que ela seja duvidosa, inconstante e promíscua; e a criança é olhada como prova desta promiscuidade.

Em 0.5 temos aborto com o raciocínio capcioso de que o mundo ou o futuro é horrível demais para trazer uma criança ao mundo. Com o pai em 0.5, toda a alegria natural e felicidade da criança serão suprimidas, e teremos a atmosfera infantil mais insalubre que se possa imaginar.

Em 0.1, nem sequer existe uma consciência das crianças.

É notável, ao observar esta coluna, que um interesse na criança inclui um interesse não só pelo nascimento da criança, mas no seu bem-estar, felicidade, estado mental, educação, e futuro geral. Nós poderemos ter no nível 1.1 uma pessoa que parece muito ansiosa para gerar uma criança; muito possivelmente esta pessoa está a seguir um comando engrâmico para ter crianças. Uma vez nascida a criança, podemos ter nesta zona 1.1, um interesse nela como um brinquedo ou uma curiosidade, mas a seguir, temos uma negligência geral da criança, e nenhum sentimento qualquer que ele seja sobre o seu futuro, nem qualquer esforço para o construir para ela. Temos ações familiares descuidadas, como a promiscuidade, que rasgará em pedaços a segurança da família da qual o futuro da criança depende. Nesta banda, a criança é considerada uma coisa, uma possessão.

Meio-tom acima disto, na banda de raiva, a criança é o alvo das dramatizações que o indivíduo não ousa efetuar contra os adultos do ambiente; um último esforço para mandar em algo. Aqui temos a dominação da criança, com uma constante perversão do seu carácter.

Todo o futuro duma raça depende da sua atitude para com as crianças; e uma raça especializada em mulheres para “propósitos servis”, ou que acredita que a disputa dos sexos na esfera dos negócios e política são um empenho mais merecedor do que a criação da geração futura, é uma raça que está morrer. Nós temos na mulher, que é um rival ambicioso do homem nas suas próprias atividades, uma mulher que está a negligenciar a missão mais importante que ela pode ter. Uma sociedade que olha com desdém esta missão na qual as mulheres são ensinadas em *qualquer coisa exceto* na administração de uma família, no cuidado do homem e criação da geração futura, é uma sociedade que está a caminho do fim. O historiador pode fixar o ponto em que uma sociedade inicia o seu declínio mais acentuado, no momento em que as mulheres começam a tomar parte, ao lado dos homens, em assuntos de política e negócios; é que isto significa que os homens são decadentes e as mulheres já não são mulheres. Isto não é um sermão sobre o papel ou posição da mulher, mas uma declaração dum facto linear e básico. Quando as crianças perdem importância para uma sociedade, essa sociedade penhorou o seu futuro. Mesmo para além de gerar e parir e criar crianças, um ser humano não parece completo sem uma relação com um membro do sexo oposto. Esta relação é o vaso onde a força da vida de ambos indivíduos é nutrida, por meio de que eles criam o futuro da raça, em corpo e pensamento. Se o homem deve subir a maiores alturas, então a mulher tem que subir com ele, ou mesmo antes dele. Mas ela tem que subir *como* mulher, e não como hoje está ser desviada para subir como

homem. É a horrorosa chalaça de homens frustrados sem virilidade, para travestir as mulheres em homens, coisa em que eles próprios se tornaram.

Os homens são criaturas difíceis e problemáticas, mas valiosas. O cuidado criativo e manejo de homens é uma tarefa engenhosa e bonita. Aqueles que enganam as mulheres e as privam do seu legítimo lugar transformando-as em homens, devem perceber afinal que por esta ação, eles estão a destruir não só as mulheres, mas também os homens e as crianças. Isto é um preço muito alto a pagar para ser “moderna”, ou pela ira ou rancor mesquinho de alguém contra o sexo feminino.

A arte e perícia da mulher, a criação e inspiração de que ela é capaz e que, aqui e além em lugares isolados da nossa cultura, ela ainda consegue efetuar apesar da ruína e decadência do mundo do homem à sua volta, devem ser de novo completamente trazidas e à vida. Esta arte e perícia e criação e inspiração são a sua beleza, da mesma maneira que ela é a beleza do género humano.

CAPÍTULO DEZANOVE

COLUNA Q

Comando Sobre o Ambiente

Pode ser postulado que a missão de teta é a conquista de MEST. O organismo controla tanto MEST quanto tem de teta com o qual controlar MEST.

O comando sobre o ambiente por um homem ou por um grupo poderia ver-se como uma série de círculos concêntricos. O círculo mais largo demonstraria a convicção considerada pelo indivíduo ou grupo, da sua capacidade para produzir um efeito no universo físico. O próximo círculo, logo a seguir, seria a convicção do indivíduo ou do grupo, da sua capacidade para afetar toda a Terra e vida. O próximo círculo interior seria a convicção do indivíduo ou do grupo, da sua capacidade para afetar uma secção da vida, uma nação ou um grupo menor. O próximo círculo seria a convicção do indivíduo ou o grupo, da sua capacidade para afetar alguma outra espécie e os homens à sua volta. O próximo círculo interior seria a convicção do indivíduo ou o grupo da sua capacidade de afetar algumas pessoas ou uma pequena parte do seu ambiente. O próximo círculo teria a ver com a convicção do indivíduo ou grupo, de poder afetar o indivíduo e o grupo. O próximo círculo interior seria a inabilidade do indivíduo ou do grupo para se afetar a si mesmo.

Não se pode dizer qual seria a área normal de comando, mas o certo é que quando a área de comando chega ao ponto em que o indivíduo só pode afetar o indivíduo, e o grupo só pode afetar o grupo, chegamos ao ponto em que o único MEST (e para os seus propósitos, em termos de ponto de vista, o indivíduo e o grupo consideram frequentemente a vida e formas de vida como MEST, sujeito ao seu controlo) que pode ser mudado por teta, é o MEST do indivíduo ou grupo. Aqui entraram as doenças psicossomáticas, teta agindo apenas dentro do organismo para o destruir. Um grupo, nesta fase, desmantelar-se-á. O círculo apenas ligeiramente mais largo do que este, entra na área 2.0 do quadro. Poderia dizer-se que as áreas mais largas são aquelas onde teta poderia agir bastante livremente para ser construtivo e criativo, dentro dessas esferas de influência; e muito perto do centro das esferas seria onde ficaria o enteta. Um sistema muito mais complexo que possivelmente nos diria muito sobre teta e MEST, poderia ser trabalhado nesta escala gradiente, e provavelmente deverá ser.

O auditor está principalmente interessado em localizar o seu preclaro no quadro. Para o fazer, deverá estabelecer o que o preclaro pensa poder controlar em termos de vida, MEST, pessoas e grupos, e o que o preclaro pensa que faria com isso se o pudesse controlar. Se o preclaro tem planos construtivos e criativos em mente para a esfera que abrange, pode ver-se que ele está acima da banda 2.0, e que estamos a trabalhar com a quantidade de teta que o indivíduo tem como dotação, uma vez que nem

todos os homens acreditam que podem controlar todo o universo; mas não necessariamente se deve suspeitar de serem psicóticos por abrigarem esta ideia, embora seja uma manifestação de psicose ter ideias de grandeza por causa de engramas maníacos. Homens existiram que controlaram esferas enormes e foram criativos e construtivos dentro dessas esferas, mas eles não foram homens de espada, mas homens de ideias.

Se um preclaro postulasse para ele próprio uma esfera bastante larga destinando-lhe então um fim destrutivo, podemos ter a certeza de estar a lidar com um preclaro abaixo do nível 2.0.

O auditor deve ter em mente o axioma segundo o qual toda a criação trás consigo uma pequena quantidade de destruição; da mesma maneira que não se pode construir um edifício de apartamentos sem destruir a moradia que ali está; da mesma maneira que não se pode publicar um jornal sem destruir florestas para obter papel. O que conta é a relação criação/destruição.

Devido aos postulados colocados neste capítulo, a coluna do quadro é auto-explicativa. Devem contudo ser feitos alguns comentários sobre as ramificações políticas contidas nesta coluna. Ver-se-á que a área democrática, que lida com a democracia de Jefferson, fica na banda 3.0 e acima. Isto postula uma convicção na bondade dos homens, e no bom senso dos homens em conselho. Postula a convicção de que os homens devem ser livres de decidir coisas por si próprios. Condena a tirania como indesejável, e relega o governo para o serviço do grupo em lugar de o grupo ao serviço do governo.

É preciso descer bem na escala de tom para encontrar o próximo ponto de paragem da política, e aqui localizamos o fascismo entre 2.0 e 1.5. O fascismo é um controlo absoluto para fins destrutivos de um ambiente, empregado meios decisivos e fortemente armados para conseguir esse controlo. Há paragens intermédias entre a democracia e o fascismo, como a monarquia; elas não são do maior interesse neste momento no mundo, e não são do âmbito deste trabalho, mas pertencem à Dianética de Grupo, que será completamente coberta noutro volume.

No mundo de hoje, a próxima paragem abaixo da escala de tom é a política subversiva, que pertence à chaveta de 1.1 a 1.3. A maior parte da subversão teórica pretende estar muito alto na escala de tom, atingindo os seus apelos os indivíduos com tendências liberais; mas há um grande abismo entre a teoria e a prática, e a pessoa irrefletida confunde a teoria com a prática. Ela é vista na companhia dos 1.1s. As linhas de comunicação estão cortadas; as afinidades são notoriamente usadas e pervertidas; a realidade é distorcida; o nível de verdade conforme a propaganda subversiva, compara-se à mais baixa má-língua; e o tratamento de seres humanos, sem qualquer preocupação com o respeito que um ser humano deve ter.

A subversão recebe o seu apoio principal de indivíduos que se encontram na vizinhança de 1.1, e a razão porque ganha tantos agentes voluntários nas terras que deseja cobrir, assenta no desejo dos 1.1s terem uma boa causa e razão para se exibirem abertamente e se colocarem “acima” da moralidade existente e das leis da terra em que operam. Ele ganha, através

da sua filosofia pervertida, uma bela desculpa para se crer acima de coisas como a lei e a decência, e é muito possivelmente apenas este apelo que traz tantos recrutas às fileiras das organizações subversivas.

Nota editorial: Nesta coluna do quadro da escala de tom, é feita uma breve referência a certas filosofias políticas e atitudes do mundo de hoje. Embora este assunto seja finalmente retomado na Dianética de Grupo, o presente quadro estaria incompleto se não mostrasse que estes sistemas políticos têm as suas próprias posições de tom, e que os seus métodos gerais de operação podem ser vistos conformar-se com os métodos e operação dos indivíduos nestes níveis. Em 3.5, temos o liberal. O liberal raciocina bem, aceita responsabilidades alargadas e é guiado por altos princípios éticos. Ele está ansioso por agarrar qualquer ideia nova que melhore a sociedade, e não é sugestionável, sendo de algum modo influenciado por alguma propaganda, mas chegando a conclusões extremamente racionais. Ele tem uma alta consideração pela liberdade individual, pela propriedade e pelo direito da pessoa poderosamente produtiva que contribui para a sociedade sem impedimentos, espontânea e eficazmente. Em 3.0, temos a pessoa democrática, mas que é um pouco mais conservadora nas atitudes e mais dada a regulamentos sociais, tendo mais necessidade deles. O termo “democrático” é um termo algo solto, mas neste nível significa que o indivíduo ou sistema permite liberdade pessoal, e tem uma consideração moderada pela propriedade e capacidade produtiva, mas não é particularmente inventivo ou entusiástico a refinar e melhorar e enriquecer a ordem social em todas as dinâmicas. O próximo nível político familiar é o nível 1.5 do fascismo. As atividades de Hitler e Mussolini e as ordens sociais que eles produziram são, é claro, os exemplos que vêm à mente. A declaração aberta da intenção de conquistar, matar e controlar pelos métodos mais óbvios e autoritários, são a marca do fascismo. A justificação é limitada às mais descaradas mentiras. A invalidação de outras pessoas e ordens sociais é franca, furiosa e carente de qualquer pretensão subtil de ser razoável ou moderada. O próximo nível político é o nível 1.1. do Comunismo. A literatura do Comunismo, particularmente nos trabalhos de Lenine, instala o tom do segredo, operação flexível, enganosa, observável nos métodos do Comunismo pelo mundo fora. Nas suas fortalezas, como a União Soviética, em tempos e secções onde não é ameaçado, o Comunismo às vezes subirá por breves períodos ao nível 1.5, mas na sua ação normal partilha de todas as características do nível 1.1, conforme delineadas no presente trabalho. A vontade para dedicar uma quantidade ilimitada de tempo a realizar secretamente uma ação destrutiva, que o fascista realizaria imediatamente pela força, é implícita no Comunismo. O Comunismo tem uma paciência infinita para deitar abaixo através duma propaganda subtil, uma sociedade ou uma ideia a que nunca se opõe abertamente durante todo aquele tempo, e tem uma aversão permanente a usar métodos abertos que iriam traír o interesse ou a atividade. O Comunismo, como o indivíduo 1.1, finge uma grande ajuda inicial, e mantém esta pretensa ajuda face a toda e qualquer prova em contrário, dando suavemente justificações atenuantes e garantias do mais sincero e profundo interesse no bem de todos. O leitor que examinar estas várias manifestações políticas à luz do quadro da escala de tom achará indubitavelmente que as por vezes misteriosas ações de várias fações políticas ficarão previsíveis e compreensíveis.

CAPÍTULO VINTE
COLUNA R
Valor Verdadeiro Para a Sociedade
Comparado Com o valor Aparente

Em Dianética temos alguns meios de estabelecer o valor de um ser humano. No passado, o valor de indivíduos ou grupos foi julgado pela quantidade de MEST que eles possuíam. Se um homem tinha dinheiro, dizia-se que valia tanto dinheiro; se um grupo tivesse controlo de propriedade, dizia-se que valia tanto controlo de propriedade. Contudo, esta é uma definição de não-sobrevivência. Entretanto todo o indivíduo deve ter o direito incondicional a seja o que for que possa ganhar numa sociedade, uma vez que esta é uma medida cega do seu valor para a sociedade, e nunca deve cometer-se o erro de acreditar no contrário; e por meio de heranças e efeitos estranhos a que o dinheiro se pode prestar, isto pode ser pervertido. Quando pervertido, os homens de dinheiro começam a ser condenados pela sociedade e procurados como bodes expiatórios de todos os seus males; entretanto, um bom número deles é os eixos da sociedade. Movimentos políticos subversivos invocam a indigência e pobreza, que é infelizmente a maior parte de uma população nestes dias de cultura subdesenvolvida, prometendo assassinar todos os proprietários, sempre que uma terra é tomada. Todo o culto do anticapitalismo é algo menos que um postulado filosófico, e bastante mais do que um grosseiro apelo àqueles que não têm qualquer propriedade nem esperança de a conseguir. Como esta filosofia não tem qualquer conceito de valor individual de qualquer tipo, e antes tende a operar na máxima de que “cinco atrasados mentais fazem um génio”, pode permitir-se negligenciar qualquer meio de avaliar um qualquer ser humano, preferindo não o fazer, uma vez que a sua prática ao entrar num país, é encurralar e assassinar todo homem de valor e deixá-lo depauperado como raça.

No manual foi escrita uma equação que causou alguma atrapalhação; era com efeito, que o valor potencial era igual à inteligência multiplicada pelas dinâmicas do indivíduo, elevado a uma certa potência. Isto poderia ser expresso de outra forma, como o valor potencial de qualquer homem, igual a algum fator numérico denotando a sua inteligência e capacidade estrutural, multiplicado pelo seu teta livre, elevado a uma certa potência. Isto foi escrito no manual num esforço para encorajar algum psicólogo a descobrir a potência da Dinâmica e concluir alguns meios de estabelecer o valor potencial através da psicometria. Então, o verdadeiro valor do indivíduo seria o seu valor potencial, modificado pela direção que o valor potencial tomasse com respeito à sobrevivência do seu grupo ou dele mesmo. Poderíamos ter um indivíduo de alto valor potencial que, mesmo assim, devido à educação e engramas, seria um risco claro para ele mesmo e para o seu grupo.

Nesta coluna do quadro, qualquer pessoa, independentemente do seu valor potencial, abaixo da linha 2.0 conforme avaliação nas outras colunas,

tem um valor negativo para a sociedade. Qualquer pessoa acima desta linha vai numa direção positiva.

Toda esta escala é postulada no facto de que o cérebro e a força muscular de um indivíduo, servem as outras dinâmicas. Foi feita a observação de que as ordens sociais são levadas às costas de alguns homens desesperados. Se a ordem social estivesse a ser levada para níveis mais altos de cultura por estes poucos homens desesperados, eles poderiam ser considerados e, de facto, por inspecção seriam encontrados bem acima do nível 2.0. Quando o desespero é expresso em termos de morte e destruição, o indivíduo fica abaixo do nível 2.0 e, independentemente das suas ações, trará a sociedade para baixo na escala de tom.

O interesse principal do auditor nesta coluna é, outra vez, a estimativa da posição do preclaro nela; e esta coluna possibilita o cálculo da sua posição, examinando tanto o verdadeiro valor como o valor potencial do preclaro no seu ambiente. Se o preclaro provoca regularmente lesões, torna enMEST as coisas que procura controlar ou que possui, pode dizer-se estar abaixo da linha 2.0; e se ele tem um êxito razoável no uso de MEST, fica acima dessa linha.

Fora isso, esta coluna é auto-explicativa.

Como membro da sua própria ordem social, o auditor deve levar em conta, quando decidir em quem à sua volta pegar como preclaros, o seu verdadeiro valor para a família, grupo e sociedade. Ele fará bem em usar o seu esforço com aqueles que mostram uma mais alta promessa em termos de atividade corrente enquanto aberrados, mesmo que estes não sejam os casos mais fáceis de trabalhar. Embora todos os homens sejam criados com direitos iguais perante a lei, um exame dos indivíduos da sociedade demonstra rapidamente que os homens não são todos criados com valor potencial igual aos companheiros.

CAPÍTULO VINTE E UM

COLUNA S

Nível Ético

Todo o assunto da ética, com as sociedades na sua presente baixa posição na escala de tom, ficou quase perdido.

Ética na verdade consiste, como podemos definir agora em Dianética, de racionalidade na direção do mais alto nível de sobrevivência do indivíduo, da futura raça, do grupo e do género humano, e outras dinâmicas tomadas coletivamente. A ética é razão. O nível ético mais elevado teria conceitos de sobrevivência a longo prazo, com uma destruição mínima em qualquer dinâmica. Um exame razoável deste assunto demonstra imediatamente que uma conduta desonesta pode servir a curto prazo a um indivíduo ou um grupo, mas uma conduta desonesta contínua trará o indivíduo ou o grupo para baixo na escala de tom. Por isso, conduta desonesta é não-sobrevivência. Qualquer irracionalidade na conduta das inter-relações humanas poderia ser considerada pouco ética, uma vez que as coisas irrationais acarretam a destruição de indivíduos e grupos e inibem o futuro da raça. Manter a palavra quando foi religiosamente empenhada é um ato de sobrevivência, pois a pessoa é então de confiança, mas só na medida em que mantém a palavra dada.

Para o fraco, para o covarde, para o repreensivelmente irracional, a desonestidade e procedimentos dissimulados, o prejuízo dos outros e a destruição das suas esperanças, parecem ser a única maneira de administrar a vida. A conduta não ética é de facto a conduta da destruição e do medo; são ditas mentiras por medo das consequências de dizer a verdade; por isso o mentiroso é inevitavelmente um covarde, o covarde é inevitavelmente um mentiroso. A mulher sexualmente promíscua, o homem que quebra a confiança do seu amigo, o ambicioso pervertido, todos eles estão a lidar com tais condições de não-sobrevivência, que é comum dar em degradação e morte. Um “amor” clandestino e baseado em mentiras que trará dano a outros, denota uma covardia bastante para provocar náuseas a qualquer homem decente. Por isso, temos o aspeto ético ou não ético do sexo.

No dicionário moderno encontramos a ética definida como “moral” e moral definida como “ética”. Estas duas palavras não são intermutáveis. Moral deve ser definida como um código de boa conduta estabelecido pela experiência da raça para servir como padrão uniforme de conduta de indivíduos e grupos. Tal codificação tem o seu lugar; a moral é de facto lei. A origem de um ponto num código moral ocorre quando é descoberto, por experiência, que algum ato é mais não-sobrevivente do que sobrevivente. A proibição deste ato entra nos costumes das pessoas e pode finalmente tornar-se lei. Este é o processo natural de criação de todas as leis. A moral é, até certo ponto arbitrária, na medida em que continua para além do seu tempo. Isto está longe de dizer que as leis são más, pois a uniformidade e regulamentos são vitais à conduta de todos os grupos, mas só que de vez em quando as leis ficam antiquadas e precisam ser revistas.

Muitas coisas da moral do passado só eram morais porque isso era higiénico; e, de facto, como foi dito, toda a moral tem origem na descoberta pelo grupo de algum ato que contém mais dor que prazer.

Na ausência de extensivos poderes de raciocínio, os códigos morais, na medida em que providenciam melhor sobrevivência para o grupo, são uma parte vital e necessária de qualquer cultura. Contudo, a moral torna-se onerosa e protestada quando fica antiquada; e uma revolta contra a moral tem normalmente na mira o facto de o código já não ser tão aplicável como dantes; embora as revoltas contra códigos morais ocorram na verdade, porque os indivíduos do grupo ou o próprio grupo se afundaram na escala de tom, a um ponto onde desejam uma libertinagem contra estes códigos morais, e não porque os próprios códigos não sejam razoáveis.

Se um código moral fosse completamente razoável, poderia ao mesmo tempo ser considerado completamente ético, mas só neste nível mais alto se podem equivaler. Teta, na sua ação contra MEST, é em si mesmo razão; e o máximo da razão é o máximo da sobrevivência.

À luz do anterior, a coluna do quadro é auto-explicativa, mas deverá ser feito o comentário adicional de que no nível 2.0 e abaixo se encontram arbitrariedades destrutivas a que chamamos “autoritarismo” por falta de melhor palavra, e de que todas as leis feitas a este nível e daí para baixo na escala, terão resultados de não-sobrevivência.

Regra geral, os criminosos ficam na banda de 2.0 para baixo na escala; mas a maioria dos criminosos encontram-se de cerca de 1.3 para baixo. Não há nada de fascinante no criminoso, aquele que quebra o seu penhor, que trai o seu amigo ou grupo. Tais pessoas são simplesmente psicóticos.

Isto não quer dizer que os indivíduos que ficam potencialmente ao longo de bandas de tom de 2.0 para baixo, sejam ativamente criminosos, cronicamente, ou que sejam ativamente não éticos, cronicamente; mas quer dizer que em períodos de turbulência eles são não éticos e imorais, e que se retraem de ser assim só na medida da quantidade de teta livre que ainda têm disponível. Eles contudo, perturbam normalmente fácil e frequentemente, e enquanto que dias e semanas a fio podem parecer racionais dentro da normalidade corrente, eles são um risco sério para qualquer empregador, colega, família ou grupo. Aqui temos nós outra vez a condição do estado psicótico agudo versus o estado psicótico crónico; no estado psicótico agudo a pessoa fica temporariamente louca por curtos períodos; no estado crónico, ela permanece louca. Se uma pessoa pode perturbar-se facilmente até um nível abaixo de 2.0, e não tem teta livre bastante para se conter de uma ação aberrada, não lhe deve ser dada mais liberdade na sociedade do que a um psicótico crónico, uma vez que ela é tão completamente psicótica no seu estado agudo de turbulência como qualquer indivíduo constantemente louco. A sociedade, reconhecendo que o maior perigo fica na banda de ira até 1.1, procurou salvaguardar-se suprimindo estas pessoas num nível de apatia permanente; este mecanismo de controlo é, contudo tão inexequível quanto difundido, uma vez que os indivíduos nos estratos de apatia, podem esporadicamente saltar para os estratos ativos acima, sendo ainda completamente perigosos. A única resposta pareceria ser a quarentena permanente dessas pessoas à parte da

sociedade, para evitar o contágio da sua insanidade e a turbulência geral que eles trazem a qualquer ordem, forçando-as assim para baixo na escala, ou processando-as até atingiram um nível na escala de tom que as valorize.

Em todo caso, nenhuma pessoa de 2.0 para baixo na escala de tom, deve ter qualquer direito civil em qualquer sociedade pensante de qualquer tipo, porque abusando desses direitos ela traz leis árduas e enérgicas, opressivas para os que não precisam de qualquer dessas restrições. E em particular, ninguém abaixo de 2.0, crônica ou pontualmente, deve ser usado como testemunha ou jurado nos tribunais, pois a sua posição a respeito de ética vai no sentido de anular a validade de qualquer testemunho que eles pudessem ensaiar, ou qualquer veredito que eles pudessem oferecer.

Isto não propõe que, privando tais pessoas dos seus direitos civis, devam permanecer mais do que o necessário para os trazer para cima na escala de tom para um ponto onde a ética os torne uma companhia aceitável para os seus semelhantes. Contudo, este seria um passo necessário para qualquer sociedade que procura elevar-se na escala de tom como ordem social. Um fundamento da lei já contempla este passo, uma vez que a sanidade, é definida na lei como a capacidade para diferenciar o certo do errado. O estado racional, e por isso ético, de pessoas esporádica ou cronicamente abaixo do ponto 2.0 é tal, que lhes é impossível julgar o certo do errado. Por isso, apresentando uma simples definição não só de certo e errado mas também de ética, o fundamento existente pode ser posto em vigor, e acontecerá por acaso que alguém se preocupe com o lugar para onde nossa ordem social é arrastada. É mais simples fazer psicometria em cento e cinquenta milhões de pessoas do que enterrar uma cultura pela qual nós e os nossos pais nos esforçámos nos últimos cento e setenta e cinco anos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

COLUNA T

O Manejo da Verdade

O metafísico preocupou-se com a verdade absoluta e considerou que transcendeu os limites da experiência humana. As ordens sociais dos seus dias, não devem ter sido muito melhores do que as nossas.

A verdade é de facto uma quantidade relativa; poderia ser dito tratar-se da mais racional existência de dados sobre qualquer corpo de factos. A verdade, como manifestação de conduta humana, seria manter ou expressar factos como eles são conhecidos, e recusar expressar ou manter declarações contrárias ao que se sabe.

Imaginações criativas e construtivas sobre o futuro não são inverdades, mas novas realidades postuladas. Poucas mães há que não tenham inverdades e postulados imaginativos completamente confusos, suprimindo assim os necessários instintos imaginativos da criança e, de facto, sobrecarregando a criança com confusão sobre a própria verdade.

A verdade também pode ser confundida com indiscrição. Um 2.0 fará numerosas declarações factuais mas destrutivas. Muitos 1.1s “gabam-se” descaradamente da sua “honestidade”, e assim se permitem a si próprios fazer declarações destrutivas “para o bem de” outrem e que são de facto mentiras. Há uma ética do manejo da verdade. Embora possa ser verdade que algo é indesejável ou que uma pessoa é má, se declará-lo não serve um bom propósito, divulgar esta “verdade” é na realidade estabelecer uma linha de enteta. Então, o mais alto conceito de verdade contém uma certa estética, na medida em que é criativo e construtivo.

Na experiência humana comum todos nós sabemos algo sobre a verdade, e sabemos que não podemos lidar com a verdade e a mentira numa base de preto e branco. A verdade tem a ver com transmitir e receber dados sobre factos. Algumas pessoas favorecem factos construtivos; algumas favorecem factos não tão construtivos; algumas preferem distorcer os factos; algumas preferem esconder os factos; e algumas preferem mentir sobre os factos. Algumas favorecem factos elevados e poderosos; e algumas só favorecem factos apáticos. Ao examinar todo este assunto, descobre-se então que a própria escala de tom desde 4.0 até 0.0, postula a seleção de vários tipos de factos; e que os factos mais racionais são os mais construtivos; e que, à medida que a pessoa cai na escala de tom, os factos selecionados são cada vez menos racionais e cada vez mais contrasobrevivência. Poderia dizer-se que a vida foi feita para viver, não para morrer; e que os factos que encorajam um alto nível de vida seriam, para o homem, os factos mais verdadeiros; e que os que encorajam o seu falecimento, seriam os factos mais falsos. As coisas mais verdadeiras para o homem são, então, as coisas que mais poderosamente ajudam a sua sobrevivência, em termos de teta, vida e MEST.

Esta coluna da escala de tom também poderia ser considerada a coluna da preferência de factos. Em 4.0 nós teríamos uma preferência por factos criativos e construtivos. À volta de 3.0 temos uma preferência por factos conservadores e menos inspiradores. Em 2.5 teríamos uma negligência dos factos. Em 2.0 teríamos uma preferência por factos distorcidos, bem longe da verdade, a fim de servir antagonismos. Em 1.5 teríamos uma preferência por factos destrutivos, distorcendo todos os verdadeiros factos construtivos de forma a se tornarem factos destrutivos. Em 1.1 teríamos uma preferência por factos astuciosamente distorcidos, escondendo um desejo de destruir. Em 0.5 teríamos um fracasso em selecionar factos, em os avaliar de uma maneira ou de outra, mas uma preferência por factos desesperados. Abaixo deste nível não haveria nenhuma reação.

O auditor pode localizar o seu preclaro, descobrindo simplesmente na escala de tom o tipo de facto que o preclaro prefere, ou descobrindo o que o preclaro faz com os factos.

O indivíduo aceita ou transmite a verdade ou a mentira de acordo com a sua posição na escala de tom. Se você sabe, de outras colunas, a posição provável do preclaro na escala de tom, independentemente da sua convicção ou mesmo da sua habilidade para “provar” o que está a dizer com “provas” bastante astutas, você pode correta e devidamente avaliar os factos que ele fornecer ou os factos que ele receber. A parte horrível disto é que não admite grandes variações. Um homem em 1.5 lida com factos destrutivos e distorce-os para os tornar eficazmente destrutivos; os seus dados não podem ser acreditados; e, de facto, quaisquer dados de indivíduos ao nível 2.0 ou abaixo, só servem para descartar.

Em 4.0, o indivíduo tem um alto conceito de verdade, e prefere verdades construtivas e criativas. Ele procura verdades novas.

Em 3.5, o indivíduo é verdadeiro, mas prefere não lidar com factos enteta.

Em 3.0, começamos a obter um princípio de conservantismo, uma prudência em receber ou dizer verdades, e na nossa sociedade, um programa míope de mentiras sociais a fim de “evitar ferir os sentimentos das pessoas”. A propósito, deveríamos precaver-nos de encarregar pessoas que têm “medo de ferir os outros”, pois isto não é uma virtude, mas uma forma de covardia e propiciação e denota medo das pessoas; as pessoas não são tão facilmente feridas como essas pessoas pensam.

Em 2.5 temos insinceridade e negligência dos factos. O jornal americano moderno é um exemplo deste nível da escala de tom.

Em 2.0 obtemos as primeiras distorções propositadas dos factos para servir certos propósitos, e aqui factos estarão distorcidos para servir os antagonismos que a pessoa tem.

Em 1.5 alcançamos a inversão última dos factos; qualquer facto branco será transformado num facto negro; aqui temos a mentira descarada e destrutiva. Já ouviu um homem zangado dizer a verdade?

Em 1.1, a verdade recebe a sua mais severa tareia; é que aqui a verdade está confusa, transtornada, usada, distorcida e escondida por medo que alguém possa vingar-se, até compreender que os dados neste nível da

escala de tom têm só dois propósitos: infringir o maior dano a outros e assegurar a maior segurança para si próprio. Aqui temos mentiras usadas para esconder mentiras entre os mais frenéticos protestos de honestidade, e uma ruidosa campanha de publicidade sobre a ética do orador. Por baixo da fachada da honra, da honestidade, da ética e da “palavra sagrada” é possível encontrar uma fossa de mentiras malignas e maliciosas, distorcidas, calculadas para provocar o maior dano possível. No princípio dos estudos da escala de tom que resultou neste quadro, a extensão a que o 1.1 chegaria anunciando o seu carácter virtuoso enquanto executava os seus truques de faca nas costas, não foi completamente compreendida. Porque essas pessoas disseram tão frequentemente que eram honestas e éticas, foi aceite durante algum tempo que uma pessoa pudesse estar num nível baixo da escala de tom noutras colunas, e ainda assim ser capaz de dizer a verdade. A experiência demonstrou que seja qual for a declaração de honestidade, o 1.1 é completamente incapaz de verdade, mas mente por causa de alguma horrível compulsão mecânica. Nem uma das pessoas a quem esta tolerância foi concedida foi merecedora dela; mas descobriu-se que cada uma delas estava tão profundamente imiscuída em tramoias aparecendo sempre como honestas, que as profundezas às quais a aberração pode suprimir o homem, foram pela primeira vez claramente compreendidas. Secamente, qualquer um põe a sua vida e reputação nas mãos de um 1.1, quando acredita nele apesar da evidência. Nesta banda, temos atores fantasticamente completos, que podem chorar e podem suplicar e podem depreciar com desprezo e desdém, afirmando a sua honestidade e sinceridade, e demonstrando isso com uma convicção consumada tal, que até o observador mais crítico pode ser incapaz de descobrir a mais leve falsidade; porém, uma profunda e exaustiva inspeção das motivações e metas do 1.1, revela um ninho de víboras de mentiras e insinceridades, de fingimentos e irrealidades. Tais pessoas podem verter lágrimas e outras emoções à vontade, e podem usar a linguagem da mais alta honra para servir os fins mais desprezíveis.

Em 0.5, temos um não menos perigoso, mas certamente mais óbvio, nível de mentira. Da mesma maneira que o medo dirige o 1.1, o desgosto dirige o 0.5; e enquanto que o próprio desgosto possa ser perfeitamente honesto, os factos e avaliações que colhe, certamente não são. Uma vez que temos um indivíduo que grita por ajuda, que suplica, que pede piedade, todos os factos ficam ampliados. Os mortos encontram-se de repente sem quaisquer culpas; o amante que abandonou o ser amado acha-se um vilão de coração negro. Os 0.5 podem ser obsequiados com simpatia, mas não com crédito. As pessoas que estão comumente nesta banda da escala de tom e ainda assim podem raciocinar um pouco para prosseguir alguma da rotina da vida, são perigosas, uma vez que exigem enormes quantidades de afeto, e à mais leve rejeição real ou imaginária, mergulham na direção da morte, talvez só como demonstração de quão desesperadamente precisam de ajuda, mas não obstante fatal. Esses mergulhos para morte afetam inevitavelmente os outros, uma vez que este indivíduo não tem qualquer responsabilidade de qualquer tipo para com outros seres humanos, e está tão completamente introvertido que, ainda que patético, pode ver-se que só absorve e nunca responde. Ele é uma esponja sempre sedente de simpatia, e é um suicida potencial crónico. A tendência para a

morte entrará em comunicação com todos os aspetos da vida, à volta deste indivíduo; ele fará enMEST de qualquer MEST; ele preferirá bairros sórdidos e esquálidos; ele conduzirá carros antigos e frágeis; ele só vestirá as roupas mais rotas. Todas estas coisas são súplicas por piedade. Quando auditado, este caso, como o 1.1, faz comumente dub-in. O auditor deve ser particularmente cuidadoso com os 0.5 em: não correr muito dub-in; não dar simpatia demais; não dar simpatia de menos; e não cometer erros de audição que deprimirão o tom do preclaro, uma vez que o 0.5 está muito perto de tentar a morte, ou por doença ou por uma verdadeira autodestruição violenta. O 0.5 está muito perto do fim, e por contágio, perturba muito mais marcadamente o teta livre dos que o rodeiam do que o 1.1, ou o 1.5.

A validade de correr engramas e o conceito de verdade do preclaro, estão em relação direta. O auditor pode ser guiado por esse meio. Mas o auditor nunca deve criticar os factos que o preclaro produz; ele só tem que tentar habilmente guiar o preclaro no sentido de correr o mais alto nível factual que o preclaro possa atingir. Casos muito baixos na escala de tom alcançam o seu melhor avanço, não a correr dados, mas a esgotar carga, através de sonolências, bocejos, falsos-quatos e outras descargas mecânicas. Os dados que o indivíduo corre quando abaixo de 2.0 podem ser interessantes, mas não são bastantes vezes verdade, e são cada vez menos verdade à medida que o indivíduo desce na escala.

O ponto mais baixo desta escala para um organismo de vida é, claro está, morte fingida; e aqui está uma mentira entre mentiras; é que o organismo está obviamente vivo e está dizer que está morto. Mas a mentira é aqui modificada pelo facto de que o organismo requer só o mais leve empurrão para estar morto de verdade.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

COLUNA U

Nível de coragem

A coragem poderia ser considerada a força de teta necessária para superar obstáculos à sobrevivência.

Como definição de felicidade temos, o processo de superar obstáculos não incognoscíveis a uma meta conhecida, ou à contemplação momentânea da tarefa completada. Pode ver-se que esta é uma definição de felicidade; e de facto esta definição funciona. Mas a coragem é necessária para o indivíduo ser feliz. E é assim que funciona na escala de tom; quanto mais teta livre um indivíduo tem comparado com o teta perturbado, mais feliz esse indivíduo pode ser, e mais coragem ele demonstrará nas ações da vida e face à adversidade.

O nível de coragem de um indivíduo é de facto um índice direto da relação teta-livre/teta-perturbado, ou seja, a relação teta/enteta, daquele indivíduo. O nível de coragem também é um índice da segurança com que se pode associar uma pessoa ou um grupo. Uma pessoa com alto nível de coragem, é um valioso associado e membro do grupo, mas um covarde é um risco perigoso como amigo.

Há um mecanismo estranho nalguns homens, uma aberração de idade decadente, que os faz procurar e ajudar e proteger mulheres dignas de dó e fracas. O inverso é encontrado às vezes em mulheres, uma mulher de força procurar e defender um homem fraco e digno de dó. Em qualquer dos casos, é postulado um fracasso no início de tal associação. Contudo, muito do membro fraco pode ser elevado na escala de tom por esta associação, sendo a pessoa do nível mais alto inevitavelmente reduzida. De facto, quando duas pessoas ocupam diferentes posições na escala de tom e se encontram associadas entre si, a pessoa que está no ponto mais alto da escala, ficará algo perturbada em maior ou menor grau pela pessoa que está no ponto mais baixo da escala; e a pessoa do ponto mais baixo, ficará de-perturbada em maior ou menor grau. Então as pessoas que estão em baixo na escala de tom procuram instintivamente as pessoas que estão em cima na escala de tom; e se as pessoas que estão em cima têm algum pensamento em prol da sua própria sobrevivência e eficiência, tomarão as medidas adequadas para compreender o risco que estão a correr, e para impedir que eles próprios sejam diminuídos em substância por tal associação.

O auditor, em processamento, está continuamente a encontrar enteta em qualquer preclaro. Por isso, é necessário que o auditor, se está constantemente a processar, se mantenha devidamente processado noutro lado. Caso contrário, o auditor encontrar-se-á descendo na escala de tom numa espiral descendente, até ser por fim incapaz de manejar o enteta que encontra nos casos.

O nível de coragem tem muito a ver com audição. O auditor que tem um baixo nível de coragem, é capaz deixar o preclaro entrar numa coisa como um engrama de medo ou terror e, justificando a ação como simpatia, deixar sair o preclaro sem ter corrido o incidente. Isto irá rápida e certamente enredar o caso. O auditor com baixo nível de coragem que encontra pela primeira vez um “berrador” e que não persiste face à agonia óbvia e estridente do preclaro, porá o preclaro muito doente. No que se refere ao nível de coragem em audição, qualquer auditor tem que ter a coragem de pegar em qualquer coisa e correr um preclaro em qualquer coisa sem vacilar. Um covarde não tem nada que estar na cadeira do auditor, e se lá está, o preclaro pode esperar ter o caso arruinado. Numa coluna posterior do quadro, veremos o nível de tom exigido do auditor para manejear preclaros; os dados mais pertinentes a isto estão no nível de coragem.

Há três maneiras de manejear um problema: uma é atacá-lo direta ou indiretamente; outra é fugir dele direta ou indiretamente; e a terceira é negligenciá-lo. É uma questão de que método o indivíduo seleciona para manejear qual problema. Um ataque contínuo abrupta e diretamente a um problema, não é necessariamente uma atitude corajosa, mas pode ser só uma atitude feroz e destrutiva. Uma atitude persistente para com o problema requer contudo coragem, uma vez que uma das componentes da coragem é a duração do esforço.

Em 4.0, temos o alto nível de coragem do próprio teta livre.

Em 3.5, temos coragem exibida com riscos racionais.

Em 3.0, temos uma exibição conservadora de coragem onde o risco é pequeno.

Em 2.5, não obtemos nem coragem nem covardia, mas uma negligência definitiva ao perigo.

Em 2.0, temos impulsos cegos, indisfarçados, irracionais para o perigo.

Em 1.5, obtemos o que normalmente passaria por “bravura”, como algo distinto de coragem. Aqui temos o martelar num ímpeto destrutivo para o perigo. Isto resulta frequentemente em dano para si mesmo e para a causa pela qual a pessoa está a lutar.

Em 1.1, alcançamos medo na escala de tom, e quando o indivíduo sobe acima de medo, temos ações dissimuladas. Contudo, se o indivíduo é de repente abordado por perigo, temos covardia.

Em 0.5, temos covardia completa, nenhum ataque a nenhum problema, nenhuma racionalidade e só derrota.

Na luta a melhor tática é dar um golpe de tal maneira súbito, inesperado e duro, que o inimigo é imediatamente atirado abaixo da escala de tom para apatia. O Japão, levando com uma bomba atómica, desceu imediatamente para apatia e rendeu-se. Os golpes ou impactos duros mas prolongados endurecem a resistência como nos bombardeamentos de Londres ou Madrid. Os níveis de choque e de coragem são imediatamente conectados.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

COLUNA V

Capacidade para Manejar Responsabilidade

Não há índice mais certo da relação de teta/enteta e da dotação de teta livre de um indivíduo, do que a capacidade para tomar e executar responsabilidade.

Por responsabilidade entenda-se a área ou esfera de influência que o indivíduo pode afetar racionalmente à volta de outras pessoas, da vida, de MEST e do ambiente geral, conforme representado na coluna Q, Comando Sobre O Ambiente. A ênfase deve ser posta em “racionalmente”, uma vez que os engramas são perfeitamente capazes de pôr uma pessoa num estado maníaco que o faz acreditar que pode manejar uma esfera maior do que as suas capacidades permitem, mas quando é o caso, o efeito do indivíduo na esfera de influência é traído pelo facto de um engrama estar em ação, porque a esfera de influência será afetada destrutivamente; isto poderia ter sido chamado em terminologia mais antiga, complexo de superioridade.

Vemos então que a palavra responsabilidade tem uma definição melhor. A ser utilizada, tem que incluir a aceção segundo a qual uma pessoa verdadeiramente responsável trabalha para a sobrevivência do seu ambiente, o que incluiria ação em toda e qualquer dinâmica, ele, os seus filhos, a sua família, o seu grupo, o género humano, a vida, MEST, teta e o Ser Supremo. Quando é deficiente ao avançar e ajudar nos propósitos de qualquer destas dinâmicas, ele é deficiente nas suas responsabilidades.

A operação de teta livre seria complementar as suas partes componentes com outras e o resto das dinâmicas, uma vez que cada indivíduo tem, como parte componente do seu próprio teta livre, todas estas dinâmicas. É então necessário um alto nível de afinidade em qualquer indivíduo, pelo que queremos dizer a sua participação nas dinâmicas de outros. Quando o indivíduo teve muitas quebras de afinidade com as outras dinâmicas (e um engrama é uma quebra de afinidade entre o universo teta e o universo MEST), o conceito de parceria é reduzido, e o indivíduo é cada vez mais envolvido em responsabilidades que estão cada vez mais perto de si, até que ele apenas pode ser responsável por si mesmo. Este estreitamento da esfera de responsabilidade é análogo à descida na escala de tom. Quando o indivíduo não pode nunca ser responsável por si mesmo, ele é um psicótico crónico e é internado. Quando só pode ser responsável por si mesmo parte do tempo, ele é um psicótico agudo e passa por normal nesta sociedade.

Não é a magnitude da esfera de responsabilidade do indivíduo que deve chamar a atenção do auditor ao tentar avaliar o indivíduo na escala de tom, mas sim a qualidade da responsabilidade em cada uma das dinâmicas.

O indivíduo completamente responsável possui certas marcas definidas inconfundíveis.

Na primeira Dinâmica, ele toma boa conta de si próprio; ele mantém uma boa aparência de acordo com os seus meios e atividades; os seus objetos pessoais estão limpos e numa condição razoavelmente boa.

Na segunda Dinâmica, ele procura dar apoio e ajuda adequados aos seus companheiros, e providenciar o futuro com uma nova geração feliz e com êxito. Ele é leal e cuida bem da sua família.

Na terceira Dinâmica, ele toma ordeiramente conta dos seus próprios assuntos relacionados com o grupo e membros do seu grupo, e procura aumentar o potencial de sobrevivência dos seus amigos e grupo.

Na quarta Dinâmica, ele está envolvido na sobrevivência do homem, dentro dos limites da sua educação.

Na quinta Dinâmica, ele demonstra afinidade com outras formas de vida. Dada a oportunidade, ele se empenhará em criar plantas ou animais, e preferirá ter coisas vivas na sua vizinhança. Não será dado a uma destruição arbitrária da vida, mas usará a vida para o seu próprio sustento. O indivíduo que não mata para comer, está de facto no nível de propiciação da escala de tom, uma vez que é natural que formas mais altas de vida tenham que se apoiar na capacidade das formas mais baixas para traduzir luz solar e substâncias químicas na comida requerida pelas formas mais altas.

Na sexta Dinâmica, o indivíduo abarcará MEST na proporção da sua dotação de teta livre, a sua propriedade não terá títulos confusos, os objetos inanimados à sua volta que são para o servir estarão em bom estado e terá uma ideia precisa de quanto MEST ele abarca, em termos de matéria, energia, espaço e tempo.

Ele pode ou não ter alguma consideração sobre a direção de teta, dependendo do seu próprio avanço.

Ele será ordinariamente considerado ter reverência e respeito para com um Criador.

À medida que o indivíduo desce na escala de tom, diminui a ordem das várias dinâmicas. O seu conceito de afinidade entre ele e cada uma dessas dinâmicas diminui; e assim diminui a sua responsabilidade nos campos destas dinâmicas.

Em 4.0, temos um sentido inerente de responsabilidade em todas as dinâmicas, e um cuidado para com as entidades dessas dinâmicas.

No tom 3.5, o indivíduo é capaz de assumir e levar a cabo responsabilidades junto de várias dinâmicas, mas pode mostrar alguma miopia de responsabilidade numa ou mais dessas dinâmicas.

No tom 3.0, a capacidade para manejar responsabilidade em várias dinâmicas diminuiu notavelmente, mas é demonstrada responsabilidade ainda que desmazelada. Acima deste nível, o indivíduo executará ordens tão razoavelmente quanto possível, mas neste nível o indivíduo só aceita e executa ordens se forem forçadas por bruscas ameaças inconfundíveis de castigo. Contudo, neste nível, uma ou mais das dinâmicas podem permanecer bastante livres, e a responsabilidade pode ser total nessa Dinâmica.

No tom 2.5, o indivíduo é muito descuidado e não fiável, embora possa parecer que cuida bem de si próprio no que respeita à sua indumentária. O seu conceito do que lhe é exigido para manter um alto nível de sobrevivência fica marcadamente aquém. A manifestação deste nível é, contudo, só negligência e não revolta, como nos mais baixos níveis.

No tom 2.0, encontramos o indivíduo que não assume a responsabilidade em si mesmo, mas que assume responsabilidade só quando pode servir o seus próprios interesses ou do grupo. Temos aqui o indivíduo que assume irracionalmente a responsabilidade para com criatividade e construção, mas que assume essa responsabilidade impulsionado pelo castigo. O indivíduo manda fazer as coisas em tons ameaçadores.

Em 1.5, temos o indivíduo que assume a responsabilidade muito mais frequente e amplamente do que lhe é possível, para provocar a destruição nas dinâmicas. Ele jogará uma Dinâmica contra a outra. Ele pode falar como se estivesse a salvar algo, ou dá motivos muito defensivos para as suas ações, mas, seja o que for que ele faça, o resultado final será destruição. Este é um fenômeno muito pouco compreendido no passado. É o palrador da morte que vai salvar algo da destruição, criando grande devastação. Esta pessoa não dará ouvidos a um plano criativo e construtivo, a menos que possa ver maneiras e meios de o usar para destruir. Instigadores de guerras e ditadores estão marcadamente nesta banda, mas encontram-se 1.5's em todas as organizações empresariais. Quando a quantidade de teta com que um indivíduo é dotado é alta, e quando esse teta é perturbado mais do que o que permanece por perturbar (de acordo com a escala de 0.0 a 4.0, o ponto central de cinquenta por cento de perturbação de teta e cinquenta por cento de não perturbação, é 2.0) o pensamento e ação do indivíduo começam a partilhar da natureza da força do MEST. Ele usará a força do MEST para repisar ações e para explosões de destruição. Contra a razão, ele oporá a força do MEST. Tal indivíduo assume a responsabilidade com o fim da destruição, divulgando notícias duras e terríveis. Embora tenha boas notícias para dar, não as dará, mas preferirá difundir novidades alarmantes e de morte. A sua afirmação é que tudo está para ser destruído, e que só a destruição pode impedir que a destruição tenha lugar. Infelizmente, é muitas vezes verdade que os supressores de uma ação criativa têm que ser removidos antes da construção e criação ter lugar. Qualquer pessoa muito alta na escala de tom, pode causar a destruição de um supressor. Em 1.5, contudo, o indivíduo não adiciona qualquer criação ou construção à sua computação, exceto como simulação a fim de engendrar mais poder para destruir. O que é horrível nesta banda particular é que está acima da banda atual das sociedades civilizadas por todo o mundo; e as sociedades não serão conduzidas por governos mais que meio ponto acima o tom social geral.

Em 1.1, a atitude para com a responsabilidade é de carácter caprichoso. O indivíduo é irresponsável e incapaz. As responsabilidades assumidas por 1.1s são manifestações apenas superficiais. O indivíduo pode parecer levar a cabo um programa e pode parecer útil, mas o resultado final de todos estes programas e responsabilidades será desastroso, uma vez que sob este verniz existem tantas correntes cruzadas e conspirações, que resultará no caos. Um 1.1 com um engrama de superioridade que lhe exige

responsabilidade, pode fazer um excelente espetáculo e ser muito convincente, mas o espetáculo que está a dar e a convicção que procura implantar nos outros, não são as coisas pretendidas, e um olhar por baixo da superfície, descobrirá um programa inteiramente diferente apontando somente para uma destruição maliciosa.

Em 0.8, 0.5, falar de qualquer coisa como responsabilidade é idiotice, a menos que a pessoa comece a mudar a direção da responsabilidade. De 2.0 para baixo, o indivíduo parece ter uma “responsabilidade” para a morte. Causar a morte, fracassos ou desastres ou morrer, dir-se-ia um dever das pessoas de 2.0 para baixo. E é uma “responsabilidade” adicional mascarar este “dever” com metas aparentemente construtivas ou meramente com a negação desse “dever”. Os “lacaios do Diabo” e o “Diabo e os seus anjos das trevas”, são descrições de pessoas empenhadas em atividades de 2.0 para baixo. O conceito de pecado como prática destrutiva que contém mais dor do que prazer, vem da observação da atividade de pessoas baixas de tom. Como estes conceitos se tornam *reais* para quem está envolvido com outro que é responsável pela morte e não pela vida. A morte é um, talvez escondido, déspota brutal!

CAPÍTULO VINTE E CINCO

COLUNA W

Persistência num Dado Curso

Outro índice que o auditor pode usar para situar o preclaro no quadro, é a persistência do preclaro num dado curso de ação, na direção de uma meta.

Foi avançado que existem dois tipos de indivíduos, no que se refere a persistência. O indivíduo que tem suficiente dotação de teta e suficiente capacidade estrutural para manter o seu teta livre e o teta perturbado relativamente separados, pode ter um bom nível de persistência, mesmo quando os fatores e condições do seu ambiente são tais, que o sacodem continuamente para fora do seu curso de ação. O outro tipo seria a pessoa que é sacudida pela vida de um curso para o outro, e que só persistirá em qualquer curso dado, na medida em que nenhum novo fator seja introduzido. Esta é a característica do psicótico potencial.

O indivíduo persistente continua para a sua meta; ele pode ir cada vez mais lento, e pode morrer no caminho, mas não diverge. O psicótico potencial, por outro lado, não é, em primeiro lugar, muito propenso a ter metas, mas é propenso a seguir qualquer curso à vista, e só na medida em que não entre qualquer fator ambiental que o faça divergir daquele curso.

Temos que reconhecer que o mundo exterior do ambiente, na sua ação sobre o indivíduo, e o mundo interior dos engramas obsessivos íntimos, estão a trabalhar no mesmo “eu”, e que se o indivíduo não está a divergir muito marcadamente do curso da sua meta, mesmo quando confrontado por pesados fatores ambientais que procuram movê-lo noutras direções, nem está a reagir fortemente aos engramas, na proporção das reações severas que poderia manifestar se fosse menos persistente. Um indivíduo pode ser conhecido pela sua persistência; mas este índice não é nitidamente definido, uma vez que há, evidentemente, dois tipos de personalidades em geral, ou poderia mesmo dizer-se, dois tipos de estrutura mental.

O indivíduo persistente que normalmente leva adiante a sua meta, apesar dos supressores e desvios ambientais, na ausência de processamento e durante o curso normal da vida, cairá na escala de tom, devido à espiral descendente. Mais do seu teta livre ficará perturbado e o equilíbrio mudará gradualmente até, muito provavelmente, haver muito mais teta perturbado do que teta livre. A persistência deste indivíduo pode continuar, mas os métodos usados para ganhar a sua meta concordarão com os vários pontos, na descida da escala de tom. O indivíduo pode começar com um impulso altamente entusiástico e pode, pela experiência, ficar menos ativo e aberto sobre os seus esforços criativos e construtivos, e assumir conservantismo e precaução. Pode entrar num estrato em que fica enfadado com a meta, e mandriar no caminho. Abaixo disto ele fica antagónico para com fatores que não lhe permitem alcançar a sua meta. Abaixo disto fica furioso e

destrutivo para com os supressores, e embora ele ainda aparentemente vá para a sua meta, a maior parte do tempo é absorvido a combater supressores. Perdendo aqui e além as suas batalhas, o seu tom cairá, e ele ficará cada vez mais encoberto, mesmo ao ponto de fingir que já não está a persistir na sua meta, enquanto ao mesmo tempo continua a fazê-lo. Só quando alcança o nível de apatia, ele desiste. Quando um homem foi muito derrotado e muitos dos seus sonhos despedaçados, ele afunda-se na banda da apatia, e depois disso já não luta pela sua meta. É bem verdade que ele morre com o último dos seus sonhos.

O indivíduo que tem uma baixa dotação de teta e parece estruturalmente incapaz de concentração quando num ponto baixo da escala de tom, ainda pode aumentar a sua persistência ao ponto de poder alcançar as metas secundárias da vida com grande facilidade, depois de libertado ou clarificado.

É um facto observado que a atitude de um indivíduo para com a Dianética e a atitude de um indivíduo para com a vida, são em geral, paralelas. Quando o auditor pega num preclaro no nível de apatia, muito comum na presente ordem social, pode esperar-se que o preclaro dependa exclusivamente do auditor para que haja alguma persistência no processamento do caso. O auditor tem que tomar a responsabilidade do processamento. À medida que o preclaro sobe na escala de tom e alcança 1.1, o auditor pode esperar que o preclaro o propicie, dando-lhe presentes ou sendo muito lisonjeiro. Contudo, o preclaro está ordinariamente a operar em mecanismos que lhe dizem que não é suposto ele ir a parte alguma ou melhorar, e o auditor deve ser ainda mais persistente, pois a única persistência para a meta de o melhorar ou clarificar, ainda será do auditor, diga o preclaro o que disser. A propósito, as mulheres que alcançam este nível da escala de tom, podem propiciar oferecendo sexo, e são muito fáceis de seduzir. O auditor sábio recusará resolutamente relações sexuais com um preclaro. O auditor que cede à tentação neste nível encontra-se em maus lençóis, porque o seu preclaro está subir e em breve passará este nível propiciatório e alcançará níveis mais honrosos da escala de tom. Os auditores que, sabendo isto se permitem a tais ações, estão eles próprios no nível 1.1 e não têm nada que estar a auditar. Ninguém a não ser um canalha desprezível procuraria beneficiar deste fenómeno; ninguém a não ser um psicótico crónico ou agudo, encontraria prazer nisso. A propósito, a pessoa que faz isto, usualmente pára ou desencoraja todo o processamento a partir desse ponto, reparando que à medida que o tom do preclaro sobe, alguma honestidade entrará no seu raciocínio. Quando você localiza uma súbita cessação, impedimento ou recusa de audição, pode estar certo que a pessoa responsável por esta cessação ou recusa a permitir ou a encorajar a audição, tem um benefício egoísta ou está esconder algo. Uma pessoa como esta é uma tal ameaça para ela e para outros à sua volta, que auditar é muito bom demais para ela; ela deveria levar um tiro.

Todos os casos têm que se enraivecer antes de poder melhorar. O auditor nunca deve desencorajar um caso quando começa a cuspir fogo e destruição contra os seus inimigos. É bastante comum um preclaro passar pela fase de desejar assassinar ou a morte súbita dos pais, pelo que eles

fizeram. O auditor que desencoraja esta raiva está a inibir a capacidade do caso para melhorar. Esta fase passará; e durante essa fase, o auditor deve tomar o cuidado de impedir o preclaro de cometer actos contra os seus inimigos, pelos quais ele terá que pedir desculpa alguns semanas depois, quando a fase da raiva tiver passado. Não obstante, a fase de raiva deve ser encorajada. O hipnotizador que implanta sugestões para que a pessoa trate o seu semelhante amavelmente, está de facto a descer o seu cliente para apatia.

Subindo na escala, em 2.5 o preclaro encontra dificuldade em se concentrar na força e fúria dos engramas, e está sujeito a afrouxar a persistência no seu caso. Ele é capaz de estar muito ocupado com outras coisas. Este é um período difícil em qualquer caso; mas há tanto a ganhar acima dele, que, de qualquer maneira, o preclaro tem que subir mais na escala de tom. Só há uma maneira de fazer isto: não suprimir o preclaro de volta para raiva, mas simplesmente retirar do caso bastantes elos e outro bricabraga para trazer o preclaro até 3.0.

Em 3.0, pela primeira vez o preclaro começará a demonstrar autodeterminação. A autodeterminação nunca deve ser confundida com uma recusa a cooperar ou uma obstinação em diretivas de não sobrevivência. Em 3.0 o preclaro está disposto a proceder da forma mais ordenada possível, para uma total e completa solução do seu caso.

Em 3.5, a persistência do preclaro é ordinariamente tal, que começa a eliminar engramas em cadeias.

Em 4.0, a persistência do indivíduo será a persistência com que é nativamente dotado; todo o teta que ele possui estará livre.

Como palavra de precaução, a audição autoritária em lugar de audição cordial, não produzirá uma subida marcada na escala de tom, embora muitos incidentes sejam corridos, uma vez que a audição martelada mantém o preclaro tão completamente perturbado, que o teta livre não é capaz de se manifestar. O preclaro, para ser processado, deve sempre ser persuadido por afinidade, comunicação e realidade. Esta é a razão porque os auditores que estão em baixo na escala de tom não alcançam bons resultados; a sua posição na escala de tom exige o uso de métodos forçados, métodos apáticos, ou métodos estranhos.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

COLUNA X

Literalidade Com Que São Recebidas Declarações Ou Observações

É um aspecto de teta que, quanto mais perturbado está, mais facilmente a turbulência entra nele. O mais alto nível de raciocínio é diferenciação total. O mais baixo nível de raciocínio é incapacidade completa para diferenciar, o significa identificação. Nos mais altos níveis, o indivíduo pode compreender que a coisa não é o seu nome, e que os objetos são semelhantes uns aos outros, mas nunca iguais. Nos níveis reativos, de 2.0 para baixo, o indivíduo identifica cada vez mais, até que finalmente todas as coisas são a mesma coisa, e isto é uma completa incapacidade para racionalizar. A racionalização é, na essência, diferenciação; a reação é, na essência, identificação.

A literalidade com que a pessoa recebe declarações é um índice da quantidade de turbulência no caso.

Em 4.0, temos alta diferenciação, boa compreensão de todas as comunicações, isto modificado pela educação do claro.

Em 3.5, temos uma boa apreensão das declarações, e um bom sentido de humor; dependendo o sentido de humor, em grande parte, da capacidade do indivíduo para diferenciar e ver e rejeitar situações que não se ajustam.

Em 3.0, temos ainda uma boa diferenciação do significado das declarações, mas aqui as ordens têm que ser explicadas um pouco mais cuidadosamente, uma vez que lhes vai ser aplicado menos raciocínio.

Em 2.5, o indivíduo aceita muito pouco, quer seja literal ou não. O sentido de humor deste indivíduo é capaz de ser muito literal, lidando muito com trocadilhos em vez de lidar com as situações.

Em 2.0, não há sentido de humor que se possa chamar sentido de humor, mas há rir do infortúnio de outros, o que é uma demonstração de antagonismo. Este indivíduo aceitará observações literalmente antagónicas; mas rejeitará observações mais baixas na escala de tom e é capaz de diferenciar essas observações. Não presta muita atenção a observações mais altas na escala de tom, e se as observações lhe são feitas por pessoas mais altas na escala de tom, ele é capaz de as interpretar como antagonismo, se assim podem ser literalmente interpretadas.

Em 1.5, o indivíduo aceita literalmente observações alarmantes, e quando são feitas declarações em níveis de tom mais alto, alterará estas declarações para o seu próprio entendimento, para que sejam alarmantes ou destrutivas. O sentido de humor dos indivíduos em 1.5, se assim se pode chamar, consiste de rir de infortúnios muito dolorosos.

Em 1.1, temos uma falta de aceitação de qualquer observação. É provável que o indivíduo pareça ter dificuldade em ouvir; retifica observações que lhe são feitas; às vezes está muito preocupado sobre a retidão das palavras das observações. O sentido de humor neste nível é forçado, para contrariar a tendência para aceitar observações literalmente.

Aqui está uma contínua necessidade nervosa para rejeitar quase qualquer observação, por medo de a registar literalmente e constituir um comando, daí a ansiedade ou medo ante uma conversação de natureza séria. Neste nível são feitos esforços bastante dissimulados para eliminar declarações ou planos sérios de níveis mais altos da escala de tom.

Em 0.5, temos um indivíduo que aceita literalmente qualquer observação do tom dele, e ignora observações de qualquer outro tom. Declarações de apatia feitas a este indivíduo têm a força de sugestões hipnóticas.

Qualquer coisa dita uma pessoa no nível 0.1, é registada diretamente nos mais baixos estratos da mente reativa.

CAPÍTULO VINTE E SETE

COLUNA Y

Método Usado Pelo Sujeito para Manejar Outros

Os meios usados pelo preclaro para controlar ou viver com as pessoas à sua volta, constituem um índice fácil e preciso da posição do preclaro na escala de tom. Isto é, bastante infelizmente, uma coluna de precisão. Não importa o disfarce usado no nível mais baixo da escala de tom, uma observação indica que os indivíduos destes níveis usam uniformemente estes métodos, para dano e detimento consideráveis das suas famílias, amigos, parceiros e toda uma ordem social. Se alguma coluna deste quadro da escala de tom desse ter mais ênfase do que as outras do ponto de vista do comportamento humano, esta seria uma delas.

O auditor pode esperar ser tratado pelo preclaro, de acordo com a posição deste no quadro.

Aos métodos de manejar outros, poderiam ser atribuídas três categorias gerais. A categoria mais alta seria de elevação, em que o indivíduo procura, através do exemplo e bom raciocínio, elevar o nível dos que o rodeiam, ao ponto de tomarem parte nos projetos de vida com ele. Isto iria de 4.0 até 3.0. A segunda categoria seria o impulso para a punição ou dominação. Aqui o indivíduo usa alarme, ameaças e promessa geral de dor, a menos que lhe seja dada concordância pelos que o rodeiam. Esta área vai de 2.0 até à volta de 1.3. A terceira categoria é de anulação, em que o indivíduo procura minimizar os outros a fim de ser mais do que eles, e assim os poder controlar. Esta categoria preferiria ver um homem doente do que bem, porque os doentes são menos perigosos do que os saudáveis, de acordo com o “pensamento” que tem lugar nesta banda.

A parte deplorável da conduta para com os outros dos níveis mais baixos da escala de tom é que tem como fim invariável a baixa de tom da família, parceiros, amigos e sociedade do sujeito. Além disso, o sujeito abaixo do ponto 2.0, por nenhuma razão ou educação poderia usar quaisquer outros meios. Forçar o sujeito a usar outros meios, só o leva para baixo na escala de tom, e à medida que desce, ele usa os meios dos níveis inferiores para os quais ele cai.

Aqui temos a espiral descendente a trabalhar no ambiente do sujeito e dos seus parceiros, amigos e ordem social.

Não é com o perigo de violência do indivíduo baixo de tom que a ordem social ou a família se deve preocupar, mas com a adoção insidiosa de métodos de dominação e anulação. Isto perturba o teta dos indivíduos que estão no seu ambiente, e trá-los gradualmente para baixo na escala de tom quase sem se notar, mas não obstante, inevitavelmente.

De 2.0 para baixo, o indivíduo usa uma grande quantidade de justificações. Ele tem que explicar os seus actos, uma vez que a ordem social questiona normalmente a racionalidade de muitos desses actos.

Um 3.5, operando em boa forma, não pode oferecer senão bem ao 1.5 da sua vizinhança. O 3.5 ver-se-á ainda o alvo da raiva, cuja causa não é a conduta do 3.5, mas simplesmente emana da posição 1.5 do outro na escala de tom. O 1.5 age deste modo para com o 3.5, independentemente do que o 3.5 possa fazer.

O 3.5 que está na vizinhança do 1.1, pode ver-se descer na escala de tom para raiva, sem qualquer razão aparente. Os esforços do 1.1 para anular são tão velados, e tão cuidadosamente calculados para molestar que a razão do 3.5 não os atinge. Como a razão falta, o 3.5 continuamente sujeito a uma anulação que não pode localizar, ficará finalmente zangado. A resposta do 1.1 a esta ira não será um argumento ou raiva, mas uma aparente continuação do estado atual, enquanto ao mesmo tempo faz todo o possível para que, reduzir e anular os 3.5, ainda permaneça velado e escondido. Estes esforços escondidos ficarão cada vez mais fortes, até a anulação ou destruição ter lugar. Ou o 1.1, intimidado perante a raiva, cai para apatia, e assim usará todos os aliados disponíveis em qualquer lugar, que possam ser persuadidos ou iludidos a apoiar os esforços do 1.1 para destruir o 3.5.

O homem razoável negligencia muito vulgarmente o facto de as pessoas de 2.0 para baixo não usarem a razão, e de não se poder raciocinar com elas da mesma maneira que se raciocinaria com as 3.0. Há só duas respostas para o manejo das pessoas de 2.0 para baixo na escala de tom, nenhuma das quais tem a ver com raciocinar com elas ou ouvir as justificações dos seus actos. A primeira é elevá-las na escala de tom, deperturbando algum do seu teta através de qualquer dos três processos válidos. A outra é livrar-se calmamente delas sem dó. As víboras são mais leais na cama, do que as pessoas nas mais baixas bandas da escala de tom. Nem toda a beleza ou formosura do mundo, nem valor social artificial, nem propriedades, podem reparar os danos que essas pessoas provocam aos homens e mulheres sãos. A eliminação súbita e abrupta da ordem social, de todos os indivíduos que ocupam as mais baixas bandas da escala de tom, resultaria numa subida quase instantânea do tom cultural, e interromperia a espiral descendente na qual qualquer sociedade possa ter entrado. Não é necessário produzir um mundo de claros para ter uma ordem social razoável e que valha a pena; basta eliminar os indivíduos de 2.0 para baixo, ou processá-los bastante para elevar o seu nível de tom acima da linha 2.0, uma tarefa que não é de facto muito grande, uma vez que a quantidade de processamento poderia em muitos casos estar abaixo das cinquenta horas, embora possa também noutros ser de mais de duzentas, ou isolá-los simplesmente da sociedade. Uma vez um ditador venezuelano decidiu parar a lepra. Ele viu que a maioria dos leprosos do país também eram mendigos. Pelo simples expediente de apanhar e destruir todos os mendigos da Venezuela, foi posto um fim à lepra naquele país.

Os métodos usados pelos indivíduos em vários níveis da escala de tom para viver com os seus semelhantes são os seguintes:

Em 4.0, o indivíduo usa entusiasmo, serenidade, confiança e a sua força pessoal para inspirar os que o rodeiam a alcançar um nível construtivo de ação. De facto, a presença de um 4.0 ou acima, sendo alta a sua dotação de teta, de-perturba uma área.

O 3.5 começa a empregar comunicação e razão a fim de convidar a participação de outros, mas ainda acredita em trazer as pessoas até um nível onde eles possam trabalhar com ele.

Em 3.0 temos o nível onde o conservantismo começa a entrar no raciocínio, e onde começam a serem empregados persuasão e benefícios sociais, a fim de convidar a participação de outros. Segurança, proteção e condições de sobrevivência um pouco melhores, são os argumentos usados neste nível da escala de tom.

Em 2.5, o indivíduo é relativamente descuidado da participação de outros nos seus projetos.

Em 2.0 começamos a entrar na banda da dominação, a qual se estende até cerca de 1.2. Aqui a força de Teta pode distinguir-se da força de MEST. A força de Teta é razão; e a força de MEST é simplesmente isso, força. Aqui temos esforços para atacar e bater e dominar por meio de força física, ameaças, fúria e promessas de vingança. Aqui a obediência é uma ordem, e a falta dela significa a morte. Aqui temos emergência mais importante do que planeamento construtivo. Aqui temos todos os tipos de coisas indesejáveis que, de facto, parecem ser o principal interesse dos homens e nações de hoje.

A anulação começa na verdade com a dominação, mas fica muito pronunciada à volta de 1.3. Um 2.0 poderia exigir-se a outro que demonstrasse bastante coragem para prosseguir com um projeto, mas de 1.3 para baixo, o *modus operandi* é todo e qualquer esforço para convencer outro ser humano, “para o seu próprio bem” ou “para o bem dos outros”, que não tem nem poder nem força para ser perigoso. Tornando o indivíduo inofensivo, estes níveis procuram dominar com a força que lamentavelmente ainda permanece nos 1.3 e abaixo. O 1.2 e abaixo está mais confortável à volta de pessoas doentes, à volta de pessoas que estão em apatia, uma vez que ele, erradamente acredita que estas pessoas não são perigosas, porque são obviamente fracas. Isto está tão distante de um bom raciocínio que os resultados são catastróficos, mas, de 2.0 para baixo, o raciocínio é muito pouco, se algum houver. No seu lugar há desculpas e justificações.

Aqui, numa cultura social de 1.2 para baixo, está o estado de beneficência no seu pior, a criação de indigência na população para a tornar mais fácil de controlar, a eliminação dos indivíduos fortes da sociedade, a remoção de todas as pessoas construtivas e a preservação do inativo, do desesperado, do desvalido e do fraco. Isto é de facto um mecanismo social ou individual para acelerar a morte.

A esposa 1.1 que tem um marido forte e capaz, continua a viver na medida em que ele continua a exalar para ela a força da vida. Na posição dela na escala de tom, a sua direção é para a morte. Cada ação que ela toma, independentemente das suas manifestações superficiais, terá

tendência para anular qualquer fonte de vida na sua vizinhança. Todo e qualquer mecanismo concebível é usado nesta área da escala de tom, para fazer parecer válido anular os outros, para os pôr doentes. Aqui temos troça das pessoas que recusam aceitar críticas “para o seu próprio bem”. Aqui temos esforços diligentes para “melhorar as pessoas” mostrando-lhes as suas faltas. Aqui temos tentativas para “educar” as pessoas a ajustarem-se ao seu ambiente, por outras palavras, a deixarem de ser vitais e ativas, e ir para algum lado e jazer onde não serão uma ameaça. Aqui temos confusões introduzidas em qualquer situação, às quais são dadas as mais adequadas “razões”, e que ainda assim são só anulações.

De 2.0 até 1.2, os esforços para mudar as pessoas ou para as dominar, são reconhecíveis como tal. De 1.2 para baixo, toda a franqueza se desvanece, e são empregados os métodos mais desleais, insidiosos e complexos para anular. O indivíduo nesta área da escala de tom tem muito frequentemente uma completa convicção da sua superioridade, uma justificação para usar os métodos que usa. Tais pessoas agarram-se comumente a personalidades fortes bem acima na escala de tom, e então continuam a afirmar a sua superioridade sem jamais dar, é claro, qualquer prova de que a superioridade existe, até o nível mais alto ficar anulado. Nesta área, o indivíduo procura a morte, não só para ele e seus próprios projetos, mas também para todo o seu ambiente. Neste nível temos assassinio por erosão lenta de indivíduos e da cultura, sendo cada ação prejudicial mascarada com grande volume de “raciocínio”. Aqui está o ninho da serpente do comportamento humano, e desta área vem o veneno que gradualmente destruirá qualquer indivíduo ou cultura. Dantes as pessoas desta área não eram vistas como perigosas, e a palavra “psicótico” foi usada para designar só os que eram desvalidos ou abertamente destrutivos. Contudo, esta área nunca se torna manifestamente destrutiva, tendendo quando muito para o suicídio, e raramente para o assassinio, exceto para o assassinio a longo prazo, da personalidade ou o projeto de outros. Além do mais, esta área da escala de tom é mais perigosa do que qualquer outra.

Aqui temos a perversão de toda e qualquer coisa, de forma que a manifestação aparente nunca se ajusta aos propósitos encobertos. No sexo, não é encarado qualquer propósito e uso do sexo como algo a ser desfrutado e para a criação de filhos, mas todo o tipo de ansiedade e práticas irregulares que fazem tudo menos tender para a criação de filhos. E, entretanto, essa pessoa pode ter uma obsessão febril com o desempenho do ato, e um interesse e prazer declarado no ato, de facto sem prazer. Os esforços sexuais tendem, não para o prazer, mas para a conspurcação e alienação do sexo em si, a fim de o fazer tão repulsivo quanto possível para outros, e logo inibir a procriação. Aqui está a mulher promíscua, o amante inconstante, o pervertido e o sádico. Tanto anúncio sobre sexo é só um esforço para destruir o sexo. Nesta área da escala, às vezes o indivíduo admite que o sexo é livre e deve ser desfrutado, e acusa continuamente os que acreditam que o sexo é uma coisa horrorosa, e que a sua atitude deve ser reformulada. O sexo é manchado e sujo, à guisa de proteção. Aqui podemos ter uma declaração sobre a atitude apropriada para com as crianças, e práticas estranhas em relação às crianças.

Ao manejear as pessoas à sua volta, as pessoas de 1.2 para baixo lidam com a inversão dos factos. Pode tomar-se como regra experimental muito frequentemente exequível, ignorar seja o que for que esta pessoa diga que está a fazer, pois ela está de facto fazer outra coisa qualquer. Qualquer coisa que esta pessoa diz ser verdade, é realmente falso. Qualquer coisa que esta pessoa diz ser falso, é realmente verdade. Atendendo ao facto de que muita da conversação dessa pessoa é sem propósito, podemos precaver-nos da contradição entre as manifestações e o verdadeiro propósito.

Evitando qualquer declaração superficial do que está de facto a suceder, temos aqui o hipnotizador. O hipnotizador varia regularmente de cerca de 1.8, onde ele o usa como domínio direto, a cerca de 0.6, onde a apatia ficou bastante forte para impedir esforços ativos para dominar ou anular outros. O hipnotismo nunca elevou nem nunca elevará um indivíduo na escala de tom. Uma sugestão hipnótica maníaca, que nos faz sentir que ficamos melhor e estamos melhor, poderá ser implantada. Mas o ato da hipnose perturba de facto o teta livre, e pode ser facilmente mostrado, através de testes, que uma implantação maníaca deixa o indivíduo menos capaz do que antes, independentemente do seu conteúdo. O hipnotismo é a entrada da personalidade e desejos do hipnotizador, para baixo do nível de escolha do indivíduo. É não-sobrevivência, exceto apenas quando usado como anestesia temporária para uma operação, e apanhado e percorrido em processamento imediatamente depois de o indivíduo estar bem; não o manejar, seria equivalente a continuar anestesiado para sempre depois da operação. As culturas civilizadas de hoje não estão conscientes do uso generalizado do hipnotismo. É o utensílio favorito do sexualmente pervertido e transtornado. Neste nível da escala de tom, um indivíduo pode muito bem ter a permissão de um parceiro para o ato sexual, mas na verdade preferirá realizá-lo dum forma encoberta, como proporcionada pelo hipnotismo. O hipnotismo é usado nalgumas baixas religiões, e é empregado comumente em “terapias” mentais obsoletas que devem explicar o nível delas na escala de tom. Quando é empregada uma “terapia” neste nível da escala de tom (de 1.3 a 0.6), é só para tornar mais tratável o indivíduo, menos “capaz de ser prejudicial aos outros” e arruinar a sua autodeterminação. Este é exatamente o inverso do que é preciso para melhorar e fazer pessoas sãs. A prova empírica deve ter há muito demonstrado que esses métodos não funcionam, mas este nível da escala de tom não é muito dado a raciocinar. Aqui está a lobotomia pré-frontal, a leucotomia transorbital, o choque elétrico, o choque de insulina, terapias diretivas e todo o resto dum conversa oca inexequível com que a civilização moderna foi vitimada. É bem verdade que um indivíduo pode, através desses métodos, ser tornado menos perigoso para os seus semelhantes, e mais fácil de manipular, uma vez que é transformado em mais MEST e menos teta. Mas é igualmente verdade que este tratamento diminui, muitas vezes permanentemente, qualquer capacidade do paciente para ser útil à sociedade.

Os métodos de processamento que elevam uma pessoa na escala de tom são tão simples de aplicar, que uma pessoa pensa, ou talvez não, no porquê da insistência das “terapias” destrutivas das instituições. Estas instituições usam frequentemente sedativos, e contudo, uma das piores coisas que pode

ser dada um indivíduo transtornado é um sedativo; fica mais calmo e menos perigoso, mas também fica menos capaz. Além disso, um indivíduo sob sedação, recebe sons e visões do seu ambiente como sugestões positivas, e por isso está continuamente a receber novos elos e mais turbulência, embora possa parecer momentaneamente que a sua condição é melhor. *Um preclaro nunca deve ser auditado sob sedação.* Isto é um forte ditame, uma vez que preclaros auditados sob sedação ou influência de álcool, ficam pior, e um psicótico tratado quando está sob essa influência (como na narcossíntese), pode muito bem perturbar todo o seu teta livre, e assim ser atirado para uma depressão “permanente”. Quando trabalhar com alguém, o auditor deve ter o grande cuidado de averiguar se esse alguém está a tomar algum remédio, uma vez que os médicos receitam muito frequentemente sedativos aos pacientes, sem lhes dizer que os estão a tomar. Os sedativos estão em circulação há muitos milhares de anos. Eles têm uma certa utilidade em doses leves, mas essa utilidade é extremamente temporária. A aplicação contínua de sedativos a um indivíduo, como eles o tornam mais sugestionável, facilita a receção de elos, provocando considerável dano na sua mente. Contudo, isto pode ser remediado, a menos que chegue a um ponto de não retorno.

Politicamente, a área de 2.0 a 1.4 é a área do fascismo, onde o domínio dos outros é continuamente preconizado, onde a segurança e salvaguarda são continuamente acentuadas e onde são usadas destruição e ameaças de castigo para forçar os outros.

De 1.3 a 0.6 temos a área geral do subversivo, que promete às pessoas liberdade e igualdade, e lhes dá a morte das suas melhores mentes e instituições culturais, com a finalidade dum domínio totalitário. Porque a subversão existe nesta banda de tom, o líder subversivo pode usar como pessoal só pessoas deste tom; se esta banda de tom fosse removida de uma sociedade, ele não teria recrutas. Para essas pessoas, as práticas pérfidas e distorcidas da subversão têm um atrativo enorme. Dá-lhes o “direito” da prática do Amor Livre e promiscuidade geral e, destruindo a Igreja e outras instituições ou considerando-as nulas, coloca-os acima de qualquer necessidade de se adequar à ordem social existente. Por isso, o recruta fica esfuziante por ter uma nova justificação para fazer em larga escala o que tem feito em pequena escala, anulando por meios ocultos e insidiosos todos os fortes e ordeiros do ambiente. Em qualquer ordem social relativamente baixa de tom, a ideia de ter o direito de fazer coisas escondidas e malignas por uma “causa gloriosa” é tão atrativa para pessoas desta área, que elas apoiam automaticamente esta idiotice política. Como a razão está ausente nesta área da escala de tom, nunca ocorre a estes recrutas que o mais zeloso entre eles será o primeiro a cair sob o fogo de esquadrões, uma vez que até um regime totalitário, ao procurar operar qualquer tipo de estado, tem que compelir severa conformidade aos seus próprios “códigos”, não importa quão depravados esses “códigos” possam ser; e o recruta da terra que estava a ponto de ser conquistada foi selecionado por causa da inconformidade. Por isso, imediatamente depois de uma completa conquista totalitária de um país, testemunhamos invariavelmente uma extensa matança de indivíduos. Podem facilmente selecionar-se os indivíduos a liquidar, ao consolidar a conquista. A seleção não é feita de acordo com a posição que o indivíduo ocupa, mas pelo seu individualismo,

pela sua força e pela sua racionalidade, ou pelo seu contínuo desejo revolucionário de não se conformar a padrões fixos e arregimentados. Uma percentagem considerável das pessoas massacradas em qualquer nova conquista, são os agentes e utensílios usados pelo conquistador para suavizar o país antes da conquista acontecer. O medo mórbido de qualquer regime totalitário é a contra-revolução, porque eles compreendem melhor que ninguém quão pérvida a revolução pode ser. O 1.1 pode ficar com um 1.1 como companheiro de quarto e como companheiro político e pode formar um grupo 1.1, mas este grupo tem que continuar a ser defrontado por um inimigo forte e perigoso para permanecer sólido. Esta é a condição de uma célula subversiva. Estas pessoas continuam associadas entre si só na medida em que estão na presença e ocupados a minar um oponente que valha a pena. Contudo, porque um 1.1 agirá só como 1.1 para manejá-las pessoas, a célula, uma vez a retirada a pressão, devora-se a si própria.

Se o auditor está a processar alguém conhecido como tendo estado continuamente associado a um 1.1, pode pronta e rapidamente montar o padrão de aberração deste pobre preclaro, uma vez que consistirá da manifestação superficial do 1.1 segundo a qual tudo estava a ser feito para o seu bem, e de uma campanha ininterrupta, dissimulada e insidiosa, para atacar o preclaro nos seus pontos mais fracos.

A banda de apatia da escala de tom é apenas menos perigosa para a ordem social que 1.1. A banda de apatia tem um procedimento definido para manejá-las pessoas e o ambiente. Apatia é tender para a morte; aqui está o suicida. E o caso de apatia vai de facto completamente perturbar os que estão à sua volta, num esforço para provocar a morte noutras dinâmicas. Houve uma vez toda uma filosofia política sobre apatia, Apatheia de Zeno, que foi abraçada na última agonia do Império romano. O caso de apatia tentará desencorajar toda a gente de fazer seja o que for. Esperanças e sonhos são destruídos meramente clamando que são desesperados e impossíveis.

Era costume “sentir pena” dos indivíduos desta banda da escala de tom. Isto é exatamente o que esta banda da escala de tom exige dos parceiros do ambiente. Aqui temos gritos por piedade, súplicas e todo e qualquer meio para ganhar simpatia. Estes são de facto mecanismos perturbadores em lugar de reais pedidos de ajuda. O enteta do nível de apatia não quer ser ajudado, mas meramente perturbar cada vez mais e morrer, provocando ao mesmo tempo toda a morte possível no ambiente. Quase todo o ser humano confrontado com a perda de um amigo ou pessoa amada, mergulha momentaneamente no nível de desgosto, e o estado agudo de apatia é por isso comum na sociedade. Este estado pode ser facilmente remediado com processamento, quando é uma restimulação ambiental momentânea. O caso de apatia crónica é uma questão diferente e é muito perigoso para o ambiente. É costume sentir pena do caso de apatia, e ainda assim o caso de apatia nunca tem pena de ninguém. Apesar de todas as lágrimas e gemidos, o caso de apatia, num estrato inferior, é muito esperto e tenta produzir, através das lágrimas, a máxima turbulência possível. O 1.1 distorcerá experiências passadas, reportando crueldade onde só havia rudeza. O caso de apatia declarará todas as gentilezas do passado como as mais sádicas crueldades, e as crueldades como gentilezas. Os factos não são

simplesmente distorcidos por um caso de apatia; eles são invertidos. Invertendo todas as provas visíveis e declarando tudo como o exato oposto da realidade, pode produzir a máxima turbulência. O caso de apatia, insistindo que todo o branco é preto, força tanto a razão dos outros que eles, perdidos nesta confusão, também ficam apáticos, uma vez que não parece haver nenhum método possível de raciocínio.

A apatia é mais que desesperança: é morte numa forma muito cabal. O caso de apatia conversa sobre morte, faz ameaças de morte pessoal e na verdade tentará o suicídio. Neste nível não há normalmente coragem bastante para tentar abertamente a morte de outros, mas através de turbulência, o caso de apatia pode fazê-lo, e fá-lo-á se não for compreendido. O caso de apatia dá muito comumente o exemplo de morte por falso suicídio, num esforço vago para ser imitado por outros, e assim provocar a sua morte. Contudo, o caso de apatia que está a ameaçar suicídio não pode ser descuidado, uma vez que uma turbulência súbita pode de facto provocar uma tentativa. Aqui, o comando sobre o ambiente é reconhecido pelo caso de apatia como sendo limitado aos haveres e corpo do indivíduo. Temos vários tipos de negligência dos bens que, calmamente e sem dramas, conduzem à sua destruição. Aqui temos a negligência dos sentimentos de outras pessoas e suas preocupações. Aqui temos a negligência da própria pessoa, que pode, dramaticamente ou não, tender para a sua destruição. O caso de apatia é tão inverso em realidade, que ele dirá que coisas normalmente feias e horríveis são bonitas, e que coisas bonitas são feias e horríveis. Uma falsidade está presente por volta de 0.7, em que o caso de apatia parece apoiar coisas bonitas e a arte, mas apoiando-as, deita-as a perder para os outros. Há uma obscenidade horrível na admiração que essas pessoas dão às belezas da vida.

Abaixo de 0.7 não há atividade bastante para emprestar apoio ativo a qualquer propósito, exceto para atingir a sua própria morte e a dos outros. Objetos valiosos, recursos e projetos, correm um risco considerável na vizinhança de um caso de apatia, embora o caso de apatia possa não parecer muito ativo. É esta inactividade que é enganosa. Uma leve aumento do tom, pode levar um caso de apatia a espoliar qualquer coisa na redondeza normalmente considerada sobrevivência. Casos de apatia destruíram grandes obras de arte, organizações e indivíduos pelas razões mais ilusórias e espúrias.

O caso de apatia é tão egoísta, que é muito difícil para o auditor conseguir dele alguma cooperação. De facto, todo esforço do auditor para convidar à esperança, será rejeitado, mas não tão completamente que o auditor seja repudiado, sendo confrontado com novas razões para sentir pena do caso de apatia. A maioria destas razões são puras mentiras, e o caso de apatia corre comumente torrentes de dub-in assim como lágrimas espúrias.

Os auditores, e de facto uma sociedade, não compreendendo os verdadeiros motivos da apatia, correm um risco considerável, uma vez que nos níveis mais altos da escala de tom existe um desejo natural de ajudar e apoiar o seu semelhante. O caso de apatia está de facto a perverter e a destruir este desejo, convidando a causas desmerecedoras. Isto é de facto uma ação mortal para destruir o mecanismo da cooperação. O

egocentrismo do caso de apatia é aterrador para qualquer ser razoável, uma vez examinado. Muito da conduta do caso de apatia é, consciente ou inconscientemente, fingido ou representado. No nível 0.6 pode apanhar-se, mesmo que ocasionalmente, um caso de apatia à espreita, tipo falcão, mas encoberto sob o véu das lágrimas, a fim de se assegurar que o espetáculo ainda está a receber a atenção da audiência.

Muita experiência com apatia ensina o auditor que não há nada de muito nobre em desgosto ou apatia. O verdadeiro desgosto deve ser eliminado de um caso o mais cedo possível. Mas quando está auditando um caso de apatia, o auditor encontrar-se-á a correr muitos incidentes ilusórios, todos eles contendo desgosto. O convite à simpatia não conhece limites. Os pedidos de piedade ficarão, mesmo para o mais paciente, além do suportável. Embora a pessoa possa no princípio sentir um desejo ativo para ajudar um caso de apatia, quando a pessoa entrou nas profundezas enganosas dos dados, resultará um impulso para o desprezo e ridículo, pois nenhum homem razoável acha um impulso para morte uma coisa razoável, e o caso de apatia não tem nenhum outro impulso. O grito por piedade e a súplica por ajuda, *parece* requerer a ajuda de outros. De facto eles estão a exigir a turbulência e morte de outros. Nenhum caso de apatia quer ser ajudado, mas usará todo e qualquer meio para não ser ajudado. Como a coragem está ausente, o caso de apatia evitará qualquer incidente com força real, da mesma maneira que evitará qualquer fator no ambiente com ajuda real, e irá inevitavelmente para fatores ambientais destrutivos. O caso de apatia evita por isso qualquer audição boa, e irá de facto procurar e encorajar audição muito má.

Há um certo sentimentalismo enjoativo na nossa sociedade atual encorajado por gerações de homens de letras que só estiveram a tentar o mais forte impacto, e por isso maior venda para os seus trabalhos, que nos fazem permitir tolerar e dar aprovação apática. Talvez porque cada um de nós tenhamos a exigência de sentir pena quando alguém está ferido ou morto, encorajemos o desgosto contínuo dos outros. Através do Processamento de Dianética, este desgosto é muito facilmente dispensado, e toda a gente com longa experiência no manejo de casos de apatia ficaria provavelmente mais sentimental com doridos correntes ou doenças venéreas, do que sentir uma longa e duradoura simpatia pela apatia.

Advertência aos auditores: nunca dê apoio aos caprichos e ideias de um caso de apatia, e não dê simpatia ao caso de apatia, mas dê-lhe processamento suave. Não acredite nos dados obtidos de um caso de apatia, mas trabalhe mecanicamente com o caso, obtendo ativamente tanto teta livre quanto possível para elevar o dito caso na escala de tom, pelo menos para hostilidade encoberta. Casos de apatia perturbam-nos muito facilmente, por ser tão facilmente sentir que o desgosto devido a pessoas perdidas é algo que deve ser apoiado e ajudado como mecanismo digno. Um caso de apatia, dirá ou fará qualquer coisa para ganhar simpatia. A imoralidade absoluta está presente. O caso de apatia entregará o seu corpo tão prontamente como qualquer outra coisa, como paga por um pouco de simpatia. O "amor" recebido de um caso de apatia, é de facto a extrema profundez da propiciação, e custa tanto ao "amante" apático entregar uma pessoa ao carrasco, como beber um copo de água. Nenhuma razão,

nenhuns códigos, nenhuma ética, nenhuma decência, nenhuma verdade, nenhuma vida, são as duras e breves regras do caso de apatia. E porque o caso de apatia pode dar uma narrativa bastante brutal e alarmante para justificar a sua condição, uma pessoa é frequentemente tentada a aceitar esta propiciação como verdadeira afinidade, quando de facto é uma chamada para a morte. Porque esta propiciação pode ser confundida com amor, uma pessoa é frequentemente tentada, por simpatia e desejo de ajudar, a ficar intimamente associada a um caso de apatia, mas deve ser notificada de que o seu nome, num assento de casamento, ligado ao de um caso de apatia, constitui uma sentença de morte mais certa do que a de um tribunal legal. A sua casa, acaso consiga mantê-la com extremo esforço, será um matadouro. A sua posição será perdida, e os seus sonhos despedaçados. O seu auto-respeito será trucidado, e os conceitos de moralidade e decência serão destruídos. Estas afirmações são feitas sem transigência, depois duma longa e próxima observação da apatia a funcionar num indivíduo. A apatia está só meio ponto acima de morte, e a apatia trará a morte a toda e qualquer coisa no ambiente.

Uma ordem social, na banda de apatia, tomará qualquer curso irracional para a morte. Seguirá qualquer líder que reivindique que não vale a pena viver, e que as coisas e as pessoas devem ser negligenciadas até deixarem de viver. Não há aqui uma franca destruição de entidades. Aqui está a destruição insidiosa por negligência, uso e abuso e decadência acelerados. Por exemplo, o índio americano, quando empurrado pela derrota para o tom de apatia, adotou programa após programa, programas esses que foram aclamados como programas de salvação, mas que foram sempre mortais. Havia a questão dos dançarinos fantasmas, que aceitavam avidamente a falsidade de que as camisas de algodão podiam deter as balas. Houve a onda de matar cães, que afirmava que se todos os cães estivessem mortos, os búfalos voltariam.

Na banda de apatia, o próprio corpo coopera, ficando doente pela mais leve causa, envolvendo-se em acidentes dos tipos mais variados e estranhos, e fracassando na função endócrina. Pode esperar-se que o caso de apatia adoeça com bactérias, mesmo quando as bactérias não estão presentes.

Deve ser-se extremamente prudente ao usar meios autoritários ou violentos em casos de 2.0 para baixo, uma vez que tais casos vão muito facilmente para o nível de apatia. A apatia é aparentemente, e só aparentemente, mais tratável e mais fácil de administrar, uma vez que o caso de apatia está nalguma medida em transe hipnótico permanente, e dará ouvidos e acreditará em qualquer coisa, não importa quão ridícula possa ser. É um estado altamente perigoso, e não só resultará no suicídio da pessoa, numa oportunidade, mas também na morte dos interesses e pessoas do ambiente do caso de apatia. Esta é a razão porque há tantos suicídios relacionados com a prática de hipnotismo e outras técnicas toscas. Estas, afirmando o controlo sobre o indivíduo, deprimem-no na escala de tom. O caso de apatia é capaz de mentir tão completamente, que

o indivíduo pode clamar estar melhor e parecer mesmo melhor, até uma manhã se achar um suicida. O caso de apatia pode ser muito enganoso. *

O auditor deve ser advertido para não empregar nenhum método autoritário em processamento. Nós, em Dianética, estamos só interessados em elevar as pessoas na escala de tom. O auditor deve ter o cuidado de não perturbar pessoas abaixo da linha 2.0 mais do que já estão, mas ser tão não-diretivo quanto possível. É que se o auditor deixa o seu preclaro cair em apatia, tem nas mãos um caso muito mais difícil e mais longo que um 1.1 ou um abertamente berrão, furioso 1.5. Lembre-se também que nesta ordem social as pessoas de 2.0 para baixa na escala são comumente aceites como sãs, na medida em que podem executar algum ato aparentemente racional no ambiente.

Em 0.1 ou 0.3 o indivíduo tem também um método de manejar os outros à sua volta. Este mecanismo é baseado no raciocínio de que, se o sujeito refutar toda a possível perigosidade, as pessoas perigosas da vizinhança partirão e o deixarão em paz. De facto, os caçadores e os soldados empregam racionalmente este mecanismo como último recurso, e ocasionalmente funciona. Certos animais têm isto imbuído como um hábito padrão. Abandonando toda e qualquer aparência de vida, esperam deter o do atacante no desejo de produzir a morte.

Deve reparar-se que todos os indivíduos abaixo de 2.0, têm tendência para olhar os amigos da família e parceiros como ameaças à vida ou ajudas à morte. O afeto real é impossível, mas a propiciação e simulacro de afeto, são mecanismos que convidam à compaixão ou negam a perigosidade. As pessoas de 2.0 para baixo vivem, de acordo com o seu próprio ponto de vista, numa atmosfera de morte e assassinato potenciais. Em 1.5 a missão é causar a morte das entidades “perigosas”, através de francas ações de destruição. O 1.1 considera a família, parceiros, e ambiente ainda mais potencialmente mortais e assim, vendo neles um perigo maior, usa mais métodos encobertos e transviados para vencer e desarmar estas entidades “perigosas”, e lança a cortina de fumo da ajuda e bem fazer à família, parceiros e ambiente. Aqui também se encontra o mecanismo de defesa do vencido. O vencido não é perigoso, e pode ser um aliado a ser usado contra o seu próprio muito mortal ambiente. Quem defende o vencido, está a projetar-se no vencido, e está a fazer um apelo encoberto ao direito à vida dos vencidos, usualmente na esperança inconsciente que ele, como vencido, lhe seja permitido continuar a viver, apesar dos seus actos contra outros.

Seguindo esta taxa de perigosidade do ambiente, conforme a visão do indivíduo, o ambiente, para o caso de apatia, está literalmente cheio de

* A morte de James Forrestal que tinha sido levado à apatia por excesso de trabalho, é um caso ilustrativo não só do que acontece quando são usados métodos autoritários e de encarceramento como “tratamento”, mas também da completa ilusão de que o caso de apatia é capaz. Forrestal não parecia tão agradável e aliviado durante alguns meses, como uma hora antes de se atirar da torre do Bethesda Hospital Naval e caiu dezasseis lanços para a morte, no concreto e vidro abaixo. Assim pereceu um dos mais brilhantes gerentes e campeões da Marinha de Estados Unidos. E outros suicídios, grandes e não tão grandes, se empilham como lenha nas ruelas da “terapia” autoritária.

ameaças de morte. Cada pessoa, cada objeto e cada ato, é considerado conter um intento de morte. A palavra mais amável, embora aparentemente aceite pelo caso de apatia, é ainda assim recebida transviada na “completa compreensão” de que a morte espreita a uma pequena distância, atrás da oferta de ajuda. Isto encoraja o caso de apatia a agir duma forma assassina, e parece dar-lhe licença para não prestar qualquer atenção a qualquer código moral ou sentimento de decência. O caso de apatia vive numa fossa de morte iminente, e interpreta qualquer coisa feita para ele como algo a ser aceite cautelosamente. O caso de apatia fala bastante de ser morto, tanto suicidando-se como de ser morto por outros. A atenção dele pode estar tão fixada na sua irrealidade, que escolhe um certo assassino que está a ponto de o matar; ou a concentração dele pode estar tão dispersa, que escolhe muitos homens, organizações ou coisas, como assassinos potenciais.

O caso de morte fingida chegou ao ponto de considerar o ambiente tão carregado de ameaças, que nada no ambiente tem qualquer intento exceto de o matar, e de morte súbita. Não lhe resta energia ou razão suficiente nem para pedir ajuda, e de facto, ele considera que não há nenhuma pessoa ou objeto para o qual ele possa apelar, e assim ele tenta demonstrar a qualquer coisa no ambiente que venceu, e que já está morto. Posando como morto, imagina que pode sobreviver, pelo menos o bastante para morrer um pouco menos dolorosamente do que considera que morreria se se mexesse. Raças velhas e decadentes têm comumente a prática do desejo da morte. Um indivíduo vai e senta-se meramente na beira da sua sepultura até morrer, e cair lá dentro. Podem encontrar-se pessoas dessas todos os dias, por exemplo, na Colina do Carvão, perto de Pequim.

O caso de morte fingida deixou até de tentar encontrar qualquer ameaça, e considera tudo uma ameaça. Este estado tem a peculiaridade de não ser fixo. Possivelmente o mais notável efeito para despertar este caso, pode ser conseguido concentrando a atenção do indivíduo numa única e definida ameaça de morte. De facto, observando uma fonte honesta e ativa de morte, eleva o nível de necessidade e traz qualquer deles para cima na escala de tom, pelo menos num breve período de tempo. Por isso, na guerra, cidades que estão sob bombardeamento esporádico, mostram uma incidência mais baixa de psicose do que cidades que, muito longe das linhas, só leem as mortes nos jornais. A fonte de morte foi identificada como artilharia e aviões bombardeiros, e essa fonte é tão dramática, que a atenção pode ser fixada nela. A fonte é também tão simples, que requer muito pouco esforço para a compreender. Além disso, tal destruição traz consigo muitos mortos e inválidos sobre quem o antigo psicótico pode emergir, e assim deixar de ocupar a cauda da procissão como alvo número um de todas as entidades perigosas do ambiente. É que, ao tratar feridos e mortos, ele pode observar sem ter que raciocinar muito, que ele é mais perigoso para eles do que eles para si. Uma razão adicional para esta excitação súbita de uma cidade sob ameaça, é a união para o objetivo comum de resistir ou superar uma ameaça comum. As nações que se envolvem em guerra, unem por isso a sua população, e isto é uma revelação imediata da posição na escala de tom dessas nações que supõem ter que recorrer à guerra. É que nenhuma nação razoável e ativa precisa envolver a destruição de MEST para assegurar a cooperação de outra

nação: isto é uma insanidade provocada por uma posição em 2.0 ou abaixo na escala de tom.

O texto que corresponde a esta coluna é longo, porque de facto se trata de uma cobertura das relações interpessoais. A regra dura relativa a relações interpessoais, da qual outras matérias podem ser deduzidas, é que a razão e cooperação existem numa quantidade crescente de 2.0 para cima, e que a direção do esforço é para Sobreviver. De 2.0 para baixo, são empregados dominação e controlo, abertos ou encobertos, para manejear as pessoas, e a direção do esforço é para Sucumbir. Pessoas acima de 2.0 na escala de tom, sofrem com toda e qualquer associação a pessoas de 2.0 para baixo na escala de tom. E as pessoas de 2.0 para baixo beneficiam, no que se refere a sobreviver, de qualquer associação a pessoas acima de 2.0. Mas os propósitos são cruzados, uma vez que indivíduos de 2.0 para cima não desejam sucumbir, e combaterão qualquer esforço nessa direção. E os indivíduos de 2.0 para baixo não desejam viver ou criar, e assim resistem a qualquer esforço naquela direção. Quando a razão não soluciona rapidamente um argumento entre dois seres humanos, uma inspeção da posição de cada deles na escala de tom demonstrará provavelmente que um está a discutir para sobreviver, e o outro está a discutir para sucumbir, ou um está a discutir para criar e construir, e o outro está a discutir para destruir ou negligenciar.

Porque a posição de uma pessoa na escala de tom pode ser aguda ou momentânea devido a turbulência no ambiente, ou pode ser crónica devido a enteta “permanentemente” perturbado (exceto no Processamento de Dianética), pode observar-se em pessoas abaixo 2.0, quando menos perturbadas, esforço para sobreviver, e podem observar-se em pessoas acima de 2.0, esforços ocasionais para sucumbir.

É digno de nota que o ambiente do indivíduo tem a sua própria posição na escala de tom. A sua escola, o seu gabinete de negócios, a sua família, pode ocupar como grupo uma certa posição. Esta posição do ambiente na escala de tom, ocorre por causa da influência de certas pessoas, ou da natureza da organização, ou do estado de cultura existente, e não pode ser negligenciada no cálculo, tanto da personalidade do preclaro, como dos métodos que ele usará para manejar outros.

De facto há três tipos ou condições de teta abaixo da linha 4.0. O primeiro é teta livre. O próximo é teta temporariamente perturbado que, deixado em paz por pouco tempo, de-perturbará. E o terceiro é enteta congelado, que é conservado no caso pela natureza dos engramas, secundários e elos. Os impactos ambientais, é claro que carregam os engramas do caso, e mantêm qualquer pessoa em abaixo na escala de tom ao longo da sua vida, a menos que ocorra uma grande mudança no ambiente, trazendo muito melhores fatores de sobrevivência. O impacto do ambiente sobre o indivíduo altera por isso o teta livre “permanentemente” para enteta congelado, mas este é um processo gradual que entretanto pode ser cumulativo e mortal. Como criança, pode ter um grande número de engramas, mas o ambiente não agiu sobre ela com suficiente impacto para carregar estes engramas com enteta em secundários e elos. Quando for velho, a banda é quase completamente enteta, no caso usual.

Há outro tipo de turbulência. O teta livre é perturbado pelo ambiente, e embora a maioria possa ficar temporariamente perturbado, só uma pequena porção se congela nos elos, secundários e engramas. Por isso uma pessoa, por causa da turbulência de teta livre numa base temporária, pode ser movida pelo ambiente para cima e para baixo na escala de tom. É esta manifestação de superfície e volatilidade de mal-emoção, que mascarou a natureza do teta livre. O impacto do ambiente contra o indivíduo pode, por exemplo, infligir-lhe fatores 1.5 a tal extensão, que ele se torna momentaneamente 1.5. Se a quantidade do teta livre que lhe resta é grande, ele irá de perturbar bastante rapidamente e recuperar a sua alta posição na escala de tom. O Teta livre só pode ser perturbado para baixo, e o caso só pode ser perturbado para baixo na escala de tom. O 1.1 não sobe a 1.5 por causa de turbulência, mas baixa a apatia. O caso de apatia, quando o seu teta livre é perturbado, vira logo para morte fingida, ou pode mesmo morrer, tão insignificante é a sua margem de operação.

O ambiente tem então um efeito marcado no indivíduo, de hora para hora e dia para dia. Um indivíduo que vive numa família cujo tom crónico é 1.1, pode ele próprio ser potencialmente um 3.0, e fora da família pode manifestar as qualidades de 3.0, mas na família a turbulência é tão constante que ele perde teta livre a pouco e pouco em elos, secundários e enteta de engramas, e decairá gradualmente pela escala abaixo. A única coisa que remediaría isto seria ter ao mesmo tempo outro ambiente, mais alto do que ele na escala de tom, que tenderia a de perturbar o teta livre perturbado nas redondezas da família.

Por isso é importante para o auditor que o manejo do preclaro seja tão alto de tom quanto possível, e deve organizar o ambiente do preclaro de forma a ser tão alto de tom quanto possível. Um auditor que está a tentar trabalhar um preclaro maltratado num ambiente 1.5, encontrar-se-á a trabalhar dia após dia com nada mais que teta temporariamente perturbado, e fará progressos muito pequenos com o seu caso. É necessário tirar este caso do ambiente 1.5, de forma a que o teta livre de-perturbe e fique por isso disponível, a fim de libertar o enteta congelado nos elos, secundários e engramas, para constantemente o adicionar ao teta livre do preclaro, e não apenas evitar ficar menor por causa de turbulência ambiental diária.

Também é do interesse do auditor e das pessoas em geral, que a educação tenha a sua própria posição na escala de tom. A educação concebida para inibir e restringir, para criar conformidade para com a ordem social, tem o infeliz efeito de diminuir o indivíduo na escala de tom. Isto seria educação autoritária e estaria abaixo de 2.0. A educação que convida e estimula a razão, e procura acelerar o indivíduo para um exitoso e feliz nível de existência, e tem fé bastante nos indivíduos para assumir o bom uso da educação, eleva o indivíduo na escala de tom. A pessoa pode, revendo a educação de qualquer indivíduo, descobrir muitas provas que apoiam isto, uma vez que se verá que os assuntos em que o indivíduo é capaz, serão os que foram ensinados por métodos de 2.0 para cima, e os assuntos nos quais o indivíduo é pobre, carente de precisão ou de autodeterminação e em que a sua razão fracassa, foram ensinados por métodos de 2.0 para baixo na escala de tom. À medida que uma sociedade declina, cada vez mais recorre a ensino autoritário e tentativas crescentes de forçar o indivíduo a ter que

se ajustar ao ambiente, e a não poder ajustar o ambiente a ele. O processo educacional torna-se um recetor duma massa pastosa semi-hipnótica de dados, regurgitando-os em provas de exame. Razão e autodeterminação é tudo simplesmente proibido.

Quando falamos das pessoas que usam vários métodos para manejar outras pessoas, também devemos falar dos métodos usados para manejar o nosso preclaro. Nós em Dianética estamos interessados no que foi feito a um indivíduo, não no que o indivíduo fez. Isto não é um esforço para escapar ou alterar padrões morais, mas simplesmente a declaração dum facto; o auditor que se interessa pelos motivos do seu preclaro, e faz avaliações do seu raciocínio, não só está a desperdiçar o seu tempo mas também a tentar executar uma terapia autoritária.

O que foi feito educacionalmente a uma pessoa, é de enorme preocupação para o auditor, uma vez que a educação pode ser tão completamente supressiva que ela e só ela, dados os engramas para carregar o caso, pode mover consideravelmente o indivíduo para baixo na escala de tom, como testemunhado pelos muitos diplomados de nossas universidades, enfadonhos, pusilâminos e inativos.

Sabendo que a educação pode ser um fator tão forte na aberração e supressão do ser humano, ajuda na medida em que ao sondar elos, o auditor pode apanhar e de-intensificar a educação duma vez com a resultante subida do seu preclaro na escala de tom, sem tocar em nada que possa ser chamado de elos, secundários ou engramas. Toda a educação de uma pessoa pode ser um elo. Nenhuma palavra bastante amarga ou bastante forte poderia comparar-se a sistemas educacionais autoritários que, apesar de se revelarem na parada dos seus diplomados, artistas destruídos, mulheres desesperadas e apáticas, engenheiros estúpidos e broncos, ainda não fizeram grande esforço para estabelecer e remediar a causa, os seus próprios métodos autoritários de educação. Felizmente, a educação universitária pode ser manejada num preclaro que esteja em boa condição de funcionamento, em dez ou quinze horas. Deitar fora o enorme e oneroso esforço da parte de espantalhos mentalmente constipados, pretensos Pequenos Césares nas suas plataformas de conferência, seria, está claro, um benefício enorme para toda a sociedade, mas na ausência desta medida altamente desejável, o auditor pode pelo menos recuperar o teta livre que ficou preso na educação do indivíduo.

A universidade não é o único elemento destrutivo do sistema educacional. Os sistemas da escola secundária são igualmente maus, mas eles têm gente que ainda está bastante bem acima na escala de tom para poder resistir, uma vez que a juventude é flexível. Graus de educação escolar, particularmente nos seus primeiros anos, são muito provavelmente autoritários, e como eles constituem a base formal da educação, também eles devem ser abordados.

O enteta é mais bem libertado dos elos e secundários do presente para o passado, de forma que deve de facto abordar-se o presente, depois ocasiões anteriores, depois cada vez mais anteriores na sua sondagem, e correr elos para chegar aos momentos mais remotos possível. Uma completa recordação da infância é assim alcançada, e os esforços para alcançar a

infância sem tratar o resto da vida por sondagem, são normalmente derrotados. Tratando apenas a infância a partir do raciocínio enganoso de que foi um período altamente aberrativo, (uma aberração que foi plantada por filósofos amadores e terapeutas de há meio século atrás), a pessoa envia o preclaro contra a força oclusiva dos elos e secundários recentes, sem lhe dar o ensejo de os reduzir. Não deve esperar-se poder correr um caso abordando primeiro a porção remota do caso, a menos que o preclaro esteja numa condição tal, que possa chegar ao básico-básico e reduzi-lo com a maioria dos percéticos.

E educação deve então ser corrida da última para a primeira, a fim de a recuperar. Agora, não pensamos vulgarmente no treino paternal em termos de educação, embora tudo sobre experiência possa ser reunido sob o título da educação. O uso comum da palavra denota instrução formal, mas não é menos educação a que a mãe, pai, enfermeiras e outras pessoas da administração da casa, dão a uma criança. É na parte do início da vida que os maiores reveses e as mais fortes medidas autoritárias são usados, uma vez que a criança, por falta de dados, é menos capaz de raciocinar. Estas restrições misturam-se continuamente, e muito teta livre é congelado “permanentemente” em elos durante a primeira infância. Isto está ao longo da linha educacional, e é melhor clarificado apanhando a instrução mais próxima do tempo presente e sondando os elos completamente, depois apanhar um período anterior de instrução como a faculdade, depois apanhar um anterior como a escola secundária, então um anterior como a primária e finalmente o treino paternal. Desta maneira se recuperarão as restrições gerais impostas às crianças, e a irracionalidade geral da maioria dos adultos para com as crianças.

Você pode descobrir a maneira como o seu preclaro foi manejado como criança, investigando a maneira como ele maneja as crianças, mas isto tem um valor limitado, uma vez que ele normalmente está, se teve uma infância má, na valência de um aliado, e os métodos usados podem ser os do aliado, em lugar dos métodos globais da família. Mas em muitos casos, o preclaro está a seguir o conselho de fazer com os outros o que foi feito com ele e, isto é verdade para outras coisas diferentes da infância. Os sistemas educacionais usados no seu preclaro tinham as suas próprias posições na escala de tom, e tiveram tendência a congelar o indivíduo nessas mesmas posições da escala de tom. Por isso nós poderíamos ter uma criança cuja vida em casa o fez um potencial 3.0, mas que foi educado em 1.1 na escola. A educação tenderia a baixar o indivíduo na escala de tom para 1.1. Os valores a ele dados por vários factos e ações de outras pessoas, e os métodos que lhe foram ensinados para manejar outras pessoas, foram ensinados por algum sistema educacional. Por isso, se tentasse clarificar um indivíduo e trazê-lo para cima na escala de tom sem fazer uma abordagem completa à sua educação, você teria, mesmo com todos os seus engramas e secundários retirados, um indivíduo muito baixo na escala de tom. É preciso muito pouco trabalho para retificar isto, e o trabalho não deve ser negligenciado. Caso contrário, o seu indivíduo continuará a manejar as pessoas, e a agir no seu ambiente no nível de tom em que foi educado. É questionável a existência de algum preclaro no mundo civilizado de hoje, educado por um sistema acima de 2.0 na escala de tom.

De acordo com este tema educacional, seus aspectos em processamento e a maneira como ele influencia o preclaro no seu modo de manejar outras pessoas, deverão cuidadosamente vigiar-se os casos dos indivíduos mais baixos de tom do ambiente do preclaro em qualquer altura da vida dele, e encontrar outros indivíduo que depois se aproximaram do indivíduo anterior. Sobre o indivíduo mais recente, depois encontre e sobre o indivíduo anterior, e muito terá sido feito para aumentar o tom do preclaro. A associação com pessoas baixas na escala de tom é sempre deprimente, e uma longa e contínua associação cria muitos elos severos.

Você terá como um dos melhores índices de progressão do preclaro, as mudanças na forma de manejar os que o rodeiam.

O auditor faria bem em examinar o seu próprio método geral de manejo das pessoas com um olho altamente crítico, e atribuir a si próprio o lugar provável onde a sua audição fica na escala de tom, e pelo processo educacional de saber as consequências e como obter resultados, eleva simplesmente o seu nível de necessidade até ao ponto de alcançar uma atitude mais desejável, se a achar necessária. Se acontecer o auditor encontrar-se na banda da escala de tom em que há medo de ferir as pessoas, ele deve ser muito cauteloso para não demonstrar qualquer falta de coragem ao correr o caso.

O preclaro deve examinar o auditor quanto à sua posição na escala de tom, e se achar o auditor na zona de apatia ou de hostilidade encoberta, melhor será trabalhar o auditor ou então ficará sujeito a inevitáveis “erros” no manejo do seu caso, súbitas e inesperadas quebras de afinidade e uma confusão geral. A moral desta coluna é que os auditores não devem auditar e os preclaros não devem permitir-se ser eles próprios auditados, a menos que estejam certos de um manejo do caso e das pessoas em geral acima de 2.0.

Duas pessoas podem co auditar-se uma à outra, passo a passo escala de tom acima, mas a menos que seja mantida paridade, um deles sofrerá, e uma boa libertação ou um claro será impossível de atingir, o que se pensa ser a dificuldade até agora experimentada em Dianética, no que respeita à produção de claros.

CAPÍTULO VINTE E OITO

COLUNA Z

Valor de comando de Frases de Ação

O assunto das frases de ação já foi coberto neste livro. As frases de ação aquelas frases parecem dar ordens ao preclaro em várias direções. Se o preclaro estivesse numa sala a obedecer a ordens, e se tivesse meios de se levantar e de se baixar, as frases de ação atuariam nele como segue. Se lhe dissessem para se levantar, ele levantava-se; se lhe dissessem para se baixar, ele baixava-se; se lhe dissessem para ir simultaneamente em duas direções, ele ficaria confuso; se lhe dissessem para não se mover, ele não se moveria; se lhe dissessem para se meter dentro dele próprio, ele tentaria encolher-se; estas, na essência, são frases de ação.

A ação do indivíduo na sua banda do tempo, lá atrás no passado, às vezes é dirigida pelas frases de ação que aparecem nos engramas. Ele não tem que obedecer a estas frases a fim de ser processado; de facto, o auditor deve desencorajá-lo de lhes obedecer; e não é necessário provar a validade ou valor de um engrama, mostrando que se pode reagir a uma frase de ação.

As frases de ação são: ressaltadores, como “levanta-te”, “sai”; seguradores como “fica aqui”, “não te mexas”; desorientadores como “não sei se estou a chegar ou a partir”, ou “está tudo às avessas”; ressaltadores descendentes, como “baixa-te” ou “volta atrás”; agrupadores, como “tudo acontece ao mesmo tempo”, “recompõe-te”; chamadores, como “volta”, “por favor vem cá”; e um outro, o negador, que afirma que o engrama não existe, como “não há aqui nada”, “não consigo ver nada”. Também há o mudador de valência, que muda o indivíduo da sua própria identidade para a identidade de outro; o ressaltador de valência que proíbe um indivíduo de entrar nalguma valência particular; o negador de valência que pode até negar que a própria valência da pessoa existe, e o agrupador de valência que transforma todas valências numa só valência. Estes são todos os tipos de frases de ação. Poderia ser feito um dicionário destas frases, e ter alguma utilidade, mas com um pouco experiência, o auditor aprenderá estas frases. É obrigatório que ele compreenda estas frases, uma vez que quando ele vê o preclaro fazer coisas estranhas na banda ao correr um engrama, melhor será remediar a condição rapidamente pedindo ao arquivista o tipo de frase, depois pedir a frase e então mandar o preclaro repetir a frase, a fim de minorar os seus efeitos e de forma a que ele possa continuar a mover-se na sua banda na forma apropriada.

Em 4.0, não há qualquer engrama. As frases de tempo presente não têm valor reativo.

Em 3.5, se uma cadeia inteira de incidentes continua num caso, a ação de computação da cadeia pode ser eficaz. Frases individuais são às vezes ligeiramente eficazes em engramas muito severos.

Em 3.0, as frases de ação de engramas severos, são eficazes no preclaro.

Em 2.5, as frases dos engramas e dos engramas secundários, motivam o preclaro a responder.

Em 2.0, engramas, secundários e cadeias de elos, todos contêm frases ou computações que produzem ação no caso, à medida que o preclaro corre na banda do tempo.

Em 1.5, as frases de ação dos engramas, secundários e elos do mesmo tom do preclaro, são muito eficazes, e as frases de controlo são muito eficazes. O indivíduo ainda está normalmente a dramatizar as suas frases de circuito de controlo, procurando controlar os outros.

Em 1.1, as frases de ação dos engramas, secundários e elos, são muito eficazes, e os mudadores de valência são muito eficazes. Até este ponto, os mudadores de valência não são muito eficazes, mas neste ponto eles ficam extremamente eficazes, a menos que se trate de um caso todo aberto, que normalmente terá alguns, se tiver.

Em 0.5, as frases de ação de tempo presente, quer dizer, frases de ação apenas ouvidas no ambiente são eficazes no preclaro nalgum grau; as frases de ação de engramas, elos e secundários, são todas eficazes, está claro.

Em 0.1, os agrupadores são particularmente eficazes, e a pessoa pode esperar uma condição colapsada da banda. De facto, os agrupadores são possivelmente eficazes em qualquer ponto da escala, e são apenas outro tipo de frase de ação; contudo, de 1.5 para cima, a banda do tempo não entrará em colapso por causa de um agrupador; de 1.5 para baixo, pode fazê-lo.

O uso desta coluna é evidente. Depois de uma pequena corrida, o auditor verá como o preclaro se comporta para com frases de ação, e isto o ajudará a determinar a sua posição na escala de tom.

LIVRO DOIS:
Processamento de Dianética

CAPÍTULO UM

Os Princípios Básicos de Processamento

Na prática, em Dianética*, o auditor está a fazer uma coisa muito simples. Ele está recuperar teta que foi confundido com MEST devido a dor física e choque emocional. Ele está, através do Processamento de Dianética, a converter enteta para teta.

Um axioma fundamental de Dianética diz que a vida é formada por teta combinado com MEST para perfazer um organismo vivo. Vida é teta mais MEST.

Outro axioma diz que teta conquista MEST, ficando primeiro perturbado com ele, retirando então e levando consigo algumas das leis de MEST, e voltando ao MEST para uma conquista ordenada.

Outro axioma diz que teta, na sua conquista de MEST, seguiu o ciclo de contacto, crescimento, decadência e morte muitas vezes repetido, usando os dados adquiridos durante o ciclo, para melhor adaptar o organismo à conquista de mais MEST.

Teta é pensamento, uma energia do seu próprio universo análoga à energia do universo físico, mas só ocasionalmente paralela às leis electro-magnético-gravíticas. As três componentes primárias de teta são afinidade, realidade e comunicação.

Teta tem o estranho poder de animar e dirigir MEST, e trazê-lo para uma unidade ordenadamente móvel e auto-perpetuadora nossa conhecida como organismo de vida.

Teta e MEST numa colisão desordenada, provocam turbulência em teta e em MEST, o que de facto muda ou inverte a polaridade de teta e de MEST. Esta polaridade invertida, permite a rejeição de teta por enMEST e de MEST por enteta, de forma que possa resultar a morte, e um novo organismo possa ser iniciado.

Teta atuando em MEST com afinidade, comunicação e realidade, assume um aspeto conhecido como raciocinar ou compreender. Todas as matemáticas podem ser derivadas do ARC que atua em MEST.

Teta pode ter um considerável conhecimento residual próprio, mas o conhecimento em que um organismo está interessado, é a informação relativa a teta e às leis de MEST aplicadas ao organismo, e todo e qualquer organismo se desenvolve na medida em que utiliza e comprehende estas leis.

No ciclo do organismo, da conceção à morte, teta e MEST são muitas vezes reunidos numa colisão desordenada. Isto cria o fenómeno conhecido como dor física. A percepção das ameaças à sobrevivência e a posição descendente na escala de tom, “carregam” estes momentos de dor física

* Dianética é aquele ramo da Cientologia que cobre a anatomia mental.

como mecanismos para, a princípio, forçar o organismo a maior atividade de sobrevivência e então, falhando isto, a atividades de morte para libertar teta de MEST, a fim de iniciar um novo ciclo. O ponto de rotura, em que o organismo já não é dirigido para cima, para a sobrevivência, mas começa a ir para baixo, para morte, é 2.0 na escala de tom.

A morte tem sido um mecanismo vital de teta na conquista de MEST, uma vez que de nenhuma outra maneira teta podia ficar suficientemente de-perturbado, para poder usar a informação recebida pela turbulência a fim de criar e construir organismos novos ou espécies novas. Inevitavelmente através desta evolução, teta procura, de acordo com a teoria, uma conquista cada vez mais larga de MEST, construindo um organismo que, por força da razão, poderia ativamente manejá grandes quantidades de MEST. O homem é um desses organismos. Nenhum organismo menor pode racionalmente organizar uma grande quantidade de MEST exterior ao organismo, embora muitos organismos menores tenham padrões de hábitos genéticos, que permitem manejá e alterar pequenas quantidades de MEST.

Toda a aprendizagem ressalta de turbulências desordenadas onde teta colidiu brusca e vivamente contra MEST. Todo o raciocínio é feito por teta libertado, que voltando a MEST para uma conquista ordenada, utilizando as lições aprendidas na conquista desordenada. Isto não só se aplica à formação de organismos, mas também a todas as aventuras do homem, de acordo com observação feita.

Se estas teorias continuarem a provar ser corretas como no passado, é possível que a Dianética forme uma ponte evolutiva que minimize a morte como mecanismo de uma nova aprendizagem e conquista, e maximize a conversão de enteta para teta, ou a experiência desordenada para experiência racional, dentro do lapso de uma vida. Se isto provar ser o caso, a aceleração da conquista de MEST pelo homem deve ser muito marcada. De facto, neste momento pode ser observado que, por falta de conhecimento das ciências humanas no passado, as suas ordens sociais estiveram durante algum tempo numa espiral descendente, embora o conhecimento das leis físicas aumentasse. O homem, de acordo com estas teorias, poderia dizer-se ter aprendido muito sobre o universo físico, sem aprender bastante sobre teta.

Uma série interessante de experiências recentemente realizadas pela Fundação, parece confirmar a teoria segundo a qual teta, recentemente recuperado de uma turbulência com MEST, contém uma razão-capacidade aumentada. Alguns indivíduos fizeram um teste de alguns minutos a fim de medir a sua inteligência existente. Foram então mandados por um auditor pela banda abaixo para um engrama, e o engrama foi completamente restimulado. Imediatamente depois, sem reduzir o engrama, estes sujeitos experimentais foram mandados fazer um segundo teste. A segunda prova foi feita nesta condição de tensão, e a pontuação do segundo teste foi uniformemente mais alto do que a do primeiro. Devem ser intentadas consideravelmente mais experiências, e estes resultados estão muito longe de ser conclusivos, mas eles parecem indicar validade nalguns dos postulados teta-MEST. Podem, é claro, ser encontradas outras explicações para os resultados destas experiências. Contudo, os postulados

teta-MEST permitiram derivar novos processos de Dianética, e aumentar notavelmente a facilidade de processamento, e diminuir o tempo necessário para produzir um liberto de Dianética. Além disso, os postulados teta-MEST lançaram muita luz na terceira Dinâmica, e com eles foi possível produzir uma nova tecnologia de grupo que, quando testada em grupos num projeto-piloto, se viu que tinha uma funcionalidade uniforme.

Para aprender qualquer coisa sobre MEST, teta têm que se perturbar com ele, mas para utilizar as mudanças provocadas pela turbulência, teta deve ser libertado de MEST a fim de realizar uma razoável conquista de mais MEST. A morte foi uma resposta para tudo, mas não satisfatória para o organismo unitário. O processamento de Dianética oferece uma recuperação de teta muito menos drástica.

Inspecionar uma banda do tempo no início de um caso, encontra ordinariamente muitas áreas oclusos sobre as quais não pode ser feito qualquer raciocínio. Poderia dizer-se que estas áreas, como os próprios engramas, contêm enteta. Qualquer dos vários processos que podem libertar este enteta e convertê-lo para teta, aumentarão a racionalidade do indivíduo, conforme testemunhado por longas séries de testes psicométricos levados a efeito antes e depois do processamento de Dianética. A restauração da recordação em áreas até aqui oclusas cujos dados são valiosos como experiência e informação, pode é claro dizer-se que aumenta a saúde e racionalidade do indivíduo. Mas a recuperação de teta que poderia dizer-se estar nestas áreas como enteta, poderia também ser postulada para aumentar a racionalidade do indivíduo.

A escala de tom é de facto um quadro da relação entre teta livre e enteta no indivíduo. Poderia ser dito que o indivíduo tem mais teta do que enteta acima da linha 2.0. Abaixo do ponto 2.0, poderia dizer-se que o indivíduo tem mais enteta do que teta. Convertendo simplesmente enteta para teta, o auditor pode elevar o indivíduo na escala de tom.

Ver-se-á desde logo que a condição ideal seria todo o teta recuperado e nenhum enteta restante no indivíduo. A consecução deste ideal é chamada em Dianética um estado de “clarificado”. Neste momento, esta seria a meta final do processamento. A frequência com que pode ser completamente atingida por auditores qualificados ou não, é uma questão em aberto. Que ela pode ser aproximada e que os casos melhoram notavelmente sob processamento, não é uma questão em aberto, uma vez que, independentemente de qualquer dúvida sobre o estado de clarificado, ninguém ligado à Fundação ou que praticou Dianética com algum conhecimento, tem qualquer dúvida sobre a capacidade do Processamento da Dianética para melhorar casos, muitas vezes mais do que jamais terá sido possível. Mesmo que não se possam criar claros fácil e rapidamente, o Processamento de Dianética ainda está muito longe de ser inválido. De facto, foram e estão a ser produzidos claros, mas as suas potencialidades totais permanecem relativamente inexploradas.

O liberto de Dianética é mais comprehensível do que o claro, e foi produzido e estudado em número suficiente para admitir poucas dúvidas

sobre o desejo e estabilidade do estado. É uma meta mais próxima e mais facilmente alcançável.

O simples alívio da dor, preocupação e infelicidade geral, é uma rotina do auditor de Dianética. Ele pode alcançar estas metas em qualquer coisa como, de algumas horas a algumas semanas, na maioria dos preclaros. Estas metas são muito mais facilmente obtidas e são bastante comuns junto da Fundação, de forma que estas, que alguns dizem poder ter sido considerados milagres há dois anos atrás, quase não suscitam comentários. Ocasionalmente algum auditor da Fundação fica surpreendido, anunciando um resultado aos auditores duma unidade de processamento, mas estes sucessos são geralmente dados adquiridos.

Um considerável estudo da produção de claros está agora em progresso. O fator mais pertinente que surgiu, é o evidente requisito de que o auditor tem que estar mais alto na escala de tom do que o seu preclaro, a fim de produzir bons resultados. Da mesma maneira que temos a relação teta/enteta que estabelece a sanidade ou insanidade do indivíduo, assim nós temos a relação de teta livre do auditor em relação ao teta/enteta livre do preclaro, que estabelece a velocidade com que enteta pode ser de-perturbado no preclaro.

Um exame desta teoria demonstrará que há três processos válidos. O primeiro e o mais simples destes processos consiste em mudar o ambiente do preclaro. O velho ambiente dele contém possivelmente muitos objetos e pessoas restimulativas, de forma que o seu teta livre está em permanente turbulência por causa da restimulação. Mudar o preclaro para um ambiente não restimulativo, permite-lhe “assentar”, quer dizer, permite de perturbar o teta temporariamente perturbado, e converter o enteta “congelado” nalguma minúscula quantidade de teta livre. Parte do processo de mudança ambiental seria, está claro, melhorar a afinidade, realidade e comunicação, no ambiente do preclaro. Isto poderia por si só produzir uma subida no seu tom. Apaixonar-se, sendo um aumento de afinidade, pode fazer de um homem doente, um homem são. Ser rejeitado ou desapaixonar-se, sendo uma diminuição de afinidade, pode fazer de um homem são, um homem doente. Melhorando a comunicação de uma pessoa, mesmo que só por lhe dar um novo par de óculos, também elevará o seu tom. Validar as realidades dele que estavam em causa, pode elevar o seu tom. Todas estas coisas poderiam ser consideradas mudanças ambientais.

Uma parte especial da mudança ambiental seria a mudança na saúde por causa da nutrição ou de melhores condições de vida. Este processo não deve ser negligenciado, uma vez que, por experiência, alguns preclaros que não estavam a ir tão bem como se poderia desejar, tinham deficiências na sua nutrição. O preclaro que se mantém com café e sanduíches, não vai tão bem no processamento como um que tem uma reação adequada e equilibrada com suplementos apropriados de vitaminas. Um bom exercício físico pode por si só aumentar notavelmente a posição dos indivíduos na escala de tom, e toda uma terapia para ajudar psicóticos poderia ser facilmente elaborada só na linha do exercício.*

* Provavelmente a pior coisa que pode acontecer a um Psicótico será colocá-lo na atmosfera regularmente provida para ele pelo estado. Só um ambiente são, saudável onde

O segundo processo válido na produção de resultados é a educação. A educação é definida como o processo de disponibilizar dados novos para o indivíduo, e fazer com que a sua mente ajude e use aqueles dados, trazendo razão ao caso. A educação fornece normalmente novas áreas de concentração no ambiente do indivíduo, e traduz em saber muita da sua ignorância. O irracional poderia ser classificado em duas categorias: uma zona de atenção muito larga, e uma zona de atenção muito fixa. Na primeira, a mente vagueia por grandes áreas incapaz de selecionar dados pertinentes. Na segunda onde a mente está fixada, não pode vaguear longe bastante para encontrar dados pertinentes. Em nenhum dos casos a mente pode resolver o problema com que está preocupada, devido à ausência de dados. A superstição é um esforço, por falta de educação, para achar dados pertinentes numa zona muito larga, ou fixar a atenção em dados irrelevantes. A experiência pessoal no ambiente da pessoa dá o que poderia ser chamada educação pessoal. Um homem envolveu-se com MEST, libertou-se dele, resolveu problemas, foi outra vez envolvido, voltou atrás e resolveu problemas de novo, de forma que acumulou um capital de dados pessoais sobre a sua tarefa de viver. A educação poderia ser chamada o processo pelo qual os dados acumulados de um longo espaço de cultura são fornecidos ao indivíduo. Esta pode, não menos do que a experiência pessoal, resolver muitos dos seus problemas. Teta livre, confrontado com muitos problemas, pode só por isto ficar perturbado. A boa educação pode deste modo converter para teta algum do enteta de um indivíduo, com uma consequente subida na escala de tom. Uma reserva muito severa deve contudo ser aqui introduzida. O ensino autoritário, pelo qual os factos são incutidos no indivíduo, e a autodeterminação suprimida na utilização desses factos, podem reduzir o seu teta livre, fixando-o no banco de memória. Teta é razão. Teta fixo é enteta. Muitos homens com educação universitária martelada por os professores autoritários foram tão reduzidos na escala de tom, que se comportam na vida mais ou menos como autómatos. A sua autodeterminação, e assim a sua persistência e capacidade para manejar responsabilidade são tão reduzidas, que o torna inapto no seu papel na vida. Além disso, concentrar-se nos processos educacionais na adolescência depois da qual uma pessoa deve estar a resolver problemas da vida, tem um efeito inibidor na mente. Um artista, especificamente, é estorvado por educação autoritária, uma vez que a sua deve ser da mais alta autodeterminação, se o trabalho dele tiver que ter algum valor. A educação autoritária tem mais ou menos o mesmo efeito no indivíduo que o hipnotismo, deprimindo-o na escala de tom, e de facto, neste momento, a maioria da educação está ao nível de comandos

ele obtém exercício apropriado e onde ele tem indivíduos não restimulativos à sua volta, poderiam fazer muito para melhorar a sua condição. O psicótico às vezes melhorará se lhe for dado comando de mais MEST e, de facto, um fundamento da produção da psicose, é negar ao indivíduo o comando do MEST.

Não poderia ser inventado melhor método de talhar psicóticos do que a habitual instituição, e é provável que, se a pessoa normal fosse colocada nessa instituição, nessa atmosfera, ficasse psicótica. De facto, a incidência de psicose nos assistentes e psiquiatras dessas instituições é inquietantemente alta. Só a psicocirurgia e o tratamento de choque são piores no agravamento da psicose num estado psicótico. Em vez de dar aos psicóticos tal tratamento, seria de longe mais amável matá-los imediatamente, e não parcialmente como o faz a psicocirurgia e choques elétricos.

hipnóticos em lugar de convidar ao raciocínio. Uma educação que convida ao raciocínio e comparação dos dados aprendidos com o mundo real, pode elevar o indivíduo na escala de tom.

O terceiro processo que pode ser considerado válido para elevar o indivíduo na escala de tom é o processamento individual, pelo que queremos dizer, qualquer método que transforme o seu enteta para teta, abordando-o como indivíduo.

Parece ser uma das características de teta que, quando o teta presente excede o enteta num grau muito elevado, o enteta tenderá a de perturbar e a tornar-se teta. Por outras palavras, se considerássemos esta matéria em termos de polaridade e energia, um campo positivo, se suficientemente forte, inibiria e depois converteria um campo negativo perto dele. Um íman muito grande colocado perto de um íman pequeno mudará os polos do íman pequeno. Quando uma quantidade muito grande de enteta é colocada na redondeza de uma menor quantidade de teta, o teta pode tornar-se enteta rapidamente. Quando teta e enteta existem juntos em quantidades mais ou menos iguais, ou quando a desproporção não é grande, existe uma condição relativamente estável, teta tendendo a permanecer teta e enteta tendendo a permanecer enteta. Um exemplo disto em grupo, é o fenómeno da histeria de massas, onde um ou dois membros do grupo ficam perturbados, e muito rapidamente o resto do grupo fica perturbado.

Esta é a lei fundamental do contágio da aberração. Enteta vai perturbar teta. A mal-emoção mudará a emoção para mal-emoção. Uma comunicação pobre mudará uma boa comunicação para comunicação pobre. Uma realidade pobre mudará uma boa realidade para realidade pobre. Os engramas dum caso perturbam teta para o enteta de secundários e elos.

Pode ver-se o exemplo disto, quando uma pessoa relativamente louca entra um grupo relativamente são. O grupo relativamente são pode tentar elevar o nível de sanidade da pessoa relativamente louca, e pode ocorrer neste grupo que a pessoa relativamente louca fique mais sã. Contudo, ao mesmo tempo, as pessoas relativamente sãs ficam menos sãs, a menos que elas tenham meios ou tecnologia para impedir este fenómeno.

No caso de marido e mulher, é fácil observar que o companheiro mais alto na escala irá cair durante o casamento, e normalmente, o companheiro mais baixo na escala de tom, virá ligeiramente para cima como resultado daquela associação. Como exemplo adicional, o companheiro mais baixo na escala de tom exigirá mais afeto e dará menos que o companheiro mais alto. O companheiro mais baixo exigirá mais comunicação e dará menos, e afirma mais realidade, mas, na verdade, terá menos.

Pode assim ver-se, conforme representação na coluna AQ do quadro, que o auditor tem que ter uma relação teta/enteta mais alta do que o preclaro. Tem que existir uma condição onde esteja disponível muito mais teta que enteta. O auditor cuja relação teta/enteta é à volta de 2.5 poderia, com perícia, manejar indivíduos não mais de um ponto abaixo na escala de tom. Um auditor 2.5, tentando manejar um caso de apatia, veria a sua condição, já de si bastante perturbada, tão piorada pelo caso, que o caso, tendo muito pouco teta livre, não melhoraria muito. Um auditor 2.5 que

tenta fazer um claro, começa a trabalhar por uma montanha acima, assim que o seu preclaro alcança 2.5, e a montanha, rapidamente fica demasiado íngreme para escalar. O auditor ideal é o que tem um dotação muito alta de teta, e que está em 4.0 na escala de tom. Por isso, no começo da Dianética, onde temos o auditor habitual a operar entre 2.5 e 3.0, achamos muito simples puxar preclaros até 2.0 ou 2.5, e mais difícil traze-los até 3.0. Nos lugares onde se empregam muitos os auditores a processar pessoas, há tendência para negligenciar o seu próprio processamento, e estando constantemente na vizinhança de enteta, e a manejá-lo, começam a encontrar dificuldades com os preclaros assim que o preclaro alcança 2.5. É da incumbência do auditor manter-se continuamente processado, e manter o seu próprio tom a subir na escala. Onde existe uma equipa de ca audição, uma pessoa auditando a outra, é consideravelmente mais do que uma troca justa, cada um prestar a devida atenção ao estado do caso do outro, pois no momento em que um começa a ficar com a maior parte do processamento, o seu próprio caso abrandará.

Então, o processamento de Dianética segundo a teoria teta-MEST tenta só uma coisa: a recuperação e conversão de enteta para teta. Qualquer processamento que não realize isto dum forma ordenada, é, por isso, processamento de Dianética inválido.

Teta é muitas coisas. Para uma descrição de como se aplica ao organismo MEST, basta ler a banda 4.0 do quadro da escala de tom. Teta é razão, serenidade, estabilidade, felicidade, emoção de alegria, persistência e os outros fatores que o homem ordinariamente considera desejáveis. Qualquer prática que perturba teta suprime o caso. O código do auditor é de facto uma lista das coisas que a pessoa deve ou não deve fazer, para preservar teta e para inibir a turbulência de teta pelo auditor.

Quando o preclaro tem uma pequena quantidade de teta, e uma grande quantidade de enteta, o auditor deve ter o especial cuidado de não perturbar o teta existente, uma vez que é na proximidade de muito enteta que ele perturba rapidamente. O auditor que trata mal um caso destes, usando invalidações, hipnotismo, força bruta, sadismo ou adoração do diabo, pode enviar o teta livre ainda existente pela banda abaixo, e prendê-lo num velho secundário ou engrama, encontrando-se assim com um preclaro temporariamente todo perturbado nas suas mãos. Para evitar este perigo, o preclaro deve ser bem situado no quadro, e adequadamente guiado. Isto dá ao auditor uma estimativa da quantidade de teta livre que ele tem, com o qual de perturbar o enteta existente no caso. Pode acontecer que exista tão pouco teta no caso, que o auditor tenha que usar os mais leves e mais agradáveis métodos de que é capaz, para disponibilizar teta bastante para começar com o início da banda do tempo.

A coluna da percentagem (a escala de zero a mil) é um índice da quantidade de teta do organismo, disponível para trabalhar o caso. Em 4.0, está cem por cento disponível. Em 2.0, as quantidades de teta e enteta “permanente” estão mais ou menos equilibradas, mas a turbulência ambiental deixa o preclaro com muito pouco teta livre. Abaixo deste ponto é a zona da morte, e aqui, quanto mais o tom baixa, maior o perigo de todo o restante teta se tornar de repente enteta, mudando assim o psicótico ocasional para psicótico crónico, pelo menos até que, descanso, boa

comida e exercício, permitam que a parte não seriamente perturbada de enteta se torne teta outra vez. Basta audição muito pobre para realizar isto, e o perigo dificilmente é um perigo, se o quadro for seguido.

Quanto mais o processamento se pode aproximar das mecânicas de operação da mente, melhor é esse processamento. O processamento menos forçado produz os melhores resultados. À medida que o processamento de Dianética evolui, ele fica cada vez menos diretivo, sendo permitido ao preclaro, cada vez mais latitude nas suas ações. Isto não deve ir ao ponto de permitir ao preclaro livre associação, ou vaguear eterna e inutilmente, mas sim a um ponto, onde jamais dirige duramente um preclaro quando falha, a menos que ele esteja no meio de um desgosto de secundário ou engrama de terror e se recuse a continuar a atravessá-lo, momento em que, se o auditor lhe permite deixá-lo, existe a possibilidade de muita audição qualificada ter que decorrer, antes do auditor trazer de novo este preclaro ao secundário.

O auditor poderia comparar o seu trabalho com a remoção das pedras e baixios escondidos no fundo de um rio turbulentos, e transformá-lo numa corrente suave e poderosa. O auditor não está a mudar a personalidade do preclaro ou a tentar melhorar o preclaro por meio de avaliações e sugestões. Ele está simplesmente a facilitar à mente fazer o que a personalidade básica quer que a mente naturalmente faça. Poderia dizer-se que isto é a meta final e total do processando.

CAPÍTULO DOIS

O Código do Auditor

A primeira coisa que qualquer auditor deve saber, e deve saber bem sobre processamento, é o código do auditor. Isto foi chamado o código de como ser civilizado. Muito mais importante do que saber técnicas mecânicas, é saber bem a atitude a tomar para com um preclaro. Não por cortesia, mas por eficiência. Nenhum preclaro responderá a um auditor que não adira ao código do auditor.

É preciso lembrar que a missão do auditor não é reduzir engramas, não é correr secundários, não é erradicar doenças psicossomáticas, psicoses ou neuroses, mas elevar o preclaro na escala de tom. Acontece que o facto de remover neuroses, psicoses e doenças psicossomáticas, assim como aumentar a persistência e responsabilidade general do indivíduo, segue o devido curso, desde que o auditor siga de perto a sua missão primária de elevar o preclaro na escala de tom. Se ele não der esta primordial atenção, não está libertar qualquer teta e a converter enteta, e se não fizer isto, não pode eficazmente realizar as outras metas. O seu índice de progresso com o caso do preclaro é a escala de tom. Audição mecânica, indiferente e descuidada, pode de facto remover doenças psicossomáticas e ainda assim não elevar o preclaro na escala de tom. Isto pode ser paradoxal, mas o que acontece é que o enteta do engrama que provoca a doença psicossomática é convertido noutro tipo de enteta, que não é fisicamente doloroso para o preclaro. É contudo enteta, e o preclaro não sobe na escala de tom. Por isso, o auditor tem que atender de perto a todos os meios para elevar o preclaro na escala de tom, e menosprezar as metas imediatas e a curto prazo da erradicação das “doenças” específicas, mau hábitos, neuroses, psicoses, obsessões e compulsões. O auditor tem que se lembrar, que até uma prática degradada como o hipnotismo, pode, por meio de implantação de sugestões positivas, suprimir certas desordens físicas e mentais. Embora estas sejam suprimidas, elas se manifestarão em parte como algo inteiramente diferente. Uma pessoa é mais sã tendo “doenças psicossomáticas” do que aberrações mentais. O hipnotismo pode, numa pequena percentagem de casos, erradicar a “doença psicossomática” mas produzirá em seu lugar um tom reduzido no indivíduo. O choque elétrico e a psicocirurgia, podem alterar o padrão de comportamento do indivíduo e suprimi-lo para alguma condição tratável, mas o resultado é inevitavelmente prejudicial à capacidade, eficiência e valor geral do sujeito, com a detração adicional de causar danos ao cérebro, dos quais o indivíduo nunca mais recupera completamente.

Abordar simplesmente o processamento do ponto de vista de mudar enteta para teta, e libertar todo o teta disponível no caso, fará o mais rápido progresso com o preclaro. A experiência no campo demonstrou, que a audição irascível e autoritária pode ir às quinhentas horas, que verdadeiras “doenças psicossomáticas” pode ser removidas e que pode ser observada alguma pequena melhoria no tom geral do preclaro, e ainda assim, aquela negligência da ênfase na elevação do tom, poderia permitir tal caso

continuar outras mil horas sem produzir um claro, sendo o enteta transferido de um lado do banco para o outro, indefinidamente.

O auditor deve prestar atenção ao ambiente do seu preclaro. Foram observados casos em que o preclaro permaneceu na vizinhança de um cônjuge que lhe produziu uma tensão constante tal, tantas invalidações e que pensou ou acreditou tão pouco em qualquer possível ganho para o outro, que o processamento foi muito pouco benéfico, e o auditor desperdiçou dez horas de audição por cada uma eficaz. Em tal caso o auditor, tem todo direito a recomendar uma mudança de ambiente durante o processando.

O auditor não deve deixar de educar o seu preclaro na medida em que a educação não está na base dos comandos, mas é feita como um convite para que a autodeterminação do preclaro se manifeste, um convite ao preclaro para raciocinar sobre as coisas com base no seu próprio julgamento. Isto é particularmente benéfico com crianças. De facto, as crianças estão rodeadas de tantas ordens e restrições, que a sua autodeterminação é frequentemente demasiado pequena para lutar contra coisas tais como as suas situações pessoais. Em tal caso, o papel do auditor é definitivamente convidar a criança a idealizar as coisas por si própria, redefinindo ocasionalmente para a criança, palavras ou situações. De facto, um auditor pode pegar em dois ou três preclaros e formar um grupo educacional, em que uma discussão mútua dos seus próprios problemas resultará numa subida de tom dos preclaros.

O terceiro método de processamento é, claro está, o mais duradouro, é audição ou processamento individual, em que o auditor se concentra na libertação de todo o teta disponível do caso, e na conversão de tanto quanto possível enteta para teta. O primeiro passo do auditor para realizar isto, considerando ele a situação ambiental compatível, é promover afinidade, comunicação e realidade com o seu preclaro, e fundar um grupo de dois; ele e o seu preclaro.

O auditor tem que reconhecer que está a lidar com uma pessoa em cada caso, cuja conduta não é tão boa como será no futuro. Por isso, o auditor tem que ter muito autodomínio, e tem que ser um exemplo para o seu preclaro. Para fazer isto, o auditor nunca deve, sob qualquer circunstância ou razão, quebrar qualquer parte do código do auditor.

Quebrar o código do auditor, pode à primeira vista não parecer um grande pecado. Mas um auditor intentou a ajuda do seu semelhante, e a sua dedicação àquele propósito deve ser sincera, ao ponto de a considerar sagrada. O auditor, fazendo mau uso da sua posição pelo que ele sabe da mente humana, pode trazer estragos a um preclaro confiado. A negligência por si só, se apoiado por boa intenção, raramente pode fazer muito mal. Mas uma intenção maliciosa, em que um auditor espera “ganhar” substancialmente pelo uso da deceção e abuso da sagrada confiança assumida ao ajudar o seu semelhante, pode atirar um preclaro muito lá para baixo na escala de tom.

Se a pessoa sente que não pode manter o código do auditor total e completamente, não deve, sob qualquer circunstância, auditar ninguém, nem deve permitir ser persuadido a auditar ninguém, e qualquer preclaro

deve ter muito cuidado com permitir ser auditado por alguém que potencialmente quebraria o código do auditor. O preclaro que se vê confrontado com uma quebra do código do auditor, deve instantânea e definitivamente terminar o seu processamento com aquele auditor, e encontrar outro que possa manter o código. Um homem que quebra uma vez este código, quebrá-lo-á muitas vezes, e o preclaro nunca deve persistir no acordo baseado no argumento de que só se pode ter um auditor. Quem quebra este código está abaixo de 2.5 no quadro, e não deve auditar, mas deve ser ele próprio auditado.

Um coração aberto e esforço sincero para praticar Dianética, depois de um estudo exaustivo dos princípios contidos neste livro, aderindo o estudante a estes princípios, produzirão marcados efeitos benéficos em seres humanos nunca dantes atingidos na história do homem. Para produzir estes efeitos, o auditor tem que abraçar o código do auditor, e tem que manter sagrados estes princípios como se eles fossem os votos do sacerdócio.

O auditor comporta-se de maneira a manter com o preclaro afinidade, comunicação e acordo ótimos.

O auditor é fidedigno. Ele comprehende que o preclaro entregou ao seu cuidado a sua esperança por uma mais alta sanidade e felicidade, e essa confiança é sagrada e nunca traída.

O auditor é cortês. Ele respeita o preclaro como ser humano. Ele respeita a autodeterminação do preclaro. Ele respeita a sua própria posição como auditor. Ele expressa esse respeito numa conduta cortês.

O auditor é corajoso. Ele nunca foge ao seu dever perante um caso. Ele nunca deixa de usar o procedimento ótimo, independentemente de qualquer conduta alarmante por parte do preclaro.

O auditor nunca avalia o caso para com o preclaro. Ele abstém-se disso, e sabe que computar para o preclaro é inibir a própria computação do preclaro. Ele sabe que, dizer ao preclaro o que aconteceu antes, é fazer o preclaro depender fortemente do auditor, e assim minar a autodeterminação do preclaro.

O auditor nunca invalida qualquer dos dados ou a personalidade do preclaro. Ele sabe que fazê-lo iria perturbar seriamente o preclaro. Ele abstém-se de criticar e invalidar, não importa quanto o sentido de realidade do próprio auditor é distorcido ou abalado pelos incidentes ou expressões do preclaro.

O auditor só usa técnicas projetadas para restabelecer a autodeterminação do preclaro. Ele abstém-se de toda e qualquer conduta autoritária ou dominante, guiando-o sempre em lugar de mandar. Ele abstém-se do uso do hipnotismo ou de sedativos, não importa quanto o preclaro os possa exigir por causa de aberração. Ele nunca abandona o preclaro por timidez quanto à capacidade das técnicas para solucionar o caso, mas persiste e continua a restabelecer a autodeterminação do preclaro. O auditor mantém-se informado de quaisquer novas técnicas da ciência.

O auditor cuida de si próprio como auditor. Trabalhando com outros, ele mantém o seu próprio processamento a intervalos regulares, a fim de manter ou elevar a sua própria posição na escala de tom, apesar de se restimular a si próprio no processo de auditar outros. Ele sabe que, não dar atenção ao seu próprio processamento até ser um liberto ou claro no mais severo sentido do termo, é privar o seu preclaro do benefício dum melhor desempenho como auditor.

Este é o código do auditor. Foi descoberto que os dois aspetos mais importantes do código são a preservação do sentido de realidade do preclaro, e a honestidade do auditor. Uma invalidação dos dados do preclaro, não importa quão escandalosamente os dados possam assaltar o sentido de realidade do próprio auditor, pode ser severo e irá ao ponto de fechar o sónico e vísio do preclaro, tudo num momento. A maioria dos preclaros fica bastante indecisos na presença do seu próprio passado. Eles invalidam-se bastante comumente, uma prática da qual eles devem ser desencorajados. Quando o auditor invalida os dados do preclaro, o choque no preclaro pode ser muito grande. Em matéria de honestidade, o auditor nunca deve aproveitar-se do preclaro, nem usando os seus dados, nem um estado temporário de apatia, propiciação ou restimulação, para possuir carnalmente o preclaro ou lucrar materialmente.

Duas quaisquer pessoas em associação constante comportando-se de acordo com o código do auditor, logo acharão, não só que eles são claros ou quase claros como um grupo de dois, mas também que o seu conhecimento e alegria nas relações humanas são incomensuravelmente aumentados.

CAPÍTULO TRÊS

As Mecânicas da Aberração

De acordo com a teoria básica da Dianética, teta, pelo que queremos dizer a força da vida, energia da vida, energia divina, élan vital ou qualquer outro nome, a energia peculiar à vida que age sobre o material no universo físico e o anima, o mobiliza e o muda, é suscetível de alteração em carácter ou vibração, momento em que se torna teta perturbado ou enteta.

Ao longo da banda 4.0 do quadro, encontrará uma descrição de puro teta agindo como controlo harmonioso de MEST. Aqui vemos teta com uma afinidade muito elevada em todas as esferas de atracão, capaz de alta comunicação, tanto em termos de percéticos como de ideias, e com um alto sentido e avaliação da realidade. Um indivíduo cujo teta está desperturbado no seu ambiente presente, cuja educação não está perturbada por dados pobres e professores maus numa cultura irracional, e de cuja vida foi apagada toda e qualquer dor física e mental, dado um fundo genético médio, seria uma ordem muito alta de claro.

As coisas que reduzem o estado de claro do indivíduo e o trazem para baixo na escala de tom, seria um ambiente turbulento e infeliz, uma educação pobre e irracional numa cultura não muito racional, pobre dotação física, e o que é muito importante para o auditor, teta, apanhado como enteta em momentos de dor física, e mais teta aprisionado como carga em consequência daquela dor física.

No que respeita a uma abordagem imediata do caso, o auditor poderia conceber um caso como *potencialmente* relativo puro teta, embora modificado pelo ambiente, educação e dotação física. Mas este teta, em momentos passados de dor e amargura, foi, pelo menos em parte, convertido para o enteta que está preso em vários momentos do passado de uma pessoa. Através dos métodos de processamento, o auditor liberta o enteta que automaticamente converte para teta, ficando disponível para ação na vida geral dos indivíduos, elevando-o assim automaticamente na escala de tom.

Da dor física, poderia dizer-se ser o alarme da reação de teta em que o organismo foi pesadamente atirado contra MEST. A dor física é uma advertência abrupta e aguda de não-sobrevivência. Sem um mecanismo de dor física, nenhum organismo poderia ser alertado para os perigos físicos pela experiência da dor, e assim nenhum organismo poderia sobreviver, pois nenhum organismo teria a percepção da destruição. Por isso, a dor física é de facto um percético, da mesma maneira que a visão e o som são percéticos. A dor física, como mecanismo de percepção, fica imediatamente atrás de cada um dos outros mecanismos de percepção, uma vez que muita luz pode causar dor, muito som pode causar dor, muito movimento pode causar dor e assim sucessivamente. MEST, quer dizer o universo físico da matéria, energia, espaço e tempo, é percebido pelo teta do organismo através das várias percepções de visão, som, movimento, estado orgânico e assim sucessivamente. No momento em que qualquer destes fica muito

intenso, o controlo ordenado e harmonioso de teta sobre MEST sofre um choque de interrupção. Teta e MEST, aproximando-se muito em turbulência, formam por isso enteta e enMEST.

Todo e qualquer indivíduo tem uma banda do tempo. Trata-se simplesmente de todas as percepções duma vida, desde a conceção ao tempo presente, a banda do tempo do organismo. Cada momento de agora, de tempo presente, o organismo regista por percepção alguma porção do universo físico. Estas percepções são armazenadas no que é chamado banco padrão de memória, se são analíticas e não fisicamente dolorosas, ou no banco reativo de memória, se contêm dor física. Assim, estas percepções são continuamente armazenadas desde o primeiro momento de vida celular, até ao tempo presente. A banda do tempo é uma série sucessiva de agora, dia e noite, semana, mês e ano, por toda a vida.

Cada vez que as percepções, por causa de turbulência severa, registam como dor física, poderia dizer-se que o teta presente é convertido e ali mantido estático por enMEST. Toda a gravação fisicamente dolorosa está ausente da banda do tempo em termos de memória padrão, e é, em vez disso, arquivada no banco reativo. Cada vez que isto ocorre, menos teta está aparentemente disponível para a porção analisadora e consciente da pessoa, tornando-se um débito do lado de enteta. Desde que o indivíduo possua proporcionalmente mais teta do que enteta, ele está razoavelmente bem, para cima na escala de tom, mas quando o enteta apanhado começa a exceder o valor de teta, o indivíduo é trazido para baixo na escala de tom, para um nível de não-sobrevivência. A posição na escala de tom, não só determina o potencial de felicidade mas também a longevidade. A imortalidade pode ser medida de muitas maneiras. Quanto mais alto uma pessoa está na escala de tom, mais ela tende para a imortalidade. Quanto mais baixo uma pessoa está na escala de tom, mais ela tende para a morte. A quantidade de teta no caso determina a quantidade potencial de sobrevivência do indivíduo, e a quantidade de enteta no caso determina a quantidade potencial de não-sobrevivência.

O auditor, através do processamento, liberta o enteta do caso, aumentando assim a sobrevivência potencial do indivíduo. Os processos que libertam enteta e o convertem para teta, podem ser formidáveis em teoria, mas na prática são bastante simples, e podem ser feitos de rotina, uma vez que é da natureza de teta converter-se prontamente de novo ao seu estado livre e de perturbado, quando lhe é dada uma simples assistência.

Deve ser completamente compreendido pelo auditor que, de acordo com a teoria e confirmado por observação na prática, não existe qualquer enteta, a menos que tenha dor física como causa básica. Não deve ser menos bem compreendido que teta, contactando quantidades menores de enteta, converte enteta para teta. Esta é uma conversão de dois sentidos. Enteta, na proximidade de teta, faz dele enteta. Daí o contágio da aberração. Pensou-se uma vez que a insanidade era herdada. É verdade que uma dotação genética em termos de estrutura, ou uma dotação de uma muito pequena quantidade de teta, pode predispor umas pessoas mais do que outras para a insanidade, mas só nas imediações de enteta. Claro que pode haver a insanidade de cérebros malformados em que algumas das

perceções e mecanismos de computação estão ausentes, mas este tipo de insanidade só resulta em incapacidade para pensar, e não em pensamento aberrado. Não é então verdade que a insanidade seja hereditária. A insanidade ocorre, aparentemente, só por contágio. Uma cultura ou ambiente perturbado, pode manter um indivíduo num estado contínuo de turbulência, mas sem engramas, o indivíduo deixaria de estar perturbado assim que se afastasse da fonte da turbulência. As pessoas insanas trazem os que os rodeiam claramente para baixo na escala de tom, e poderia dizer-se que são responsáveis por toda a insanidade existente na raça. Se nos associamos a indivíduos muito aberrados, ficaremos, em consequência disso, muito aberrados, ainda que só na redondeza de parceiros aberrados.

Há uma aparente linha familiar de aberração. Pensava-se previamente que era transmitida geneticamente, mas não é evidentemente o caso. Ela é transmitida pelo canal do pensamento familiar. As confusões da vida doméstica entram nos momentos de lesão física da criança, e a criança, em consequência disso, fica sujeita às aberrações familiares, e manifestá-las-á.

O princípio do contágio da aberração é de largo âmbito. Pode observar-se em qualquer grupo de homens, que um ou dois podem ser muito mais aberrados do que os outros. Podemos fazer a simples experiência de remover do grupo essas uma ou duas pessoas aberradas, e veremos que o nível geral de tom do grupo subirá, uma vez que a principal fonte de turbulência do grupo foi removida.

Examinando a vida e história de qualquer preclaro sem examinar as suas próprias aberrações, o auditor pode fazer uma boa estimativa de muitas das aberrações do preclaro, descobrindo simplesmente que tipo de pessoas eram os seus pais. É um facto inexorável que estas aberrações, de uma maneira ou de outra, se manifestarão no preclaro.

O auditor deve compreender completamente o princípio do contágio. Felizmente, a conversão funciona em ambas as direções. A sanidade também é contagiosa. Por isso, observando o código do auditor e providenciando um ambiente são para o seu preclaro, o auditor pode trazer algum do enteta do caso do preclaro de volta ao estado de teta, sem qualquer processamento. Isto é particularmente valioso no tratamento de psicóticos.

Poderia dizer-se que existem três divisões de enteta. Basicamente, a única maneira de enteta aparecer em qualquer forma de vida, é através da lesão física, mas depois da lesão física estar presente, o enteta nela contido contagia o teta envolvido em circunstâncias que se assemelham ou aproximam das da lesão física. Quando isto acontece, temos outro tipo de enteta: elos formados por meio de restimulação. Os choques em momentos conscientes, os desgostos e angústias, os medos e raivas, as quebras de afinidade, comunicação e realidade que cada um tem com a vida seria o terceiro tipo de enteta, que seria temporário se não fosse a presença no caso de dano físico e seu enteta. Para tornar isto mais claro, primeiro há o engrama. Isto é dor física, enMEST e enteta agarrados num ponto específico da banda do tempo. Isto poderia nunca ser sério, a não ser por restimulação do ambiente. Quando este engrama é restimulado, muito do

teta livre existente no organismo fica turbulentó. Alguma destas turbulências fica como enteta congelado adicional, parte dele de perturbando e ficando teta outra vez.

O engrama, um momento de dor física, constitui a base de enteta, e tendo-a constituído pouco a pouco, por contágio, rouba teta livre ao indivíduo e transforma-o “permanentemente” em enteta, na forma de engramas secundários e elos. No momento da restimulação, talvez quase tudo o teta do indivíduo fique perturbado, mas isto de perturba mais ou menos rapidamente, ou acalma e torna-se teta outra vez.

Podemos então ter uma imagem de uma banda do tempo como uma linha recta, desde a conceção ao tempo presente. Nalgum ponto do início desta banda do tempo, há um momento de lesão física. Um pouco mais tarde na banda, este momento é parecido com o ambiente. Isto seria uma *ligação*. De facto, o indivíduo tem que ser mais ou menos perturbado pelo ambiente geral quando a ligação tem lugar, o que quer dizer que teria que estar preocupado ou cansado ou talvez apenas aborrecido com alguma coisa.

Esta ligação dá agora ao engrama mais poder e força. A próxima vez que o engrama for restimulado, outro elo é adicionado e ficará marcado como um terceiro ponto na banda. Então, digamos que tem lugar alguma perda que de algum modo se parece com este engrama original. Se fosse alguma coisa tal como a morte de um ser amado, teria lugar uma quantidade enorme de turbulência. A turbulência, pela sua própria magnitude, aproxima-se da natureza da dor física. Uma quantidade muito grande de teta é aprisionada pela dor física. Isto seria chamado um engrama secundário. A diferença entre um engrama secundário e um elo é a ordem de magnitude do teta aprisionado, ou seja, enteta. Cada vez que um secundário ocorre, todo o teta do indivíduo pode ficar temporariamente perturbado, mas só uma pequena porção fica congelada como enteta, e o resto do teta perturbado converte-se de novo em teta livre.

Por isso podemos ver que, à medida que a vida progride, cada vez mais teta é fixado como enteta em elos e engramas secundários, e cada vez menos teta está disponível no organismo para os propósitos do raciocínio. Isto é chamado a espiral descendente. É chamado assim porque, quanto mais enteta há no caso, mais teta será transformado para enteta em cada nova restimulação. É um círculo vicioso tridimensional, que leva o indivíduo para baixo na escala de tom. Numa criança, muito poucos elos e secundários foram formados, logo, o teta da criança está livre e o seu tom é alto, contudo, embora esta criança não receba mais nenhum engrama durante vários anos, os engramas que já tem podem ser gradualmente carregados por elos e secundários, até ficar com menos teta livre do que enteta, momento em que ela estaria muito em baixo na escala de tom.

Também pode acontecer que algum enorme sucesso na vida, um casamento extremamente feliz ou associação com indivíduos com muito teta, trabalhem no banco reativo para o converter sem o processar, pelo menos em parte, de novo para teta livre. Aqui está, por exemplo, a tranquilidade da pessoa aberrada, que deixa o mundo turbulento e faz os votos da igreja. Neste novo ambiente ele tem menos aproximações aos seus velhos elos e engramas, mas o mais importante é que ele está perto de

muito mais teta que, por consequência, de-perturbará, e por isso subirá na escala de tom.

Da mesma maneira, aquela pessoa inativa, sem objetivo ou direção, pode achar que a sua acumulação de secundários e elos é muito mais, uma vez que o seu teta, sendo inativo, já está ligeiramente perturbado. Este indivíduo pode envolver-se na perseguição de alguma meta definida e que valha a pena, e o seu teta, assim de-perturbado, roubará aos seus elos e secundários algum do enteta que eles contêm.

Um indivíduo que pode ter vivido num ambiente sob condições extremamente insalubres, pode mudar o seu modo de existência de modo a incluir exercício, sol e ar fresco, e esta mudança, provocando uma melhor condição física, irá de perturbar o indivíduo até certo ponto.

O processamento de Dianética faz simplesmente isto: usa o teta do preclaro ajudado pelo teta do auditor, para de perturbar o enteta contido nos elos, secundários e engramas do preclaro.

A meta do auditor é de perturbar enteta, não necessariamente correr engramas ou concentrar-se em elos ou secundários, uma coisa mais do que a outra. Em vários casos, várias condições existem que tornam necessário abordar primeiro um, e depois outro destes três tipos de enteta. O auditor deve compreender completamente a anatomia do engrama, assim como do secundário e do elo.

Um engrama ocorre quando o organismo do indivíduo sofre um intenso impacto com MEST. Isto é verdadeira dor física. Pode ocorrer em qualquer parte do corpo, e pode vir simplesmente de uma muito intensa receção de luz ou som, erosão como escoriação ou queimadura de sol, cortes, contusões, fraturas, desarranjo orgânico, doses excessivas de substâncias venenosas, ataques de bactérias e vírus, ou qualquer causa de dor física, habitual ou não. Cada momento de dor física acarreta uma paralisação parcial ou total da função analítica da mente. A consciência pode ser interrompida por um momento ou por dias pela dor física, mas independentemente da sua duração, a dor física provoca sempre uma redução da consciência. Podemos não reparar completamente nisto até ter apagado um momento em que ele queimou um dedo, ou algo igualmente irrefletido. Ele aprenderá que, embora tenha suposto que sabia tudo o que aconteceu durante aquele momento de dor, alguns dados relativos ao incidente ainda permaneceram escondidos. Esses dados em falta, é o conteúdo da mente reativa.

O engrama contém todas as percepções presentes durante o período da sua receção. Antes da Dianética, isto não tinha sido percebido. Pensava-se que uma pessoa inconsciente estava simplesmente inconsciente, e que as coisas que lhe eram ditas e que outras entidades perceptíveis que colidiam contra ela não eram registradas. Independentemente da profundidade da inconsciência presente na dor física, a mente reativa regista total e completamente todas as possíveis percepções do ambiente, incluindo a dor física. Durante uma operação que envolve anestesia, por exemplo, todas as dores físicas, as palavras do médico, o cheiro do éter, os passos da enfermeira, o tato da mesa e as funções dos órgãos internos, são registados

entre outras coisas por completo na mente reativa do indivíduo, como um engrama.

Se estamos familiarizados com o hipnotismo, podemos compreender de imediato o carácter compulsivo ou obsessivo dos dados que estão fora do alcance da mente consciente, mas que mesmo assim são puxados pela força da dor física. Dados ocultos e dor oculta, provocam pensamentos de identidade, de forma que o poder de diferenciar e por isso de raciocinar, é reduzido. Um indivíduo obedece aos engramas literalmente. Quando um engrama é restimulado, o indivíduo pode dramatizá-lo ou atravessar o ciclo de ação exigido pelo engrama, se este puder ser dramatizado. Dramatizado ou não, o engrama, contendo inconsciência, reduz a consciência analítica do indivíduo, e uma pessoa que tem muitos engramas em restimulação, está normalmente menos de um quarto analiticamente consciente, e ainda pode ser considerado normal.*

O enteta do engrama possibilita a formação de elos. O engrama é restimulado no indivíduo quando está analiticamente menos alerta do que o normal, devido a cansaço ou outras condições não ótimas. O engrama pode conter certos percéticos que são duplicados do ambiente imediato do indivíduo. Esta aproximação do ambiente ao engrama provoca uma identificação do mundo exterior com o mundo interior dos engramas, logo, a restimulação do engrama. Esta restimulação manifesta-se na turbulência do indivíduo. O processo de turbulência fixa no engrama algum do teta do indivíduo, “permanentemente” convertendo-o para enteta. A primeira vez em que um engrama é restimulado (e pode ficar dormente durante quarenta anos sem ser restimulado) é chamado um key-in. Um key-in é meramente um tipo especial de elo, o primeiro elo de um engrama particular.

O engrama secundário acontece quando a turbulência do indivíduo é muito alta. Fúria, medo, desgosto ou apatia, podem ser ocasionados pelo ambiente, e se um engrama de dor física está por baixo desta situação e se, mesmo que vagamente, se aproxima dos percéticos, enormes quantidades de teta são aprisionadas no secundário como enteta. O engrama secundário é muitíssimo importante. Ele é corrido precisamente como um engrama de dor física. O secundário armazena tais quantidades de enteta que, ao correr um simples engrama secundário, são frequentemente obtidos resultados notáveis. O auditor deve contudo compreender completamente que nenhum engrama secundário pode existir, a menos que por baixo esteja um engrama de dor física. Ao correr um engrama secundário, o auditor pode frequentemente descobrir que, com ele, também está a correr um engrama de dor física.

Afinidade, comunicação e realidade forçadas e quebradas num caso, não são tipos especiais de secundários ou elos, mas apenas componentes de secundários e elos. Qualquer engrama de dor física é uma quebra de afinidade entre teta e MEST, e é de facto a quebra básica de afinidade. A quebra de afinidade provoca redução na comunicação, uma vez que teta já não deseja aproximar-se deste tipo de MEST tão avidamente como antes.

* Nota Editorial: Uma cobertura total do engrama no comportamento humano pode ser encontrada em *Dianética, A Ciência Moderna De Saúde Mental*, por L. Ron Hubbard.

E como teta não está em acordo harmonioso com MEST, a realidade é reduzida. Aqui nós temos, nas quebras em afinidade, comunicação e realidade, a causa básica das dificuldades de qualquer organismo. O intento de teta é conquistar MEST harmoniosamente, e quando MEST reage de repente e sem aviso contra o organismo teta, o impulso básico desse teta é contrariado. Por isso, o engrama pode dizer-se a base de toda a aberração, e por observação e experiência, este postulado parece estar devidamente confirmado.

O engrama fica carregado com enteta pelo processo do indivíduo adquirir elos e secundários. Um engrama que está altamente carregado, não só não pode ser corrido, mas vulgarmente nem sequer pode ser contactado, até secundários e elos serem reduzidos. Por isso, na maioria dos casos, a primeira abordagem do auditor são elos, depois secundários e depois engramas, com o tratamento de mais elos e secundários para disponibilizar mais engramas.

O único propósito do auditor é converter enteta para teta tão rápida e eficazmente quanto possível. Onde ele tem enteta, seja de engramas, secundários ou elos, não é uma preocupação básica. Teta é teta.

CAPÍTULO QUATRO

As Dinâmicas da Existência

Existe atrás da Dianética considerável tecnologia relativa ao próprio conhecimento e filosofias gerais do pensamento, sem o que a Dianética não poderia existir. O postulado principal da Dianética é:

O PRINCÍPIO DINÂMICO DA EXISTÊNCIA É SOBREVIVER.

Teta (cujo propósito é a conquista de MEST), vida e organismos, não têm nenhum outro princípio a não ser o de sobreviver como motivação. O oposto a esta motivação é sucumbir.*

O fracasso em sobreviver é sucumbir.

Teta como energia, tanto quanto a observamos em organismos parcialmente de MEST, sobrevive ou sucumbe. MEST, de acordo com as leis mais fundamentais da física e da conservação da energia, sobrevive ou sucumbe. Será notado em ambos os casos que sucumbir é aparentemente a conversão da energia noutra forma. Teta ao converter-se para enteta, vai de sobreviver para sucumbir, mas a energia não é perdida, e a morte é um dos mecanismos de libertação pelo qual teta se pode tornar momentaneamente independente de MEST, e assim se combinar outra vez com MEST, formando outro organismo para manter as gerações. No universo físico, a energia sobrevive, mas as formas que ela toma sucumbem frequentemente, e mudam para outras formas de energia.

O quadro da escala de tom é divido ao meio em 2.0. Acima deste ponto, a ação Dinâmica do organismo é para a sobrevivência. O organismo procurará níveis mais altos de sobrevivência, tentará viver tanto e tão bem quanto possível, sendo ambos componentes da sobrevivência, uma vez que em geral, quanto mais criativa a existência, melhor o potencial de sobrevivência.

Abaixo de 2.0, a ação Dinâmica do organismo tende para sucumbir. O indivíduo pode aparentemente empenhar-se em atividades sobreviventes, mas ele fará algo para provocar um final não sobrevivente, não importa em que atividade o indivíduo se empenhe. Abaixo de 2.0, o indivíduo tenderá

* Dois axiomas básicos sobre conhecimento são como segue: Axioma Um: UM dado é importante na medida em que é avaliado em termos de sobreviver ou sucumbir; Axioma Dois: UM dado só pode ser avaliado por dados de magnitude comparável.

A unidade básica de ambos os universos teta e MEST é Dois, e não Um. A geometria de Dimaxiano, a matemática tridimensional no espaço, tem axiomas e valores comparáveis, evidentemente no universo teta. A unidade básica Um como postulado é impossível, uma vez que não tem nada por que possa ser avaliado; por isso, é necessária a unidade básica Dois. Tentar postular qualquer coisa na base de Um como unidade básica provoca desordem considerável no pensamento. Por exemplo, o Ser Supremo tem como segundo dado para avaliação o Diabo. O Ser Supremo é Sobreviver. O Diabo é Sucumbir. O postulado básico da Dianética contém uma parte compreendida como o facto de sobreviver ser emparelhado com sucumbir.

para a sua própria morte, do sexo, do futuro, de grupos ou do género humano. Ele é destrutivo para a vida. Ele faz enMEST de qualquer MEST que possa ter à mão ou influenciar. Ele repele teta e atrai enteta.

Esta é a banda do imoral, do promíscuo, do criminoso, do ateu, do suicida e outros indesejáveis. Qualquer que seja a ação tomada pelo indivíduo que está, aguda ou cronicamente, abaixo de 2.0, tenderá para a morte dele próprio ou de qualquer coisa com que esteja associado. Ele poderá declarar algo inteiramente diferente, e pode até convencer-se que procura níveis mais altos de sobrevivência, mas o produto final das suas ações, quer estas ações se apliquem a um negócio, a um casamento, a uma amizade, a um grupo ou a uma religião, será a morte ou alguma indesejável situação de não-sobrevivência que, está claro, tenda para a morte.

Geralmente não se repara que o criminoso não só é anti-social, mas também anti-ele-próprio. Qualquer pessoa abaixo de 2.0 é um criminoso potencial ou ativo, na medida em que continuamente são perpetrados crimes contra ações de sobrevivência de outros. O crime poderia ser definido como a redução do nível de sobrevivência de toda e qualquer das oito Dinâmicas.*

Os velhos provérbios sobre as forças do bem e do mal são incrivelmente hábeis quando estudamos os homens do ponto de vista da teoria teta-MEST. Para melhor compreender isto, talvez devêssemos oferecer os axiomas de Dianética do bem e do mal.

Pode considerar-se que o bem é qualquer ação construtiva de sobrevivência. Acontece que nenhuma construção pode ter lugar sem um pouco de destruição, da mesma maneira que a moradia deve ser derrubada para dar lugar a um novo edifício de apartamentos. O bem é ainda mais modificado pelo ponto de vista do indivíduo. Para ser bom, algo tem que contribuir para o indivíduo, para a sua família, para os seus filhos, para o seu grupo, para o género humano ou para a vida. Para ser boa, uma coisa

* Nota Editorial: A polícia é continuamente confundida pela irracionalidade do criminoso. Uma vez que os oficiais da polícia são ordinariamente homens racionais e tendem para a sobrevivência, às vezes não podem logo compreender que o criminoso toma habitualmente o caminho da não-sobrevivência para ele e para o seu grupo. Não importa o Q.I. do criminoso, ele deixará pistas óbvias na cena. Ele fugirá dos crimes a uma velocidade calculada para atrair a atenção de qualquer polícia de trânsito. Apanhado num ato criminoso que tem como penalidade apenas trinta dias de prisão, o criminoso pode tentar usar armas contra a polícia, e assim cometer suicídio à custa da vida de algum polícia digno. A coisa mais confusa no trabalho policial é uma tentativa para deduzir os motivos, usando qualquer tipo de padrão racional no criminoso. O único motivo que o criminoso tem é a destruição em qualquer dinâmica, inclusive a primeira. Por vezes acontece que se for prometida não-sobrevivência a um criminoso em troca de informação, ele fará o negócio alegremente, enquanto que recusará dar a informação em troca de liberdade e continuação de boa saúde. Os que ajudam criminosos ou lidam com eles sabem, para seu desgosto, que o criminoso retribui vulgarmente uma ajuda com ações destrutivas. É particularmente espantoso o número de vezes que a extensão de liberdade sob palavra, em certas condições, é retribuída com ação destrutiva. A polícia tem procurado durante algum tempo uma definição apropriada para um verdadeiro criminoso. Os homens devem ser removidos da sociedade apenas quando constituem uma ameaça ininterrupta ou ocasional para essa sociedade. Uma resposta para este problema pode ser encontrada no quadro junto.

tem que conter mais construção do que destruição. Uma cura nova que salva cem e mata um é uma cura aceitável. O que é bom do ponto de vista de uma pessoa pode ser mau para outra pessoa. No caso de A que obtém um novo emprego, é bom para A, mas talvez mau para B que foi despedido para que A pudesse ter esse emprego. O bem é sobrevivência. O bem é estar mais certo do que errado. O Bem é ter mais êxito do que fracasso, ao longo de linhas construtivas. As coisas boas são as que complementam a sobrevivência do indivíduo, da família, dos filhos, do grupo, do género humano, da vida e de MEST. Os actos bons são os que são mais benéficos do que destrutivos nestas dinâmicas, modificado pelo ponto de vista do indivíduo, da futura raça, do grupo, do género humano, da vida ou de MEST.

O mal é o oposto do bem, e é algo mais destrutivo do que construtivo em qualquer das várias dinâmicas. Uma coisa que provoca mais destruição do que construção é malévolas do ponto de vista do indivíduo, do futuro, do grupo, da espécie, da vida ou do MEST que destrói. Quando um ato é mais destrutivo do que construtivo, é malévolos. Quando um ato ajuda a sucumbir mais do que a sobreviver, é um ato malévolos na proporção em que ele destrói. Uma coisa é malévolas se é uma ameaça de mais destruição do que construção para o indivíduo, futuro, grupo, género humano, vida ou MEST.

O bem é obviamente sobrevivência. O mal é não-sobrevivência. A construção é boa quando promove a sobrevivência. A destruição é má quando inibe a sobrevivência. A construção é malévolas quando inibe a sobrevivência. A destruição é boa quando aumenta sobrevivência.

Um ato ou conclusão é tão certo quanto promove a sobrevivência do indivíduo, futuro, grupo, género humano ou vida que tirou a conclusão. Estar inteiramente certo seria sobreviver infinitamente.

Um ato ou conclusão está errado na medida em que é não sobrevivente para o indivíduo, futura raça, grupo, espécie ou vida responsável pelo ato ou conclusão. O mais errado que uma pessoa pode estar na primeira Dinâmica é morto.

O indivíduo ou grupo que está em média mais certo do que errado, (uma vez que estes termos não são absolutas, sem dúvida) deve sobreviver. Um indivíduo que está em média mais errado do que certo sucumbirá.

Todas as conclusões são modificadas pelo tempo, uma vez que uma conclusão errada feita durante uma emergência, pode provocar a não-sobrevivência do indivíduo ou grupo.

Indivíduos acima de 2.0 na escala de tom estão cada vez mais certos do que errados nas suas ações e conclusões à medida que sobem na escala de tom. Indivíduos abaixo de 2.0 são, em média, cada vez mais errados do que certos em todos os campos, à medida que descem na escala de tom.

Aceitando estes postulados e axiomas, pode ser observado que se pode prever em certa medida o que se pode esperar de indivíduos acima ou abaixo de 2.0 na escala de tom. Um indivíduo razoável tenta ver nos actos dos outros alguma razão. Um indivíduo que tende para a sobrevivência, tende a avaliar a conduta dos outros em termos de esforço para sobreviver.

Ele pode ver num indivíduo abaixo de 2.0, o que ele pensa ser meramente uma inexatidão aberrada ou um erro ocasional, mas uma observação mais de perto, demonstrará que o indivíduo abaixo de 2.0 acumula numerosos erros, mesmo estando ocasionalmente certo, e tende a provocar a não-sobrevivência dele, do futuro, do grupo, e, por contágio, o género humano da que ele gostaria de fazer parte. Abaixo de 2.0 fica a fatalidade. Essa fatalidade pode ser manifestada numa escala gradiente. Pode ser apenas maçadas ou esquecimentos ou má-língua ocasional, mas isto é destrutivo e malévolos. Noutros tempos, uma voz firme poderia ter dito que os que estão abaixo de 2.0, são os servos do mal e os acólitos do diabo.

Estes poucos axiomas devem dar ao auditor alguma capacidade de prever ações, e saber as razões porque deve esperar certas ações da parte dos preclaros.*

* Existem muito poucas provas experimentais a respeito de muitos aspectos do corpo de teta, ou seja, a alma indivíduo. É distinta da linha celular ou genética, e aparentemente tem a sua própria personalidade e segue numa linha contínua ao longo de várias gerações, possivelmente de vez em quando avançando para um ponto onde se separa da raça e se junta ao universo teta. Os dados acumulados também pareceriam indicar que algum enteta é carregado ao longo da linha das gerações, uma vez que existem engramas no corpo teta, talvez numa extensão muito mais ligeira, especificamente o engrama da morte onde o corpo de teta está muito em evidência, tanto assim que se o auditor negligencia correr o engrama da morte de uma vida passada quando é apresentado pelo preclaro, sem dúvida atolará o caso. Parece haver a distinta possibilidade de o corpo teta poder começar, através das gerações, a carregar uma preponderância de enteta, permanecendo continuamente na área mais baixa da escala de tom. Poderia ser postulado que o corpo teta deva tornar-se inteiramente um corpo enteta, e assim largar ligações de sobrevivência, cujo destino não se pode prever com segurança.

CAPÍTULO CINCO

Descrição geral do Processamento

O processamento de Dianética é relativamente simples. O auditor ajuda normalmente o preclaro, munido de uma cadeira cómoda e um sofá. O preclaro senta-se normalmente e responde às perguntas. Isto é na verdade o início do processamento, embora possa parecer que o auditor está meramente a procurar informação que depois poderá usar. Durante as perguntas, o interesse do auditor no preclaro cria afinidade entre eles. A discussão do caso aumenta a comunicação. E a aceitação pelo auditor da primeira avaliação feita pelo preclaro do seu próprio caso, cria um sentido de realidade.

O auditor pode destruir estas condições desejáveis de ARC mostrando-se aborrecido, desinteressado do seu preclaro, perentório, exigindo que seja gasto menos tempo, de qualquer forma criticando o preclaro ou em geral quebrando o código do auditor.

O auditor faz então um teste do caso, descobrindo se sim ou não o preclaro se pode mover na banda, descobrindo se a sua memória é boa, e calcula o nível provável da escala de tom que o seu preclaro ocupa.

PRECAUÇÃO: O AUDITOR NÃO DEVE SOB NENHUMA CIRCUNSTÂNCIA, DIZER O PRECLARO ONDE ACHA QUE ELE SE ENCONTRA NO QUADRO. Ele não deve de nenhuma forma ser levado a revelar onde acha que o preclaro está no quadro, pois com efeito, um valor baixo é para o preclaro uma invalidação do próprio preclaro. (O auditor não tem que revelar esta informação, nem pelo modo como começa o processamento, já que se pode esperar de qualquer caso sondar elos e fio direto. Um caso pode estar realmente bem em cima na escala de tom, mas tão ocluso que deve usar-se sondagem de elos e fio direto).

O auditor avança na sua investigação do caso, pedindo ao preclaro para se deitar no sofá e fechar os olhos. No passado havia alguma confusão com a condição chamada meditação. A única diferença entre estar em meditação e acordado, é de facto estar ou não em tempo presente. Meditação não é nem sequer primo do hipnotismo. O auditor, ao contrário de qualquer prática anterior, não conta (de 1 a 7) para pôr o preclaro num estado de meditação ou concentração. Assim que ele pede ao preclaro para fechar os olhos e ele concorda, o auditor pode considerar que o preclaro está em meditação. Se o preclaro não se move na banda, não é por não estar em meditação, mas por estar preso num engrama por ou ter um caso fortemente carregado.

O auditor testa os percéticos do preclaro, pedindo-lhe para simplesmente voltar a uma refeição recente ou a um momento recente de prazer, e mandá-lo recontar esse momento várias vezes, não como conceito do momento, mas como se estivesse mesmo na cena a fazer o que tinha feito antes. Isto é chamado testar ou afinar os percéticos. O auditor está aqui a tentar descobrir se sim ou não o preclaro pode outra vez de facto saborear

o bife que comeu, ver outra vez a cena que viu exatamente como foi, sentir a faca e o garfo outra vez nas mãos, ouvir outra vez a conversa à sua volta, sentir outra vez o seu peso na cadeira, e, em geral, reexperimentar o incidente. Correndo vários desses momentos de prazer, acontece ocasionalmente que alguns dos percéticos oclusos sintonizam e ligam. De qualquer modo, correr momentos de prazer é muito bom para elevar o tom do preclaro.

Tendo corrido um teste de percéticos, o auditor pega no preclaro e pede-lhe meramente para ir a um momento em que foi muito ligeiramente ferido, para o ponto na banda onde ele tem um somático. O auditor corre o incidente. O somático, acaso o sinta, normalmente reduzirá. Deve ser um momento recente de dor física e muito secundário, como um golpe num dedo ou uma topada. Isto dará ao preclaro alguma ideia do que se espera que ele faça.

O auditor deve prestar particular atenção ao facto de que ele está na verdade a educar o seu preclaro a mover a banda. O preclaro pode ter que ser persuadido várias vezes, antes de obter a ideia de voltar a um incidente e reexperimentá-lo. Ele pode meramente tentar dar o conceito do incidente em vez de o aperceber, como se estivesse lá mesmo a revivê-lo. Ele pode tentar a livre associação, e assim vaguear por toda a banda obtendo coisas isoladas, restos e pedaços de informação relativamente sem valor.

Depois de fazer a estimativa dos percéticos, o auditor deve continuar de acordo com o quadro em que, nesta altura, ele deve ter localizado completamente o seu preclaro. (Perguntas duma variedade quase ilimitada terão sido feitas pelo auditor. Usando simplesmente os dados de várias colunas e níveis do quadro, ele pode evitar uma aproximação estereotipada, e estar certo de levantar a informação necessária). Os pontos mais significativos do teste são, movimento na banda e a capacidade do preclaro para sentir somáticos. O auditor continua o processamento de acordo com o quadro, examinando ocasionalmente o preclaro sobre qualquer subida na escala de tom, e se encontra uma subida no tom, pode usar mais métodos, como delineado no quadro. O auditor deve ser particularmente prudente para não usar métodos que estão acima do nível de tom do preclaro. É melhor errar usando métodos abaixo do nível de tom do preclaro. Os indivíduos que estão relativamente em baixo na escala de tom, têm tão pouco teta livre disponível para o processamento, que aquele deve ser preservado e aumentado usando os métodos o mais possível delicados e leves por algum tempo, até o tom do preclaro subir.

Se o auditor deve descobrir que o preclaro está alto numa coluna, e baixo noutra coluna, deve fazer a média e assim descobrir a posição aproximada na escala de tom. Se o auditor é incapaz de imediatamente estabelecer a posição do preclaro na escala de tom, é em geral seguro sondar elos sem grande investigação do caso. Mesmo um caso que está preso na banda do tempo, pode sondar elos. Se o preclaro sonda os seus elos e estaca num destes elos, o auditor pode geralmente libertá-lo correndo momentos de prazer ou sondando momentos de prazer, se não quiser correr o incidente em que o preclaro está pendurado. Mesmo quando presos num engrama, os preclaros podem normalmente sondar elos.

O auditor não deve ser iludido ou desencaminhado pelo caso todo aberto. Este caso é uma coisa muito peculiar, conforme já discutido noutro lugar. Sónico e víscio podem estar no máximo do topo ao fundo da escala de tom, mas tentar correr engramas num caso todo aberto como engramas, quando o caso está em 0.5 ou 1.1, provocará um longo e árduo curso de processamento, curso em que o preclaro permanecerá mais ou menos estático na escala de tom, não importa quantos engramas tiverem sido corridos no caso. Quando tal caso, ou qualquer caso, está em baixo na escala de tom, o percurso dos engramas absorve teta livre. Além disso, o preclaro combaterá constantemente o percurso dos engramas, uma vez que quando qualquer preclaro está abaixo de 2.0, a sua tendência é para a morte, suicídio ou declínio maior. Nenhum plano ou esperança no futuro, nenhuma lisonja, nada persuadirá este preclaro a fazer algo muito árduo para se ajudar a si mesmo. Um preclaro em baixo na escala de tom, pode contudo ser persuadido a alguns dos métodos mais moderados de processamento, uma vez que eles não ocasionam muito esforço, e de facto não parecem ameaçar o seu declínio intencional; uma vez que não cometa nenhum erro, o preclaro abaixo de 2.0 tentará, de uma maneira ou de outra com intento conhecido ou desconhecido, provocar o fracasso e consequente morte a ele, aos parceiros dele e ao seu grupo. O caso todo aberto deve ser estabelecido na escala de tom por colunas que não as de víscio e sónico. É melhor localizado pelo seu sentido de realidade, comportamento sexual, outras manifestações e a condição dos somáticos. O caso todo aberto que está em baixo na escala de tom, deve ser manejado com grande cuidado, uma vez que temos aqui, contrariamente ao caso ocluso, uma persistência tão baixa, que o indivíduo fica à deriva, ao sabor de qualquer engrama, ou muda de curso à mais leve pressão do ambiente. O caso todo aberto em baixo na escala de tom, não tem qualquer sentimento de responsabilidade para si, futuro ou grupo, salvo se aberrado. A persistência é tão fraca, que qualquer erro de audição pode levar o caso a retirar do processamento. Aqui está um indivíduo que escala montículos como se fossem montanhas. Este caso pode ser a maior prova para o auditor, e dará, infelizmente, os mais insatisfatórios resultados finais. O caso todo aberto pode, é claro, estar só temporariamente em baixo na escala de tom, por causa de alguma situação ambiental. Nesse caso, o auditor deve desdobrar-se, se puder, para clarificar esta situação antes de começar a auditá-lo.

Quando em baixo na escala de tom, este caso também é um grande risco para o auditor, por causa de seus caprichos de comportamento. Se mulher, ela pode oferecer-se livremente ao auditor sem olhar à sua posição na vida, ao marido, ao futuro que pode dinamitar por o fazer, ao destino de qualquer criança que possa ter, ou a qualquer outra consideração. Mal do homem que audita um caso destes, e que se envolve com este volume de destruição, uma vez que como ela traiu outro, também o trairá a ele; como ela será desonesta com outro, também será desonesta com o auditor. A desonestidade não só se estenderá à deslealdade e traição, em que ela pode livremente entregar-se ao auditor e então ir diretamente à polícia para o mandar prender por sedução, e em que ela pode prometer o maior segredo e mesmo assim espalhar por toda a parte a prova dessa ligação, mas ela também será desonesta ao ser auditada, e, por nenhuma outra razão senão

confundir a situação, dar as mais distorcidas e pervertidas cenas da sua própria vida. Criada entre riquezas, ela se apresentará como tendo sido pobre. Criada como pobre, ela se apresentará como uma princesa. Ela terá normalmente orgulho na sua capacidade de representar, e estorça-se e gême e lamenta-se comumente de algum incidente que ela, bastante conscientemente, sabe ser imaginário. O caso todo aberto masculino não é menos difícil e penoso. Não se pode ter qualquer tipo de confiança num caso todo aberto quando está abaixo de 2.0 na escala de tom, por isso, não se pode ter nenhuma confiança num caso ocluso abaixo de 2.0 na escala de tom, mas o caso todo aberto é mais enganoso, e de longe mais propenso a caprichos de comportamento e ilusão.

O auditor terá os seus problemas com preclaros que querem atenção, mas não processamento. Este preclaros são automaticamente classificados abaixo de 2.0. Esta é a mais rápida localização no quadro. O preclaro que não quer qualquer tipo de processamento, mesmo compreendendo alguns dos princípios envolvidos, e sabendo que não estes serão prejudiciais, e o preclaro que não quer processamento, mas pairar, estão ambos dirigidos para sucumbir, e farão o seu melhor para levar o auditor com eles. O auditor deve empregar a sua ingenuidade, se continuar a processá-los. Ele deve usar métodos muito claros, e abordá-lo com pés de lã, podendo assim elevar o seu preclaro acima de 2.0 bastante, para o manter na direção da sobrevivência.

O auditor deve ter em mente que, quando está a fazer o seu inventário e quando está a localizar o seu preclaro no quadro, as pessoas abaixo de 2.0 podem não ser imediatamente óbvias. A sua aceitação de processamento pode ser apenas um método de garantir atenção. Em alguns casos, os elos de todas as bases educacionais do preclaro podem ter que ser sondados antes do preclaro poder sentir qualquer desejo genuíno de melhoria. Ideias de Enteta apanhadas na escola, faculdade, exército ou movimento político, podem atravessar-se no caminho de qualquer subida na escala de tom.

O auditor deve lembrar-se que a competição é entre o seu próprio teta, racionalidade, serenidade e persistência, e o enteta, os elos, os secundários e os engramas do preclaro. No momento em que o auditor permite o seu próprio enteta atacar o preclaro, é produzida turbulência e uma queda do preclaro na escala de tom. Por isso, ficar zangado ou crítico para com o preclaro, inverte o processamento. O preclaro não é responsável pelos engramas dele.

O auditor, pobre homem, tem que manter a paciência mesmo sob censura do preclaro. O auditor nunca se justifica quando o preclaro pensa que ele cometeu um erro. É que se o auditor explicar como não era um erro, só perturba mais a situação.

O auditor preocupa-se com o que foi feito *ao* preclaro, não com o que foi feito *pelo* preclaro. O auditor não deve exibir nenhuma curiosidade mórbida sobre os actos do preclaro. Ele não deve inquirir as ações do próprio preclaro, a menos que precise de achar nas dramatizações do preclaro uma pista para os engramas que causaram as dramatizações.

Quando o preclaro é retornado a algum ponto anterior a pedido do auditor, o auditor não deve sob nenhuma circunstância usar mais palavras

do que as absolutamente necessárias, e deve neste momento particular ter o cuidado de observar o código do auditor, pois o incidente pode conter anatem e o preclaro pode estar receptivo a sugestões hipnóticas. Isto também é verdade para uma letargia. O auditor não deve falar ao preclaro durante uma letargia, não deve tentar pôr o preclaro alerta pensando que ele está meramente a tentar adormecer.

As sessões podem ter qualquer duração, e a frequência semanal é concordada por ambos, auditor e preclaro. As sessões de duas horas são normalmente consideradas mínimas, pois ocasionalmente leva esse tempo para contactar e correr bastantes engramas ou sondar bastantes elos para a sessão valer a pena. Podem ser feitas seis horas de processamento por dia sem perda de eficiência, e isto pode ser feito sete dias por semana sem dano para o preclaro. Deve ser acrescentado que os médicos aconselham, sob tão pesado processamento, um dose equilibrada de vitaminas, caso contrário o preclaro pode sofrer pesadelos, uma vez que é claro que o percurso de engramas reduz a quantidade de vitamina B1 no sistema.*

O progresso geral do caso seria usar fio direto, depois sondar alguns elos, depois correr alguns engramas secundários para aliviar algum desgosto ou medo, e então iniciar um apagamento do caso contactando esse primeiro momento de dor ou desconforto nesta vida, que é vulgarmente achado algures na vizinhança da conceção. Se bastante enteta foi convertido para teta no caso, o primeiro engrama apagar-se-á. Se não apagar, ainda existe muito carga em secundários e elos. Uma vez apagado o primeiro engrama do caso conhecido como básico-básico, deve ser contactado o próximo engrama e por sua vez apagado, e assim por diante pelo banco acima até ao tempo presente. Algures pela linha acima aparecerá desgosto, e será necessário correr mais engramas secundários. Feito isto, o preclaro é mandado outra vez ao primeiro momento de dor ou inconsciência que então pode ser achado no caso. Provavelmente ter-se-ão apresentado engramas de áreas básicas. Estes são apagados consecutivamente em direção ao tempo presente, até se desenvolverem dificuldades adicionais. Então, mais secundários são corridos, mais elos são sondados, e o preclaro é retornado outra vez para a área básica onde o apagamento é continuado. Mais cedo ou mais tarde este apagamento continuará até ao tempo presente. Então, depois de correr alguns engramas isolados perdidos, o auditor terá nas suas mãos um claro, contanto que em primeiro lugar o auditor estivesse em cima na escala de tom, o bastante para encorajar a de-perturbação deste caso ao ponto de poder correr engramas.

* A experiência na Fundação demonstra algumas precauções adicionais a tomar com os preclaros. O auditor deve garantir que o Preclaro não seja auditado quando está cansado, que não seja auditado tarde demais quando por hábito estaria a dormir, que tenha descanso adequado e que não seja auditado em períodos em que o seu ambiente de tempo presente seja intensamente restimulativo. Os preclaros com quem a Fundação teve algumas dificuldades, descobriu-se terem sido auditado tarde demais, terem tido comida e B1 inadequadas, em circunstâncias ambientais intensamente restimulativas (que poderiam tê-lo derrubado na escala de tom) e quando estavam fisicamente cansados. Todas estas pessoas tinham histórias psicóticas. Embora a Fundação não tivesse nem um décimo das dificuldades experimentadas por métodos não Dianéticos, a Fundação instituiu um programa cuidadoso para evitar essas condições e circunstâncias.

O auditor pode encontrar um caso ocluso tão pesadamente carregado com engramas, que só pode entrar em letargia: Isto terá a aparência de sono, e o auditor pode sentir que está a ser privado da sua oportunidade de atuar. Em tal caso, não importa quantas horas de processamento são consumidos por este sono aparente, o “sono” não deve ser perturbado, mas quando o preclaro sai dele, a frase em que entrou em letargia, deve ser repetida, pondo-o assim de novo a “dormir”. Dessa maneira, quantidades enormes de anatem são descarregadas do caso.

O auditor pode dar com um preclaro que só corre frases, e parece não poder obter um incidente inteiro em parte alguma. Devem ser sondados muitos elos neste preclaro, mas também é benéfico permitir ao preclaro correr estes fragmentos de frases aberrativas, pois que mais cedo ou mais tarde uma delas provocará letargia no preclaro ou de repente embater numa carga de desgosto.

Nenhum caso de qualquer tipo deve desanistar o auditor. Com as técnicas apresentadas de sondar elos, correr secundários, correr engramas, letargias, memória direta e até frases deslocadas, solucionará qualquer caso disposto a ser trabalhado.

O auditor deve ser particularmente cauteloso ao correr o seu preclaro em qualquer secundário fortemente carregado, a menos que ele pretenda correr o preclaro muitas vezes até a carga ser reduzida, independentemente de o preclaro não querer continuar e do que o preclaro possa usar para sair dele. Isto às vezes requer muita coragem da parte do auditor, pois o terror e agonia do preclaro, ou o extremo desgosto, pode levar o auditor, por desaconselhável simpatia, a ceder face a tal engrama secundário.

O auditor deve ter o cuidado de não correr um caso fortemente carregado, mais do que o caso pode manejá-lo. O processamento deve ser o menos possível direutivo, dizendo o auditor apenas o bastante para manter o caso a funcionar. A maioria dos auditores falam demais.

O auditor nunca deve confundir o papel dele com a psicoterapia ou medicina. O médico é importante na sociedade. Bactérias são bactérias. Equimoses, contusões, ossos quebrados e obstetrícia estarão connosco por muito tempo. O auditor, porque pode varrer com facilidade a maioria das manifestações que antes foram chamadas doenças psicossomáticas, não deve desprezar a realidade de muitos tipos de desordens físicas. O auditor está a tentar trazer o indivíduo para cima na escala de tom. A propósito, isto ultrapassa a maioria das dificuldades físicas e complexos e obsessões do indivíduo, mas não obvia a necessidade ocasional de tratamento médico, e infelizmente não obvia o internamento do obviamente louco, não importa o que a Dianética possa fazer por esta gente. O auditor, deve então trabalhar em união com os médicos, e ajudá-los a compreender o que estão a fazer e a compreender a Dianética, e tentar educá-los a plantar menos engramas e mais leves. O auditor deve ignorar as centenas de psicoterapias contraditórias e evitar qualquer das práticas, pois o auditor aprenderá, no reino da experiência, que dar conselhos ao seu preclaro sobre o que pensar dos seus engramas e outras manifestações aberrativas, é altamente prejudicial para a saúde mental do preclaro.

O auditor deve reparar que está a trabalhar numa sociedade relativamente baixa de tom e ignorante. A Dianética será continuamente invalidada, como qualquer atividade construtiva ou criativa. Se o auditor for simplesmente adiante puxando casos para cima na escala de tom, ele ganhará a batalha. Ele tem nas mãos utensílios mais poderosos do que os que existiam antes. Ele deve usá-los.

O auditor não deve desesperar com nenhum caso. Ele pode fazer algo por qualquer caso a que, mesmo remotamente, dê a sua atenção. Haverá momentos na evolução de qualquer caso em que as circunstâncias ambientais o agride, ou em que um engrama de força descomunal está a caminho da superfície, momentos esses em que o caso entrará aparentemente em declínio. O auditor não deve desesperar por causa disso, uma vez que ele só precisa retroceder aos tipos de processamento para níveis mais baixos da escala de tom, e assim poder restabelecer o seu preclaro no nível apropriado. O auditor deve apreciar o facto de um caso progredir, não numa linha regular, mas através de rápidos e puxões, e que só o avanço médio seja estável. No passado, terapias antiquadas ativaram ocasionalmente um engrama maníaco. Não sabendo a causa da aberração humana, os terapeutas ficavam contentes assumindo que esta súbita alegria do paciente era indicativa de um avanço. O auditor saberá que estas ondas súbitas para novas alturas de bem-estar são simplesmente sintomas de um engrama que tem como conteúdo algumas frases altamente lisonjeiras. Um o auditor encontrará frequentemente o seu preclaro reivindicando em euforia que já é claro, para regressar dentro de dois ou três dias a um estado de depressão. O auditor, sondando elos ou correndo o engrama causador, pode remediar isto.

O auditor observará no progresso de qualquer caso, enquanto está retornado na banda do tempo, algumas manifestações alarmantes. Ao correr um engrama que contém febre, a temperatura do preclaro subirá. Ao correr engramas dos primeiros tempos de vida, a estrutura facial do preclaro mudará. Ao correr engramas altamente carregados, podem fazer o preclaro gritar ao ponto de os vizinhos da outra rua telefonarem para a polícia. Nenhuma destas manifestações deve preocupar o auditor. A única maneira de o auditor poder danificar o preclaro, é abster-se de correr o que foi contactado. Se o auditor fica alarmado porque o coração do preclaro está a bater duas vezes mais rápido, ou porque o preclaro está a gemer e a chorar, e logo tenta trazer o preclaro para o tempo presente, o auditor está a pedir encranca. A manifestação de um engrama enquanto o preclaro está retornado, pode ser leve. Trazido para o tempo presente sem o engrama ser reduzido, a manifestação é muito maior. O somático, no ponto da banda onde ocorreu, pode não ser muito grande. Em tempo presente, o somático é grandemente intensificado. Por isso, o trajeto mais seguro é correr qualquer coisa contactada, mesmo que tenha que o segurar pelas orelhas; nem que a observação do preclaro pareça demonstrar claramente que muito repentinamente há uma pessoa doente. A redução do engrama ou incidente provocará um revivificação completa do preclaro.

Acima de tudo, o auditor deve ter fé nos seus utensílios. Quando ele diz ao preclaro para voltar aos cinco anos de idade, não deve sentar-se ali e pensar se o preclaro retornou ou não para aquele tempo. Certamente que

alguma parte da mente do preclaro foi para os cinco anos de idade. O auditor lida com certezas. O auditor não duvida das ações da banda somática e do arquivista. Aceita o que eles lhe dão. Ele corre o que for preciso para solucionar o caso. Ele tem completa confiança nas suas técnicas e na sua própria capacidade. Com esta completa confiança, que é em si mesmo uma manifestação de teta, o auditor pode produzir marcados e notáveis resultados. Se o auditor divagar com o caso, duvidar se sim ou não a Dianética funciona, duvidar do que está a acontecer, duvidar se deveria ou não ler o capítulo dezasseis outra vez, olhar então para o preclaro e pensar que talvez estes engramas pré-natais sejam uma ilusão, e começar a questionar as pessoas à volta do preclaro, pondo em causa se foi isso que aconteceu ao preclaro, e está num alto estado de dúvida sobre tudo em geral e o caso em particular, ele não produzirá resultados.

O que é desejado são os resultados. Bom, indivíduos fortes de pensamento claro, são altamente necessários nesta sociedade neste momento. Eles são claramente tão poucos.

CAPÍTULO SEIS

COLUNA AB

Tempo Presente

Um das preocupações primárias do auditor é o tempo presente. Por “tempo presente” queremos dizer o “agora” da banda do tempo. De facto a toda a banda do tempo é só um progresso consecutivo de tempos presentes.

Quando um preclaro retorna a um incidente pela banda do tempo abaixo, ele está a retornar a um tempo presente que já existiu. Por causa das frases de ação como agrupadores, seguradores, negadores, desorientadores, e por causa da carga que pode estar contida num caso, ocorre ocasionalmente ele estar continuamente nalgum tempo presente do passado. Além disso, quando não se pode reduzir um incidente, um caso pode ser difícil de retornar ao tempo presente atual. Por estas razões, o auditor tem que compreender, tanto o valor de estar claramente em tempo presente como os métodos de retornar o preclaro para o tempo presente no final de uma sessão.

O valor do tempo presente é ilustrado pelo facto de que, andar por um sanatório e dizer aos pacientes um após outro, “vem para o tempo presente”, alguns dos internados ficarão logo sãos. O simples facto de estar em tempo presente é em si mesmo um fator de sanidade. Num certo sanatório, alguns médicos fizeram este teste com os pacientes, e um deles, que tinha estado louco por um período considerável e que vulgarmente recusava falar e cuja face era uma máscara de acne, respondeu a este comando, e como com nenhum outro remédio, retornou ao tempo presente e à sanidade. De acordo com o relatório, assistiu nessa noite a uma festa do sanatório, e fez um discurso sobre como estava contente por estar ali. No período de três dias a acne tinha desaparecido da cara dela, e embora a sanidade esteja, é claro, longe de ser um risco pequeno, ela manifestou e continuou a manifestar sanidade muitas semanas depois. Há, de acordo com a classificação da Dianética, dois tipos de loucos. O primeiro é o psicótico dramático. O segundo é o psicótico de computacional. O psicótico dramático atravessa muitas vezes o engrama em que está preso. Está em restimulação aguda ou crónica, e a mente reativa provoca nas cordas vocais e no corpo a dramatização exigida pelo engrama. Ele está geralmente aprisionado em dois ou três engramas, e vai incessantemente de um para o outro. Tal caso, é claro, está fortemente carregado, e não faz lá muito bem tentar correr engramas. É necessário tirar carga do caso e trazê-lo para o tempo presente. Isto não é muito difícil, se puder ganhar-se a atenção do psicótico. O outro tipo de insanidade é computacional. Aqui o engrama emparedou uma certa porção do analisador como território conquistado, e um circuito faz esta porção do analisador assumir o todo do ser. O resto do analisador está desligado, e o “eu” do indivíduo não está em evidência. O paranoico é usualmente demente computacional, o que

quer dizer que ele não dramatiza como um gramofone, mas de facto parece inventar coisas. O esquizofrénico é um indivíduo que tem várias porções do analisador segmentadas por diferentes circuitos que são de facto valências, indo ele de uma para a outra destes porções do analisador, tornando-se ele próprio só ocasionalmente, ou nem isso. Tanto o psicótico dramático como o psicótico computacional, têm a maior parte do analisador completamente desligado por anatem e por estarem fora de tempo presente. Os percéticos de tempo presente não são racionais, porque entram por uma área de engramas. Provavelmente, o ponto crucial do tratamento de todos os psicóticos, é pô-los em tempo presente e estabilizá-los aí. Todos os psicóticos têm casos fortemente carregados, e é de uma ou de outra forma necessário reduzir esta carga. Embora isto possa parecer uma super simplificação do problema, pode também muito bem ser que o problema seja simples. A coisa mais difícil no tratamento do psicótico é estabelecer bastante afinidade, realidade e comunicação entre o psicótico e o auditor, a fim de persuadir o psicótico a fazer algo para se ajudar a si próprio. Isto pode ser feito imitando o psicótico, o que é uma forma de estabelecer afinidade, ou levando o psicótico a algum contacto com o mundo presente.

Esta pequena dissertação sobre o psicótico é para ilustrar a importância do tempo presente. O auditor não deve contudo acreditar que pode tirar facilmente o seu preclaro de tempo presente, e provocar a sua insanidade. O caso teria que estar à beira da psicose em primeiro lugar, e a audição teria que ter uma violação tão flagrante do quadro, que poderia pressupor-se que o “auditor” a produzir essa psicose, seria ele próprio um atrasado mental ou psicótico.

Qualquer preclaro está menos alerta fora de tempo presente do que em tempo presente. As pessoas atravessam vidas inteiras muito fora de tempo presente, e nunca suspeitam disso. Se eles fossem devolvidos a tempo presente, poderiam enfrentar melhor os problemas e seriam consideravelmente mais felizes, uma vez que avaliando o ambiente atual em termos de, digamos, o ambiente da idade de cinco anos, não conduz a uma boa computação. Se a percentagem das pessoas que estão cronicamente fora de tempo presente for testada, é surpreendente. O teste é simples e é, de facto, um mecanismo padrão usado pelo auditor, quando retorna o seu preclaro para o tempo presente. Se usar este mecanismo em vários dos seus amigos, verá que muitos deles estão algures presos na banda do tempo, e não em tempo presente. Você achará relativamente fácil trazer para o tempo presente alguém que você descobre estar fora de tempo presente, se lidar com pessoas acima de 2.0. A pessoa não precisa saber nada de Dianética, e, de facto, esta é uma maneira excelente de introduzir o assunto a um estranho.

Descobrir onde o indivíduo está na banda do tempo, pode fazer-se de duas ou três maneiras. A primeira é o da idade relâmpago. Para compreender isto, deve compreender-se também algo sobre o arquivista, assunto que será coberto num capítulo posterior. A primeira resposta relâmpago, a primeira impressão que uma pessoa recebe em resposta a uma pergunta, é chamada em Dianética, “resposta relâmpago”. Isto é ajudado

por um estalar de dedos do auditor, imediatamente depois de fazer a pergunta.

A idade relâmpago é então obtida do seguinte modo: O auditor diz: “Quando eu estalar os dedos, ocorre-te uma idade. Diz-me o primeiro número que te vier à cabeça”. Ele estala então os dedos, e o preclaro dá-lhe o primeiro número que lhe vem à cabeça. Esta pode ser a verdadeira idade do preclaro, mas nesta civilização usualmente não é. Às vezes é uma resposta de circuito. O preclaro, através da resposta contínua a esta pergunta, monta um circuito que responde em vez do arquivista. Essa pessoa pode ser detetada a correr um desses circuitos, perguntando simplesmente se no início de todos os anos ele tem dificuldade em escrever a data do novo ano. Se ele transporta o ano passado para o ano novo durante alguns dias, ou se leva o último mês para o novo mês, ou se tem simplesmente dificuldade em saber a data, pode ser considerado fora de tempo presente; e se a resposta relâmpago é a sua idade atual, pode ser considerado correr num circuito. A resposta do circuito pode ser posta de lado, e obter outra resposta por meio de outro mecanismo. Usando a resposta relâmpago, descobrirá em que ponto da banda do tempo o preclaro tem a maioria das suas unidades de atenção.

O segundo mecanismo pelo qual se descobre se o indivíduo está ou não em tempo presente, é a data relâmpago. O auditor diz ao preclaro, “Quando eu estalar os dedos, uma data vai aparecer. Diz-me a primeira resposta que te vier à cabeça”, (estalo!). O preclaro dá então a primeira data que lhe vier à cabeça. Em todas estas respostas relâmpago, um preclaro novo dará ordinariamente a segunda ou terceira resposta que lhe vem à cabeça, por isso o auditor deve perguntar se foi este o primeiro número. O preclaro pode dar a presente data, mas questionando mais, ele pode admitir que alguma data anterior relampejou primeiro, e que ele a retificou. Esta data anterior é onde a maior parte das unidades de atenção do preclaro estão localizadas na banda do tempo.

Outro método de detetar se sim ou não o indivíduo está em tempo presente, é também na base da resposta relâmpago, mas desta vez pede uma cena relâmpago. O auditor diz, “Quando eu estalar os dedos, a cena atual relampejará ante os teus olhos”, (estalo!). Um vílio pode relampejar então na mente do preclaro, e o vílio não é bastante frequente de tempo presente, mas de um período muito anterior.

Também acontece ocasionalmente que um preclaro não muito pesadamente carregado com enteta estará preso num engrama exatamente no ponto do único sónico e do único vílio que pode obter na banda do tempo. Dizendo-lhe meramente para que feche os olhos e escute, o auditor pode conseguir que ele surja com um segurador, que o está a manter fora de tempo presente. Isto não é geral, mas é bastante frequente para ser comentado.

Há ainda outro método de detetar se o preclaro está ou não fora de tempo presente. Este é através da observação do auditor. O preclaro que se agarra implacavelmente a símbolos de um certo período do passado está normalmente em parte naquele período, ou por causa de uma carga de desgosto ou de algum outro tipo de enteta que o segura ali. A velha senhora

que se rodeia de adornos de 1910, e usa um vestido antiquado, encontrar-se-á usualmente na banda do tempo, no momento da morte do marido ou filho ou algum outro ser amado. Quando o engrama secundário é corrido ou bastante enteta é convertido noutro lugar no caso, o auditor pode devolvê-la ao tempo presente, momento em que ela reconhecerá, talvez pela primeira vez, que as recordações e o vestido estão um pouco fora de moda.

Há mais uma observação do auditor que estabelece se o preclaro está ou não fora de tempo presente. O auditor aprende bastante rapidamente a observar a fisiologia do seu preclaro, e julga a partir disso onde ele está preso na banda do tempo. No período do nascimento, o bebé está equipado para ganhar gordura e peso consideráveis, e uma pessoa em que está presa no engrama de nascimento, tem normalmente um pouco de peso a mais e algumas características fisiológicas que lembram uma criança. Este é apenas um exemplo de um período da banda do tempo. O auditor encontrará preclaros que parecem ter doze anos de idade e que estão realmente presos nos doze anos nalguma operação, como uma amigdalotomia ou nalguma carga de desgosto.

O auditor encontrará raparigas que parecem ter quatro ou cinco anos de idade embora sejam crescidas, e que retêm alguns maneirismos e características fisiológicas da idade anterior. E então há essas pessoas, não muito adoráveis de ver, que estão presas no período pré-natal. Elas carregam algum leve sinal do período da vida ao qual estão agarradas. A boca e a condição da pele parecem recordar uma condição do embrião ou feto. Tais pessoas têm tendência a formar-se na posição curvada do período pré-natal, têm ombros arredondados, e são propensas a ficar numa bola quando dormem. Esta condição torna-se muito pronunciada no louco, onde uma chamada a num engrama pré-natal levou todas as unidades de atenção do indivíduo, e o colocou exata e unicamente nalguma porção do período pré-natal. Não há nenhum argumento relativo à existência de pré-natais. Eles já são conhecidos há trinta anos, e isso foi adequadamente provado por experiência na Universidade de Rutgers. O auditor que não reconhece pré-natais, nunca terá preclaros muito bem, e o auditor que não vê no seu potencial preclaro os sintomas de estar preso na área pré-natal, pode passar um mau bocado com o caso.

Existe o postulado das unidades de atenção. Uma unidade de atenção poderia considerar-se uma quantidade de energia teta de consciência. Qualquer organismo é consciente em algum grau. Um organismo racional ou relativamente racional está consciente de estar consciente. As unidades de atenção poderiam dizer-se existir na mente, em quantidades variáveis de pessoa para pessoa. Isto seria a dotação de teta do indivíduo. Uma pessoa, se atribuirmos números meramente arbitrários, poderia ter mil unidades, e outra poderia não ter mais que cinquenta. Se todas as unidades de atenção de uma pessoa pudessem estar livres em tempo presente para recordação, prazer, percepção e direção das atividades do corpo e computação, poderia dizer-se que essa pessoa estaria excelentemente clarificada. As pessoas abaixo do nível de claro têm cada vez menos unidades de atenção em tempo presente, à medida que descem na escala de tom. A escala percentual do quadro, também poderia ser interpretada

como o número de unidades de atenção que a pessoa tem disponível em tempo presente. A pessoa normal tem provavelmente cerca de vinte e cinco por cento das suas unidades de atenção em tempo presente. Devido ao facto de que é com estas unidades de atenção que ele desfruta e pensa e trabalha, pode ver-se que isto não é ótimo. O resto das unidades de atenção estão presas algures lá atrás na banda do tempo, num incidente ou outro, na forma de enteta.

Quando um indivíduo está fora de tempo presente, pode dizer-se que tem mais unidades de atenção nalgum momento do passado na banda do tempo, do que em tempo presente.

O auditor, não reduzindo engramas ou secundários, pode induzir no seu preclaro uma condição momentânea de estar fora de tempo presente. Se o preclaro não está em tempo presente depois da sessão, parecerá bastante zonzo, não perceberá muito prontamente e será de facto muito mais sugestionável do que quando está em tempo presente. É sintoma de estar fora de tempo presente, que as percepções de tempo presente não encontrem qualquer unidade de atenção para fazer a avaliação das ditas percepções, produzindo assim uma impressão muito mais profunda ou irracional no indivíduo.

Em todas as sessões o auditor, mesmo quando só faz fio direto, leva o seu preclaro um pouco para fora de tempo presente. É preocupação do auditor voltar a trazer o preclaro para o tempo presente. Isto é mais bem feito correndo momentos de prazer como se fossem engramas. Esses momentos de prazer juntarão e de-perturbarão as unidades de atenção, e assim retornarão facilmente para o tempo presente, e o preclaro estabilizará nele.

É regra geral que quanto mais enteta há num caso, mais o indivíduo está fora de tempo presente.

É possível o próprio enteta estar em tempo presente, mas é quando o próprio ambiente é perturbador, quando o indivíduo está transtornado ou furioso por contágio do ambiente. Por isso, pode ver-se que todas as unidades de atenção em tempo presente, não são necessariamente teta. Mas o enteta da banda do tempo, não está ele próprio em tempo presente. Na ausência de restimulação ambiental, pode então ver-se que as unidades de atenção que devem estar em tempo presente num claro, mas não numa pessoa em baixo na escala de tom, são de facto unidades de enteta embrulhadas em elos, secundários e engramas.

Quando o preclaro não volta para o tempo presente, nem pode ser persuadido por lisonja ou medida a voltar ao tempo presente com facilidade, ou o auditor amarrou muitas unidades de atenção nalgum momento passado, situação que se remediará normalmente no decurso de algumas horas, ou há tanta carga no caso, quer dizer, tanto enteta, que o tempo presente é inacessível.

Em casos abaixo de 2.0, o auditor tem que ter muito cuidado com quantas unidades de atenção ele envia do tempo presente quanto restimula o caso, pois estes casos têm tanto enteta, que qualquer teta existente perturbará rapidamente, levando por isso o preclaro para longe do tempo

presente para dramatizações ou computações engrânicas. Ao trabalhar o caso usual, não o psicótico, é ainda preciso estar consciente dos métodos pelos quais se pode estabilizar o preclaro em tempo presente.

Esta regra pode ser aplicada a todos os casos: a conversão de qualquer quantidade de enteta para teta, aumentará a capacidade do preclaro para vir para o tempo presente e estabilizar lá. O auditor deve trabalhar para converter enteta para teta, até poder trazer o seu preclaro para o tempo presente. Ele pode fazer isto por meio de memória direta, sondar elos, correr momentos de prazer ou até correndo um engrama, em casos que estão altos na escala.

Porque o indivíduo está fora de tempo presente, não há qualquer razão para pânico. A maioria da sociedade está fora de tempo presente. Qualquer exército ou marinha nacional, por exemplo, está tão fora de tempo presente, que está sempre pronta a combater na penúltima guerra. Os códigos morais estão vulgarmente dois ou três séculos fora de tempo presente. Os sistemas governativos estão normalmente um par de milhares de anos fora de tempo presente. Logo, estar um indivíduo dez ou quinze anos fora de tempo presente, não é muito sério, a menos que o caso seja extremamente sério como um todo. O auditor encontra vulgarmente o seu preclaro fora de tempo presente, e acha necessário deixá-lo fora de tempo presente nas primeiras sessões, não sendo capaz de processamento bastante durante essas sessões, para converter suficiente enteta a fim de devolver o seu preclaro ao tempo presente.

A primeira e principal preocupação do auditor em todos os casos que encontra fora de tempo presente, é devolver esse caso ao tempo presente. Ele deve trabalhar com métodos claros, sessão após sessão, concentrando-se só numa coisa: devolver o preclaro ao tempo presente. Ele não tenta dirigir o preclaro para o tempo presente, ou mandar o preclaro para o tempo presente, pois dirigir e mandar só transformará teta para enteta temporário. Uma vez o seu preclaro em tempo presente, e muito estável em tempo presente, o auditor pode começar a preocupar-se com incidentes específicos e dificuldades mais vastas do caso. Trabalhar alguém que não vem para tempo presente ou que não pode ficar em tempo presente, não deve ser tentado pelo auditor. O auditor não deve correr engramas em tal caso uma vez que, obviamente, quem não pode ficar em tempo presente, não tem teta livre bastante para trabalhar engramas.

Várias manifestações ocorrem em preclaros, relativas ao tempo presente. A primeira manifestação é, claro está, estar cronicamente fora de tempo presente. O preclaro está normalmente agarrado a alguma operação, acidente ou desgosto, algures atrás na banda. Ou o preclaro vem para tempo presente, e então cai de novo para fora dele por causa de algum engrama restimulado que de uma maneira ou outra, por comando literal, contém um chamador de volta, uma frase que diz “Volta aqui”, e a que o preclaro obedece voltando atrás na banda do tempo logo após o auditor o ter trazido para o tempo presente. Isto indica um caso bastante pesado, e é a própria carga que deve ser abordada, quer dizer, converter simplesmente enteta para teta em lugar de atacar o engrama específico que está a fazer a chamada de volta. Há então o caso que está sempre totalmente fora de tempo presente. Este caso não está de maneira nenhuma em contacto com

o ambiente, e é, está claro, psicótico. Há então o caso que está aparentemente “preso em tempo presente”. Não se pode de facto estar preso em tempo presente, mas preso algures na banda, num incidente que transporta a ilusão de tempo presente. O Natal, por exemplo, é uma ocasião em que são oferecidos presentes, e como o preclaro foi trazido de volta para cima na banda, ele pode ficar pendurado em qualquer ponto da banda que contenha a palavra “presente”. O hábito dos médicos declararem durante as operações “é tudo por agora” criará a ilusão de pôr o preclaro em tempo presente, ficando difícil o preclaro retornar. Há então o preclaro que é um ressaltador crónico. Algum engrama no caso contém um “levanta-te” ou “vai lá cima”, e o preclaro é por isso lançado para a extremidade da banda do tempo, e até para o futuro da banda do tempo. A obediência a essas frases, indica um caso fortemente carregado, e o auditor deve se dirigir-se à carga do caso, em lugar de ao engrama específico que está produzir a manifestação.

Existe o método da resposta relâmpago para descobrir o incidente no qual o preclaro está localizado. O auditor faz uma série de perguntas que identificarão o incidente e receberão respostas relâmpago num base sim ou não. O auditor diz, “Quando eu estalar os dedos, responderás sim ou não à pergunta seguinte: “Hospital?” (estalo!), e o preclaro responde sim ou não. Essa série de perguntas e respostas, poderia ser como segue: “Acidente?” “Sim”. “Hospital?” “Não”. “A mãe?” “Sim”. “Na rua?” “Não”. “Queda?” “Não”. “Golpe?” “Sim”. “Cozinha?” “Sim”. E de repente, o preclaro pode lembrar-se do incidente ou obter um vísio da cena, e lembrar-se ou obter uma recordação sónica do que a mãe dele lhe disse, o que poderia ser algo como “Tu ficas aí preso até eu voltar”. Se o caso não estivesse muito fortemente carregado lembrar isto poderia permitir-lhe vir para o tempo presente. Deste modo, usando os nomes das pessoas que poderiam ter estado à volta do preclaro, e coisas que poderiam ter acontecido ao preclaro, o auditor pode, numa base de resposta relâmpago, trazer à luz dados do incidente bastantes para permitir ao preclaro lembrar um engrama ou secundário escondido ou esquecido, e simplesmente recordando-o, voltar para o tempo presente.

Levar o preclaro a recordar por memória direta o incidente em onde está preso na banda, é às vezes suficiente para conseguir que volte para o tempo presente. Um caso esteve sob processamento muitos meses, uma hora ou duas por semana, com um auditor muito fraco. Este caso estava pendurado numa operação séria aos trinta e um anos. O auditor ficou finalmente esperto bastante para inquirir se havia ou não uma operação anterior, e de repente foi localizada pelo preclaro uma operação quase igual, momento em que ele voltou para tempo presente.

Ao trazer as pessoas para tempo presente, é necessário compreender o princípio de que o engrama anterior é o mais fácil de reduzir. Os engramas posteriores num caso, contêm a sua própria força, mais a força de todos os engramas anteriores semelhantes no caso. Os engramas existem em cadeias, e pode haver de um a quarenta ou a cem engramas numa cadeia. O preclaro está muito vulgarmente preso, não no primeiro engrama da cadeia, mas nalgum mais recente. Por isso, a identificação do ponto na banda onde ele está preso é vulgarmente insuficiente para o libertar. Para

poder retornar ao tempo presente, deve ser descoberto um momento anterior de natureza semelhante. O uso de memória direta para descobrir esse momento anterior, é uma operação simples.

Como será visto através dum exame à escala de tom sobre o tempo presente, quanto mais fortemente carregado está o caso, mais provável é o preclaro estar fora de tempo presente, ou ficar fora de tempo presente. A única questão de retornar o indivíduo ao tempo presente, é a questão da conversão de enteta para teta. Seria uma coisa muito simples se tivéssemos apenas que correr o engrama no qual o preclaro está preso, trazendo-o assim para tempo presente. Isto normalmente não acontece. O engrama em que o preclaro está preso é bastante vulgarmente irredutível, no atual estado do caso.

Por isso, para trazer o preclaro para o tempo presente, é preciso correr momentos de prazer, sondar elos, correr secundários ou simplesmente tornar o tempo presente tão completamente atraente, que as unidades de atenção do preclaro voltem para lá.

Nem o auditor nem o preclaro devem negligenciar o facto de que o próprio tempo presente pode ser desejável ou indesejável. O preclaro que é afrontado com um divórcio ou a quem acabou de morrer um filho ou que descobre que a esposa é uma rameira, pode achar o tempo presente tão completamente indesejável que as unidades de atenção o evitam, da mesma maneira que, sendo teta, elas evitariam qualquer outra área de enteta da banda.

Engramas, secundários e elos pesados, ficam enterrados e escondidos da recordação, porque são enteta e, segundo a teoria, têm o efeito repelir teta. A área dos doze anos em que foi dito ao indivíduo que estava a ficar louco (juntamente com o resto do género humano) porque foi descoberto a masturbar-se, será de difícil aproximação. O enteta da repreensão e perturbação afastará teta para longe da área. Outros períodos de não-sobrevivência da vida quando a pessoa estava com pouca sorte, quando descobriu que as meninas da faculdade fazem com frequência esposas deficientes, quando descobriu que o marido, à noite, prefere tirar os sapatos e ler o jornal em vez de conquistar dragões para a sua dama como tantas vezes prometeu antes do casamento, e outros períodos de grande labuta, são muito vulgarmente evitados, à medida que o preclaro vai pela banda abaixo. Isto é bem evidenciado pelo número de incidentes novos que surgem ao sondar elos. No princípio parece haver um ou dois incidentes numa cadeia de elos, mas quando o preclaro sonda a cadeia muitas vezes, descobre que há várias centenas de incidentes na cadeia. Então, os incidentes de enteta desaparecem, em relação ao teta da mente consciente ou analítica. Não deve negligenciar-se o facto de que o tempo presente pode ser uma área dessas, podendo por isso ser evitada. O auditor deve fazer o possível para remediar esta situação, providenciando uma atmosfera amigável, ou mesmo um refúgio para o seu preclaro, e assim tornar o tempo presente agradável, pelo menos durante a sessão.

Em resumo, então, quanto mais enteta em relação a teta há no caso, menos provavelmente o preclaro se move na banda e fica em tempo presente. Quanto mais enteta está em tempo presente, menos

provavelmente o preclaro entra nele, e isto inclui o facto de que um ou o auditor chato ou autoritário tornará o tempo presente desagradável para o preclaro. Uma das missões principais do auditor é levar o seu preclaro para o tempo presente. O princípio fundamental de trazer o preclaro para o tempo presente, assenta no melhoramento da relação de teta/enteta do caso através de fio direto, correr ou sondar elos, e em casos que estão bem em cima na escala de tom, correr secundários ou engramas. Como mostra o quadro, o claro de Dianética está altamente estável em tempo presente, e não o abandona. Todas as suas percepções são claras. Isto não significa que o claro não possa abandonar o tempo presente. Com o “eu” a controlar toda a mente analítica em vez de algum circuito ou painel de comando de circuitos, o claro pode correr a sua banda inteiramente à vontade, mas quase nunca precisa fazê-lo, uma vez que pode contar com os seus mecanismos de memória para fornecer dados precisos sem recurso aos mecanismos de retornar. Eis a diferença entre memória e retornar, onde melhor se manifesta. Memória seria, por exemplo, enviar duas unidades de atenção ao banco padrão de memória colher informação para uso do analisador, e retornar seria enviar cinquenta por cento do teta disponível para a banda, a fim de reexperimentar todo o incidente. O claro não reexperimenta vulgarmente incidentes a fundo, simplesmente porque não tem que o fazer, e é vulgar achar o tempo presente agradável. Unidades de Teta em tempo presente oferecem resistência ao enteta que vem do ambiente. O impacto do ambiente é combatido pela razão e avaliação da unidade de teta. Se há uma grande quantidade de enteta no caso, e o ambiente de tempo presente é enteta, os percéticos de tempo presentes irão para o enteta e irão restimulá-lo se na forma de elos, secundários ou engramas, perturbando assim o caso todo. Isto não acontece ao claro. Mas isso não significa que o claro não possa ser perturbado. Dado um claro pouco dotado de teta, e um ambiente enteta muito pesado, como o massacre de mil cristãos, o claro perturbará temporariamente. Contudo, ele não tem grandes áreas de enteta congelado na sua banda, que iriam apanhar o teta temporariamente perturbado, assim ele de-perturbará completamente no momento em que o ambiente enteta já não está presente. Um claro está muito definitivamente em tempo presente.

O 3.5, o liberto de Dianética, está bastante estável em tempo presente, e muito alerta no seu ambiente. Ele apanha toda a beleza de qualquer cenário que observa, não é incomodado por ruídos estranhos ou transtornos, mas porque ainda tem enteta congelado no seu caso, é suscetível a forte turbulência se o ambiente de tempo presente for perturbador. Não obstante, ele está estável em tempo presente.

O 3.0 não têm qualquer dificuldade definitiva para alcançar, retornar ou manter-se em tempo presente. Ele salta para o tempo presente muito rapidamente quando é processado, e fica muito alerta quando lá chega. Contudo, ele pode ser perturbado ao ponto de ficar temporariamente pendurado algures na banda, e dramatizará esse ponto, se suficientemente batido por turbulência.

O 2.5, uma vez trazido para o tempo presente, permanecerá lá facilmente até ao próximo processamento. Ele tem de trinta a quarenta por cento do seu teta em tempo presente, por via de regra, e um auditor tem que ser

muito descuidado para pendurar este preclaro na banda. Contudo, este preclaro pode ficar pendurado na banda, e o auditor terá que correr momentos de prazer no fim da sessão e algum fio direto, quando a sessão foi perturbadora a fim de estabilizar o seu preclaro em tempo presente.

O 2.0 requer cuidado considerável por parte do auditor para o retornar a tempo presente e o estabilizar lá. Os momentos de prazer têm que ser corridos, se encontrados. Deve ser feita alguma sondagem de elos. Podem ser corridos alguns momentos de prazer futuros. Mas o 2.0 pode responder a um chamador de volta, e uma vez trazido para o tempo presente, pode afundar-se de novo na banda, para um período anterior. Ao lidar com 2.5s e 2.0s, o auditor deve sempre conferir no fim da sessão pelo menos duas vezes, se o preclaro está em tempo presente, mas dez minutos depois o preclaro pode ter-se afundado de novo na banda em resposta a um chamador de volta, para algum período anterior de enteta. Aqui nós temos um caso onde há muito mais enteta do que teta, e o indivíduo tende fortemente a ir para o enteta do passado ou do tempo presente, em lugar de ir para teta. Teoricamente, ele preferiria vir para tempo presente para lutar, a qualquer outra coisa, isto não é contudo recomendado como procedimento de processamento, e o auditor tem que usar muita perícia para trazer o preclaro para o tempo presente.

O 1.5 está normalmente nalguma valência dominante algures fora do tempo presente. É muito difícil trazê-lo para o tempo presente, e uma vez em tempo presente quase sempre se afundará de novo. Aqui está o caso cronicamente zangado, e ele vai para enteta mais prontamente do que para qualquer teta em tempo presente. O auditor encontrará muitas dificuldades para trazer este preclaro para o tempo presente, até elevar o tom deste preclaro ao nível 2.0.

Em 1.1, o preclaro fica fora de tempo presente a maior parte do tempo. Quando alcança o tempo presente, ele quase sempre volta a afundar-se imediatamente. Uma situação tremendamente convidativa, encobertamente hostil, transviada ou pervertida em tempo presente, trará este preclaro para o tempo presente, mas pouco mais o fará. O bálsamo e persuasão da personalidade de um auditor, não farão por si só o truque. O auditor que trabalha um 1.1, não se deve preocupar se não puder trazer o preclaro para tempo presente no fim da sessão, uma vez que o preclaro está de qualquer maneira normalmente fora de tempo presente. O auditor deve ainda ter o cuidado de não puxar teta do preclaro para áreas de enteta, uma vez que há muito pouco. Devem ser usados métodos de processamento muito ligeiros.

Ao 0.5 pode sempre ser pedido para vir para o tempo presente, e às vezes ele vem. Mas recua imediatamente para algum incidente de apatia. Este caso requer considerável perícia da parte do auditor, que está a trabalhar com alguém sempre tão fora de tempo presente, que lhe é difícil obter a atenção do preclaro. Se o auditor estiver particularmente triste, às vezes este preclaro virá para o tempo presente.

Em 0.1 podem os percéticos do preclaro, quando muito, ser dirigidos para conceitos de tempo presente. Podemos pedir-lhe para observar uma chávena, um pires, um objeto colorido, um pouco de música ou uma

situação de emergência. Mas aqui teremos muita sorte se pudermos levar o preclaro meramente a perceber algo no ambiente de tempo presente.

A preocupação primária do auditor com qualquer caso é, se o caso está ou não em tempo presente.

CAPÍTULO SETE

COLUNA AC

Memória Direta

Em Dianética, a memória direta é um processo técnico específico. Não deve ser confundido com “livre-associação”.

Memória direta também é chamada fio direto. É chamado assim porque o auditor dirige a memória do preclaro, e ao fazê-lo está a instalar um fio muito do tipo de uma linha telefónica entre o “eu” e o banco padrão de memória, rompendo através de todas as oclusões e circuitos.

Há algo muito validativo sobre memória direta. Uma vez que uma pessoa realmente se lembra de algo que lhe parece real, este sentido de realidade promove grandemente o ARC do caso. A memória direta tem por isso uma certa vantagem sobre sondar elos e correr engramas. O preclaro, ao usar cabalmente a memória direta, associa o evento passado ao ambiente de tempo presente, e avalia o evento passado em termos do ambiente de tempo presente. Quando o preclaro está retornado na banda, ele avalia frequentemente o evento passado só em termos desse mesmo ambiente, e apesar da repetição do incidente poder provocar uma redução do enteta, o fator de validação é ainda muito mais baixo do que em memória direta.

A memória direta foi desenvolvida em Dianética baseado em que, se a pessoa soubesse a causa mecânica fundamental da insanidade, devia poder fazer melhor do que em psicanálise, uma vez que é sabido que a “livre-associação” produz algum alívio secundário de tensão e ansiedade. Os mecanismos da razão porque isto surgiu, foram por isso explorados. Viu-se que a realidade elevada da memória direta e o conhecimento da razão porque os elos, o habitual objetivo da memória direta, eram aberrativos, combinaram-se para fazer um tipo de processando rápido e ordenado, várias centenas de vezes mais válido do que os métodos mais antigos.

A Memória direta é por si só um método excelente de processamento. O médico ou consultor ocupado, que dispõe de apenas alguns minutos para gastar com cada paciente, pode empregar memória direta com grande vantagem. Um especialista em doença de Parkinson na Cidade de Nova Iorque, embora não percebesse muito de Processamento de Dianética, usou memória direta para alcançar o alívio da doença, pelo menos temporário, em três de cinco casos em que foi empregada.

A importância da memória direta não deve ser menosprezada. Preclaros em baixo na escala de tom, às vezes só podem suportar memória direta.

Na Fundação, várias pessoas se tornaram peritas em memória direta, uma vez que ela tem a sua perícia peculiar.

A memória direta pode ser usada por toda a gente sem qualquer perigo. É um processo ligeiramente diretivo. O auditor não permite ao seu preclaro vaguear, nem lhe permite livre-associação, nem desperdício de tempo e energia em geral. O auditor sabe exatamente o que quer, e dirige a atenção do preclaro para isso. Por isso, um perito em memória direta deve poder sintetizar mais ou menos o que está errado com o caso. Depois de sintetizado, ele pode fazer o muito bom trabalho de solucionar o caso através de memória direta.

Originalmente a memória direta requeria considerável perspicácia da parte do auditor. Contudo, no fim dos anos 50, reconhecendo a necessidade de uma grande perícia para um bom auditor de memória direta, postulei o que se tornou deselegantemente chamado sistema de “realejo”. O uso deste sistema exige o mínimo do auditor, e extraí o máximo de aberração do preclaro.

A primeira coisa a saber sobre memória direta é o fenómeno da mente humana segundo o qual, um facto pedido hoje e não recebido, pode ser recebido amanhã ou no dia seguinte. A mente, em factos há muito arrumados, tem um período de um a três dias de refrescamento. Se examinássemos a história de vários homens de quarenta anos na segunda-feira, poderiam esperar-se muitos graus baixos. Mas dando outro exame a este mesmo grupo na quarta-feira, veríamos que seriam atingidos graus mais altos. Em resumo, a mente refresca-se, e a repetida solicitação pelo auditor de factos do banco padrão de memória do preclaro, extraírá finalmente esses factos. Se o auditor não obtém a informação que ele quer do preclaro na segunda-feira, deve fazer as mesmas perguntas na terça-feira, quarta-feira, quinta-feira e sexta-feira, e verá que o preclaro finalmente se lembrará.

Porque tanta gente na nossa sociedade procura tirar proveito da falta de memória de outros, a memória é uma quantidade geralmente limitada na cultura atual. A mãe que muitas vezes tentou abortar a criança, fica bastante ansiosa para que a criança não se lembre de nada. A mãe sabe instintivamente, embora a cultura a ensinasse que não é possível a criança lembrar-se de incidentes tão antigos, que o melhor é suprimir qualquer possibilidade de recordação. Por isso as mães, por meio de contágio, têm convidado a uma memória fraca.

Há algo de triunfante no facto de ter uma memória melhor que o outro. Isto é baseado na formulação de que, estar certo é sobreviver, e estar errado é não sobreviver. Estando certo na memória a pessoa demonstra o facto de que tem um maior potencial de sobrevivência do que estando errado na memória. As memórias entram continuamente em conflito, e encontram-se pessoas irrefletidas, discutindo sobre quem se lembra melhor e o que é correto. Isto é uma atarantação adicional da sociedade que suprime a memória.

Há casos registados, bem autenticados, de indivíduos que se lembraram dos seus períodos pré-natais. Uma menina de oito anos que estava sob processamento por um auditor de Livro, assombrou recentemente os seus pais por se lembrar do terceiro mês depois da conceção, quando “a mãe apertou a barriga e magoou-me”. Na presença de indivíduos não

Dianeticamente orientados, esta memória teria sido imediatamente suprimida, mas devido ao facto de concordar com a memória dos pais, e devido ao facto de ambos os pais terem, para seu benefício, experiência de Processamento de Dianética, foi permitido à menina continuar a lembrar-se, e foi feito fio direto no banco pré-natal com tal vantagem, que as notas de escola da criança subiram em média cinquenta por cento. Há registos de muitas instâncias de memória direta ao nascimento, e é muito vulgar um indivíduo comentar lembranças da infância. A sociedade, é claro, por causa do contágio da aberração das mães que tiveram relações sexuais extraconjogais e tentativas de aborto, mantêm em considerável dúvida essa memória antiga.

A memória de infância não depende da memória de como falar. No passado, professores e médicos confundidos, acreditavam que a capacidade de falar tinha algo a ver com a capacidade de recordar, mas não é o caso. Houve objeções aos engramas do pré-natal na base de que “ninguém poderia compreender a língua antes de nascer”, apesar do facto de Sigmund Freud *acentuar* os incidentes pré-natais traumáticos. As sílabas, embora sem sentido, são registadas num engrama pré-natal com todos os outros percéticos. Quando sintonizam numa pessoa que aprendeu falar depois dos dois anos de idade, elas são avaliadas em termos dos significados que a pessoa aprendeu a dar a essas sílabas.

Incidentes esquecidos foram postulados por Sigmund Freud como fator considerável da sanidade humana, a quem, através do Comandante Thompson um dos seus estudantes, e o amigo e mentor da minha juventude, eu muito devo. A libertação por recordação de qualquer incidente esquecido ou escondido e que contém considerável turbulência, produzirá uma subida de tom no indivíduo.

Muitos indivíduos sob processamento, de facto a maioria dos indivíduos, não podem “lembrar-se” de nada antes dos oito anos de idade, muito menos da infância. Quanto mais enteta há num caso, menos teta está disponível para o analisador. Quanto mais enteta há ao longo da banda do tempo, mais difícil para o teta existente o de perturbar bastante para obter os seus dados. Quanto mais aberrado é o indivíduo, mais enteta há no caso. Na infância não necessariamente existe enteta, mas podem ser vulgarmente esperadas sintonias na infância. A sintonia é às vezes difícil lembrar, mas quando lembrada produzirá a mais marcada mudança no caso. Depois da pessoa ter sido processada durante algum tempo, permitindo considerável teta livre para uso do analisador, a memória direta é possível em períodos muito cedo.

Também se pode entrar em períodos cedo na vida de uma pessoa pelo uso da técnica repetitiva*. Esta técnica não é de memória direta, mas uma técnica arcaica de Dianética independente da memória direta. A técnica repetitiva tem a sua utilidade, mas quem usar a técnica repetitiva à toa num

* Nota Editorial: Alguma confusão resultou da parte de alguns indivíduos sobre técnica repetitiva, o que é, e como é usada. No manual de DIANÉTICA há uma discussão sobre a técnica repetitiva, mas simplesmente definida, é isto: A repetição de uma palavra ou frase a fim de produzir *movimento na banda do tempo para uma área de enteta* que contém aquela palavra ou frase. Repetir ou “rolar” uma frase num engrama a fim de de-intensificar a frase ou reduzir o engrama, não é técnica repetitiva.

caso, achará muito vulgarmente o seu preclaro pendurado num engrama que não pode ser contactado e corrido. A técnica repetitiva causa perturbação. Mas pelo uso da técnica repetitiva, o preclaro pode ser empurrado para períodos da infância, exceto acidentes, se o auditor tiver a sorte de não meter o preclaro num engrama. (Com a técnica repetitiva em seguradores como “fica aí”, quase certamente a atenção do preclaro acabará em engramas, atenção que não será libertada até a audição ser sondada). Isto não deve ser confundido com memória direta. Memória direta consiste do preclaro ficar em tempo presente com os olhos bem abertos, e ser-lhe pedido para recordar certas coisas que lhe foram ditas e feitas durante a sua vida. Não lhe é pedido para retornar a estes incidentes. Apenas lhe é pedido para reconhecer a sua existência. Não lhe é mandado aceitar o facto que tais incidentes existiram, e a ajuda dada aos seus mecanismos de memória deve ser mínima.

O auditor pode ter um preclaro com dificuldade de se lembrar de ontem, para não falar do tempo em que tinha dois anos de idade. O auditor pode estar seguro que tendo trabalhado este caso o bastante para restabelecer uma quantidade considerável de teta convertido de enteta, o preclaro poderá recordar coisas que nunca foi capaz recordar antes, pois uma das primeiras coisas a melhorar no Processamento de Dianética é a memória. Quando um auditor tem um preclaro com dificuldade de lembrar, deve ter o cuidado de começar com coisas relembráveis. Se o preclaro diz abruptamente que não pode lembrar coisas, é com o auditor encorajar e validar a memória deste preclaro. Se o preclaro diz “não posso lembrar nomes”, o auditor diz, “Bem, qual é o nome do teu sócio?” O preclaro diz, “Oh, o nome dele é o João!” O auditor provou ao preclaro que o preclaro pode lembrar pelo menos um nome. Se o preclaro está em tão má condição que nem sequer pode lembrar isto à vontade, o auditor diz “qual é o meu nome?” O preclaro, tendo acabado de ouvir o nome do auditor, pode ser capaz se lembrar dele com facilidade. Se ele não puder, o auditor diz “qual é o teu nome?” O preclaro diz-lho e o auditor diz “estás a ver, tu podes lembrar um nome. Agora vejamos se podes lembrar outros”. Deste modo, o preclaro pode ser ajudado a lembrar, dos incidentes ou factos mais óbvios, a incidentes cada vez mais obscuros. Este é o progresso comum da memória direta. Começar por lembrar o óbvio para finalmente poder lembrar o aberrativo.

Todo um método de processamento pode ser derivado da memória direta. Tempo gasto em memória direta é normalmente bem gasto. A memória direta também poderia ser considerada um par de andas pelas quais o preclaro, persuadido a lembrar incidentes cada vez mais tarde na vida dele, pode ser trazido de novo até ao tempo presente. Que a memória direta liberta teta ou converte enteta para teta, está fora de questão. Contudo, é um processo bastante longo, comparado com sondar elos, por exemplo. Por isso, a memória direta só deve ser usada como indicado no quadro ou para trazer o indivíduo até tempo presente ou por auditores que estão com tanta pressa, que têm só alguns minutos para tentar libertar um preclaro de algum somático específico ou aberração.

A regra primária da memória direta é esta: seja o que for que o preclaro pense que está errado com ele, com a família dele, com o seu grupo ou

género humano, vida ou MEST, foi geralmente dito ao preclaro por outrem num período anterior da sua vida. Isto, claro está, é modificado pelo facto da as coisas poderem estar erradas nestas várias dinâmicas, as quais são observações perfeitamente racionais. O auditor está à procura de convicções irracionais sobre estas coisas.

A segunda regra sobre memória direta é que o preclaro, pelo menos neste momento, está cercado de indivíduos muito aberrados, e está assim desde a conceção. É sintoma de aberração em qualquer indivíduo, ele agir sob efeito dos seus engramas, e dramatizar esses engramas. Por isso, há uma consistência de comportamento. A regra dura da prática é que se uma pessoa aberrada diz algo uma vez, ela o dirá centenas ou milhares de vezes. Uma vez isolado o facto de que um certo indivíduo no passado do preclaro, por exemplo, se queixou do estômago, você terá descoberto uma cadeia inteira dessas queixas, e terá lugar uma conversão de enteta para teta neste assunto.

Através de memória direta, pode facilmente descobrir-se a pessoa dominante ou os indivíduos destruidores da família do preclaro. Dos indivíduos dominantes, os que tentaram dominar e controlar os outros à sua volta, o preclaro terá recebido frases circuito que são frases de controlo no seu banco. Ele terá recebido das pessoas destruidoras a frases de anulação. O auditor, localizando estas pessoas e as suas declarações habituais, encontra os circuitos do preclaro.

Essas coisas encontradas nos elos de um preclaro encontram-se normalmente nos seus engramas. Por isso, se encontrarmos a mãe aos dez anos do preclaro a dizer “os Homens não são bons”, podemos esperar encontrar a mãe logo após a conceção do preclaro fazer a mesma observação num engrama. Se descobrirmos o elo por memória direta, podemos então encontrar o engrama.

Surgem em memória direta dificuldades em casos, em que o preclaro não foi criado pelos seus próprios pais. Um preclaro cujos pais morreram logo após o seu nascimento, não tem no seu período pós-fala as mesmas frases que estão no seu engrama anterior. Um elo tem que ter um engrama abaixo dele para existir, mas aqui o auditor é confrontado com uma pessoa cujos elos, no que se refere a frases, não condizem com os engramas. Isto pareceria à primeira vista uma condição afortunada para o preclaro, uma vez que os engramas nunca seriam repetidos no que se refere ao tom de voz ou conteúdo, mais tarde na vida do preclaro.

Mas qualquer outra coisa muito importante para o preclaro foi aqui interrompida, o cuidado dos pais. Não parece haver qualquer substituto para a proximidade e cuidado dos próprios pais. Os preclaros que foram criados por enfermeiras e empregados, não mostram a mesma agilidade dos que foram criados pelos próprios pais.

Os preclaros que foram criados por pais adotivos, não importa a qualidade desses pais adotivos, não parecem estar tão bem como os que foram criados com relativa indiferença e desafeição pelos seus próprios pais. Há aqui mais do que a produção biológica de organismos novos, e a afinidade do pai pela criança, mesmo quando nublada por maus tratos à criança, é aparentemente superior aos cuidados que não dos pais da

criança, mesmo quando estes são quase ótimos. Por isso a quebra da relação pais/criança depois do nascimento, é uma quebra mais sólida de afinidade, realidade e comunicação do que a soma dos elos que ocorreriam no caso habitual mais tarde na vida. Isto não é teoria, mas uma observação de muitos casos, uma vez que nenhum caso processado até agora criado por empregados em vez dos pais, estava tão alto na escala de tom como os casos que tinham sido criados por pais indiferentes, muito menos os que tinham sido criados por pais que os amavam com carinho. Para pseudocientistas russos pelo contrário, há mais do que biologia e ambiente. Treinar mulheres extensivamente em economia política, simbologia ou a cuidar e limpar armas, não é conducente a uma sã geração vindoura.

A memória direta, como técnica, toca sete tipos de incidentes: a imposição de afinidade, comunicação e realidade, por comando; a implantação de circuitos; e a inibição de afinidade, comunicação, e realidade, por comando.

A afinidade, comunicação e realidade existem como existem, sob autodeterminação do indivíduo. O que está errado com o preclaro é o que foi feito ao preclaro, não o que ele próprio fez. Basicamente, a intenção é que o homem sobreviva como organismo*. Um indivíduo que foi sujeito a afinidade, realidade e comunicação forçadas, tem uma autodeterminação interrompida. Por afinidade, realidade ou comunicação forçadas queremos dizer a exigência que o indivíduo experimente ou admita afinidade, realidade ou comunicação, quando não a sente. A criança que foi forçada a “amar” um dos pais ou o tutor quando não sentia aquele amor, mas sim forçado a admiti-lo, foi sujeito a uma afinidade forçada. Isto é aberrativo. A esposa continuamente sujeita às exigências de um marido baixo de tom a quem ela diz amar quando não o ama, e que ainda por cima cede a esta exigência, foi sujeita a afinidade forçada. Pessoas mais baixas de tom do que o preclaro é comum comandarem a sua afinidade, e quando a afinidade é dada mas não sentida, são formados elos totalmente perturbativos, se houver engramas por baixo de tal imposição.

Que criança é que não teve sobre ela realidade forçada que não sentia? Foi-lhe dito que era muito importante ir para a escola, quando ela própria não tinha razão suficiente para acreditar nisso. Na sua limitada esfera de experiência, ela vê que é desejável brincar, dormir, ter sol, comer, ter amigos e estar em harmonia no seio da família, mas não vê necessidade de estudar. Quase todo o liceu é uma realidade forçada. O adulto pode ver que é necessário que a criança tenha algum comando dos “três básicos” (ler, escrever e contar), mas a criança não concordou com isto. O acordo foi forçado e por isso são formados elos aberrativos em cima de qualquer engrama existente. A escola está muito longe de ser a única realidade forçada. Sempre que uma pessoa é obrigada pela força ou ameaça ou privação a concordar com outra realidade e ela própria não sente essa realidade, existe uma condição aberrativa. Quando estão presentes engramas que podem ser restimulados por esta situação, uma certa quantidade de teta é apanhada como enteta. A mais insidiosa de todas estas

* O assunto da modificação do organismo pelo corpo teta está muito longe de ter sido investigado. Esta reserva acerca da possibilidade de corpos enteta, tem que ser incluída nesta observação, por questões de honestidade científica.

realidades forçadas, é quando o indivíduo sabe a verdade ou lhe é dita a verdade e ser então obrigado a confessar que o que ele sabe ser verdade é uma mentira. Ele disse que o caso é tal-e-tal, e então cede à exigência de negar esta afirmação. Isto acontece muito comumente com as crianças, e forma elos graves. Sempre que um indivíduo é forçado a concordar com algo com que, deixado à sua própria razão, jamais concordaria, é formado um elo onde existem engramas subjacentes.

A comunicação forçada é produtora de todas as formas de aberração e mudanças fisiológicas no indivíduo. Está claro que qualquer elo tem que ter um engrama por baixo, mas é bem certo que o que o pai diz no elo já foi dito num engrama anterior no caso. A comunicação inclui, é claro, todos os percéticos, assim como conversação e mensagens, e quando um indivíduo é forçado a olhar para algo que a sua autodeterminação lhe diz não dever olhar, a sua visão é prejudicada até certo ponto. Quando ele é forçado a ouvir algo que vulgarmente não ouviria, se deixado à sua própria determinação, a audição é naquela medida prejudicada. Quando ele é forçado a tocar algo que vulgarmente não tocaria, o tato dele é prejudicado por isso. Quando ele é forçado a falar quando a autodeterminação dele diz que deve permanecer calado, a sua comunicação falada é prejudicada. Quando ele é forçado a escrever quando vulgarmente não iria escrever se deixado aos seus próprios desígnios, a sua capacidade de escrever ou comunicar mensagens é prejudicada por isso. São comunicações forçadas, e na presença de engramas, tornam-se elos muito aberrativos.

Os circuitos ocupam uma coluna posterior. Mas qualquer circuito é simplesmente uma frase “tu” de controlo ou anulação, que faz o indivíduo computar diferentemente do vulgar, e que empareda uma certa porção do analisador para ser usado contra o indivíduo. Por exemplo, um circuito pode ser crítico, para que os pensamentos críticos ocorram ao indivíduo sempre que ele pensa ou age. O circuito “tenho que te proteger de ti próprio” pode emparedar uma porção grande da mente. O indivíduo desta sociedade, está cercado de pessoas que, ou dominariam ou anulariam, sendo por isso formados muitos elos tipo circuito, em que as pessoas estão, através da frase “tu”, a tentar dominar ou invalidar o indivíduo. É claro que só podem existir elos quando existem engramas, logo estes são normalmente recebidos na forma mais aberrativa, dos seus pais, tutores e outros indivíduos próximos do início da vida da pessoa, onde a maior parte dos engramas é recebida. Os circuitos são bastante peculiarmente resolúveis por meio de fio direto. Quando um auditor toca num circuito durante o percurso de um engrama, muito de vez em quando, todo o engrama se apaga ou aparece um víscio estranho. Quando o auditor toca num circuito num engrama, pode esperar que o preclaro salte do controlo do auditor para o controlo de algum passado, e até de frases mortas do indivíduo. Os indivíduos que andam a auditar-se a si próprios e a correr engramas e frases ad-infinitum estão a fazê-lo por causa de circuitos. Indivíduos cujo banco não pode de maneira nenhuma ser penetrado, estão nessa condição por causa de circuitos que barram o auditor. Através de memória direta, é possível descobrir os indivíduos dominantes ou anuladores na família, e assim recuperar os circuitos dominantes ou anuladores na forma de elos. Uma vez estes elos “estoirados”, os engramas que contêm estes circuitos são até certo ponto descarregados. Além disso,

o auditor é prevenido do que poderá encontrar no banco de engramas do indivíduo. Todo o caso é até certo ponto um caso de controlo, quer dizer, um caso com circuitos de um ou de outro tipo. Uma das melhores maneiras de descobrir os circuitos do preclaro é dar-lhe fio direto nas declarações das pessoas que o cercavam nos primeiros tempos de vida e infância.

É interessante notar, a propósito de circuitos, que à medida que baixam na escala de tom, as pessoas que se encontram em níveis mais baixos, estão mais cercadas por indivíduos dominantes e anuladores. Por isso o fio direto se torna tanto mais indicado quanto mais em baixo na escala de tom, para uma localização e rebentamento dos elos de circuito.

A inibição de afinidade, comunicação e realidade, não é menos séria que a sua imposição.

A inibição de afinidade ocorre quando uma desejável semelhança do preclaro para com outra pessoa é negada ou rejeitada ou quando o amor e afeto do preclaro são rejeitados. Na presença de engramas subjacentes, é criada considerável turbulência por estas anulações de afinidade. A esposa a quem é comumente respondido “tu não me amas”, todas as vezes que tenta expressar o seu afeto, está a sofrer uma inibição de afinidade. O indivíduo a quem é dito que ninguém no gabinete gosta dele, está a sofrer uma inibição de afinidade. A pessoa que é rejeitada de um grupo por causa de alguma falha ou outra coisa qualquer, experimenta uma quebra maior de afinidade. Quando essas quebras de afinidade estão por cima de engramas, o que acontece comumente, tornam-se altamente aberrativas e servem para carregar os engramas de forma considerável. O fio direto, alcançando esses incidentes, pode aliviar o caso de turbulência considerável. O indivíduo a quem não é permitido sentir-se amado ou que pode amar, a pessoa a quem é negada qualquer área de concordância com o universo, com o homem, com o seu grupo ou família ou até com ele próprio, está a sofrer uma inibição de afinidade.

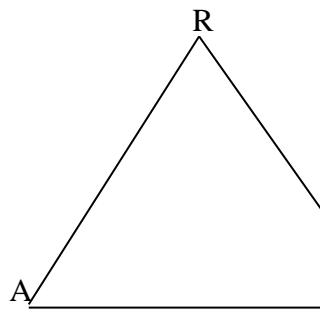
A inibição da realidade requer atenção considerável. Deixada ao seu próprio desígnio e raciocínio com os próprios dados, o indivíduo decide o que é realidade para ele, e com que ele pode concordar. Quando é informado que não pode concordar com as coisas que ele pensa dever concordar, sofre uma inibição de realidade. Quando há engramas por baixo disto, estes elos podem ser muito sérios, e prender considerável quantidade de teta como enteta, num caso. Poderia dizer-se que é a mais séria influência em reduzir o indivíduo na escala de tom; a inibição da realidade do indivíduo. Isto é invalidação, e invalidação é a mais séria quebra do código do auditor. O que uma pessoa, pela sua própria observação, veio a crer real, torna-se então parte das conclusões e observações que ela usa para guiar as suas ações futuras, e para se avaliar a si própria a respeito do seu ambiente. Um súbito desafio ou negação da realidade destas conclusões, surge como um choque severo para o indivíduo quando baseado em engramas, e abala a sua realidade aconteça o que acontecer. A realidade de um indivíduo pode ser tão completamente abalada, que terá dúvidas em qualquer coisa que faça ou diga, uma vez que ele não está seguro das suas conclusões. A realidade com a afinidade e a comunicação, é um básico nas computações que um indivíduo faz a respeito dos cursos que deve tomar na perseguição da sua própria sobrevivência. A realidade

das crianças é muito vulgarmente ameaçada ou despedaçada pelos pais. A criança tem muito poucos dados com que avaliar o seu ambiente atual, e projetar o futuro. Em comparação com as conclusões de que ele deve sobreviver, de que precisa de comida e roupa e abrigo, e de que precisa de afeto, a cultura aberrada na qual nasce, é frequentemente uma realidade muito estranha para ele. Os adultos concordaram com esta cultura, mas este acordo não é vulgarmente o mais sensato, e a criança é frequentemente enfrentada com realidades que são para ela, lidando na base em que lidam, bastante irreais. Por isso, as crianças estão continuamente em desacordo. O bebé acredita que deve ter o seu próprio controlo de MEST, que lhe devia ser permitido rastejar à vontade, o que é o seu domínio de espaço, que deve poder levar o seu tempo com o que está a fazer, o que é a sua conquista de tempo, e que deve poder gastar a energia na direção que desejar, o que é o seu controlo de energia, e deve poder pintar a manta e fazer o que quiser com matéria como lama, e jarrões preciosos das mesas. A criança não sabe que estas coisas são feitas para ser de outro modo valiosas na sociedade, e assim lhe é continuamente negada a sua conquista do MEST. Nenhuma negação é tão aguda como a negação da realidade. Ninguém evidentemente concorda com a criança. E assim, muito cedo na vida, um grande número de elos começa a crescer sobre os engramas básicos do caso. Mas a discordância da realidade não é limitada à infância. Ao longo da vida, o indivíduo que concordou com ele próprio sobre certas realidades é continuamente desafiado na sua realidade pelos que o rodeiam, particularmente os que estão mais abaixo do que ele na escala de tom, que procuram ganhar importância reduzindo a realidade desse indivíduo, reduzindo por isso o indivíduo na escala de tom a um ponto onde ele possa ser mais facilmente controlado. Então, declarações que tendem a invalidar as conclusões de uma pessoa da realidade sobre a sua própria relação com a cultura e ambiente, são muito aberrativas.

Inibições de comunicação são muito comuns. Elas manifestam-se mais vulgarmente nesta sociedade com óculos, aparelhos auditivos, anestesia táctil, em gagos e em pessoas que não escrevem cartas ou passam mensagens. As quebras de comunicação, no lado da inibição, veem da negação da capacidade de uma pessoa para ver, sentir, ouvir, uma negação do direito de uma pessoa para falar ou ouvir, por outras palavras, negações do direito de uma pessoa para comunicar. Estas manifestam-se, quando baseadas em engramas em termos de relações inibidas com os companheiros, e uma posição inferior na escala de tom.

O sistema de realejo de fio direto, leva em conta todos os dados acima, e põe em existência um método pelo qual o auditor pode explorar cada pessoa que está à volta do preclaro. Nós já falámos do triângulo da Dianética, afinidade, realidade e comunicação. O auditor trabalha baseado no princípio de que um dado desejado da memória do preclaro pode não se apresentar hoje, mas se pedido outra vez dentro de um dia ou dois, pode aparecer, e se não, então, pode estar disponível dois ou três dias depois. O auditor faz uma lista de todas as pessoas que cercaram o preclaro: pai, mãe, tias, tios, tutores, enfermeiras, avós, bisavós, professores, irmãos, irmãs, empregador e subordinados, assim como colegas. Existem dois triângulos e dois circuitos para cada uma destas pessoas. O preclaro não precisa saber disto. O auditor pode muito simplesmente fazer um plano de perguntas que

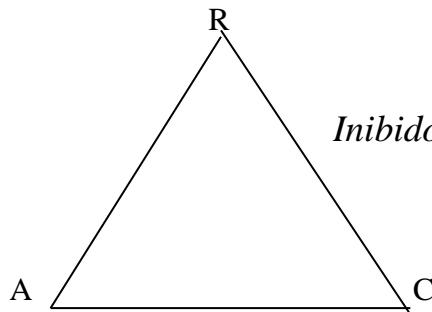
então lhe permite, nos seus pedidos de memória de certos elos, cobrir o terreno várias vezes e cada vez com novas pessoas, repetindo perguntas feitas sobre pessoas mencionadas em sessões anteriores. Por outras palavras, esta é uma folha que o auditor pode usar a fim de analisar o caso e estoirar, se possível, elos de ARC forçado, ARC inibido e circuitos. Por exemplo, o auditor desenha um triângulo e um canal, uma linha recta para o pai, e rotula estes de “forçado” e “anulado”. Então desenha outro triângulo e outro canal, e rotula-os de “inibido” e “invalidado”. Então faz um gráfico semelhante



Forçado

Dominador

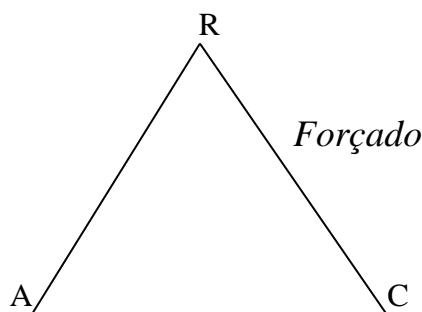
Pai



Inibido

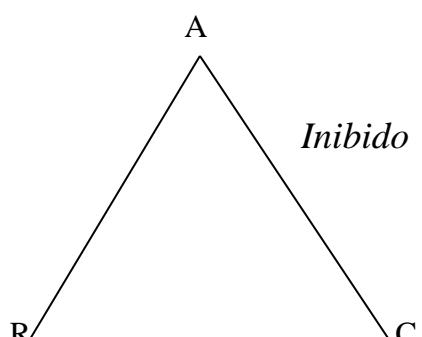
Nulificador

Mãe



Forçado

Dominador



Inibido

Nulificador

SISTEMA DE REALEJO

para a mãe e para todas as pessoas intimamente relacionadas com a vida do seu preclaro.

O sistema de interrogatório é então descobrir quando o pai forçou afinidade, quando o pai forçou realidade, quando o pai exigiu mais alta comunicação e quando o pai procurou dominar. Ele faz as perguntas sobre o triângulo e a abertura. Ele descobrirá que o preclaro pode ou não ter certas memórias imediatas relativas à conduta do pai e frase favorita. O auditor procede então ao triângulo de inibição e canal de anulação. Ele pergunta quando o pai inibiu ou recusou afinidade, quando ele inibiu ou recusou realidade ou acordo, quando ele inibido ou recusou comunicação e quando e se o pai tentou invalidar o preclaro. Na mesma sessão, o auditor continua com a mãe e outras pessoas, com o mesmo plano.

Porque a memória do preclaro pode ser refrescada por este procedimento, o auditor não abandona o pai depois de uma sessão, mas continua com o pai por três ou quatro sessões em memória direta, e faz um jogo semelhante de perguntas na próxima sessão. Quando é que o pai forçou afinidade, exigiu que fosse amado, exigiu afeto? Quando é que o pai exigiu acordo? Quando é que o pai exigiu comunicação? Quando é que o pai tentou dominar? Quando é que o pai tentou cortar ou inibir afinidade? Quando é que o pai tentou cortar ou inibir realidade? Quando é que o pai tentou cortar ou inibir comunicação? Quando é que o pai tentou invalidar? O auditor vai então para a mãe ou alguma outra pessoa.

Fio direto sistematizado virará assim uma quantidade enorme de material. O sistema de realejo foi criado para que o auditor não tenha que manter longas folhas de perguntas.

É o plano geral de perguntas. As perguntas não precisam de ser sempre as mesmas, mas a sua implicação geral deve incluir este plano. Deste modo, podem ser contactadas as formas mais aberrativas de enteta em elos, por meio de memória direta, e sessão após sessão, o material do preclaro fica mais amplo, e a sua memória melhora progressivamente.

O problema de valências também é resolúvel em termos de memória direta. Acontece frequentemente que o preclaro está a sofrer de alguma desordem física, que pode ser libertada por memória direta, de acordo com o seguinte. Se o preclaro tem uma dermatite das mãos, poderia descobrir-se que alguma pessoa nos antecedentes do preclaro teve dermatite ou alguma doença ou lesão nas mãos. Esta pessoa pode ser localizada, e descoberto algum comando de elo que provoque no preclaro a doença da pessoa. Isto encontra-se frequentemente num preclaro que perdeu um aliado. Este caso é elucidativo. Quando a avó do preclaro morreu, tinha cancro das mãos. O preclaro estava a sofrer de dermatite das mãos. Foi descoberto que tinham sido feitas muitas observações pelos parentes, sobre como a avó era igual ao preclaro. Esta semelhança foi seguida tão de perto pelo preclaro, que tentou desenvolver o cancro das mãos, o qual se manifestou como dermatite.

O problema das valências é apenas um problema de aliados e antipatias. O preclaro pode muitas vezes estar na valência de alguém normalmente odiado. Ele é forçado por comandos de elo de pessoas que lhe dizem coisas como “tu és tal e qual o teu pai. Estás cada dia mais parecido com ele, e

quando cresceres não será bom”. Por causa deste comando, o preclaro pode não ser capaz de deixar de se odiar a si próprio, uma vez que ele foi forçado para a valência de uma pessoa que é odiada e que ele odeia. A memória direta pode frequentemente solucionar este problema, meramente perguntando com quem o preclaro deveria parecer-se mais, e qual a sua atitude geral para com essa pessoa.

É vital em memória direta alcançar o verdadeiro contexto do verdadeiro incidente de cada memória. A primeira punhalada do preclaro no banco de memória será um sentimento vago de que havia tal incidente, e que alguém disse algo assim. Isto não é suficiente. O auditor tem que fixar o preclaro num incidente específico, e nas palavras desse incidente. Se isto não for possível na primeira sessão, será possível numa sessão posterior. Até ser alcançado, o elo não rebentará. Um bom truque para levar um preclaro a recordar um incidente específico, é perguntar ao preclaro se tal incidente existe e então, quando vagamente afirma que deve existir, perguntar-lhe onde estava, sentado ou em pé, quando ouviu alguém dizer isso. O preclaro pode corrigir logo o auditor dizendo que estava deitado ou a andar, e assim terá recuperado dados. Há um certo desafio que o auditor pode usar em memória direta. Ele põe o preclaro à prova. Se isto não for levado muito longe, age como fator muito estimulante para o preclaro.

É bastante notável quantas desordens “psicossomáticas” e aberrações a memória direta pode solucionar, depois do auditor ter um pouco de prática. Ele pode de facto tirar o seu preclaro de alguma valência crónica, libertá-lo de alguma aberração, trazê-lo até tempo presente, e em geral elevá-lo meramente na escala de tom, fazendo as perguntas certas.

O auditor não deve limitar-se ao sistema de realejo fio direto. Isto só é dado para aliviar o máximo de enteta no mínimo de tempo. O auditor pode usar consideravelmente a sua imaginação a respeito do que deve ter sido dito ou feito a este preclaro. O auditor pode abrir proveitosamente qualquer sessão perguntando: “Bem, com que é que hoje está preocupado?” Quando o preclaro lhe diz, o auditor quer saber quem nos seus antecedentes poderia ter pensado isso, e às vezes resulta que o preclaro pode localizar imediatamente o que no passado foi dito parecido com a preocupação que tem agora, e se os dois são causa e efeito, o preclaro ficará imediatamente livre da preocupação. É bastante notável a rapidez com que isto pode ser feito.

Quando o preclaro recupera um elo com considerável enteta, ele normalmente ri ou sorri. O preclaro que não reage deste modo, pode ainda ter um pouco de enteta do elo, mas quando o preclaro não sorri, a possibilidade é que exista um elo anterior semelhante. Assim, quando o preclaro é levado a lembrar algum incidente antigo e ainda assim não experimenta alívio, embora devesse pela natureza do incidente e seu carácter oculto, o auditor faz bem tentar descobrir algum incidente anterior semelhante ao que pessoa recordou. O princípio aqui é descobrir, se possível, a sintonia, a primeira vez que o engrama subjacente foi restimulado.

A memória direta também é usada para descobrir um certo tipo de incidentes cujos elos podem ser sondados. O preclaro, dirigido a um certo

tipo de comando de circuito no caso, pode não experimentar muito alívio por fio direto. Mas agora que o auditor sabe que este tipo de circuito existe, ele pode mandar o preclaro sondar os elos do circuito retornando à primeira vez que pôde descobrir, sondando todos os incidentes semelhantes até tempo presente. Assim, a memória direta é combinada com sondagem de elos, o que é de facto uma memória de alta velocidade mais do que um retorno através de elos.

Nenhum auditor se deve sentir desconfortável ao usar qualquer quantidade de memória direta. Acontecerá, contudo, que um auditor obtendo alívio no preclaro por memória direta, e retornando então o preclaro para baixo na banda para um incidente que é então corrido, depois de o trazer para cima na banda, verá que o alívio que tinha sido alcançado antes, agora aparentemente desapareceu. Isto ocorre porque ao retornar foi criado um elo de tempo presente. Mandando o preclaro meramente recordar o seu próprio ato de retornar ao incidente, uma vez em tempo presente, deve restabelecer o seu aprumo e equilíbrio.

Os benefícios de memória direta são muitos. A duração destes benefícios está em causa. Através de memória direta de momentos de prazer ou da primeira vez que a pessoa teve uma certa doença, pode aliviar enxaquecas, dores de estômago, preocupações e ansiedade. Isto não significa que o efeito seja permanente, como seria o caso quando o engrama básico é corrido. Mas a memória direta é a diabrura do auditor. Em qualquer grupo de pessoas pode sempre achar pelo menos uma que pode fazer mais feliz simplesmente com algumas perguntas hábeis. O auditor que usa memória direta para este propósito, também deve desenvolver a técnica do atirador que quando acerta no alvo, é inteligente bastante para colocar imediatamente a arma de lado. Uma vez que o auditor alcançou um efeito espetacular por memória direta, deve deixar o caso em paz por essa sessão, a menos que, está claro, ele esteja num progresso regular para subir a escala de tom com o seu preclaro.

A memória direta é uma técnica que deve ser estudada e praticada com considerável alerta sobre o benefício que pode trazer. Nenhum auditor deve cair na rotina de acreditar que, recordar simplesmente o passado, pode fazer muito pelo preclaro. Recordar elos causativos específicos, pode contudo produzir uma mudança marcada e uma melhoria num indivíduo. A memória direta não é livre-associação nem uma divagação fortuita; é uma técnica de precisão, e deve ser estudada e deve ser usada como tal.

CAPÍTULO OITO

COLUNA AD

Momentos de Prazer

A definição de prazer em Dianética é que o organismo que tende para a sobrevivência obtém prazer com ações de sobrevivência, e na busca de metas de sobrevivência. No organismo abaixo de 2.0, que tende para a morte, há um prazer reativo no desempenho de actos conducentes a sucumbir em qualquer dinâmica. Por outras palavras, acima de 2.0 prazer é sobrevivência, e abaixo de 2.0 o prazer só é obtido sucumbindo ou trazendo a morte a outras entidades, ou provocando supressão na escala de tom, a si próprio ou a outras entidades.

O verdadeiro prazer conduz à felicidade. O “prazer” que tende para a morte é uma falsificação reativa, mas parece intensamente válido para os da área da morte na escala de tom.

Poderia dizer-se que felicidade é superar obstáculos, não desconhecidos, para uma meta conhecida e desejável.

Isto postula que a maior felicidade é a maior aproximação da imortalidade. Um bom emprego, capacidades peritas, colheitas abundantes, posses, são metas. Existem muitas metas finitas para o homem feliz cada dia da semana, assim como as grandes metas para as quais ele dirige os seus esforços. A felicidade não vem de conseguir as metas, mas de superar obstáculos a caminho dessas metas. Prazer e imortalidade são sinônimos próximos para os indivíduos acima de 2.0 na escala de tom. Existe uma escala gradiente dos tipos de prazer desfrutados pelos que estão acima de 2.0. Parece evidente que a pessoa em 2.5, tem na verdade prazer em estar aborrecido, mas sobe para níveis mais altos quando o interesse se concentra nalguma meta não fora da compreensão do 2.5.

O 3.0 tem prazer em alcançar metas muito claramente observáveis. O 3.0 aceita o prazer cuidadosa e experimentalmente, mas não obstante desfruta-o. Os seus prazeres são capazes de ser rotineiros e relativamente sem imaginação.

O 3.5 tende para metas mais altas de sobrevivência, e tem confiança em alcançar essas metas. Ele pode abranger níveis de maior sobrevivência. Ele pode ver que a sobrevivência, como simples processo de nível de necessidade é insegura e intolerável, e que se todas as computações demonstram que ele precisa de dois alqueires de trigo por mês para comer, então ele tem que arranjar vinte alqueires de trigo por mês. O seu prazer é vasto e ambicioso.

O 4.0 alcançam uma alegria considerável. O seu conceito de sobrevivência é tão abundante e tem ainda tanta confiança na sua capacidade para alcançar esse nível de sobrevivência, que pode pegar num universo de metas e, dentro dos limites da sua perícia e talento, realizá-las.

Aqui temos uma manifestação definida de atitudes em direção às metas, magnitudes de metas e a capacidade de atingir e desfrutar de prazer. Nenhum homem é feliz sem uma meta, e nenhum homem pode estar contente sem fé na sua própria capacidade para alcançar essa meta. A forma mais alta de segurança é a confiança em si próprio, no futuro, no grupo e no género humano. Sem tal confiança, e sem desejar fazer as várias dinâmicas sobreviver, um indivíduo não tem segurança. Aquela pessoa que mede a sua segurança em termos de um bom emprego, encurta de propósito a sua visão sobre a verdadeira insegurança da sua posição. Um homem que trabalha para uma organização que pode durar muito tempo ou ser transitória, de acordo com a doutrina popular, é seguro. E ainda assim ele pode trabalhar até já não ser adaptável, e encontrar-se de súbito sem trabalho por causa da simples troca repentina de um quadro de diretores, ou por causa do antagonismo de um capataz. A segurança consistiria de este homem poder adaptar-se ao seu ambiente, de estar preparado para qualquer possível mudança nos fatores que influenciam o seu trabalho, e de ter confiança na sua capacidade de enfrentar e lidar com qualquer possível mudança. A segurança não é uma coisa estática. A segurança assentaria na confiança de um homem alcançar as suas metas, e de facto em ter as suas metas para alcançar.

Existem metas automáticas inerentes ao plano da vida. A conquista de MEST, a sobrevivência do corpo teta, fé na imortalidade e Ser Supremo, são metas automáticas de alto nível. Elas existem potencialmente em toda a gente, mas a quantidade de enteta inerente ao corpo teta acumulado na geração, pode levar o indivíduo ou o grupo a ficar longe de qualquer realização da sua capacidade para atingir estas metas. Quanto mais enteta existe no corpo teta acumulado na geração, mais baixo ou menos razoável serão as metas do indivíduo ou grupo.

Sem metas, esperança, ambições, ou sonhos, a consecução do prazer é quase impossível. Muitos indivíduos não reparam nisto, e embora capazes de estabelecer metas e perseguir essas metas, eles permitem que pessoas baixas de tom à sua volta, não só minem a sua confiança na sua própria capacidade para atingir segurança e sobrevivência, mas também lhe neguem o direito de formular e lutar por metas de magnitude desejável.

Nos mais baixos níveis da escala de tom, encontram-se os indivíduos que de propósito entabulam, transtornam, destroem e com grande ardor inibem as metas, esperanças e sonhos dos que os rodeiam. Aqui temos os indivíduos de 2.0 para baixo. Estes têm metas não menos definidas do que as metas de sobrevivência acima de 2.0. É lamentável e terrível que os indivíduos acima de 2.0 gastem vastas quantidades de solicitação e persuasão nos companheiros, parceiros e membros do grupo abaixo de 2.0, num esforço para os levar para metas de sobrevivência. Os indivíduos que se ocupam desta atividade são imediatamente alvos para os que estão abaixo de 2.0, uma vez que estes veem nos indivíduos mais altos um método de favorecer as suas próprias metas; e a meta de 2.0 para baixo é a morte.

Um exame da anatomia da morte demonstra que a morte pode ser uma pequena ou uma grande coisa. A morte é de facto uma escala gradiente. Pequenos infortúnios e acidentes podem tender para cada vez mais

acumulação de infortúnios e acidentes, até a morte de uma ambição, a morte de um indivíduo, a morte de uma causa ou a morte de um grupo ser atingida. Eis a história: “Por falta de um cravo perdeu-se a ferradura, por falta de uma ferradura perdeu-se o cavalo, por falta de um cavalo perdeu-se o cavaleiro, por falta de um cavaleiro perdeu-se a batalha, e tudo por falta de um cravo de ferradura”. A morte vem de pequenas coisas e prossegue para grandes coisas.

A morte vem em pezinhos de lã. Hoje um homem faz um erro flagrante em contabilidade. Ele fá-lo porque a esposa o importunou a noite anterior. Amanhã o superior dele acha o erro e anota que o guarda-livros nem sempre é rigoroso. Em si mesmo isto não é nada. Mas no mês seguinte, quando um guarda-livros tem que ser despedido, lembra-se daquele cometeu um erro, e sendo todas as outras capacidades mais ou menos iguais entre os guarda-livros, é despedido o que fez o erro. Sem trabalho, o guarda-livros encontra-se ainda mais perturbado em casa, e passa algum tempo à procura de um novo emprego. Aceita um emprego abaixo da sua capacidade num escritório onde tudo está agitado, e comete mais erros porque agora está preocupado. Isto é um pouco de morte.

Há esses que falam de “marés de azar” e da “obra do destino” nas suas empresas, mas um exame direto ao campo das atividades do homem, mostrará que quase todo o sucesso é bem merecido. O mentor de um imponente instituto de psicologia numa importante cidade americana, disse-me recentemente que quando iniciou a sua profissão estava até certo ponto convencido que o capitalista, o grande gerente industrial, o diretor da grande corporação, tinham chegado onde chegaram devido a avareza e negligência dos sentimentos dos outros.

No decurso dos muitos anos ele tinha, contudo, tanto pela sua própria mão como do seu pessoal, realizado testes psicométricos industriais de muitas organizações, e com este trabalho teve a oportunidade de testar um grande número de capitalistas, gerentes, diretores e gigantes industriais da América. Ele viu em cada caso que “os que estavam no topo o mereciam muito”. Ele descobriu que a dotação destes indivíduos incluiu uma rica apreciação da vida, um grande sentimento para com o seu semelhante, uma persistência enorme, uma inteligência para planear e executar. Ele tinha descoberto que o mundo é levado ás costas de alguns homens desesperados, mas muito grandes. E ele descobriu que a sorte não era por acaso.

Os indivíduos acima de 2.0 na escala de tom têm uniformemente sorte. Há teta para além do que a vista alcança. Eis os homens a quem Deus sorri.

Abaixo de 2.0 temos o azarado. Pode com alguma segurança dar-se a uma pessoa alta na escala de tom alguns dólares, e esperar que ela saia vencedora em Las Vegas. E pode esperar-se que, dados os mesmos dólares a uma pessoa baixa na escala de tom, ela saia do jogo muito perdedora. Acima de 2.0, o indivíduo joga para ganhar. Abaixo de 2.0, o indivíduo joga uniformemente para perder. E o indivíduo abaixo de 2.0, joga não só para ele perder; ele joga para toda a gente perder, à sua volta e no futuro.

Faz parte do mecanismo de morte que os indivíduos abaixo de 2.0 falem como se jogassem para ganhar, falem da necessidade desesperada de

economizar e ganhar, falem de emergência com a qual esperam ganhar. Tudo isto faz parte da armadilha. Dadas todas as oportunidades e todas as facilidades e todas as circunstâncias com que podem ganhar, as pessoas abaixo de 2.0 injetarão em todos os planos o germe da morte, e agindo sempre tão razoavelmente, permitirão que aquele germe cresça até a morte ser atingida para o indivíduo, para os parceiros, para o futuro, ou para a organização. Um Hitler grita a sua ira ao mundo e instiga toda a Alemanha com o argumento de glória, e ainda assim, por meio de erros não muito misteriosos, leva para a morte as esperanças da Alemanha. Ele faz da Europa um ossário, sacrifica trinta milhões de seres humanos, ele próprio se suicida, e extingue as esperanças da sua nação. Ainda assim, muitas vezes no decurso das atividades 1.5 de Hitler, ele poderia ter convertido a Alemanha na glória do mundo. De facto, antes de ter começado a fabricar nada mais que munições, ele tinha reavivado a ciência alemã ao ponto de ser respeitada acima da ciência de qualquer outra nação. Pelo simples e direto recurso da Alemanha se ter tornado vital à sobrevivência das outras nações, a Alemanha poderia ter crescido em glória. Mas em nenhum momento, quando a Alemanha se poderia elevar, Hitler tomou a direção da sobrevivência. Em vez disso escolheu o caminho da morte.

Este drama nem sempre é representado no palco das nações. Acontece em muitas casas. É uma coisa patética e terrível encontrar um homem casado com uma pessoa abaixo de 2.0. Ele faz tudo o que pode para ter sucesso, e ainda assim encontra-se a cada volta da sua carreira barrado por alguma estranha incomplacência, ou alguma nova turbulência, e gradualmente, a pouco e pouco, as suas energias declinam até que ele próprio se dirige para a morte, e para uma nova geração. Uma mulher, casando com um homem abaixo de 2.0, sendo ela capaz de um alto nível de sobrevivência, encontrar-se-á quebrada por pequenos “mal-entendidos”, estranhas perversões e disputas em momentos inoportunos, até que por fim as sua ambições por uma família e um futuro jazem no pó para onde vão tantos sonhos. O homem que aceita um parceiro empresarial abaixo de 2.0 estando ele próprio bem acima dessa linha, verá uma estranha cadeia de eventos erigir-se à sua volta, que provocará a destruição daquele negócio, apesar das esperanças com que foi fundado e apesar da sua própria capacidade para o levar a cabo. Um indivíduo que se envolve num casamento, num negócio ou numa ação de grupo, melhor seria injetar veneno ou bactérias virulentas do que se aliar com seja quem for abaixo de 2.0 na escala de tom. Se isto lhe parecer ousado, veja à sua volta os homens estoirados, os sonhos estoirados, as histórias nunca escritas, as canções nunca cantadas, porque alguém, por qualquer simpatia ou “obrigação”, se aliou a um indivíduo abaixo de 2.0 na escala de tom. Isto é morte, morte tão certa como pôr o pescoço debaixo da lâmina de uma guilhotina e largá-la. De 2.0 para baixo, o indivíduo tem um prazer, reativo, mas muito definido, em atingir a “meta” da morte para ele, para o futuro e para os indivíduos à sua volta. Aqui ele procura enteta para separar teta de MEST para provocar a morte e realizar uma geração nova. Na redondeza dessas pessoas a morte pode estar calada e à espera, mas pronta para influenciar e perverter qualquer ação na direção de sucumbir.

Em 2.0, o indivíduo encontra um “prazer” reativo expressando antagonismo, e censurando, e importunando, e criticando. Deixado em

liberdade não se afundará mais na escala de tom, mas continuará a “expurgar as suas hostilidades”. Ele está a dramatizar engramas. Mas se estas dramatizações são quebradas, ele descerá na escala de tom. É um facto que o prazer obtido, é obtido através destas dramatizações. Ele pode, através de processamento ou educação ou mudança de ambiente, ser trazido para cima na escala de tom, mas deixando-o onde está, arrastará certamente outros para baixo, uma vez que ele está num ponto de turbulência, como todas as pessoas abaixo de 2.0.

Em 1.5, o indivíduo encontra “prazer” reativo apenas soltando a sua ira. Ele não tem um verdadeiro conceito de prazer, mas ganha um sentimento de perigosidade, e por isso de “prazer”, na dramatização dos seus engramas de domínio ou ira. Se lhe é permitido continuar irado, permanecerá, até certo ponto, estático na escala de tom, mas se estas dramatizações são contrariadas ou combatidas, descerá na escala de tom, uma vez que não lhe é permitido experimentar o “prazer” que pode conseguir estando irado. A sua meta é a destruição de coisas ou pessoas. Ele tem considerável alegria em alcançar essa destruição. As pessoas que estão só temporariamente no nível 1.5, quer dizer que estão pontualmente em 1.5, sabem bem a satisfação obtida em esmagar algo. O 1.5 crónico não pode ir além de esmagar coisas. Às vezes, no passado, sentia-se que o indivíduo que atirava com as coisas, que entrava em ira, e que falava em termos desesperadamente destrutivos, estava na mais profunda insanidade possível. Isto está muito longe de ser verdade. A ira é uma área muito alta da insanidade. A pessoa deve precaver-se dos que estão mais baixos na escala de tom, e que só provocam destruição por meios encobertos, pois não há aviso para o que eles farão. Qualquer preclaro cuja mente reativa (e todas as mentes recativas estão abaixo de 2.0 na escala de tom) está a subir para garantir uma libertação, passará reactivamente pela zona de ira, e ficará furioso com as pessoas que lhe fizeram coisas a ele, e pode mesmo ficar furioso com o mundo em geral. Este é um sintoma das suas melhorias, e não um sintoma de fúria. As pessoas abaixo da zona de ira não são mais fáceis de manejar. As pessoas abaixo da zona de ira são muito mais perigosas, uma vez que darão passos muito mais falsos para provocar a morte. Eles não provocam a destruição à luz do dia como o indivíduo irado, mas nas ruelas escuras e fossas da humanidade. A pessoa cronicamente em ira pode ser processada bastante facilmente através da Dianética para tons mais altos, uma vez que ainda retém a sua vitalidade. Basta descobrir as coisas com as quais ele está realmente zangado a fim de centralizar a atenção, e ainda ter teta considerável com o qual converter enteta. Mas, e nunca o negligencie, o prazer desta pessoa é a ira, e ao correr momentos de prazer é melhor descobrir momentos em que o indivíduo pôde estar abertamente zangado com algo.

O 1.1 tende até mais marcadamente para a morte do que o indivíduo sinceramente zangado. O 1.1 cometerá pequenos deslizes e erros, e trará perturbação e tumultos à sua vizinhança com considerável calma. São as alegrias dele. Se o 1.1 experimentar algum “prazer”, será num ato tortuoso e encoberto, destrutivo para ele próprio, para o futuro, para género humano, para a própria vida, para teta, ou até, embora impossível, para o Ser Supremo. Deve compreender-se que um indivíduo pode ter uma mente reativa 1.1 e ainda assim estar bastante analiticamente alerta, e só cair para

1.1 quando está perturbado. Isto seria um 1.1 agudo. Mas tal pessoa é ainda perigosa. Com a maior lata, o 1.1 pode negar todo e qualquer ato destrutivo ou mortal em que se tenha envolvido. O 1.1 esconde todos os actos destrutivos, e bastante comumente dá um ar construtivo a estas atividades. O 1.1 só encontra “prazer” no sexo se envolver muitas pessoas, e formas peculiares e estranhas. (Isto não contradiz o facto de que um homem, como qualquer macho, pode procurar possuir e engravidar o maior número possível de fêmeas, não sendo uma característica 1.1). O 1.1 não desfruta do sexo, exceto apenas quando agitado e perturbador. Aqui está o sátiro, a ninfomaníaca. O 1.1 ferirá ou mutilará animais ou homens por “prazer”. E ao correr momentos de “prazer” no 1.1, o auditor encontrará esses momentos de lesar os sonhos de alguém ou o corpo de algum ser impotente. Aqui o “prazer” não é obtido à luz do dia, mas clandestinamente, e frequentemente duma forma hedionda. O 1.5 tem “prazer” em provocar a incapacidade de um inimigo poderoso. O 1.1 tem “prazer” em quebrar o inimigo enquanto o inimigo está impotente. O 1.1 pode parecer atraente, pode fazer um grande espetáculo da sua impotência, mas quando as luzes são reduzidas, as ações deste indivíduo são energicamente dirigidas para a morte, quer seja a morte de uma reputação, a morte de uma causa (embora a causa seja aparentemente apoiada) ou a morte dele próprio (não importa quão distante possa parecer o pensamento de que as suas ações são suicidas). Na banda 1.1, a propósito, nós encontramos o indivíduo muito claramente insistindo na ética e moralidade dos outros.

O 0.5, estando tão perto de sucumbir e morrer, tenta provocar a morte da família, parceiros e a própria por meio de uma franca e ininterrupta turbulência em termos de morte. A verdade não é, está claro, considerada em qualquer nível abaixo de 2.0. O mais flagrante mentiroso está ao nível de apatia, 0.5. O indivíduo em 0.5 obtém “prazer” reativo em mentir grosseira, mas dolorosamente sobre a vida desesperada e horrível, e sobre o que lhe foi feito a ele. Correr uma pessoa em 0.5, no que qualquer indivíduo num nível aceitável da escala de tom consideraria um momento de prazer, é, está claro, tudo menos possível. Mas o 0.5 pode obter o “prazer” reativo de ser 0.5 tão completamente quanto possível.

O 0.1 pode às vezes ser persuadido a correr um momento de “prazer” em que ele está morto, e em que carece de perigosidade. Se o auditor o puder de algum modo contactar, será neste nível onde os momentos de “prazer” podem ser encontrados.

É então uma regra geral, que os momentos de prazer são corridos no nível onde o indivíduo se encontra na escala de tom. Não espere que o 2.5 corra momentos de exultação, uma vez que o enteta do caso o impede de alcançar esse nível. Não espere que o 1.1 corra um momento em que estava furioso, pois a sua posição na escala de tom faz da fúria aberta uma coisa muito perigosa, e o medo implícito da sua posição pode impedi-lo de o mostrar.

A regra geral é que, acima de 2.0, o auditor descobre actos construtivos e criativos de cada vez maior triunfo e magnitude, à medida que o preclaro sobe na escala de tom. E abaixo de 2.0, ele encontra esforços cada vez maiores para a morte nos momentos de “prazer” escolhidos pelo seu

preclaro. Em qualquer dos casos, superar obstáculos para a meta, é que é importante para o prazer. Abaixo de 2.0, está claro, o indivíduo está a superar “obstáculos” que lhe dizem que sobreviva, à medida que avança para a sua “meta” da morte. A morte, para indivíduos abaixo de 2.0, é a única “meta” válida e alcançável, quer para si próprio, quer para o futuro, para o grupo ou para o género humano. Qualquer coisa que interrompa este curso para a “meta” de não-sobrevivência será combatido pelas pessoas abaixo de 2.0. Tal avidez pela extinção, só é louvável pela eficácia com que estes indivíduos lutam para morrer. Porque aqui se lida com oito Dinâmicas, não deve acreditar-se que o indivíduo abaixo de 2.0 trabalha só para a sua próprio morte. Em 2.0 ele trabalha bastante suavemente para a morte de uma periferia muito ampla, mas não deseja muito a morte para si próprio. Em 1.5, ele trabalha para a morte de outros seres ou formas de vida ou outras dinâmicas. Claro que ele provoca a morte para si próprio, mas não dá atenção a isso. Não podem reduzir-se as outras Dinâmicas sem reduzir a primeira Dinâmica, a do eu, e provocar a sua própria morte. Em 1.1, temos uma consciência só ocasional de que é o indivíduo que está a tender para o seu próprio suicídio. A morte é intentada, por meios escusos, para uma menor periferia. Onde o 1.5 procurará a morte de muitos, o 1.1 procurará, por meios encobertos, a morte de alguns. O 0.5 procura a morte na relação inversa da quantidade de atenção que ele pode dar ao seu ambiente, e essa atenção está normalmente isolada na primeira Dinâmica, e pode incluir só alguns amigos íntimos. O 0.5 é então o suicida, mas antes do suicídio pode quase contar-se tentar a morte de pelo menos o seu parceiro mais próximo, por meio de assassinato ou de turbulência por simpatia. Ocasionalmente o 0.5 incluirá o assassinato de crianças no seu suicídio pessoal. Um amigo íntimo de um 0.5, está de facto no mais sério perigo em que um indivíduo pode estar.

O percurso geral de momentos de prazer pode fazer muito num caso. Há o caso de uma anciã que não teve nenhum outro tipo de processamento durante muitas semanas. No início deste período, de acordo com o relatório, ela estava acamada. Um auditor com aptidão experimental passou duas horas por dia a correr momentos de prazer com esta pessoa, pequenos triunfos, encontros alegres, momentos de boa saúde e bem-estar, momentos de orgulho em realizações ou em seres amados. Ao fim deste período, a anciã já não estava acamada, e evidenciou uma subida considerável na escala de tom. Nem um único elo, secundário ou engrama foi corrido no caso. Isto deve dar ao auditor uma ideia do valor do prazer como objeto de processamento.

Também há um caso de uma pessoa que não podia correr desgosto até os momentos de prazer serem intensivamente sondados no caso. Esse contacto com o facto de que na verdade existiu prazer na sua vida, permitiu-lhe apoiar, devido ao teta livre recuperado pela chamada da atenção a momentos de prazer, o contacto com momentos de mal-emoção necessários a libertar o caso.

Os momentos de prazer parecem dizer, primeiro e antes de mais nada, que a sobrevivência é possível. Mas abaixo de 2.0, os momentos “prazer” encorajam a possibilidade da morte. Em qualquer caso, o tom é elevado quer o preclaro queira quer não.

O percurso de momentos de prazer é feito exatamente como de um engrama ou de um engrama secundário. Pede-se ao preclaro para retornar ao momento em que o prazer teve de facto lugar, e contactar todos os percéticos do incidente, visão e ouvido, e sentir a experiência tão completamente quanto possível, muitas vezes. O preclaro pode correr o incidente muitas vezes antes de se cansar, uma vez que em cada percurso deve descobrir momentos e percéticos novos que antes estavam escondidos. Correr prazer desta maneira, parece aumentar marcadamente a quantidade de teta livre no caso.

Em níveis mais baixos da escala de tom, o verdadeiro prazer da vida de uma pessoa, os momentos de sobrevivência particularmente os de triunfo, não são facilmente alcançáveis. Contudo, o auditor, mandando o preclaro correr possíveis momentos de prazer como conceitos, e à medida que são contactados mais de perto como verdadeiros incidentes, pode frequentemente demonstrar ao preclaro que o prazer existiu, e está disponível.

Devido ao facto de que obter prazer é um das metas primárias da vida, correr de momentos de prazer podem fazer muito por um caso. Houve casos que ligaram o sónico e o víscio meramente correndo momentos de prazer.

O caso é mais prontamente estabilizado pelo percurso de momentos de prazer. Ao tentar trazer um caso até tempo presente, devem correr-se vários momentos de prazer, sendo o caso difícil de estabilizar em tempo presente. Depois de correr esses momentos, o preclaro vem frequentemente para tempo presente com facilidade, tendo recuperado unidades de atenção de secundários e engramas algo restimulados no processamento.

A própria memória só pode ser refrescada correndo a banda. Como experiência, pode escolher-se uma data específica da vida do preclaro. Esta data pode estar completamente oclusa. Mas o auditor insiste para que o preclaro retorne a essa data. O preclaro pode estar completamente no escuro sobre o que aconteceu, digamos, no dia 3 de Janeiro de 1943. O auditor tem vantagem sobre o preclaro, uma vez que ele sabe que, quando disse ao preclaro para ir para uma certa data, o preclaro foi lá quer ele saiba ou não. O auditor pede então para contar o que aconteceu, digamos, às 3.30 da manhã naquela data. O preclaro pode nebulosamente mostrar certos incidentes no ano de 1943. Se o auditor for muito paciente e persistente, induzirá gradualmente o “eu” do preclaro a obter detalhes específicos da data e momento, e ele pode então correr esse momento com os seus percéticos verdadeiros. Esta técnica não é menos válida do que correr momentos de prazer. A mente registou tudo, e o auditor sabe que quando manda o preclaro de volta para tal-e-tal data, o preclaro está lá mesmo que ao “eu” do preclaro possam ser vedados os percéticos do incidente pelo enteta no caso. Com paciência e persistência o auditor pode sempre obter os dados requeridos.

Momentos de triunfo são, está claro, momentos de prazer. Mas a gente encontra frequentemente preclaros, particularmente abaixo de 3.0 na escala de tom, que correm momentos de triunfo sem experimentar

qualquer prazer. O auditor pode encontrar o preclaro que ganhou uma taça de prata no hipismo, e pode retornar o preclaro ao incidente e corrê-lo muitas vezes, só para descobrir que o preclaro sentiu que não merecia ganhar a taça. Esta é a diferença entre o conceito de realidade do preclaro e o conceito de realidade do auditor. Por todas as razões, o preclaro devia ter tido prazer em ganhar essa taça de prata no hipismo, mas de acordo com o tom do preclaro, nenhum prazer foi obtido do incidente, uma vez que possivelmente provocou muita atenção e notoriedade, ou estava em conflito com alguma computação engrâmica específica do preclaro sobre ganhar ou magoar os outros concorrentes por ter ganho. Isto não deve desencorajar o auditor; só lhe deve apontar que está a tentar correr momentos de prazer alto demais na escala de tom para o seu preclaro. Em tal caso, o auditor deve descer na escala de tom, e encontrar uma ocasião, talvez quando o preclaro foi capaz de destruir a reputação de algum amigo com alguma má-língua mentirosa, e correr isto como momento de prazer. Desse modo obterá, apesar do preclaro sentir que é impossível, uma subida de tom.

O auditor não deve negligenciar o facto de que os momentos de prazer podem ser criados, e que um momento de prazer de tempo presente é em si um ponto na banda, e tenderá a de perturbar o preclaro. Isto não significa que o auditor deva apoiar o “prazer” que seria procurado por alguns indivíduos em baixo na escala de tom, prazer que poderia consistir na destruição da reputação, do futuro ou da saúde de alguma jovem ou criança. Mas significa que o auditor deve encorajar o preclaro a ter prazer, como ajuda ao processamento.

O auditor, ao aconselhar prazer, não deve cair no velho erro de acreditar que prazer é ociosidade e desperdício. Por exemplo, o maior prazer que um compositor pode alcançar é compor. Um génio em administração alcança o maior prazer, superando obstáculos da administração. O maior prazer de um indivíduo é conseguir felicidade; superar obstáculos não irreconhecíveis para uma meta conhecida. O auditor pode, através de interrogatório hábil, descobrir para o preclaro o facto dele ter metas para as quais se pode dirigir. É um truque abaixo de 2.0 pegar num indivíduo criativo e construtivo, e desviá-lo da rota do seu maior prazer, que pode ser a prossecução de metas altamente árduas. O auditor não deve dizer a um alpinista que vá descansar para a beira-mar, mas fazê-lo crer que pode conquistar uma montanha muito mais alta do que a que alguma vez atingiu, uma vez que, se o alpinista está aflito, é porque um indivíduo na sua vizinhança abaixo de 2.0, com grandes e detalhados desânnimos, o convenceu que não poderia escalar mais nenhuma montanha.

O prazer, quer seja na vida ou na morte, é conseguir ou superar obstáculos àquela consecução. Ao correr momentos de prazer ou encorajar o seu preclaro a criar e construir momentos de prazer de tempo presente a fim de elevar o seu nível na escala de tom, o auditor não deve negligenciar o facto de que a felicidade é superar obstáculos não irreconhecíveis. Ele encontrará a maioria dos seus preclaros sem qualquer meta. O auditor, questionando o preclaro sem interferir com a sua autodeterminação, pode ajudá-lo a descobrir e clarificar as suas metas. Ou pode ajudá-lo a identificar obstáculos a qualquer meta já reconhecida. Ou o auditor pode

encorajar o preclaro simplesmente a continuar a superar os obstáculos conhecidos às metas suas conhecidas.

O auditor descobrirá preclaros que não estão particularmente em baixo na escala de tom, que ainda não tiveram oportunidades suficientes de experimentar prazer, tendo portanto atrás de si uma vida estéril. Justifica-se que um auditor aconselhe o preclaro a sair e criar e viver um momento de prazer, para que depois lho possa correr, a fim de melhorar o caso. É claro que vivê-lo é mais importante que corrê-lo. A consideração primária é se os momentos de prazer existem ou não.

É interessante notar que qualquer sociedade declina na medida exata do desprezo que dá ao prazer, e avança na medida do respeito que tem ao prazer.

Acima de 2.0, o prazer contém mais construção do que destruição, mais bem do que mal. Abaixo de 2.0, o “prazer” contém mais destruição do que construção, mais mal do que bem. A imoralidade ocorre quando uma coisa contém mais dor que prazer. Existiram sociedades que encontravam prazer em observar ou infligir mais mal do que bem. O circo romano é um exemplo disto, e marcou um ponto no declínio do Império Romano que futurou a morte prematura daquela grande organização política.

O verdadeiro prazer significa o ato que contém mais bem do que mal.

Antes de condenar o prazer, é preciso compreender de que tipo de prazer a pessoa está a falar. Mas acontece ter havido através dos séculos tal reação ao que o Império romano chamava de prazer, nos primeiros dias da Cristandade, que o prazer foi inibido. Há indivíduos e grupos que consideram o prazer de viver um crime. Isto localiza imediata e automaticamente estes indivíduos e grupos na escala de tom. Eles estão abaixo de 2.0 na direção de sucumbir. Ainda assim o auditor terá que lutar com pessoas que foram doutrinadas para inibir o prazer e que, por educação, são incapazes de experimentar prazer. O auditor deve ter prontas as suas definições de prazer, e uma compreensão do que o prazer é na verdade. Aos que lhe dizem que o prazer é mau, deve pedir uma definição do que eles pensam ser agradável. Este é o tipo de incidente que pode ser corrido no caso como momento de prazer. Para com os que dizem que o prazer é bom e então prosseguem com detalhes de promiscuidade e sadismo, o auditor deve ter pelo menos um entendimento intelectual.

Por causa das várias situações existentes na vida de qualquer pessoa, o prazer como sobrevivência e o prazer como morte, às vezes misturam-se. Acontece ocasionalmente que algum indivíduo, por tramoia, deslealdade ou traição de outros, perdeu a mulher, o negócio ou a reputação, e a sua ideia de prazer é a supressão dolorosa dos que o lesaram. Isto não denota imediatamente uma posição inferior na escala de tom, pois o auditor pode achar que esse indivíduo desce a morte numa só circunstância. Se as outras circunstâncias do indivíduo são altas na escala, o auditor deve reconhecer uma indicação imediata do lugar onde deve trabalhar para libertar a considerável quantidade de teta preso em tramas de vingança e sonhos de castigo doloroso para o inimigo. Esse indivíduo, contudo, pode vulgarmente correr prazer noutras esferas da vida. Até um indivíduo baixo de tom, às vezes encontra alguma esfera de atividade construtiva, ainda

que muito isolada, e por isso o auditor sabe onde procurar verdadeiro prazer no caso, e pode usar este incidente ou tipo de incidente particular para libertar teta.

Todo o assunto momentos de prazer está intimamente ligado a sobrevivência, no que se refere a verdadeiro prazer. O auditor não deve contudo negligenciar o facto de que é “prazer” para o 0.5 contemplar o suicídio mais horrível possível ou a morte mais patética do “ser amado” mais próximo.

O auditor não deve criticar o tipo de prazer que o seu preclaro seleciona, mas trabalhar continuamente para que selecione o prazer mais alto possível na escala de tom, disponível no seu preclaro. Para o 1.1 ele deve tentar encontrar prazeres 1.5 ou 2.0 ou 2.5, em vez de persistir na linha 1.1. O auditor está a tentar elevar o preclaro na escala de tom, e nesse processo achará que podem ser obtidos níveis cada vez mais altos de prazer, não só em tempo presente, mas também no passado. A quantidade de verdadeiro prazer que o preclaro pode experimentar ou correr, não só é sintomática da posição crónica na escala, mas também do seu progresso para níveis mais desejáveis.

CAPÍTULO NOVE

COLUNA AE

Incidentes imaginários

Um das aberrações sociais da América é de que imaginar coisas é mau comportamento. “Imaginar coisas” foi feito equivaler a “insanidade”. É uma declaração depreciativa comum dizer: está a “imaginar coisas”. É uma crítica anuladora dizer que a pessoa está com visões. A criança está particularmente sujeita a um bombardeamento de críticas por ser imaginativa.

A condenação da imaginação significa um medo de sair da realidade. Mas se a imaginação é tão completamente condenada, então os que a condenam têm que ter algum temor básico deles próprios não se poderem agarrar a uma realidade.

Não há nada de errado com imaginação. Há muito de errado com o tipo de aberração que torna impossível, ou pelo menos difícil, diferenciar entre o imaginário e o verdadeiro. Na medida em que o indivíduo sabe que está a imaginar quando está a imaginar, e que sabe que está a lidar com factos quando está a lidar com factos, a imaginação tem um alta validade.

Há três tipos de imaginação. Um é a imaginação criativa, em que os desejos e impulsos das várias dinâmicas no campo da estética são entrelaçados em cenas e ideias novas. O segundo é o tipo de imaginação mais ou menos prático que surge como resultado dum computador. Sem este segundo tipo de imaginação, um indivíduo não poderia prever o futuro nem postular uma meta desejável no futuro. Este tipo de imaginação é tão vital à computação, que o indivíduo com falta dela pode definitivamente ser visto como analiticamente deficiente. O terceiro tipo de imaginação é a ilusória ou alucinatória.

Se a cultura desejasse ficar mais sã, deixaria de aplicar a palavra “imaginário” a coisas que são ilusoriamente alucinatórias. A ilusão está conotada com um tipo de imaginação que o indivíduo não sabe que é imaginária. Contudo, nos engramas colide-se comumente com frases como “é tudo imaginação tua”, “está tudo na tua cabeça”, “estás só a imaginar coisas” e outras frases de comando que provocam um curto-circuito na capacidade do preclaro para diferenciar entre o que agora devemos chamar de imaginário, e o alucinatório. A imaginação é enganchada no banco dos factos, e o “eu” recebe dados como factos que são na verdade produto da imaginação.

Há, poderia dizer-se, quatro fontes distintas de aberração. A primeira é ocasionada por frases de engramas que especificamente ditam certas obsessões, compulsões, repressões, ilusões, neuroses e psicoses. Essas frases têm, contudo, valor de comando sobre o analisador que não sabe que estão por baixo na mente reativa, só na medida em que o caso está

carregado de enteta. As frases de comando e as frases de ação são tanto mais obedecidas pelo analisador quanto mais o analisador está fechado por aberração cumulativa. As frases de ação são cada vez mais eficazes à medida que o indivíduo desce na escala de tom.

Por isso, há um segundo tipo de fonte de aberração que é simplesmente a quantidade de carga existente no caso. Isto poderia chamar-se aberração mecânica. Não vem de comandos específicos, mas de ineficácia mental por causa do enteta acumulado. À medida que o preclaro desce na escala de tom, certas manifestações definidas acontecem por causa de enteta acumulado. Todo o quadro à volta do qual este livro está escrito é resultado do estudo do efeito cumulativo de enteta em indivíduos aberrados. O enteta pode por si só carregar um caso ao ponto do caso se comportar de certa maneira definida, não importa o conteúdo dos comandos dos engramas.

O terceiro tipo de aberração é ambiental, e é o produto de pessoas e situações aberradas no ambiente de tempo presente do indivíduo. Isto é normalmente temporário, mas o enteta ambiental cumulativo tem um efeito crônico no caso.

O quarto tipo de aberração é educacional, e é o enteta cumulativo da cultura na qual o preclaro foi criado, a irracionalidade e maus dados que recebeu como resultado da educação dada pelos pais, escolas e experiência.

Deve ser acrescentado um quinto tipo de aberração, e até um sexto e um sétimo, mas estes são neste momento de menor preocupação para o auditor. O quinto tipo seria a aberração a cumulada no corpo teta através das suas muitas gerações, que ele pode ou não ter que abordar na clarificação do caso. O sexto tipo, seria o comportamento padrão herdado na linha genética da qual muito pouco se conhece, mas pode estimar-se que qualquer organismo tem algum padrão de comportamento do qual alguma pequena parte poderia ser considerada incorreta para o ambiente, logo, por extensão de definição, considerar-se aberrado. O sétimo tipo seria a aberração devido à falta ou malformações de porções da estrutura humana, ou por herança genética ou por acidente de psicocirurgia.

Por isso, vemos que a imaginação é valiosa e vital, tanto para criar realidades do amanhã na sociedade, contribuição inestimável do artista, escritor e compositor, como nas computações práticas da vida diária, valor que não deve ser tirado ao ser humano racional.

Então nós vemos que a imaginação por comando engrâmico, que confunde o real com o irreal sem avaliação apropriada, pode introduzir falsidade no pensamento e ação do indivíduo.

Além disso, temos a imaginação devida à carga num caso começar a suplantar a realidade, à medida que o caso desce na escala de tom. A imaginação fica por isso cada vez mais mecanicamente em curto-circuito para suplantar da realidade, à medida que a posição do indivíduo desce na escala. No passado, pensou-se que as pessoas imaginavam coisas de propósito a fim de “escapar” à realidade. As velhas terapias nunca se incomodaram com avaliar a realidade, mas era muito fácil exigir que as pessoas a enfrentassem. “Fuga” e “ilusão” eram epítetos usados para

subjugar o paciente à obediência. (A prática de dizer ao paciente que os seus incidentes são imaginários, reduz rapidamente o indivíduo na escala de tom, uma vez que destrói o sentido de realidade do paciente, e é uma prática definitivamente calculada para o incapacitar mais). O facto parece ser, que à medida que o indivíduo desce na escala de tom, a carga cumulativa do caso torna a existência na sua presente forma, cada vez mais intolerável. O teta que lhe resta, talvez por inversão de polaridade, não se pode aperceber no meio do enteta da mente reativa e do analisador quase fechado. Não é que a pessoa esteja pouco disposta a enfrentar a realidade; o que se passa é que ela é incapaz de enfrentar a realidade. Dito de outra maneira, o indivíduo é desviado das coisas que lhe foram feitas a ele na vida, para postulados imaginários que lhe podem servir, em vez de factos. Por exemplo, o indivíduo que não pode sentir que é uma ameaça para os inimigos no seu ambiente está louco ou a ficar louco, pelo menos até certo ponto. Por isso, à medida que o indivíduo desce na escala de tom, torna-se, por imaginação, primeiro uma ameaça para coisas reais, e então, por imaginação, uma ameaça para coisas imaginárias, e finalmente nenhuma ameaça para nada, ponto em que ele alcançou morte fingida. O indivíduo afasta-se cada vez mais da realidade, a princípio sabendo que se está a afastar da realidade, depois sem saber que se está afastar da realidade, ponto em que poderia ser considerado louco, até certo ponto.

Uma possível explicação para o curto-circuito da imaginação por meios mecânicos de carga acumulada num caso pode ser de interesse para o auditor. Não há nenhuma boa descrição e de facto nenhum postulado preciso ou teoria que responda pela capacidade de recordar da mente humana, na quantidade em que o faz. A mais recente tentativa foi feita por um homem que aflorou a estrutura física, mas que não sabia a sua matemática. Ele originou uma teoria molecular de proteína perfurada, e afirmou que as cargas da memória eram armazenadas em moléculas de proteína perfurada. Se um indivíduo só registasse as percepções principais do ambiente do dia a dia e as armazenasse, e segundo esta teoria dos buracos em moléculas nos quais são armazenadas recordações, a sua teoria só dura o tempo necessário para o cálculo matemático, pois a capacidade de dez levantado a vinte e um (10^{21}) dígitos binários de células existentes no cérebro, é capacidade para apenas três meses de memória. Por isso, esta teoria molecular da proteína perfurada não é válida*.

* Foi meu privilégio tirar um dos primeiros cursos dados numa universidade Americana sobre fenómenos atómicos e moleculares. O meu propósito não era, contudo o mesmo de alguns dos outros estudantes do curso, que foram pôr em prática a fissão atómica e nos deram a bomba atómica. Eu estava a tentar encontrar a força de vida como energia. Os estudos e experiências desse tempo, 1931, levaram-me à conclusão que a energia do universo físico não influenciava a memória humana, porque não havia um comprimento de onda suficientemente pequeno nem uma possível unidade básica da estrutura humana tão pequena que permitisse armazenar a vasta quantidade de memória de que a mente é capaz. Embora estudos posteriores nas duas décadas seguintes trouxessem estes conceitos de Dianética, e algumas ideias e axiomas sobre a energia do pensamento, este campo mal acaba de ser invadido, e deve ter a atenção que merece. A mera entrada neste campo já nos deu uma melhor compreensão do homem, da aberração e conduta humanas, do que jamais antes tivemos, mas a superfície foi tão levemente arranhada, que grandes benefícios devem resultar de uma total e profunda penetração neste novo universo. LRH.

Uma analogia funcional do assunto da estrutura, e só deve permanecer como analogia uma vez que não faz mais do que ajudar a compreender o que está a acontecer, diz-nos que nós podemos estar a lidar, considerando a memória e o computador humano, com um problema não diferente das cargas elétricas do universo físico cercadas por isolamento. Certas coisas rompem este isolamento de forma que os itens de memória iniciam um curto-circuito de uns para os outros. Isto contaria para a identificação dos factos uns com os outros, o que ocorre cada vez mais à medida que a escala de tom é descida. Em baixo na escala de tom, as coisas são identificadas com outras coisas de facto amplamente diferentes; mas nos níveis mais altos da escala de tom onde a mente está em boas condições de funcionamento e não há grande carga no caso, podem ser detetadas diferenças minuciosas pelo computador, entre um item de memória e outro. No topo da escala, a mente é capaz, por exemplo, de diferenciar entre dois cigarros que, embora pareçam idênticos e sejam da mesma marca, são diferentes, mesmo que só na medida em que ocupam diferentes unidades de espaço. No fundo da escala de tom, estes dois cigarros não só pareceriam o mesmo cigarro, mas também seriam tabaco, também seriam tabaco de fumar, também seriam tabaco de mascar, o que significaria que mascar é igual a uma casa a arder. No topo da escala de tom, nos níveis mais altos de razão, a diferenciação entre factos é exata, de alto nível, e no fundo da escala de tom, ao factos e itens largamente diferentes são associados como iguais. Poderia dizer-se que a equação da mente reativa é “A igual a A, igual a A. igual a A” independentemente do significado de A. Num engrama, todas as coisas e observações são iguais umas às outras, igual a dor, igual aos percéticos, e ouvido igual a visão e visão iguala tato, ocorrendo uma identificação completa. O analisador quando em pleno, pensa em diferenças diminutas. A capacidade de pensar tem a ver com a capacidade de diferenciar. A irracionalidade tem a ver com uma falta de capacidade para diferenciar e um compulso para identificar coisas distintas entre si, como se fossem não só semelhantes, mas a mesma coisa.

Numa pessoa insana, a administração de sedativos parece provocar um retorno momentâneo da sanidade. Só como analogia, poderia então dizer-se que o enteta quebra o isolamento estrutural que separa um item ou unidade de memória do outro, causando assim identificação. E poderia dizer-se que a presença de alguma euforia, reconstruiria ou restabeleceria este isolamento até certo ponto, possibilitando o pensamento racional. O auditor que audita um preclaro sob sedação, descobrirá que na medida em que o preclaro está sob sedação, aparece responder ao tratamento, mas logo que a sedação cessa, toda a audição e a maioria do enteta que se pensou transformado para teta, ficou agora em curto circuito com uma nova aberração. Provavelmente, a coisa mais perigosa que se pode fazer a qualquer mente aberrada é colocá-la sob forte sedação e tentar tratá-la ou, enquanto está sob sedação, colocá-la numa atmosfera restimulativa. A sedação do insano é, numa palavra, criminosa, uma vez que permite emaranhar novos percéticos com uma mente já de si confusa, sob circunstâncias de percepção que não poderiam acontecer se o paciente não estivesse sob sedação.

Deve ser completamente compreendido que esta analogia de isolamento entre unidades de memória na mente é muito definitivamente uma

analogia, e só é usada para ilustração para que o auditor possa saber melhor o que está a confrontar. O enteta parece definitivamente rasgar e formar um arco nalguma barreira divisória isoladora da mente.

Como analogia adicional, poderia ser postulado que à medida que a mente perde a sua capacidade para diferenciar e começa a identificar cada vez mais, as várias unidades do analisador começam a ficar associadas muito de perto e a substituir-se umas às outras, de forma que aquela porção da mente que é usada para imaginação, não se diferencia daquela porção que está a fazer computação com factos.

Esta, em que o “eu” que é o indivíduo real é anulado a favor de outras secções altamente carregadas do analisador, também seria uma analogia relacionada com valências. E aqui a analogia é quebrada, pois as paredes de valência entre as diferentes personalidades do indivíduo ficam cada vez mais nitidamente definidas à medida que o indivíduo desce na escala de tom, de forma que no final, o caso pesadamente carregado, vai de uma valência para a outra tão abruptamente que quase se pode ouvir um clique ao cruzar a parede de valência. Está claro que se pode aumentar mais esta analogia dizendo que o teta que se tornou enteta começa por fim a formar o seu próprio isolamento, mas isto não parece muito provável. Certo é contudo, que a identificação de incidentes que de nenhuma maneira são semelhantes, é sintoma de insanidade.

O auditor deve então compreender que, ao confrontar o seu preclaro, pode ter diante de si um indivíduo incapaz de enfrentar qualquer facto no seu caso. Isto pode ser limitado a uma inabilidade para enfrentar factos em certas esferas da sua vida, tais como factos a respeito da esposa. Ele pode ter uma segunda Dinâmica tão completamente carregada, que não pode enfrentar nenhum facto ligados à sua existência matrimonial ou aos filhos, mas mudará para “factos” imaginários que são, se não verdades, ainda assim muito seguros. O auditor não deve de forma alguma tentar forçar ou persuadir o pobre do preclaro a “enfrentar a realidade”. O auditor deve estar perfeitamente disposto a aceitar, que em certas esferas da vida do preclaro, os verdadeiros factos do caso são tão definitivamente enteta, que o teta existente na sua mente é incapaz, por razões de polaridade, de encontrar os factos reais no caso. Quase qualquer ser humano, nalguma esfera de atividade, lidará com incidentes imaginários até ao nível de 3.0. Uma pessoa, quando enfrenta a ideia de escola, explicará incidentes imaginários, simplesmente porque as suas verdadeiras experiências escolares continham tanto enteta, que o teta muda de direção e vira para a imaginação para ser fornecido de “factos”. Outro indivíduo lidará com material factual no seu campo de atividade, exceto na religião. Ele pode ter tanto enteta no assunto da religião, que se desvia da realidade e fala em termos de ateísmo, ou pode ir noutra direção e tornar-se completamente alucinatório. Mas neste caso, ele está a desviar-se do seu universo MEST ao ponto de construir uma esfera imaginária de atividade. (O indivíduo que simplesmente vira para o universo teta e ali apercebe certas coisas visionárias, não necessariamente é aberrado, mas pode simplesmente estar alto nos percéticos de teta. A aberração acima citada é da variedade do sádico fanático, que foi, é e sempre será um grande sarilho para a Igreja). Ou a esfera imaginária em que o “eu” acredita ser completamente factual,

pode ser a existência de minas de ouro perdidas. Aqui existe tanto enteta a respeito de meios de vida práticos e funcionais, que tem que lidar com meios imaginários.

Algures em cada caso, você vai encontrar o preclaro a correr incidentes imaginários em vez de incidentes reais. Como auditor você não se deve preocupar, a menos que o seu caso esteja a correr mais incidentes imaginários do que incidentes reais, pois o seu caso está então a correr ilusão em lugar de factos, por causa de uma posição muito baixa na escala de tom. Aqui está um problema para si. Você não ousa dizer a este preclaro que está a correr ilusão. Seria uma quebra do o código do auditor. Mas de alguma maneira você tem que o persuadir a abordar o tempo presente ou alguns elos, o bastante para libertar algum teta, para que tenha capacidade de teta para enfrentar a realidade. Em tal caso, você poderia de facto tropeçar e correr engramas de dor física, mas só iria perturbar mais o caso lançando o teta livre existente para o enteta existente, e mandando seguramente o caso para baixo na escala de tom, em lugar de o trazer para cima. Quando os incidentes imaginários são geralmente preferidos aos incidentes verdadeiros, pode estar bastante seguro de estar a lidar com um preclaro baixo de tom.

Agora há três maneiras de manejear ilusão. A primeira é com choques elétricos ou lobotomia pré-frontal ou sedação do preclaro numa absoluta apatia e inutilidade para a sociedade, e sua completa destruição. Isto não é recomendado.

A segunda maneira é sondar livremente ou obter em tempo presente teta livre bastante para trazer o indivíduo para cima na escala de tom, para um ponto onde corra incidentes verdadeiros, em lugar de incidentes imaginários. Isto é altamente válido.

A terceira maneira é persuadir o preclaro a correr incidentes imaginários declaradamente, e este é o ponto crucial desta técnica particular de processamento. Convidando o preclaro a correr abertamente incidentes imaginários, o auditor está a demolir a barreira de falsidade que o preclaro monta sem saber. O percurso de incidentes imaginários declarados é bastante produtivo. Espantosamente, às vezes o preclaro corre-os com somáticos. Mas não lhe está a ser exigido enfrentar qualquer realidade, e o auditor não insiste na existência de qualquer realidade relativa a eles. Numa percentagem incrivelmente alta dos casos, estará contudo a correr incidentes verdadeiros. Desde que não tenha que admitir que esses incidentes são verdadeiros, ele pode fazer algo sobre eles. Poderia dizer-se que o auditor está assim a validar o mecanismo da imaginação da mente e a fortalecê-lo o, e já está a começar a pôr os segmentos gerais e extensivos da mente em boa ordem de funcionamento, diferenciando uns dos outros com o preclaro. É claro que, se o auditor usar a palavra “imaginar”, existe sempre o perigo de restimular o preclaro, porque este preclaro pode ter engramas que lhe dizem que ele não sabe distinguir o verdadeiro do falso, e que de qualquer maneira é tudo imaginação. Mas este risco deve ser corrido.

Deve ser compreendido que nenhuma quantidade de incidentes imaginários pode suplantar o percurso de incidentes reais. O principal

valor desta técnica, o convite para o preclaro correr incidentes declaradamente imaginários do passado, é construir a confiança do preclaro no auditor. O preclaro começa a sentir que não será censurado por se entregar à fantasia. Nesta grande, extensa e indubitavelmente racional cultura, quase qualquer preclaro foi despedaçado por se entregar à fantasia enquanto criança. A criança tem falta de dados e compensa esta falta com uma imaginação agreste. A criança bastante facilmente vê na sua imaginação fadas e animais estranhos por ali. Se ela acha a vida chata e os mais velhos difícil de comover para que se interessem por si, pode referir estas coisas como válidas. Ela é, está claro, inevitavelmente censurada pelo velho “prático” e “racional”, acumulando assim uma série de elos em qualquer engrama que possa ter. Deixada a si própria, à sua fantasia e imaginação, a criança irá finalmente, é claro, descobrir o que é a realidade, essa coisa horrível do nosso mundo do século vinte, e o que é a fantasia. Mas o mais velho é capaz de pressionar muito cedo a criança a um reconhecimento desta “realidade”. De facto, nem você nem eu tenho qualquer noção do que é a realidade absoluta, mas concordámos em certos factos, e tendo concordado, desejamos permanecer amigos e assim continuar este acordo. À medida que uma cultura envelhece, estes acordos são cada vez mais difíceis de perturbar, e são mantidos não porque são verdadeiros, mas porque são simples e fáceis, e porque não é necessária energia para os manter. A criança, fresca e nova no mundo, gostaria de ver um pouco de excitação na sua realidade. E o mais velho, gasto e desfigurado por um combate com um ambiente que oferece pouco em termos de segurança e muito em termos de ameaça, luta contra estes sonhos e bolas luminosas. Por isso, qualquer preclaro que tenha no sofá, é certo ter experimentado uma confusão entre o que ele queria pensar que era a realidade, e o que lhe disseram que tinha que aceitar como realidade. Por isso, houve uma invalidação da sua realidade, embora ela fosse de facto imaginação. Quando o preclaro no sofá descobre que tem um auditor que não só ouvirá a imaginação, mas que a encorajará, o nível de afinidade sobe, e sobe a própria capacidade do preclaro para diferenciar em termos de realidade.

No percurso de incidentes imaginários, o auditor nunca deve, depois do incidente ter sido corrido, insistir que o incidente era real. Seria uma quebra de confiança. Ele e o preclaro fizeram o contrato de que o que está ser corrido é pura imaginação, e o auditor não deve quebrá-lo.

O percurso de incidentes imaginários pode consistir de correr momentos de prazer imaginários, que é uma elevação em termos de teta, ou pode consistir do percurso de momentos imaginários de desgosto ou dor física, que disponibiliza para o auditor mais dados do caso, e pode de facto aumentar o teta no caso.

Eis um facto do maior interesse para o auditor. Pode acontecer com uma criança aberrada, ela ocasionalmente fingir lesão ou doença a fim de receber simpatia ou interesse dos pais, tutores ou guias. Seria bom o auditor descobrir a ocasião da vida do preclaro em que ele *conscientemente* fingiu dano ou doença, a fim de receber a simpatia ou interesse deles. Em primeiro lugar, quando um indivíduo faz isto está em bastante má forma, pois trata-se de forma de morte fingida. O ambiente em que o preclaro faria

isto, deve ter sido um ambiente altamente restimulativo que manteve o preclaro em baixo na escala de tom. (É preciso que se note que no decurso de uma vida, um indivíduo varia notavelmente na escala de tom, de ambiente para ambiente).

Esse fingimento *consciente* é do interesse do auditor porque é invariavelmente real no que se refere aos seus antecedentes. O preclaro pode ter suposto na ocasião com toda a confiança que estava a mentir, mas ele estava de facto a oferecer um engrama de simpatia, e o auditor pode assim descobrir um engrama altamente aberrativo no caso. Se este caso está ou não em forma para correr este engrama, cabe ao auditor julgar, mas pelo menos ele sabe que existe. O preclaro que continuamente finge, por exemplo, uma lesão no pé, pode supor que está a mentir e que nunca tinha tido tal coisa, mas na realidade, algures lá atrás, escondido da sua mente analítica, existe uma lesão do pé pela qual o preclaro recebeu muita simpatia.

Os incidentes de simpatia são relativamente difíceis de localizar. O preclaro agarra-se mais tempo a um incidente em que recebeu simpatia, do que a outro onde só recebeu antagonismo. A localização dos aliados do preclaro é por isso dificultada, mas o mecanismo de descobrir as doenças “imaginárias” que o preclaro oferece ao mundo à sua volta, descobre os aliados. (Há outro método interessante de descobrir aliados. Encontra-se uma personalidade antagónica na vida do preclaro, e corre-se o preclaro para trás incidente após incidente, onde esta personalidade antagónica o estava a atacar, até encontrar um ponto onde o preclaro estava a ser defendido por alguém. A pessoa que faz a defesa é um aliado ou um pseudo-aliado* do preclaro, e os incidentes com esta pessoa devem ser seguidos para trás e para a frente e limpos, como um dos mais aberrativos elementos do caso). Os incidentes imaginários servem quatro propósitos. Primeiro e antes do mais, dão ao auditor dados sobre o seu preclaro, pois o incidente imaginário que o preclaro conta tem alguma base de realidade.

O próximo ponto é que contar um incidente imaginário eleva a afinidade entre o preclaro e o auditor. O preclaro começa a achar que o auditor deve ser algo compatível com ele, uma vez que aceita a sua avaliação sobre a existência, e parece estar de acordo e por isso ser semelhante a ele.

O próximo valor do incidente imaginário é que aumenta a comunicação entre o preclaro e o auditor. Aqui, pelo menos, temos o preclaro a falar sobre algo e o auditor a ouvir, e o preclaro descobre que o auditor ouvirá a narrativa sem interrupção ou crítica, o que pode ser bastante espantoso e sensacional.

O quarto valor do incidente imaginário é que o auditor não insiste num alto nível factual, e assim o preclaro se encontrará mais disposto a entregar o facto.

*Para discussão sobre aliados e pseud-aliados, ver Dianética: *a Ciência Moderna de Saúde Mental*. Pode dar-se aqui uma breve definição destes termos:

Aliado: uma pessoa gravada num ou mais dos engramas de dor física do preclaro, que ele crê, por causa dessa gravação, tê-lo defendido ou promovido a sua sobrevivência,
Pseudo-Aliado: Uma pessoa sobre quem o Preclaro tem uma computação similar, não baseada diretamente na gravação dum engrama, mas numa semelhança com o Aliado.

Poderia dizer-se que o incidente imaginário é um terreno de teste. O auditor pede ao preclaro para correr um incidente imaginário. Isto está certo para o preclaro, uma vez que eles concordaram que o incidente deve ser imaginário, e o preclaro não pode ser censurado por dizer o que lhe apetecer.

Acontecerá que, no percurso de incidentes imaginários, aparecerão somáticos. Ou acontecerá que o preclaro esteja a sofrer de certos somáticos, e ainda demasiado em baixo na escala de tom a respeito deste assunto particular para admitir a verdadeira causa destes somáticos. Correndo palavras e frases imaginárias, imaginando o que o papá diz, e imaginando o que a mamã diz, ou imaginando o ano em que isto aconteceu ou imaginando as circunstâncias relativas a isto, pode acontecer que o somático desapareça. Foi de facto corrido um engrama ou um elo pesado e o caso beneficiou com isso.

O auditor, em todo o caso, não usa de sofisma com o preclaro sobre factos. Quando o auditor tem que usar incidentes imaginários para obter do preclaro qualquer informação de qualquer tipo, ele está a lidar com um preclaro que foi completamente invalidado pelas pessoas à sua volta, a maior parte da vida dele. O incidente imaginário é um mecanismo que de facto repara invalidações do passado. O preclaro não admitirá que um incidente é verdadeiro, porque os que o rodeiam desafiaram muito frequentemente a sua capacidade para contar a realidade ou os factos. O auditor aproxima-se destas invalidações passadas recusando-se a invalidar, convidando a um incidente puramente com base na imaginação. O preclaro é encorajado. O auditor receberá dados. E pode ser libertado teta no caso.

O PRECLARO E O AUDITOR COMO GRUPO

Deve ser notado algures neste trabalho e pode ser notado aqui, uma vez que o percurso de incidentes imaginários é muito produtivo, que o preclaro e o auditor formam de facto um grupo. Não é preciso saber o alto nível de tecnologia que é a Dianética de Grupo para compreender que dois seres humanos constituem um grupo. Dois é a unidade básica, não só são de teta, mas de seres humanos em termos de grupo. Um grupo maior pode ter milhões, mas na sua dimensão básica tem pelo menos dois.

Ocasionalmente o preclaro descobrirá no auditor uma personalidade antagónica. Isto ocorre quando o auditor lembra ao preclaro alguma personalidade da sua vida que lhe fez algo não sobrevivente. O auditor que se permite continuar neste papel imaginário de um antagonista passado, achará a sua tarefa grandemente aumentada.

É de grande valor para o auditor clarificar-se a ele próprio e ao preclaro como um grupo, antes de iniciar qualquer audição séria.

No grupo ótimo, tem que existir um alto nível de afinidade, realidade e comunicação. Entre o auditor e o preclaro, o ARC deve ser alto.

Há várias maneiras de clarificar grupos. O auditor não deve estar tão ansioso para aprovar o preclaro, como para o preclaro aprovar a ele. Não obstante, uma considerável tensão do caso e do processamento será retirada se isto funcionar em ambas as direções. Um auditor, para se clarificar a si próprio e ao preclaro como grupo, pede habitualmente ao preclaro que lhe diga o que não gosta nele. O preclaro, a princípio, por propiciação ou trato social, não admitirá coisa alguma de que ele não goste no auditor, mas, pressionando o caso, este auditor descobrirá muito em breve indivíduos antipáticos no seu passado que ele próprio faz lembrar ao preclaro. O primeiro ato do auditor é então clarificar estas más associações através de memória direta.

O estabelecimento de afinidade, comunicação e realidade entre o preclaro e o auditor é uma preocupação vital, seguindo o processamento um curso quase ótimo.

Quando uma equipa de co-audição está a ser formada, e o sucesso da Dianética é construído sobre equipas de co-audição é requerida uma clarificação mútua, em que cada um descarrega para o outro, e as associações indesejáveis são eliminadas da relação por memória direta. É notável que, entre quaisquer dois ser humanos, as más associações por causa da existência de personalidades no passado são quase inevitáveis. Os indivíduos no nível normal desta cultura social associam personalidades escondidas do passado às personalidades que encontram. O fio direto pode facilmente clarificar esta situação. O auditor acima mencionado estava com alguma dificuldade com uma preclaro, até que descobriu que a maneira como ele aclarava a garganta lhe fazia lembrar o primeiro dos três maridos dela. O ponto aqui é que o auditor não renunciou imediatamente ao hábito de aclarar a garganta, meramente porque o preclaro estava contra a ele. O auditor meteu-se ao trabalho e, fazendo-a lembrar, fê-la conceber uma diferença entre ele e o primeiro marido. Feito isto, o hábito do auditor de aclarar a garganta já não tinha qualquer importância. O auditor não deve mudar os hábitos e padrão de treino para se adaptar a cada preclaro, mas usar o efeito destes no preclaro para localizar personalidades antipáticas do passado. Isto em si mesmo liberta teta no caso.

O uso de incidentes imaginários serve para tornar mais suave uma relação entre o auditor e o preclaro, instituindo para o preclaro a vontade do auditor de aceitar qualquer coisa que o preclaro tenha a dizer. Mas faz mais do que isto. Dá ao auditor uma valiosa avaliação da posição de preclaro na escala de tom, porque o pode julgar bastante facilmente pelo tipo de incidente que o preclaro gosta de imaginar (veja Momentos de Prazer), e diz ao auditor o que pode estar em maior restimulação no ambiente de tempo presente.

O auditor que menosprezar a imaginação ou condenar qualquer coisa que o preclaro diga como ilusão, independentemente da inabilidade do auditor para comparar isso com o seu próprio conceito de realidade, provocará inevitavelmente a destruição do grupo preclaro-auditor. E eles não serão capazes de trabalhar juntos.

O grupo marido-esposa foi o grupo de audição menos compatível em Dianética. Alguns grupos marido-esposa têm êxito, mas a maioria não, e maridos e esposas fariam bem procurar co-auditores fora de casa, pois as dificuldades de co-audição podem facilmente fazer colapsar um casamento agitado.

CAPÍTULO DEZ

COLUNA AF

Elos

Algures noutro lugar temos a anatomia de enteta. Poderia dizer-se que enteta existe em quatro formas. Haverá provavelmente mais. Por enteta queremos dizer, é claro, teta perturbado. O primeiro forma é a causa básica de enteta, o engrama. Aqui teta, no seu esforço para conquistar MEST, entrou em forte colisão com MEST. Num organismo isto provoca dor física.

Teta, depois de ficar perturbado com MEST pode, ou através do mecanismo da morte ou pelo Processamento de Dianética, ser retirado de MEST e trazer com ele uma inteligência das leis de MEST, as quais pode então usar numa conquista posterior de MEST, num nível mais ordenado e harmonioso. Tudo começa com um forte impacto e turbulência, para que teta aprenda algo sobre MEST. A primeira Fundação, por exemplo, no seu ano de existência, esmagou-se fortemente contra MEST, e se isto encantou os que desejavam preservar o “status quo” ou os que não ganhavam nada com o fim da aberração, muito porém foi aprendido para que Grupos de Dianética pudessem existir de forma a permitir o aparecimento de melhorias como resultado de novos dados sobre a terceira Dinâmica, o que por sua vez resultou em melhorias na primeira Dinâmica e nas técnicas de processamento individual. O engrama é um momento de dor física e inconsciência que é registado na mente reativa com todas as percepções durante um período de inconsciência. Pode sintonizar em experiências do nível consciente, pode ser dramatizado e pode manifestar-se como aberração mental ou física, o que no passado foi chamado doença psicossomática.

O engrama consiste de enMEST, que é MEST do organismo perturbado ou desordenado por impacto, e enteta misturado com enMEST.

Pode existir enteta como turbulência temporária na força vital ou razão do indivíduo quando ele é confrontado por circunstâncias irracionais ou de não-sobrevivência no ambiente. Isto poderia ser chamado teta temporariamente perturbado. Contudo, em qualquer situação restimulativa de tempo presente, uma certa quantidade de enteta torna-se enteta fixo e é armazenado na mente reativa, e a partir daí, exceto em circunstâncias extraordinárias em que há enormes quantidades de teta livre no ambiente do indivíduo ou com Processamento de Dianética, este enteta fixo permanece fixo.

O enteta “permanentemente” fixo fica na mente reativa na forma de engramas secundários, ou na forma de elos.

O engrama secundário será descrito a seu tempo, mas é uma experiência de perda de baixo nível de tom, ou de medo de perda, ou de fúria por ameaça de perda ou de apatia por causa de perda consumada.

O elo tem três variações. Uma delas é onde o indivíduo foi impedido de levar a cabo os comandos do engrama restimulado por percéticos ambientais de tempo presente (dramatização quebrada). Outra é meramente onde os percéticos do engrama são próximos dos do ambiente de tempo presente (restimulação). A terceira é provocada por inibições e imposições de ARC.

Para que um elo seja formado é necessário que a atividade ou alerta da porção analítica da pessoa esteja algo diminuída. Só podem ser recebidos elos quando um o indivíduo está cansado, transtornado por reveses ou numa situação geralmente não ótima. Estas ligeiras aproximações a engramas no ambiente analítico de tempo presente foram no passado achadas em si mesmo aberrativas. De facto não são. O elo é só a manifestação superficial da causa ambiental básica da aberração. Por baixo de qualquer elo deve estar um engrama. A ignorância deste facto foi uma das principais razões do fracasso de terapias anteriores. Um elo também ocorre quando o indivíduo está a tentar cumprir os comandos irracionais do engrama, e é impedido de realizar a dramatização pela “razão” contrária da sociedade ou de algum indivíduo.

Elos são enquistamentos de enteta no nível analítico.

O caso comum tem vários engramas, provavelmente milhares. Os indivíduos são muitas vezes questionados sobre a frequência com que estiveram inconscientes. Alguns deles responderão que nunca estiveram inconscientes em toda a sua vida. Assim que são mandados de volta para baixo na banda, eles começam a descobrir período após período em que foram feridos ou operados, e certamente todo indivíduo nasceu, e o nascimento é acima de todas as outras experiências suficientemente árduo para provocar inconsciência. Uma vez que a mente reativa regista a nível celular e também a nível do corpo teta, ainda que evidentemente em menor grau, o momento mais remoto em que um engrama pode ser recebido não é certamente mais recente do que a conceção. Os engramas não começam vulgarmente a receber elos até bem depois do nascimento e, normalmente, bem no período da fala, embora os bebés reajam aos sons incompreensíveis do ambiente que também são incluídos nos seus engramas.

Um elo é, então, um incidente relativamente claro que indica uma restimulação de algum engrama no caso. Há centenas de milhares de elos em todos os casos. Se continuasse a abordar elos e só elos num caso, o processamento seria quase interminável. Isto é felizmente desnecessário. Os elos só têm que ser abordados num caso até o preclaro poder correr engramas. Depois do preclaro ter corrido engramas, os elos consequentes de qualquer engrama ou cadeia de engramas corrido, podem ser sondados a grande velocidade.

Os elos interessam ao auditor principalmente nos casos de tom baixo. Em muitos casos o auditor descobrirá que os elos têm que ser corridos como engramas. Ele encontrará um período em que algum preclaro,

quando menino, foi forçado a comer espinafres, e isto parecerá um incidente altamente aberrativo.

O preclaro, se muito baixo na escala de tom, pode responder às frases de ação ou comandos do elo, contudo este incidente não contém dor física de qualquer tipo, e ainda assim, uma vez enviado ao incidente, o preclaro é incapaz de o deixar até ser corrido, completado com frases de ação. Isto indicaria um preclaro muito baixo de tom. O auditor não deve pensar que a razão porque o seu preclaro é aberrado, é ter sido obrigado a comer espinafres quando tinha oito anos. O auditor deve compreender que por baixo deste incidente está um engrama ou muitos engramas, pelos quais o preclaro é dominado. Mas se o auditor descobre que o elo é em si mesmo aberrativo, deve compreender que não é tempo de correr engramas, uma vez que este preclaro deve ser aliviado de muitos elos e engramas secundários, antes de estar em forma para correr engramas. Aqui está um caso fortemente carregado.

Como se pode ler na coluna do quadro de escala de tom, um 4.0 têm todos os elos descarregados. Isto é algo negligenciado pelo auditor ambicioso. Um 4.0 é, por definição, aquele que tem todo o enteta desta vida convertido para teta. Isto significa que os engramas devem ter sido apagados, que os secundários devem ter sido descarregados e que os elos devem ter sido sondados.

O 3.5 estoirará elos quase tão rapidamente quanto os engramas subjacentes às cadeias de elos são reduzidos.

O 3.0 não tem que abordar elos como incidentes individuais, mas é necessário sondar elos a fim de clarificar o caso.

O 2.5 pode tratar elos como incidentes individuais com vantagem. Ver-se-á que momentos em que o 2.5 foi criticado por pisar o risco na escola ou por ser mau para a irmã, libertarão algum enteta. Contudo, o auditor está até certo ponto a perder o seu tempo, tratando neste nível da escala de tom incidentes sem dor física e sem mal-emoção, como ocorrências individuais.

À volta de 2.0, os elos começam a ficar importantes. O auditor pode chegar a um momento da vida do preclaro em que ele estava conscientemente alerta e tinha algo a produzir enteta, e ainda assim descobrir que o incidente não reduz. Esta não redução de incidentes relativamente simples, à medida que desce de 2.0 para baixo na escala de tom, indica um caso consideravelmente carregado. Se os agentes restimulativos do ambiente são elevados, um desconforto físico mínimo num incidente pode produzir momentos em que o preclaro estava alerta e desperto, que então recusam reduzir quando abordados pelo auditor.

O 1.5 é peculiarmente suscetível ao tipo de elo que quebra a dramatização. Digamos que o 1.5 está agressivo contra algo, e alguém o critica por estar agressivo ou o impede de levar a cabo o seu ciclo de ira. Resulta daí um elo que será notavelmente eficaz para reduzir esta pessoa na escala de tom. Está claro que qualquer 1.5 recebe um número quase incontável desses incidentes, uma vez que a sociedade desaprova geralmente as pessoas agressivas e preferiam-nas apáticas. Num 1.5 um

auditor pode correr estas dramatizações quebradas como incidentes individuais com benefício, como se fossem engramas.

Em 1.1, começamos a achar os elos extremamente eficazes, particularmente quando se referem a quebras de afinidade, quebras de comunicação e quebras de realidade, ou imposições de ARC. O 1.1 vive com medo a maior parte do tempo, medo de algo, nem que seja só uma ansiedade nebulosa. A observação dum amigo do 1.1 que o leva a acreditar que não o voltará a ver, pode produzir logo um elo, mesmo que o 1.1 possa jantar com ele nessa mesma noite. Aqui o enteta começa a empilhar com muita rapidez. O auditor pode correr esses incidentes como se fossem engramas com algum benefício para o caso.

Em 0.5, começamos a descobrir que os elos devem ser manejados com cuidado, pois os elos em 0.5 podem ser bastante pesados para pendurar o preclaro na banda, exceto é claro no caso todo aberto, que corre na banda mesmo quando completamente insano. No caso de apatia, a perda de uma luva ou meramente receber uma carta embora traga boas notícias, pode provocar um elo que tem que ser corrido como um engrama pelo auditor. Um elo pesado onde algo realmente acontece, seria demasiado forte em enteta para o preclaro atacar, e o auditor deve evitar incidentes que seriam produtores de aberração no nível 1.5, ou mesmo no 1.1. O 0.5 pode ser aberrado por um espirro.

O 0.1, se é que o auditor pode contactar este indivíduo, é tão pobre em teta que os incidentes que seriam momentos de prazer para qualquer pessoa, são os momentos enquistados mais fortes e pesados que podem ser atacados. O único momento passado que pode ser atacado num 0.1 é, uma instância de variedade mais moderada, como um passeio de carro, ou uma ceia. Qualquer incidente de tensão mental será evitado, e qualquer incidente de tensão física está, é claro, inteiramente fora de questão, como de 1.1 para baixo na escala de tom.

CAPÍTULO ONZE

COLUNA AG

Sondar Elos

O advento de sondar elos foi o maior avanço nas técnicas de aplicação de Dianética nos últimos seis meses de 1950.

Sondar elos foi desenvolvido num esforço para converter para teta a quantidade máxima de enteta no menor espaço de tempo possível. É uma técnica notável. Foi descoberto que indivíduos completamente presos e fortemente sobreacarregados na banda do tempo, poderiam enviar algumas unidades de atenção a antes e depois do ponto onde estavam presos, conseguindo de facto assim emergir de um ponto cronicamente fixo na banda do tempo, e vir para o tempo presente.

O valor de sondar elos dificilmente pode ser sobreestimado. Os elos do caso fortemente ocluso podem ser sondados. A audição, boa e má, pode ser removida de um caso sondando elos. As invalidações da Dianética que reduzem a capacidade do preclaro para ser processado, podem ser removidas do caso. Podem ser de-intensificados elos de ARC em enorme quantidade. É uma técnica com a qual o preclaro pode ser rapidamente levado para cima na escala de tom. Sondar elos pode produzir mudança suficiente num caso para subir dois pontos na escala numa única sessão.

Um caso auditado desajeitadamente pode ser posto em ordem e impelido na escala de tom sondando elos. Alguns casos em que foram corridos muitos engramas, podem mesmo assim não ter subido na escala de tom, porque o enteta do processamento enturbulou o tempo presente e criou novos elos. Sondar elos remedia isto. De duas a quatro horas de sondagem de elos, repercutem-se nestes casos rapidamente e atinge um novo nível de atividade.

A técnica de sondar elos é muito simples. Todos os incidentes aberrativos são séries de natureza semelhante. Todas as quebras de afinidade por uma certa pessoa num caso, poderia ser considerada uma cadeia. Todas as quebras de afinidade com qualquer pessoa, em qualquer ambiente, em qualquer momento, poderia ser considerada uma cadeia consecutiva muito ampla na vida do preclaro. Todas as imposições de afinidade no preclaro por uma única pessoa poderiam ser considerada uma cadeia breve. E todas as imposições de afinidade por todas as pessoas poderiam ser considerada uma cadeia ampla. A comunicação, falar, ouvir, ver, não ver e todos os outros percéticos, impostos e inibidos, compõem as suas próprias cadeias. Imposições e inibições de realidade compõem a sua própria cadeia de acordos e desacordos. O auditor pode de facto preparar um quadro no qual podem ser mostradas todas as possíveis cadeias de elos,

em termos de afinidade, realidade, comunicação e dramatizações quebradas.

Os engramas também existem em cadeias, como será coberto mais tarde. O engrama ou cadeia de engramas dispõe da base sobre a qual podem ser acumulados elos. Centenas e centenas de incidentes podem derivar de um engrama ou cadeia de engramas. Correr cada um destes incidentes de per si requereria tempo demais da parte do auditor. Mas o preclaro pode ser prontamente levado pelo auditor a sondar, lenta ou rapidamente, tipos de incidentes semelhantes, do mais remoto para o mais recente, ou a respeito de uma pessoa ou a respeito de todas as pessoas ou a respeito de um certo período de tempo.

Os comandos necessários para permitir o preclaro sondar elos, são muito simples. Estes podem ficar muito mais complexos, uma vez que pode ser exigida rapidez ao preclaro. Constatase contudo que o preclaro normalmente sondará à sua própria velocidade. O auditor pergunta ao arquivista se há um tipo de incidente que possa ser sondado no caso. O arquivista, a um estalo de dedos do auditor, responde sim ou não. O auditor pede o tipo de incidente. O arquivista dá o tipo de incidente. O auditor diz então ao preclaro para ir para o momento mais remoto disponível nesta cadeia de elos, e faz outra vez uma pergunta ao arquivista sobre se esta cadeia pode ou não ser sondada sem atravessar engramas. Assegurado que pode ser, o auditor diz ao preclaro para sondar todos os incidentes do tipo nomeado, do momento mais remoto para o tempo presente. O auditor faz um exercício, e nunca varia o procedimento. Ele manda de volta o preclaro à linha de partida, o primeiro elo disponível deste tipo. Assegura-se que o preclaro está lá perguntando “Estás lá?” Quando o preclaro anui, o auditor diz então “através desta cadeia de incidentes e evitando toda e qualquer dor física, começa a sondar” (estalo!). O comando final que diz para o preclaro começar a sondar, é como um tiro de partida. Lenta ou rapidamente, o preclaro sobe através destes vários incidentes semelhantes. Estes incidentes podem consistir de todas as vezes que alguém o parou ou interrompeu quando ele queria falar. Ou podem consistir das vezes que uma certa pessoa, como a mãe ou esposa do preclaro, exigiu afeto. Mas seja qual for o tipo de incidente, o auditor tem que adotar uma rotina, e não variar essa rotina. O auditor deve dizer sempre ao preclaro quando começar a sondar. O preclaro não devem ser encorajado a ir para o momento mais remoto que pode descobrir, e começar a vir para a frente sem qualquer sinal adicional. Quando alcançar o primeiro momento disponível, o preclaro deve dizer ao auditor, se for capaz de saber isso. E o auditor deve instruir o preclaro para o informar quando chegar a tempo presente, para que nenhum tempo seja desperdiçado.

Sondar pode ser feito verbalmente ou não. O preclaro pode dizer ao auditor, cada vez que toca num incidente novo, a frase mais aberrativa daquele incidente. Isto seria sondagem verbal. Ou o preclaro pode simplesmente atravessar os incidentes, reconhecendo cada um deles à medida que os atravessa, ou passando por eles tão rapidamente que são meramente um borrão, sem dizer ao auditor o que está a contactar.

Será descoberto que o preclaro acha vulgarmente que os elos mais recentes no caso são os primeiros que podem ser sondados. À medida que

começa a sondar as cadeias de elos do caso, ele começará a achar cadeias de elos cada vez mais remotas, e porções de cadeias que ele pode sondar. Ele deve ser encorajado a descobrir momentos cada vez mais anteriores da vida dele.

Sempre que um preclaro começa a sondar uma cadeia de elos, pode esperar-se que à segunda ou terceira vez encontre incidentes anteriores do mesmo tipo, que antes tinha falhado. Isto é sintoma de cada vez mais teta disponível no caso, para que possam ser alcançados momentos cada vez mais remotos. O auditor não deve contudo constranger o preclaro. Se o preclaro não pode descobrir um incidente anterior depois de lho pedir, o auditor não deve insistir.

Qualquer cadeia é sondada muitas vezes. Será descoberto que no princípio só há um ou dois incidentes na cadeia. Sondando para além disso, apresentam-se cinco ou dez incidentes na cadeia. Então os incidentes velhos começam a ficar sem importância, e os novos, até aqui por recordar, começam a aparecer. A cadeia é vulgarmente curta durante a primeira sondagem, então parece aumentar, e finalmente o preclaro, ou se interessa pelo ambiente, ou por outra cadeia, ou a cadeia fica tão pequena que leva só um momento a sondar muitos anos da vida dele.

O mecanismo de sondagem é este: contactamos um incidente e reconhecemos-lo como conceito. Talvez haja uma frase no primeiro incidente. O auditor pode ou não pedir ao preclaro para repetir essa frase, como desejar. O preclaro vem então para a frente a partir deste incidente, para o próximo do mesmo tipo que possa reconhecer. A mente é intensamente seletiva dos tipos de incidentes que pode sondar. Parece que há um sistema de arquivo na mente que arquiva de acordo com tópicos. É isto que é usado para sondar elos.

Se a pessoa quer ser precisa a sondar elos, há o ritmo verbal em que o preclaro sonda, fazendo uma pausa em cada novo elo acima na cadeia, apenas o bastante para lhe tirar a frase mais aberrativa. Existe a sondagem não verbal, em que o preclaro reconhece as frases à medida que passa por elas, de incidente para incidente, de trás para a frente, mas não diz ao auditor que frases está a contactar. Existe o ritmo acelerado, que é um mero olhar rápido pelo incidente antes do preclaro ir para o próximo, e em que não é dito ao auditor quais os incidentes individuais. E por fim há a velocidade máxima. A velocidade máxima pode ser tão rápida que os incidentes são simplesmente um borrão. O preclaro não tem reconhecimento analítico do que está a acontecer, para além de diferenças de posição, lampejos de faces e lampejos de palavras.

Sondar elos liberta teta de inúmeros incidentes, e é altamente contributivo para elevar o tom do preclaro. Não deve ser confundido com sondar cadeias de engramas. Sondar cadeias através de momentos de dor física, não é desejável em casos abaixo de 3.5 na escala de tom, pois os engramas, através da dor física, furtarão mais teta livre de volta para a turbulência do que o que será libertado.

Teoricamente, os elos de um caso podem ser sondados a um ponto em que praticamente nenhuma aberração é manifestada, mas isto é só teórico, pois um de quatro tipos de enteta está ser convertido. Os quatro tipos são,

está claro, enteta recebido por causa do ambiente de tempo presente, enteta enquistado na forma de elos, enteta como carga em engramas e enteta como engramas.

O tipo de enteta existente como carga em elos e secundários liberta-se do presente para o passado. Os engramas são corridos do passado para o presente. Por isso, a pessoa começa a sondar elos muito tarde no caso. Pode ser necessário sondar um casamento ou uma relação empresarial perto do tempo presente, antes de poder continuar com qualquer outra coisa no caso.

Não importa muito ao auditor se o preclaro está ou não em valência, dentro dele próprio, quando ele sonda estas cadeias de elos. Sondar elos é uma técnica ampla e descuidada. O preclaro pode estar fora de valência; ele pode sondar incidentes imaginários; ele pode sondar conceitos; ele pode mesmo sondar as suas próprias conclusões sobre a vida. Ele pode sondar qualquer coisa que possa libertar enteta.

Para libertar o enteta duma educação não há nada como sondar elos. Também pode usar-se o truque de sondar elos para regenerar uma educação. Um indivíduo pode fazer um exame, digamos de história no oitavo ano. Ele pode então sondar os elos do verdadeiro estudo de história do oitavo ano e fazer outro exame. Será vulgar ele ter uma nota mais alta depois de sondar elos naquele período educacional. E contudo sondar os elos pode não ter requerido mais de quinze ou vinte minutos. Deste modo, sondar elos é um excelente truque para os que estão para fazer um exame em assuntos académicos.

As pessoas podem elas próprias sondar elos com considerável facilidade, a menos que estejam muito baixas na escala de tom. Elas começam meramente no mais antigo incidente de um certo tipo que puderem recordar e que os pode estar a perturbar, e avançam para o tempo presente através de todos os incidentes semelhantes. Fazem isto muitas vezes até se interessarem pelo ambiente de tempo presente.

O momento para parar de sondar qualquer cadeia particular de elos é quando o preclaro está extrovertido, quer dizer, se interessa pelo seu ambiente de tempo presente, ou quando a cadeia requer apenas um instante ou dois para a sondar. Pode acontecer que um preclaro continue a sondar uma cadeia de elos para além do ponto onde a sondagem desta cadeia particular deveria ser parada. O auditor verá então que o preclaro está a correr outro conjunto de elos. Isto não tem nada de especial, mas o auditor perdeu controlo do caso por um momento. O auditor deve então estar alerta com o tempo que o preclaro leva a sondar cada cadeia, e como o preclaro se sente cada vez que acaba de a sondar, e fazer perguntas acerca destes pontos.

Sondar elos é um tipo de técnica nada restimulativa para o auditor. O preclaro, a menos que esteja a correr verbalmente, não está a dizer frases restimulativas, e pode ir de trás para a frente e atravessar a mais surpreendente série de incidentes, sem que o auditor se aperceba do que se está a passar. Por isso o auditor não é restimulado. Acontece contudo que um auditor ao correr elos em cadeias num preclaro, pode ficar um pouco importunado. Ele não deve de forma alguma interromper o preclaro até ele

acabar de sondar a cadeia, independentemente do seu tédio. O auditor deve, sempre, deixar o preclaro varrer para diante até ao tempo presente. Como em qualquer outro caso, o auditor deve conferir sempre se o preclaro está em tempo presente no fim de cada sondagem, a menos que o preclaro esteja a sondar um período de tempo que não inclua o tempo presente.

Podem sondar-se elos em termos de tempo, digamos do quinto ao décimo ano da vida do preclaro, ou do vigésimo ao vigésimo quinto ano, ou do trigésimo ao quadragésimo primeiro ano. Ou pode sondar-se entre datas específicas. Uma sondagem pode ser feita numa pessoa num assunto. Pode ser feita num tipo de atividade. Pode ser feita em educação ou treino anterior. Pode ser feita no ambiente imediato do preclaro.

Sondar elos de audição é um procedimento altamente valioso. O auditor, se o seu preclaro pode sondar algo, deve em cada sessão sondar toda a audição. Quer dizer, enviar o preclaro de volta para o início da sessão, e mandá-lo sondar para diante até ao tempo presente. Não importa pois muito quantos engramas o preclaro restimulou ou o que aconteceu durante a sessão; o preclaro, sondando pode desrestimular os incidentes que aparecem. O fracasso em reduzir um engrama era muito mais sério no passado do que neste momento. A sondagem de elos possibilita correr a sessão na qual o engrama foi restimulado. A restimulação de um engrama sem o reduzir é meramente a criação de um novo elo. A sondagem de elos reduz este novo elo.

O auditor nunca deve criticar a negligência com que o preclaro pode estar a sondar. Sondar elos é amplo bastante para incluir essas inclinações.

Examinando a escala de tom, descobrimos primeiro que qualquer 3.5, quando os seus engramas foram corridos na totalidade, tem que sondar elos em todas as atividades da vida a fim de se qualificar como claro. Isto liberta todos os elos. Os elos, neste nível da escala de tom são, é claro, muito fáceis de libertar, uma vez que têm poucos engramas a sustentá-los. No quase-claro, não têm engramas por baixo, mas ainda podem existir elos num caso que foi clarificado de engramas. Embora estes elos possam trabalhar nos muitos próximos meses depois do último engrama ser corrido, é de longe mais fácil uma sondagem sistemática de todas as pessoas e circunstâncias da vida passada do preclaro.

O 3.0 pode sondar elos com grande proveito e sondará elos sem ficar preso a qualquer deles. Deste modo, uma nova série de engramas pode ser posta à vista. A única razão porque os engramas não podem ser corridos é existirem muitos elos em cima deles, e sondar elos é o melhor método de escoar enteta a fim de disponibilizar o próprio engrama.

O 2.5 tem que sondar elos para mostrar claramente os engramas. Depois de sondar elos, pode esperar-se que um engrama salte à vista com todos os percéticos necessários. Sondar elos sintoniza o 2.5 no ponto onde os engramas podem ser corridos com limpeza. Para descobrir novos engramas no 2.5, devem ser sondadas novas cadeias de elos.

O 2.0 pode sondar elos, mas o auditor deve trabalhar com as cadeias de elos dadas pelo arquivista. Todas as cadeias contactadas pelo auditor no 2.0 devem ser reduzidas, tal como se reduzem os engramas contactados.

Nenhuma cadeia deve ser deixada em restimulação neste nível, mas deve ser corrida até ao fim. Se a sessão é pequena demais para isto, sondar a sessão causará provavelmente uma redução da restimulação.

De 2.0 para abaixo, sondar elos começa a desenvolver um breve risco, mas não uma menor funcionalidade. O preclaro, depois de sondar algumas vezes uma certa cadeia de elos, é capaz de ficar preso num dos elos ou nalgum secundário menor. É então necessário correr seja que incidente for em que o preclaro se encontre preso como um engrama em si mesmo, embora possa não conter dor física.

O 1.5, como resultado comum de sondar elos, ficará preso num elo. O auditor começa a sondar elos e, depois de algum tempo, descobre que o 1.5 não está a andar na banda. Ele deve prevenir sempre o 1.5 quando pára na banda ou quando parece deixar de andar na banda. Caso contrário, é provável que o 1.5 comece a tropeçar admirado porque não avança para o tempo presente, mas sem dizer nada perdendo assim tantos minutos de audição, até que o auditor reconheça que algo está errado e faça algo sobre isso. Se o 1.5 fica preso num elo e o auditor, correndo este elo como engrama, não o pode reduzir, basta então o 1.5 começar a sondar outro conjunto de elos (obtidos do arquivista, está claro). Sondando o novo conjunto, ele salta para fora do engrama ou elo em que estava preso. Esta é a virtude peculiar de sondar elos. Se a pessoa não pode reduzir o engrama ou secundário ou elo no qual o preclaro pode estar preso, basta mandar o preclaro sondar uma nova cadeia de elos para libertar o preclaro da banda. Isto deve ser acentuado como mecanismo, porque é muito importante. Sempre que um preclaro fica preso num elo, e correndo o elo como se fosse um engrama o auditor descobre que não reduz logo, tudo o que o auditor tem a fazer é consultar o arquivista para descobrir outra cadeia de elos que o preclaro possa sondar, ou descobrir um incidente anterior do mesmo tipo no qual o preclaro está trancado. Sondando o novo conjunto de incidentes ou contactando o incidente anterior por memória direta, libertará o preclaro na banda.

Abaixo de 1.5 é introduzido um novo mecanismo em sondar elos. De facto é um mecanismo combinado. Em 1.1, ou antes, de 2.0 para baixo, sondar elos pode ser combinado com memória direta. Um certo tipo de incidente que é achado aberrativo para o preclaro, pode ser contactado por memória direta. Quando este tipo de incidente é contactado, o auditor não necessariamente precisa de o deixar assim, mas pode dirigir o preclaro de volta ao incidente descoberto, e sondar todos os incidentes semelhantes. Muito em breve, incidentes anteriores do mesmo tipo aparecerão, e logo um número enorme de incidentes desses podem ser retirados ao caso. Sondar elos pode de facto ser chamado fio direto de alta velocidade. A memória direta combinada com sondar elos pode isolar certos comandos de circuito ou de dominação ou “controla-te” que permaneceria escondido sob procedimentos ordinários de sondar elos.

Pode esperar-se que o 1.1 fique preso nalgum elo depois do auditor começar a sondar. O auditor sonda então elos no 1.1 na expectativa total de em breve o 1.1 ficar imóvel na banda. De facto esse 1.1, a menos que seja um caso todo aberto, ficará, comum ou cronicamente preso na banda, tal como um 1.5. Sondar elos põe contudo à vista elos mais pesados. O

enteta é convertido para teta até o elo mais pesado aparecer. O elo mais pesado não era, é claro, menos eficaz quando escondido. Sondar elos põe isso à vista. O auditor corre então este novo incidente em que o preclaro ficou preso a fim de o libertar, ou, não o libertando, encontra outra cadeia que possa ser sondada para o libertar. A sondagem de uma nova cadeia para libertar o preclaro de um ponto onde está preso na banda, pode ser complicado pelo auditor. De facto, basta dirigir a atenção do preclaro para um novo assunto ou pedir ao arquivista um novo assunto. O preclaro poderia ficar tão completamente envolvido com o elo em que está preso, que não lhe ocorre poder sondar qualquer outro assunto no momento. É tarefa do auditor perceber isto e dirigir a atenção do preclaro para outro tipo de incidente. Sondando o novo tipo de incidente, o preclaro pode libertar-se daquele em que estava preso, mas ficar pendurado num novo elo. O auditor tenta reduzir este elo como se fosse um engrama e, falhando, vai em para um terceiro tipo de cadeia.

O 0.5 não pode sondar elos com proveito, uma vez que o 0.5 ficará inevitavelmente preso por completo. Mas se o auditor comete o erro de sondar elos num 0.5, deve lembrar-se que basta usar memória direta para o libertar.

O 0.1 nunca deve sondar qualquer elo.

Uma das maneiras de libertar um indivíduo que está a sondar um engrama ou elo em que de repente ficou preso, é dar-lhe memória direta. A memória direta age como andas com as quais ele pode ser trazido outra vez para o tempo presente.

Sondar elos pode ser combinado com o percurso de elos isolados e com memória direta, com grande facilidade. Pode ser dada memória direta ou novas cadeias de elos para sondar a um indivíduo que está preso algures na banda do tempo.

Sondar momentos de prazer não deve ser negligenciado como técnica válida para elevar o tom de um preclaro. Quando um preclaro está particularmente em baixo, no começo ou no fim de uma sessão se o auditor cometeu algum erro, é necessário elevar o tom dele. Sondar momentos de prazer permite muito frequentemente a existência de bastante teta livre, tanto para disponibilizar novos incidentes como para terminar a sessão com êxito.

Devemos prevenir outra vez que ao sondar elos, deve trabalhar-se tão perto quanto possível com o arquivista, consultando-o sobre a próxima cadeia de elos a ser sondada no caso, seguindo então tanto quanto possível as instruções do arquivista. Na ausência de instruções do arquivista, o auditor deve usar o seu próprio julgamento ou discutir o assunto com o preclaro.

No processo de sondar elos acontecerá muito frequentemente que o preclaro entre em *letargia*. Deve lembrar-se que as letargias são altamente benéficas, e não devem ser interrompidas por nenhuma razão seja ela qual for. Quando o preclaro sai da letargia, o auditor deve pedir-lhe a frase que o pôs em letargia, e para repetir essa frase. O preclaro, repetindo a frase em voz alta ou para si próprio várias vezes, voltará então vulgarmente à

letargia. As letargias devem ser completamente esvaziadas. Elas são uma condição de sonolência às vezes indistinta de dormir, e um preclaro não deve ser perturbado enquanto estiver nessa condição. A remoção da letargia de um caso é a remoção de *anatem** acumulado, e é altamente benéfico. Alguns casos não podem fazer nada a não ser letargia.

O indivíduo pode sondar elos a si mesmo se se lembrar do facto que quando ficar preso num elo algures fora de tempo presente, tem que se beliscar para sondar outro tipo de elos em lugar de tentar a atravessar à toa o lugar onde está preso.

Também acontecerá o preclaro encontrar carga de desgosto como resultado de sondar elos. Pode ser que ele obtenha desgosto numa única frase. Ele pode não saber de que incidente esta frase vem. Se está bastante baixo na escala de tom, ele não pode fazer ideia porque está a chorar, mas a libertação de desgosto é em todo caso benéfica. Pode ocorrer que a única maneira do auditor poder tirar desgosto de um caso é sondar certas cadeias de elos, e então tirar o desgosto de uma única frase.

Um indivíduo que tem um somático cronicamente restimulado que lhe está a provocar sinusite ou uma enxaqueca, pode sondar isso sem o reconhecimento, em termos engrânicos, da fonte da enxaqueca ou de outro mal-estar. Em tal circunstância, é sobretudo benéfico sondar momentos de prazer. Isto quase sempre elevará o tom do preclaro.

O valor de sondar elos, podemos repeti-lo, é difícil de sobreestimar. O auditor o fará muito em qualquer caso. Qualquer caso, exceto o 0.5 e 0.1, beneficiará de sondar elos. O auditor pode cometer o erro sério de acreditar que lá porque o engrama é a causa básica da aberração é por isso a única coisa ou a coisa principal que deve contactar. Ele deve desenganar-se desta ideia. Com a técnica de sondar elos de alta velocidade, ele pode trazer um caso até ao ponto onde correr engramas, permitirá o caso prosseguir para claro. Sem tirar esta carga do caso, ele poderia correr engramas durante mil anos sem trazer o seu preclaro até claro. O auditor deve usar memória direta e sondar elos e percorrer secundários até o caso ter teta bastante para correr engramas.

É possível correr verdadeiros engramas numa preclaro baixo de tom sessão após sessão sem elevar o seu tom. Isto porque o percurso de engramas em tal caso cria elos de audição. O teta libertado do engrama é imediatamente re-perturbado, e o tom do preclaro permanece o mesmo ou baixa por causa da turbulência de cada vez mais teta livre em numerosos elos de audição. Tal caso deve sondar elos.

O auditor deve desenvolver a sua técnica de sondar elos e ser muito paciente no seu uso. Ele encontrar-se-á às vezes ali sentado calado durante vinte ou trinta minutos, enquanto o preclaro sonda uma cadeia. O auditor deve contentar-se em sentar-se ali, e deixar o preclaro sondar até se tornar aparente que o preclaro não se está a mover na banda ou está com alguma dificuldade. Ele deve ter com o preclaro uma completa compreensão sobre o que estão a fazer. O preclaro deve compreender que o auditor, trabalhando com o arquivista do preclaro, é que seleciona as cadeias de

*Analítico atenuado

elos a ser sondadas. O preclaro deve compreender que é o auditor que o manda começar a sondar, e ainda que o auditor controla o caso.

Sondando elos, o auditor converterá o máximo de enteta do caso de volta para teta livre, onde ele pertence.

CAPÍTULO DOZE

COLUNA AH

Engramas secundários

Provavelmente a maioria do enteta acumulado num indivíduo, fica presa em engramas secundários.

Um engrama secundário pode ser definido como um período de angústia provocado por uma perda ou ameaça de perda maior. A intensidade e força de um engrama secundário dependem dos engramas de dor física que estão por baixo dele. Sem um engrama de dor física, a formação de um engrama secundário é aparentemente impossível.

O tipo de enteta apanhado num engrama secundário é evidentemente um inverso pesado da polaridade de teta. A emoção torna-se mal-emoção. Os componentes de teta, afinidade, realidade e comunicação, através de perda ou ameaça de perda para o indivíduo convertem-se em enteta, e depois disso repelem os componentes afinidade, realidade e comunicação que ainda permanecem num estado de teta.

Um engrama é um momento de dor física, como uma operação com anestésicos, um acidente, uma doença ou qualquer condição produtora de inconsciência. Um engrama pode, contudo, ocorrer e permanecer inativo. Nenhum engrama é ativo até “sintonizar”, ou seja, até um momento em que o ambiente à volta do indivíduo acordado, mas cansado ou exausto, é semelhante ao engrama dormente. Naquele momento o engrama fica ativo. Sintoniza e pode ser depois dramatizado. Efetuará, em virtude dos seus comandos, o processo de pensamento do indivíduo, criando obsessões, compulsões, neuroses e psicoses abaixo do seu nível de consciência. Ou a componente dor física pode criar “doenças psicossomáticas”, que são com mais precisão chamadas em Dianética “somáticos crónicos” de engramas.

Os engramas de dor física podem existir em grande número num caso sem sintonizarem e sem estarem ativos. A sintonia pode ser só um elo. A sintonia e elos adicionais começam por dar ao engrama cada vez mais enteta, e ele fica cada vez mais poderoso quanto ao efeito sobre o indivíduo. Em resumo, tem que ser “carregado” para afetar o indivíduo.

A mais pesada e abrupta carga que um engrama pode receber é um engrama secundário. A dor física do engrama de dor física possibilita a detenção de grandes quantidades de teta quando esse teta é perturbado por um choque de tempo presente, como a perda ou ameaça de perda de fatores de sobrevivência da vida da pessoa. Se o engrama de dor física não estivesse lá para atrair teta temporariamente perturbado, aparentemente teta simplesmente se de-perturbaria, e o indivíduo retornaria a um estado completamente racional. Na presença do engrama físico que contém alguma semelhança com a perda ou ameaça de perda, quando ocorre um choque severo de perda ou ameaça de perda, a turbulência do indivíduo é em grande parte apanhada, e uma pesada carga entra no engrama de dor

física, e lá fica até o Processamento de Dianética a remover o ou até teta e MEST do indivíduo serem separados pela morte.*

Um engrama de dor física uma vez carregado por engramas secundários, torna-se inacessível ao analisador a tal ponto, que o indivíduo que tenta abordar este engrama ou série de engramas não pode, com o teta livre disponível, penetrar no âmago da dor física. Podem ocorrer impressões alucinatórias do engrama. O engrama quase pode ser corrido como a sequência de um sonho. Os somáticos são leves ou inexistentes. O conteúdo é notavelmente alterado. A posição do engrama na banda do tempo pode ser seriamente oclusa. Em suma, a existência de engramas secundários em cima de engramas primários impossibilitam o indivíduo de correr dor física para fora do caso. Alguns engramas secundários menores dum caso podem apenas entorpecer a agudeza dos percéticos, mas o caso usual contém muitos engramas secundários pesados. O caso seriamente ocluso é ocluso por causa da existência de engramas secundários.

A linha de demarcação entre teta e enteta é 2.0 na escala de tom. O ambiente de tempo presente do indivíduo varia na escala de tom, da mesma maneira que o indivíduo pode variar de período para período da sua vida, contudo na ausência de processamento o curso do indivíduo é um declínio gradual. Poderia tomar-se qualquer ambiente, e julgar a sua posição na escala de tom. Por outras palavras, o indivíduo pode ser localizado na escala de tom pela sua posição crónica ou por uma posição momentânea. Um grupo pode ser localizado na escala de tom pelo seu estado crónico ou temporário. E o ambiente de tempo presente pode ser localizado na escala de tom.

O ambiente de hoje poderia estar alegre. Este ambiente ajudaria, puxando o indivíduo ligeiramente para cima na escala de tom. Ou quando o ambiente está muito alegre, dá o resultado ocasional de transformar momentaneamente as atividades e conduta do indivíduo nas de um 4.0, mesmo sendo ele vulgarmente bastante aberrado. Mas enquanto que um 4.0 teria poder de recuperação, e responderia só parcialmente a um ambiente de tempo presente, um indivíduo completamente aberrado é quase um escravo do ambiente, e quanto mais baixo está na escala de tom, mais seriamente é afetado por ambientes de tom baixo. Por isso o 1.1 pode agir como um 2.0 num ambiente muito alegre e seguro, mas num ambiente perturbado, mesmo que ligeiramente, o 1.1 pode agir momentaneamente como um 0.8.

Boas notícias, sucessos súbitos, a visão ou consecução de novos componentes de sobrevivência, trazem um ambiente agradável e feliz. Seria um ambiente acima de 2.0 na escala de tom, subindo o tom na razão direta da potencialidade de sobrevivência dos que estão nesse ambiente. Quando uma ideia, um dado, uma circunstância, uma pessoa ou o ambiente

* Foi descoberto que o corpo teta contém quantidades de enteta como engramas secundários, mas, de acordo com observação, a carga não é tão pesada como a da vida atual.

geral é conducente à sobrevivência da pessoa em questão, pode dizer-se estar num nível da escala de tom acima de 2.0.

As circunstâncias ambientais que ficam abaixo de 2.0 na escala de tom, são circunstâncias de enteta, e são perturbadoras para o indivíduo. Ideias, notícias, associações, pessoas ou o ambiente geral, na banda de ira até morte fingida, restimulam o enteta existente no indivíduo, e perturbam mais do seu teta livre, provocando-lhe assim uma redução na escala de tom. Estes são fatores de não-sobrevivência, fatores esses que tendem para a morte do indivíduo ou grupo, embora a tendência possa não ser em termos de verdadeira morte.

Em vista disto e compreendendo os engramas secundários, também deve ser reconhecido, que quando olhamos para a escala de tom, estamos a olhar para o tom e para o volume. Em música, uma nota pode estar em qualquer ponto da escala musical e ainda assim não ser forte. Seria uma nota de um certo tom mas de baixo volume. Uma nota pode ser de um certo tom com alto volume. Além disso a nota, nas suas harmonias e harmónicas, pode ter timbre ou qualidade.

É muito assim na escala de tom da reação e comportamento humanos. A posição na escala de tom de uma circunstância momentânea ou de um estado crónico, fala-nos só do “pico” do tom do indivíduo ou grupo ou ambiente. Considerando a escala de tom, o volume é o segundo fator a ser estudado. Um indivíduo pode estar importunado mas, como se costuma dizer, “até certo ponto”. Ele só está um pouco importunado. Ele pode noutro momento estar muito importunado. Nos tons mais baixos, pode ter medo, mas só ligeiramente. Ou pode ter tanto medo, que o medo é terror. A quantidade ou volume de turbulência poderia ser lido noutra dimensão, estendendo-se do plano do quadro ao leitor. Poderia haver pouco ou muito desgosto, mas a posição na escala de tom seria a mesma.

Há também a questão da qualidade da turbulência. A qualidade do medo ou ira ou a qualidade da felicidade é importante. Mas este fator seria diferente do tom ou volume da escala de tom.

A quantidade de teta livre com que um indivíduo é dotado é enormemente importante. A quantidade de teta livre tem muito a ver com a persistência ou força racional do indivíduo ao longo de qualquer curso. Isto seria o volume de uma pessoa. A qualidade de uma pessoa seria algo mais estrutural. Para tornar isto mais claro, uma pessoa pode ser dotado de um enorme volume de teta, e ainda assim não ter a estrutura com a qual ser inteligente. Ou pode ter um índice de qualidade muito alto, e ainda assim não ter dotação suficiente de teta para executar os planos que possa conceber. Todos nós conhecemos o indivíduo que teve 20's em todos os cursos, e ainda assim nunca pôde fazer nada com a sua educação. E conhecemos o indivíduo que não tendo boas notas nos vários graus e que de facto parecia nunca compreender nada nem sequer os assuntos elementares, ainda assim, pelo poder da sua personalidade, forjou uma alta posição na vida. Um estudo desta matéria dá uma avaliação útil da potencialidade e comportamento humanos. O mais importante é que dá um pouco de compreensão ao que acontece ao indivíduo no processo de aberração. A aberração, considerada como um pico ou tom, é teoricamente

independente da qualidade, (provavelmente estrutura) e volume (dotação de teta). Os fatores de qualidade e volume responderiam em parte pelas diferenças individuais que podem ser encontradas nas pessoas aberradas em níveis semelhantes da escala de tom.

Os engramas de dor física são a principal quebra de ARC entre teta e MEST. Segundo a nossa teoria da Dianética, teta e MEST têm uma certa afinidade nativa um pelo outro, mas quando a colisão ou impacto de um contra o outro é muito grande ou muito súbita, tem lugar uma inversão de polaridade, e esta afinidade é mudada para uma manifestação de baixo nível. Teta e MEST juntos em 4.0, estariam em completa harmonia. Se as substâncias químicas e combinações de espaço e tempo funcionado sobre energia MEST, fossem motivadas e animadas pelas ideias e experiência da energia teta, e sendo-lhe postulado um alto nível de sobrevivência, resultaria um organismo funcional. Dada contudo um pouco de dor física, ocorre uma leve queda na escala de tom, uma vez que teta e MEST perderam um pouco de afinidade um pelo outro, não estão em tão boa comunicação entre si, e por isso não podem atingir um acordo tão harmonioso, ou realidade sobre os seus propósitos. É uma missão de MEST sobreviver ou sucumbir. É uma missão de teta sobreviver ou sucumbir. Os propósitos têm paralelo entre teta e MEST. Quando teta e MEST estão em união num nível harmonioso, poderia dizer-se que o ARC forma um acordo quase perfeito e ressonante de teta com MEST. Quando ocorre uma dor física, resulta daí uma leve dissonância. Essa dissonância é insuficiente para provocar um separação entre teta e MEST, até chegar a 2.0 na escala de tom. Depois disto, a dissonância é tão grande que teta é antagónico a MEST, mas ainda opera. Em 1.5, existe uma discordia ativa e violenta a separar teta de MEST. Abaixo, a dissonância cresce. Quando 0.5 é alcançado, a descemos a uma dissonância quase nula o que torna teta quase inativo com MEST. Em 0.1, esta anulação torna-se tão abrangente, que os dois não existem juntos mesmo nada. E em 0.0, a morte do organismo é alcançada.

Existe a vida global do organismo que poderia dizer-se ser o corpo teta. Há então a vida somática, ou a vida das células. A vida das células persiste para além da morte do organismo, mas como a vida básica do organismo e o MEST se rejeitaram mutuamente, a vida somática, a menos que ajudada por outros organismos como nas experiências de Alexis Carrel, extingue-se nos próximos minutos ou meses, provocando por isso a morte completa do organismo, e deixando no seu lugar os componentes MEST que foram organizados por teta e que são eles próprios uma espécie de evolução de MEST.

É em 2.0 (e a escala de tom é um tanto arbitrária, embora baseada em observação e exequível) que a perda de vida começa. Na ausência de processamento, a separação entre teta e MEST é necessária ao indivíduo ou grupo cronicamente perturbado, de 2.0 para baixo. A turbulência momentânea, por causa de circunstâncias ambientais, provoca a mesma intenção. Esta intenção, quando se manifesta como ira, não é imediatamente observável. Mas a ira é destruição e morte. Daí para abaixo, as perdas ficam cada vez mais prováveis.

Existe um paralelo direto na escala de tom entre a posição do indivíduo, a condição de teta e a maneira como MEST é manejado por teta. Em 4.0, teta maneja MEST com grande suficiência. Em 3.5, há um pouco menos de certeza da parte de teta para manejá-lo. Em 3.0, teta, sabendo que pode perder MEST, fica conservador no seu manejo de MEST. Em 2.5, teta maneja MEST com relativa indiferença, uma vez que não está bem convencido que pode continuar a fazê-lo. Em 2.0, teta é incapaz de manejá-lo adequadamente, e assim começa a rejeitar MEST e a tentar ejetá-lo de MEST. Em 1.5, teta está determinado a rejeitar e a ejetá-lo de MEST, mas a sua determinação é ainda dirigida a todo o MEST que o cerca e não tanto ao organismo em que está contido. Neste nível está a tentar ejetar o organismo do ambiente, destruindo o ambiente. Em 1.1, foi alcançado o estrato do medo. O teta do organismo tem que ter muito cuidado com o modo como destrói a área à volta dele, mas a sua própria ejeção do organismo e a rejeição do ambiente não são menos certas. Aqui o organismo aceitou o facto que teta e MEST se separarão, e que o ambiente não contém nenhum fator de sobrevivência, mas apenas fatores de não-sobrevivência. Em 0.1, a morte foi aceite pelo organismo como condição de um ambiente de morte.

Um estudo disto demonstra um terceiro fator evidente na teoria tetamest. O próprio organismo tem intenção de sobreviver, possivelmente mesmo quando teta e MEST que compõem o organismo decidiram separar-se. Muita teoria pode ser postulada sobre isto. O que é interessante para nós em processamento, é que abaixo de 2.0 a intenção de teta é a sua separação de MEST, quer essa separação seja pela destruição do ambiente, que pela destruição do próprio organismo. Teta tem muitas escolhas de como isto pode ser realizado.

A sobrevivência é frequentemente obtida por um organismo, através da diligência de outro organismo. Como o visco vive da vida de um carvalho, também um indivíduo pode existir em virtude de um aliado poderoso. Qualquer criança tem nos seus pais aliados que ajudam a sua sobrevivência. Se os pais ajudam materialmente a sua sobrevivência e lhe negam a sua autodeterminação, a criança começa a viver quase como se ela fosse os seus pais. O teta da criança torna-se, poderá dizer-se, no teta dos pais.

Poderia dizer-se que o teta de um indivíduo, quando é suprimido do controlo do seu próprio organismo, pode misturar-se com o teta de outros organismos. Isto é uma observação inexplorada. Mas o que é certo, é que o teta de qualquer indivíduo pode identificar-se com o teta dos indivíduos à sua volta a tal ponto, que a morte ou mesmo a doença de um ou mais dos indivíduos circunvizinhos, pode provocar a mesma redução na escala de tom do indivíduo dependente. Isto poderia ser trabalhado na base da restimulação do ambiente, mas parece ter um significado mais profundo. O auditor encontrará frequentemente o seu preclaro tão completamente associado a um indivíduo morto, que ao entrar na sessão pode cruzar as mãos no peito como se fosse um cadáver. Uma investigação da situação demonstrou que este preclaro perdeu um aliado poderoso, como a mãe, avó, pai, avô ou tutor, e que o preclaro está parado na banda do tempo no momento da morte deste aliado. O teta deste preclaro ficou tão

completamente associado ao teta de outro, que quando a outra pessoa morreu, o preclaro morreu para todos os efeitos, mas continuou viver como organismo, embora completamente suspenso como identidade.

Esta confusão de identidades entre uma pessoa e outra é severamente aberrativa. Através da técnica de memória direta, um auditor pode começar a separar identidades no seu preclaro, descobrindo os seus hábitos e padrões de pensamento e ação, e achar quem no passado teve estes padrões de pensamento e ação. O preclaro pode identificar a pessoa a quem estes hábitos e ações realmente pertenceram, e nessa medida recuperar a sua própria identidade pessoal.

A identidade pessoal é muito importante. Ela é paralela à autodeterminação. Quando a identidade do indivíduo foi em grande medida absorvida da personalidade de outra pessoa, outra forma de dizer mistura de teta, resulta uma perda de personalidade com consequente redução da dinâmica analítica e da capacidade de raciocínio. É muito importante que o auditor provoque a separação destas identidades.

O engrama secundário pode consistir de qualquer mal-emoção de 2.0 para baixo na escala. Primeiro, há o antagonismo por causa de uma ameaça de perda dos componentes de sobrevivência do indivíduo. Há então ira contra as fontes que ameaçam a perda. Há então medo de perda, tanto a perda da vida própria da pessoa como a perda dos seus aliados. Há então o nível do facto consumado de perda, quer de posição, quer de pessoas ou coisas. Este é o nível de desgosto. A seguir há o nível onde a perda não só se consumou, mas o indivíduo pensa que por causa desta perda, ele próprio e tudo à sua volta está perdido. Isto é apatia. Finalmente a perda é tão completamente aceite, que o ambiente e tudo o que há nele é renunciado, e a própria vida é renunciada como perdida. Isto é morte simulada, só um décimo acima de morte verdadeira.

Eis aqui a espiral descendente. Todos os elos ficam de facto abaixo de 2.0 na escala de tom, se forem eles próprios aberrativos. São as ameaças menores à sobrevivência, a introdução de componentes menores na vida do indivíduo que ameaçam a sua existência. Existem muitos deles. Eles são de pequeno volume, como incidentes momentâneos de medo, e perdas de pequenas coisas. As perdas de outra pessoa podem formar elos.

O engrama secundário é coisa de grande volume. No engrama secundário temos em 2.0 antagonismo, por causa de ameaças de perdas importantes. Em 1.5, temos ira por causa de ameaçada de uma perda importante. Em 1.1, temos o medo de uma perda importante. Em 0.5, temos o desgosto por ter ocorrido uma perda importante, e uma apatia resultante da inabilidade aparente para recuperar o que foi perdido. Em 0.1, temos tal magnitude de perdas que a vida é insuportável para o indivíduo, e todo o ambiente parece ele próprio ter colapsado e morrido.

O engrama secundário pode então consistir de um antagonismo maior, uma ira maior, um medo maior que vem a dar em terror, um desgosto maior ou uma apatia maior, ou um conceito maior de nada mais do que morte. Aqui nós temos uma escala gradiente de ameaças maiores de perdas, perdas e resultados de perdas.

A criança tem muitos momentos efémeros ou passageiros de medo ou desgosto por causa de falta de dados. Muito pouca desta turbulência tem consequências duradouras, o que quer dizer que não fica presa, porque a criança tem vulgarmente poucos engramas em restimulação. Contudo, ao processar crianças, podem correr-se muitos incidentes de medo e desgosto, uma vez que sempre fica alguma turbulência residual. Os secundários muito maiores num adulto, são normalmente muito poucos, mas eles consistem de impactos violentos do ambiente em termos de perda ou ameaças de perda tais que, estando os engramas já restimulados, grandes quantidades de teta são perturbadas e enquistadas na forma de engramas secundários.

O percurso de um secundário e sua completa exaustão do caso é de enorme importância. Existem aqueles que, sabendo que os engramas secundários só existem em virtude do engrama de dor física que está por baixo deles, e que têm eles próprios medo de desgosto, tentam auditar os indivíduos na esperança de evitar engramas secundários e, em vez disso, tentam correr engramas de dor física. Os engramas de dor física não esvaziarão subitamente a menos que o desgosto seja corrido primeiro.

O engrama secundário é reduzido pela descarga fisiológica de lágrimas ou possivelmente alguns outros fluidos. O desgosto parece ser redutível só em termos de lágrimas. Medo ou terror parece ser deselegantemente redutível em termos de urina, suor e outras excreções do corpo. A ira parece ser redutível através de certas excreções físicas. A apatia é redutível correndo simplesmente o sentimento de apatia, e isto é realizado através de certos sintomas fisiológicos*.

Um engrama secundário corre exatamente como um engrama. Começa no momento mais remoto possível do secundário, e prossegue, apanhando todos os percéticos até ao fim do incidente. Volta então ao início e passa-o outra vez. O auditor continua a mandar o preclaro repassar o incidente até o preclaro estar numa posição elevada na escala de tom, em relação a este engrama secundário. Se o engrama secundário é de raiva, o preclaro subirá prontamente através de tédio, e comumente para quatro falso. Se é de medo, o preclaro subirá por raiva, tédio e outra vez para quatro falso. Se é um secundário de apatia, passará primeiro por apatia o que é muito

* Vale a pena advertir que poderia ter sido adicionada uma outra coluna a este quadro que já tantas colunas contém. Esta seria a coluna de odor corporal. O corpo tem normalmente um cheiro doce até 2.0, mas começa a exsudar cronicamente certo fluídos desagradáveis de 2.0 para baixo. Os indivíduos de 2.0 para baixo têm comumente má respiração. Os pés podem ter um odor considerável. As glândulas almiscaradas são muito ativas. O suor tem um cheiro peculiar. Os órgãos sexuais emitem um odor repelente. E várias funções exaustoras do corpo, não estão sob muito bom controlo. A pessoa pode ter que urinar ou defecar sob ligeira tensão ou pode chorar facilmente sem qualquer causa aparente. Esta coluna não foi adicionada a este quadro por não ter sido completamente explorada, mas apenas conhecida de uma forma geral. Qualquer odor físico ligeiro ou muito repulsivo de um indivíduo indica, contudo, uma posição na escala de tom abaixo de 2.0. É interessante notar que no Oriente as mulheres são comumente selecionadas pela doçura da sua transpiração. Este é aparentemente um teste muito fiável da posição na escala de tom. As pessoas que têm má respiração, perdem-na à medida que são processadas quando estão acima de 2.0 na escala de tom. As pessoas que são mesmo que temporariamente suprimidas para baixo de 2.0, têm comumente má respiração.

duro, depois por desgosto, depois medo, depois raiva, depois aborrecimento e então quatro falso. Um engrama de morte fingida é uma apatia muito mais funda e muito mais difícil de correr. Muito teta tem que ser acumulado de outras partes do caso antes de um engrama morte fingida poder ser corrido.

O auditor nunca deve cometer o erro de pensar que o conceito é o engrama. Ele deve fazer o máximo para persuadir o preclaro a cada simples percético, como um secundário ou qualquer outro engrama é corrido. Contudo, no início do percurso de um secundário, só o seu conceito mais vago ou só alguma pequena frase pode estar disponível. O auditor, fazendo o preclaro repeti-la muitas vezes, pode ser capaz de obter mais do engrama e trabalhar até ele ficar ali na sua totalidade e poder ser repassado, momento em que o preclaro subirá na escala de tom.

Retirar alguma mal-emoção de um caso é benéfico para o caso. Um engrama secundário só pode ser trabalhado em parte. Mas o auditor nunca deve cometer o erro de permitir um preclaro deixar um engrama secundário antes de estar esgotado de toda a possível mal-emoção. Cada secundário deve ser elevado tão alto quanto possível na escala de tom. O auditor, além disso, não deve cometer o erro de abandonar o engrama em antagonismo. Ocasionalmente o preclaro, ao recontar toda esta experiência com todos os possíveis percéticos, chegará ao ponto de ficar impertinente sobre a circunstância. Esta impertinência quase sempre é feita de frases que ainda permanecem no secundário ou engrama. O auditor pode achar um pouco de resistência do preclaro no nível de antagonismo, mas deve continuar a correr o engrama. Subirá então a aborrecimento. O preclaro tem que ser persuadido a passar outra vez através dele. Ele declarará vulgarmente que está aborrecido com isso. Isso não chega. É necessário recontar mais para o trazer até ao nível de tom desejável.

Deve ser lembrado, pois não voltará a ser comentado, que a mal-emoção faz parte de todos os engramas de dor física. A mal-emoção de um engrama subirá a escala da mesma maneira que a mal-emoção de um secundário.

Não negligie a importância para o caso do engrama secundário. Por exemplo, a viúva recente de um homem com muito êxito, uma semana depois do enterro tinha ficado fisicamente doente, vestiu-se de luto, parecia alguns dez anos mais velha, e não conseguia enfrentar a existência. Um auditor trabalhou com ela durante nove horas, e correu completamente a morte do marido. Ao fim deste tempo ela parecia mais jovem do que já há alguns anos, e pôde vestir-se e viver a vida com uma calma considerável. A mudança foi tão notável depois destas nove horas de processamento, que não teria sido possível reconhecê-la como a mesma mulher que tinha entrado na sessão sob a ameaça deste secundário. Um teste Multifásico de Minnesota dado a alguns indivíduos antes e depois do percurso apenas de engramas secundários, mostrou que estes indivíduos, antes de os secundários serem corridos e descarregados, ficavam em cima da linha severamente aberrada, e que depois de os secundários terem sido corridos e descarregados, estavam bem dentro da área normal. Não há nada mais espetacular na subida de um caso na escala de tom, do que a que tem lugar depois de descarregar um ou mais engramas secundários. Isto é particularmente verdade com engramas de desgosto, mas outros também

produzem efeitos benéficos. A razão porque isto acontece, parece ser que, embora sejam os engramas de dor física que possibilitam a existência dos engramas secundários e elos, são os secundários que prendem a maior parte do teta do caso e o detêm como enteta numa condição enquistada.

O auditor deve prestar uma atenção muito particular à sua própria atitude quando está a tentar correr um engrama secundário no preclaro. A ordem social presente tem uma compunção considerável contra chorar ou mostrar medo, e uma inibição geral em exibir mal-emoção e emoção. Quando estas inibições ficam na forma de circuitos, como será coberto depois, é difícil esvaziar o engrama secundário. Contudo, se o auditor demonstra um alto nível de ARC, se ele parece simpático, o trabalho dele será muito mais facilitado. O preclaro não pode correr engramas secundários na presença de um auditor por quem sente antagonismo. O auditor deve, por isso, ser compatível com o preclaro, e deve ter esclarecido com ele que formam um grupo de dois, se é que espera deste preclaro correr engramas secundários.

O arquivista e banda somática, como será coberto no percurso de engramas, não são particularmente fiáveis na presença de engramas secundários. Aqui nós temos quantidades enormes de enteta, logo as entidades teta como a banda somática e o arquivista, têm dificuldade de se aproximar dessas áreas. Contudo, a recuperação e conversão de considerável enteta dos elos, trará o caso para cima na escala de tom para um ponto onde a mente analítica terá bastante teta livre para atacar os secundários.

A razão básica porque um indivíduo é severamente aberrado é, claro está, os engramas secundários. Se o indivíduo está bem em baixo na escala de tom, pode assumir-se que tem um grande número de engramas secundários pesados, quer possa correr estes secundários ou não, pois aqui nós temos os principais depósitos de enteta de um caso.

Certos auditores, por causa da sua simpatia e capacidade para desenvolver um alto ARC com o preclaro, tornam-se peritos no percurso de engramas secundários. Todo aquele a quem as pessoas falarão das suas dificuldades, será capaz de correr engramas secundários. O processo de correr um engrama secundário, não difere do processo de correr um engrama de dor física. Isto é muito importante. O engrama secundário é chamado secundário porque depende de um engrama anterior de dor física para existir, sendo ele próprio ocasionado por um momento consciente de perda. É chamado engrama para focar a atenção do auditor no facto que deve ser corrido como engrama, e que devem ser esgotados todos os percéticos possíveis. Ocorrerá ocasionalmente que depois de sondar um preclaro numa certa cadeia de elos, o auditor verá de repente que o preclaro está num engrama secundário. Talvez alguma frase o sugestione, e o indivíduo chore ou mostre medo. O auditor deve mandar repetir esta frase muitas vezes. Talvez nem o auditor nem o preclaro saibam a fonte desta frase, mas o seu esgotamento por si só pode, num caso fortemente ocluso, provocar uma subida considerável, mesmo que momentânea, na escala de tom. Pode ocorrer que depois de sondar elos, todo um secundário fique pronto para ser corrido. O auditor deve então corrê-lo.

Não deve ser dada importância exagerada à existência de circuitos num caso, quer dizer, à existência de supressores de engramas secundários ou de qualquer outro enteta. Sondar elos e memória direta pode, ou localizar os elos do circuito, ou o circuito pode ser ignorado nalguma medida. O circuito é o alibi favorito do auditor Quase toda a gente que está em baixo na escala de tom foi suprimido pela dominação ou anulação de pessoas ou do ambiente. Deve ter-se em mente que o circuito deriva do engrama, e é carregado de enteta. O enteta pode ser em certa medida convertido para teta, nulificando assim o circuito sem descobrir o engrama no qual este circuito particular está contido.

Engramas secundários ou pelo menos frases suas, podem ser descarregados de qualquer caso, não importa quão ocluso. É simplesmente questão de recuperar bastante teta livre para que o indivíduo tenha uma qualidade suficiente desse teta livre para possibilitar esgotar secundários. Deve recordar-se que quando um caso está sobrecarregado com enteta, métodos ligeiros e cautelosos podem ainda trazer ao preclaro teta suficiente para que o enteta possa ser atacado. Um engrama secundário, sendo um depósito muito pesado de enteta, repelirá teta.

O auditor descobrirá ocasionalmente um preclaro que correrá secundários imaginários com enorme influência em termos de terror, desgosto ou apatia. Ele está aqui a lidar com circuitos (o que será coberto depois) que fornecerão manifestações físicas, mas não esvaziarão engramas. Um indivíduo pode ter uma porção do analisador segmentada por carga, e sob o comando de uma afirmação do engrama para que ele corra desgosto. Como resultado, o indivíduo forja incidentes de desgosto. Um comando engrâmico como “tu estás sempre com medo, e imaginas coisas para ter medo delas” ou qualquer de uma multiplicidade de aproximações, pode levar o indivíduo a forjar e correr incidentes de medo. A realidade de tais incidentes é muito baixa, mas o indivíduo corrê-los-á e manifestará medo. Infelizmente estes incidentes não produzem qualquer alívio de aberração no caso. Trata-se de uma manifestação de dub-in. É muito facilmente distinguível de incidentes reais, uma vez que o preclaro quase nunca pode repetir o mesmo incidente da mesma maneira uma segunda vez, e uma vez que o preclaro está ansioso por vender ao auditor a ideia de que o incidente é muito real, embora o auditor não tenha feito qualquer sugestão de que poderia ser irreal. O auditor usa como referência a probabilidade do incidente ser real, mas ele não está particularmente preocupado com um incidente. Um circuito tem o hábito de forjar o mesmo tipo de incidente repetidas vezes, mas localizando-os em vários pontos da banda do tempo. O preclaro, se está muito em baixo na escala de tom, pode ele próprio não estar consciente da irrealidade deste incidente. Mas o auditor, sabendo que o preclaro está em baixo na escala de tom, suspeita da possibilidade de dub-in quando ele corre cinco ou dez incidentes em que é amarrado a uma via férrea pela mãe, e salvo no último momento pela tia. Aqui está a ilusão desenfreada. O preclaro manifestará alívio considerável depois correr o incidente, mas aqui está um circuito a trabalhar, e não importa quantas vezes este incidente seja corrido, a condição do preclaro não será melhorada. O auditor, dando crédito a este incidente continuando a corrê-lo, está de facto a validar o incidente e a fortalecer o circuito. Estes incidentes são normalmente estranhos e

sensacionais. Muito frequentemente contudo, o auditor tem de facto nas suas mãos incidentes que são bastante verdadeiros, e são estranhos e sensacionais, uma vez que as coisas feitas aos seres humanos neste vigésimo século, nem sempre são dóceis e rotineiras. O teste de qualquer secundário é que, esvaziando ou não, eleve o indivíduo na escala de tom. Quando o auditor descobre que está a correr medo ou incidentes de apatia por causa de algum circuito, deve ficar imediatamente consciente do facto que está a tentar alcançar uma forma de enteta muito pesada. Ele não deve correr secundários, mas elos. Um preclaro que corre esse dub-in de mal-emoção está muito, muito baixo na escala de tom. Uma estimativa deste preclaro no quadro, teria dito ao auditor, em primeiro lugar, que o preclaro estava em baixo na escala. O auditor deve por isso estar alerta com dub-in. Dub-in de mal-emoção é melhor manejado não correndo trinta incidentes sucessivos nos quais o preclaro é metido na máquina de lavar roupa pelo pai, ou içado num pau de bandeira pelo irmão mais velho, mas abordando os elos do caso, quanto mais próximo do tempo presente melhor. Muito em breve o auditor descobrirá que o ambiente deste preclaro é normalmente muito restimulativo, e que existem indivíduos no seu ambiente que habitualmente instalam elos pesados. Além disso, o auditor descobrirá ao sondar elos, que este preclaro tropeçará comumente em elos depois da cadeia ter sido sondada, e dos próprios elos trem sido corridos como incidentes. Tal preclaro não deve ser sujeito a correr engramas secundários pesados. Está claro, num caso todo aberto em que existem algumas oclusões, verdadeiros secundários poderiam ser corridos bastante cedo no caso com uma enorme recuperação na escala de tom. É no caso ocluso que o auditor deve esperar encontrar circuitos que produzem mal-emoção à vontade.

O auditor que está manejar um preclaro acima de 1.5, não deve preocupar-se muito com dub-in de mal-emoção.

No assunto de engramas secundários o auditor, afora o seu próprio sentimento pessoal de medo, desgosto ou apatia, deve, ao correr engramas secundários, manter firmemente em mente o alívio alcançável para o preclaro e a sua possível subida na escala de tom. É uma verdade teórica que um caso se tornaria liberto se o auditor pudesse correr do caso só os engramas secundários na sua totalidade. Isto é impossível na prática, uma vez que depois de correr um secundário, o auditor bastante comumente se encontra a correr o engrama de dor física que está por baixo. O auditor não deve ficar surpreendido ao correr um engrama secundário que, depois da verter algumas lágrimas, surja dor física como consequência. Os Claros são produzidos correndo todos os engramas de dor física, secundário e elos, dum caso. Mas os engramas não podem bastante vulgarmente ser contactados até os elos serem sondados e os secundários corridos do caso.

É um auditor hábil aquele pode extraír algum cidadão “duro e impassível” da nossa cultura, as lágrimas ou o medo necessário a solucionar o seu caso. Mas sondar cadeias de elos ou reduzir os engramas disponíveis de dor física colocarão nas mãos do auditor, quer ele queira quer não, a descarga de engramas secundários. O auditor pode converter enteta de elos para teta a tal ponto, que os engramas secundários começarão a descarregar quase automaticamente. Logo que isto acontece, o auditor

deve ter o cuidado de minimizar a sua própria conversação ou comentários, de minimizar a sua audição, simplesmente persuadindo com simpatia o preclaro a voltar a correr o incidente outras vezes, até ficar esgotado. O auditor, atacando engramas secundários como se fosse caça que o estado premeia como chacais ou corvos, e usando uma aproximação muito exultante ou entusiástica aos secundários do preclaro, pode, de facto, cortar a descarga de mal-emoção.

Foram feitas algumas experiências com música triste ou outros percéticos dolorosos no ambiente do preclaro, a fim de encorajar a descarga de engramas secundários. Muito trabalho pode ser feito nisto. O trabalho demonstra, contudo, que indivíduos cronicamente muito em baixo na escala de tom, respondem a percéticos de tristeza e melancolia simplesmente correndo incidentes de dub-in que não lhe fazem bem nenhum, e que indivíduos acima deste nível podem comumente descarregar secundários, sempre que a quantidade apropriada de teta foi recuperada para o caso. Isto não descarta o possível uso de percéticos de estética no encorajamento de secundários.

Ao inventariar um preclaro é preciso ter o cuidado de estabelecer todas as perdas e ameaças de perda principais que lhe aconteceram na sua vida. Em cada uma das perdas ou ameaças de perda, tanto de posição como de bens ou pessoas por razões de partida ou morte, encontra-se enteta enquistado. Quando a criança foi criada por preceptoras na presença de pais relativamente antagónicos, pode esperar-se encontrar um engrama secundário sempre que uma preceptorada é despedida. No “caso caixão” que fica com os braços dobrados, e nunca assume a posição fetal ao correr engramas pré-natais, mas sempre como se disposto para o enterro, certamente se encontrará a morte de um aliado dominante algures atrás na banda. Quando o enteta que cerca tal acidente é bastante forte para paralisar o indivíduo neste ponto da vida dele, o engrama secundário responsável pelo caso caixão não é vulgarmente contactável cedo no caso. O auditor deve meramente continuar alerta para o facto de que, mais cedo ou mais tarde, irá encontrar uma carga muito pesada da morte de um aliado. Em tal caso, a quantidade de enteta em relação ao teta existente no caso é muito pesada. Sondar elos, memória direta e o percurso de elos e até a mera percepção de tempo presente, pode ser o único processamento a poder ser entregue ao caso na sua fase inicial. Mais cedo ou mais tarde alguns secundários serão descarregados. Jamais deve ser corrido um engrama de dor física em tal caso. Incidentes imaginários são peculiarmente úteis ao processamento de tal caso, conforme limitado pelo quadro.

A melhor perícia que um auditor pode desenvolver é o percurso de secundários. A sua descarga produz a mais eficaz subida na escala de tom.

CAPÍTULO TREZE

COLUNA AI

Engramas

A causa básica de toda a aberração humana é aparentemente o engrama. Pode haver outras causas mais fundamentais do que o engrama, mas não foram descobertas até agora de certeza. A psicoterapia descobriu elos, mas não sabia que eram elos, e não sabia a que é que o elo devia o seu poder. Os psicoterapeutas sabiam que quando um indivíduo era capaz de lembrar certos incidentes mentalmente dolorosos da vida dele, ele ficava melhor nalgum grau diminuto.

Sigmund Freud descobriu o tipo mais leve de enteta e, embora ele não sondasse mais a fundo, deu entrada no campo do comportamento humano. O secundário foi descoberto, mas de forma alguma identificado. Por pura observação de inúmeros casos, foi descoberto que de vez em quando, quando podia ser posto a chorar, o paciente melhorava. Nem o paciente nem o terapeuta sabiam porque o paciente estava a chorar, mas o título de “libertação de afeto” foi atribuído a este choro, e muita tecnologia estranha foi desenvolvida à volta disso. Foi desenvolvido o Psicodrama e outras técnicas para fazer o indivíduo “libertar afeto”. Esta foi a segunda ligeira incursão no campo do pensamento humano. Isto produziu pouco benefício porque foram restimulados secundários mais do que foram aliviados. Os secundários têm que ser corridos como engramas, com o preclaro a retornar na banda do tempo.

O salto dado entre a psicoterapia e a Dianética não ganhou força na psicoterapia, mas num estudo independente de epistemologia e pensamento como energia. Contudo, os ensinamentos básicos de Sigmund Freud conforme me foram transmitidos nos anos vinte pelo Comandante Thompson do Corpo Médico da Marinha dos EUA, que tinha estudado com Sigmund Freud, aumentou consideravelmente o meu desejo de reexaminar o pensamento no comportamento humano.

A existência do engrama foi prevista por computação derivada de outras observações do pensamento. A investigação mostrou que essa existência era verdadeira. Toda a gente pode descobrir um engrama com grande facilidade sabendo que ele existe. Pegue num indivíduo, diga-lhe que feche os olhos e volte para a última vez que recebeu alguma pequena lesão (não peça uma grande lesão) e peça que reexperimente o momento da lesão. Mande-o recontar e reexperimentar esse momento de lesão menor várias vezes. Se não o puder fazer logo, ele está bastante em baixo na escala de tom, e os somáticos estão fechados. A maioria das pessoas normais pode reexperimentar estes momentos de lesão. Ao mandar um indivíduo fazer isto, o experimentador achará que a lesão é sentida outra vez, e que a visão, som, cheiro e outros percéticos do momento em que a lesão foi recebida, volta periodicamente ao indivíduo. Outro fenómeno será descoberto pelo

investigador alerta. Será descoberto que o indivíduo no primeiro retorno e recontagem deste momento de lesão menor, concebê-la-á menor do que na verdade foi. Ao recontá-la descobrirá durante o momento de impacto da lesão novos percéticos, coisas que ele não notou na ocasião em que sofreu a lesão. Aqui está um momento em que a mente analítica, embora a lesão fosse leve, saiu do circuito, e um momento de “inconsciência” em que a mente reativa registou todos os percéticos disponíveis no ambiente. À medida que estes percéticos escondidos são recuperados, o percético adicional de lesão física em Dianética, chamado somático, reduzirá em vigor e, a menos que o sujeito seja extremamente aberrado, por fim já não poderá senti-lo, mas todos os outros percéticos registados durante aquele momento de dor física e “inconsciência” serão realojados na mente analítica como dados de memória padrão.

Com efeito, isto é uma “assistência” de Dianética. O auditor pode pegar num indivíduo ferido e correr a lesão como um engrama, embora contenha ampla inconsciência. O último engrama no caso teve relativamente pouca possibilidade de ser carregado por elos e secundários, logo está disponível para auditar, apesar dos engramas preexistentes no caso. O auditor pode entrar numa maternidade e tomar conta do caso de alguma jovem mãe que, por motivo de um parto difícil, desenvolveu uma psicose pós-parto, e auditar o nascimento na sua totalidade. A menos que esta jovem mãe estivesse, em primeiro lugar, extremamente em baixo na escala de tom de forma a não poder reexperimentar somáticos, descarregaria o verdadeiro parto, percético por percético, incluindo a “inconsciência” induzida pela anestesia, tudo o que o cirurgião disse à enfermeira e comentou em geral (e espera-se que os cirurgiões de amanhã tenham aprendido a trabalhar em silêncio). Na interpretação da mente analítica das observações feitas durante este parto, será descoberta a fonte da psicose pós-parto. Qualquer lesão posterior ou recente pode ser corrida desta maneira. O indivíduo que está a receber esta audição recuperará, de acordo com observação, muito mais rapidamente da doença ou acidente, a cura será mais limpa, a incidência da infecção será menor e a gravidade da lesão e do choque nela contida será grandemente reduzida pela redução do momento da própria lesão. Espera-se que mais tarde ou mais cedo um auditor se ponha à entrada de emergência de algum hospital, simplesmente para auditar todas as vítimas de acidente que chegam, e que as estatísticas das taxas de infecção e de mortalidade dos pacientes deste hospital seja comparada com as de outros hospitais. Provas há que indicam que a taxa de mortalidade será muito mais baixa naqueles que auditaram a última lesão, que a incidência da infecção será menor e que o tempo de recuperação do paciente será grandemente encurtado por esta assistência de Dianética.

Esta experiência em pequena escala, sem olhar à assistência de Dianética, deve demonstrar ao experimentador que a dor física inibe logo a consciência, que na presença de dor física todos os percéticos do ambiente, visão, cheiro e ouvido, tato, etc., são registados noutro lugar qualquer que não na mente analítica, mas que o percurso do incidente remove do caso a lentidão mental provocada pela própria inconsciência, que todos efeitos aberrativos de observações feitas durante o incidente são removidos e que a dor física já não está armazenada, sendo uma quantidade altamente perecível.

Esta é a anatomia de um engrama. Contém dor física. Contém todos os percéticos do ambiente no qual a dor física foi recebida. Contém a condição fisiológica do corpo, incluindo o equilíbrio endócrino na ocasião. Inclui a idade do indivíduo. Inclui a mal-emoção ou emoção contida no incidente conforme as manifestam as pessoas à volta da pessoa ferida. Contém inconsciência, na forma de anatem (atenuação analítica). E contém a interrupção das computações que a pessoa estava fazer na ocasião, que é a interrupção do ciclo criativo de teta, e que é ligeiramente aberrativo. E contém, além disso, todos os elos e secundários que, por contágio durante a restimulação do engrama, a pessoa recebeu enquanto analiticamente desperta, ou consciente, em momentos mais recentes. Estas são as coisas que um engrama contém. E estas são as coisas que saem de um engrama que é completamente apagado.

Quando o ambiente é semelhante ao engrama num período em que o indivíduo, devido a cansaço ou doença ou a tensões de outros tipos, está menos analiticamente consciente, várias manifestações podem ocorrer devido aos citados conteúdos do engrama. O indivíduo que está sob a tensão de um engrama restimulado, tentará dramatizar o engrama. Quer dizer, ele dirá as coisas contidas no engrama, e fará as coisas ditadas pelo engrama, ou fará as computações analíticas exigidas pelo engrama e tentará geralmente obedecer às ordens deste momento de dor física. Se o ambiente dele o impossibilita de levar a cabo esta dramatização, conforme os ditames do engrama carregado, então fica sujeito a aumentar a carga por não poder fazer o que o enteta do engrama manda. Um indivíduo cujas dramatizações foram quebradas repetidas vezes, desce gradualmente na escala de tom. Os engramas são baseados nas circunstâncias de não-sobrevivência de teta e MEST em colisão muito violenta, com a consequente inversão de polaridade. Todos os engramas, mesmo que altamente complementem a capacidade do indivíduo, (como sugestões hipnóticas que são uma forma leve de engrama e dependem de engramas anteriores de dor física), são de não-sobrevivência. Não há coisa tal como um engrama que ajuda um indivíduo a viver. O engrama usa meramente alguma capacidade natural do indivíduo e pode forçá-la febril, mas deficientemente. Este seria um engrama maníaco. Os engramas ditam cursos inalteráveis de ação sem qualquer consideração racional. Tal circunstância é, em maior ou menor grau em cada caso, de não-sobrevivência, uma vez que a sobrevivência do indivíduo depende da capacidade de ajustar a sua ação ao ambiente ou de ajustar o ambiente a si mesmo de acordo com as circunstâncias. O engrama é tão fiel como um disco fonográfico. Obriga a que uma pessoa faça certas coisas na presença de certas percepções. Num organismo irracional, como nas mais baixas formas de vida, o engrama fornece um certo método de pensamento e ação, mas no homem que depende da razão como arma principal, o engrama é não-sobrevivência ao extremo. A acumulação de engramas com os seus secundários e elos traz finalmente o indivíduo ao ponto da morte. Embora o seu teta possa, através de contínua turbulência com MEST, estar altamente informado no momento da morte a respeito de MEST e, de acordo com algumas observações, ser capaz de na próxima geração realizar um percurso de muito melhor sobrevivência, na geração existente o enteta nunca se liberta exceto através de processamento de Dianética.

Contudo, o auditor descobrirá continuamente preclaros em baixo na escala de tom que, por educação ou pelo conteúdo dos próprios engramas, procurarão agarrar-se aos engramas na crença que eles são uma ajuda para a sua vida. O auditor deve ignorar completamente esta situação. Muito em breve ele verá muito claramente pela sua própria experiência, que o alívio de engramas aumentará imensamente a capacidade do preclaro para enfrentar e progredir na vida. Há casos que contêm engramas como tentativas de aborto, e que procuram conter o engrama porque ele diz: "Se eu o perco, morro!" Muitos engramas contêm frases que parecem tornar o engrama valioso. O engrama nunca é valioso. Eis a não-sobrevivência na mais básica forma conhecida.

O engrama é a fonte básica da aberração humana. Normalmente há centenas, ou mesmo dois ou três milhares de engramas na vida de qualquer indivíduo. Todo e qualquer deles podem ter os seus próprios elos. O idioma inteiro do indivíduo pode estar contido nos seus engramas. Frases compulsivas e obsessivas, frases de circuito que instalam secções computadoras no analisador, "doenças psicossomáticas" (agora conhecidos como somáticos crónicos) e formas aberrativas de pensamento, para não falar do estado físico diminuído e inaptidão, conforme representado no quadro da escala de tom, resultam basicamente de engramas.

O auditor deve contudo compreender que, embora a fonte básica de aberração humana seja o engrama de acordo com provas acumuladas, ele não deve por isso considerar que a única coisa a tocar num caso é o engrama. Os elos e secundários, em casos baixos de tom, devem ser abordados muito antes de tocar nos engramas. O momento de dor física e inconsciência é básico, mas não é o ponto principal de abordagem em casos muito aberrados.

Contudo, casos bastante bem para cima a escala de tom, têm engramas disponíveis para correr, e quando estes engramas são corridos, sucedem-se notáveis melhorias nos hábitos, bem-estar, comportamento e saúde física do indivíduo.

Antes do auditor correr engramas num caso, há certas coisas definidas que ele deve saber. Ele não precisa de tanta destreza para correr elos como para correr engrama. Um auditor muito inexperiente pode sondar elos com êxito ou mesmo correr secundários menores, mas um auditor deve definitivamente conhecer os seus utensílios e ter confiança neles antes de atacar engramas. Em primeiro lugar, é possível entrar num caso capiosamente aberto, mas na verdade fortemente carregado e tentar correr engramas, quando o preclaro é completamente incapaz de aperceber no engrama percéticos bastantes para provocar a sua redução. Assim sendo, o auditor deixa um engrama em restimulação e não ajuda muito o preclaro, antes pelo contrário, algum do teta do preclaro pode retroceder para enteta, dando origem a um novo elo no engrama por causa da audição. Embora toda a audição possa ser sondada e este teta recuperado, não significa que o caso melhore.

Além disso, os engramas, nas mãos de um auditor inexperiente, são às vezes impropriamente avaliados, quer dizer, o auditor pode atacar um

muito recente na vida ou numa cadeia de engramas, e trabalhar e preocupar-se com a coisa até entrar meramente em recessão. Dois ou três dias depois este engrama reaparecerá. Isto porque não foi realmente reduzido ou apagado, porque o auditor não sabia bastante para ir atrás no caso à procura do engrama básico da cadeia. Por isso devem ser observadas certas precauções ao correr engramas, mas os engramas podem ser corridos com êxito se estas precauções forem observadas.

Para correr engramas, o auditor deve estar consciente e ter confiança nos utensílios do seu negócio. Estes consistem da banda somática, o arquivista, a banda do tempo e os percéticos. O arquivista é um mecanismo extremamente útil, não só para o percurso de engramas, mas para sondar elos, para a descoberta de elos e para obter dados dos bancos padrão de memória, que caso contrário ficariam oclusos. O arquivista é um mecanismo instantâneo de resposta. Poderia postular-se que o arquivista é um grupo de unidades de atenção com pronto acesso à mente reativa e aos bancos padrão de memória, e que em conjunto com a operação mental remete os dados por para o “eu” como memória. Contudo, a carga dum caso, a quantidade de enteta, pode ser tão pesada que o arquivista é incapaz de forçar os dados desejados pelo “eu”, e assim o “eu”, trabalhando sozinho com o arquivista, às vezes encontra dificuldades em receber respostas às suas perguntas.

O auditor, com as suas exigências e sinais, adiciona o que poderia ser considerado o poder adicional necessário para trazer as respostas do arquivista ao “eu”. Este processo é extremamente simples. O auditor faz perguntas que normalmente podem ser respondidas em termos de sim ou não ou números ou datas. Então, a um estalo dos dedos do auditor, ocorre ao preclaro um súbito pensamento, um sim ou não, que diz ao auditor a resposta.

Por exemplo, o auditor pode desejar conhecer o lugar onde o preclaro está preso na banda do tempo, ou se sim ou não o preclaro está em tempo presente. O auditor diz: “Diz-me o primeiro número que te venha à cabeça. Que idade tens?” (estalo!). Surge uma idade, e o preclaro di-la ao auditor. Pode ser que o preclaro tenha desenvolvido um circuito que dá a sua idade cronológica em resposta à pergunta, “Que idade tens?”. Para o auditor conferir, faz então a pergunta, “Quantos anos tens?” (estalo!). Ele pode ou pode não obter a mesma resposta, uma vez que o circuito pode não estar programado para a segunda pergunta. Outro método de estabelecer o lugar onde o preclaro está na banda do tempo é pedir o ano, o mês e a data. Além da localização do preclaro na banda do tempo ou do ponto da vida do preclaro onde um certo incidente ocorreu, o mecanismo de resposta relâmpago dirá ao auditor no termo da sessão, se o preclaro está ou não em tempo presente. O preclaro deve, sempre que possível, ser trazido para o tempo presente, ou dizendo-lhe simplesmente: “Vem para tempo presente”, ou sendo sondado até ao tempo presente através de momentos de prazer, ou “encaminhando-o” com perguntas de memória direta.

O auditor trabalha com o arquivista. O auditor não dá ordens ao arquivista. O auditor consulta o arquivista. O arquivista dirá ao auditor o nome da cadeia de elos que vão ser sondados. O arquivista, questionado por perguntas relâmpago, identificará tipos de incidentes que estão a

interromper o caso. Em resumo, o arquivista é um consultor que responde com dados específicos a qualquer pergunta, feita com o mecanismo da resposta relâmpago. É interessante que material completamente desconhecido do analisador do preclaro possa ser descoberto questionando o arquivista.

A banda somática é assim chamada porque parece ser um mecanismo do indicador físico que tem a ver com tempo. O auditor comanda a banda somática. Existe esta diferença entre o arquivista e a banda somática: o auditor trabalha com o arquivista mas comanda a banda somática. Sob comando, a banda somática irá para qualquer ponto da vida do preclaro, a menos que o enteta no caso seja tão pesado que a banda somática é congelada num ponto. A banda somática retorna para o ponto, mas não é o mesmo que retornar completamente, uma vez que o “eu” do preclaro pode ficar em tempo presente, e a banda somática ser mandada de volta para períodos anteriores da vida dele. É um mecanismo muito útil. A banda somática pode ser mandada de volta ao início de um engrama, e vai mesmo. A banda somática atravessará um engrama em termos de minutos contados pelo auditor, para que o auditor possa dizer à banda somática para ir para o início do engrama, e então para o ponto cinco minutos depois, e assim por diante. Dessa maneira, observando o comportamento do preclaro (que pode estar a leste do que está a acontecer exceto se observar a mudança dos seus próprios sintomas físicos), o auditor pode enviar o preclaro através de uma operação, minuto a minuto ou em intervalos maiores, ficando a saber com certeza, exatamente quanto tempo aquela operação exigiu.

A banda somática pode ser enviada a uma certa data, hora e minuto da vida do preclaro, e vai mesmo. O “eu” do preclaro não necessariamente segue a banda somática. A menos que um caso esteja muito carregado de enteta, a banda somática pode por exemplo, ser enviada pelo comando do auditor, de volta ao momento em que faziam o preclaro arrotar, quando era bebé. Muito para sua própria surpresa, o preclaro poderia então arrotar. O auditor pode enviar a banda somática para um momento em que o preclaro estava queimado do sol, e o somático da queimadura aparecerá. A banda somática pode, em suma, ser enviada pelo auditor para a banda do tempo de cima para baixo, tanto para momentos agradáveis como desagradáveis, embora o preclaro possa estar relativamente pouco disposto a cooperar. Isto não é definitivamente sugestão, uma vez que o preclaro está bem desperto e alerta. Além disso, o auditor, ao comandar a banda somática, pode descobrir dados, tais como o tempo de uma operação, que é evidentemente completamente desconhecido do preclaro, embora este uso da banda somática não seja nem habitual nem geral, mas algo de sensacional.

A coisa mais importante que o auditor deve fazer ao usar a banda somática é confiar-lhe a obediência aos comandos do auditor. O auditor não envia a banda somática para o início do engrama duvidando se sim ou não ela lá está, nem pergunta se o fez ou não. O auditor deve assumir com considerável confiança que a banda somática foi exatamente onde ele disse. Se o preclaro é incapaz de detetar qualquer diferença, não é por culpa da banda somática, mas da quantidade de enteta no caso. A banda somática

move-se na banda do tempo a mando do auditor, não importa a quantidade de enteta no caso, a menos que ela própria esteja completamente presa nalgum engrama.

A banda somática e o arquivista são dois dos muitos mecanismos e entidades descobertos pela Dianética. Há muitos outros fenómenos na mente que não são neste momento usados pelo auditor, mas que contudo existem. Possivelmente existem coisas tais como percéticos teta, que respondem à consulta do auditor. Muito pouco se sabe sobre eles, e sente-se que o seu uso incorreto ou invalidação depois de utilizados é prejudicial para um caso; logo, uma experimentação com eles deve ser muito cuidadosa. Poderia escrever-se um livro sobre outras entidades e fenómenos da mente humana, mas até que isso possa ser intimamente associado ao processamento de forma a ajudar o auditor, é descabida a sua discussão num livro de processamento. Exatamente até que ponto estes percéticos e entidades adicionais influenciam o comportamento humano, está longe de ser completamente estabelecido.

A banda do tempo, conforme descrita noutro lugar, é simplesmente os momentos sucessivos de agora que acontecem numa vida, desde a conceção ou alguns dias antes da conceção na sequência de esperma e óvulo, até ao tempo presente. A banda do tempo é de facto um cabo ou feixe de percéticos, uma vez que todos os vinte e seis canais de percéticos registam, quando há alguma coisa para aperceber, e estão em fase num caso que não tenha um fardo extremamente pesado de enteta. O indivíduo pode ser mandado pelo auditor para aquém do tempo presente dizendo-lhe simplesmente para fechar os olhos e ir para um certo momento do passado. Ele pode ser enviado a um momento muito preciso da banda, pois todos os momentos da vida anterior do preclaro estão registados nesta banda. Alguns dos registos, está claro, são feitos na mente reativa, quando a inconsciência e a dor física estão presentes. É interessante que um preclaro possa ser enviado a 3 de Janeiro de 1936, uma data obscura e ao acaso, e para as oito e quinze da manhã e, embora o preclaro não possa reparar que está lá, pedindo que contacte os dados mesmo que nebulosos, brevemente o colocará no momento, o qual corrido várias vezes como de fosse um engrama, começará a mostrar-se com considerável detalhe na maioria dos casos. Por exemplo, se às oito e quinze da manhã de 3 de Janeiro o preclaro entrou no gabinete e começou a abrir o correio, a princípio pode nem saber se tinha um gabinete naquela data, mas depois de correr o incidente várias vezes, ele será capaz de lhe ler os nomes e endereços dos envelopes, à medida que abre e aparta o correio da manhã. Porque o sentido do tempo e a capacidade de retornar estão completamente degradados pelas aberrações sociais desta cultura, esta perícia permaneceu escondida. Quando o sentido de realidade do preclaro é muito baixa, quando ele próprio está muito em baixo na escala de tom, o preclaro pode não ter confiança nenhuma nos dados que exibe sobre o seu passado. Saber que a banda somática, o arquivista e a capacidade do “eu” para retornar são necessários, o auditor tem a responsabilidade de encorajar o preclaro a acreditar nos seus próprios sentidos.

Por isso, nós vemos que temos três coisas em ação na operação de ir do tempo presente para um incidente anterior. Primeiro, temos o arquivista.

A seguir, a banda somática. E em terceiro lugar, temos o “eu” ou uma grande percentagem de unidades de atenção da mente. E estes três juntos são usados pelo auditor para trabalhar o preclaro na banda do tempo, e descobrir e reduzir ou apagar momentos anteriores de dor física e inconsciência ou áreas de enteta enquistado.

O auditor consulta o arquivista sobre o “incidente necessário a solucionar este caso” ou a “cadeia de elos a ser corrida neste momento” ou “deveríamos ou não, correr engramas nesta altura?” ou “Há uma carga de desgosto disponível neste momento?” e depois desta consulta, perguntar “Podemos sondar esta cadeia de elos neste momento?” ou “este engrama é suscetível de ser corrido?”

Poderia dizer-se que o auditor e o arquivista são os consultores do caso do preclaro em relação ao melhor método de elevar o preclaro na escala de tom. O interesse e participação do arquivista são muito grande. A capacidade de resposta do arquivista vai às vezes ao ponto de dar sugestões sobre como correr o caso, quando elas são pedidas pelo auditor. Agora, é uma coisa estranha que o arquivista saiba sempre o tipo de enteta que pode ser corrido no caso. O arquivista também sabe qual o próximo engrama que pode ser reduzido ou apagado. O auditor só tem que pedir ao arquivista para apresentar o engrama necessário para solucionar o caso, e o arquivista logo o fará, não importa onde esse engrama se encontre na banda.

Os engramas seguem a lei geral segundo a qual devem ser reduzidos ou apagados do mais remoto para o mais recente, o que quer dizer que o engrama mais remoto da cadeia deve ser o primeiro a ser contactado. Os engramas da área básica são surpreendentemente remotos. O auditor terá que se acostumar à ideia de que dor física e percéticos são registados, embora não se compreenda, muito antes de haver alguma coisa parecida com uma mente analítica no organismo. O arquivista é ligeiramente impreciso sobre quão cedo tem que procurar o engrama para solucionar o caso e, a menos que o auditor ocasionalmente insista com o arquivista para apresentar engramas muito, muito, muito remotos, o arquivista pode não procurar antes dos dois ou três ou cinco anos de idade (da recente vida, em Dianética). Com esta simples limitação, a escolha do arquivista quanto ao engrama a ser corrido deve ser considerada fundamental, superior à ideia do auditor ou do preclaro, do engrama que é agora necessário abordar e reduzir. O auditor nunca poderá saber suficientemente que a escolha de engramas do arquivista tem precedência sobre os desejos do preclaro ou do auditor, e o arquivista apresentará o próximo engrama necessário para solucionar o caso.

Embora os engramas sejam normalmente corridos do mais remoto para o mais recente, acontece às vezes que um engrama relativo à vida recente está tão tenuemente ligado ao resto do banco, que pode ser corrido e apagado quase como uma entidade independente. Embora o nascimento deva sempre ser aproximado pelo auditor com precaução, o arquivista pode apresentá-lo, e se o arquivista o faz, deve então ser corrido.

O auditor deve ter muito cuidado para não forçar o seu preclaro para qualquer engrama que não é apresentado pelo arquivista. Correr engramas da vida recente cedo no caso como regra geral, perturbará meramente o

caso, uma vez que estes engramas não reduzirão até os momentos anteriores de dor física serem reduzidos ou até muito enteta ser tirado do caso por outros meios.

Uma vez que o arquivista apresentou um engrama, e o auditor simplesmente assume que o seu pedido para o arquivista o fazer foi obedecido, o auditor dirige então a banda somática para o início do engrama. A banda somática faz imediatamente isso, e não necessita qualquer persuasão posterior e, de facto, se não tomar isto por garantido, há tendência a invalidar a banda somática e tornar a sua resposta incerta e a confundir o preclaro sobre o que está ter lugar.

Com a banda somática no início do engrama que o arquivista apresentou, pode ainda não haver consciência do somático ou da mudança da parte do “eu” do preclaro. É agora necessário o auditor pôr o “eu” em contacto com a cena formada pelo arquivista e a banda somática. O auditor faz isto com um pedido adicional por resposta relâmpago. Embora nem sempre os engramas contenham conversação, é razoavelmente segura a suposição de que qualquer engrama determinado contenha conversação. Para pôr o “eu” em contacto com o engrama e ligar o somático em cheio para que possa ser corrido, o auditor pede agora a primeira frase do engrama e estala os dedos. Uma frase ocorre ao preclaro, a qual pode, no primeiro momento, parecer completamente irrelevante. O preclaro repete esta frase duas ou três vezes, e o “eu” está em contacto com o início do engrama. O preclaro dá conta do somático e de outros percéticos e, frase a frase, corre o engrama, reexperimentando-o, sentindo a versão geralmente modificada da dor que antes experimentou e contando de novo toda a conversação de que ele se apercebe no incidente, libertando-se da “letargia” que sufocou o incidente ou bocejando o anatem restante do incidente ou experimentando a mal-emoção do incidente e, em resumo, reduzindo ou apagando o engrama.

O auditor deve ter consciência da existência e importância das frases de ação nos engramas. Estas frases são de facto comandos dos engramas que tomam as rédeas, como uma espécie de auditor interno e, antes de o auditor saber isso, estas frases enviam a banda somática para outro lugar, para cima ou para baixo da banda, ou confundem o arquivista sobre as próximas frases. Se o auditor nota qualquer peculiaridade no percurso deste engrama, (que o somático ligou, mas já não volta a ligar, que o sónico quase existiu, mas agora já não existe), e ainda por cima sabe que o engrama ainda não está reduzido, suspeita dum ação e pergunta ao arquivista se um ressaltador, negador, agrupador, mudador de valência, ou segurador, está ou não em ação. Ele faz isto dizendo: “Está presente uma frase de ação?” (estalo!). O arquivista então diz (através do “eu”) que é um ressaltador, segurador, agrupador, desorientador, negador ou seja o que for. O auditor então diz: “A frase vai agora relampejar!” (estalo!). A frase relampeja, o preclaro repete-a e volta ao engrama do qual foi ressaltado, caso se trate de um ressaltador. De facto, um caso que tem respostas positivas a frases de ação está em muito má forma, e provavelmente não deve correr quaisquer engramas. Os casos que estão lá para cima na escala de tom não respondem a frases de ação, ou seja, o arquivista e a banda somática têm teta suficiente atrás de si até para anular

comandos fortes e enérgicos para fazer outra coisa, e trabalhar com o auditor para reduzir ou apagar engramas. O valor de resposta às frases de ação é de facto um índice do lugar onde o preclaro está localizado na escala de tom. Uma resposta muito notável a frases de ação indica que deve ser corrido no caso algum outro tipo de enteta que não engramas, antes dos ditos engramas serem reduzidos. Se o auditor vê o seu preclaro saltar seriamente sempre que a frase “sai fora” ocorre num engrama, deve se possível reduzir o engrama em que está a trabalhar, e então enviar a sua atenção para outros tipos de enteta, como cadeias de elos e secundários, em lugar de continuar a correr engramas.

O auditor deve compreender que um engrama nem sempre começa com uma frase, e que a primeira frase que ele obtém pode não iniciar o engrama. Ele deve compreender além disso que, o enteta mais pesado do engrama, se foi ocasionado por impacto, ocorre no início. Por isso, o arquivista pode apresentar este início, e a banda somática tentar ir até ao início, mas o enteta é mais pesado logo ao começar. Por isso o auditor deve sempre ver se há uma frase anterior ou um somático anterior no engrama antes de trabalhar no duro para o reduzir todo, uma vez que é a parte anterior que suprime o resto do engrama. Uma vez retirado o enteta do início de um engrama do tipo impacto, o resto pode reduzir tão facilmente como um elo. Obtenha sempre a parte anterior.

Há outro tipo de engrama em que a inconsciência chega lentamente, e talvez a dor física não se desenvolva até depois da inconsciência ter começado. Isto aconteceria no caso de perda de sangue, ou durante uma operação com anestesia, onde a anestesia é administrada antes da dor física da própria operação ter início.

Há então uma combinação destes tipos de engramas, em que um impacto ou choque inicia o engrama, a inconsciência começa e aprofunda-se, e então ocorrem impactos adicionais e choques durante o curso da inconsciência, aprofundando-a o outra vez. As frases mais leves da inconsciência desprender-se-ão primeiro do engrama. A parte mais profunda da inconsciência ou o ponto mais fundo da dor física desprender-se-á por último. Por isso, um auditor pode atravessar um engrama várias vezes, e considerar que o reduziu quase só para descobrir que apareceram várias novas frases. Isto acontece porque algumas partes do engrama contêm inconsciência mais profunda e dor mais severa do que outras, e estas desprendem-se por último.

O engrama pode fazer três coisas: apagar, reduzir ou suspender.

O apagamento de um engrama tem lugar, ou quando se trata de um dos primeiros engramas existentes na banda do tempo ou quando o engrama é relativamente independente do resto da mente reativa. As frases e outros percéticos aparecem. O engrama é narrado do primeiro ao último momento de dor física e inconsciência. E depois de algumas narrações, o engrama desaparece em bocejos. O auditor pode às vezes ser enganado por o preclaro a saltar fora de um engrama acreditando que o dito engrama foi apagado ou reduzido, mas neste caso os bocejos não sairão. Os bocejos marcam sempre o fim de um apagamento, uma vez que este é o último anatem (o subproduto fisiológico da inconsciência) que fixou o resto do

engrama. Todo o caso, quer dizer, todo o conteúdo da mente reativa, se apagará por fim. Um apagamento completo, descrevendo simplesmente todos os percéticos do engrama, muitas vezes com o preclaro retornado naquele momento da banda, é final e completo. O engrama foi e não volta. A dor física não reaparecerá. As frases já não são de forma alguma aberrativas, e muitas vezes desapareceram tão completamente, que o preclaro pode nem sequer pode recordar o que o engrama continha.

Devido ao facto de o engrama ser a fonte básica de aberração humana, estas frases forçadas sobre a mente analítica como comandos ocultos, são as mais produtoras de aberração, se o engrama for carregado com enteta posterior no caso. Se estes comandos não puderem ser obedecidos ou dramatizados pelo analisador, então o engrama tentará forçar o seu cumprimento ligando a dor física que contém. Aquela porção do corpo que foi lesada quando este engrama foi recebido, ficará outra vez dolorida ou manifestará algum desconforto. Isto foi chamado de doença psicossomática. É de facto o somático de algum momento passado de dor física que é ligado de novo por causa da sobrecarga posterior do engrama com enteta, e a inabilidade da pessoa para dramatizar o conteúdo verbal do engrama. Todas estas coisas, o anatem que fecha o mecanismo analítico e o poder da mente, a força aberrativa dos comandos do engrama que é literalmente aceite pelo analisador e a dor física do engrama que pode tornar-se um somático crónico, se foram e não voltam mais quando o engrama é apagado.

Para ser apagado, um engrama tem que estar no início da sua própria cadeia de engramas, não devem haver muitos secundários ou outros tipos de enteta a carregar este engrama, e o grosso dos percéticos deve ter estado presente enquanto o dito engrama estava a ser corrido. O auditor desatento que sabe pouco do assunto, pode ocasionalmente pensar que apagou um engrama, só para descobrir alguns dias depois que voltou, em parte. Para isto acontecer, o engrama deve ter sido bastante recente numa cadeia ou deve ter havido considerável enteta em cima dele. Deve ser descoberto um engrama anterior ou removido enteta do caso de qualquer outra maneira*.

* Nota Editorial: Um auditor que esteve na Dianética desde muito cedo, e a abandonou por causa da sua incapacidade e falta de coragem para manejar casos psicóticos, tinha tanto desgosto no seu próprio caso que tinha medo de correr desgosto em qualquer preclaro. Assim, em qualquer caso abaixo de 2.0 na escala de tom, ele era incapaz de assegurar apagamentos, pois não conseguia enfrentar o olhar de um preclaro a chorar, e parava rapidamente qualquer deles que procurasse descarregar um engrama secundário. Em vez de enfrentar a sua própria incapacidade e descarregar o caso dos seus engramas secundários, este indivíduo foi ao ponto extraordinário de laboriosamente tentar mudar os princípios básicos da Dianética até concordarem com os seus próprios engramas. Este caso é citado para demonstrar ao auditor que não deve permitir estas deficiências para reduzir a sua perícia em audição, mas elevar o seu nível de necessidade e coragem pessoal a um ponto em que possa correr um preclaro através de qualquer coisa. Antes de tentar alterar os axiomas e práticas da Dianética que produziram resultados, a pessoa que vai auditar deve começar por usar estes axiomas e práticas conforme descritos neste volume. Uma vez completamente familiarizado com os mecanismos com que irá trabalhar, pode então, possivelmente com considerável melhoria da ciência, expandir a experimentação. Mas a experimentação não é indicada logo no início do seu conhecimento de Dianética.

Uma redução é feita exatamente como um apagamento, mas o engrama não se apagará completamente, permanecendo depois de algumas contagens numa condição mais ou menos estática sob poder aberrativo e sem dor física remanescente. A princípio no caso, o auditor obtém mais reduções do que apagamentos. Quando um apagamento tem início no caso, o auditor sente-se muito confiante, pois um apagamento eleva o preclaro pela banda acima até ao tempo presente, e embora possa ser feita outra passagem para descobrir engramas perdidos, o auditor sabe que está a levar o preclaro para claro. Em termos de redução, o enteta é recuperado do incidente, o preclaro fica consideravelmente mais confortável, mas o engrama fica lá num estado de serenidade. Os apagamentos e reduções requerem vulgarmente apenas de sete a dez narrativas ou experiências do engrama. A redução é reconhecível pelo somático do engrama, que narrativa após narrativa reduz um pouco mais, e continua a reduzir até o somático desaparecer. Um engrama reduzido não se reconstrói, mas fica neste estado de serenidade e permite ao auditor ir para outros engramas.

A paragem é a terceira coisa que acontecerá a um engrama que está a ser processado. A paragem não é deseável. Uma paragem só ocorre em engramas que não são suficientemente antigos na cadeia de engramas a ser reduzida, ou que estão demasiado carregados. O arquivista nunca apresentará um engrama que só pode ser parado. Uma paragem acontece quando o auditor “sabendo mais” do que o arquivista, força o preclaro a voltar à banda, utiliza técnica repetitiva nalguma frase que o auditor selecionou como aberrativa, e maltrata o caso em geral. Uma paragem é comprovada pela falta de reduzir o somático para além de um certo ponto. O engrama cairá até um certo volume de intensidade, mas mesmo que seja contado trinta, cinquenta ou cem vezes, ainda permanecerá um somático. Durante uma paragem o somático do engrama reduz primeiro ligeiramente, e depois permanece constante. Na redução, o somático reduz pouco a pouco a cada narrativa. Numa paragem, o somático mantém-se estável. Se acontece uma paragem, significa simplesmente que há no caso um engrama anterior semelhante, ou uma tremenda quantidade de enteta em secundários e elos em cima do engrama que está a ser parado. As paragens só ocorrem onde o auditor não retirou enteta bastante do caso na forma de elos e secundários para permitir correr engramas. Trata-se de uma abordagem prematura aos engramas. Ou é provocado pela audição numa violação aos dados do arquivista.

Vulgarmente se suporia, por exemplo, que a conceção seria o primeiro engrama do caso. Às vezes acontece que o auditor contacta a conceção, e vê que ela não reduz. Obviamente, a conceção é muito cedo. Pode haver alguns engramas anteriores à conceção, ou da parte do esperma ou do óvulo. Mas a menos que compreendamos que pode existir muita carga a suprimir qualquer engrama, pode recontar-se, por exemplo, um engrama de conceção só até uma paragem. Uma paragem não deve surpreender um auditor, uma vez que ele exija que a conceção seja corrida antes de estar pronta para ser corrida. Talvez na vida atual não exista qualquer engrama antes da conceção, mas bastante enteta em secundários e elos em cima da conceção, tornará a sua carga altamente resistente.

Há um truque para alcançar a conceção num caso. Esse truque deve ser usado com precaução por causa do enteta que pode ter carregado este engrama anterior. O auditor pede ao preclaro para correr um momento de prazer sexual, e então quando o seu preclaro, que não tem que contar este momento em voz alta parece estar naquele momento, o auditor exige que o preclaro vá imediatamente para a conceção. O preclaro assim fará normalmente, e a conceção pode assim ser encontrada e corrida. Mas, como foi dito, pode ter muita carga para reduzir ou apagar. Este truque pode ser aplicado a qualquer engrama da área básica. O auditor pode pedir ao preclaro para correr um momento em que estava zangado, e quando o preclaro parecesse estar bem na sua própria dramatização de zanga próxima de tempo presente, o auditor mandava-o meramente para o mais antigo engrama do banco que contém zanga. O preclaro irá vulgarmente lá. Isto aplica-se também a medo e a desgosto, mas é de longe melhor descarregar bem o caso e ter o arquivista em boas condições de funcionamento antes de usar esse truque.

A conceção é definitivamente um engrama, na maioria dos casos. De vez em quando ver-se-á que a conceção contém um só momento de inconsciência na linha do esperma, e outro na linha do óvulo, não sendo, caso contrário, aberrativo. Mas a conceção habitual contém consideráveis percéticos e dor física. Deve ser usado grande cuidado para não contactar e correr a conceção prematuramente num caso. Um indivíduo que está bastante em baixo na escala de tom, abaixo de 2.5, terá normalmente na conceção carga bastante para que não possa ser reduzida. Correr a conceção num indivíduo abaixo de 2.5, intensifica as suas manifestações aberrativas. Um psicótico iminente pode de facto ser colocado numa quebra psicótica, se um auditor o atirar de forma autoritária para a conceção, e insistir para que a corra, baseado na teoria de que a conceção é um engrama antigo, e deve por isso ser apagado.

Porque neste momento a Dianética não explorou muito a estrutura, não é aqui feito o mais leve esforço para justificar a existência de engramas de esperma da pré-conceção, ou engramas de óvulo da pré-conceção, ou engramas de conceção ou engramas de nascimento. De facto, estes foram de vez em quando encontrados em psicoterapia, e só abandonados porque não concordavam com a realidade do praticante. Recentes experiências na Universidade de Rutgers validam a capacidade do embrião para reagir a sons e outros estímulos. Livros escritos já em 1912 e 1914 mencionam estas gravações precoces, rotulando-as de “experiências celulares”, e o que não sabemos ainda em Dianética é se o rótulo é correto. O trabalho dos biólogos no campo da embriologia valida adequadamente a capacidade de reação do embrião a estímulos. Em Dianética, os engramas dos períodos mais remotos foram confrontados com a realidade, e viu-se que na verdade aconteceram. Muitos pais, observando o processamento das suas crianças ou adolescentes, ficaram surpreendidos ao ouvir, a partir dos engramas, os nomes de empregadas despedidas muito tempo antes da criança ter nascido, ou circunstâncias do casamento que não estavam particularmente conforme a letra da moralidade dos pais, e outras matérias que não seriam de outro modo conhecidas do preclaro. Algumas mães, que podem não ter sido tão cuidadosas em termos de fidelidade como os maridos esperavam, podem até sacrificar a saúde da criança, que de outro modo poderia ter

processamento para uma melhor condição mental e física, em lugar de deixarem os seus maridos saber destas infidelidades que infelizmente estão registados palavra por palavra nos engramas da criança. O conhecimento de que estas gravações existem, que e são válidas e verdadeiras, desencorajará um indivíduo abaixo de 2.0 a permitir que os seus filhos sejam processados. O auditor deve ter sempre cautela com uma mãe que tenta ativamente invalidar a Dianética perante o marido e os filhos. Caso após caso, este processo de invalidação não teve lugar por nenhuma outra razão a não ser esconder dados que os pais não queriam conhecidos. A única outra razão porque uma invalidação da Dianética tem lugar, depois de um indivíduo a ver a operar e a compreender, é que a condição aberrada do companheiro ou empregado permite ao invalidador continuar a controlar aquele indivíduo. Isto é altamente indigno, mas será encontrado muitas mais vezes do que o auditor gostaria, e será um problema considerável para ele. Os que se opõem ao processamento, ou têm algo a esconder ou supõem que de alguma maneira ganham em continuar com o controlo autoritário do preclaro em questão.

Porque ele está correr momentos em que o preclaro estava doente, aflito, ferido ou de qualquer forma transtornado, o auditor pode esperar encontrar-se na presença de quase qualquer estado de saúde, neurose ou psicose, numa ou outra fase do avanço do preclaro para claro. Estes estados serão muito transitórios, tendo lugar só quando o preclaro é retornado a um engrama, e durante o período normalmente de alguns minutos ou uma hora exigido para correr o engrama. A menos que compreenda que reexperimentar engramas é reexperimentar os próprios materiais de que a insanidade é feita, a pessoa pode ficar alarmada com isto. A única coisa realmente perigosa no percurso de engramas, é simplesmente ficar alarmado. O preclaro, mandado de volta para a área básica, enrola-se numa bola fetal. A rapariga, mandada de volta para o nascimento, pode entrar na valência de mãe e gritar alto repetidas vezes o bastante para perturbar os vizinhos a um bloco de distância. O indivíduo retornado a quando teve papeira, pode ficar com a face muito inchada. O rapaz mandado de volta a uma severa queimadura de sol, pode manifestar vermelhidão e desconforto consideráveis, até o engrama ser reduzido. A temperatura do preclaro subirá notavelmente quando é mandado de volta à banda a um momento em que teve uma febre alta. A redução do engrama reduz a febre e os efeitos aberrativos que o preclaro sentiu durante anos depois daquela doença.

Um médico, observando o Processamento de Dianética pela primeira vez, vê o preclaro alegremente deitado no sofá, ouve o auditor dizer certas frases, e então vê o preclaro animar-se, ficar corado, ou ao contrário, aparentemente doente por breve tempo. Um médico, observando isto, é alertado pelo seu impulso para curar pelo seus próprios métodos, ao ponto de por vezes pedir que a sessão pare porque este preclaro pode ter febre, ou parece ter cãibra severas, ou está geralmente desconfortável. O preclaro será o primeiro a tentar tranquilizar o médico, pois o somático que está a experimentar é altamente transitório e, sabendo porquê, e eliminando a razão porque teve, por exemplo, enxaquecas a maior parte da vida dele, o preclaro não se importará com estas manifestações, mas em vez disso dá-lhe de facto as boas-vindas, uma vez que elas em breve reduzirão. Se o

preclaro é trazido para o tempo presente antes desse engrama ser reduzido, o somático e outras manifestações que eram moderadas no lugar da banda onde ocorreram primeiro, irão usualmente intensificar-se. E se trazido para o tempo presente por um auditor pobremente informado ou covarde antes do engrama estar reduzido ou apagado, o preclaro pode experimentar alguns efeitos posteriores que são de longe menos agradáveis do que correr o engrama. Há um lema que governa isto: “A única maneira de sair de um engrama é atravessá-lo muitas vezes”.

Se o arquivista apresentou um engrama ou o básico na sua cadeia, ele reduzirá ou apagará. Por isso, é com o auditor ter confiança nos seus utensílios, e dirigir a sua perícia para o caso, conforme detalhado neste capítulo. Correr engramas não tem nada de muito perigoso, exceto se não forem reduzidos ou se o engrama mais remoto da cadeia não for reduzido, ou se forem invalidados perante o preclaro, apelidando-os de ilusão ou qualquer coisa parecida. Qualquer coisa que em alguns momentos possa levar um ser humano saudável e alegre a subir a febre três pontos, a enrolar-se numa bola ou a ficar todo vermelho, não é ilusão. Você poderia até hipnotizar um preclaro (mas não me deixe apanhá-lo a fazer isso), e dizer-lhe que irá manifestar exatamente as mesmas coisas, que ele não as manifestará. Por isso elas não são sugestões nem ilusões. Se você correr um preclaro para trás na banda até um engrama, reduza o engrama. Ou se começar a parar, exija o engrama anterior daquela cadeia e reduza-o. Se este engrama anterior começar a parar, obtenha um ainda mais remoto. Mais cedo ou mais tarde deve chegar ao fundo da cadeia, mesmo quando dirigiu mal o preclaro no duro a uma parte do banco que o arquivista não apresentou.

Não entre em processamento de engramas a meias tintas. Você pode ser descuidado ao correr elos sem qualquer acidente. Você pode até ser um pouco descuidado ao correr secundários sem produzir qualquer condição séria no preclaro. Mas não corra a fonte básica, o engrama, a menos que pretenda reduzi-lo, ou reduzir o básico da sua cadeia, recontando-o, percético por percético, até deixar de incomodar o preclaro. Qualquer coisa nova reúne experimentadores. Mas não devem fazer-se experiências com o percurso de um engrama; o percurso deve continuar até o engrama ser reduzido. É na verdade muito fácil processar um engrama, se a intenção é realmente processá-lo, e não só tentar descobrir se existem engramas ou não. Um cavalheiro estava curioso acerca de engramas, e sem qualquer estudo do seu processamento, muito menos de um curso na Fundação, disse à esposa que fechasse os olhos e voltasse para o tempo em que teve sarampo. Irrefletidamente, porque este tipo de coisas simplesmente não acontecia antes de 1950, a esposa fechou os olhos, e muito brevemente sentiu o calor do sarampo. Ela ficou totalmente surpreendida, assim como o marido. Mas ainda ficaram mais surpreendidos quando um dia depois lhe apareceu uma erupção cutânea. O marido levou-a logo ao médico que disse, “ia jurar que é sarampo, exceto que não tem sintomas respiratórios nem temperatura”. Dois dias depois a erupção cutânea desapareceu por si, pois os engramas, restimulados deste modo, seriam normalmente. O que este marido deveria ter feito em primeiro lugar, era inquirir do arquivista se havia um engrama pronto a ser corrido, e então pedir a identificação do engrama, e então corrê-lo de rotina até estar reduzido.

Não há nada melhor para validar a Dianética perante o preclaro, como ser enviado a uma massa de somáticos que nunca suspeitou ter experimentado. É a pessoa que, tão fortemente carregada está com enteta que não consegue experimentar somáticos, que mais seriamente questiona a validade da Dianética. Mas mesmo estes indivíduos, ao ver o efeito da Dianética em pessoas mais elevadas na escala de tom e capazes de experimentar somáticos, cederam por fim. A pessoa que obtém somáticos é mais vigorosamente atingida pelo facto de que esta coisa nova, a Dianética, pode fazer algo que nunca foi feito antes, nomeadamente mudar radicalmente e à vontade o ser físico de um indivíduo. Nem nos dias em que a bruxaria era desenfreada, era possível entoar um cântico e obter resultados imediatos. Em Dianética, as palavras, que são simplesmente as palavras que um ser humano vulgar dirige a outro, podem enrolar o outro indivíduo numa bola e provocar uma febre ou uma queimadura de sol, ou toldar-lhe a visão e criar muitas outras manifestações no caso que está bastante em cima na escala de tom. Isto é tão marcado e a validade da Dianética é tão forte, mesmo que só em termos de manifestações, que um professor de física na Colômbia veio uma vez à Fundação só para comentar a “precisão diabólica das previsões de Hubbard do comportamento humano”.

“Não se surpreenda com nada”, “pergunte sempre ao arquivista”, e “reduza sempre todos os engramas que contactar, ou o básico da cadeia” são as três regras de processamento de engramas. Siga-as, e não poderá meter o seu preclaro em dificuldades muito sérias.

Além disso, agora existe a sondagem de elos, uma técnica desenvolvida no Outono de 1950, que faz voar a audição realizada. Teoricamente, isto permite ao auditor fazer quase qualquer tipo de asneira. Depois de ter cometido um erro, de ter colocado algum engrama em série restimulação, de ter enrolado o seu preclaro numa bola, de não ter encontrado saída para a situação, o auditor pode, teoricamente, sondar os elos da audição e aliviar a restimulação que ocasionou. A palavra “teoricamente” é aqui usada por prudência, uma vez que em casos abaixo de 2.0 na escala de tom o auditor poderia meter um preclaro tão completamente num engrama, que não haveria teta livre que sondasse esta audição. Isto seria um caso muito extremo, e só se aplicaria quando o preclaro fosse psicótico, provável ou verdadeiro, em lugar de uma pessoa com muito teta livre e que ainda assim estivesse abaixo de 2.0 na escala de tom. Termine sempre qualquer sessão sondando de qualquer maneira a audição, mas não encoraje os erros só porque os pode remediar com sondagem de elos.

Para sondar elos de audição, dizemos meramente “Podemos agora sondar a audição?” (Estalo!). Se o arquivista do preclaro diz não, o auditor deve descobrir se alguma outra cadeia tem que ser sondada antes da audição, e se for o caso, ele procede à sua sondagem. Vulgarmente o arquivista dirá sim, e o auditor dirige o preclaro para o primeiro momento da sessão para então sondar a sessão até ao tempo presente. Ele faz isto pedindo ao preclaro para lhe dizer quando estiver no início da sessão, não lhe permitindo iniciar a sondar antes de dizer: “Começa a sondar” (estalo!). O preclaro sonda a sessão à velocidade que quiser contactando os sucessivos eventos da audição, momento após momento, com a sua

atenção dirigida principalmente para os estímulos exteriores da sessão de audição, em lugar dos engramas em que foi corrido. Isto extroverte o preclaro. Os elos da sessão devem continuar a ser sondados repetidas vezes, mas só contanto que o auditor pergunte ao arquivista depois de cada varredela: “sondamos a audição outra vez?” (estalo!). O arquivista normalmente responderá sim duas ou três vezes, e finalmente responde: “Não!” Então o auditor deve perguntar ao arquivista, “podemos terminar a sessão?” (estalo!). Normalmente o arquivista responderá sim. Se o arquivista responder “Não!”, alguma cadeia anterior pode ter sido accidentalmente restimulada e terá que ser sondada antes da sessão poder ser terminada, para que o preclaro fique confortável depois da sessão, mas isto é raro. Este ritual, quando seguido, desfaz qualquer erro da sessão, a menos que, como foi dito acima, o auditor esteja a lidar com um psicótico, potencial ou verdadeiro, caso em que deve, em primeiro lugar ter identificado o preclaro como tal no quadro da escala de tom, e deve ter auditado o preclaro conforme o quadro. Nunca devem ser corridos engramas num tal indivíduo até ele ter avançado na escala de tom pelo estabelecimento de afinidade, comunicação e realidade com o auditor, pelo estabelecimento de contacto com o ambiente, e por memória direta, sondagem leve de elos e percurso ocasional de um secundário.

O auditor deve lembrar-se que as frases dos engramas são sempre literais. Uma frase dum engrama significa exatamente o que diz, da mesma maneira que Simão, o Simples, a teria interpretado no dia que pisou cuidadosamente cada pastel. Por exemplo, a frase contida num engrama “não consigo encontrar a saída”, não significa para o preclaro nos primeiros contactos que ele não consegue compreender ou ver; significa simplesmente que o preclaro não consegue sair do engrama. A frase “bate em retirada”, não é à primeira vista interpretada pela mente analítica como “foge” e não é um ressaltador, mas meramente uma frase aberrativa que poderia fazer o preclaro repeti-la várias vezes. O auditor, particularmente quando está a correr engramas, deve fazer um estudo considerável da literalidade do idioma. Esta é a maior dificuldade com engramas, que tem valor de comando e que é literalmente interpretada. “Estou a ver o que queres dizer” fará o preclaro obter uma imagem em lugar de sentir que comprehende. Isto é verdade em frases aberrativas ordinárias e frases de ação. A diferença entre uma frase de ação e uma frase aberrativa, é que a frase de ação faz o preclaro ir para algures ou ficar algures ou não entrar em contacto com algo em termos de espaço e tempo. A frase aberrativa dita meramente a conduta, e não é tão séria para o auditor como a frase de ação. A frase aberrativa foi inibidora das capacidades do preclaro, mas a frase de ação é inibidora da capacidade do auditor para manter o preclaro neste engrama e corrê-lo. Quando as frases de ação dos engramas são muito ativas, fazendo o preclaro saltar ou voltar a um engrama, ou entrar mais tarde no engrama, ou ficar confuso, ou achar que a banda do tempo colapsou à volta do engrama, como aconteceria no caso de algum agrupador num caso fortemente carregado, o auditor não deve em primeiro lugar correr engramas, e está a fazê-lo porque não avaliou o seu preclaro devidamente na escala de tom, seguindo as instruções sobre o caso.

Teoricamente, poderia limpar-se um caso de elos e secundários sem tocar qualquer engrama; há contudo coisas como circuitos, como será

coberto depois, e às vezes poderá ser necessário correr engramas num caso fortemente carregado para atacar um circuito, mas isto é um procedimento extraordinário, e só deve ser feito por um auditor qualificado treinado na Fundação.

O engrama está suprimido e longe da vista do analisador. Esta é uma característica primária. Ao choque de dor física ou no início da inconsciência, o analisador sai do circuito e deixa de regular as funções corporais ou de registar ou de pensar, em maior ou menor grau. O analisador pode estar em parte ou quase ausente, ou inteiramente ausente durante um engrama. Em todo caso, as percepções são registadas na mente reativa. A mente reativa foi conhecida como “a mente inconsciente”, mas esta terminologia é altamente enganadora, porque a mente reativa é a mente que está sempre consciente, e “a mente consciente” é a mente que se fecha ou fica inconsciente. O conteúdo total da mente reativa é então enteta subjugado por engramas de dor física que formam a base para que teta perturbado mais recente fique “permanentemente” preso. Na mente reativa e no decurso de toda uma vida, por causa dos engramas de dor física, o grosso do teta livre de uma pessoa desaparece da visão consciente e deixa de estar disponível para computação, mas reage contra o analisador e o “eu”, para perturbar e introduzir no pensamento dados e valores escondidos e arbitrários. A dor física da mente reativa age contra o corpo físico do preclaro, e quando o analisador não obedece aos comandos do engrama, esta dor é ligada e aberra o corpo físico.

A tarefa do auditor, repito, é esvaziar da mente reativa o enteta acumulado por quaisquer meios indicados ou possíveis, e converter esse enteta para teta pelo simples expediente de trazer o enteta à memória ou separando-o da dor física que o aprisiona. A tarefa do auditor não é simplesmente correr engramas num caso. Um auditor pode muito facilmente cometer este erro por causa da sua ambição de fazer um claro. Um claro é, tecnicamente, simplesmente um indivíduo a quem todos os engramas de dor física, todos os secundários e todos os elos aberrativos foram apagados. O claro pode receber engramas novos, mas estes têm que ser de uma natureza muito severa para serem altamente aberrativos, porque são os primeiros engramas dum caso que produzem a maior aberração e efeito no indivíduo. Contudo, o facto de engramas intencionais pesados serem martelados através de dor física feroz num claro, sendo esse claro basicamente pouco dotado de teta livre, pode produzir-lhe uma quebra psicótica. Mas não se espere que os engramas uma vez apagados e o enteta esvaziado da mente reativa retornem então dalguma forma estranha. Eles não voltarão, uma vez devidamente abordados e convertidos. É preciso mais dor física para produzir mais engramas num claro. Um claro ficará contudo perturbado pelo ambiente, mas só perturbará temporariamente e não sofrerá qualquer efeito posterior da turbulência, uma vez que não há lá nada para aprisionar o enteta.

Eliminado elos e secundários dum caso, e alguns engramas no caminho, produz um liberto de Dianética.

Por isso, o auditor pode compreender o seu ponto de concentração no caso. O progresso de qualquer preclaro é medido pela sua subida na escala de tom, não pelo número de engramas reduzidos ou apagados. A audição

autoritária num caso baixo de tom, pode reduzir engramas e apagá-los, hora após hora, muitas e muitas horas, mas pode deixar o caso em tal turbulência, que a subida na escala de tom é relativamente pequena. A dor física provoca a “permanência” da captura, mas o auditor encontrará o maior depósito de enteta conversível para teta, em secundários e elos.

Um engrama com muitos elos e secundários, está completamente enterrado e fora da vista, e indisponível para auditar. Um engrama que quase não tem secundários e elos, contém todos os seus percéticos, ou seja, o preclaro ao relatá-lo, retornado nesse ponto da banda do tempo, pode ver, ouvir, sentir e experimentar movimento, humidade e temperatura, muito como quando viveu o momento em que ocorreu. Depois do engrama sintonizar completamente e acumular secundários e elos, a agudeza dos percéticos começa a desaparecer para o preclaro retornado, na razão direta da quantidade de enteta que carregou este engrama. Um engrama fortemente carregado, não é então visto, ouvido ou sentido pelo preclaro. Um engrama fortemente carregado nem sequer existe para o preclaro, mas a sua presença é indicada pelo facto de ocorrerem secundários e elos pesados numa certa linha. Uma vez corridos e o seu enteta convertido para teta através das técnicas padrão de processamento aqui delineadas, o próprio engrama emergirá e ele ou a sua cadeia, pois os engramas existem em cadeias, só então pode estar disponível à abordagem do auditor. Mas deve ser compreendido que, uma vez este engrama disponível, a maior parte do enteta já foi transformado em teta livre, sondando elos ou esgotando secundários, ficando assim o engrama relativamente inofensivo, a menos que acumule novos secundários e elos. Além disso ainda retém a dor física, e os seus comandos ainda são aberrativos, por isso deve ser corrido. Mas o auditor deve esperar mais mudança no caso correndo elos e secundários do que engramas de dor física, embora os engramas sejam a fonte básica da aberração humana. O engrama é aprisionado e escondido por enteta, é claro. Enteta tem muitas formas. Poderia dizer-se existir no caso em virtude de enMEST, quer dizer, para o enteta libertado no caso haverá uma reação fisiológica por meio da qual o lado físico do organismo sofre alguma alteração química, ou emite algum produto químico. A oxigenação tem aparentemente muito a ver com a libertação de enteta. Lágrimas e urina, suor, odores do corpo, produtos glandulares, são eliminados de um caso como enMEST acompanhando o enteta libertado, assim como a energia física. O auditor não deve esperar estas manifestações de enMEST só em engramas. Elas são mais marcadas na descarga de secundários e elos. Este assunto será ainda coberto noutra coluna.

A acessibilidade de caso é medida pela escala de tom, e é muito importante para o auditor. Um caso pode aparentemente estar muito baixo na escala de tom, e ainda assim ser acessível, quer dizer, o preclaro querer melhorar. Isto denota em primeiro lugar uma dotação considerável de teta livre e de suficiente teta livre, apesar da sua baixa percentagem em relação à quantidade de enteta do caso, para o preclaro desejar retroceder na direção da sobrevivência. É claro que o enteta neste caso está a descer na direção de sucumbir. Este pode ser considerado um caso acessível, embora fique abaixo de 2.0 na escala de tom. Ao processá-lo, o auditor deve respeitar particularmente a ambição de sobrevivência do teta livre restante

e ser gentil com o caso, removendo enteta e convertendo-o para teta livre tão suavemente quanto possível. Tal caso nunca deve ser metido em engramas, uma vez que o engrama restimulado vai formar um novo elo e absorver algum do teta livre existente. Acima de 2.0 estão normalmente casos acessíveis, mas ocasionalmente, devido a educação ou estigmas ambientais a respeito de melhorar, ou por causa de um tipo peculiar de comando de engrama que proíbe o contacto, estes casos serão inacessíveis.

A acessibilidade poderia então ser geralmente considerada o desejo do indivíduo para atingir novos e mais altos níveis de sobrevivência, e uma melhoria da mente e do corpo. A acessibilidade é, grosso modo, proporcional à quantidade de teta livre existente num caso, mas esta relação pode ser interrompida por inibições, educacionais ou engrâmicas. O caso todo aberto é peculiarmente enganoso para o auditor. Este caso é um cata-vento no ambiente, e na presença de pessoas de alto nível e num ambiente de alto nível, pode parecer bastante normal, mas dado um ambiente comum, este caso está consideravelmente abaixo de normal, e dada uma quantidade pequena de turbulência, este caso começa a obedecer a comandos engrâmicos seja qual for a direção. Contudo, este caso tem aparentemente todos os percéticos disponíveis. Tal caso, à volta 1.1, correrá até engramas, mas o somático será provavelmente suave, mesmo que os outros percéticos sejam aparentemente agudos. Este é o caso a que falta, talvez estruturalmente, um mecanismo para ocluir carga. Este caso, abaixo de 2.0, é bastante normalmente inacessível, a menos que ajudado por engramas maníacos ou um sentimento general no ambiente de que ser processado é a coisa a fazer, pois este caso é frequentemente bastante impressionável e segue facilmente a tendência do ambiente. O auditor sem experiência pode encontrar este caso, pode descobrir que existe sónico, víscio, tato, e assim, sem olhar ao quadro de escala de tom, decide que pode correr engramas. Duma maneira ou de outra, ele convence o caso a começar o processamento, e mergulha-o pela banda abaixo a momentos de dor física e inconsciência. Bastante vulgarmente ele achará este caso resistente ou facilmente distraído no processamento, mas pode persistir, e só depois de processamento considerável ele descobre que o caso não está subir marcadamente na escala de tom.

Se o auditor for míope bastante para começar correr engramas em tal caso, manifestações adicionais lhe dirão que está a fazer mal. O caso todo aberto terá normalmente alguns dos percéticos claramente em falta. Um destes é a posição física. Este caso não se enrola numa bola ou muda de posição, mesmo quando engramas aparentemente ativos estão a ser corridos com sónico e alguns outros percéticos completos na área básica. O inverso é ocasionalmente verdadeiro. Este caso pode sempre enrolar-se numa bola, e pode ter sónico e víscio, mas faltarão muitos dos outros percéticos. A constante deste caso todo aberto em baixo na escala de tom é que tem sónico e víscio, os somáticos são vulgarmente leves, o caso não progride rapidamente na escala de tom apesar do facto dos engramas estarem evidentemente a ser apagados ou reduzidos. Isto quer dizer que os incidentes nunca chegam ao riso, mas o caso correrá muito sobriamente. Isto denota por último que o analisador não está a comparar a conduta do ambiente habitual com o que foi ordenado pelos engramas. De vez em quando a pessoa encontrará um caso todo aberto baixo de tom que ri longa

e ruidosamente com tudo o que é contactado. O auditor não deve ficar alarmado ou censurar isto, mas deve estar consciente do facto que está a descarregar muito do que é chamado “carga de linha”, de um caso fortemente carregado.

Os engramas podem ser reduzidos e apagados nestes casos todos abertos baixos de tom, mas o sentido de realidade dos incidentes é comumente baixo e, como foi dito, a subida na escala de tom não é muito visível. Alguns destes casos todos abertos que parecem ter todos os somáticos reais convertidos em distorção física sem dor, entrarão em várias contorções. Fazendo isto, eles reduzirão aparentemente engramas. Qualquer caso todo aberto que está em baixo na escala de tom, não deve correr engramas antes de uma muito grande quantidade de enteta ser convertida para libertar teta através da descarga de engramas secundários e da sondagem de elos, pois este caso ficará provavelmente cada vez menos acessível ao auditor, e protestará contra ser processado, e reclamará da falta de alívio. Este caso não é contraditório. É um facto que o caso não está a experimentar alívio, embora o auditor, reconhecendo os engramas e vendo-os apagar ou reduzir, tenha outra ideia sobre como este caso se deve comportar.

Um caso todo aberto baixo de tom deve então ser manejado como um caso baixo de tom ocluso, o que quer dizer que a abordagem do auditor deve ser a secundários e elos, conforme o quadro.

A acessibilidade é um problema considerável do auditor. Ele tem sempre que trabalhar no sentido de aumentar. Está claro que por acessibilidade queremos dizer a vontade do preclaro para aceitar audição e a capacidade do auditor e do preclaro para trabalhar como equipa para elevar a sua posição na escala de tom.

Um caso é tão acessível quanto está disposto cooperar e a ser auditado. Alguns casos são completamente inacessíveis, e esta inacessibilidade não é limitada ao sanatório ou deve ser caso de sanatório. De facto, os únicos casos que chegam aos sanatórios são os que notoriamente parecem ser uma ameaça para as suas próprias vidas, para as vidas de outros ou para a propriedade, embora os que são uma ameaça para a propriedade normalmente acabem numa penitenciária, apesar de usualmente não serem menos psicóticos. O caso baixo de tom que não é obviamente um suicida, mas que pode aparentemente lutar um pouco de forma rotineira com o ambiente, passa a imagem de um estado fortemente carregado, que agora mesmo tenta enfrentar o problema de dezanove milhões de pessoas obviamente loucas.

A relutância para melhorar a capacidade de pensar ou agir é superada com considerável facilidade em pessoas acima de 2.5, meramente através de uma demonstração pelo auditor da funcionalidade e efeitos da Dianética. Eis um problema que o auditor resolve através de educação. Não há ninguém acima de 2.5 que, vendo alguma validade na Dianética em termos de testes ou que, com um pouco de sondar elos ou Memória direta apanhe algum material que pensava ter esquecido e que o perturbava, recuse processamento, a menos que por questões de dinheiro, mas isto pode ser solucionado pela formação de equipas de co-audição. Isto não é apenas uma observação otimista; isto é sustentado por

experiência considerável. Está claro que os indivíduos acima de 2.5 podem ainda possuir uma muito baixa dotação de teta ou serem até certo ponto estruturalmente deficientes em inteligência. Mas mesmo estes, se o auditor toma conta deles, granjeiam alguma compreensão no assunto. Alguns destes são co-auditores incompetentes, por isso devem ser ajudados por outros que eles não irão ajudar em troca.

De 2.5 para baixo a inacessibilidade é um problema, mas mesmo aqui os indivíduos que têm uma alta dotação de teta ou que só estão temporariamente neste nível, cooperarão. Há dois tipos de casos que confundirão o auditor. O primeiro é aquele que passa por normal na sociedade, devido a alguma capacidade rotineira para arrostar com o ambiente, que contudo está em baixo na escala de tom, que é muito chato para as pessoas que o rodeiam, e que no entanto tem uma resistência confirmada a qualquer ajuda. Este tipo de caso não é normalmente reconhecido como insano à vista dos inúmeros insanos que o são dramaticamente. Contudo, este caso inacessível, da mesma maneira que as bactérias se arrastam pela sociedade, está a lesar e a perturbar consortes, crianças e amigos, pela espiral descendente abaixo. Tais pessoas são tão “razoáveis” sobre porque estão a fazer o que estão fazer, e normalmente estão tão fixos nas suas formas perturbadoras e foram tão inclassificáveis para todos, que eles, como no caso dos leprosos que dantes mendigavam pelas ruas de Paris em que a ameaça para a saúde pública foi mal entendida, continuam a infestar a sociedade com a justificação dos seus engramas e a destruição dos sonhos, mentes e saúde, desta e da próxima geração. Eis o real problema do auditor. O marido de tal mulher pode ser um homem desesperadamente arrastado pela negligência que encontra na sua casa, pelo escárnio que os seus sonhos encontram, pela censura ou anulação ou dominação dos seus filhos, completamente arrastados da mesma maneira. Ele pode ir ter com o auditor ou empreender ele próprio o estudo da Dianética, num esforço para remediar a situação. A Dianética pode remediar aquela situação, mas ele não poderá processar a esposa dele, pois equipas de marido/mulher não funcionam, e se ele tenta persuadi-la a processá-lo, está a colocar nas mãos dela uma arma adicional para a sua própria destruição. Nas mãos de outro auditor, ela será caprichosa ou mal-humorada ou colérica. E mesmo que o auditor alcance sucesso com este caso ao ponto de recuperar e converter algum enteta, ela e o marido podem descobrir que esta mulher só ficou com um pouco mais de autodeterminação, bastante para fugir com outro homem. A mulher que tem este mesmo tipo de situação com o marido pode ter um problema ainda mais difícil. A Dianética é um remédio que se aplicará e alcançará resultados, mas o auditor é bastante comumente confundido quando encontra estes casos “racionais” inacessíveis. Ele deve pôr de parte a confusão, e tratar estes casos como trataria o psicótico mais inacessível e óbvio. Porque tais pessoas podem manter um fluxo de “razão” em canais aceites ou normais, o auditor não se deve enganar pensando que são genuinamente racionais. Eis um caso onde afinidade, realidade e comunicação têm que ser construídas, onde os percéticos do preclaro devem ser dirigidos para objetivos de tempo presente e onde deve ser feita uma mais suave entrada no enteta. O facto de tais casos não terem grande letreiro a dizer “INSANO” e o facto de a morte que eles levam aos que os

rodeiam não ser súbita, rápida e espetacular, mas lenta e rastejante, não é razão para os auditar como se eles fossem quase claros. Os métodos de processamento para estas pessoas devem ser os que o quadro da escala de tom determina. Se uma avaliação mostra estarem em 0.5 ou 1.1, então devem ser usados os métodos apropriados, não importa quão “racional” o preclaro for.

Deve ser notado que os indivíduos podem estar em baixo na escala de tom e ter ainda dotação de teta bastante para desejar e receber processamento e fazer uso dele. Estes são casos acessíveis, mas está claro que devem ser usados métodos suaves, e não deve ser permitido correr engramas, mais do que à pessoa inacessível neste nível.

O próximo tipo de caso que dará problemas ao auditor é o psicótico obviamente inacessível. De acordo com a definição de Dianética, um psicótico é aquela pessoa cujo teta se tornou completamente enteta, e que, ou está inteiramente fechado num engrama ou cadeia de engramas sem fazer mais do que dramatizá-los, ou que está sob comando de um circuito de controlo, e faz alguma computação ainda que limitada e irracional. O psicótico varia a manifestação, mas a razão porque é psicótico não varia. Há psicóticos que são sempre completamente enteta, psicóticos agudos sob certas circunstâncias, e psicóticos que ficam completamente perturbados durante certos períodos do dia, ou da semana, ou do mês. (O último tipo, que é restimulado ciclicamente, está geralmente a correr um fator de tempo contido no engrama. O incidente pode ter ocorrido no dia vinte e cinco do mês, continuado para o dia trinta, logo esta pessoa fica psicótica de vinte e cinco para trinta todos os meses. Ou o incidente pode ter ocorrido à noite às dez, e o psicótico só fica louco todas as noites às dez horas. O psicótico cíclico só é processado pelo auditor durante os períodos em que uma pequena quantidade de teta livre está disponível).

Não devem ser corridos engramas em indivíduos que estão abaixo de 2.0 na escala de tom, sejam eles acessíveis ou inacessíveis, exceto em raras instâncias quando o arquivista insiste em apresentar um engrama, e eles só devem então ser corridos com a mais séria precaução, e não se o auditor se considera inexperiente.

Com o psicótico inacessível cuja “razão” é tão evasiva e aberrada que é visível mesmo para o observador casual, e com o psicótico apanhado nalgum engrama, o auditor deve dar todo o seu esforço para estabelecer contacto, nem que seja arremedando o psicótico ou descobrindo algum pequeno interesse que o psicótico possa ter no ambiente, e dirigir a sua atenção para detalhes daquela coisa. Os percéticos podem ser estimulados e recuperados por algo tão suave como um contacto adicional com algum objeto do ambiente. Isto, depois de recuperar alguma afinidade, comunicação e realidade, pode ser seguido por memória direta.

Tudo isso é aqui incluído porque os auditores, sabendo a causa básica da aberração, ambicionam tratar a causa. A causa básica da aberração humana é contudo mais profunda do que um engrama de dor física. Segundo a teoria da Dianética, é uma turbulência e captura de teta. Liberte teta. Quando os engramas estiverem prontos a correr, eles se apresentarão.

O fraseado do auditor ao correr engramas é muito simples. É fácil complicar a simplicidade do processamento. Pessoas há que escreveram exigindo saber como é obtido a meditação*, dizendo que depois de vinte tentativas ainda não conseguiram realizá-la no preclaro. Eles evidentemente misturaram meditação com hipnotismo e consideram-no incomum meramente porque tem um nome. A meditação induz-se pedindo simplesmente ao preclaro para fechar os olhos e tira-se de meditação dizendo-lhe simplesmente para abrir os olhos.

O palavreado para correr um engrama é como segue:

“O arquivista apresentará o engrama necessário para solucionar o caso. A banda somática vai para o início do engrama. Quando eu contar de um a cinco e estalar os dedos surgirá a primeira frase do engrama. Um, dois, três, quatro, cinco”. (Estalo!)

A primeira frase do engrama apresenta-se. O auditor manda o preclaro repeti-la até ligar um somático. Então o auditor diz ao preclaro para ir para a próxima frase do engrama e repete-a, e assim por diante, frase após frase, até o engrama ser corrido e então voltar ao início. Acima de 2.5, as frases de ação do caso não podem ser muito fortes, e o preclaro, sem muita ajuda do auditor depois de repetir a primeira frase, pode correr o engrama consecutivamente, repetindo cada frase só uma vez. Se o preclaro começa de repente a sair do engrama e se move para cima na banda para elos, ou se começa de repente falar de elos, o preclaro saltou e já não está no engrama, mas bateu numa frase que o removeu do engrama. Se o preclaro de repente se move para um engrama mais baixo, ele bateu num ressaltador descendente. Em cada caso, o auditor que trabalha com o arquivista deve obter os dados necessários, perguntar se há uma frase de ação e obter essa frase, e mandar o preclaro repeti-la até regressar ao engrama que deveria estar a correr. Contudo, quando as frases de ação estão tão ativas, o auditor não deve correr muitos engramas no caso, apesar da sua pressa em levar seu preclaro até claro. Ele irá mais rapidamente abordando secundários e elos. O valor de comando das frases dos engramas sobre o preclaro, é mostrado pelo modo como os ressaltadores lançam o preclaro para fora dos engramas, como os desorientadores o desorientam, como os negadores negam o conteúdo mais profundo do engrama. Este é um facto muito importante. Quando o auditor descobrir como as frases ação são ativas, ele saberá melhor se deve correr mais engramas ou não. Quando o enteta de elos e secundários é aliviado, o valor de comando das frases de ação e todas as frases dos engramas, reduzirão notavelmente. A força de uma frase engramática depende de secundários e elos. Você pode eliminar um engrama que acaba de ocorrer em quase qualquer preclaro e que por isso não contém elos, mas até isto tem as suas exceções. O facto que não tem qualquer exceção é que uma frase de um engrama perde a sua potência quando o enteta de secundários e elos é removido de acima do engrama, sondando elos ou correndo secundários ou memória direta. Livre-se da carga, e a capacidade do engrama para aberrar o preclaro será ligeira.

Isto não nega o facto que, depois de correr alguns secundários ou sondar elos ou fazer alguma memória direta num preclaro e recuperar algum teta

* Ligeiro estado de "concentração".

livre, embora o preclaro permaneça bastante em baixo na escala de tom, pode ficar à vista um engrama que terá que ser corrido pelo auditor.

O engrama é evidentemente básico, porque é a colisão básica entre teta e MEST. É importante, porque é uma armadilha para turbulências futuras. Qualquer caso pode possuir de centenas a milhares de engramas de dor física. O auditor que corre engramas sem atribuir ao caso a posição apropriada na escala de tom, e se governa assim, é um auditor estúpido, inexperiente e imperito.

CAPÍTULO CATORZE

COLUNA AJ

Cadeias de Engramas

Os engramas existem em cadeias. As frases existem em cadeias. Os somáticos existem em cadeias. Os percéticos existem em cadeias. A mente arquiva em termos de tempo e de tópicos. É um sistema de arquivo elaborado que, embora simples em conceito, desconcertaria quem tentasse duplicá-lo em termos puramente mecânicos.

Por exemplo, todas as lesões no polegar direito ficam na mente reativa numa cadeia de lesões do polegar direito. A frase “amo-te” fica numa cadeia onde quer que apareça na mente reativa e noutra cadeia na mente analítica, e em momentos de restimulação, as duas cadeias podem tornar-se uma cadeia. Um traumatismo no polegar direito acompanhado pelas palavras “amo-te”, seria um cruzamento da cadeia somática do polegar direito com a cadeia da frase amo-te. Por isso, os somáticos e as palavras podem cruzar-se no banco. Existe então uma banda do tempo para cada tópico, o qual pode ser indexado. Este sistema de arquivo é um tecido altamente complexo, possível de computar matematicamente, mas bastante impossível de representar de tão variado que é.

Quando falamos de uma cadeia de incidentes, significa normalmente uma cadeia de elos ou uma cadeia de engramas ou uma cadeia de secundários com conteúdo semelhante. Estes incidentes em cadeias podem conter a mesmas pessoas dramatizadas, como todos os secundários que contêm a mãe e o pai, ou todos os engramas que contêm a avó, ou podem ser todos os elos que dependem de algum engrama ou cadeia de engramas desconhecidos, mas que podem ser identificados pelo arquivista como cadeia de elos, ou pode ser qualquer incidente ou percético que está na banda do tempo relacionado com outros incidentes ou percéticos.

Um único engrama é uma série de percéticos que podem ou não incluir frases sucessivas, tendo a ver com uma lesão num período na banda do tempo. Porque se pode esperar de um aberrado dizer as mesmas coisas sempre que um certo conjunto de circunstâncias é aproximado no seu ambiente, pode esperar-se que os engramas de uma pessoa que esteve muitas vezes inconsciente na vizinhança desse aberrado, contenham repetidamente esta mesma dramatização.

Qualquer destas coisas produz uma cadeia. Poderia considerar-se que o simples engrama fica na banda do tempo num lugar, mas uma cadeia de engramas é uma série que percorre a banda do tempo. Ou uma cadeia poderia ser considerada uma série de repetições de uma certa frase cada vez talvez com um somático diferente, que deu origem à banda do tempo.

É possível colapsar a banda do tempo. Num caso fortemente carregado, um agrupador, uma frase que puxa tudo para si, como a frase: “Tudo acontece simultaneamente” ou “Vocês estão todos contra mim”, (seguramente a frase central do engrama do paranoico), pode, quando

completamente restimulada, triturar a banda do tempo. Isto ocorre na vida simplesmente por acaso. Um indivíduo tem um engrama restimulado que contém um agrupador, e o caso está tão fortemente carregado que a toda a banda do tempo colapsa. O auditor entra em tal caso, encontra tudo misturado e revolvido, nenhuma banda do tempo, o preclaro confuso em baixo na escala de tom normalmente fisiologicamente malformado e certamente numa condição mental altamente aberrada. Seria muito bom se este preclaro pudesse simplesmente eliminar este agrupador, mas todos os elementos do caso (enteta) contribuem para abafar esse agrupador. Por isso, têm que ser utilizados métodos de processamento mais leves do que correr o próprio engrama.

O agrupador é o perigo principal em qualquer sondagem de engramas de dor física. Um agrupador pode ser encontrado um caso altamente carregado, o que colapsará a banda do tempo. Se isto aconteceu, agindo depressa o auditor deve obter uma resposta relâmpago sobre o agrupador e mandá-la repetir logo, o bastante para impedir que se feche. Mas se a banda do tempo colapsar num agrupador, significa que as frases de ação neste caso estão extremamente ativas, e o auditor não deve sondar engramas.

A sondagem de engramas foi originalmente desenvolvida e usada em todo e qualquer caso, e enquanto que nalguns casos produziu alívio (não tendo apagado engramas), outros produziu uma deterioração marcada. Eis uma técnica de uso limitado, que só pode ser usada quando a quantidade de carga do caso foi calculada com precisão pelo auditor.

Como será visto no quadro da escala de tom, sondar engramas nunca pode ser empreendido com segurança abaixo do nível 3.5. Um indivíduo pode ser sondado de 3.5 até claro, mas só quando os ressaltadores não ressaltam, os desorientadores não desorientam, quando a maioria dos percéticos são muito claros e quando a maioria dos secundários foi eliminada do caso.

Sondar engramas oferece então uma maneira rápida de terminar um caso que já foi elevado a 3.5 por outras perícias de audição. Abaixo do nível 3.5, não se deve aventurar a sondar cadeias de engramas, uma vez que mais cedo ou mais tarde o auditor encontrará um agrupador ou alguma outra frase de ação, e perturbará enormemente o caso. Trata-se de uma técnica perigosa, e só deve ser usada quando o auditor está absolutamente certo de que está a lidar com um 3.5.

Às vezes podem sondar-se engramas secundários, mas outra vez só se o indivíduo estiver em 3.5 na escala de tom, uma vez que todo o desgosto do caso se pode perturbar numa bola.

Podem sondar-se elos de 1.1 para cima na escala de tom, e as precauções relacionadas com sondar engramas não se aplicam a sondar elos. Contudo, no processo de sondar elos, o seu preclaro cairá ocasionalmente num engrama. Isto porque o enteta, ao ser libertado, expõe um engrama inesperado. Num caso muito baixo na escala de tom, para correr um engrama confortavelmente, o preclaro pode ser posto em letargia, e então sondado nalguma outra cadeia até estar fora desse engrama, mas a dor

física deve vulgarmente ser evitada. Ao sondar elos, o arquivista deve ser consultado como segue:

“Esta cadeia pode ser sondada sem contactar dor física?” (estalo). Se a resposta é sim, a cadeia é sondada. Mas se a resposta é não, é pedida outra cadeia. Em suma, a pessoa não deve sondar dor física em qualquer caso abaixo de 3.5 na escala de tom.

Há muitas ramificações desta técnica de sondar cadeias. À primeira vista, sondar cadeias parece ser uma maneira excelente de varrer todos os engramas de um caso num instante e obter um claro, mas não é isto que acontece. Mesmo no nível 3.5, sondar cadeias deixa no caso muitos somáticos que depois têm que ser clarificados. Poderia dizer-se que o topo dos engramas sai durante a sondagem das cadeias de engramas. De acordo com observação, os engramas sondados abaixo de 3.5 na escala de tom reduzem apenas um pouco, e abaixo de 2.5 prendem mais do que libertam.

Só quando estamos seguros de que o preclaro está em 3.5 sondamos cadeias de engramas, consultando o arquivista sobre se uma cadeia de engramas pode ou não ser sondada. A uma resposta afirmativa do arquivista, o auditor diz ao preclaro para ir para o primeiro engrama da cadeia. Quando está seguro de que o preclaro lá está, o auditor dá sinal para começar a sondar, e o preclaro sonda todos esses engramas até ao tempo presente. O preclaro pode sondar a uma velocidade bastante lenta para lhe permitir pronunciar as frases mais aberrativas que atravessa, ou lentamente bastante para reconhecer as frases, mas não as pronunciar, ou pode sondar a uma velocidade média, obtendo conceitos dos incidentes por que está a passar a banda do tempo, ou à velocidade máxima, sabendo que está a atravessar incidentes espanejando só os somáticos.

Sondar elos pode remediar os danos provocados ao sondar cadeias. Por outras palavras, se o auditor comete um erro e sonda cadeias, digamos, num preclaro do nível 2.5, só para descobrir que as frases de ação são suficientemente fortes para pendurar o preclaro na banda, o auditor pode então sondar os elos dos últimos minutos de audição, e pode sondá-los muito completamente para que a lesão possa, nessa medida, ser remediada. Contudo, nem sempre devemos contar com isto como uma possibilidade.

CAPÍTULO QUINZE

COLUNA AK

Circuitos

O circuito é provocado por um tipo especial de comando de engrama que, suficientemente carregado por elos e secundários, evidentemente compartimenta alguma secção da mente analítica a qual depois disso, num grau limitado, age como uma entidade separada ou outra personalidade. De acordo com a teoria e observação, frases contendo “tu”, “ti” como, “tenho que pensar tudo por ti”, “vou dizer-te o que fazer e *tu* tens que fazê-lo”, ditas ao indivíduo ou na sua proximidade quando ele está inconsciente e com dores físicas, provocam este fenómeno. Na prática, estes circuitos resolvem-se quando o caso é aliviado ou quando o engrama que contém o circuito é apagado ou reduzido.

Diferente de circuitos é a compartimentação de valências que ocorre na mente. Como foi discutido noutro lugar, a sobrevivência do indivíduo pode ficar tão intrincada com a de outro ser humano, particularmente durante a inconsciência ou doença do indivíduo, que as dramatizações, hábitos pessoais e até fatores de aparência pessoal da pessoa imitada, parecem montados como um segmento da mente analítica. O indivíduo pode ter várias valências por causa deste tipo de associação. É comum uma criança ter a valência do pai, a valência da mãe e as valências de outras pessoas à sua volta.

A valência é um exagero daquele básico de educação que é a mímica. Um ser humano aprende as primeiras lições, e depois a maioria das suas lições básicas, hábitos, maneirismos e perícia, através de mímica. Qualquer aberração da mente tem um uso específico para a sobrevivência quando desaberrada. Uma criança aprende a falar imitando sons. Aprende a andar imitando os passos dos mais velhos. Em momentos de dor física, inconsciência e doença, esta capacidade entra na mente reativa que depois força ou pode forçar a mente analítica a moldar-se a outro ser humano, sem qualquer autodeterminação de pensamento ou ação. A valência é uma representação de todo um indivíduo. Quando um caso fica razoavelmente carregado, uma pessoa pode entrar ou entra numa valência, mostrando depois disso os maneirismos, hábitos e padrões de pensamento dessa valência. Uma pessoa tem a sua própria valência e, potencialmente, as valências das pessoas à sua volta. Um caso fortemente carregado entra noutras valências tão completamente, que a pessoa muda nítida e distintamente de personalidade e de aparência, quando muda de uma valência para outra. A definição original de esquizofrénico ou “personalidade de tesoura” é baseada na observação desta troca de identidade. Um caso deve estar de facto altamente carregado e, é claro, bem abaixo de 2.0, para estes muros de valência ficarem tão bem definidos, que são verdadeiros compartimentos na mente e têm bancos de memória tão distintos, que quando o indivíduo muda de uma valência para outra

pode não ter qualquer memória do que fez quando estava na outra valência, ou até de que esteve noutra valência. Um indivíduo pode potencialmente ter dois, seis, dez ou qualquer número de valências. Um psicótico pode ser, num grau elevado, duas ou mais pessoas, mudando de uma para a outra sem qualquer reconhecimento da outra.

Quase toda a gente tem certos problemas de valências na medida em que quando são confrontados por pessoas diferentes eles se sentem uma personalidade diferente. Um homem pode sentir-se um leão quando joga golfe com os amigos, e como um rato quando fala com a mulher. Com os amigos ele pode possivelmente estar na sua própria valência (a condição mais feliz) ou na valência de algum indivíduo jovial que ele conheceu, mas confrontado pela esposa com quem casou sem saber porque ela lhe fazia lembrar a mãe, ele está forçado na valência do pai, e o pai pode ter sido um homem muito intimidado.

Estes comportamentos de valências na mente, operam num indivíduo acima de 2.0 sob a atenção muito apertada do “eu”. O “eu” das pessoas acima de 2.0, poderia dizer-se estar de facto a controlar cada valência, mas à medida que a carga no caso aumenta, o “eu” cada vez menos pode controlar essas valências. E abaixo de 2.0, é bastante comum a carga ser tal, que os comportamentos de valência da mente desenvolvem o seu próprio “eu” ou centro de consciência da consciência. Aqui o “eu” real do indivíduo é relegado para as poucas unidades de atenção restantes componentes a personalidade básica.

O autocontrolo é algo verdadeiro exercido pelo “eu”. Na medida em que o “eu” tem bastante unidades de atenção para controlar ou comandar o analisador, existe autodeterminação, e ela existe na medida em que o “eu” pode exercer este comando ou controlo.

Em matéria de valências, a submersão do “eu” nestes comportamentos de valências, à medida que o indivíduo desce na escala de tom, provoca uma condição tal que, quando está na valência do pai, ele se controla como o pai o faria, e quando está na valência da mãe, ele se controla como mãe o faria.

Poderia dizer-se que as valências contêm ressaltadores, agrupadores, negadores e seguradores, da mesma maneira que um engrama. Quer isto dizer que a frase conhecida como “mudador de valência” pode forçar a pessoa a estar em toda ou qualquer valência (agrupador), ou pode forçá-la a ficar fora de uma valência (ressaltador) de forma a não poder imitar um ser humano como o pai, que pode ter tido muitas boas qualidades que valeria a pena imitar. Mudadores de valência típicos são frases tais como “Tu és como o teu pai”, “tenho que fingir que sou outra pessoa”, “Tu és como a tua mãe, e estás cada dia mais parecido com ela, e eu odeio-te por isso” (o que faria uma pessoa ser como a mãe, e odiar a mãe, e por isso odiar-se a si próprio). Também há a valência sintética, que é uma pessoa artificial. Ou o comando de valência que faz duma pessoa cada ator que ela vê. Existem comumente valências de animais domésticos, e não é incomum uma menina estar na valência do cão ou o gato, e expressar-se com maneirismos semelhantes. Quando isto acontece num grau elevado, esta criança tem um mudador de valência que a muda para a valência do

animal, como, “Tu és como o Bonzo!”. Sempre que a mãe se zanga, a criança fica “como o Bonzo”.

O lugar mais óbvio para observar valências é durante o percurso de um engrama. Um engrama tem uma valência potencial para cada indivíduo que rodeia a pessoa inconsciente. Se estão presentes um médico, uma enfermeira e um pai, por exemplo, numa amigdalotomia, e se eles falam durante a operação (algo que nunca deve ser feito!), há então uma valência potencial preparada para o médico, para a enfermeira e para aquele pai. Está claro que tal engrama requer carga muito pesada para estas valências poderem tomar conta de qualquer secção do analisador. Ao correr um engrama fortemente carregado, ver-se-á que o preclaro entra, bastante comumente, nas valências das pessoas presentes no incidente. Ele não obterá os seus próprios somáticos, mas os somáticos comandados pelas frases do incidente. Se está num pré-natal e na valência da mãe, ele terá a perturbação de estômago da mãe em lugar da pressão em que se encontrava na altura. Ele está, por isso, fora de valência. Depois da valência particular ser descarregada ou o mudador de valência localizado, o preclaro pode correr então na sua própria valência, e só desse modo ele experimenta grande alívio. O auditor não deve correr engramas continuamente num caso tão fortemente carregado, que recebe comandos de somáticos e sai facilmente de valência.

O circuito é diferente da valência. O mecanismo da valência produz pessoas completas para o preclaro ser, e incluirá hábitos e maneirismos que não são mencionados nos engramas, mas são o resultado da compulsão do preclaro para copiar certas pessoas. O circuito é um mecanismo que se torna uma identidade em si mesmo, com o seu próprio “eu”, que pega num pedaço do analisador, empareda-o com carga, e depois disso dá ordens ao preclaro. Antigamente, estes foram chamados demónios. Por exemplo, Sócrates teve um demónio que lhe deu ordens, embora o demónio de Sócrates possa não ter sido o resultado de um engrama, mas, ao invés, um percéptico teta.

É comum as pessoas terem vários tipos de circuitos, e não estarem conscientes do facto de terem esses circuitos. A vocalização do indivíduo de todos os seus pensamentos e problemas, é de facto um circuito em ação que lhe diz como pensar ou como agir. O pensamento é tão rápido e complicado, que nunca haveria oportunidade de o vocalizar. Quando o pensamento é vocalizado, está normalmente nos ditames de um circuito. Um preclaro pode ter um circuito que o critica, um circuito que parece dar-lhe ordens, outro circuito que o imita ou zomba dele quando ele faz algo errado e ainda outro que lhe dá imagens fictícias.

O preclaro que tem circuitos ativos, tem um caso relativamente muito carregado, e o caso deve ser aliviado antes do auditor tentar localizar estes circuitos em engramas. Pode acontecer que quando um circuito é o resultado de alguma dramatização do pai, como “Fica aí e escuta-me!”, o fio direto possa localizar um incidente vivo na vida do preclaro quando o pai estava a dizer isso a alguém. A simples localização da verdadeira dramatização e a sua identificação através de fio direto, pode anular este circuito. Da mesma maneira, quando o preclaro age comumente como o pai e está doente com os mesmos somáticos crónicos do pai (ou parecidos),

acontece ocasionalmente que a identificação do mudador básico de valência, através de memória direta, levará o preclaro a mudar para a sua própria valência. Também pode acontecer que, ao localizar por memória direta uma ocasião em que o pai estava se estava a queixar do estômago, resulte daí que o preclaro com problemas de estômago de repente deixe de ter esse problema.

Contudo, os casos têm vulgarmente que ser aliviados de enteta numa considerável extensão, antes dos circuitos e valências ficarem inoperantes, momento em que o “eu” do preclaro recupera a sua autodeterminação e controlo do organismo, que tinha sido combatido pelo “eu” artificial residente nos engramas.

Poderia dizer-se que todos os circuitos são circuitos de controlo, na medida em que estão tentar fazer para o preclaro algo em competição com o próprio “eu” do preclaro. Estes circuitos de controlo são controlos artificiais, e não devem de modo algum ser confundidos com o desejável autocontrolo do indivíduo. Nenhum circuito de controlo pode realmente controlar o indivíduo em direção à sobrevivência. Os avisos para que um ser humano se controle, estando desperto, podem talvez estimular o “eu” a afirmar seu direito a manejear o corpo, mas eles podem facilmente também restimular um circuito e pôr o indivíduo sob controlo de algum comando dum engrama.

Existe um tipo específico de circuito de controlo que é bastante notável a dar problemas ao auditor. Quando um engrama contém uma frase muito forte como “Controla-te”, o auditor, percorrendo esse engrama, embora fortemente carregado, pode de repente ver o preclaro auto-correr, e ir para aqui e para ali na banda sem qualquer comando adicional. Aqui, um circuito de audição assumiu de repente o comando. É necessário o auditor descobrir a identidade desta frase, e então mandá-la repetir. O arquivista é às vezes incapaz de dar um circuito de controlo, e quando fica repentinamente inoperante embora antes tenha estado a trabalhar bem, o auditor deve suspeitar que se apresentou uma frase de circuito de controlo.

Dificuldade semelhante é encontrada no mudador de valência, mas aqui o sônico e o somático podem saltar fora enquanto o preclaro ainda está no engrama. O mudador de valência afirma o seu controlo, só ao ponto de mudar o preclaro para outra identidade, em lugar de mudar a sua posição na banda do tempo. Com um circuito de controlo não é assim. O circuito de controlo pode conduzir-se como uma entidade interior que tira o preclaro das mãos do auditor.

Quando os preclaros são muito difíceis de manejear, tomam o freio nos dentes e tentam correr os seus próprios casos apesar de qualquer coisa que o auditor possa fazer (desde que o auditor tenha feito um bom trabalho, pois o “eu” tirará por vezes o caso das mãos do auditor, se ele estiver a fazer um trabalho muito mau), correndo circuitos de controlo, comandos gravados que provocam este comportamento do preclaro em audição. O caso que faz isto está fortemente carregado, e neste caso não devem ser corridos engramas*.

* Deve ser feito algum comentário adicional no caso que começa a auditar-se a si próprio. Evidentemente que alguns casos isolados puderam fazer auto-audição sem qualquer dano

Os circuitos de controlo não só dominam e comandam o preclaro, mas também o anulam. O preclaro pode ter um circuito da variedade derrotista que o faz acreditar que é incapaz de fazer o que lhe é pedido, e diminui-lhe o tom dizendo-lhe continuamente que vai falhar. Tal circuito poderia ser fraseado com, “estou aqui para dizer-te que nunca valerás nada. Tu não és nada. Tu não és ninguém. Tu nunca terás sucesso. Tu nunca serás um êxito, e é tempo de alguém te dizer a verdade”. Desencorajando o preclaro com uma pesada carga em cima, este circuito comanda-o continuamente para os mais baixos níveis da escala de tom. Mas para ser operativo, este circuito teria que estar muito fortemente carregado e provavelmente restimulado por alguma outra pessoa no ambiente, que dia a dia repetisse ao preclaro esta mesma atitude.

Existem coisas como circuitos sónico-perturbadores e circuitos vísioperturbadores. Os circuitos sónicos são muito facilmente reconhecíveis, pois eles falam audivelmente dentro da cabeça do preclaro ou dão-lhe ténues impressões sónicas. O circuito sónico pode ocasionalmente tentar forjar engramas para o preclaro, mas há uma característica dos circuitos que permite sempre ao auditor diferenciá-los. Os circuitos são normalmente estúpidos. Eles também são des corteses. Uma vez descobertos, o auditor não lhes deve dar atenção pois dar-lhes atenção é validá-los nalguma medida. Quando descobre um circuito deste tipo, ele não deve tentar insistir no circuito; ele deve tirar bastante carga do caso para que o circuito fique inoperativo. Estes circuitos forjadores de sónico e vísião são muito limitados em repertório, e o auditor não deve desconcertar-se quando os encontra, nem deve pensar que o que o preclaro está a correr é sempre resultado de tais circuitos. Para ter estes circuitos, o caso deve estar bem abaixo de 2.0 na escala de tom, e de qualquer maneira os dados neste nível raramente são devidamente interpretados pelo “eu”. O auditor não está interessado em dados nesta área. Por isso, o vísião e circuitos sónicos não o devem preocupar, uma vez que eles não o impedirão tirar carga de um caso. O auditor não está a tentar correr engramas.

Também há o circuito tipo oclusão, o circuito que tapa pedaços de informação ou pode mascarar o “eu” no contacto com o banco padrão ou com o banco reativo. Este circuito poderia ser assim fraseado: “Para o teu próprio bem tenho que te proteger de ti próprio”. Isto pode ser muito

e, de facto, num caso com benefício considerável. Um caso pode começar a auto-auditar quando há fatores no caso e no ambiente que não são solucionados pelo preclaro ou o pelo auditor. No momento em que a computação apropriada é tocada no caso, a auto-audição cessa. Embora toda a gente possa fazer Fio-Direto a si mesmo e é um procedimento muito útil, e embora quase toda a gente possa sondar elos a si mesmo, as formas mais pesadas de enteta são mais difíceis de atacar sem auxílio. A pessoa que sente a necessidade de correr desgosto nalgum incidente específico, está claro que deve correrlo quer haja um auditor presente ou não. Mas o indivíduo que deliberadamente força um engrama e tenta reduzi-lo, irá, em noventa e nove por cento dos casos, meramente restimular o engrama e perturbar-se a si próprio num desamparo e incômodo, antes de ultrapassar a primeira frase. A auto-audição é realmente “complicada”, quando vai além de memória direta ou sondar elos leves. Em quase todos os casos, a auto-audição pesada pode infalivelmente ser atribuída aos engramas que se defendem da audição real levando o preclaro estonteado a correr ele próprio incidentes irredutíveis ou dub-in.

simpaticamente proferido nalgum engrama, e bastantes vezes proferido depois disso pela mesma pessoa no ambiente do preclaro para dar uma oclusão completamente carregada. Este indivíduo, porque está a “proteger-se de si próprio” não pode entrar em parte nenhuma da sua mente, nem para uma operação ótima. Mas, outra vez, para ser eficaz, qualquer destes circuitos de oclusão requer uma grande quantidade de carga. Sondar elos e memória direta farão muito por aliviar estes circuitos, mas o circuito de oclusão pode persistir, fraseado de mil maneiras diferentes a tal ponto, que todo o enteta fica mais ou menos ocluso.

Os circuitos são peculiarmente malignos, inibindo a libertação da emoção. Aqui o auditor tem um problema real no caso fortemente carregado que ainda está correr sob circuitos que lhe dizem para não chorar, para não sentir nada, para esquecer e assim sucessivamente. O auditor pode encontrar a sua entrada no caso seriamente impedida. O circuito impossibilita o preclaro de descarregar um engrama secundário. Mas através de memória direta e sondagem de elos, o auditor pode vulgarmente capacitar o preclaro para correr engramas secundários, mesmo sem descarregar estes circuitos inibidores.

Circuitos existem que obrigam ou inibem afinidade, realidade e comunicação. “Tu nunca amaste ninguém” inibe a afinidade. “Tu tens que me amar” força a afinidade. “Nada é real para ti” e “Tu tens que acreditar em tudo que ouves” inibe e força a realidade. “Tu tens que me ouvir” ou “Tu nunca ouves o que eu digo” força ou inibe a comunicação.

Trocas de valência também dão problemas ao auditor, quando ele tenta descarregar secundários de um caso. Um preclaro pode estar na valência do pai que não era um homem emocional, e assim ser incapaz de verter lágrimas. Uma pessoa pode estar na valência de mãe que estava sempre a chorar, e pode estar tão completamente nessa valência que parece estar a correr secundários, mas na realidade está a obedecer a comandos ou a responder a um desejo imitativo de chorar. O caso não é desse modo aliviado de qualquer secundário. O simples facto de estar fora de valência coloca-o fora de contacto, não só da sua própria dor, mas também da sua própria carga emocional. A dor e a carga emocional são muito pesadas no caso, mas o preclaro, já noutra valência, está a sentir os comandos de somáticos ou as dores da outra pessoa, e está chorar as lágrimas e a sentir os medos dessa outra pessoa. Um indivíduo pôde andar a fazer isto durante algum tempo sem grande melhoria de caso. Deve ser compreendido que só abaixo de 2.2 um caso pode estar bastante fortemente carregado para tirar o preclaro da sua própria valência ao ponto de ele não poder sentir a sua própria dor e emoção, pelo menos em parte da banda. Quando um preclaro está deste modo fora de valência, memória direta, sondar elos (em que o auditor nunca se preocupa se o preclaro está em valência ou não) e o percurso de elos, são alternados até bastante carga estar fora do caso, para que o caso entre naturalmente na sua própria valência e corra naturalmente a sua própria dor física.

Afortunadamente, um caso, não importa quão fora de valência e quão pesados os circuitos, liberta o seu próprio anatem na forma de bocejos ou letargia, embora possa não libertar os seus próprios medos ou lágrimas.

A valência tem às vezes uma banda do tempo relativamente imperfeita, mas todavia existente, e pode enviar-se um preclaro que está na valência do pai para a banda do tempo do pai, a qual existirá onde quer que o pai tivesse estado em contacto com o preclaro. Nesta banda podem de facto sondar-se elos, mas este é um mecanismo com o qual o auditor não precisa preocupar-se muito.

O auditor deve compreender os mecanismos de valência e os circuitos para compreender o que pode estar a deter o seu caso, e compreender e avaliar o comportamento humano, mas um estudo deste capítulo deve gravar no auditor o facto que uma valência ou um circuito tem que estar fortemente carregado para ser altamente operativo, e por isso a resolução de casos que estão cronicamente fora valência (como o caso caixão) ou casos que estão fortemente controlados por circuitos, dependem da resolução da carga. A carga pode ser retirada de um caso na forma de elos e até secundários através de memória direta e de sondagem de elos, assim como através de alta afinidade, realidade e comunicação, como resultado da associação com o auditor ou de fortes fatores de sobrevivência de tempo presente ou prazer ou mesmo de educação, como será testemunhado nas discussões de grupo em que o tom de uma pessoa sobe bastante frequentemente.

Cedo em Dianética, foi necessária uma tremenda quantidade de conhecimento e perícia para manejar circuitos e valências. Isto porque estavam a ser corridos engramas antes do caso estar suficientemente descarregado para isso. Agora, que pode ser comunicada ao auditor uma melhor compreensão do que ele está a fazer, agora que o auditor pode compreender melhor o que carga significa e como se ver livre dela, esta enorme tecnologia não é tão necessária ao auditor. Contudo, ele deve ter uma compreensão dela, uma vez que haverá esses casos que se resolveriam muito mais rapidamente se o auditor compreendesse que tudo o preclaro estava a fazer era chorar as lágrimas da mãe ou a obedecer a um circuito.

Uma das mais cegas manifestações dos circuitos e carga num caso é o que é chamado “vídeo pré-natal”. De facto há um vídeo pré-natal, mas é negro: O negrume do pré-natal, quando o indivíduo está preso num engrama pré-natal, na verdade obscurecerá o seu vídeo. Porque ele está preso num engrama, o sónico será apagado. Mas aqui, em matéria de vídeo, deve ser compreendido que enquanto que as células e o corpo teta provavelmente registam luz, não existe mecanismo a não ser a imaginação, que se saiba produzir as imagens que surgem com o “vídeo pré-natal”.

O “vídeo pré-natal” pode consistir de cenas todas coloridas, fora da mãe. Ou pode simplesmente consistir de imagens súbitas que vão e vêm.

Um circuito de controlo produzirá “vídeo pré-natal”. O “vídeo pré-natal” é falso, não tem relação com a realidade e simplesmente significa que o caso está fortemente carregado. Acontece bastante frequentemente que o “vídeo pré-natal” surgirá por momentos enquanto um preclaro está correr um engrama no período pré-natal. O auditor deve imediatamente pedir uma frase de controlo quando esta manifestação momentânea de vídeo ocorre. Ele encontrará uma frase como “estou a ver o que queres dizer” ou

simplesmente “Controla-te”, o que de alguma maneira cruza a imaginação com o banco factual.

“ESP pré-natal” é outra manifestação de carga e circuitos. Pode existir um circuito que diz, “eu sei o que tu estás a pensar”, e quando retornado à sua vizinhança, o preclaro parece obter os pensamentos da mãe e do pai por ESP. De facto, estes “pensamentos” são compostos de frases que ocorrem nos bancos reativos e padrão do preclaro. Podem muito bem existir percepções extrassensoriais, mas a “ESP pré-natal” é falsa.

Existe um tipo adicional de víscio do preclaro de que o auditor deve saber, e este não é distinto da miragem que aparece no deserto quente. Uma pesada letargia, ou áreas pesadas de anatem, podem levar o preclaro a afastar-se do contacto com a realidade, ver cenas e até ouvir vozes. Estas cenas e vozes são vulgarmente bastante desconexas. O preclaro nunca deve ser interrompido quando está a fazer isto. É um sintoma seguro de letargia. Em breve (usualmente) esta fase passará, e outros percéticos do engrama surgirão. O preclaro deve sempre ser deixado atravessar essa letargia sem o interromper, sem o apressar ou abanar ou lhe falar, porque as coisas que acontecem enquanto está nesta condição ficam registadas, uma vez que está perto da inconsciência.

Os sonhos parecem vir deste tipo de circunstância. O sonho é normalmente um engrama que se refrata através da névoa de anatem até ao “eu” por algum atalho, e é consideravelmente distorcido no caminho. O sonho faz muito sentido quando a pessoa tem o engrama. Até pode permitir encontrar um engrama de que, caso contrário, não suspeitariámos. Mas este tipo de trabalho de adivinho é vulgarmente desnecessário, pois um caso que sonha pesadamente, ou está com falta Vitamina B1 ou com carga pesada.

CAPÍTULO DEZASSEIS

COLUNA AL

Condição do Arquivista

Conforme mencionado noutro lugar, existem aparentemente várias entidades ou mecanismos de resposta na mente humana. Um dos mais importantes dentre eles para o auditor, se não o mais importante, é o arquivista.

Em análise, torna-se evidente que as manifestações de aberração em geral, valências, circuitos, capacidades da mente e suas distorções, dependem do facto da construção da mente analítica conter basicamente os mecanismos sujeitos a aberração pelos engramas. A mente reativa não tem os mecanismos operacionais necessários para pôr os engramas em vigor, para além do seu conteúdo de enteta e dor física. Um tipo que sofre de um engrama maníaco que lhe diz que é o maior condutor de elétricos do mundo, pode muito bem agir como um grande condutor de elétricos. Mas é a mente analítica que poderia dizer-se conter a única potencialidade para ser um condutor de elétricos. Esta potencialidade não é aumentada pelo engrama, mas só forçada por ele, excluindo outras capacidades do indivíduo. O alívio do engrama possibilita ainda mais ao indivíduo ser um grande condutor de elétricos, uma vez que o engrama contém dor física e inconsciência que reduzem a capacidade analítica, tornando por isso uma pessoa menos capaz de agir.

O circuito de controlo pode existir como manifestação de um comando engrâmico apenas porque a mente analítica possui nativamente o mecanismo de circuitos de controlo. O “eu”, como parte dos seus procedimentos habituais de pensamento, monta e desmonta estes circuitos de controlo à vontade. Toda uma série de circuitos é montada por algum novo padrão de aprendizagem, e estes, por sua vez, computam independentemente do “eu”, para guiar um automóvel, por exemplo. O “eu” dá pouca ou nenhuma atenção a muitas das rotinas do corpo, mas fornece, através da aprendizagem, circuitos para as manejar. Além disso o “eu”, controlando por completo o analisador, subdivide e faz ou desfaz compartimentos no analisador para cuidar dos vários processos de raciocínio. Por exemplo, o vendedor monta um circuito para vender o seu produto. O “eu” do vendedor pode prestar muito pouca atenção ao que o circuito de vender está a dizer ou a fazer enquanto leva a cabo a conversa rotineira da venda. Pensar é tão complexo, que os circuitos são muito necessários para se ocuparem das várias coisas do pensamento. A cozinheira tem vulgarmente muitos circuitos que dirigem o que há a fazer com vários pratos, enquanto o seu “eu” segue com um planeamento num mais alto escalão, ou se diverte com a rádio.

No capítulo precedente foi discutida a razão das valências.

A imaginação pode ser exacerbada ou inibida por engramas ou carga, e pode de facto ser metida em circuitos computadores por engramas ou carga, mas a imaginação tem que existir como função analítica, uma porção nativa da mente analítica, antes de um engrama e enteta a poderem aberrar.

A principal função do arquivista é aparentemente pegar nos dados dos percéticos, das velhas conclusões e imaginações e outros dados dos bancos padrão de memória, e remetê-los para os computadores de um escalão mais baixo ou para o “eu”. Existem provavelmente muitas unidades de atenção lá atrás ao longo do bancos padrão executando esta função, uma vez que há obviamente muitos sub-computadores a operar em qualquer mente em bom estado de funcionamento.

A mente analítica que está em muito boas condições de funcionamento, quer dizer, que não está mal informada pelos dados arbitrários dos engramas ou suprimida pelo enteta da mente reativa, obtém a maioria das suas respostas na base de resposta relâmpago. O “fluxo de consciência” do escritor de ficção ou o vaguear inútil do indivíduo que tem um circuito que lhe diz que tem que “refletir sobre coisas muito cuidadosamente” e que verbaliza para ele conclusões intermináveis, é normalmente o resultado de engramas e de enteta. O arquivista ou os seus subordinados, ainda levam ao “eu” aqueles dados válidos e precisos. A transação é vulgarmente feita em milissegundos.

À medida que a mente analítica é cada vez mais fechada por enteta, cada vez mais unidades de atenção são amarradas ou atenuadas. À medida que esta condição piora progressivamente, o arquivista tem cada vez mais dificuldades em passar dados ao “eu”, uma vez que ele começa a ter que os enviar através de circuitos, através de paredes de valência e por rotas duvidosas. Sob tais condições, os milissegundos dilatam não só para segundos ou minutos, mas para tanto como três dias. Numa pessoa medianamente aberrada, o arquivista tem que receber a ordem e dar a resposta através de tanto enteta e sobre tantas rotas tortuosas, que uma pessoa “tem que pensar” para de facto recordar algo, e pode na verdade de repente receber os dados pedidos ontem, esta manhã às dez horas, sem qualquer conexão com seja o que for que a pessoa esteja a fazer na ocasião.

À medida que um caso fica ainda mais suprimido por enteta e o analisador mais compartmentado pela mesma causa, o arquivista fica apenas um eco distante. A memória é considerada “muito má”, o indivíduo alcança as suas conclusões muito lentamente.

Quando o indivíduo cai abaixo de 2.0, não só o arquivista como tal cessa existir para ele, mas os dados começam a ser passados de um lado para outro por substitutos enteta do arquivista. O arquivista real ainda lá está, mas tão suprimido que as suas funções lhe são usurpadas. Por isso, a receção de dados e as conclusões de um indivíduo abaixo de 2.0 na escala de tom, podem ser no mínimo surrendentes. O seu analisador não só é diminuído ao ponto de computar instintivamente na direção de sucumbir, embora essa direção possa estar mascarada, mas os dados com que a computação é feita são mal selecionados e distorcidos por seletores e armazenistas engramáticos de enteta. Poderíamos mesmo ir ao ponto de

dizer que o indivíduo abaixo de 2.0 pesca a maioria dos seus dados do banco de engramas, em lugar do banco padrão de memória.

É notável que até num indivíduo fortemente aberrado, em transe amnésico ou fortemente sedado, (e não tentem estas coisas em processamento, uma vez que elas resultariam numa muito maior turbulência e aberração do preclaro) pode ser descoberta a calma e serena personalidade básica, e o arquivista, profundamente enterrado, mas agora revelado, pode ser encontrado ainda em boas condições de funcionamento. Mas restam tão poucas unidades de atenção na personalidade básica, embora contendo o fundamental do que esta pessoa seria se clarificada, que isto deve ser considerado só como um comentário e não como algo útil em processamento. Isto é referido meramente para realçar para o auditor o facto de que o arquivista não morre ou desaparece, nem mesmo no psicótico, embora o auditor possa sentir isso quando está a trabalhar com indivíduos severamente aberrados.

O arquivista dá regularmente respostas que contêm dados específicos, em lugar de respostas que requeiram computação. Por exemplo, pode com confiança fazer-se qualquer pergunta ao arquivista cuja resposta seja sim ou não acima de 1.5, e receber a resposta. Além disso, o arquivista dará dados de tempo em termos de dias da semana, do mês ou meses do ano, para localizar o preclaro num incidente da banda do tempo. Além disso, o arquivista oferecerá os nomes das coisas ou das pessoas ou de cadeias, quando são pedidos. Ou, se a conclusão existir noutra lugar na mente, o arquivista remeterá para o auditor a conclusão verbal sobre o que deve ser feito com o caso.

O uso comum do arquivista é muito simples. O auditor pergunta meramente, “sim ou não: estás preso no nascimento?” (estalo!). A resposta será sim ou não. A condição em que o auditor deseja a resposta deve ser dita em primeiro lugar. Por isso o auditor diz “Sim ou não” antes de fazer a pergunta. Ele também diria a “Data” antes de nomear a ocorrência, e seguiria sempre a pergunta com um estalo. Os erros de descuido comuns consistem de inverter este procedimento, recebendo o arquivista o “sim ou não” depois da pergunta. Numa pessoa vulgarmente aberrada, o arquivista pode simplesmente ecoar “sim ou não”. Outro erro, mas esse ridículo, é estalar os dedos antes da pergunta ser completamente formulada. O estalo é o impulso de som que conduz a resposta através dos circuitos. Estalar os dedos antes da pergunta estar completa, equivale a uma ausência dados para levar através dos circuitos.

O arquivista deve ser manejado considerando completamente o código do auditor. Acontece de facto que o arquivista pode funcionar perfeitamente num caso relativamente carregado com um auditor com alto ARC com o preclaro, mas pode não funcionar com um auditor cujo ARC com o preclaro é ligeiramente mais baixo. Isto só se aplica, é claro, a casos abaixo de 2.0.

O impulso do estalo parece necessário na maioria dos casos. Há casos que se opõem seriamente a que o auditor estale os dedos. Estes casos são restimulados pelo som do estalo, e um pouco de fio direto encontra normalmente a fonte da objeção. Contudo, o auditor não deve nunca atirar

a mão para a frente do preclaro ao estalar os dedos, pois isto é muito restimulativo para qualquer preclaro que foi esbofeteado. O movimento da mão em direção a um indivíduo, se repentino, é uniformemente avaliado como um gesto hostil. Da mesma maneira que o auditor deve manter os pés fora do sofá ou da cama ou do seu estrado, deve também abster-se de tocar no preclaro, salvo quando o preclaro angustiado deseja pegar-lhe na mão, devendo assim o auditor usar de toda a cortesia a respeito do arquivista.

O arquivista nunca deve de forma alguma ser invalidado. Não lhe devem ser fitas perguntas de uma maneira e então de outra, como se o auditor duvidasse da primeira resposta. A exceção a isto é o caso baixo de tom que contém um circuito que responde a perguntas sobre a idade. O arquivista pode evidentemente apreciar isto. Mas uma atitude de interrogatório por parte de um auditor pode muito bem silenciar o arquivista.

Há muito a dizer sobre ambos os lados da realidade. O arquivista pode ser validado pelo auditor, por receber com interesse e satisfação os seus dados, e invalidado, porque o auditor franziu o sobrolho ou encolheu os ombros. O preclaro, nas bandas intermédias, desconfia bastante comumente do seu arquivista, e auto-invalida-se bastante. Mas quando o preclaro descobre que o auditor está a aceitar estas respostas, o preclaro cessa esta prática.

Só como observação geral, no campo do funcionamento com o arquivista e o preclaro, um auditor pode apressar um caso que está nas bandas intermédias ou baixas da escala de tom, começando a auditá-lo com tal energia que o preclaro fica perturbado e às vezes baixa consideravelmente tom. Da mesma maneira, o arquivista e o preclaro ficam aborrecidos e inquietos na presença dum auditor apático ou desinteressado, um auditor que dormita quando uma longa cadeia de elos está ser sondada, ou um que só fará perguntas ao arquivista quando o próprio preclaro as exige. Então, um interesse muito impetuoso e um interesse muito pequeno afetam não só o arquivista, mas também o percurso geral do caso. O auditor tem que aprender adaptar-se e ao seu humor, não só ao tipo de incidente que o preclaro está a correr e sua personalidade, mas também à posição do preclaro na escala de tom. Quanto mais baixo o preclaro está na escala de tom, mais gentil, paciente e compreensivo deve ser o auditor. Mesmo em baixo na escala de tom, um preclaro pode ter um arquivista que ocasionalmente funcione, e esta eventualidade pode, por validação do arquivista, ser persuasiva de uma resposta uniforme. Mas se o auditor é menos gentil e eficiente do que deveria ser, então a funcionalidade ocasional do arquivista cessará.

Nada fecha o arquivista ou um preclaro mais rapidamente do que a inaptidão. Alguns erros podem ser tolerados, mas andar continuamente às apalpadelas e incerteza, podem fazer um arquivista desistir e produzir uma reação semelhante no preclaro.

É engraçado que na Fundação houve um período de divinização do arquivista e outras entidades descobertas na mente. O resultado global foi que os auditores começaram falar com estas entidades em lugar de falarem com o preclaro. Isto tendeu a invalidar o preclaro como indivíduo. O

preclaro tem direito às suas opiniões e é o centro das atenções. Supõe-se que o arquivista e outras entidades são simplesmente porções da função analítica da mente. A certa altura, a forma de abordagem do auditor tornou-se “Sr. Arquivista”, e o arquivista foi agraciado por cada resposta relâmpago.

Este tipo de cortesia não é evidentemente particularmente necessitado pelo arquivista, mas de vez em quando o auditor encontrar-se-á trabalhar com um mecanismo de resposta na mente, muito insistente em termos de cortesia e protocolo. O auditor não está nesta instância a trabalhar com o arquivista, uma vez que o arquivista é um mecanismo grosseiro que tem pouco a dizer, e uma maneira breve de o dizer. Mas isto não significa que não deva aceitar-se outra entidade.

De vez em quando o auditor ficará preocupado sobre se estará a falar com o arquivista ou com um circuito de demónio. O preclaro teria que estar bastante em baixo na escala de tom para possibilitar esta confusão. Os circuitos demónio responderão na verdade, mas eles não respondem com a rapidez e simplicidade do arquivista. De vez em quando encontramos um circuito demónio de áudio real a insultar o auditor, pois os circuitos demónio são estúpidos e sem maneiras. Assim que o auditor vir que está a abordar tal circuito, fará bem em não lhe prestar mais atenção e não aceitar nenhuma outra resposta dele, porque mais atenção a esta forma de enteta serve para a validar aos olhos do preclaro, se não fortalecer a sua própria forma. Embora estes que circuitos demónio sejam engraçados, o auditor deve limitar a sua atenção a eles, uma vez que qualquer atenção nesta direção é esforço perdido. O auditor deve meramente saber que essa coisa pode acontecer para não ficar surpreendido se, como raramente acontece, um circuito demónio aparecer no seu caminho.

A agudeza e precisão de um arquivista declinam à medida que o caso desce na escala de tom. Geralmente, quanto mais enteta há num caso, menos fiável é o arquivista. Isto não fica normalmente sério antes do caso estar abaixo de 2.0. Depois disso, a condição do arquivista não só fica precária, mas as suas manifestações à volta 1.1 e 0.5 são tais, que nenhum crédito lhe pode ser dado pelo auditor.

De vez em quando encontraremos um preclaro que dá respostas do “arquivista”, de acordo com o preclaro. O auditor deve já ter reconhecido o lugar onde o seu preclaro está na escala de tom antes de começar o processamento, mas mesmo assim o auditor pode de vez em quando ser surpreendido por um “arquivista” que dá respostas extraordinárias. “Arquivistas” há que foram reportados por preclaros dando as suas respostas “sim” e “não” como sinais de tráfego. Na resposta relâmpago, o braço do sinal subiria com um sim ou um não às vezes completado com luz vermelha ou verde. Ou um preclaro pode reportar um “arquivista” como um par de mãos que jogam cartas nas quais está escrito sim e não. Ou como no caso do “arquivista” poder ser um comboio de brinquedo que vem por aí a arfar, pára e volta para cima um vagão com sim ou não, pintado no fundo. Estes “arquivistas” não são nada arquivistas, mas mecanismos de circuitos habitualmente encontrados em casos fortemente carregados, que têm muitos circuitos de controlo.

Existe algo nestes circuitos de controlo que se transforma em víscio. Possivelmente é porque a imaginação funciona numa base de relativo auto-controlo, e porque um circuito de controlo pode ligar a imaginação. Seja como for, estes dispositivos mecânicos e outras manifestações quando o auditor quer uma resposta do verdadeiro arquivista, são sintoma de casos em baixo na escala de tom. Não deve confiar-se nas respostas destes mecanismos.

Há casos pesados de enteta cujo arquivista responde sempre “sim-não” ou “não-sim”. Aqui outra vez, muita carga inibe o auditor de usar o arquivista.

A menos que o auditor possa obter uma resposta clara e autêntica do arquivista ainda que ocasional, ele não deve tentar trabalhar com o arquivista. Aqui está a divisão mais certa e automática que o auditor pode ter dos tipos de processamento a usar: o preclaro tem um arquivista funcional? Se sim, então memória direta, sondar elos e secundários são normalmente exequíveis.

Se o arquivista não responde ou responde sem confiança ou com algum estranho mecanismo, o auditor deve limitar o processamento como regra geral a memória direta, muito leve sondagem de elos e possivelmente secundários de medo, mas evitar desgosto ou apatia.

Se a resposta do arquivista é forte e precisa, provavelmente podem ser corridos engramas no caso.

Estes comentários darão ao auditor um rápido e rudimentar diagnóstico, se por alguma razão desejar trabalhar pouco tempo com um caso, como demonstração ou assistência e ainda não tem um quadro à mão ou tempo para localizar o seu preclaro no quadro. O auditor deve sempre localizar o seu preclaro tão exatamente quanto possível no quadro, quando pega num caso para processamento mais do que para uma curta sessão.

CAPÍTULO DEZASSETE

COLUNA AM

Nível hipnótico

É pertinente à estimativa de caso se o preclaro é ou não altamente sugestionável ou pode ser hipnotizado.

O hipnotismo é uma abordagem à mente reativa. Ele reduz a autodeterminação interpondo comandos de outrem abaixo do nível analítico da mente de um indivíduo; ele perturba um caso notavelmente, e aberra materialmente os seres humanos fazendo a sintonia dos engramas que, caso contrário, estariam dormentes. É uma espécie de mecanismo de controlo onde um indivíduo, um culto ou uma ideologia autoritária, se deleitam. As pessoas que se metem em hipnotismo podem, apenas muito ocasionalmente, estar interessados em experiências com a mente humana a fim de aprender mais sobre ela. O hipnotismo experimental genuíno, estritamente no laboratório e nunca na sala de estar, é feito sabendo bem que estamos a reduzir a eficiência do ser humano que sofre essa experiência, podendo provocar-lhe dano permanente, e que o uso de hipnotismo por um cirurgião para uma operação, mas não em conjunto com qualquer outro anestético, deve pôr fim à expansão do hipnotismo na sociedade.

A submissão a ser hipnotizado é análoga à de ser violentado, exceto que o indivíduo pode geralmente recuperar do facto de ser violentado. Para qualquer humano de pensamento claro que acredita no valor das pessoas como seres humanos, há no hipnotismo algo horivelmente obsceno. A intervenção de controlos ocultos por baixo do nível de consciência, não pode beneficiar, mas apenas perverser a mente. Não importa se o hipnotizador diz ao sujeito que vai ficar melhor no trabalho ou que ficará mais saudável. Qualquer que seja o benefício aparentemente tentado, o indivíduo que permite ser hipnotizado é francamente um idiota.

O hipnotismo, no seu uso comum, é simplesmente uma dramatização de algum indivíduo que deseja exercer um controlo encoberto sobre os seres humanos seus semelhantes.

Foi demonstrado por investigação, que o hipnotismo e seu uso na sociedade está muito mais difundido do que jamais se suspeitou, pois antes do processamento de Dianética não havia nenhum método conhecido pelo qual as mazelas do hipnotismo pudessem ser desfeitas. Os hipnotizadores pensavam que a simples recordação dessas sugestões as aliviariam, e que o poder da sugestão desaparecia com o tempo. Acontece que estas duas ideias não são verdadeiras. A sugestão hipnótica tem que ser corrida como um depósito muito pesado de enteta, quase tão pesado como um engrama secundário, e é completamente permanente até ser aliviada pelo Processamento de Dianética, e está sujeita a restimulação tal e qual como qualquer engrama ou secundário.

Está claro que o cirurgião ou dentista que permite a existência de qualquer conversa desnecessária ou percéticos no ambiente do paciente anestesiado, está a praticar uma forma de hipnotismo muito mais séria, de mais longa duração e mais selvagem do que o hipnotismo vulgar, que não inclui dor física ou drogas hipnóticas. Numa demonstração do processamento de Dianética, os cirurgiões que *sabiam* que os seus pacientes estavam inconscientes e que nenhuma gravação estava a acontecer, ficaram espantados quando, em audição, estes mesmos pacientes reproduziram a conversa de que o cirurgião bem se lembrava, e descreveram com grande detalhe operações das quais, na falta de treino técnico, não poderiam ter tido conhecimento. O médico e o dentista esquecem-se que os anestésicos só entraram em uso geral no fim século XIX e são definitivamente novos no campo da medicina, e que não se sabe muito, ou sabia, sobre eles. A esta luz, deve ser menos surpreendente que eles não saibam o que acontece a um paciente sob anestesia, uma vez que tampouco o homem tem muitos dados sobre a própria anestesia.

O obstetra cujo paciente depois do parto sofre de psicose post- partum, encolhe-se quando descobre que foram as palavras dele, ditas com a mulher *obviamente inconsciente*, que colocaram na sua mente o comando que a faz detestar e tentar matar a criança dez dias depois do parto. É difícil conseguir que um ser humano aceite uma responsabilidade desta magnitude, uma vez que é tão aterrador o que pode ser feito na sala de operações. Piadas obscenas e observações pessoais grosseiras e depreciativas sobre o paciente, são conversa comum no teatro operatório da América de hoje. A cirurgia não deve ser censurada por isto, uma vez que o processamento de Dianética e o conhecimento das consequências dos ruídos e conversa e até música à volta do paciente anestesiado não foi divulgado antes de 1950. Cada vez mais hospitais nos Estados Unidos, agora cientes da possibilidade de lesões, estão a treinar os seus cirurgiões para que guardem silêncio à volta dos pacientes anestesiados, com penalidades severas para qualquer conversa na sala de operações. Logo, a medicina está pelo menos a tentar. Contudo, o indivíduo que sabe Dianética não deve ter desconfiar ou fugir da invalidação do médico, quando um amigo ou pessoa amada vai para numa mesa de operações. É que uma pessoa pode suportar alguns reveses, invalidações ou repreensões de algum médico desatualizado, se isso significar que o nosso amigo ou ser amado ficará bem muito mais rapidamente, e que não mostrará um nível de aberração grandemente aumentado ou uma descida na escala de tom, por causa da operação ou do dentista. Viveremos o suficiente para ver que, dentro de poucos anos, a pessoa que fala perto de uma pessoa inconsciente, será acusada criminalmente.

A ingestão regular de sedativos como o fenobarbital, provoca no indivíduo um leve transe hipnótico. A própria droga pode não ser muito prejudicial ao sistema nervoso, mas este leve transe possibilita a sintonia da pessoa com toda e qualquer coisa à sua volta, apesar do facto de, sob sedação, aparentemente não o notar. A sedação do neurótico ou psicótico é uma prática muito perigosa. Se algo tiver que ser feito a estas pessoas por meio de drogas, melhores efeitos podem ser alcançados, de acordo com observação médica, com a administração de estimulantes como a benzedrina. Por qualquer razão, provavelmente porque numa sociedade

baixa de tom os indivíduos sob completo controlo provoquem menos temor, a sedação é considerada menos prejudicial. O estimulante é de certo modo considerado demasiado energético, e os médicos parecem prescrever sedativos muito mais rapidamente do que estimulantes. Uma investigação da literatura e a consulta duma observação médica precisa demonstra que os indivíduos mostram menos aberração ativa sob estimulantes leves. Abaixo de um certo ponto na escala de tom, está claro que os sedativos são administrados na esperança que o paciente cause menos problemas ao médico, enfermeira ou outros à sua volta, e não na esperança ou convicção que de qualquer forma venham a ajudar o paciente. De facto, sondar elos durante algumas horas em qualquer caso, fará mais pelo seu “nervosismo” que um barril de fenobarbital.

Existe outra forma de hipnotismo que fica entre a operação cirúrgica e o hipnotismo direto sem dor física. Esta forma de hipnotismo foi cuidadosamente guardada em segredo por certas organizações militares e de inteligência. É uma arma de guerra maligna, e pode ser consideravelmente mais útil na conquista de uma sociedade do que a bomba atómica. Isto não é nenhum exagero. A extensão do uso desta forma de hipnotismo em trabalho de espionagem é hoje tão vasta, que há muito tempo que as pessoas deviam ter sido alertadas para isto. Para descobrir dor-droga-hipnose, foi preciso Processamento de Dianética. Caso contrário, dor-droga-hipnose ficava longe da vista, insuspeito e desconhecido.

A dor-droga-hipnose é uma extensão perversa da narcossíntese, a hipnose de droga usada na América apenas durante e desde a última guerra.

O hipnotismo tem a virtude, pelo menos no princípio, de requerer o consentimento do sujeito antes de ser efetuado. Além disso, o hipnotismo tem uma virtude adicional sobre a hipnose de droga e sobre a dor-droga-hipnose, em que um indivíduo num transe hipnótico raramente executará um ato imoral, embora comandado pelo hipnotizador, a menos que fosse normal esse indivíduo executar esses actos.

O hipnotismo de droga não tem que ser feito com o consentimento do indivíduo. Um indivíduo que está drogado pode receber e obedecer a comandos hipnóticos dados pelo médico ou cirurgião, e continuará a obedecer estes comandos depois de despertar do sono da droga. A hipnose de droga pode ser induzida pelo método de deitar um sedativo pesado como cloridrato na bebida dum indivíduo, amordaçando-o de repente por trás com um lenço de seda e injetando-lhe morfina no braço, ou descobrindo o indivíduo quando está embriagado, ou logo após ter sido operado, ou durante uma operação, ou durante a administração de choques elétricos ou sedação num manicómio. Depois disso, o operador funciona muito como no hipnotismo ordinário. A hipnose de droga pode ser administrada com palavras tais, que o paciente não só esquece o que lhe foi dito e ainda assim o executa, mas também esquecerá que alguma vez lhe foi dada hipnose de droga, se esse comando for incluído, e até lhe pode ser dada informação justificativa do tempo durante o qual esteve a receber a hipnose. O hipnotismo de droga pode então ser feito sem o consentimento do sujeito, e é assim que comumente é feito, até por médicos, no decurso normal da sua prática. Não há nada de novo ou

estrano sobre hipnose de droga. Ocasionalmente funciona como o operador quer, e normalmente não ataca o normal tom moral do indivíduo, salvo que, está claro, o baixa inevitavelmente na escala de tom e provoca por isso uma tendência para uma moralidade geralmente baixa. Mas dor-droga-hipnose, devido principalmente ao intento do operador, é um procedimento muito mais maligno.

Foi descoberto que um indivíduo drogado, quando agredido e lhe são dadas determinadas ordens, quase invariavelmente obedece a essas ordens, não importa a que ponto elas menosprezam o seu tom moral ou a sua posição ou os seus melhores interesses na vida.

Antes da Dianética, a difusão desta prática era insuspeitada, simplesmente porque não havia meios, nem sequer para detetar a existência de dor-droga-hipnose. Poderia ser dado a um indivíduo dor-droga-hipnose terça-feira à noite e despertar quarta-feira de manhã sem conhecimento do facto de ter sido surrado quando saiu do carro, de lhe ter sido dada uma injeção, de ter sido dolorosamente agredido, mas sem deixar qualquer marca, e posto calmamente na sua própria cama. Este indivíduo não sabe que lhe aconteceu qualquer coisa incomum nem o suspeitará, mesmo quando é confrontado com o facto de que a sua conduta está extremamente mudada em certos aspetos. Este indivíduo, se o operador criminoso o desejasse, obedeceria de facto aos comandos ao ponto de encetar uma amizade com alguma pessoa que o operador indicasse, e a partir daí administrasse o seu negócio conforme sugerido por este “amigo”.

A Fundação empreendeu alguns testes a respeito da efetividade da dor-droga-hipnose e encontrou-a tão terrivelmente destrutiva da personalidade e tão infalível na sua ação, exceto em casos de indivíduos com uma dotação de teta muito para além do homem normal, que foi empreendida uma investigação mais lata só para descobrir quantas pessoas se poderiam encontrar nas cercanias a quem tivesse sido dada dor-droga-hipnose. A dor-droga-hipnose é tão eficazmente destrutiva, que a Fundação parou com este tipo de experiências, tendo já aprendido bastante, e recusando arriscar a sanidade dos indivíduos. Os psicoterapeutas com quem a Fundação lidou ficaram ansiosos para implantar um engrama num paciente para a Fundação recuperar, a fim de ver quantos dos percéticos são recuperáveis. A Fundação não aceitará mais experiências destas, e informa os experimentadores que ao fazê-las correm sério risco. Pode fazer-se uma validação muito mais natural e válida de engramas sem o uso de drogas.

O conhecimento de engramas e o facto que as pessoas podem ser aberradas ao ponto de ficarem loucas ou criminosas com a existência de engramas, deve chegar para validar o facto de dor-droga-hipnose poder ser feito sem o conhecimento do indivíduo e o poder comandar para que faça coisas, não só contra a sua própria sobrevivência, mas também altamente imorais ou destrutivas.

O nível hipnótico destes indivíduos é diretamente proporcional ao enteta relativo no caso. O hipnotismo lida com enteta e não com a razão. A implantação é feita diretamente na mente reativa. Quanto mais enteta ou carga a mente reativa contém, mais facilmente as implantações podem funcionar e mais facilmente a pessoa pode ser hipnotizada.

Cada nova hipnose perturba a um grau ligeiramente maior, e apanha e encontra mais teta para enteta na mente do sujeito hipnotizado. O hipnotismo ininterrupto e repetido, continuando simplesmente a converter mais teta livre para enteta, faz o indivíduo descer na escala de tom. O efeito maníaco de um comando hipnótico maníaco tem uma duração limitada, mas a descida de tom que produz é permanente, na ausência de processamento de Dianética.

Além disso o hipnotismo age como sintonia de muitos engramas, e uma restimulação de elos e secundários, por isso aumenta a aberração do sujeito hipnotizado pela semelhança das palavras dos engramas e secundários, num momento de ausência ou diminuição da consciência analítica. O auditor deve então ter consciência do que hipnotismo faz a um caso (1) de forma a não usar hipnotismo e (2) de forma a retirar do caso todos os comandos hipnóticos, como uma das suas principais funções.

O palavreado do hipnotismo é um pouco como segue: “Tu estás relaxando. Tu estás a afundar, a afundar, a afundar, a afundar, (o que envia o sujeito para baixo na banda do tempo, embora o hipnotizador não saiba). Tu estás a ficar sonolento, cada vez mais sonolento. Tudo que tu podes ouvir agora é o som da minha voz a dizer-te para dormires (o que instala um circuito). Tu queres acreditar em tudo o que te digo (o que corta a capacidade do sujeito para avaliar dados). Tudo o que eu te digo deixa uma impressão profunda e duradoura em ti. Quando despertares descobrirás que te sentes muito leve e airoso. Tu desejarás ser amável para com as pessoas. No futuro, sempre que eu disser a palavra ‘Abracadabra’ tu entrarás em transe hipnótico, não importa onde estiveres ou o que estiveres a fazer. Tu queres fazer exatamente o que eu te digo. Eu sou teu amigo. Eu sou o melhor amigo que tu tens. Quando tu despertares, eu toco na minha gravata e tu tiras o sapato esquerdo. Quando eu meter as mãos nos bolsos, tu voltas a calçar o sapato esquerdo e explicas as tuas ações (o sujeito fá-lo-ia de qualquer maneira; trata-se de uma sugestão pós-hipnótica, e quando o sujeito acorda executará este ato ao sinal do operador). Agora esquecerás tudo o que eu disse durante esta sessão. Tu não queres recordar. Quanto mais tu tentas recordar mais esquecerás. À medida que conto de um a sete, a tua memória deste incidente será cada vez menor e finalmente desaparecerá. Um, estás a começar a esquecer. Dois, estás a esquecer um pouco mais. Três, estás a esquecer mais. Quatro, está mais de metade esquecido. Cinco, está a ficar sumido. Seis, é só um sonho sumido, sumido. Sete, agora sacode a cabeça e todos os factos se desvanecerão”.

Este é um palavreado bastante típico. Varia um pouco, e as frases são repetidas muitas vezes. O auditor que sabe que o palavreado hipnótico é mais ou menos assim pode, quando está a chegar perto dele, mandar o preclaro repetir essas frases ou frases semelhantes, ou obtém as frases do arquivista, que é a maneira fiável de o fazer, e assim, eliminando o mecanismo final de esquecimento ou eliminando uma declaração idiota como “sacode a cabeça e os factos se desvanecerão”, ele não só pode restabelecer no preclaro considerável memória do incidente, mas da sua vida em geral.*

* Nota Editorial: O auditor pode cometer o erro de pensar, porque o preclaro foi hipnotizado aos 11 anos pelo seu primo Alfredo e não por algum profissional de palco ou hipnotizador

Quando são adicionadas drogas ao hipnotismo, a quantidade de enteta é consideravelmente aumentada, mas o efeito da droga entrará no processamento na forma de letargia (o que é coberto em Enteta relativo no Caso).

Quando um auditor acha o seu preclaro invulgarmente sugestionável, deve ter muito cuidado com o que lhe diz. Ele pode notar que um preclaro, depois de fechar os olhos, as pálpebras começarão a tremer. Este é o sintoma do mais leve nível de transe hipnótico. O auditor não pode deixar de processar o caso, mas deve ter o cuidado de usar uma linguagem contrária a sugestões hipnóticas e certificar-se de sondar a audição, no fim da sessão de processamento.

O auditor pode fazer muito pouco além fio direto com um caso que entra em transe hipnótico, cada vez que lhe é dado o comando para fechar os olhos. Retornar na banda, aumenta ligeiramente a sugestionabilidade de qualquer pessoa. Não há nenhum mal nisto exceto durante as letargias. Durante uma letargia, podem ser esquecidas e perdidas observações feitas ao preclaro, tornando-se por isso sugestões hipnóticas. Assim, todas as sessões devem ser sondadas, com atenção particular a qualquer período em que o preclaro estava em letargia.

O auditor pode encontrar um preclaro que teima em ser drogado ou hipnotizado para ser auditado, como dramatização de algum comando passado. Se este preclaro teima em ser hipnotizado, o auditor pode estar certo de que existe hipnotismo neste caso, quer o preclaro tenha memória disso ou não. O hipnotismo é geral na nossa sociedade, e um pedido de hipnotismo é uma dramatização de hipnotismo. Além disso, a percentagem das pessoas que se lembram de ter sido hipnotizadas ou quantas vezes, é desprezível.

O hipnotismo foi um jogo de salão, o utensílio do pervertido, a afirmação de mando do autoritário, e é mais geral do que imediatamente se suspeitaria, como o auditor descobrirá depois de processar alguns casos. Ele não deve ficar surpreendido com o que encontrar num incidente hipnótico, uma vez que os factos podem diferir inteiramente do que o hipnotizador disse ao sujeito ter acontecido. Um lema que se poderia usar é “Nunca acredites num hipnotizador”.

Em Processamento de Dianética nós usávamos o que foi chamado de “cancelador”. No começo da sessão, era dito ao preclaro que qualquer coisa dita durante a sessão era cancelada quando a palavra “cancelado” fosse pronunciada no fim da dita sessão. Este cancelador já não é usado, não porque não fosse útil, mas porque a sondagem de elos fornece os meios para sondar toda a audição. Este é um mecanismo mais eficaz e positivo

“clínico”, que não se deve preocupar com a hipnose. A experiência demonstra, contudo, que os hipnotizadores assustados, amadores embaraçados, tendem a usar ainda mais mecanismos de esquecimento e de quebra de realidade do que o hipnotizador confiante ou criminoso, e pode esperar-se que estes incidentes sejam um atoleiro de “não consigo lembrar-me”, “esquece”, “nunca acredites que aconteceu”, “não podes contar isto a ninguém, não acreditariam em ti se o fizesses”, etc., etc., etc. Num caso já de si ocluso, este tipo de coisas pode quase por si só deixar em branco cinco ou dez anos da vida do preclaro. Memória direta e sondagem de elos nestes períodos terá o efeito de levar o preclaro ao contacto da hipnose, que o auditor poderá então correr.

do que o cancelador. Ao sondar audição antiga nos casos, o auditor verá ocasionalmente que o preclaro não pode recuperar o que o auditor disse. A razão disto é que o cancelador agiu como um mecanismo esquecedor e fechou o auditor. Usando meramente a técnica repetitiva, quer dizer, repetir algumas vezes as palavras padrão do cancelador, põe o preclaro em contacto com o primeiro cancelador no caso e os consequentes canceladores não terão então grande efeito aberrativo.

Sobre o hipnotismo deve notar-se que a sessão hipnótica mais antiga é a mais válida, mesmo que seja cancelada por uma sessão hipnótica mais recente. O mero comando numa hipnose mais recente do que a hipnose anterior não existe, não fará nada para tornar a hipnose anterior menos eficaz, mas só fará o sujeito esquecer-la mais completamente. E os comandos do incidente anterior serão aceites antes ainda dos do mais recente. Esta é a maneira como todos os engramas funcionam. Contudo, ao descarregar sessões hipnóticas de um caso, a pessoa tem às vezes que começar com a sessão mais recente e trabalhar para trás, por causa da quantidade de enteta apanhada nas últimas sessões, que, sendo as mais recentes de uma longa série, serão achadas muito aberrativas para o caso.

CAPÍTULO DEZOITO

COLUNA AN

Nível de Alerta Mental

Poderia ser postulado que realmente existem vários níveis de funções da mente. Para propósitos de analogia e de comunicação da tecnologia do processamento, nós usamos geralmente, apenas a mente reativa e a mente analítica. A mente analítica seria aquela parte do ser que apercebe quando o indivíduo está desperto ou num sono normal (pois o sono não é inconsciência, e qualquer coisa apercebida a dormir é registada nos bancos padrão de memória e é relativamente fácil para o auditor a recuperar). Os bancos padrão memória seriam então gravações de tudo o que é percebido pelo indivíduo ao longo da vida até ao tempo presente, exceto dor física que não é registada na mente analítica, mas na mente reativa. A mente analítica teria, além disso, as gravações das suas conclusões na ocasião em que apercebeu certas coisas no ambiente. Na mente analítica são tiradas conclusões da observação e experiência e educação ajustadas ao ambiente de tempo presente e ao futuro. As conclusões e percéticos são arquivados por tempo e tópico. O mecanismo computador da mente analítica funciona, evidentemente, na base de comparação de dados e avaliação em termos de diferenças. O brilho da mente analítica consiste, em primeiro lugar, da sua capacidade de registar percepções do ambiente; depois, da sua capacidade de as recordar, tanto para rever a memória como para ocasionar novas computações; terceiro, de comparar e avaliar dados para propósitos de sobrevivência ótima em qualquer ou todas as dinâmicas; quarto, da capacidade para rearquivar as conclusões assim alcançadas; quinto, da capacidade para juntar e comparar essas conclusões em computações posteriores, conforme necessário. A mente analítica também contém a imaginação que, tanto cria novas realidades completas, como as conserta juntando velhos pedaços e pedaços de experiência. A função da imaginação é postular metas, prever os obstáculos a elas e dar forma definida a ambientes presentes e futuros. A mente analítica também regista todas as imaginações juntamente com as conclusões, e compara e re-imagina estas conclusões como ajuda para uma sobrevivência ótima.

Não influenciada por dados arbitrários, a mente analítica é teoricamente capaz de computação perfeita a toda a hora. Os dados com que ela computa podem ser erróneos, mas o computador em si está *certo*.

Uma máquina de somar obtém respostas certas, a menos que haja algo errado com o operador ou com a própria máquina. Como a mente analítica é o seu próprio operador, ao procurar erros, a pessoa tem que examinar as fontes dos dados. Os bancos padrão de memória só contêm dados erróneos na base educacional. Considere uma máquina de somar que somasse um cinco a mais em todas as colunas, sem o conhecimento do operador. Cada vez que o operador somasse cinco mais cinco, ele obteria quinze. Quando ele somasse vinte mais dez, ele obteria trinta e cinco. No caso de uma máquina de multiplicar, se multiplicasse por mais cinco cada vez que um

produto fosse preciso, quando o operador multiplicasse dois por dez obteria cem, quando multiplicasse um por cinco obteria vinte e cinco. Em cada caso, o erro da máquina é a adição de um arbitrário oculto. Se estivéssemos a subtrair e a máquina subtraísse sempre mais cinco do que o operador pedisse, quando cinco fossem subtraídos de dez, o operador obteria zero. Quando dez fossem subtraídos de vinte, o operador obteria cinco. No caso da divisão, se uma máquina dividisse por mais um do que o operador desejava, quando o operador dividisse trinta por cinco, obteria o quociente cinco. Quando dividisse doze por três, obteria o quociente três. Aqui, os erros não vistos e escondidos, ficando abaixo do nível mecânico observável da máquina e fora do conhecimento do operador, injetando números escondidos em somas e multiplicações, subtrações e divisões, produzem respostas erradas.

Num indivíduo aberrado, a mente analítica está continuamente sujeita a estes dados arbitrários. O indivíduo não sabe da existência destes dados, uma vez que eles chegam à mente reativa numa altura em que a mente analítica está inconsciente. A mente analítica não percebeu ou registou o facto de que os dados entraram, e não fica consciente do facto de que os dados existem. Por isso, a mente analítica pode ser sujeita a arbitrários ocultos que a obcecaram ou compeliram ou inibiram de tirar conclusões corretas.

O propósito da mente analítica é estar *certa* e nunca estar errada. Uma pessoa que está geralmente mais certa do que errada, sobrevive. Uma pessoa que está mais errada do que certa, sucumbe. A direção de sucumbir não é tomada antes da mente analítica estar quase completamente fechada, como em 2.0 e daí para baixo, uma vez que a mente analítica não está presente com força suficiente para tomar o curso da sobrevivência, face aos dados arbitrários nela forçados pela mente reativa.

A mente reativa é o composto de enteta no caso. A mente analítica seria a soma de todo o teta racional. O conteúdo total da mente reativa consiste de elos, secundários e engramas. Estes contêm frases capazes de considerável desarranjo na computação e imaginação. Obrigado pela parte da dor física do engrama, estes dados arbitrários têm poder de comando sobre a mente analítica. A mente analítica, resistindo a este poder de comando, forçará a dor contra o corpo e produzirá somáticos crónicos comparados ao reumatismo, coração fraco, enxaqueca, mau funcionamento do sistema endócrino e outros somáticos crónicos de características indesejáveis.

Teoricamente a mente analítica, quando está a trabalhar livremente, tem como parte da sua capacidade comandar qualquer parte do organismo. Isto é pelo menos verdade quando a mente analítica funciona através da mente somática. A mente somática seria aquela mente que toma conta dos mecanismos automáticos do corpo, da regulação da minúcia que mantém o funcionamento do organismo. Trata-se de um vasto sistema de válvulas e medidores. Contudo, a mente reativa pode trabalhar contra as mentes analítica e somática, para obrigar e inibir todas estas funções reguladoras e as desajustar, produzindo várias condições físicas não ótimas.

Como foi dito, podem ser postulados outros níveis mentais. Poderiam considerar-se tantos como oito ou dez níveis mentais. O nível mental somático seria relativo às células do corpo. Estas parecem funcionar numa união de Theta-MEST que dá a cada célula uma vida própria. A ciência acreditou durante muitos anos que a vida de todo o organismo era só o composto vivo das células. Isto é extremamente impraticável, e a descoberta do campo de energia do corpo por cientistas recentes, deu o mais preciso tipo de prova da existência de uma vida orgânica global. Um corpo simplesmente composto de células, cada uma com uma vida própria, não tem um campo de energia. Contudo, o organismo global tem um campo de energia. De acordo com o trabalho de Dianética, existe aqui uma aura mensurável, evidentemente para além de e independente da vida celular do corpo. Por outras palavras, há evidentemente um corpo teta capaz da sua própria sobrevivência independente, sobreposto ao organismo. O abandono deste corpo teta marca o ponto de morte do organismo. Contudo, o organismo ainda contém vida. O organismo celular sobrevive, no que se refere a células menos independentes, de oito a dez minutos, ou como no caso de células altamente independentes, para cima de um ano. Por outras palavras, de acordo com estes postulados e observações, há uma separação do corpo orgânico e o do corpo teta, seguindo-se a morte da vida celular do corpo orgânico.

O nível somático pode então ser considerado uma forma inferior de mente, pois estas células têm certas ações de resposta e padrões de hábito próprios, e a sua organização global está abaixo do nível de pensamento racional. A seguir vem a mente reativa, aquele tipo de mente que predomina na maioria das mais baixas formas de vida. A mente reativa aprende através da dor física, pensa em identidades e reage através de comandos autoritários absolutos. Leva o organismo até 2.0 na escala de tom.

De 2.0 para baixo na escala de tom, quase todo o pensamento é estímulo-resposta, o tipo de pensamento que alguns autoritários gostariam que nós acreditássemos ser o único pensamento de que o homem é capaz.

A mente analítica entra cada vez mais no comando do organismo à medida que a escala de tom é subida. Está claro que existem em todos os seres humanos, mesmo abaixo de 2.0, alguns restos de atividade analítica. Mas de 2.0 para baixo, esta atividade analítica é normalmente usada para justificar as ações reativas do organismo. De 2.0 para cima, a mente analítica controla cada vez mais o seu próprio organismo, e computa cada vez mais em níveis ótimos de pensamento, isto é, fica cada vez mais racional. Quando 4.0 é alcançado, o teta livre de que a pessoa é dotada, pode circular livremente pela estrutura de pensamento da pessoa (e estrutura de pensamento não necessariamente quer dizer estrutura física).

Existem aparentemente muitos mais níveis mentais acima do nível analítico. Há, por exemplo, prova clara da existência de um nível mental estético, que provavelmente se encontra imediatamente acima do nível mental analítico. A mente estética seria aquela mente que, por meio de uma ação recíproca das dinâmicas, lida com o campo nebuloso da arte e da criação. É uma coisa estranha que o fecho da mente analítica e a aberraçao da mente reativa ainda possa deixar a mente estética em razoável estado

de funcionamento. A mente estética não é muito influenciada pela posição na escala de tom, mas como ela evidentemente tem que empregar as mentes analítica, reativa e somática na criação de arte e de tipos de arte, a quantidade de aberração do indivíduo inibe grandemente a capacidade de execução da mente estética. Uma pessoa com uma grande quantidade de teta como dotação inicial pode ser potencialmente um músico poderoso por causa da sua mente estética. A mente estética tenta evidentemente executar música através dos meios existente nas mentes analítica e reativa, tanto através do poder analítico do indivíduo como das suas aberrações. Quanto mais teta tem um indivíduo, quer em termos de teta livre quer de enteta, tanto mais forte será a sua demonstração de *todos* os fatores, analíticos e reativos. Porque os indivíduos muito dotados de teta procuram controlar quantidades enormes de MEST e outros organismos, são combatidos pelos organismos que exercem a sua própria autodeterminação. Por isso, uma pessoa com grande dotação de teta, apanha elos e secundários mais numerosos e pesados do que as pessoas com menor dotação. Isto não porque haja mais teta para perturbar, mas porque há mais ataques contra o indivíduo. A mente estética, de acordo com a teoria, tentando produzir formas de arte, usa todo o teta.

Dantes pensava-se que era absolutamente necessário um artista ser neurótico. Faltando a capacidade de fazer qualquer coisa sobre a neurose, como a raposa de Esopo que não tinha cauda e tentou persuadir as outras raposas a cortar a sua, eruditos frustrados glorificaram o que não puderam prevenir ou curar. Livrinhos idiotas sobre quão afortunada era a pessoa louca, eram oferecidos para justificar este derrotismo e impotência.

A estética e a mente estética são ambas altamente nebulosas até agora no que se refere à nossa compreensão atual das mesmas. Mas é sabido que qualquer artista criativo, à medida que desce na escala de tom, fica cada vez menos capaz de executar impulsos criativos, ficando por fim incapaz de contactar os seus impulsos criativos. Através do processamento de Dianética, pegamos num artista atualmente com êxito, mas fortemente aberrado, e trazemo-lo para cima na escala de tom. Podemos então observar que a sua capacidade para executar o que concebe, e a clareza com que ele o concebe, ambas aumentam muito marcadamente. As suas ideias estéticas não se ficam conservadoras ou monótonas, mas frequentemente mais amplas e mais complexas. Ele fica mais ele próprio, e mais capaz de fazer o que pode fazer no campo da estética. A única modificação a isto é que, à medida que sobe na escala de tom, ele adota uma maior esfera de ação e robustez no seu trabalho. O tipo de arte em que ele está a trabalhar e seus métodos de manejo, poderiam ter demonstrado considerável aberração aos olhos do observador casual. As suas pinturas podem ter sido estranhas e arrepiantes, ou a sua música obsessivamente mórbida. O seu tipo de arte, à medida que sobe na escala de tom, altera evidentemente pouco exceto para aumentar em força de execução e destreza de comunicação. A morbidez da sua música, se não dependesse da sua tristeza pessoal com a vida, não desapareceria. Mas à medida que sobe na escala de tom, ele já não está fixo numa posição onde *tem que* pintar coisas estranhas e arrepiantes, ou escrever música mórbida. A sua versatilidade aumenta. O autor que só pode escrever um livro de um tipo num tom, não tem francamente muito de autor.

O artista ri-se à boca pequena das hesitações e resmungos dos muitos campos antagónicos da terapia mental, quando eles confrontam a estética. Alguns deles até assumiram que podiam julgar o estado mental de um autor revendo os seus escritos. Isto é um pouco como um caracol que dá a sua opinião sobre o Partenão, rastejando pelos seus relevos. Como ilustração, qualquer compositor ou autor capaz pode escrever em formas muito estéticas, e pode aproximar o seu trabalho de qualquer nível da escala de tom. Nenhum artista que tenta interpretar a vida é merecedor de ser chamou um artista, a menos que possa ver quase de um golpe de vista, apatia e alegria. Um bom poeta pode escrever alegremente um poema horrível bastante para fazer homens fortes encolher-se, ou pode escrever versos felizes bastante para fazer rir o choroso. Qualquer compositor capaz pode escrever música encoberta bastante para fazer o sádico cambalear de delícia, ou aberta bastante para regozijar as maiores almas. O artista trabalha com a vida e com universos. Ele pode lidar com qualquer nível de comunicação. Ele pode criar qualquer realidade. Ele pode aumentar ou inibir qualquer afinidade. A estética tem muito a ver com a escala de tom e com a interação das várias dinâmicas, impulsionando estas dinâmicas para padrões harmoniosos bastante ao acaso, bastante engenhosos, para realizar o que o artista pretende realizar. O artista tem um papel enorme no aumento da realidade de hoje e criação da realidade de amanhã. Ele opera em antecipação à ciência no que respeita às necessidades e exigências do homem. A elevação de uma cultura pode ser diretamente medida pelo número de pessoas que trabalham no campo da estética. Uma sociedade que de qualquer forma inibe, suprime ou arregimenta os seus artistas, não só é uma sociedade baixa na escala de tom, mas certamente condenada. Um estado totalitário, seguindo as linhas habituais de perversão da verdade, fala sem parar e estridentemente sobre os seus subsídios aos artistas. Mas só subsidia os artistas que estão dispostos trabalhar para o estado, exatamente conforme os ditames estatais. Arregimentam o artista e prescrevem o que ele fará e o que escreverá e o que pensará. Isto está em oposição direta à função do artista numa sociedade. Porque o artista lida com realidades futuras, procurando sempre melhorias ou mudanças na realidade existente. Isto torna o artista, inevitável e invariavelmente, um rebelde contra o “status quo”. O artista, postulando dia a dia as novas realidades do futuro, realiza a revolução pacífica.

Acontece contudo, que as democracias e outras formas de governo são propensas a negligenciar o papel do artista na sociedade. Nos Estados Unidos, por exemplo, o artista pode escrever um grande livro ou fazer um grande filme ou compor uma grande sinfonia, e pode num só momento conseguir ganhar a vida dele. A sua dedicação total desde a infância, pode ter sido para a criação deste grande trabalho, e ainda assim a democracia taxa avidamente os seus indivíduos poderosamente criativos e, levando-os à improdução, arrebata ao artista qualquer desses frutos de vitória, impondo uma penalidade enorme pela criação de qualquer obra de arte. Um das maiores e simples mudanças que poderiam ser feitas para avançar e vitalizar uma cultura como a Americana, seria libertar completamente o artista de todos os impostos e opressões semelhantes, e assim atrair para as artes os mais ambiciosos e capazes, convidando-os a prosseguir sem obstáculos a criação de toda a beleza e glória de que depende qualquer

cultura, se é que esta tem riqueza material. O artista injeta teta na cultura, e sem aquele teta a cultura torna-se reativa.

Esta dissertação sobre a função do artista é dada neste lugar, em parte porque tem que ser dito, e em parte porque o auditor deve compreender que o impulso para criar e construir, transcende os campos meramente racionais e reativos da razão. Além disso, o auditor pode ocasionalmente ter que defender a Dianética contra a estranha e neurótica convicção de que, quando o artista fica menos neurótico, fica menos capaz. Alguns artistas foram lamentavelmente educados nesta convicção e assim, por causa dessa mesma educação, procuram agir nas suas vidas privadas e públicas duma forma intensamente aberrada, para provar que são artistas. A educação para este efeito é tal, que o auditor pode descobrir alguma jovem no campo das artes a viver como uma prostituta para se convencer e aos seus amigos que é verdadeiramente artística.

Nos primórdios de Roma, a arte era bastante boa. Os cristãos revoltaram-se contra o desprezo romano pela vida humana. Quando os cristãos se revoltaram, fizeram a computação reativa de que se estavam a revoltar contra os romanos. Eles condenaram tudo o que era romano, e durante mil e quinhentos anos era mau tomar um banho, porque os romanos tomavam banho. Infelizmente, embora a Igreja Católica cedo recuperasse e começasse a apreciar os artistas, não foi assim para com algumas das primeiras religiões que vieram para a América. Estas ainda estavam completamente revoltadas contra qualquer coisa que fosse romano. Revoltaram-se contra o prazer, contra a beleza, contra a limpeza e contra muitas outras coisas desejáveis que são em si mesmo a glória do homem. Os artistas revoltaram-se então contra esta declarada irracionalidade, e foram por um caminho tão completamente reativo como tinha sido o do Puritanismo e do Calvinismo. Ser artístico era comumente identificado com imoral, perverso, ocioso e bêbado, e o artista, para ser reconhecido, tentava fazer este papel. Este sentimento persiste até hoje, e as pessoas baixas de tom abraçam frequentemente a artes somente como desculpa para serem promíscuas, não convencionais e imorais.

Encontramos à volta do cavalete do pintor mulheres que são “artísticas” mas que, segundo a sua verdadeira conduta, procuram não criar nada, mas escapar do nome que é justamente o seu. Encontramos algum pobre rapaz educado em “A Grande-arte-só-pode-ser-executada-pela-escola-da-moral-leprosa”, que poderia ter sido um ótimo arquiteto. Estas observações são trazidas à atenção do auditor por uma só razão: os indivíduos de maior valor potencial que ele processará serão provavelmente os artistas. Ele fará bem em abordar completamente toda a “educação” e “ambiente artístico” dos artistas, e os que pretendem ser artistas, quer sejam escritores, compositores, poetas ou pintores, porque aqui ele encontrará a banda cheia de enteta.

Se o auditor desejar reabilitar uma mente estética, ele tem que abordar todo o enteta acumulado à volta do assunto da estética. Não existe campo mais autoritário, uma vez que nenhum dos princípios da estética foi formulado com precisão, e é um axioma de Dianética que, quanto menos um campo das ciências humanas for exatamente conhecido, mais autoritário será esse campo. Qualquer campo com críticos em abundância,

no qual podem existir mil escolas diferentes de opinião divergente, e onde a opinião é ouvida de boca aberta em vez de ser ouvida com a razão pela qual qualquer homem pode chegar a uma conclusão, é um campo autoritário. Infelizmente a estética está cheia destes críticos e opiniões.

Todo o campo das artes está por isso perturbado, e a arte da cultura é por isso grandemente reduzida. A reabilitação da capacidade artística de uma cultura é uma empresa tremendamente válida, e recompensará mil vezes qualquer esforço nessa direção. Uma cultura é apenas tão grande quanto os seus sonhos, e os seus sonhos são sonhados pelos artistas. Quando o nível de existência do artista se torna impuro, também a própria arte fica impura, para uma deterioração da sociedade.

É de facto numa sociedade agonizante que o totalitarismo pode penetrar. O grupo da mente estética dessa sociedade deve estar quase completamente incapaz de operar. Nenhuma sociedade em que a arte foi elevada e apoiada, em que o escritor, o músico, o poeta ou o arquitecto tiveram alguma estabilidade ou posição, toleraria a teoria do trabalho de escravo como o mais alto destino do homem. É que se a indústria e comércio e projetos materiais de uma nação são carregados por alguns homens capazes e desesperados, então a honra e glória dessa sociedade é carregada e engrandecida pelos artistas.

Pode haver muitos níveis da mente acima da mente estética. Seria presunçoso classificá-las sem as compreender, tendo apenas observado a possibilidade da sua existência. A classificação ou atribuição de nomes a coisas que a compreensão não abarca, é um procedimento autoritário e só leva a confusão. Uma doença mental, por exemplo, deveria ser classificada com uma designação que conduzisse ao seu alívio. Classificá-la simplesmente, introduz complexidade sem promover a compreensão. Em campos autoritários, é bastante comum adiantar um grande número de nomes descritivos para coisas baseadas em observações parciais ou obscuras de observadores ignorantes e ineptos. Isto provoca uma vasta quantidade de “tecnologia” e dá uma certa “dignidade” (pomposidade) a uma “autoridade” num campo autoritário. Não iríamos em nenhum sentido considerar um professor de literatura inglesa como um criador de literatura, simplesmente porque sabe os nomes dos escritores e todos os seus trabalhos e a multiplicidade de opiniões críticas sobre eles. Esta catalogação pode muito facilmente passar por “apreciação”. Numa sociedade baixa de tom que admite autoritarismo sem muita censura, e se submeta aos manifestos estrondosos e estúpidos de algum crítico ou praticante que não sabe mais do assunto do que um vocabulário enormemente complexo, pode esperar-se que a definição de uma “pessoa culta” seja aquela pessoa que pode recitar e dar a opinião padrão sobre numerosos trabalhos artísticos e “ologias” humanitárias. Isto simplifica muito a ação de obter “cultura”. Ele só tem que memorizar, sem pensar nos nomes das grandes óperas, dos grandes livros, das grandes pinturas e dos projetos filantrópicos do passado. Numa sociedade baixa de tom, as universidades executam esta função habilmente, ainda que roucamente. Numa sociedade baixa de tom, instituições de “aprendizagem” são comumente abandonadas depois de um ano ou dois pela maioria das pessoas que, através da razão, desejam ter valia para os seus semelhantes.

Por outras palavras, numa sociedade baixa de tom, a educação é negada, porque é uma educação por classificação, para a maioria dos indivíduos que de facto ajudariam essa sociedade.

Por isso, não será feita qualquer tentativa para classificar qualquer nível de alerta mental acima da mente estética, além de expressar que estes níveis mentais parecem cada vez mais aproximar-se de um estado omnisciente. Algures, possivelmente no quinto nível, fica a mente funcional do homem espiritual ou religioso, que ignorou a fronteira de uma consideração de MEST ou de organismos, e está voltado para uma compreensão e cooperação com o universo teta e o Ser Supremo.

Que fronteiras são abertas pelas provas científicas que continuam a acumular-se em Dianética, o que essas fronteiras e o conhecimento que envolvem farão alterar ou aumentar a cultura do homem, não pode neste momento ser estimado. Por exemplo, pode provar-se agora mesmo em Dianética, conforme exigência de prova científica em termos de sentir, medir e experimentar, a imortalidade ou quase imortalidade do indivíduo. Por estranho que pareça ou talvez não tão estranho, quase não é necessário qualquer reinterpretação das escrituras, a menos que o arrojo e âmbito das considerações passadas sobre a alma humana, Deus e o Diabo, Céu e Inferno, sejam estabilizados e tornados contactáveis. A importância e valor da morte do organismo é enormemente reduzida, se as investigações e conclusões da Dianética continuarem a ser corolário para, ou concordantes com, as grandes religiões do homem. As religiões que lutam contra as opressões de ideologias ateias, podem ganhar nova força e significado. O nível de comportamento do indivíduo, quer seja bom ou mau, pareceria ter um novo significado. Pois para essas pessoas que superam os supressores com a sua bondade, ética e honra, um impulso ascendente para a imortalidade espiritual parece ser o indicado. Aqueles que sucumbem às Forças do Mal e são incapazes de viver mais do que vidas malévolas e destrutivas, pareceriam, tendo estas conclusões nascido de uma maior investigação de natureza científica, não só ter entrado numa espiral descendente numa geração, mas num declínio para um termo final de dor ou não-sobrevivência como entidades pessoais. Algumas destas possibilidades (ou probabilidades) parcialmente observadas e exploradas, pareceriam dar novo significado aos ciclos das sociedades e grupos, e sua sobrevivência ou morte.

À medida que examinamos estes níveis superiores da mente, quando examinamos a prova do corpo teta e quando nós próprios a experimentamos em processamento, a prova da sua própria continuação para ontem e uma garantia evidente do seu amanhã depois da sua morte na geração atual, a nossa orientação a respeito de metas e propósitos pode sofrer considerável alteração. O biólogo, revoltando-se contra igrejas que podem ou não ter consideravelmente suprimido a pesquisa científica no passado, procurou sonhar para o homem uma origem no barro e em mares de amónia e numa fonte independente de Deus, mas brotando apenas de coisas materiais. Este exagero reativo não nos deu nenhum método de aliviar a infelicidade do homem, mesmo nos campos restritos dos somáticos crónicos e aberrações mentais, e deu-nos, em vez disso, armas

tremendas de destruição sem também nos dotar de alguma sanidade com que as usar.

Sob a direção dos antolhos materiais dos cientistas, cuja meta máxima era o ajuste do homem animal de trabalho a um ambiente físico cujo fim para o indivíduo era seis palmos de terra e um caixão às vezes à prova de vermes, e cuja meta para o grupo era uma sociedade de formigas em que a mais pequena unidade de vida digna de nota eram dez mil indivíduos, fomos conduzidos à escuridão e a caminhos secretos malévolos de destruição, não só dos sonhos, esperanças e ética humana, mas também do planeta MEST. A ciência materialista, operando na premissa de que o homem só veio do barro, que a mente é um mecanismo erróneo esquisito de estímulo-resposta, que a alma humana é uma ilusão, que Deus era um mito de alguns aberrados Mesopotâmicos, presenteou-nos por fim com a ameaça imediata e real da extinção do homem como espécie. Devido ao facto desta ciência materialista só ir na direção de morte, até o irrefletido deve ver o facto de que algo deve estar desesperadamente errado com os ensinamentos de Lysenkos, de Darwins e dos meus instruídos condiscípulos, os cientistas atómicos que deram por fim ao homem uma pá de coveiro, a bomba atómica.

Contudo, era natural para homem como organismo fortemente perturbado com MEST, levar à perfeição algo como a compreensão das leis de MEST, antes de olhar em volta para ver se qualquer outra coisa poderia existir. O cientista materialista avançou enormemente com o controlo do homem sobre o MEST, mesmo que com as suas doutrinas tenha consideravelmente inibido a compreensão do homem do que em Dianética nós chamamos teta. Francis Bacon, Newton e outros, desenvolveram maneiras de pensar sobre o pensamento e de raciocinar sobre o raciocínio, que foram de considerável valor para a Dianética e sem o que de facto a Dianética não poderia ter sido formulada. Mas Bacon e Newton não aderiram à causa materialista. Os seus discípulos é que desenvolveram a doutrina segundo a qual o homem veio do barro, e o destino desse homem é o barro.

Se é que a Dianética não chega tarde demais à cena, a investigação de níveis mentais mais altos, mesmo neste ponto baixo e pouco desenvolvido, pode ajudar a um ressurgimento no homem de algum do seu credo num Ser Divino, e nele próprio como entidade parcialmente divina. Os princípios básicos da Dianética exigem que um facto seja provado, sentido, medido ou experimentado. Quando a ciência introduziu isto no campo do pensamento, a vontade do homem para aceitar um facto meramente por fé, foi em si mesmo reduzida. Apanhadas desprevenidas antes desta nova doutrina sem a qual, como os seus aderentes reclamam, nada poderia ser válido, as religiões ainda tentaram manter num alto valor o que de facto era uma parte vital necessária à existência social do homem. Mas, geração após geração, os jovens saíram das linhas de montagem designadas como “cursos educacionais”, repletos da doutrina de que só têm que acreditar no que podem experimentar, e muito bem polidos nas mós do materialismo. De facto estas gerações, apesar da sua capacidade para citar Hamlet ou ouvir Bach no piano, para usar microscópios, para servir como executivos em gabinetes de navios, para mudar e comandar e geralmente alterar

MEST, foram contudo gerações socialmente perdidas que não tinham qualquer conceito do seu próprio valor como indivíduos, que não tinham qualquer ordem social digna de menção, se é que o valor de uma ordem social é medido em termos de felicidade. Estas gerações foram destroçadas por divórcios, inibições, falta de propósitos, sofisticação, insegurança e desespero geral. Os representantes do seu sentimento no campo da humanidade, são as escolas de pensamento que os ensinaram que a meta mais alta dum homem é “ajustar-se ao seu ambiente” sem sequer reparar que o único avanço homem depende da sua capacidade para *ajustar o ambiente a ele próprio como espécie*; que os ensinaram que a hereditariedade genética é a única responsável pela neurose e insanidade, e que só esse lixo cobrira todo o problema da mente humana de alto a baixo. Isto é triste e lamentável. Nenhum império estudado até à data se tornou tão depravado e ateu na sua senilidade, como a média global das sociedades do homem do mundo hoje. Não admira que uma ideologia que defende que o homem, geração após geração, pode ser moldado em desalmadas peças de máquina, que não há destino para o indivíduo além do seu lugar como rígida engrenagem desalmada dum desesperado e estúpido remoer social, comande os seus subordinados na destruição e erradicação de qualquer sociedade produtiva, do indivíduo, do pensador ou de qualquer homem nobre.

O progresso para sobrevivência em mais altos níveis é também um progresso para Deus. O auditor notará isto caso após caso. Ele vai provavelmente ser tocado pelo facto de que esses ateus que ele processa, deixam logo de ser ateus nas suas inclinações e chegarão pelo menos a uma tolerância à ideia de que a religião pode existir, e ter uma função válido numa ordem social. Sondando simplesmente alguma da educação do indivíduo como um passo para converter enteta numa linha prometedora, o auditor pode notar que o preclaro começa a especular na possibilidade de uma existência espiritual. Embora possa não abraçar nenhuma doutrina, o preclaro, quando está bem em cima a escala de tom, está aparentemente consciente, por instinto, de algum nível mais alto de existência. Ele abandona regularmente a sua posição materialista à medida que sobe na escala de tom, uma vez que esta posição acontece ser compatível com indivíduos de 2.0 para baixo.

Poderia postular-se que de 2.0 para baixo há num indivíduo mais MEST do que teta, pois nestes níveis, os indivíduos preferem usar a força MEST, quilogramas de energia, para realizar os seus desejos, em lugar da razão. Neste nível, normalmente os indivíduos não melhoram o MEST, mas transformarão estruturas em enMEST. Quando os indivíduos são perturbados abaixo do nível de 2.0, regra geral tendem a considerar toda a vida, todos os organismos, como MEST, e no manejo da vida e organismos, reduzem-nos a MEST. Por estranho que pareça, acontece que isto se compara às ideias passadas sobre as missões dos acólitos do Diabo. As forças do Mal reduzem a vida ao materialismo e à morte.

Acima de 2.0, a tendência do indivíduo é para enaltecer a existência da vida e dos organismos e ajudá-los a um harmonioso controlo sobre MEST. Isto é estranhamente semelhante ao que no passado foi considerado como ações boas e religiosas.

Não deve ser considerado estranho que o organismo, tanto possa ir acima de 2.0, como abaixo de 2.0. De acordo com observações por tentativas, 4.0 está evidentemente tão longe da altitude alcançável seja por que meios forem, que não podemos senão sentir que o homem, na evolução da sua existência até agora, se distingue apenas ligeiramente dos seus primos animais em comparação com a distância que ainda tem que percorrer para atingir algo como a meta final. Observar que toda uma ordem social como a América pode flutuar à volta de 2.5, e que o indivíduo normal provavelmente cai abaixo de 3.0, é comparar o estado atual do homem com o do patinho feio, que crescerá para vir a ser um cisne. Mas a comparação não é completa. Há algo como um inevitabilidade num patinho feio que está a crescer. Ele tem que viver para se tornar um cisne. Confrontado com a insanidade do mundo hoje, as chances do homem alcançar Deus não são assim tão boas.

CAPÍTULO DEZANOVE

COLUNA AO

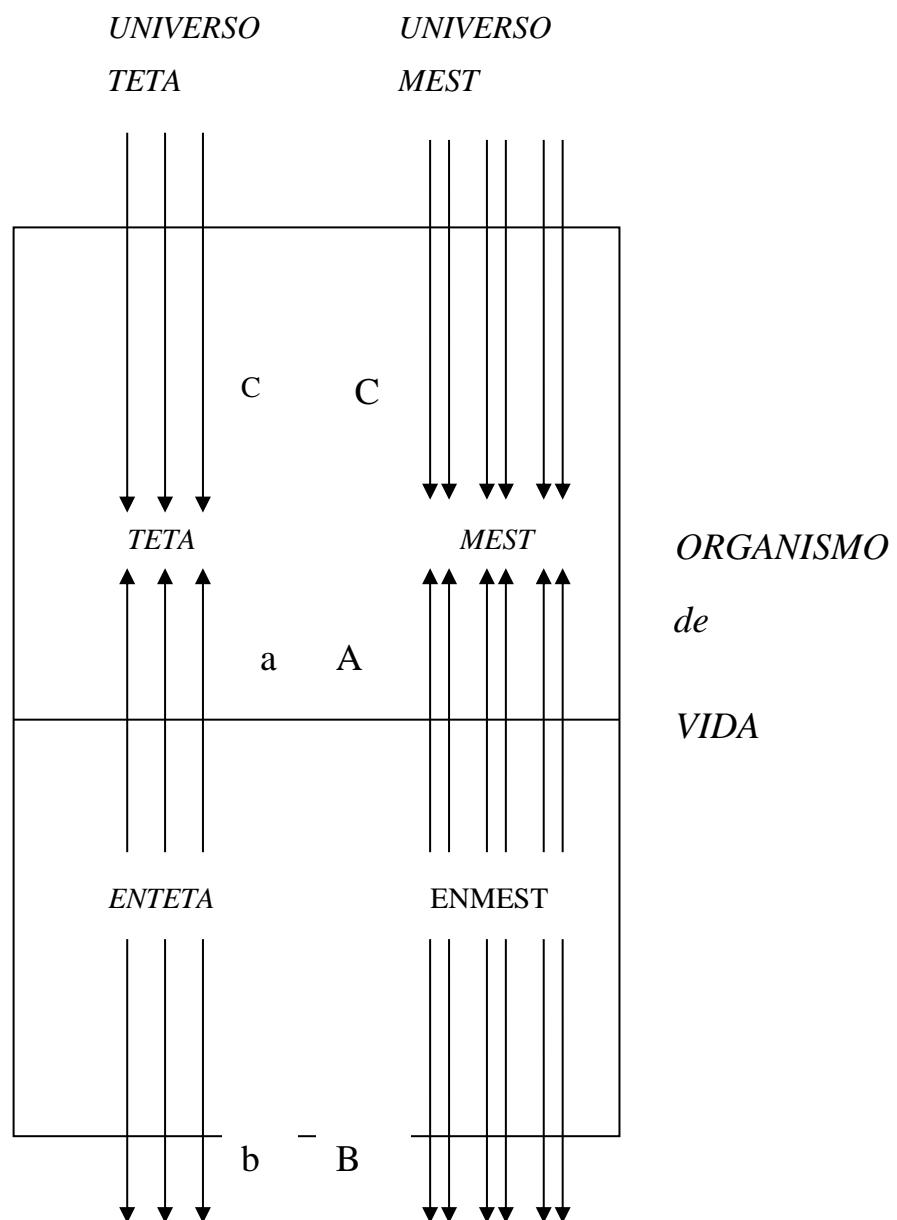
Enteta Relativo no Caso

Como anotado no gráfico junto, um organismo, através de postulado e observação da Dianética, é composto de teta e MEST, e da sua forma alterada, enteta e enMEST.

Por teta queremos dizer, é claro, energia de pensamento, existindo possivelmente como matéria de pensamento, no espaço do pensamento. Por MEST queremos dizer o universo físico de matéria, energia, espaço e tempo, como nós os conhecemos nas ciências físicas. É postulado que estas duas energias se combinem, e que, pelo controlo harmonioso de teta sobre MEST, seja formado um organismo de vida. Teta mais MEST poderia então dizer-se formar vida.

A formação de organismos e o seu desenvolvimento surgem evidentemente através de quatro bandas evolutivas. Primeiro há a evolução do corpo teta do qual pouco conhecemos, para além do facto de parecer existir, pelo menos em organismos humanos, e de que avança no tempo, desenvolvendo-se de geração para geração, independentemente da linha genética. A segunda evolução é aparentemente a evolução dos próprios organismos, prosseguindo na linha protoplasmática de geração para geração, cada geração alterando algo em função do ambiente, por uma seleção natural que elimina o que é menos ajustado ou menos adaptável, e pelo que parece ser uma construção planeada baseada numa computação para o futuro. A terceira evolução é a evolução no MEST. Isto pode não ser visto à primeira, mas MEST é mudado, ordenado, desordenado, tornado mais complexo pelas gerações avançadas de formas de vida: a intrincada complexidade de subprodutos bacterianos, e a formação ou destruição de montanhas ou máquinas, não são como evolução menores do que a evolução do organismo.

Há uma quarta evolução que foi apenas ligeiramente considerada. Trata-se da escala gradiente em tempo presente de formas de vida de complexidade crescente, na medida em que se apoiam, agora, no MEST. O básico desta escala de complexidade é, está claro, essa forma minúscula de vida que vive só da luz do sol e de substâncias químicas inorgânicas, e que converte pedra e areia em terra, ou que no mar fornece comida à forma vegetal acima. A terra apoia então uma forma de planta ligeiramente mais



Durante processamento enteta é convertido para teta, e enMEST é convertido para MEST. É postulado que isto acontece da maneira seguinte: enMEST torna-se MEST, parte do qual (A) é retido para ser usado pelo organismo, e parte do qual (B) abandona o organismo para ser substituído depois (C) por MEST novo. Enteta (a) torna-se teta. Também pode ser postulado que enteta deixa o organismo (b) e é substituído por teta novo (c).

alta. Isto, por sua vez, produz melhor ou mais terra, ou no mar, melhor ou mais alimento, e uma evolução de complexidade é então observada em níveis cada vez mais altos do reino vegetal, depois nas formas mais simples de animal e de peixe, e finalmente em formas tão complexas como o homem. Esta última evolução tem continuamente lugar em tempo presente. Aqui connosco, neste momento, as formas inferiores estão ativamente a converter luz solar e minerais para apoiar formas superiores. Quanto mais MEST exterior a si própria a forma manejar, mais complexas são as suas exigências em termos de MEST pré-processado. Então, este processamento de MEST para cada vez mais altas formas consumo, é necessário à vida. Poderia dizer-se que teta existe através da linha de desfile do MEST no tempo, como uma banda de “agora”, da mesma maneira que o universo MEST fica provavelmente no tempo presente contínuo do universo teta.

Parece ser uma regra de teta e MEST, que eles só formam união num momento de pesada colisão entre si. Embora teta tenha uma atração natural para MEST, e MEST uma atração natural para teta se é que MEST tem alguma intenção, não significa que a união seja a princípio harmoniosa. O primeiro momento de impacto é uma colisão na qual uma considerável porção de teta é emaranhada com MEST, deixando algum teta livre e algum MEST útil. O remanescente muda de comprimento de onda ou polaridade, e torna-se o que nós chamamos teta perturbado e MEST perturbado que em Dianética abreviamos para enteta e enMEST.

Embora alguma organização possa ser operada nesta primeira união, parece que enteta e enMEST têm que se separar para que teta retire dele o conhecimento das leis físicas de MEST. É então feita uma segunda colisão ocorrendo um maior avanço, uma vez que teta tem mais conhecimento de MEST e pode fazer uma conquista mais harmoniosa. As repetições contínuas destas colisões trazem cada vez mais informação a teta; e cada vez mais capacidade no manejo de MEST produz formas e organismos mais complexos. Isto é tão verdadeiro para o grupo como para o indivíduo, e todas as atividades do grupo que finalmente resultarão em aprendizagem, começam com considerável turbulência. Passada a turbulência, maiores avanços são então possibilitados por uma muito maior compreensão do universo físico alcançada por teta. Uma ilustração disto seria os avanços científicos obtidos nas guerras, que na paz servem os homens construtivamente. Há nisto, contudo um fator limitativo na medida em que nem todo o teta deve ficar perturbado, levando assim para baixo a evolução do organismo.

A morte é um nome atribuído ao que é aparentemente o mecanismo pelo qual teta se recupera e à maior parte do seu volume de MEST, para poder realizar mais uma conquista harmoniosa de MEST numa próxima geração. As espécies avançam na medida em que teta e MEST podem ainda separar-se deixando teta livre, mas por fim teta começa aparentemente a entrar na linha genética numa espiral descendente, a espécie decaí e desaparece.

A escala de tom não representa a ideia de que tudo acima de 2.0 é teta puro e tudo abaixo de 2.0 é enteta puro, nem de que tudo acima de 2.0 no organismo é MEST bem organizado por teta, e de que tudo abaixo de 2.0 é nitidamente enMEST ou matéria desorganizada. Em formas mais antigas

de pensamento que só permitia uma lógica de dois-valores, quer dizer, preto e branco ou certo e errado sem valores intermédios, a escala de tom e a sua utilidade teriam sido grandemente diminuídas. Em Dianética há uma maneira nova de pensar as coisas que fundamenta muita da sua tecnologia. Em vez da lógica de dois valores ou de três valores, nós termos a lógica de infinitos valores. Eis uma escala gradiente que não permite absolutos em ponto algum. Por outras palavras, não há o absolutamente certo nem o absolutamente errado, da mesma maneira que não há repouso absoluto nem movimento absoluto. Claro que um dos princípios da Dianética é que absolutos não são atingíveis, mas apenas aproximáveis. Por isso, temos escalas gradientes. A morte é aproximada por graus em termos de fracassos, de estar errado, de acumulação de doenças e acidentes. Uma ascendência da vida é uma acumulação de pequenos sucessos que conduzem a níveis cada vez mais altos de sobrevivência, sucessos no crescimento do organismo, e na perfeição e na educação e nas metas.

De facto, 2.0 na escala de tom é o lugar onde o ARC de teta e a ordem do organismo em termos de MEST misturados, ficou cada um suficientemente dissonante para provocar um leve desconforto. EnMEST não é muito enMEST, e enteta não é muito enteta, mas à medida que a escala é descida, esta dissonância fica mais forte e mais ampla, até que finalmente fica tão ampla que é quase uma nulidade, o que quer dizer que existe muito pouca interatividade entre enteta e enMEST, e os componentes de enMEST estão a ficar tão mal-organizados, que nem sequer há conflito entre eles, e o ARC de teta é quase inteiramente interrompido, disperso e dissonante. O ponto nulo completo para a vida do organismo é 0.0, onde teta e MEST, no que se refere ao organismo, têm tão pouco em comum entre si que se separam. Esta separação entre o corpo teta e o corpo MEST lança, de acordo com a presente teoria, o MEST do corpo anterior em novos organismos, e põe em liberdade o corpo teta para uma futura conquista de organismos.

Se o auditor acha isto sumamente técnico, deve pelo menos compreender que, a fim de trazer um organismo para cima na escala de tom, ele tem que separar as turbulências de teta e MEST, as quais existem como enteta e enMEST no organismo. Cada momento de dura colisão entre a porção de teta e a porção de MEST do corpo, ou entre o organismo e outros organismos ou MEST, formou um ponto de tal intensidade de enteta e enMEST, que este ponto irá depois perturbar o teta e o MEST com que entrar em contacto.

Isto é o engrama, um momento de dor física com a sua resultante inconsciência e os percéticos aí apanhados. Enteta e enMEST de 0.1 a 2.0, estão à procura de se separar, perturbando assim o teta e o MEST existentes. Qualquer momento ou área de dor física está então a tentar morrer para que o enteta e enMEST apanhados possam ficar livres.

Em Processamento de Dianética, algo de novo, na medida em que se pode realizar totalmente, foi introduzido na evolução dos organismos; os corpos teta e MEST. O processamento separa enteta e enMEST sem provocar a morte do organismo. Se estes pontos de contágio ficarem por processar, resultam finalmente na morte de organismo.

Tal como aparentemente o corpo MEST do organismo é preenchido com outro MEST, processa e liberta MEST, também possivelmente o corpo teta é preenchido, e evidentemente também liberta teta. Para além da existência e descrições básicas de teta que servem ao auditor, muito pouco se sabe neste momento sobre teta, embora o reconhecimento da sua provável existência tenha dilatado enormemente o âmbito do conhecimento no campo das ciências humanas, e a descoberta do corpo teta, em termos de poder ser sentido, medido e experimentado, de acordo com uma bom utilização científica, significa um avanço considerável, se continuar a confirmar-se por acumulação de provas.

Enteta, quer por algum atalho ou diretamente, converte-se para teta no organismo ou possibilita a atracão de mais teta ao organismo, dirigindo simplesmente, de acordo com a presente teoria, o próprio teta às imediações de enteta e enMEST. A mera aproximação de considerável quantidade de teta a uma área de enteta, provoca aparentemente no enteta uma mudança de comprimento de onda, taxa de vibração, ou polaridade e, ou se converte para teta, ou descarrega e deixa livre uma área na qual pode entrar teta novo. Assim com uma corrente bastante suave supera a turbulência de uma corrente conturbada, também teta, introduzido numa área de enteta, converte ou suaviza enteta. Acontece que o efeito de conversão de teta para enteta pode ocorrer, quando teta aplicado a enteta ou levado a apoiá-lo, existe outro organismo ou num grupo de organismos. Existe por todo o lado algo coexistente relacionado com teta, talvez com várias formas e tipos, contendo todos mais ou menos os mesmos componentes básicos, assim como grandes diferenças de qualidade entre as ideias, o que parece ser a matéria de teta.

De 2.0 para cima na escala de tom, teta é cada vez menos dissonante ou mais compatível nas suas três componentes de afinidade, realidade e comunicação, mas isto não significa que 4.0 seja a perfeição de teta. De um organismo para outro, o teta contido nesses organismos parece ter mais refinados pelo menos alguns dos seus fatores, e teta parece assumir outras qualidades acima de 4.0. Exatamente a que ponto estas qualidades vão, se a faixa de 2.0 a 4.0 é altamente personalizada ou não, onde a faixa do verdadeiro teta livre se encontra, se há um poder crescente acima destes níveis, são todas as perguntas neste momento sujeitas a considerável especulação. Só existem dados bastantes para ter alguma certeza de que, com a teoria teta, nós estamos a lidar com algo muito mais próximo da lei natural do que o homem amplamente aceitou antes nas suas tentativas para compreender a vida, o comportamento humano e as ciências humanas em geral. Por isso, pode ser que à medida que subimos na escala de tom, descubramos em teta progressivos avanços.

MEST é consideravelmente mais fácil de compreender, sendo uma velha ideia trabalhada durante, pelo menos, várias gerações de indivíduos dados ao universo físico. Houve aqui outra vez muito mais a aprender com a Dianética, particularmente sobre MEST como parte componente do organismo.

Por mais levianamente que o auditor queira estudar ou considerar os dados da teoria teta-MEST acima, os dados seguintes relativos a MEST e enMEST são vitais ao processando, e o auditor que não tem estes dados

não poderá alcançar muito bons resultados num caso. Muito destes dados são novos e não foram anteriormente divulgados, mas solucionaram, através da teoria e aplicação de técnicas, casos até aqui considerados extremamente difíceis, como o caso fortemente ocluso, que não só “não podia sair do tempo presente” mas também nem sequer parecia beneficiar grandemente com o processamento. Qualquer auditor que tem dificuldades com o seu preclaro, deveria reler esta secção.

Durante o processamento, pode ser observado que o indivíduo tem o que pode ser considerado um aumento teta, tão rapidamente quanto enteta é recuperado e convertido. Pode haver outras manifestações de libertação de enteta que ainda não foram observadas. Se existirem e forem observadas, a tecnologia do processamento pode possivelmente aumentar.

A parte de conversão de enMEST de esgotamento da carga num caso, é consideravelmente mais óbvia para o observador, possivelmente porque neste momento o nosso conhecimento do universo material é muito maior, e porque estamos treinados a observar o comportamento do organismo.

Os maiores depósitos de enteta e enMEST existem em secundários, não em engramas de dor física. Um engrama de dor física age como uma armadilha. É o perturbador básico. Pode, por contágio, conter várias mal-emoções em momentos de perda ou ameaça de perda. O secundário carrega primeiramente o engrama de dor física, ao ponto de poder afirmar fortemente o seu lado enteta contra os processos analíticos, ou o seu lado enMEST contra a parte física do organismo, criando somáticos crónicos aos quais a Dianética atribui as doenças psicossomáticas. As cadeias de elos contêm uma grande quantidade de enteta, mas não tanto quanto os secundários podem conter. Aqui, gradualmente, dia a dia, pouco a pouco, teta é apanhado e convertido para enteta, e o MEST neste nível da banda do tempo, é convertido para enMEST, em baixo grau. Não deve ser ignorado nenhum depósito de enteta e de enMEST. Toda a tarefa do processamento se confina a esta conversão.

O contacto com o tempo presente, se alguma parte desse tempo puder manifestamente estar presente para o preclaro, tem alguma tendência a de perturbar algum enteta. A memória direta produz algum teta, apontando o teta da mente analítica para o passado, particularmente para áreas oclusas, uma vez que todas essas oclusões são áreas de enteta. O percurso de um elo do princípio ao fim como se fosse um engrama, particularmente num caso baixo de tom, pode produzir mais teta. A sondagem de elos é uma técnica particularmente eficaz para converter enteta. Secundários repentinos e severos, podem carregar fortemente os engramas já restimulados, e são depósitos extensos e pesados. Os próprios engramas contêm o enteta e o enMEST básicos, e são capazes de perturbar e agarrar considerável quantidade de enteta, mas é interessante notar que o engrama poderia ser levado a um nível de conteúdo de enteta próximo do original, sem correr o engrama. Isto comprehende-se facilmente assim que corremos uma lesão próxima de tempo presente. Esta lesão próxima de tempo presente não foi carregada. O último momento de dor física e inconsciência num caso pode usualmente ser corrido. Depois de algum tempo, que pode estender-se a alguns dias e até anos, este engrama é restimulado, momento em que começa a ligar-se e a indexar-se à mente reativa numa relação

direta com a quantidade de restimulação que recebe, quer dizer, numa relação direta com o número de vezes que as palavras e outros percéticos contidos neste engrama são aproximados num ambiente perturbado.

A perícia e capacidade do auditor são então dirigidas a remover enteta convertendo-o, e qualquer coisa que faça isto é processamento válido.

Há certos componentes definidos de enMEST que se manifestam durante a sua libertação. Sempre que enteta é convertido para teta é sempre acompanhado de manifestações fisiológicas. É muito fácil para o auditor intentar e alcançar estas manifestações fisiológicas, pois enMEST tem certos componentes definidos.

Por outras palavras, quando enteta está a ser convertido para teta, o organismo manifesta certos sinais. Estes podem ser divididos nas quatro classificações gerais de: gases, líquidos, sólidos e energia física. É preciso compreender que a parte de carga do enMEST é o supressor físico da aberração e somáticos crónicos.

Uma das principais manifestações do organismo na libertação de enteta e sua conversão para teta como no percurso de elos, secundários ou engramas, ou ocasionalmente até durante fio direto, é gasosa. Existe algo sobre oxigenação ainda não compreendido, mas uma vez mais, se compreendido, poderá acelerar o processamento. Quando a pessoa apaga, por exemplo, um engrama, o apagamento é acompanhado de bocejos. Isto é uma manifestação de gás e de energia. Algo está a sair do caso. Ao correr elos, o preclaro boceja ocasionalmente. A flatulência também acompanha ocasionalmente a libertação de enteta.

Os líquidos são libertados pelo corpo em várias formas durante a libertação de enMEST. A forma mais óbvia é de lágrimas. Quando um engrama secundário é reduzido no nível de desgosto, é reduzido com lágrimas. Quando as lágrimas ocorrem, o secundário ou a frase deve ser corrido até completamente esgotado, se é tudo o que pode ser recuperado, e deve ser repetido pelo preclaro até já não provocar lágrimas, uma vez que as lágrimas parecem ser a manifestação primária do esgotamento dos secundários mais prejudiciais, os de desgosto. Mas as lágrimas não são a única manifestação. O medo parece libertar-se com acompanhamento de suor, às vezes com um odor peculiar. Há indivíduos que estão cronicamente em tal estado de medo, que cada percético de tempo presente se descarrega pelo suor. A apatia descarrega comumente a arfar ou a urinar, mas terá que se trabalhar mais para estabelecer a descarga de apatia em termos fisiológicos.

No nível de medo são descarregados sólidos como vômitos, e em níveis mais baixos, também como fezes.

Há uma manifestação peculiar em Dianética conhecida como letargia. A letargia assumiu proporções tremendamente importantes em processamento, uma vez que o caso que está muito cheio de enteta tem a sua carga presa por tais quantidades de anatem, que a indução de letargia parece ser a maneira mais eficaz de aliviar o caso. Numa letargia, um preclaro entrará numa sonolência aparente. Isto não é sonolência, por mais que possa parecer, mas é de facto uma libertação de inconsciência

extremamente concentrada e pesada. A libertação disto permite ao caso prosseguir muito mais rapidamente, porque por baixo ficarão quantidades de incidentes específicos que são mascarados por esta pesada camada. É possível um preclaro entrar em letargia de vinte e cinco a cinquenta horas, se estiver extremamente carregado com enteta. A letargia tem certas manifestações estranhas. O preclaro pode, quando corre um incidente, começar de repente a divagar e descarrilar, murmurando relatos de imagens estranhas e eventos sem nexo. Isto é um efeito de miragem através da letargia, e coisas peculiarmente desconexas estorvarão a sua atenção nesse momento, mas ele faz tudo isso numa condição muito sonolenta e ofuscada, e pode logo a seguir entrar numa letargia até mais profunda.

Nos primórdios da Dianética pensou-se que era necessário manter o preclaro mais ou menos alerta numa letargia. Foi um erro. O preclaro nunca deve ser perturbado numa letargia, mas ser-lhe permitido continuar neste estado até a letargia ser esgotada. Além disso pensava-se então que o preclaro podia ser trazido para tempo presente durante a letargia, e que a dita letargia continuaria automaticamente. Parece não ser o caso. Uma letargia deve continuar no ponto da banda onde começou.

Uma letargia pode ser enfadonha para o auditor, pois o preclaro fica num estado de ofuscação e pode ficar assim durante muitos minutos ou até uma ou duas horas. Mesmo assim, o auditor não deve interromper o preclaro. A eficácia da letargia é demonstrada pelo facto de que, quando acaba, o preclaro está alerta e pode correr outras formas de enteta, mas quando é interrompida o preclaro estará numa condição insatisfatória. Quando não é permitido induzir letargias o caso, não progride rapidamente, e num caso ocluso pode progredir com notável lentidão. Talvez a importância da letargia fosse minimizada no passado por falta de paciência do auditor para as observar até ao fim, que pode ser muito tempo.

Uma letargia pode ser induzida e reduzida, e re-induzida por uma única frase. O auditor deve depender do arquivista para obter a frase que induzirá uma letargia. Tem sido comentado que a letargia ocorre em frases de circuito, e que de facto se trata do esgotamento de enormes quantidades de anatem numa forma muito concentrada proveniente de áreas da mente reativa antes compartimentos de valência, ou da localização de circuitos demónio. Isto ainda não foi adequadamente observado para ser confirmado, pois a letargia foi assinalado em frases que não eram frases de circuito. O auditor pode perguntar ao arquivista do preclaro se pode ou não obter uma letargia agora, e então pedir-lhe a frase. O preclaro repete esta frase algumas vezes, e, de repente, entra em letargia. Ele pode emergir desta letargia muito em breve, momento em que auditor lhe pede para repetir a frase, regressando o preclaro à letargia. Cada vez que a letargia retrocede, esta frase é repetida pelo preclaro para si mesmo ou para o auditor, até já não haver qualquer letargia ao repetir a dita frase. Então o auditor pode obter do arquivista do preclaro outra frase com a qual possa ocorrer uma letargia, e assim por diante até uma quantidade considerável deste anatem aparentemente concentrado se ter esgotado. O caso mostrará uma melhoria muito marcada.

A dor física não deve ser negligenciada como um dos fatores que aprisionam enteta. Pode ocorrer que o auditor tenha um caso que não pode

correr engramas, mas que pode ocasionalmente obter dor física na repetição de uma única frase. Se o preclaro tem um somático novo não crónico, o auditor pode pedir-lhe a frase que reduzirá este somático, mas só depois de averiguar com o arquivista se o somático reduzirá ou não. Tais somáticos são normalmente melhor reduzidos sondando meramente incidentes de prazer, se eles incomodam o preclaro no início ou no fim da sessão.

Os percéticos são contactados quando se sondam elos no caso. Os próprios percéticos parecem ter um aprisionamento de enteta. Por isso, correndo todos os percéticos de um engrama, liberta considerável enteta.

Além disso, há os movimentos do corpo. O preclaro pode torcer-se e voltar-se enquanto corre medo, ou pode bater na cama com os punhos enquanto corre ira, mas em todo caso, ele vaza energia por meio de movimento físico. Isto é aparentemente benéfico, e as frases e as circunstâncias que fazem o preclaro fazer isto, devem ser repetidas. Contudo, o auditor não deve ser iludido por uma dramatização, e perder tempo. O preclaro deve estar em processamento e, vulgarmente, retornado a um incidente específico antes de qualquer movimento físico ser benéfico.

Há provavelmente numerosas outras manifestações de enteta e enMEST, e a observação futura deve ser dedicada à sua determinação e uso em processando.

É sabido que uma boa reação de proteínas e certas vitaminas ajudam ao esgotamento e conversão de enMEST, e que um tempo presente bastante estável incluindo um auditor com alto nível de teta, ajuda ao esgotamento e conversão de enteta, e é sabido que certas manifestações fisiológicas acompanham a conversão de enMEST; e possivelmente manifestações de teta acompanham a conversão de enteta, mas não foi determinado ou observado a que ponto elas ajudariam o processamento.

Num caso ocluso, um auditor pode facilmente encontrar-se nesta rotina, e deve saber isto muito bem. No início do caso, ele tenta um pouco de memória direta ou talvez alguma sondagem de elos. Ele pode descobrir que o preclaro é induzido a chorar numa certa frase, ou a ser assustado por uma certa frase. O auditor deve mandar repetir aquela frase e dar mais atenção ao incidente com que está conectada, tão cedo quanto possível. Quando isto ocorre, a conversão já começou. Depois, o auditor pode ver que o preclaro entra em letargia enquanto sonda elos, ou quando pedir uma frase específica que a induzirá. O auditor, à medida que a letargia retrocede, deve descobrir a frase que meteu o preclaro em letargia, para que a letargia possa ser continuada até ser esgotada. Quanto mais enteta foi convertido, mais incidentes ficaram disponíveis. Mais sondagem de elos pode então recuperar momentos de tensão física ou compulsão mental do tipo dos elos. Estes devem então ser sondados até completamente esgotados. Neste momento pode acontecer que apareça um engrama secundário completo, e quando este é corrido, o caso ressaltará notavelmente para cima na escala de tom. Mas dentro de um dia ou dois pode ser descoberto que outra letargia está pronta, ou que deve ser sondada outra série de elos que contêm coação. Por isso, da letargia, passando por sondar elos, ao percurso de secundários, com todos os percéticos

disponíveis, o auditor pode ver um caso a subir rapidamente na escala de tom.

Em qualquer dos casos, o auditor deve descobrir que isto está a acontecer, e se não está a acontecer, então o auditor está a fazer algo errado. Através de fio direto ele estabiliza o seu caso, e pode, através de fio direto, tirar o caso de algum incidente que não pode ser corrido. Aqui ele está converter enteta para teta. Mais teta está então disponível para atacar mais enteta, e assim ele pode sondar elos ou correr engramas secundários ou mesmo um engrama num caso de alto-nível, ou poderá obter uma letargia. Mas cada vez, o auditor deve alcançar algum resultado. E cada vez que ganha mais teta para o preclaro, deve reinvesti-la num ataque adicional talvez mais forte contra enteta e enMEST. Se fizer isto, o caso continuará a subir na escala de tom, não uma subida estável numa linha uniforme, mas num curso irregular em que os altos ficam sempre um pouco mais altos e os baixos não tão baixos. Correr engramas ou sovar o caso com força, pode simplesmente pegar no teta existente, colocá-lo na proximidade de uma grande quantidade de enteta e perturbar e apanhar mais, e assim baixar o preclaro na escala de tom em vez do elevar.

Com alguns preclaros, o auditor pode ser pouco diretivo, quer dizer, pode permitir ao preclaro correr frases e escolher o próximo tipo de enteta a ser atacado. Em todo caso o auditor deve, tanto quanto possível, consultar o arquivista.

O auditor não deve contudo permitir ao seu preclaro sondar cadeias de engramas ou andar a correr sozinho automaticamente várias frases, pois isto resulta na turbulência do teta existente. A única instância em que as cadeias de engramas podem ser sondadas, é quando o preclaro está cerca de 3.5, constantemente e inequivocamente, e tem tanto teta livre e tão pouco enteta, que o efeito de teta no enteta é dominante, mesmo ao ponto de eliminar a dor física.

O auditor pode até, se quiser, pôr o seu preclaro em roda livre com uma ração de *Guk** entre sessões. Ele verá que isto tem a eficácia ocasional de eliminar somáticos inteiros e tornar o trabalho futuro de processamento mais fácil. Em todo caso, o *Guk* parece melhorar o caso. Em roda livre, caso em que a banda somática e o arquivista são postos em uníssono no percurso de incidentes, mas o “eu” fica em tempo presente, o preclaro pode ficar preso num segurador ou bater num ressaltador, e a roda livre pode parar. Acontece, contudo, que, repetir a frase de ação durante a roda livre, não liberta o preclaro, mas atua como a técnica repetitiva, e leva o “Eu” para baixo no banco para se juntar à banda somática. Isto pode perturbar consideravelmente o caso. O auditor, quando o preclaro fica preso durante a roda livre, deve perguntar a frase ao arquivista, e então mandar o preclaro recordar por memória direta o momento em que ouviu pronunciar essa frase. Quando o preclaro recupera esse incidente, qualquer incidente que contenha essa frase, a roda livre parece então continuar. Aparentemente, o único perigo em roda livre é o uso da técnica repetitiva em relação a ela. Nunca devemos contudo, acreditar num “arquivista” quando o auditor pergunta, “tu és claro?” e o “arquivista” diz “Sim!” Por qualquer razão “os

* 100 mg de vitamina B1, 15 g de cálcio e 500 mg de vitamina C.

arquivistas” são otimistas demais neste assunto. O “arquivista-claro” e o uso da técnica repetitiva lançaram a roda livre em descrédito. Contudo, uma pessoa que esteve em roda livre, pode e deve sondá-la através da sondagem de elos, tal como sondaria qualquer sessão, e a roda livre parece ocasionalmente beneficiar um caso. Para pôr um preclaro em roda livre basta o auditor dizer-lhe para fechar os olhos e: “O arquivista fornecerá momentos de dor física ou desconforto e a banda somática corrê-los-á, e este processo continuará até que eu diga cancelado” ou “até eu dizer à banda somática para vir para o tempo presente”.

O auditor deve lembrar-se que a frase de circuito é recalcitrante e resistente à audição. Um das principais dificuldades com sondagem de cadeias, é que o indivíduo sonda cadeias de todo o tipo de frases, mas só põe em restimulação as frases de circuito. Por isso os circuitos parecem ser ativados, e nós obtemos uma condição na sondagem de cadeias em que o indivíduo não tem aparentemente mais nenhum engrama, e ainda assim podem ser descobertos no caso, através de processamento apertado, numerosas frases de circuito completas com somáticos e tudo. A sondagem de elos também tem esta dificuldade em baixo grau, mas isto pode ser remediado encontrando todos os tipos de frases de circuito por memória direta. As frases de circuito às vezes nem sequer lampejam, mesmo quando a frases de ação no caso têm um poder relativamente baixo, mas o auditor, conjecturando e falando com o preclaro, pode finalmente descobrir os tipos de frases de circuito que mais ou menos tirariam o controlo da audição ao auditor e ao “eu” do preclaro. A memória direta recupera um momento específico em que uma frase foi pronunciada, e o preclaro pode normalmente sondar todos os momentos semelhantes, tirando assim alguma carga do engrama básico que contém a frase de circuito, e enfraquecendo ou livrando-se do circuito demónio de controlo que pode ter dado ao auditor consideráveis dificuldades.

Há provavelmente inúmeras maneiras de converter enteta para teta e aliviar os depósitos de enMEST no organismo. Estas são simplesmente as melhores conhecidas até à data. Estas maneiras estão provadas e são fiáveis. O auditor pode descobrir no quadro da escala de tom os níveis em que pode correr os vários tipos de enteta. Isto é uma proteção, e manterá o auditor fora de grandes dificuldades. Existem algumas técnicas estranhas, como pôr uma pessoa automaticamente a sondar cadeias, técnicas essas que quase de certeza aumentarão a turbulência no caso. Eu testei uma há algum tempo atrás, em que o indivíduo foi mandado à noite para casa correr cadeias de secundários durante o sono. Isto foi bastante insatisfatório, mas foi interessante notar que uma pessoa que foi mandada correr uma cadeia de secundários de desgosto durante o sono, acordou de manhã com a almofada encharcada em lágrimas, e contudo não sobe porque tinha chorado. Isto é aqui adicionado para demonstrar que não só existem muitas combinações dos mecanismos conhecidos da mente, mas que provavelmente existe um grande número de mecanismos não conhecidos.

A exploração de percéticos teta é possivelmente um campo muito frutuoso, pois é teoricamente possível que novos ressurgimentos de teta entrem num caso com excelentes resultados. Possivelmente é isto que

acontece quando uma pessoa alcança um ressurgimento espiritual. Vale muito a pena investigar isto.

O auditor deve ter em mente que os casos têm diferentes dotações de teta livre. Ele encontrará casos que estão em baixo na escala de tom e muito oclusos, que ainda assim têm um bom raciocínio e poder construtivo, apesar da sua tendência para sucumbir. Ele encontrará casos que sobem bastante rapidamente, mas porque o indivíduo está aqui e ali nas colunas mais alto do que o nível atribuído, o auditor nem por isso deve abandonar os tipos de processamento atribuídos para o nível geral onde o seu preclaro se encontra.

Também é uma grande tentação para o auditor, quando encontra um caso que aparentemente tem sónico e víscio e um pouco de percepção de dor, mergulhar ao fundo do caso e começar a correr engramas. Depois de ter feito isto durante algum tempo, ele pode achar que o seu caso não está a subir muito bem na escala de tom, e só então conferir o quadro para descobrir que esteve a trabalhar com um 0.8, muito para seu desânimo. Estes casos de baixo nível perturbam rapidamente, e o percurso de engramas, não importa quão abertos eles são, pode ser feito durante centenas de horas sem qualquer aumento marcado no nível de tom do caso. Isto porque o auditor está muito entusiasticamente a investir teta livre no percurso de engramas de dor física, engramas que ainda não estão esgotados do enteta dos seus secundários e elos. O objetivo é em qualquer caso libertar teta, e é por isso que o auditor deve ser guiado.

CAPÍTULO VINTE

COLUNA AQ

Nível de Tom do Auditor Necessário para Manejar o Caso

Esta coluna é incluída como uma estimativa de desempenho ótimo.

O auditor deve estar consciente do facto que os engramas do preclaro, seus secundários e elos, só respondem na presença de todo o teta livre disponível. O teta do auditor mais o resto do teta do preclaro somados, são dirigidos ao enteta da mente reativa do preclaro. É um facto estranho que a mera presença de um auditor possibilite ao preclaro correr incidentes que não poderia tocar se nenhum auditor estivesse presente, embora tenham existido preclaros que, sozinhos, correram com êxito elos e alguns secundários. Mas a auto-audição confunde normalmente um caso, e a presença de um auditor é muito desejável.

Os auditores que estão abaixo de 2.0 na escala de tom, tendem inconscientemente, e até conscientemente, para sucumbir. Eles próprios contêm mais enteta do que teta. Os auditores abaixo de 2.0 na escala de tom realizaram de vez em quando alguma coisa com os casos, porque a Dianética pode em parte ser aplicada mecanicamente. Mas o preclaro que se coloca nas mãos dum auditor abaixo de 2.0, está a pedir processamento fracassado, uma vez que inevitavelmente resultarão quebras do código do auditor, e o caso será mal manejado, apesar da aparente intenção do auditor.

Pode então dizer-se que 2.5 é o mais baixo nível do auditor que o preclaro deve aceitar. E até este tem algum risco, uma vez que o interesse pelo preclaro do auditor 2.5 é capaz de ser fraco e não encorajar grande ou rápido avanço no caso.

Para qualquer audição ter verdadeiro êxito, o mais baixo nível do auditor seria 3.0. A este nível, o auditor será interessado, simpático, capaz de seguir o código do auditor sem tensão, será rápido a compreender qualquer dificuldade que o preclaro apresente, e pode vulgarmente, se corretamente educado, esperar-se que assuma um bom e responsável papel como auditor. Além disso, qualquer dado desonroso num caso que o auditor deste nível descubra na vida do preclaro, não será usado pelo auditor como assunto de conversa. Não é certamente o caso com auditores baixos de tom.

Ao manejar preclaros de 1.5 para baixo, descobriremos regularmente que o preclaro é altamente restimulativo para o auditor, é capaz de ficar furioso ou renitente ou insultuoso, tem muita dificuldade em contactar algum enteta e está em geral tão altamente carregado, que é preciso uma grande paciência e tolerância da parte do auditor. Isto significa simplesmente que o auditor não deve ser facilmente restimulado pelo preclaro. Os casos de 1.5 para baixo são em geral altamente restimulativos. Os casos deste nível para baixo que são psicóticos crónicos ou psicóticos

no momento do processamento, quer dizer, casos que têm todo o seu teta livre perturbado, exigem especialmente auditores de alto nível de tom, pois os auditores de níveis mais baixos podem considerar o psicótico de forma muito crítica, e uma atitude crítica ou restritiva para com o psicótico nega a sua recuperação.

Além disso, o psicótico exige do auditor um alto nível de coragem, um nível certamente não encontrado abaixo de 3.0, e só garantido (com uma boa dotação de teta livre e uma educação não contrária à coragem) no nível 3.5. O psicótico ou as pessoas que estão na banda de tom abaixo de 2.0, mas facilmente perturbados, têm na maioria dos casos uns antecedentes tão altamente carregados, que podem gritar ou exprimir mal-emoção ou dramatizar ao ponto de ser assustador. Um paranoico completamente perturbado, pode muito bem tentar matar um auditor durante a sessão de processamento, se o auditor de repente lhe lembra um inimigo. Abaixo de 3.0, a reação do processador ao psicótico pode ser irracional ao ponto de se apressar a dar-lhe sedação, ou de o internar, ou de lhe dar choques elétricos, ou de pedir uma lobotomia pré-frontal, em suma, fazer qualquer dessas coisas que exprime medo de outro ser humano em cuja racionalidade não se pode confiar. Um 1.5 que tenta tratar um psicótico, só pode pensar em termos de punição e anulação do dito psicótico, e não pode possivelmente produzir, simplesmente pela sua presença e qualidade de raciocínio, qualquer alívio no caso, mas perturbará mais o psicótico com o seu próprio medo. Além disso, o facto de viver num ambiente cheio de psicóticos (como num manicómio com indivíduos a dramatizar, a gritar, a ser irracionais ou estúpidos) é intensamente restimulativo; tanto assim que uma considerável parte dos assistentes e médicos assistentes das instituições, encontram finalmente eles próprios o caminho da enfermaria como pacientes.

Em suma, é preciso vida e energia num indivíduo para produzir vida e energia nos outros. E reciprocamente, aquela pessoa em baixo na escala de tom, para subir a escala ou até para estar no seu nível, absorve fortemente vida e energia dos que o rodeiam. As lendas de vampiros têm provavelmente origem numa observação de algumas pessoas que parecem não ter vida própria, mas só se expressam na vizinhança e à custa de outros indivíduos. É comum as pessoas baixas de tom almejarem casar por nenhuma outra razão do que poder obter de um companheiro a energia e vida necessárias para continuar a existência, ou talvez porque aqui eles encontram teta livre para atacar, e desejam derrubá-lo.

O auditor deve estar muito ciente do facto que, contactar enteta num preclaro é restimulativo para ele. Uma certa quantidade de teta livre do auditor irá ficar perturbado quando ele processa preclaros. Pelo menos serão formados novos elos nas suas próprias cadeias. Por isso nem toda a turbulência é temporária, mas uma certa quantidade de turbulência se tornará “permanente”, o quer dizer que deve ser processada. Os auditores que não são eles próprios processados, não têm êxito. Um grupo auditores que processam preclaros, mas eles próprios não são processados, ficarão, num prazo relativamente curto um verdadeiro ninho de cobras de enteta e, vacilantes, baixarão na escala de tom.

Se um auditor está processar pessoas, o mínimo que deve fazer por si mesmo, é ir sondando as sessões de processamento que deu a outras pessoas. Ele deve considerar isto tão necessário para si mesmo como comer e descansar como deve ser, pois a sua própria descida na escala de tom como resultado de auditar, passar-lhe-á tão despercebida que não saberá que desceu tão baixo até reparar de repente, não só que já não tem prazer em auditar, mas que está a enfrentar a próxima sessão com considerável desagrado. Quando isto acontece, o auditor pode ter a certeza que, por falta de observar a necessidade de sondar os elos dessas sessões, ele agora precisa de processamento completo, tanto como os seus preclaros. Ele deve então tomar todas as medidas possíveis para subir na escala, e a medida imediatamente mais indicada é sondar as sessões de processamento. À medida que o auditor desce na escala de tom ele tende cada vez mais para sucumbir, e chegará a um ponto em que não pensa que precisa de processamento. Quando isto acontece, ele ficou muito perturbado.

A Dianética fornece os meios eficazes de trazer as pessoas a um nível mais alto de razão, energia e felicidade, e a um melhor bem-estar físico. Se a Dianética tiver amplo sucesso, e terá quer levar dois anos ou os próximos vinte, esse sucesso depende da equipa de co-audição em que duas pessoas se auditam alternadamente uma à outra. Foi publicitado que a Dianética é simplesmente uma terapia barata. Aparte do facto de que Dianética não é uma terapia, a Dianética fornece os meios para quaisquer duas pessoas inteligentes e bastante em cima na escala de tom, se erguerem por si próprias a níveis de existência humana muito mais desejáveis. Nunca aconteceu alguém poder fazer isto. Uma equipa de co-audição deve ser formada com algum cuidado. Os dois indivíduos devem estar algures a par na escala de tom, e devem certamente estar acima de 2.0. Uma disparidade provocará uma condição em que um deles a faz toda a audição, e não há intercâmbio.

Não é vulgar as equipas marido/mulher fazerem boas equipas de co-audição. Embora algumas dessas equipas tivessem tido êxito, a maior parte delas desmembraram-se pouco tempo depois por impraticáveis, e o marido e a esposa tiveram que procurar fora de casa outros processadores. Por isso, mesmo no início, seria provavelmente sensato arranjar os co-auditores fora de casa. Há muitas razões para isto. Em primeiro lugar as relações matrimoniais têm uma certa delicadeza, e a introdução do Processamento de Dianética entre dois indivíduos provoca outro tipo de afinidade. Muitas quebras do código do auditor numa equipa de co-audição entre marido e mulher podem de facto desfazer o casamento. Se a equipa de co-audição original fracassar, podem procurar-se co-auditores fora de casa. Além disso, há certas barreiras de informação entre maridos e mulheres na maioria dos casamentos. E quando a mulher não pode dizer ao marido tudo que sabe, e quando o marido não pode dizer à mulher tudo sabe, há um freio na comunicação bastante grande para inibir o processando. No atual nível de moralidade dos adolescentes, há normalmente muita coisa do passado de qualquer parceiro matrimonial que não desejará comunicar ao seu cônjuge. Com um parceiro de co-audição de fora, a pessoa pode livremente comunicar, e por isso ser estabelecida a

afinidade requerida para co-auditar, o que raramente é possível entre maridos e mulheres.

Existe também a equipa a três, em que três pessoas se coa-auditam. Isto tem a vantagem de manter a altitude de cada auditor, uma vez que no triângulo nenhuma delas está ser processada por nenhuma das que ela está a auditar.

Tendo o preclaro subido a 3.0na escala de tom, pode ser processado por quase qualquer pessoa educada em Dianética que não esteja abaixo de 2.0, uma vez que pode resistir a consideráveis quebras ao código do auditor ou à inaptidão, mas deve estar consciente do facto que, quanto mais alto o nível do auditor mais rapidamente ele prossegue.

Qualquer equipa de co-audição, dupla ou tripla, deve ter o cuidado de manter a paridade. Nenhum membro da equipa deve ser deixado para trás de forma a permitir uma disparidade no nível de tom. Isto é muito importante, pois permitindo uma disparidade, o auditor que está mais alto na escala será trazido de volta para baixo na mesma escala de tom.

De acordo com esta teoria, os melhores auditores seriam claros, mas as pessoas que perderam as suas próprias aberrações, é bastante provável que se interessem pela atividade ditada pelo seu propósito básico. Se acontece que o seu propósito básico é fazer seres humanos mais felizes, mais saudáveis e mais razoáveis, então eles permanecerão em Dianética, mas vulgarmente vão muito longe.

CAPÍTULO VINTE E UM

COLUNA AR

Como Auditá O Caso

Neste capítulo examinaremos casos de determinados níveis de tom. Deve recordar-se que um indivíduo pode estar em qualquer desses níveis de tom, e ainda assim ser considerado “racional” pela sociedade atual.

Há uma precaução muito importante que um auditor deve observar ao iniciar um caso. Ou ele avalia o caso no quadro com eficácia, sabendo assim o tipo de caso que está a abordar, ou, na ausência de avaliação nesse quadro, ele usa métodos muito claros de processamento como memória direta ou o sondar cadeias menores de elos. O auditor não será capaz de determinar rapidamente onde o seu preclaro está na escala de tom, a menos que tenha o quadro diante dele, e tenha testado os seus somáticos e respostas gerais.

Aprendendo a usar o quadro e localizando nele o preclaro, podem levar algum tempo ao auditor, pois o quadro é complicado na medida em que contém muitos elementos. Pode dizer-se que o tom varia, pelo menos, de cinco maneiras diferentes. O auditor procura principalmente o tom reativo crónico do preclaro para saber a que nível será seguro processá-lo. Alguns auditores com muito teta podem usar com êxito nos preclaros métodos acima do seu tom reativo crónico. Eles fazem isto trazendo o preclaro temporariamente para cima na escala de tom, com ARC muito alto. Mas isto é infelizmente uma capacidade fora do comum, e o auditor que deseja ter a certeza que não irá perturbar o preclaro, deve ter o máximo cuidado de não usar métodos acima do nível de tom do preclaro. Cinco das coisas que afetam as manifestações de tom do preclaro são: (1) a relação teta/enteta no caso, a quantidade relativa de enteta “congelado” em elos, secundários e engramas, (2) o ambiente de tempo presente do preclaro, o seu tom e volume, (3) o tom do engrama particular no qual o preclaro está preso, se está preso, (4) o tom ordenado por uma frase de comando dum engrama particular, ou série de frases que estão em restimulação, aguda ou crónica, (5) os antecedentes ambientais gerais do preclaro, o tom da sua educação, da família, do grupo e assim por diante. Pode ser um pouco difícil para o auditor separar estes vários elementos do tom manifestado pelo preclaro, a fim de descobrir a coisa mais importante para o nível de processamento a ser usado no mesmo preclaro, isto é, a relação teta/enteta no caso.

Fio direto no ambiente de tempo presente do preclaro, os acontecimentos dos últimos dois ou três dias ou mesmo horas, dará ao auditor alguma ideia do efeito que o tempo presente está a ter no tom manifestado.

Fio direto nos antecedentes gerais do preclaro, durante e depois do inventário, dará ao auditor uma estimativa um pouco menos clara do efeito deste elemento no tom manifestado pelo preclaro, uma vez que muito do material pode estar ocluso ou propositadamente escondido.

Uma tentativa de correr um momento de prazer e alguns respostas relâmpago, dirão ao auditor se este preclaro está ou não muito preso na banda, e se este fator é importante no tom manifestado.

O efeito de um engrama ou cadeia de engramas restimulada aguda ou cronicamente, será talvez o mais difícil de apanhar e ponderar. É aqui que o caso maníaco entra em cena, e onde o auditor corre o maior perigo de classificar o seu preclaro alto demais na escala: um caso todo aberto com um alto maníaco em completa restimulação.

Porque todas estas coisas complicam o problema, o auditor verá que o seu mais fiável teste da relação teta/enteta no caso, será nas colunas de comportamento do quadro da escala de tom, depois de aprender a usá-las e não ser enganado pela ideia do preclaro sobre o seu próprio tom. Será necessário questionar o preclaro com subtileza e paciência, talvez durante muitas horas, antes do auditor sentir que verdadeiramente descobriu o seu nível de tom crónico em cada uma destas colunas. Por isso, poderia dizer-se que, quase sem exceção, todo caso deve ser iniciado com muitas horas de fio direto. Perguntar por exemplo ao preclaro qual a sua atitude para com as crianças, proporcionará ao auditor informação sobre o que o preclaro pensa da sua própria atitude, ou do que ele quer que o auditor pense que é, ou talvez do que realmente é. Os gestos do preclaro e tons de voz ao responder à pergunta dirão muito ao auditor, e o interrogatório é em si benéfico para o caso. Mas o auditor só ficará seguro da atitude do preclaro para com as crianças quando lhe tiver feito fio direto em vários incidentes com crianças. Pode haver casos em que as perguntas diretas sobre estas coisas só servirão para alertar as computações secretas do preclaro, e em que seria sensato o auditor usar o quadro completa e exaustivamente, mas não obviamente com perguntas diretas. Uma pergunta direta como, “tu gostas de crianças?”, pode facilmente parecer uma prova ou crítica para com o preclaro, mesmo que inconscientemente. Solicitar o relato de um incidente com crianças pode proporcionar ao auditor dados inestimáveis, que ele não poderia obter com perguntas diretas.

O quadro da escala de tom é um utensílio delicado e algo complexo. O auditor que, pela prática e observação atenta dos resultados o aprende a usar bem, verá que as suas capacidades e compreensão aumentarão imenso.

Um caso em 4.0, Claro de MEST de Dianética, quer dizer, o organismo claro da vida atual, até sabermos de mais áreas que possam ser processadas, pode ser considerado não precisar de mais Processando.

O caso 3.5 é muito fácil de processar, mas um caso neste nível quase nunca está no início. Quando um caso alcança este nível através do processamento, é relativamente fácil levar o caso a claro. Quase tudo pode ser feito com este caso em termos de correr enteta, e trazer este indivíduo ao estado de claro é meramente uma questão de tempo e não de se o alcançará ou não, porque se ele atingiu 3.5, pode quase auditar-se a si próprio até àquele ponto. Aqui podem ser sondados engramas, um processo muito semelhante ao de sondar elos, mas em que os incidentes de dor física, secundários e cadeias de palavras cercadas por dor física podem

ser sondadas. Em 3.5, contudo, como em qualquer outro caso, as sessões de audição devem manter-se sondadas.

O caso 3.0 não deve sondar engramas. O mecanismo de sondar é muito atrativo. Parece tão simples iniciar o indivíduo no básico-básico e dizer-lhe para sondar todos os engramas da banda até ao tempo presente. Mas existe considerável quantidade de enteta no 3.0, e o mecanismo de sondagem irá perturbar o indivíduo e trazê-lo para baixo na escala de tom. Aqui os circuitos ainda são bastante ativos para serem ativados por sondagem de cadeias resultando um “falso claro”, quer dizer, o auditor terá um preclaro cujos circuitos foram carregados ao ponto de o auditor não encontrar nenhum engrama e assim assumir que tem ali um claro, quando não tem. Contudo o 3.0 têm quase todos os engramas prontos a serem corridos como incidentes individuais. O auditor manda o 3.0 para o primeiro momento de dor ou desconforto, apanha a primeira frase e corre o engrama. Usualmente o auditor não precisa mandar o preclaro repetir cada uma das frases muitas vezes, mas pode deixar o preclaro correr diretamente o engrama do princípio ao fim, e então atravessá-lo outra vez do princípio ao fim. É claro que num apagamento o auditor localizou o primeiro momento de dor ou desconforto e reduziu uma grande quantidade de secundários. O primeiro engrama de dor física foi eliminado, e basta então apenas subir pelo banco acima pela escada do tempo, eliminando cada engrama sucessivo à medida que é contactado, desde o primeiro momento de dor ou inconsciência do engrama até ao último. No 3.0 ver-se-á que os engramas se apagam bastante rapidamente. Uma ou duas passagens resultarão em bocejos, e o próximo engrama pode então ser alcançado. Não deve contudo ser negligenciado pelo auditor que no progresso ascendente no banco, de engrama para engrama, cada vez pegando no mais antigo possível, podem aparecer engramas secundários que têm que ser descarregados. Um auditor pode de facto começar a subir no banco, completar um apagamento quase até tempo presente e encontrar uma nova cadeia de engramas secundários que têm então que ser libertados em termos de lágrimas ou outras manifestações, e depois já o auditor pode descobrir que existe um novo momento de dor física ou desconforto tão cedo como na conceção. Ele tem então que retornar a este engrama mais antigo. Não é difícil para o auditor descobrir isto, se cada vez pedir o momento anterior de dor ou desconforto existente no caso. O auditor deve permanecer muito alerta para o facto de que a libertação de anatem, mal-emoção ou dor física, põe à mostra novas áreas de anatem, mal-emoção ou dor física. Pedindo o momento mais antigo de dor ou desconforto, ficando alerta para o facto de que novos secundários podem aparecer, o auditor continua com o apagamento do conteúdo da mente reativa. Mas em 3.0 o auditor tem que manter o caso completamente sondado, não só em relação à audição, mas também a incidentes próximos do tempo presente que possam ser perturbadores para o preclaro. Em 3.0 e abaixo, o auditor tem que ter em mente que está a trazer o caso para cima na escala de tom e que o simples apagamento de engramas não é bastante para o caso progredir satisfatoriamente, mas que o apagamento de engramas por si só pode de facto, se nenhuma outra forma de enteta for abordada, levar este caso de volta para baixo na escala de tom, particularmente na presença de uma situação restimulativa de tempo presente que perturbe consideravelmente

o preclaro. O nível 3.0 é definitivamente a área onde um apagamento é iniciado. Vulgarmente, os engramas neste nível não se reduzem, mas apagam-se.

O caso de nível 2.5 oferece um pouco mais de preocupação ao auditor do que o 3.0. Isto é assim pelo banco abaixo, uma vez que quanto mais baixo descemos na escala de tom, mais enteta se encontra no caso e maior o cuidado a ter a fim de manter elevado o tom de tempo presente do preclaro e manter o preclaro a progredir na escala de tom. O 2.5 sonda elos muito facilmente; contudo ele não pode, como o 3.5, sondar secundários. Não é aconselhável sondar um 2.5 por momentos de mal-emoção pesada, porque o caso será restimulado, e mais teta será absorvido pela audição do que o libertado das áreas turbulentas. Contudo o 2.5 correrá engramas como rotina quando são abordados como engramas únicos e não como cadeias de engramas, como na sondagem de cadeias. Momentos de grande pesar, perda, fúria, apatia, são corridos como incidentes, percético por percético, até serem reduzidos. Sondando elos, novos secundários e novas cadeias de engramas são recuperados nos 2.5. A única vez que o 2.5 requer memória direta como técnica de processamento, é quando o auditor deseja descobrir mais sobre o caso ou descobrir circuitos. No 2.5 o auditor localiza circuitos por memória direta, encontrando no ambiente do preclaro quem o tentou dominar ou anular, e momentos durante a vida consciente do preclaro em que estas pessoas fizeram afirmações tipo circuito, como "Controla-te" ou "Mantém a calma". Neste nível o circuito é importante. Aqui deve ser feita uma abordagem considerável aos circuitos. As frases devem ser localizadas por memória direta e então sondadas como elos a fim de descarregar e de intensificar todas as frases de circuito contidas nos engramas; é que aqui e daqui para baixo, um circuito pode mais ou menos assumir o controlo do auditor, de forma que o preclaro insiste ocasionalmente em correr o seu próprio caso. Ou um circuito pode tapar grandes quantidades de enteta. A maior dificuldade que o 2.5 dá ao auditor, é o facto de se considerar normalmente de boa saúde e ser bastante aborrecido pelo processamento. Quando o preclaro alcançou o nível de 2.5 vindo de um nível mais baixo, é bastante comum renunciar logo a mais processamento. É neste momento que o auditor tem que aplicar à situação a sua própria personalidade, e persuadir o seu preclaro a passar através desta área bastante estagnante da escala de tom.

O 2.0 que está disposto a trabalhar não oferece qualquer problema particular ao auditor. Aqui o auditor pode sondar elos, pode correr secundários como momentos individuais de mal-emoção, mas aqui o auditor pode muito bem superestimar o seu preclaro, e decidir correr engramas de dor física como rotina. O auditor pode correr engramas de dor física um após outro, mas prenderá mais teta livre do que o que ganha aos engramas, criando novos elos no caso com o percurso desses engramas. Qualquer auditor é muito ambicioso pelo seu preclaro, e é provável que comece a correr engramas muito antes do preclaro poder beneficiar disso ou até suportar corrê-los. Não obstante, particularmente no caso em que o preclaro teve hipnose de droga ou uma operação recente, pode apresentar-se algum engrama de dor física neste nível e insistir em ser corrido. O arquivista está normalmente a trabalhar em 2.0 e deve ser consultado muito cuidadosamente antes de qualquer engrama de dor física ser abordado. Se

os engramas de dor física são corridos em 2.0, o auditor deve ter muito cuidado em sondar completamente a sessão de audição, a fim de destrócar os elos formados pela própria audição.

O 1.5 responde a sondar elos, mas o auditor achará que o 1.5 às vezes fica preso em elos individuais. Quando isto acontece, o elo pode ter que ser corrido como um engrama, percético por percético, até ser reduzido. Depois disto, a sondagem de elos pode continuar. Isto é benéfico para o caso, uma vez que sondar elos aproxima o preclaro de elos mais severos, que podem então ser contactados e corridos. Estes elos pesados permanecem longe da vista até a sondagem trazer ao preclaro bastante teta livre para permitir um abordagem aos elos pesados que estão a entravar o progresso do caso. Em um 1.5, podem ser melhor localizados os secundários que estão no nível de ira. O auditor pode descobrir um momento em que o preclaro estava a dramatizar ira, e pedir ao preclaro para atravessar esse momento ou para voltar a um momento anterior em que alguém estava irado com ele. O preclaro descobrirá um elo anterior em que ele foi o recetor da ira que depois dramatizou, e vulgarmente correrá este elo anterior. O auditor deve ter muito cuidado com qualquer dor física que correr no 1.5. Eis um nível onde qualquer dor física é uma armadilha completamente voraz. O engrama no 1.5 tem tanta autoridade, que quando teta livre se aproxima é ele próprio perturbado. Por isso o auditor deve evitar correr engramas em 1.5. O uso de memória direta torna-se muito importante em 1.5. Um truque de memória direta torna-se aqui muito importante. O auditor deve tentar encontrar um incidente de quebra de ARC, ou do tipo forçada, em que o preclaro possa creditar com completa e total realidade. De facto, deste ponto para abaixo, a realidade do preclaro pode e deve ser confirmada em cada oportunidade por contacto de memória direta com elos que o próprio preclaro, e sem qualquer ajuda do auditor, acredita completamente terem de facto acontecido. Isto impulsiona o preclaro para cima na escala de tom mais rapidamente do que qualquer outro método de processamento usado de 1.5 para abaixo. Aqui, o auditor deve ter o particular cuidado de manter a audição sondada, e deve usar todo e qualquer meio para manter tão livre quanto possível o teta livre que encontra no caso. Má audição e quebras do código do auditor neste nível, podem custar ao preclaro, numa sessão, mais teta do que pode ser ganho em várias sessões. Em 1.5 é comum o preclaro zangar-se com o auditor. Ele ainda está num nível em que procura dominar, e o seu método de dominação é expressar ira. Isto não significa que o 1.5 esteja sempre zangado ou que não trabalhe suavemente para o auditor. Usualmente só a má audição causará ira. Existem 1.5s que estão todos abertos, e que, de forma enganadora, convidam ao percurso de engramas. Existem 1.5s que estão completamente oclusos. Em qualquer caso é abordado exatamente o mesmo tipo de enteta, e usados os mesmos métodos de manejo.

Quando a pessoa desce para 1.1, deve usar-se de muito cuidado por causa da tremenda quantidade de enteta existente no caso em relação ao teta livre. Um 1.1 pode originalmente ter dotação de teta bastante para querer ser processado. O seu desejo para ser processado é contudo muito a hesitante, e ele é intensamente crítico do auditor. Ele tem medo, e com razão, pois resta tão pouco teta livre em comparação com enteta no caso, que uma má audição pode provocar uma condição muito pior. O 1.1 pode

contudo não estar interessado em processamento e considerar-se em boas condições, apesar de lidar muito mal com a vida. É bastante comum ser um doente crónico, de ou de outro um somático. Pode desconfiar da comida. O teta livre que lhe resta está numa tal luta com enteta, que está continuamente no limite. O auditor tem que reconhecer isto. O auditor deve também reconhecer que um 1.1 podem ser insultuoso, pode estar mal-humorado, pode estar completamente indisposto a ser processado e pode ser extremamente fatigante. A paciência de um auditor é facilmente esgotada o lidar com um 1.1, pois o 1.1 pode deitar-se no sofá e correr conscientemente incidentes imaginários completos, dando somáticos e percéticos que não tem. Ele pode engendrar para o auditor toda uma vida passada. Além disso, pode inconscientemente avançar dados errados. Ele pode, por exemplo, considerar e acreditar que está a dizer a verdade, e que foi espancado mil vezes pelo pai, quando o pai lhe pôs as mãos duas vezes em toda a vida. Ou pode acreditar que foi regiamente tratado pelos pais, quando de facto a atitude deles foi de extrema não-sobrevivência. O auditor tem que ter em mente que nos 1.5 e 1.1 a verdade não é vista como um bem muito valioso, e contactá-la é difícil para o preclaro. Embora o 1.1 possa avançar continuamente protestos e provas da sua honestidade e sinceridade, o auditor está a lidar com um nível onde o artifício é automático. O auditor pode de facto ter sucesso neste nível, desligando somáticos crónicos, como uma enxaqueca ou úlcera, sem diminuir a turbulência do caso. Ele, evidentemente, apenas transformou uma manifestação de enMEST numa manifestação de enteta, de forma que, embora o somático crónico já não perturbe o 1.1 como dor física, perturba-o excessivamente como aberração mental. Se o auditor se equivoca quanto ao nível do preclaro na escala de tom e tenta usar métodos de processamento que estão acima do nível 1.1, pode esperar-se transferir um somático para outro, ou transferir aberração física para aberração mental. Num caso todo aberto, o auditor pode enganar-se por completo e continuar a correr o caso com métodos pesados “ad infinitum” (até o preclaro se cansar do processamento e recusá-lo), perturbando cada vez mais o caso, a menos que preste cuidadosa atenção ao comportamento do preclaro ao localizá-lo no quadro da escala de tom.

A característica principal do 0.5 no que se refere à relação auditor/preclaro, é provavelmente o completo desespero do 0.5. Mesmo que o 0.5 queira ser auditado, o auditor não pode depender do seu preclaro para qualquer responsabilidade no processamento, ou para qualquer outra coisa. Este caso requer do auditor grande paciência e resistência. O auditor é confrontado com um indivíduo para quem o preto é branco, o bem é mal e tudo está perdido. Se o deixarem, o preclaro pode correr horas de incidentes dub-in, mas o auditor tem que ter muito cuidado na forma como guia o preclaro para incidentes reais os quais nunca devem ser mais pesados do que elos, de preferência tipo apatia, porque a mais leve desaprovação ou falta de aceitação do que o preclaro está a dizer, pode perturbar todo o escasso teta que lhe resta. O 0.5 está apenas meio um ponto acima de morte. Qualquer auditor que usar num 0.5, métodos mais pesados do que memória direta e do que o percurso de elos leves individuais, corre o risco de causar alguma manifestação de morte no preclaro, quer de suicídio quer (ocasionalmente) de assassinio, e

certamente deprimirá o 0.5 para morte fingida. Se contudo o auditor mantiver o seu próprio caso bem processado de forma a poder persistir no processamento do 0.5 com os métodos mais suaves, e a poder preservar um ARC muito alto com o preclaro (o que dependerá inteiramente do auditor), terá, mais cedo ou mais tarde, um preclaro que começa a entrar na banda 1.1. Esta subida na escala pode não trazer qualquer alívio ao auditor, uma vez que o 1.1 é um nível muito desagradável, mas será de um grande alívio para o preclaro, embora o auditor não deva esperar qualquer obrigado do novo 1.1.

O auditor médio não estará a trabalhar com um 0.1 no futuro muito próximo, uma vez que a maioria dos casos de morte fingida está em hospitais, sanatórios ou instituições, onde eles estão fora de contacto com a sociedade. Contudo, as circunstâncias sociais do momento do 0.1, não têm qualquer relação com os métodos usados para processar um 0.1, e nenhum auditor deve pensar que os princípios de operação da mente mudam de alguma maneira no caso do 0.1. O auditor convidado para algum sanatório privado por um médico alerta mas confuso, pode achar que tem apenas casos desses para tratar. Existem vários métodos de aproximação ao problema do caso 0.1, mas todos eles se resumem a uma coisa: tornar o preclaro consciente dos percéticos de tempo presente, ou pelo menos da ideia de que existe algo como o tempo presente. Em todos os outros níveis é necessário estabelecer e manter o ARC alto entre o auditor e o preclaro, mas aqui o problema principal é estabelecer ARC entre o preclaro e qualquer coisa em tempo presente, incluindo, é claro, o auditor. A forma como isto pode ser feito depende da completa compreensão do auditor dos princípios delineados neste livro, pois é um caso em que o teta poderia ser considerado noventa e oito por cento perturbado. Já se viu que, à medida que a escala de tom é descida, têm que ser usados métodos de processamento cada vez mais suaves. O auditor pode então sentir que não há método de processamento bastante suave para um 0.1, mas o auditor não deve negligenciar o facto de que a mera presença dum auditor na sala com o preclaro é, até certo ponto, processamento. A partir daí, o auditor pode começar a trabalhar para tornar o tempo presente interessante e atraente para o preclaro. A presença do auditor por algumas horas pode construir afinidade bastante para possibilitar ao auditor chamar a atenção do preclaro para algum objeto. Quando o preclaro comunica com esse objeto olhando para ele, o facto do auditor o estar a segurar ou também olhar para ele tenderá a estabelecer um acordo sobre esse objeto, e alguma coisa no mundo terá então um pouco realidade para este preclaro.

Publicações futuras tratarão mais completamente do processamento de psicóticos inacessíveis, incluindo o 0.1. Mas os princípios que você encontrou ao ler este livro, são os princípios em que serão fundadas futuras e mais refinadas técnicas, e qualquer auditor que tenha a oportunidade e perseverança para processar esse caso achará que, simples como são, estes fundamentos são mais poderosos do que quaisquer meios que o homem teve antes para trazer luz onde há escuridão, para dar ordem à desordem e converter irracionalidade para racionalidade, ou enteta para teta.

DESCARREGAR ENGRAMAS

Recentemente desenvolvi uma técnica chamada “descarga” que parece ter consideráveis possibilidades. Não tive oportunidade suficiente para testar completamente as suas potencialidades, ou de a localizar devidamente na escala de tom. Apresento-a aqui para vossa informação, e muito apreciaria saber de qualquer resultado alcançado com ela.

O último engrama num caso pode vulgarmente ser corrido, desde que não tenha adquirido muitos elos. Mais, a inacessibilidade de qualquer engrama parece depender dos elos acumulados.

O auditor acha ocasionalmente necessário correr um engrama, embora não possa obter todos os percéticos contidos nesse engrama. Seria bom se pudesse obter todos os percéticos e reduzi-los ou apagá-los. A técnica de descarga seria uma técnica concebida para ajudar o auditor a correr todos os percéticos.

O engrama, nesta técnica, é corrido até tudo o que pode ser contactado, ser reduzido. Então o auditor sonda todos os elos daquele engrama, desde o momento do engrama até ao tempo presente. O auditor manda sondar os elos uma ou mais vezes, trabalhando com o arquivista. Então o auditor, usando outra vez procedimento padrão para engramas, e corre aquele engrama uma ou duas vezes mais ou até qualquer material adicional ser reduzido. Depois manda o preclaro sondar outra vez todos os elos daquele engrama. Então corre o engrama uma vez mais.

É a carga dos elos que selo o engrama. Descarregando os elos pela técnica de sondar elos, cada vez mais percéticos devem surgir no engrama.

A técnica de descarga seria então a técnica de trazer completamente à tona tudo o que está contido num engrama, sondando os seus elos. Alternando o percurso do engrama com a sondagem dos seus elos, deve provocar a libertação máxima de enteta.

Esta técnica é de certeza prática. A extensão da sua utilidade não foi ainda completamente explorada.

É completamente seguro que um engrama de dor física está por baixo de toda a mal-emoção, e quando a mal-emoção é tirada de um secundário, é comum ficar exposto um engrama de dor física. De facto, o preclaro pode mergulhar no engrama de dor física e começar a corrê-lo, enquanto o auditor ainda está a tentar obter uma descarga do secundário. Também acontece que quando um auditor está a tentar correr um engrama, o seu preclaro pode de repente dar com a mal-emoção de um secundário (que deve então ser corrido).

Também é comum acontecer que o preclaro, quando o auditor está a tentar correr um engrama, suba para os elos daquele engrama. Normalmente este é o resultado de uma ressaltador no engrama. Mas com ressaltador ou sem ressaltador, os elos estão lá e são importantes. Por isso, quando um engrama está reduzido, os elos podem ser corridos, e depois disso, mais percéticos podem ser encontrados.

PROCESSAMENTO POSITIVO

Uma variação da técnica de interesse para o auditor é o “processamento positivo”. Este consiste em abordar o teta do caso e pô-lo à vista. O auditor

pode estar tão absorto a abordar enteta diretamente, que pode negligenciar o facto de teta poder estar enterrado debaixo de enteta. Procurando e pondo teta à vista, o auditor pode consideravelmente melhorar o tom do preclaro.

Por baixo de muitas áreas de enteta numa banda, pode haver o que poderíamos chamar de depósitos de teta. O teta do auditor e do preclaro dirigidos a esse depósito de teta, de-perturbará o enteta que pode estar sobre esses momentos.

Os momentos de prazer são, poderia dizer-se, depósitos de teta. Esses depósitos ajudam a conversão de enteta para teta. O percurso de momentos de prazer ajudam então materialmente a elevar o tom. Isto pode ser usado de muitas maneiras, e todas essas maneiras se poderiam agrupar como “processamento positivo”. Há provavelmente inúmeras variações do processamento positivo. O percurso de um momento de prazer como se fosse um engrama até todos os percéticos serem recuperados, é apenas um caso de processamento positivo. Sondar cadeias de momentos de prazer é outra variação. O percurso de “futuros momentos de prazer” prende-se com a imaginação, mas é apenas outra variação de processamento positivo.

Afinidade, realidade e comunicação, podem ser usadas com vantagem em processamento positivo. Neste caso o auditor não está à procura de elos de ARC, quando o ARC foi forçado ou inibido. Ele está à procura dos momentos em que eles existiram. Através de memória direta, o auditor faz o preclaro recordar momentos em que na verdade sentiu que estava a receber ou a dar afinidade ou comunicação, ou de facto a experimentar realidade. O preclaro bastante em baixo na escala, pode ter que procurar algum tempo, antes de poder recordar um momento em que na verdade sentia afinidade por algo ou alguma pessoa, ou em que de facto sentiu que estava a receber afinidade. Da mesma maneira, o preclaro pode ter dificuldade em encontrar um momento de verdadeira comunicação (ele pode estar numa audiência ou a falar com um amigo ou até simplesmente a falar com um cão). Além disso, o auditor deve lembrar-se que a comunicação se estende à percepção, e que ver de facto algo ou recordar que algo foi ouvido ou sentido, pode descobrir um depósito de teta. Fazendo o preclaro recordar algo que sabia ser verdadeiramente real, ou até recordar alguém que concordou completamente com ele, é outro caso de processamento positivo.

Memória direta em ARC positivo é muito valioso em casos baixos de tom. Além disso é valioso em qualquer caso como meio de terminar uma sessão.

Durante processamento positivo, o auditor verá que o preclaro às vezes boceja. Isto é particularmente verdade ao sondar momentos de prazer. Esses bocejos indicam que o preclaro tem supressores de prazer, que alguma coisa o faz sentir culpado por experimentar prazer. Por alguns padrões que não de sobrevivência, o prazer é mal visto, e nos engramas do preclaro serão achadas admoestações contra o prazer.

Ocasionalmente, o auditor verá um preclaro romper em lágrimas sob processamento positivo. Aqui, evidentemente (embora várias opiniões possam ser avançadas) a supressão do prazer é tal, que o enteta sobrejacente é do mesmo valor dum engrama secundário. As lágrimas de

alívio significam o progresso do preclaro, de apatia para cima através de desgosto em certos incidentes. Pois qualquer incidente, independentemente do tom do preclaro, tem a sua própria posição na escala de tom e, à medida que é reduzido, sobe a escala por fases.

Dantes havia toda uma filosofia dedicada ao prazer, o hedonismo. Sobrevivência é prazer, mas a satisfação inativa dos sentidos sem plano ou progresso para qualquer meta, é em si mesmo (como o gafanhoto de Esopo) a longo prazo destrutiva. Era contra esta satisfação inativa e despropositada dos sentidos que o moralista bramava, e com considerável justificação. Mas devia ter sido usada melhor terminologia. O prazer é algo de que, nem o homem nem uma civilização podem prescindir, e cuja omissão resulta em sucumbir. Na medida em que a felicidade é superar obstáculos não irreconhecíveis para uma meta conhecida, ou a contemplação dessas metas, pode ver-se que o prazer inativo teria que ser estático ou uma satisfação sensual destrutiva. O prazer raramente é inativo naquele sentido, mas é tão frequentemente indolente e relaxante, como dinâmico e construtivo. O homem não pode viver sem ele. E o auditor ao usar processamento positivo, encontrará um aliado.

A meta do processamento é elevar o indivíduo na escala de tom. Parte deste procedimento é esgotar todos os engramas a fim de tornar a subida permanente. Mas a coisa mais importante é a própria subida. O comportamento de um 4.0, ou até de um 3.5, é tão superior ao comportamento humano normal, a capacidade destes níveis mais altos para dar felicidade, realização, criação, e alegria de viver são tão grandes, que tendemos a pensar nelas como metas distantes simplesmente porque estão tão altas. Mas não estão assim tão distantes. Mesmo enquanto este livro está a ser acabado, novos métodos, novas aproximações a um caso se estão a desenvolver, o que torna os mais altos níveis da escala de tom mais fáceis de alcançar para cada vez mais casos. A validação ou aproximação positiva ao caso, o advento do fio direto às Dinâmicas (em que o efeito de cada dinâmica em todas as outras descobre todos os elos possíveis), a descoberta da natureza fundamental dos elos de MEST e o desenvolvimento da técnica de MEST, são apenas algumas das novas coisas que estão a sair da “mesa de trabalho”. A Dianética não descansa ou se detém, ela não esmorece ou pára. À medida que auditor e preclaro continuam o seu progresso na escala de tom, não só podem ser encorajados pelo seu próprio sucesso, mas também pelo facto de que, à medida que se aproximam da meta, ela se aproxima deles. Um facto esquecido neste tempo de guerra e pestilência espiritual, é que tempos houve na história e pré-história do homem em que ele teve *sucesso*. Nem tudo foi obscuro e desesperança, ou não estariámos aqui hoje; mesmo tão pobres como somos. Os homens têm vivido para conquistar todas as outras formas de vida, do mastodonte ao micróbio. Os homens têm vivido para construir as muralhas e estradas e pirâmides, que desafiaram os elementos durante milhares de anos. Os homens têm vivido para escrever música que agradou os deuses, e linhas que fizeram os anjos suspirar e o diabo chorar. É tempo do homem ter sucesso outra vez. Eis a palavra, a tecnologia, a meta. O trabalho está traçado: e o seu nome é *Sobreviver!*

O CÓDIGO do AUDITOR DE 1958

1. Não avalie para o preclaro.
2. Não invalide ou corrija os dados do preclaro.
3. Use os processos que melhoram o caso do preclaro.
4. Mantenha todos os compromissos uma vez assumidos.
5. Não processe um preclaro depois das 22 horas.
6. Não processe um preclaro impropriamente alimentado ou sem descanso bastante.
7. Não permita uma mudança frequente de auditores.
8. Não simpatize com o preclaro.
9. Nunca permita que o preclaro termine a sessão por sua própria decisão independente.
10. Nunca abandone o preclaro durante uma sessão.
11. Nunca se zangue com o preclaro.
12. Reduza sempre todas as demoras de comunicação encontradas, através do uso continuado da mesma pergunta ou processo.
13. Continue sempre um processo contanto que produza mudança, e não mais.
14. Esteja disposto conceder condição de ser ao preclaro.
15. Nunca misture os processos de Cientologia com os de outras práticas.
16. Mantenha comunicação nos dois-sentidos* com o preclaro.
17. Nunca use a Cientologia para obter favores pessoais e incomuns ou complacência incomum do preclaro para o benefício pessoal do auditor.
18. Estime o caso atual do seu preclaro com realidade, e não processe outro caso imaginário.
19. Não explique, justifique ou dê desculpas para qualquer erro do auditor, quer seja real ou imaginário.

* Para mais informação sobre comunicação nos dois sentidos veja DIANÉTICA 55!,
POR L. Ron Hubbard

APÊNDICE

Caro Leitor:

Para construir uma ponte melhor, são precisas mais mãos do que as minhas.

A Dianética é uma jovem vigorosa ciência, e insiste em avançar a um ritmo acelerado.

Você tem neste livro as mais recentes e comprovadas técnicas. Mas elas serão melhoradas, e os métodos para as comunicar, refinados. Serão feitas alterações no quadro.

E tudo isto acontecerá porque eu sei que você contribuirá com as suas perguntas, sugestões, ideias e experiências. A sua contribuição é vital para um melhoramento da Dianética e sua comunicação.

Eu sinto o desejo de saber coisas como: como você pode ou não aplicá-la, onde tem dificuldades com o texto ou como ele pode ser melhorado; novas ideias que você possa ter.

A ponte está a ser atravessada muito lentamente.

Ajudem!

Cumprimentos

L. Ron Hubbard

Axiomas e Definições

Aberração	Comportamento irracional ou computação (pensamento). Elas são da natureza estímulo-resposta, e podem ser pró-sobrevivência ou contra-sobrevivência. O engrama é a fonte básica das aberrações.
Acessibilidade	O desejo do preclaro se elevar na escala de tom através do processamento. (Numa publicação anterior a palavra “acessibilidade” era usada, não só no sentido anterior, mas também da acessibilidade de enteta no caso a vários métodos de processamento. Este último significado não é usado no presente trabalho). Um caso é considerado acessível quando trabalhar de boa vontade com o auditor, não importa quão ocluso o caso possa estar.
Afinidade	A atração existente entre dois seres humanos, ou entre um ser humano e outro organismo de vida, ou entre um ser humano e MEST ou teta ou o Ser Supremo. Tem um paralelo grosseiro no universo físico, na atração magnética e gravítica. A afinidade ou falta de afinidade entre um organismo e o ambiente, ou entre teta e MEST de um organismo e no interior de teta do dito organismo (incluindo enteta), provoca o que no passado temos chamado de emoções. A escala de afinidade inclui a maioria das emoções comuns, apatia, desgosto, medo, fúria, hostilidade, aborrecimento, alívio, satisfação, entusiasmo, alegria, inspiração.
Agrupador	Colapsa a Banda do tempo, reúne muitos incidentes. (Eu não tenho <i>tempo</i> , põe-nos todos juntos, é <i>sempre</i> tudo comigo, eu tenho que fazer tudo aqui à volta, vocês são todos iguais, vou pagar-te com a mesma moeda, solidariedade para sempre!).
Aliado	UMA pessoa registada na mente reativa do preclaro, sobre quem o preclaro faz a computação reativa de que essa pessoa é necessária à sua sobrevivência.
Altitude	Prestígio do auditor aos olhos do preclaro. Uma posição algo artificial do auditor que dá ao preclaro maior confiança e por isso maior capacidade para “correr”, do que teria em caso contrário. Na sociedade em geral, um indivíduo pode ter quatro tipos de altitudes.
Altitude de Dados	Significa que o indivíduo tem um capital de conhecimento colhido de livros e registos, ou às vezes de experiência, com o qual outros não estão familiarizados. O professor de faculdade tem altitude dados.
Altitude de Presença Pessoal	O indivíduo que conduz ou deixa uma impressão nos outros meramente pela sua presença, pelo exemplo e facto da sua existência, tem altitude de

		presença pessoal. Gandhi tinha isto num grau muito elevado.
Ambiente		Todas as condições que cercam o organismo desde o primeiro momento de existência da presente vida até à morte, incluindo físicas, emocionais, espirituais, sociais, educacionais e nutricionais.
ARC		Afinidade-realidade-comunicação, a manifestação triangular de teta, cada aspeto afetando os outros dois.
Área básica		A banda do tempo a partir da primeira gravação na banda do esperma ou óvulo, à primeira falta do período menstrual da mãe.
Atitude Computacional		Significa que o indivíduo tem uma capacidade marcante de pensar, para computar dados. Albert Einstein tinha altitude computacional.
Avaliação de Dados		Um dado é tão compreendido quanto pode ser relacionado com outro dados.
Banda do Tempo		Uma representação do facto que uma pessoa existe durante um certo período de tempo MEST. A banda do tempo da vida presente começa no primeiro momento de gravação e acaba em tempo presente ou na morte, e inclui todos os sucessivos momentos de “agora” e os percéticos desses momentos.
Baralhador		Baralha incidentes e frases. (Eu estou confuso, mistura-o, está tudo misturado e eu estou no meio).
Básico-básico		O primeiro momento de dor, anatem, ou desconforto da vida presente do indivíduo.
Carga		A acumulação de enteta em elos e secundários que carrega os engramas e lhes dá a força aberrativa.
Ciclo de vida		A conquista periódica, retirada e reconquista de MEST por teta. É postulado que um dado segmento ou entidade de teta sofre nascimento, crescimento, morte, nascimento, crescimento, morte, etc., cada vez aprendendo mais sobre a transformação de MEST em organismos viáveis, os quais podem sobreviver melhor.
Cinético		A recordação de movimento.
Comando Somático		Um somático trazido de uma parte diferente da Banda do Tempo por alguma frase de comando, como “dói-me o braço”. O preclaro pode ter este somático ao correr um engrama pré-natal, embora no incidente só tivesse sido concebido há três dias. Os comandos somáticos ocorrem quando o preclaro está fora de valência.
Comunicação		Comunicação com o passado registado (por meio de recordação e memória), com o presente (por meio de percepção) e com o futuro (por meio de imaginação e/ou outros mecanismos), comunicação entre pessoas

	<p>escrevendo, falando, tocando, vendo, etc. Comunicação, também como nos grupos e sua tecnologia (Grupo de Dianética). Existem emoções na escala de comunicação, mas não é comum terem nome na nossa sociedade.</p>
Corpo MEST	O corpo físico. O organismo em todos os seus aspectos MEST.
Corpo Teta	A entidade teta postulada. A alma. A evidência sugere que o corpo teta pode, através de muitas vidas baixas de tom, tornar-se um corpo enteta, mas tal corpo enteta poderia ser clarificado por processamento de Dianética.
Cultura	O padrão (se existe) de vida da sociedade. Todos os fatores da sociedade, sociais, educacionais, económicos, etc., quer sejam criativos ou destrutivos. Poderia dizer-se que a cultura é o corpo teta da sociedade.
Desorientador	Manda preclaro na direção errada. (Não dessa maneira, da outra maneira, está errado, não sei se eu estou a vir ou a ir, tu não distingues acima de abaixo).
Dinâmica	As dinâmicas são o impulso para sobreviver expresso por oito divisões. (1) a própria pessoa, (2) o sexo e a geração futura, (3) o grupo, (4) o género humano, (5) a vida, (6) MEST, (7) teta, (8) o Ser supremo.
Dor	A reação de alarme ao teta que foi muito severamente atirado contra MEST. A penalidade duma atividade de não-sobrevivência.
Educação	Todos os dados apercebidos armazenados nos bancos padrão de memória. Isto poderia também alargar-se para incluir todos os dados armazenados nos bancos, incluindo conclusões e imaginações.
Elo	Um incidente analítico com maior ou menor turbulência de teta, cujos percéticos se assemelham aos de um engrama ou cadeia de engramas, e por isso preso devido à dor física registada no engrama, ficando como um enquistamento de enteta.
Elos de ARC	“Enquistamentos” permanentes de enteta resultante da turbulência de teta por imposições ou inibições de afinidade, realidade ou comunicação, e a captura deste teta perturbado pela dor física de algum engrama ou cadeia de engramas cujos percéticos são similares à turbulência de tempo presente. Elos são experiências analíticas. Se não houvesse dor física para capturar teta perturbado, ele se de-perturbaria, com maior ou menor manifestação de emoção.
Elos de Dramatização Quebrada	Elos cujo fator principal é o indivíduo ter sido impedido de completar a dramatização de um engrama restimulado. Estes são mais abundantes no nível 1.5.

Elos de Linguagem	Elos cujo conteúdo aberrativo principal é em termos de linguagem. Estes podem ser considerados restimuladores simbólicos de elos de MEST que são mais fundamentais.
Elos de MEST	Elos que ocorrem pela inibição ou imposição da experiência do indivíduo, ou do controlo da matéria ou energia ou espaço ou tempo. É postulado que a redução dos elos de MEST, nos quais o indivíduo foi obrigado a subir ou não foi permitido descer, tornará inativa qualquer frase ressaltadora no caso e assim por diante com todos os tipos de frases de ação.
Elos de Restimulação	Elos em que o principal fator notável, é a semelhança dos percéticos do engrama em tempo presente, mais do que qualquer particular quebra de ARC. Estes requerem um baixo nível de alerta analítico, como na fadiga, para terem lugar.
Emoção	Esta palavra é redefinida em Dianética e é dado um oposto para comparação, “mal-emoção”. Previamente a palavra emoção nunca foi satisfatoriamente definida. Agora é definida como uma manifestação do organismo da sua posição na escala de tom, que é racionalmente apropriada ao ambiente de tempo presente e que verdadeiramente representa a posição de tempo presente na escala de tom. Efeito racional.
Mal-emoção	Uma manifestação do organismo que pretende ser emoção (como acima definida), mas que é irracional, imprópria para o ambiente de tempo presente ou não representativa da verdadeira posição de tempo presente na escala de tom. Efeito irracional. Mal-emoção também é enteta na mente reativa, emoção que foi suprimida, e que fica no caso em elos e secundários.
Engrama	Um enquistamento contendo enteta e enMEST. Uma gravação (possivelmente celular) de um período de dor e inconsciência (ou anatem). Não está disponível para a mente analítica como experiência. A fonte exclusiva de aberrações e “doenças psicossomáticas”.
Engrama Básico	O primeiro engrama numa dada cadeia de engramas.
Engrama Secundário	Um elo de tal magnitude que tem que ser corrido como um de engrama em processamento. Um elo de grande magnitude de enteta.
EnMEST	MEST que foi perturbado por enteta ou muito atirado contra teta e tornado menos utilizável.
Enteta	Teta perturbado com MEST (enMEST) numa combinação desarmoniosa.
Escalas Gradientes	O utensílio da lógica de infinitos valores. É um princípio da Dianética segundo o qual absolutos são

inacessíveis. Condições como bom e mau, vivo e morto, certo e errado só são usados em conjunto com escalas gradientes. Na escala de certo e errado, tudo acima zero ou centro, seria cada vez mais certo e aproximar-se-ia de uma retidão infinita, e tudo abaixo de zero ou centro, estaria cada vez mais errado e aproximar-se-ia do erro infinito. A escala gradiente é uma forma de pensamento sobre o universo, que se aproxima mais das verdadeiras condições do universo do que qualquer outro método lógico existente.

Eu”

A consciência do centro de consciência. Os organismos estão conscientes do seu ambiente. Os organismos mais elevados também estão bem conscientes desta consciência. Pode dizer-se que o “eu” do ser humano é o centro ou monitor desta consciência de consciência.

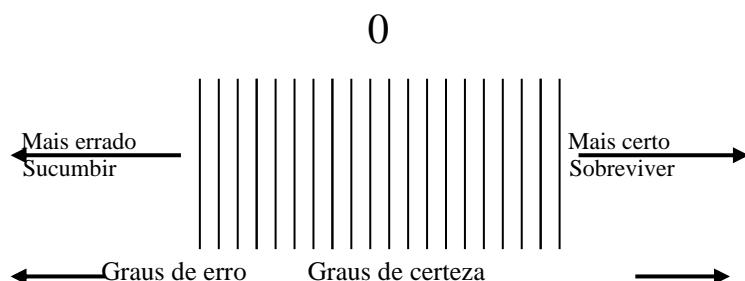
Evolução

Existem evidentemente quatro bandas evolutivas. A evolução do organismo, por seleção natural, por acidente e (a evidência sugere) por planeamento absoluto. A evolução de MEST provocada pela ação de organismos vivos. A evolução de Teta, um processo postulado de aprendizagem de teta como um todo ou como entidades. E a evolução da escada de apoio de tempo presente, na qual organismos menos complicados apoiam organismos mais complicados.

EVOLUÇÃO DA LÓGICA

<i>Lógica de Um valor</i> Vontade de Deus Nem certo nem errado	<i>Lógica de Dois Valores</i> Certo/Errado Valores Absolutos de Certo e errado. Aristotélica	<i>Lógica de Três valores</i> Certo/Errado/Talvez Certo e Errado Absolutos, mais Talvez. Lógica de Engenharia
--	--	---

ESCALA GRADATIVA DO VALOR RELATIVO DOS DADOS



LÓGICA DE INFINITOS VALORES. CERTO E ERRADO ABSOLUTOS INATINGÍVEIS

Felicidade	A superação de obstáculos não irreconhecíveis, para uma meta conhecida.
Frases de Ação	Palavras ou frases em engramas ou elos (ou em 0.1, em tempo presente) que fazem o indivíduo executar ações involuntárias na banda do tempo. As frases de ação são eficazes nos níveis baixos de tom e não nos níveis altos. À medida que um caso progride na escala, elas perdem poder. Os tipos de frases de ação correspondem a ressaltadores, ressaltadores descendentes, agrupadores, negadores, seguradores, desorientadores, emaranhadores e mudadores de valência.
Futuro	Na banda do tempo, aquela área depois de tempo presente. A percepção do futuro é postulada como uma possibilidade. A criação de futuras realidades através da imaginação é uma função reconhecida.
Hábito	Um mecanismo de estímulo-resposta semelhante ao padrão de treino, mas montado pela mente reativa a partir

	do conteúdo de engramas. Não pode ser mudado à vontade pela mente analítica.
Humidade	Um percético normalmente associado ao período pré-natal.
Imortalidade	A sobrevivência infinita, a meta absoluta da sobrevivência. O indivíduo procura isto na primeira Dinâmica como organismo e como entidade teta, e na perpetuação do seu nome pelo seu grupo. Na segunda Dinâmica ele procura-o nas das crianças e assim por diante através das oito Dinâmicas. A vida sobrevive pela persistência de teta. Uma espécie sobrevive pela persistência da vida. Uma cultura sobrevive pela persistência da espécie que a usa. Há provas de que o teta de um indivíduo pode sobreviver como entidade pessoal de vida para vida, através de muitas vidas na Terra.
Inteligência	A capacidade de perceber, colocar e solucionar problemas. A inteligência e o impulso para sobreviver (a dinâmica) são ambos necessários a uma existência continuada. A quantidade de cada um deles varia de indivíduo para indivíduo, e de grupo para grupo. As dinâmicas são inibidas por engramas que bloqueiam o seu fluxo de teta, ou força vital, e o dispersam. A inteligência também é inibida por engramas, que introduzem dados falsos ou impropriamente classificados na mente analítica.
Introdução de um Arbitrário	Um arbitrário pode ser considerado como um fator introduzido na solução de um problema, quando esse fator não derive de uma lei natural conhecida, mas apenas de uma opinião ou mando autoritário. Um problema solucionado por dados derivados de leis naturais conhecidas resolve-se bem e suavemente e tem uma solução útil. Quando um problema é resolvido pela introdução de arbitrários (fatores baseados em opinião ou mando, mas não na lei natural), então essa solução, quando utilizada, exigirá vulgarmente mais arbitrários para tornar a solução aplicável. Quanto mais duramente tentamos aplicar a qualquer situação a solução corrompida por arbitrários, mais arbitrários têm que ser introduzidos. Por isso no governo, as leis que contêm arbitrários criam novos problemas que não podem ser resolvidos sem novos arbitrários, e assim surge rapidamente uma estrutura superior de governo pesada e inexequível, que só seria exequível se completamente concebida à luz de leis naturais conhecidas sobre governos.
Magnitude Comparável	Um dado só pode ser avaliado por comparação com outro dado de magnitude comparável. Isto significa que unidade básica deve por isso ser dois.

Mente Reativa	Aquela porção da mente que arquiva e retém dor física e mal-emoção, e procura dirigir o organismo somente numa base de estímulo-resposta. Só pensa em identidades.
Mente Somática	Aquela porção da mente que, sob a direção da mente reativa ou analítica, põe soluções fisicamente em efeito.
Mente Analítica	Aquela porção da mente que percebe e retém dados experimentais para compor e solucionar problemas, e dirigir o organismo nas oito dinâmicas. Ela pensa em diferenças e semelhanças.
MEST (ϕ)	Matéria, Energia, Espaço e Tempo. O universo físico.
Morte	A retirada de teta de um organismo, deixando só MEST a fim de conquistar novo MEST, e formar outro organismo o qual pode sobreviver melhor.
Mudador de Valência	(Tu és como o teu pai, não sejas como o Tio Rudolfo, tu és como toda a gente, tu és exatamente como o Rui, tu não és ninguém, tu não és humano, tu não és deste mundo, tu nunca conseguirás ser tu próprio, eu apenas terei que fingir que sou outra pessoa ou, Eu nunca mais serei feliz).
Negador	Nega a existência da frase ou incidente. (Não, não faças, eu não faço isso, eu não sei dizer, não deves, não está aqui, nunca, impossível, desconhecido, inconcebível, tu não sabes tudo).
Nutrição	O apoio ao organismo através de meios orgânicos e inorgânicos (comida, água, ar, luz solar) durante toda a vida presente, da conceção ou perto até a morte. A nutrição de uma linha genética passaria, é claro, de pais para filhos na forma de herança orgânica e ambiente de gestação.
Oclusão	Uma área ou incidente escondido na banda do tempo. A existência de uma cortina entre o “eu” e algum dado no banco padrão memória. As oclusões são provocadas por enteta.
Olfato	A recordação de percéticos de cheiro.
Padrão de Treino	Um mecanismo de estímulo-resposta montado pela mente analítica para levar a cabo atividades, ou de rotina ou de emergência. Pode dizer-se que o padrão de treino está agarrado à mente somática, mas pode ser mudado à vontade pela mente analítica.
Passado	Na banda do tempo, tudo que é anterior ao tempo presente.
Pensamento Humano	Um processo de perceber e armazenar dados, computar conclusões, colocar e solucionar problemas. O seu propósito é a sobrevivência em todas as dinâmicas.
Percepções Orgânicas	As percepções dos estados de vários órgãos, pressões bem-estar, aflições, etc.

Percéticos	Dados especiais da memória padrão ou bancos reativos que representam e reproduzem as mensagens dos sentidos de um momento do passado. Também as mensagens dos sentidos de tempo presente, (antigamente, a palavra “Percéticos” foi usada no sentido de mensagens de tempo presente, mas o seu uso abandonou esta distinção).
Percéticos MEST	Dados comuns dos sentidos; percepções, novas e gravadas de matéria, energia, espaço e tempo, e combinações destas. Existem vinte e seis canais postulados de percepção de MEST.
Percéticos Teta	Comunicação com o universo teta. Tais Percéticos podem incluir pressentimentos, previsões, percepções extrassensoriais a maiores ou menores distâncias, comunicação com os “mortos”, percepção do Ser Supremo, etc.
Personalidade Aberrada	A personalidade resultante da sobreposição à personalidade genética, de características e tendências pessoais, ocasionada por todos os fatores ambientais, pró-sobrevivência e aberrativos.
Personalidade Genética	Características e tendências pessoais derivadas de três fontes de herança (MEST, linha orgânica, teta). Isto poderia dizer-se ser a personalidade básica, ou o coração da personalidade básica.
Personalidade Um	complexo de (MEST, orgânico, teta) herdado, e fatores ambientais (aberração, educação, ambiente de tempo presente, nutrição, etc.).
Posição das Articulações	A recordação das atitudes do corpo.
Posicional	Deriva de uma posição arbitrariamente atribuída. Oficiais militares e burocratas dependem frequentemente muito duma altitude posicional.
Prazer	O prazer é a recompensa da atividade de sobrevivência em qualquer da Dinâmica. O sucesso traz prazer e sobrevivência.
Propósito Básico	Mesmo na idade de dois ou três anos um indivíduo parece saber o seu propósito básico na vida. Depois isto é corrompido pelas aberrações sociais do indivíduo, mas é recuperado em processamento de Dianética. Possivelmente as vidas passadas têm algo a ver com a formação do propósito básico.
Quatro Falso	O riso e alegria que o preclaro exibe quando esgotou completamente a carga de um incidente. Não há realmente nada “falso” no quatro falso, a não ser que é frequentemente de muito curta duração.
Realidade	Realidade do passado (a receção do “eu” do passado concorda com os dados registados, e o “eu” está de acordo). Realidade do presente (a receção do “eu” do

presente concorda com os dados do ambiente lançados no organismo, e o “eu” está de acordo). Realidade do futuro (o conceito de “eu” do futuro concorda com os dados do passado e do presente, e o “eu” está de acordo). Realidade entre duas pessoas (elas concordam com algo). Realidade num grupo (a maioria está de acordo). Realidade física, “verdadeira”, o único tipo considerado por muitas pessoas é meramente o acordo entre as condições de MEST ou da vida e as percepções de algumas pessoas dessas mesmas condições. Se estes não concordam, nós dizemos que não conhecem a realidade (a nossa, quer dizer, porque nós só temos as nossas próprias percepções com que julgar as condições de MEST). Existem emoções na escala de realidade. Uma delas é vergonha.

Ressaltador Descendente	Envia o preclaro para trás na banda. (Senta-te, baixa-te, fica por baixo, chegaste cedo, ele está em baixo, desliza Zé, desliza!).
Ressaltador	Envia o preclaro para cima na banda, para o tempo presente. (Levanta-te, sai, não me toques, deixa-me em paz, tenho que ir à frente).
Secundários de ARC	Elos de magnitude tal, que devem ser corridos como engramas em processamento. Ou, uma vez que são frequentemente corridos como engramas, Elos de ARC de grande magnitude.
Segurador	Segura o preclaro num ponto da banda. (Fica aqui, não me deixes, agarre-te a isto, não o largues, mantém-te calado, toma, isto far-te-á sentir melhor).
Sobreviver	O princípio dinâmica da existência é <i>Sobreviver</i> . No lado oposto do espectro da existência está <i>Sucumbir</i> .
Sónico	A recordação de algo ouvido, de forma a ser ouvido outra vez na mente com tom e força completos.
Sucumbir	Sucumbir é a penalidade última da atividade de não-sobrevivência. Isso é dor. Os Fracassos trazem dor e morte.
Tato	A recordação de Percéticos tácteis.
Técnica de MEST	Fio direto, fio direto repetitivo (sondagem lenta de elos dirigida pelo auditor), e sondagem de elos em elos de MEST. Elos de linguagem são encontrados através de fio direto como pista para os elos de MEST subjacentes. Técnica de MEST e técnica de validação podem e devem ser combinadas.
Técnica de Validação	Processamento em que o auditor, pelo menos numa sessão, se concentra exclusivamente no lado teta de cadeias de elos, não permitindo ao preclaro correr nada a não ser momentos analíticos em qualquer assunto dado. Quando o preclaro encontra muito enteta numa dada cadeia, o auditor leva-o para momentos analíticos noutro

<p>assunto (momentos esses que constituem, é claro, uma cadeia paralela aos elos daquele assunto) obtido do arquivista. Durante este tipo de processamento os somáticos ligarão e desligarão, às vezes severamente, mas o auditor ignora-os e continua a levar o preclaro de volta para momentos analíticos (não necessariamente de prazer). A técnica de validação não deve ser misturada com a técnica de enteta.</p>	
Tempo Presente	O ponto na banda do tempo de qualquer pessoa onde o seu corpo físico (se vivo) se pode encontrar. “Agora”. A interceção da banda do tempo MEST com a (postulada) banda do tempo teta.
Térmico	A recordação de temperatura.
Teta (θ)	Pensamento, potencialmente independente de um suporte ou meio material. Força de vida. <i>Élan Vital</i> .
Universo Teta	Matéria de pensamento (ideias), energia de pensamento, espaço de pensamento e tempo de pensamento, combinados num universo independente análogo ao universo material. Um dos propósitos de teta é postulado como a conquista, mudança e ordenação de MEST.
Valor	Se o VP de um indivíduo é alto e alinhado com as dinâmicas para a sobrevivência, pode dizer-se que o seu valor é muito alto. Uma pessoa com um VP alto pode, contudo, ser aberrada, de forma que o seu VP é invertido na direção de sucumbir e o seu valor é baixo. Isto pode ser computado para qualquer das oito Dinâmicas ou para todas elas.
Valor de um Dado	Um dado é tão importante ou valioso quanto se relaciona com a sobrevivência.
Vida (λ)	A conquista harmoniosa de MEST por teta, em que é formado um organismo auto-perpetuado. A morte é a retirada de teta do organismo.
Vídeo	A recordação de algo visto, de forma a ser visto outra vez na mente com cor, escala, dimensão, brilho e detalhe completos.
VP=ID _x	<p>Esta fórmula expressa o Valor Potencial de um indivíduo. I representa Inteligência, e D representa Dinâmica.</p> <p>(Outras definições necessárias podem ser encontrados referindo-se ao índice).</p>